UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

THIAGO PELEGRINI

A REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E A REVISTA STADIUM:
Materialidades, Estratégias Editoriais e Representações (1979-1986)

Uberlândia, MG

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

THIAGO PELEGRINI

A REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E A REVISTA STADIUM:
Materialidades, Estratégias Editoriais e Representações (1979-1986)

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do Título de Doutor em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto

Uberlândia, MG

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P381r
2014

Pelegrini, Thiago, 1982-
A revista brasileira de ciências do esporte e a revista stadium : materialidades, estratégias editoriais e representações (1979-1986) / Thiago Pelegrini. - 2014.
384 f. : il.

Orientador: Armindo Quillici Neto.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Educação física - história - Teses. 3. Periódicos científicos - História - Teses. 4. Impressão - História - Teses. I. Quillici Neto, Armindo. II. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

THIAGO PELEGRINI

A REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E A REVISTA STADIUM:
Materialidades, Estratégias Editoriais e Representações (1979-1986)

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do Título de Doutor em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Banca Examinadora

Em 02 de junho de 2014

Prof. Dr. Armindo Quillici Neto – Orientador

Profª. Drª. Betania de Oliveira Laterza Ribeiro – UFU

Prof. Dr. Sauloéber Tarsio de Souza – UFU

Prof. Dr. Carlos da Fonseca Brandão – UNESP (Marília)

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – UFMG

A minha família
A minha esposa
Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Aos professores Betania de Oliveira Laterza Ribeiro, Sauloéber Tarsio de Souza, Carlos da Fonseca Brandão e Tarcísio Mauro Vago, membros das bancas avaliadoras desta tese, pela leitura apurada e pelas colaborações enriquecedoras.

Ao meu orientador Armindo Quillici Neto pela confiança e autonomia a mim conferida, suporte essencial a materialização dessa pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia pela contribuição a minha formação intelectual.

Ao meu pai, pelo carinho, pelo apoio e pelas palavras de incentivo nos momentos difíceis.

A minha mãe, pelo exemplo como pesquisadora dedicada a investigação da história.

A minha esposa, pelo encorajamento, paciência, companheirismo e compreensão que me ajudaram a continuar obstinado mesmo diante das dificuldades e dos momentos de intenso cansaço. Além disso, a disposição em ler atentamente todo o texto, sugerir importantes modificações e me ajudar em todos os procedimentos técnicos que compuseram esse trabalho.

Vocês foram fundamentais a conclusão dessa tese!
A todos minha sincera gratidão!

Os leitores são viajantes, circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram.

Michel de Certeau

PELEGRINI, Thiago. **A Revista Brasileira de Ciências do Esporte e a Revista Stadium**: Materialidades, Estratégias Editoriais e Representações (1979-1986). Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto. Uberlândia, 2014.

RESUMO

A imprensa periódica especializada tem se firmado como importante objeto e fonte de pesquisa para a renovação das investigações em História da Educação e História da Educação Física. Notadamente, as revistas científicas se ofereceram como elementos norteadores para os fazeres cotidianos de integrantes de um campo de pesquisas, pois apresentam e discutem, teorias, práticas, polêmicas, modelos de formação e conhecimento. Representam "vozes autorizadas" capazes de conceber e validar saberes sobre a disciplina de Educação Física. Ante essas considerações, o objetivo central dessa pesquisa é identificar e analisar a gênese, a materialidade e o processo de constituição de construções discursivas e de representações que foram veiculadas pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte e pela Revista Stadium, revistas especializadas na área de Educação Física, entre os anos de 1979 e 1986. Mais especificamente buscou-se avaliar as narrativas evocadas sobre o esporte, o ensino da disciplina de Educação Física, sua cientificidade, sua posição acadêmica e sua responsabilidade formativa. Inquietou-se, especialmente, com os textos que exibiram uma tomada de posição e engajaram-se em questionar princípios, valores e identidades cristalizados. Frisa-se que esses impressos imiscuíram-se na área de Educação Física em territorialidades distintas, respectivamente no Brasil e na Argentina. Para a investigação das duas revistas conjugou-se aportes e teorizações da História Cultural, da História Comparada e da História do Impresso. Ademais, recorreu-se ao conceito de representação de Roger Chartier (1990, 1999a, 1999b, 2001) e a noção de estratégia descrita por Michel de Certeau (1982, 1998). Os itinerários percorridos pelas duas revistas apresentaram aproximações e distanciamentos. A RBCE em seus anos iniciais acionou estratégias, elegeu uma composição gráfica e veiculou representações conservadoras direcionadas a consubstanciar a imagem de um periódico austero com intenções científicas. Seu intuito foi contribuir por meio da aplicação de testes e do levantamento de dados para o alcance de melhores resultados esportivos e para o desenvolvimento da aptidão física da população. Nos últimos números modificações significativas foram encontradas. Os editoriais e o formato da publicação foram alterados motivados pela politização das representações postas a circular e pelo enfrentamento das posturas conservadoras anteriores. Em contrapartida a Stadium destacou-se pela constância de seu projeto gráfico, de seus aspectos materiais e dos dispositivos editoriais utilizados. As representações propagadas também não sofreram alterações expressivas. A Stadium se manteve como um periódico aberto ao debate, inclinado a publicar diferentes propostas sobre o ensino dos esportes e sobre a Educação Física escolar. Cotejando-se afinidades e discordâncias entre os impressos, baliza-se que ambos partilharam o desejo de tornarem-se suportes de discursos capazes de guiar um público preocupado com a formação e atuação no campo da Educação Física e dos esportes. De modo análogo expuseram múltiplas vozes focadas em legitimar acepções científicas, morais e estéticas muitas vezes destoantes.

Palavras-chave: História do Impresso; História da Educação Física; Revistas Especializadas.

PELEGRINI, Thiago. **The Revista Brasileira de Ciências do Esporte and the Revista Stadium**: Materialities, Editorial Strategies and Representations (1979-1986). Thesis (Doctoral degree in Education) – Universidade Federal de Uberlândia. Advisor: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto. Uberlândia, 2014.

ABSTRACT

The specialized periodical press has established itself as an important object and resource for the renewal of the investigations in the History of Education and History of Physical Education. Notably, scientific journals offered as guiding elements for the quotidian of members of a field of research, as presented and discussed theories, practices, controversies, models of training and knowledge. Represent "authoritative voices" able to design and validate knowledge about the discipline of Physical Education. Given these considerations, the main objective of this research is to identify and analyze the genesis, materiality and the formation of discursive constructions and representations that were broadcast by the Revista Brasileira de Ciências do Esporte and the Revista Stadium, journals in the area of Physical Education between the years 1979 and 1986. More specifically it sought to assess the evoked narratives about the sport, the teaching of Physical Education, its scientific, his academic position and its educational responsibility. Fidgeted, especially with texts that exhibited a position and engaged in questioning principles, values and identities crystallized. It is emphasized that these printed interfered in the area of Physical Education in distinct territorialities respectively in Brazil and Argentina. For the investigation of the two magazines are conjugated contributions and theories of Cultural History, Comparative History and the History of the Printed. Furthermore, adopted the concept of representation of Roger Chartier (1990, 1999a, 1999b, 2001) and the notion of strategy described by Michel de Certeau (1982, 1998). The routes traversed by the two magazines had similarities and differences. The RBCE in its early years triggered strategies, elected a typesetting and ran conservative representations aimed at fleshing out the stark image of a journal with scientific intentions. Its aim was to contribute by means of testing and data collection to achieve better sporting results and the development of physical fitness of the population. In recent numbers significant changes were found. The editorial and format of the publication have changed motivated by the politicization of the representations and circulated by the confrontation of the previous conservative approaches. However the Stadium was highlighted by the constancy of your graphic design, material aspects and editorials devices used. The representations propagated did not suffer significant changes. The Stadium remained open to debate as a journal, inclined to publish various approaches to teaching sports and Physical Education. Comparing its affinities and discrepancies between printed if beacon that both shared the desire to become media discourses capable of guiding a concerned with the education and action in the field of physical education and sports public. Similarly exposed multiple focused on legitimizing often divergent scientific, moral and aesthetic meanings voices.

Key-words: Printed History, History of Physical Education; Specialized Magazines.

PELEGRINI, Thiago. **La Revista Brasileira de Ciências do Esporte y la Revista Stadium**: Materialidades, Estrategias Editoriales y Representaciones (1979-1986). Tesis (Doctorado en Educación) — Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto. Uberlândia, 2014.

RESUMEN

La prensa periódica especializada se ha consolidado como un objeto importante y recurso para la renovación de las investigaciones en la Historia de la Educación e Historia de la Educación Física. Notablemente, las revistas científicas que se ofrecen como elementos rectores de la cotidianidad de los miembros de un campo de investigación, tal como se presenta y discute, teorías, prácticas , controversias, modelos de formación y conocimiento. Representar a las "voces autorizadas" capaces de diseñar y validar los conocimientos sobre la disciplina de Educación Física. Teniendo en cuenta estas consideraciones, el objetivo principal de esta investigación es identificar y analizar la génesis, la materialidad y la formación de construcciones discursivas y representaciones que fueron difundidos por la Revista Brasileira de Ciências do Esporte y la Revista Stadium, revistas de la área de Educación Física, entre los años 1979 y 1986 . Más específicamente tratamos de evaluar los relatos evocados sobre el deporte, la enseñanza de la Educación Física, su posición acadêmica y su responsabilidad educativa. Inquieto, sobre todo con los textos que mostraban una posición y dedican a cuestionar los principios, los valores y las identidades cristalizadas. Se enfatiza que estos interferían en el área de Educación Física en distintas territorialidades, respectivamente, en Brasil y Argentina. Para la investigación de las dos revistas es contribuciones y las teorías de la Historia Cultural, Historia Comparada y la Historia de la Prensa conjugados. Además, adoptamos el concepto de representación de Roger Chartier (1990, 1999a, 1999b , 2001) y la noción de estrategia descrita por Michel de Certeau (1982, 1998). Las rutas recorridas por los dos cargadores tenían similitudes y diferencias. La RBCE en sus primeros años desencadenó estrategias, elegido composición y corrió representaciones conservadoras destinadas a dar contenido a la imagen de una revista con intenciones científicas. Su objetivo era contribuir por medio de pruebas y recolección de información para lograr mejores resultados deportivos y el desarrollo de la condición física de la población. En el últimos números se encontraron cambios significativos. La editorial y el formato de la publicación han cambiado motivado por la politización de las representaciones y distribuido por la confrontación de los enfoques conservadores anteriores. Sin embargo, la Stadium fue destacada por la constancia de su diseño gráfico, los aspectos materiales y dispositivos editoriales utilizados. Las representaciones reproducidas no sufrieron cambios significativos. La Stadium permaneció abierta al debate, inclinada a publicar diversos enfoques de la enseñanza y el deporte en la Educación Física. Compararte afinidades y discrepancias entre impresa si el faro que ambos compartían el deseo de convertirse en discursos mediáticos, capaces de guiar el público interessado en la formación y la intervención en el campo de la Educación Física y en los deportes. Del mismo modo, fue expuesta múltiple voces centradas en legitimar conceptos científicos, morales y estéticos.

Palabras-clave: Historia del Impreso, Historia de la Educación Física; Revistas Especializadas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACSM	American College of Sports Medicine
CBCE	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
CELAFISC	Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul
CFE	Conselho Federal de Educação
CGE	Grupo de Consultoria Externa
CIESP	Conselho Internacional de Educação Física e Desportos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONBRACE	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
DED	Departamento de Educação Física e Desportos
EAPES	Equipe de Assessoria ao Planejamento do Ensino Superior
FBMD	Federação Brasileira de Medicina Desportiva
FIEP	Federação Internacional de Educação Física
FMI	Fundo Monetário Internacional
GCE	Grupo de Consultoria Externa
ISSN	International Standard Serial Number Center
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RBCE	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
UFRGS	Universidade Federal de Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Temário com Temas livres publicados na RBCE (1979)	90
Quadro 2	Temário com temas livres publicados no Suplemento n. 1 (1981c)	92
Quadro 3	Temário com temas livres publicados na RBCE (1983c)	93
Quadro 4	Temário com temas livres publicados na RBCE (1984b)	94
Quadro 5	Temário com temas livres publicados na RBCE (1985d)	96
Quadro 6	Temário da Seção Artigo Original – RBCE (1979-1985)	100
Quadro 7	Temário da Seção Estudos - RBCE (1986)	102
Quadro 8	Temário dos artigos de revisão publicados na RBCE (1979-1986)	110
Quadro 9	Temário dos Trabalhos do VIII Simpósio de Ciências do Esporte indicados na seção Veja como foi... (RBCE)	115
Quadro 10	Temário dos Trabalhos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Norte/Nordeste)	116
Quadro 11	Temário dos Trabalhos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Sul)	117
Quadro 12	Temário artigos publicados na Revista Stadium (1979-1986)	122
Quadro 13	Temário artigos categorizados como “Esportes” publicados na Revista Stadium (1979-1986)	123
Quadro 14	Temário Sección Bibliográfica (1979-1986)	127
Quadro 15	Temário prescrições de leitura encontradas em anúncio da Editora Stadium (1985a)	179

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Gestão Editorial da RBCE (1979-1986)	73
Tabela 2	Formação inicial, especialização e experiência com docência em nível superior dos membros da gestão editorial da RBCE (1979-1986)	75
Tabela 3	Gestão editorial da Revista Stadium (1979-1986)	77
Tabela 4	Formação inicial, especialização e experiência com docência em nível superior dos membros da gestão editorial da Revista Stadium (1979-1986)	78
Tabela 5	Estudos publicados na RBCE (1986)	101
Tabela 6	Artigos de revisão publicados na RBCE (1979 -1986)	110
Tabela 7	Evento e país de origem mencionados na seção “Congressos” por número e volume da RBCE (1979-1986)	112
Tabela 8	Tabela 8 - Trabalhos do VIII Simpósio de Ciências do Esporte indicados na seção Veja como foi... (RBCE)	113
Tabela 9	Autores, número de trabalhos, filiação e origem, VIII Simpósio de Ciências do Esporte	114
Tabela 10	Trabalhos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Norte/Nordeste)	115
Tabela 11	Autores, número de trabalhos, filiação e origem – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Norte/Nordeste)	115
Tabela 12	Trabalhos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Sul)	116
Tabela 13	Autores, número de trabalhos, filiação e origem – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Sul)	117
Tabela 14	País de origem, quantidade de artigos publicados e percentual de autores da Revista Stadium (1979-1986)	122
Tabela 15	Evento e país de origem mencionados na seção Información de Congresos por número e ano da Stadium (1979-1986)	126
Tabela 16	Quantidade de páginas por número e volume da RBCE (1979-1986)	139
Tabela 17	Prescrições de leitura encontradas em anúncio da Editora Stadium (1985a)	178

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Ritmo de produção da RBCE (1979-1986)	140
Figura 2	Ritmo de produção da Stadium (1979-1986)	141
Figura 3	Capa da RBCE (1979)	152
Figura 4	Capa do Suplemento n. 1 (1981c)	154
Figura 5	Capa da RBCE (1983c)	155
Figura 6	Capa da RBCE (1985d)	156
Figura 7	Capa da RBCE (1986a)	157
Figura 8	Capa da RBCE (1986b)	157
Figura 9	Capa da Stadium (1979a)	160
Figura 10	Capa da Stadium (1980a)	161
Figura 11	Capa da Stadium (1981a)	162
Figura 12	Capa da Stadium (1983b)	163
Figura 13	Capa da Stadium (1984)	164
Figura 14	Capa da Stadium (1985a)	164
Figura 15	Capa da Stadium (1986a)	165
Figura 16	Adidas Tennis Line (RBCE, 1981c)	170
Figura 17	Adidas Mundo dos Esportes (RBCE, 1981c)	170
Figura 18	Contracapa (RBCE, 1983c)	173
Figura 19	Congresso Regional de Ciências do Esporte (RBCE, 1982a)	173
Figura 20	Apresente mais um sócio ao CBCE (RBCE, 1984b)	174
Figura 21	LEO (STADIUM, 1979a)	175
Figura 22	Roma Deportes (STADIUM, 1979d)	176
Figura 23	Yatay (STADIUM, 1979f)	177
Figura 24	Anúncio de livro na Stadium n. 73 (1979a)	181
Figura 25	Anúncio Equipamiento Escolar (STADIUM, 1979a)	181
Figura 26	Anúncio Adidas (STADIUM, 1979c)	182
Figura 27	Team's Ball (STADIUM, 1979c)	182
Figura 28	Tomos Anuales (STADIUM, 1979e)	183
Figura 29	Anúncio Sancay (STADIUM, 1981a)	184
Figura 30	IPEF (STADIUM, 1982b)	184
Figura 31	Delito (STADIUM, 1985d)	185
Figura 32	Librería Stadium (1986b)	185
Figura 33	Gráfico Fontes de Energia para Exercício (RBCE, 1979)	200
Figura 34	Instrumental do Teste de Margaria (RBCE, 1980b)	200
Figura 35	Fases da marcha (RBCE, 1981a)	201
Figura 36	Cronofotografia da marcha (RBCE, 1981a)	201
Figura 37	Mapa do Brasil com sócios do CBCE assinalados (RBCE, 1981b)	201
Figura 38	Comparação de somatotipos de atletas (RBCE, 1982b)	202
Figura 39	Teste Ergoespirométrico (RBCE, 1983b)	202
Figura 40	Exercícios no Espaldar Sueco (RBCE, 1984a)	202
Figura 41	Diagrama Tático (STADIUM, 1979a)	203
Figura 42	Sprint (STADIUM, 1979b)	203
Figura 43	Técnica de Voleibol (STADIUM, 1980a)	203
Figura 44	Nota de Falecimento (STADIUM, 1981a)	204
Figura 45	Criança com bola (STADIUM, 1981b)	204
Figura 46	Radiografia da coluna vertebral (STADIUM, 1983f)	204
Figura 47	Educação Psicomotora para cegos (STADIUM, 1985d)	205
Figura 48	Vôlei para escolares (STADIUM, 1985f)	205

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

Itinerários de pesquisa: objetivos, periodização e problemas..... 16

Filiações e motivações para a escrita historiográfica: História Cultural, História da Educação e História da Educação Física..... 25

Interlocutores possíveis: objetos, olhares e diálogos intercruzados..... 32

Aportes teóricos e operações historiográficas..... 37

A História do Impresso: materialidades e estratégias editoriais..... 37

Representações e estratégias e suas relações com contextos macroestruturais..... 45

CAPÍTULO I - ESTRATÉGIAS EDITORIAIS: VESTÍGIOS, MODOS DE LER E A IDEALIZAÇÃO DO LEITOR 51

1.1. Planejamento Editorial..... 55

1.1.1. Ambiências históricas de autores e editores dos impressos..... 55

1.1.2. Locais de produção: o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e a Editora Stadium..... 59

1.1.3. Gestão e Nominata Editorial..... 69

1.1.4. Seções das revistas..... 79

1.1.4.1. Seções da Revista Brasileira de Ciências do Esporte..... 79

1.1.4.1.1. Editorial..... 79

1.1.4.1.2. Anais publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte..... 89

1.1.4.1.3. Posição Oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte..... 97

1.1.4.1.4. Artigo original..... 97

1.1.4.1.5. Seção Estudos..... 101

1.1.4.1.6. CBCE em notícias..... 102

1.1.4.1.7. Crônica Esportiva..... 106

1.1.4.1.8. Artigo de fundo..... 106

1.1.4.1.9. Mesa-Redonda de Fisiologia..... 107

1.1.4.1.10. Artigo de Revisão..... 108

1.1.4.1.11. Congressos..... 110

1.1.4.1.12. Veja como foi..... 112
1.1.4.1.13. Ponto de Vista..... 118
1.1.4.2. Seções da Revista Stadium..... 120
1.1.4.2.1. Artigos..... 120
1.1.4.2.2. Información de Congresos..... 124
1.1.4.2.3. Sección Bibliográfica..... 127
1.2. Dispositivos Editoriais..... 128
1.2.1. Sumários e Índices..... 128
1.2.2. Paginação, Fólio e Ritmo..... 136
1.2.3. Diretrizes para os autores..... 141
CAPÍTULO II - SUPORTES MATERIAIS, FORMAS E VISUALIDADES 149
2.1. Projeto Gráfico..... 151
2.1.1. As capas..... 152
2.1.2. Pós-capas, Penúltimas, Contracapas e as Peças publicitárias..... 168
2.1.3. Papel e Miolo..... 187
2.1.4. Diagramação..... 188
2.1.5. Tipografia..... 191
2.1.6. Ilustrações..... 199
2.2. Circulação..... 206
CAPÍTULO III - REPRESENTAÇÕES DISSONANTES: CIÊNCIA, ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA RBCE E NA STADIUM 211
3.1. Ciência, Cientificidade e Epistemologia..... 216
3.2. Teorias e Práticas sobre o Esporte..... 238
3.3. Atuação e Formação de Professores para a Educação Física Escolar..... 262
CONSIDERAÇÕES FINAIS 306
REFERÊNCIAS 314
APÊNDICES 338
ANEXOS 382

INTRODUÇÃO

El universo (que otros llaman la Biblioteca) se compone de un número indefinido, y tal vez infinito, de galerias hexagonales...

Jorge Luis Borges

Itinerários de pesquisa: objetivos, periodização e problemas

As revistas científicas veem se notabilizando no campo da História da Educação como fontes de informação privilegiada, tornam-se referenciais para a construção e consolidação de uma área de conhecimento, erigem-se como agentes autorizados e reconhecidos por seus pares e demais leitores. Os periódicos se ofereceram como guias para os fazeres cotidianos de pesquisadores, professores, alunos e demais interessados, aspecto que as tornam uma fonte significativa para a análise sobre a ressonância de celeumas, teorias, práticas de pesquisa e formação, rivalidades em busca de prestígio e reconhecimento.

Nessa direção, pesquisadores tem procurado sopesar sentidos e significações expressos em revistas de importância e circulação significativas que auxiliaram o processo de consolidação de práticas corporais autorizadas e trocas de postos de autoridade no campo da Educação Física. Outra inquietação comum é o desejo de inquirir as estratégias discursivas utilizadas pelos grupos responsáveis pela editoração desses periódicos tendo em vista o alcance do "status" de "vozes autorizadas" sobre os saberes e práticas da disciplina.

Arranjados nesse conjunto difuso de clamores e embates que compõe o campo da Educação Física notabilizaram-se dois impressos que se consideravam referenciais para a reformulação da disciplina, sem um vínculo institucional definido, esses periódicos erigiram-se como agentes autorizados e reconhecidos por seus pares e demais leitores interessados.

A Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e a Revista Stadium (Argentina) destacaram-se pela pluralidade de posições, de escolhas científicas, morais e estéticas veiculadas em suas páginas. Autores e editores dessas revistas vislumbraram por sua utilização um campo de possibilidades para o desenvolvimento e fundamentação da disciplina de Educação Física. Portanto, torna-se relevante tencionar suas semelhanças e diferenças e percebê-las na sua ambiência histórica, social e cultural.

Inserida nessa discussão essa pesquisa teve como intenção rastrear os elementos identitários manifestos nas páginas desses importantes impressos. O escopo dessa tese

centrou-se no exame da materialidade dos impressos citados e do processo de constituição de suas construções discursivas especializadas, das representações que foram veiculadas em suas páginas sobre o esporte, o ensino da Educação Física, sua cientificidade, sua posição acadêmica e sua responsabilidade formativa. Temas que provocaram desacordos, inconformidades e suspeições e que ainda se mantém atuais e controversos para os atores sociais que rivalizam no campo.

Nessa linha argumentativa, tornou-se fundamental examinar em conjunto o suporte material, as estratégias editoriais, as normas prescritivas, os protocolos de leitura e os discursos textuais acionados. Para tanto, serão considerados as circunstâncias e os motivos que permitiram o movimento de produção dessas representações que circularam e ainda circulam no campo, especialmente pela análise do suporte, dos editoriais e dos artigos veiculados.

A investigação das representações orientou-se pela identificação das tensões e enfrentamentos, pela interpretação das lutas simbólicas estabelecidas em torno da disputa por atribuir autenticidade a um conjunto de acepções e procedimentos sobre o processo de produzir conhecimentos e instituir modos de praticar uma educação corporal. Inquietou-se, especialmente, com os textos que exibiram uma tomada de posição e engajaram-se em questionar princípios, valores e identidades cristalizados.

A pesquisa realizada foi embasada em um diálogo com a história e a historiografia da Educação e da Educação Física com o objetivo de se apreender as contribuições da imprensa periódica especializada aos métodos, concepções, reconfigurações dessa área de conhecimento e detectar as possíveis ou prováveis representações que lhe deram sustentação.

Três encaminhamentos se sobrepuseram como mote para compor o itinerário dessa pesquisa, quais sejam a investigação das estratégias editoriais adotadas, análise e descrição da materialidade dos periódicos e o exame das representações veiculadas nos textos que os compõem. Assim, se investigou as características físicas das publicações, suas propostas de editoração, os conceitos e saberes postos em circulação, os posicionamentos assumidos pelos sujeitos produtores, os indícios de lutas concorrenciais, as representações que articularam e disputaram a condição de posição legítima e legitimadora de práticas para a disciplina de Educação Física.

Acredita-se que resguardada a inventividade das apropriações, elas ainda alimentam práticas cotidianas da Educação Física em territorialidades distintas, como o Brasil e a

Argentina. Observam-se permanências e cristalizações ancoradas em princípios e acepções preconizadas nas páginas das revistas.

Evidentemente, essas prescrições passaram a ser tensionadas e alteradas, mas conservam-se vivas nos embates referentes ao monopólio da autoridade nessa área de conhecimento. A percepção dessas implicações torna relevante a proposta de uma investigação histórica, procurando arrolar os fundamentos que lhe impuseram a busca de legitimação e identidade.

A literatura que sustenta os embates supracitados parte do pressuposto de que tanto no Brasil, quanto na Argentina teria ocorrido uma reconfiguração das representações sobre a disciplina a partir de uma trama que reposicionou os sujeitos na construção e legitimação de seus saberes[1].

Nota-se que o campo da Educação Física, na década de 1970, promoveu um processo de despedagogização do seu teorizar fundado em tentativas de cientifização e na adesão a esportivização de conteúdos. Nos dois países a disciplina restringiu-se a valorização do desempenho esportivo. Anteriormente, até a década de 1960, as primeiras tentativas de sistematização da Educação Física eram pautadas apenas em discussões pedagógicas que versavam, majoritariamente, sobre a ginástica escolar (BRACHT, 1996; AISENSTEIN, 2007).

Por essa via, concorda-se com a tese de Fernanda Simone Lopes de Paiva (2003a) que advoga que, ao contrário das interpretações correntes, a dimensão escolar da Educação Física foi a que "lhe dera sentido e identidade, criando a necessidade – arbitrária – de sua existência institucionalizada" (2003a, p. 65). De acordo com Ángela Aisenstein (2006) a disciplina na Argentina foi constituída em um processo concorrencial semelhante, no qual a escolarização destacou-se como elemento central.

Tal inferência possibilita pensar a caracterização do campo da Educação Física no Brasil, guardadas as peculiaridades locais pode-se estender esse entendimento para o campo da Educação Física na Argentina, como um espaço social de disputas responsáveis por autorizar modos de pensar e orientar a educação do corpo[2].

[1] Para mais informações consultar Paiva (1994; 2003a), Bracht e Crisório (2003), Castellani (1991), Taborda de Oliveira (2002), Pagni (1995), Vago (2002).

[2] Fernanda Lopes Paiva (2003a) localiza na década de 1930 o delineamento da especificidade do campo da educação física organizada em torno da "capacidade de arbitrar, científica e pedagogicamente, sentidos legítimos quando em jogo a educação do e pelo corpo na formação humana" (2003a, p. 70). Nessa esfera, corrobora-se a posição de Paiva (2003b) que considera o campo da Educação Física no Brasil definido e configurado pelo processo de "pedagogização e escolarização da educação física".

Dessa maneira, as disputas entre e sobre os fazeres e saberes corporais, pedagógicos e pedagogizados, não escolares e escolares aparecem como marcos diferenciadores em relação aos outros campos, conferindo-lhe, portanto, especificidade (PAIVA, 2003b). Esses embates ocuparam as páginas desses impressos revelando expectativas e ambições orquestradas em torno da conformação de uma série de encaminhamentos para a disciplina e para os sujeitos que atuam nela.

Com base nessas considerações essas revistas foram tomadas concomitantemente como fontes privilegiadas e objeto de pesquisa por seu valor como "núcleo informativo" apto a assentir a "compreensão de discursos, relações e práticas" que o ultrapassam e modelam formas de ler e interiorizar acepções capazes de configurar "modalidades de funcionamento" de um campo delimitado. Dessa maneira, concedem pistas de investigação e "traduzem com riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias" que demarcaram estratégias de impor controle e prestígio que compuseram projetos de construção de espaços acadêmicos (CATANI E BASTOS, 1997, p. 7).

Trata-se "de um corpus essencial para a história da educação" e pode-se acrescentar para a História da Educação Física, uma vez que a imprensa especializada é uma instância de interlocução entre grupos em confronto, espaço de reflexão entre "orientações emanadas do estado" e práticas de valoração cotidianas. Enfim, é inegável sua posição como "objeto de estudo autônomo" capaz de contribuir para uma renovação conceitual e metodológica dessas áreas (NÓVOA, 1997, p. 14).

Funcionalmente pode se conceituar os periódicos especializados a partir do cruzamento das assertivas de Souza (1992) e Victor Melo (1999). As revistas são compreendidas como "publicações editadas em fascículos, com encadeamento numérico e cronológico", podem ser produzidas em intervalos regulares ou irregulares, em um período de tempo indeterminado. Contam com a colaboração de um conjunto de autores e uma direção que pode ser individual, porém, comumente congrega uma entidade responsável, traz uma pluralidade de informações, geralmente "dentro dos limites de um esquema mais ou menos definido" (SOUZA, 1992, p. 19). A especificidade reside na tematização manifesta de "forma exclusiva ou privilegiada" de uma área de estudo específica (MELO, 1999, p. 63).

A classificação como "impresso" refere-se a uma "técnica de reprodução a partir da tipografia" (FRADE, 2010, p. 268). Aludi-se, nesse caso, a uma produção padronizada que visa um mercado, uma comunidade especializada, e para tanto, utiliza formatos e aspectos gráfico-editoriais uniformizados (FRADE, 2010).

A RBCE, editada a partir de 1979, sob a tutela do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)[3], atribuiu-se a "tarefa de divulgar" e "intervir" na produção de conhecimento relacionado a Educação Física e as Ciências do Esporte no Brasil. Sem priorizar interesses comerciais, a RBCE publica artigos originais em português, espanhol ou inglês, que tenham sido originados de pesquisas teóricas ou empíricas, textos de revisão e resenhas que demonstrem um reflexão acadêmica da área. Com 34 anos de publicação ininterrupta a RBCE é considerada um dos mais tradicionais e importantes periódicos científicos brasileiros na área de Educação Física e tem tido sua relevância reconhecida por importantes agências de fomento e instituições acadêmicas nacionais e internacionais.

A revista Stadium dedica-se desde 1967 à difusão de informações sobre a Educação Física, o esporte, a recreação e ciências aplicadas a esses temas (também sem uma definição exata). Publica artigos redigidos por pesquisadores, técnicos e educadores argentinos e internacionais destinados a auxiliar na formação e atualização de professores, técnicos e instrutores. A revista é impressa pelo Editorial Stadium, editora comercial fundada em 1966, com sede em Buenos Aires. Declara como sua missão contribuir para a formação de profissionais e entusiastas da Educação Física e do esporte. Além das revistas publica livros e regulamentos especializados auto-intitulando-se líder desse mercado na Argentina.

A identificação, localização e aquisição das fontes privilegiadas foram possibilitadas pela consulta a acervos públicos e privados. Os exemplares da RBCE foram encontrados, examinados e fotocopiados dos acervos da "Biblioteca da Universidade Estadual de Londrina" e da "Biblioteca da Universidade Estadual de Maringá". A visita à sede da Editora Stadium propiciou a obtenção de quase todos os números da revista que foram editados durante o recorte temporal delimitado pela pesquisa. Em complementação vistoriou-se os acervos da "Biblioteca Nacional de la República Argentina" e da "Biblioteca de la Universidad de Buenos Aires" na cidade de Buenos Aires (Argentina). Porém, não foram encontradas as edições que faltavam.

De forma semelhante, esses impressos apregoam modos de conceber e organizar um repertório de saberes para a área de Educação Física. Destinavam-se a formar uma cultura professoral, a moldar formas de atuação, a construir modelos diversos sobre a disciplina. As revistas são presumidas como produtoras de uma série de prescrições modulares que alimentavam uma comunidade de leitores que almejavam lograr respeito e cientificidade a sua

[3] O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) foi criado em 1978 na cidade de Londrina (PR). Considera-se como a principal entidade científica, não governamental, que reúne pesquisadores ligados à área de Educação Física/Ciências do Esporte.

área de atuação.

Os periódicos mencionados têm um papel significativo na produção e disseminação de conhecimento da área da Educação Física nos países em que se inserem, ocupando um lugar de destaque junto ao campo acadêmico, distinguem-se de outros meios por sua circularidade e acessibilidade, compondo com maior facilidade acervos públicos e privados no Brasil e na Argentina.

A periodização do estudo foi pautada pela necessidade de realizar um exame simultâneo dos objetos e das espacialidades, pelo "reconhecimento do outro e de si mesmo" operando complexidades, aproximações e distanciamentos (BERTUSSI; PUIGGRÓS; FRANCO, 1992). Desse modo, o recorte temporal eleito obedeceu à lógica e o desenvolvimento interno do objeto e tomou como referência a gênese do impresso brasileiro em 1979 como marco inicial. O processo de reconfiguração de materialidades e representações que expuseram as primeiras tentativas de resistência acionadas na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, identificadas na sua formatação e no conteúdo dos textos que fez circular no ano de 1986 marca o encerramento do estudo.

Decidiu-se, conforme as pontuações de Marta Maria Chagas de Carvalho e Clarice Nunes (1993, p. 44), por deslocar o formato de longos recortes para "seleções e análises exaustivas e pontuais dos objetos investigados". Essa operação teve a intenção de realçar os conteúdos textuais e as "materialidades de dispositivos" dos objetos concebendo-os como produções culturais que são "postas a circular e apropriadas" por uma comunidade de leitores que influem em contextos específicos.

Seguindo os encaminhamentos metodológicos esboçados, esse foco analítico foi contrastado com a Revista Stadium em uma mesma temporalidade para facilitar o uso de analogias e os parâmetros de comparação. Entendeu-se que essa periodização possibilitaria o desvendamento de possíveis lutas e dissensões na conformação das propostas editoriais, na escolha das representações postas a circular, na definição de saberes e receituários localizados no interior dos impressos, ao mesmo tempo, em que permite a decodificação do movimento de contestação dessas representações, atentando-se para a percepção das tensões permanentes que envolvem essas disputas.

De pronto, nota-se que os discursos confrontados nos impressos do Brasil e da Argentina apresentam similaridades e particularidades que tendem a expressar e justificar saberes e práticas que deveriam ser legitimados no campo da Educação Física e reapropriados em tempos e espaços sincrônicos atendendo os pressupostos necessários à comparação.

Assim, torna-se relevante compreender esse processo como resultado de uma série de consentimentos e conflitos envolvendo múltiplos sujeitos e instituições em torno dos papéis atribuídos a disciplina de Educação Física. Por esse viés, considera-se oportuno lembrar António Nóvoa (1996), quando ele se refere ao fato de que a existência de conflitos entre distintas culturas manifestas no campo social e suas singularidades não podem mais ser dissimuladas sob o véu obscuro das chamadas "sobredeterminações" exteriores.

Apreendidos dessa maneira, os impressos foram interpretados como espaços de organização e produção de sentidos, relativamente autônomos, porém sujeitos a mediações e inferências de enunciados e práticas de diferentes instâncias normativas. Evidencia-se, consequentemente, a relevância de se investigar o movimento e as relações estabelecidas entre as representações produzidas pelos impressos, os indícios de sua apropriação e as leituras prescritas a partir do reconhecimento da existência de uma tensão permanente entre o lócus de produção de sentidos e a ação dos atores sociais diretamente envolvidos com a sua circulação.

Assumiu-se a importância de tomar métodos da História Comparada para interpelar os impressos e entrecruzar suas territorialidades, ocupando-se da "diversidade das experiências históricas, além das fronteiras políticas ou culturais" (BOUTIER; JULIA, 1998, p. 54). Logo, observaram-se alguns princípios desse modo próprio de fazer a história, sobretudo, as formas de selecionar e analisar fontes e dados e o estabelecimento do recorte temporal. Estabeleceu-se a premissa analítica de que "processos geograficamente distantes podem guardar entre si um variado e significativo entrelaçamento de nexos" (LIMA, 2007).

No entanto, para a escolha do espaço e tempo a ser delimitado fez-se necessário efetuar uma reflexão capaz de atravessar realidades socioeconômicas, políticas e culturais distintas, conciliando a determinação de uma periodização, a eleição de objetos que pudessem suscitar um cruzamento entre semelhanças e diferenças. Considerou-se, conforme as sugestões de José D' Barros (2007) que a realidade na qual está inserido o pesquisador deve ser utilizada como uma base mais conhecida e segura para enfrentar o desafio de investigar e traçar uma comparação como o "novo". Trata-se de "iluminar um objeto ou situação a partir de outro mais conhecido" facilitando a construção de analogias históricas (BARROS, 2007, p. 5).

Pelo confronto de objetos e realidades distintas torna-se possível frisar traços fundamentais de um para que o contraste faça emergir os aspectos do outro, "dando a perceber as ausências de elementos em um e outro e as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum" (BARROS, 1997, p. 5).

Para o embasamento dessa proposta de comparação não se pode furtar da contribuição de Marc Bloch (1963), historiador que atribuiu uma especificidade historiográfica a essa área de estudos. Bloch ousou ultrapassar as molduras nacionais para estabelecer análises e comunicações rompendo os limites do campo histórico.

Assumiram-se como pressupostos da investigação as alegações de Bloch (1963) a respeito do mandatório estabelecimento de similaridades e dessemelhanças entre contextos e objetos, e do imperativo de considerar a proximidade temporal e espacial, permitindo atribuir dinamicidade e vivacidade as comparações.

Não obstante, referenciaram-se em complementaridade os escritos de Marcel Detienne (2004), nos quais os objetos históricos são compreendidos como complexos e dinâmicos construídos por meio de relações e práticas sociais articuladas. Para seu exame é necessário afastar-se de tentativas de construir hierarquias culturais para perceber as redes de imbricações que tecem os fenômenos históricos. Importa, nessa medida "descobrir formas moventes e múltiplas com as quais as sociedades se depararam e as representaram" (BUSTAMENTE e THEML, 2004, p. 19).

A construção da comparação, nesses termos, remete a investigação de microconfigurações, alardeadas pelas sutilezas e refinamentos que compõe as tradições, valores e escolhas de sociedades diferentes. O olhar do historiador volta-se, então, para as especificidades culturais e seus sistemas de representação (DETIENNE, 2004).

Nessa mesma seara, Silvina Gvirtz, Diana Vidal e Maurilene Biccas (2009, p. 27) consideram que os estudos históricos comparados devem-se sensibilizar pelo rompimento das fronteiras geográficas, pelo foco nas diferentes representações sócio-históricas, em suas apropriações e na circularidade de "saberes, mercadorias e homens".

Ante essas considerações, optou-se por examinar os impressos RBCE e Stadium produzidos no Brasil e na Argentina em um mesmo período, pois expressam indícios de realidades nacionais sincrônicas, paridade de conteúdos, temáticas e objetivos. Notadamente, os contextos e objetos enfocados demonstraram distinções e diferenciações que, do mesmo modo, devem ser interpretadas.

Os impressos foram apreendidos como microcosmos que devem ser estudados em profundidade atentando-se para pontos em comum e singularidades, sendo problematizadas por um mesmo conjunto de indagações e metodologias, sublinhando-se interações e iluminações recíprocas. O método comparativo adotado teve como tarefa permanente manter no horizonte do pesquisador o estabelecimento do "estranhamento, da diversificação, da

pluralização e da singularidade daquilo que parecia empiricamente diferente ou semelhante" (BUSTAMENTE e THEML, 2004, p. 24).

Ressalta-se, além disso, que poucos trabalhos no campo da História da Educação e da História da Educação Física no Brasil têm comprometido-se a realizar estudos comparados, especialmente sobre o território latino-americano (NETO e CARVALHO, 2005; SAVIANI, 2001). Visa-se, assim, explorar as possibilidades de internacionalização da análise e o intercâmbio com pesquisadores de outros países.

As pesquisas comparadas focadas nas realidades latino-americanas enfrentam regionalismos e reducionismos culturais, permitem ampliar "conhecimentos e horizontes intelectuais", aprofundando o entendimento de planejamentos internacionais e das interações locais (GOERGEN, 1991, p. 16).

Nessa esfera, a pertinência dos estudos de História Comparada na América Latina justifica-se pelo rico acervo cultural de realidades, ambiguamente, semelhantes e diversas, com especificidades históricas e complexidades manifestas. Na esteira da acepção de Torquato Di Tella (1969) assevera-se que as experiências de nossos vizinhos constituem um "espelho no qual podemos e devemos nos mirar", suportando ao mesmo tempo enlaces, conexões e distanciamentos.

Além disso, o estudo insere-se nos esforços empreendidos por importantes instituições da Educação e da Educação Física como a Sociedade Brasileira de História da Educação e o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte para a ampliação da rede de investigação e a colaboração entre autores da América Latina.

Na introdução dessa tese foram acionados operações e procedimentos que tomam como inspiração os escritos de Michel de Certeau (1982) sobre a pesquisa histórica. Com o intuito de trabalhar com modelos de interpretação e modos de compreensão deparou-se com convicções epistemológicas utilizadas para indagar o passado e relacioná-lo com as problemáticas suscitadas pelo presente. Perspectivou-se por meio de intercâmbios pluridisciplinares, da construção e avaliação de hipóteses, detectar redes de sentido e princípios de inteligibilidade para historicizar a disciplina de Educação Física.

O estabelecimento de explicações históricas, a partir de métodos interpretativos, foi balizado pela explanação do "lugar social" que a pesquisa pretende ocupar, das "práticas historiográficas" que comungou e o modo de "escrita" eleito e operacionalizado (CERTEAU, 1982). Esse conjunto de ações que compõe o "fazer historiográfico" foi descrito nos tópicos que compõe esse texto introdutório.

Filiações e motivações para a escrita historiográfica: História Cultural, História da Educação e História da Educação Física

Os estudos em História e Historiografia da educação no Brasil a partir da última década do século XX vêm se alinhando as teorizações e debates promovidos pelo campo da História e se apropriando de novos referenciais como as produções da Escola dos *Annales* (1929-) e da Nova História Cultural (1980-). A literatura especializada afiança que esse movimento possibilitou, entre outros avanços, a sofisticação das abordagens e o enriquecimento do tratamento das fontes[4].

A Nova História Cultural é considerada pelos especialistas como a principal herdeira do movimento de renovação do campo historiográfico, intitulado "Nova História", e tem se tornado uma perspectiva privilegiada para a produção de novos textos e abordagens. Esse revigoramento e ampliação da História e da Historiografia da Educação, inspirado pela Nova História, reorientou as disposições tradicionais do campo passando a substituir a narrativa linear de acontecimentos por um exame apurado de fontes diversificadas, com múltiplos enfoques (não se restringindo a dimensão política) que recorre com frequência a instrumentos teóricos multidisciplinares (BURKE, 1997).

A Nova História Cultural apropriou-se, não só de métodos e metodologias de investigação construídos pela Nova História, como de seus pressupostos teórico-metodológicos. Nessa esfera, adotou alguns conceitos principais como representação, práticas, apropriação e imaginário e uma visão renovada da interpelação dos objetos e da delimitação de recortes históricos.

Acredita-se que a aproximação com a Nova História Cultural tem permitido aos pesquisadores da História da Educação a criação de um vínculo metodológico com os princípios de trabalho do historiador, especialmente, no cuidado com a construção e apreciação dos dados, a importância dada à produção de hipóteses e a adequação entre o discurso do saber e o objeto histórico eleito. Outro traço que merece ser ressaltado diz respeito à incorporação do trato com as fontes documentais, realizado com acuidade, percepção de suas temporalidades, operações técnicas e aportes teóricos inscritos no campo historiográfico.

[4] Para mais informações sobre a aproximação da História da Educação com o campo historiográfico consultar: Gatti Júnior (2002), Miriam Warde (1990) e Thais Nivia Fonseca (2003).

Nessa monta, destacam-se as contribuições da Nova História Cultural à ampliação das áreas de interesse, objetos e temporalidades, além da recorrência comum a pressupostos interdisciplinares. Desse modo, a Nova História Cultural propõe-se a "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990, p. 16).

Segundo Peter Burke (1997)**,** a Nova História Cultural vincula-se à tradição historiográfica da Escola dos *Annales*[5], que pioneiramente visava substituir a narrativa tradicional de acontecimentos por uma história-problema focada em diferentes aspectos da produção e do consumo cultural.

O paradigma dos *Annales* constituiu um programa de pesquisa centrado no funcionamento da sociedade, entendida como uma coletividade e analisada sob o foco de múltiplas dimensões temporais, espaciais, humanas, sociais, econômicas, culturais e circunstanciais.

A partir da quarta geração, os historiadores dos *Annales* passaram a preocupar-se cada vez mais com o que ficou convencionado como o conceito de *mentalités*. Para Lynn Hunt (2001) o interesse aprofundado pelas *mentalités* acabou por renovar significativamente o paradigma dos *Annales* levando a delimitação de novas indagações historiográficas e a construção de narrativas diferenciadas. A intensificação desse movimento contribuiu para a edificação de uma nova corrente historiográfica identificada como História Cultural.

De acordo com Peter Burke (2005) a expressão "nova história cultural" entrou em uso no final da década de noventa do século XX a partir da publicação do livro da historiadora Lynn Hunt (2001) que tinha a expressão como título. Burke (2005) assinala que a Nova História Cultural é a corrente historiográfica dominante no campo da História, sobretudo, nas pesquisas que se embrenham nos domínios da cultura.

Um dos traços distintivos da História Cultural é a ênfase dada as "mentalidades, suposições e sentimentos" e não a ideias ou sistemas de pensamento, formato cristalizado na área de história da educação comumente denominado de história das ideias pedagógicas. Dessa maneira, a diversidade de abordagens, inscritas na nova história cultural e sua disposição a enfrentar novos problemas e reconceitualizar problemáticas tradicionais do campo historiográfico pode servir de inspiração para a renovação dos estudos em História da Educação.

[5] Sobre a composição das correntes historiográficas ver Guy Bourdé e Hervé Martin (1983) e Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso (orgs) (1997). Para uma introdução ao debate teórico-metodológico da História e a constituição da Escola dos *Annales* ler Ciro Flamarion Cardoso (1984) e Peter Burke (1997).

Na esteira das acepções do historiador francês Georges Duby (1984) pode-se delimitar, de modo sintético, o campo historiográfico da Nova História Cultural a partir da preocupação partilhada com o exame dos mecanismos de produção dos objetos culturais e das formas de recepção dos objetos produzidos.

A tarefa assumida pela Nova História Cultural compõe-se da decifração dos significados, do exame minucioso de textos, imagens e ações que formam os domínios da prática e da produção cultural. Nas palavras de Ronaldo Vainfas (1997, p. 158) os autores engajados na história cultural "reabilitaram a importância dos contrastes e conflitos sociais no plano cultural". Esse conjunto de historiadores propôs-se a enfrentar epistemologias reducionistas, a questionar as narrativas macroexplicativas, a recuperar a dimensão subjetiva dos estudos históricos e a criticar a linearidade evolutiva do processo histórico.

A Nova História Cultural inclui diferentes linhas e correntes, merecendo destaque os estudos sobre a escrita e leitura, a micro-história e a nova história política (PESAVENTO, 2003). Dentro desse universo teórico múltiplo dois conceitos podem ser considerados emblemáticos para a compreensão dos caminhos propostos pela nova história cultural: as práticas e as representações.

Sob o paradigma da história das práticas têm-se renovado as fontes e formas de interpretação. Os historiadores preocupam-se com as práticas cotidianas enraizadas em determinada formação cultural como a religião, o esporte, a linguagem, a leitura, entre outras possibilidades. Nesse último aspecto, a história da leitura, é a dimensão temática que tem concentrado os principais intelectuais da História Cultural, Michel de Certeau, Carlo Ginzburg e Roger Chartier.

Nessa mesma linha, a história das representações tem permitido aos pesquisadores examinar as tensões envolvidas nas negociações e nas disputas em torno das significações culturais nos mais diversos campos como a política, a ciência, a arte, a música, etc. Na avaliação de Peter Burke a nova história cultural deve ser conceituada como "uma mudança de ênfase, mais do que a ascensão de uma coisa nova, uma reforma da tradição, mais que uma revolução", como uma "inovação cultural" (2005, p. 98).

Após a conceituação da Nova História Cultural torna-se necessário demonstrar a, cada vez mais consistente, aproximação do campo da História da Educação com essa linha historiográfica na delimitação de métodos, temas, objetos e abordagens. Esse fato é confirmado por uma série de balanços realizados sobre os trabalhos acadêmicos apresentados

em eventos especializados (FREITAS, 2005; FONSECA, 2003; VIDAL e FARIA FILHO, 2003; XAVIER, 2010; WARDE, 1997).

O campo de pesquisa da História da Educação no Brasil foi constituído a partir de sua composição como disciplina escolar. Desde seu início o campo manteve relações muito próximas com outros campos já estabelecidos, especialmente, o da Filosofia e o da Psicologia. Seu paradigma historiográfico foi baseado na História das Idéias, compreendendo seu objeto como o ideário e as formulações dos principais pensadores pedagógicos.

A partir da década de 1990 as pesquisas em História da Educação no Brasil têm recorrido às proposições da Nova História Cultural para fundamentação e encaminhamento metodológico. Desse modo, vem promovendo o enriquecimento de suas práticas de investigação e pesquisa e adentrando outros domínios da produção historiográfica. A aproximação com a História Cultural vem possibilitando seu revigoramento pela assimilação de novos procedimentos de análise, de interpretação e de escolha e tratamento das fontes.

Para Libânia N. Xavier (2004) têm se estabelecido relações profícuas entre a História da Educação e a História Cultural na produção de pesquisas no campo educacional. Em consonância com a autora citada, Ana Maria G. B. de Freitas (2005, p. 74) avalia que o contato com as obras da História Cultural tem proporcionado o surgimento de "caminhos instigantes para o avanço do conhecimento e do ensino da história da educação brasileira".

Os novos objetos e possibilidades investigativas referem-se à história da leitura e dos impressos escolares, a história da profissão docente, os processos de escolarização, a cultura escolar e as práticas educativas, entre outros.

Para Fonseca (2003, p. 72) a Nova História Cultural poderia contribuir para um avanço na produção da História da Educação pelo "descortinamento de dimensões ainda pouco exploradas, fora da escola e da escolarização, bem com a imposição corajosa de novos olhares". Corrobora essa assertiva as afirmações de Mirian J. Warde (2003, p. 47) que considera que a eleição de novos métodos, objetos e procedimentos investigativos "têm um débito especial com a chamada Nova História Cultural, com a qual a nossa historiografia da educação vem se aproximando".

Esse encontro tem possibilitado aos pesquisadores a construção de um apreço especial pelo exame dos arquivos, uma inquietação com a procura de novos temas, um amadurecimento dos procedimentos e perspectivas de análise e o estabelecimento de um diálogo franco e aberto com outras áreas de conhecimento e investigação.

Nesse sentido, o diálogo estabelecido com os autores da Nova História Cultural sugeriu aos pesquisadores da História da Educação "a potencialidade dos estudos sobre os impressos: o livro, o livro didático, as séries editoriais, os periódicos e outros" e os alertaram para a fecundidade do reexame das práticas de leitura e de escrita realizadas nos espaços educacionais (WARDE, 2003, p. 48).

Dentre as proposições intelectuais, filiadas a Nova História Cultural, mais férteis para irrigar a seara da história do impresso destacam-se os estudos de Michel de Certeau (1982; 1998) e de Roger Chartier (1990, 1999a, 1999b, 2001). A fecundidade das teorias desses autores tem sido reconhecida, a ponto de passarem a fundamentar a maioria das pesquisas nessa temática.

Reforça essa assertiva a posição de Thaís Nívea de Lima e Fonseca (2003) que considera Certeau e Chartier como as referências principais das pesquisas da História da Educação que assumem a Nova História Cultural como proposta metodológica. A recorrência aos conceitos de representação e apropriação e o apossamento de suas temáticas e objetos parecem ser uma constante nos trabalhos apresentados em eventos, dissertações e teses da área.

Nessa mesma linha, Diana Vidal e Luciano Faria Filho (2003) asseveram que a interlocução com as proposições dos autores, no campo da Nova História Cultural, teria marcado fortemente a renovação dos estudos histórico-educacionais. Acredita-se que a utilização desses modelos interpretativos permite refinar a visualização e a análise de "práticas culturais presentes na sociedade brasileira e suas diferentes formas de manifestação" (FONSECA, 2003, p. 63).

De forma análoga, para utilizar uma expressão de Victor Melo (1999) o "subcampo" da História da Educação Física tem aumentado quantitativa e qualitativamente sua produção e inserção institucional, bem como renovado suas opções teóricas e metodológicas (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005; 2007; MELO, 1999; FERREIRA NETO, 2005). Deve-se levar em conta que um número expressivo de pesquisados da História da Educação Física tem sido formado em programas de pós-graduação da área de Educação e tem escolhido como fórum de atuação e local de publicação de trabalhos, eventos, entidades e periódicos, inscritos no campo da História da Educação.

No entanto, essas inovações têm sido recebidas com cautela pelo corpo de especialistas da área. Para Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2007, p. 119) em termos historiográficos essa nova produção tem sido marcada pela "repetição e a reiteração" de

velhos procedimentos. O autor acredita que tem se realizado uma "história que apenas constata fatos e acontecimentos", especialmente quando se trata de temáticas voltadas para a história das ideias, ou seja, "mudamos de paladinos, mas continuamos a enaltecer a tradição, os grandes feitos, os grandes eventos, os grandes nomes" (TABORDA DE OLIVEIRA, 2007, p. 121).

Outra crítica endereçada aos estudos históricos da área refere-se à conservação de procedimentos antiquados para a delimitação das temporalidades que serão investigadas. A permanência de "marcos políticos, econômicos ou intelectuais de datação" têm impedido a observação de uma lógica temporal própria interna ao objeto eleito. Para Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2007, p. 125) "os objetos têm uma temporalidade própria a qual está inscrita no seu próprio desenvolvimento, a despeito de ser evidentemente impactada por outras temporalidades".

Essa periodização submissa a eventualidades exteriores estabelece relações de continuidade com uma compreensão restrita da história para "explicar linearmente o presente", forjando no passado elementos para a comprovação de hipóteses pré-determinadas (MELO, 1999, p. 39).

Com relação à escolha e tratamento das fontes deve-se reconhecer sua multiplicidade e evitar o uso exclusivo de documentos oficiais como suporte, fato que tem se repetido nas produções da área. Melo (1999) aponta uma utilização "excessiva de fontes secundárias" nesses estudos históricos, limitando sua qualidade e refinamento por repetir imprecisões historiográficas e apelar para métodos e classificações antiquadas.

Parte da historiografia especializada que tem adotado esse instrumental acaba por repetir equívocos do passado "entendendo a história como um processo sempre de contexto", negligenciando "embates, conflitos, fissuras e dissensões, enfim justamente a sua historicidade" (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005, p. 28). Para Melo (1999, p. 49) trata-se de estudos excessivamente descritivos com carência de evidências documentais que utilizam a história para justificar a contemporaneidade "a partir de uma compreensão linear de causa e consequência, onde o presente nada mais é do que o reflexo e a soma do que ocorreu no passado".

Apesar da veracidade das críticas endereçadas deve-se reconhecer um "movimento" de robustecimento das discussões históricas do campo que vêm sofisticando as postulações acadêmicas e fortalecendo tendências de pesquisa mais afinadas com a atualidade dos debates em torno dos modos de se fazer história. Este acontecimento impulsionado pelas produções

de programas de pó-graduação tem "refletido qualitativa e quantitativamente na produção científica" (MELO, 1999, p. 40).

Seguindo os passos de Melo (1999) e Ferreira Neto (2005) identificam-se nas dissertações de Carmem Soares (1990), "O pensamento médico-higienista e a Educação Física no Brasil 1850-1930" defendida no Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e de Silvana Vilodre Goellner (1992), "O método francês e a Educação Física: da caserna à escola" apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) os primeiros sinais de mudança, indícios de uma transição positiva que contribuiu pioneiramente para modificar a postura dos pesquisadores frente à realização de estudos históricos envolvendo a temática. Ressalva-se que as teses dessas autoras (SOARES, 1996; GOELLNER, 1999) tornaram-se memoráveis exemplos dessa nova fase da área de História da Educação Física.

Considera-se que na contemporaneidade uma série de trabalhos acadêmicos pode ser recebida com entusiasmo, por sua efetiva contribuição para a realização de novos traçados históricos e sua colaboração na formação de novos pesquisadores em História da Educação Física. Além dos já mencionados, podem ser referendados, a título de exemplo, as teses de Eustáquia Salvadora de Souza (1994), Amarílio Ferreira Neto (1999), Tarcísio Mauro Vago (1999), Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2001), Fernanda Simone Lopes de Paiva (2003a) e Omar Schneider (2007).

Sem sombra de dúvida os trabalhos de Taborda de Oliveira (2001), Paiva (1994; 2003a) e Schneider (2003; 2007) foram inspiradores e orientaram os encaminhamentos tomados para a construção dessa tese. A sagacidade das discussões desses autores incitou o estabelecimento de uma rica reflexão sobre as motivações desse estudo e suas limitações.

Para a feitura dessa tese preocupou-se, nessa medida, com a sua dupla inserção nos movimentos de renovação dos campos da História da Educação e da História da Educação Física, inspirando-se nos caminhos trilhados pelos pesquisadores mencionados que contribuíram para atribuir inventividade e rigor a pesquisa histórica.

Concorda-se, portanto, com a assertiva de Melo (1999, p. 50) de que a "História da Educação Física e do Esporte precisa romper quaisquer fronteiras e resistências, descobrindo seu lugar no vasto campo de conhecimento da História". Optou-se, desse modo, por utilizar "referências e constructos teóricos da História", investindo-se no conhecimento sobre os modos de fazer história e aproximando-se dos princípios operativos do historiador.

Afirma-se que esse estudo incutiu nas suas preocupações o cuidado com a construção e tratamento dos dados, a importância dada à produção de hipóteses e a adequação entre o discurso do saber e o objeto histórico eleito. Outro traço que merece ser ressaltado diz respeito à incorporação do trato com as fontes documentais, realizado com acuidade, percepção de suas temporalidades, operações técnicas e aportes teóricos inscritos nos modelos teóricos dos autores que serviram de inspiração a edificação desse estudo.

Interlocutores possíveis: objetos, olhares e diálogos intercruzados

A leitura de outros autores que procuraram abordar a mesma fonte, objeto e temporalidade ou se propuseram a realizar pesquisas com propósitos e métodos semelhantes também contribuiu para a feitura dessa tese e para seu amadurecimento. Assim, é válido sintetizar os objetivos perseguidos, as formas empregadas e as conclusões alcançadas com a finalidade de tecer uma interlocução e contribuir para o florescimento de novas ilações imbuídas pelas compreensões que puderam ser sorvidas e partilhadas.

Um dos estudos pioneiros no subcampo da História da Educação Física que utilizou um impresso como objeto e fonte foi à tese "Bela, maternal e feminina imagens da mulher na Revista Educação Physica" de Silvana Vilodre Goellner defendida em 1999. No texto a autora analisou as imagens femininas veiculadas por esse impresso nas décadas de 1930 e 1940, mais especificamente atentou-se para como foram retratadas as práticas corporais e esportivas destinadas às mulheres. Utilizou como pressupostos metodológicos as propostas investigativas dos historiadores Marc Bloch e Walter Benjamim.

Concluiu que as figuras estampadas na Revista Educação Physica simbolizaram escolhas estéticas e políticas que colaboraram para normalizar práticas e intervenções sobre o corpo feminino. Classificaram condutas como permitidas ou proibidas, conformaram padrões e naturalizaram uma imagem feminina assentada sobre a cristalização de características como "juventude, beleza, ousadia, disposição, saúde, alegria, perseverança, dedicação e prudência" (GOELLNER, 1999, p. 167).

Outro importante estudo foi realizado por Omar Schneider (2003) em sua dissertação de mestrado "A revista Educação Physica (1932-1945): estratégias editoriais e prescrições educacionais" que depois foi transformada no livro "Educação Physica: a arqueologia de um impresso" lançado em 2010. Esse autor teve como proposta examinar a Revista Educação Physica entre os anos de 1932 e 1945 para identificar as prescrições relacionadas à educação

do corpo. Preocupou-se também com a materialidade do impresso, com sua fórmula editorial, com os dispositivos utilizados para controlar a leitura e o uso do impresso, com seus processos de produção e circulação de saberes sobre a disciplina de Educação Física (SCHNEIDER, 2003).

Utilizou como fundamentação a História Cultural e como instrumental a arqueologia dos objetos baseado nas proposições de Marta Maria Chagas de Carvalho. Para o autor esse periódico propôs uma modificação dos sentidos atribuídos à disciplina de Educação Física que abandonou a prevenção e correção de possíveis deformações corporais para preocupar-se com o rendimento e a eficiência corporal.

Marcus Aurélio Taborda de Oliveira foi outro autor que promoveu a investigação de uma revista especializada. Utilizou o impresso como fonte em sua tese de doutoramento intitulada "A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência" defendida em 2001. Nesse trabalho teve a intenção de debater as relações estabelecidas entre o aparato legal instituído e a formas de apropriação operadas pelos professores da disciplina na escola.

Taborda de Oliveira (2001) cruzou os artigos publicados na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, os Programas de Educação Física da Prefeitura Municipal de Curitiba e os depoimentos de professores da Rede Municipal de Ensino sob o crivo das proposições historiográficas de Edward Palmer Thompson e as teorizações inscritas no campo da História das Disciplinas Escolares. A interpretação empreendida demonstrou que existiu uma tensão entre adeptos e contrários da absorção dos conteúdos e práticas da instituição esportiva pela Educação Física escolar como foi preconizado pelas políticas oficiais.

Localizou, portanto, uma "tênue, mas efetiva agência e resistência dos professores" as ações governamentais manifestas em sua prática cotidiana (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001, p. 370). O autor frisou, por fim, que os partidários aderiram às propostas governamentais porque consideraram que as mesmas contemplaram boa parte de suas reivindicações, refutando as impressões correntes que afirmar a imposição do ideário governamental.

Com uma metodologia investigativa distinta Sérgio Teixeira[6] defendeu a dissertação de mestrado, "O lazer e a recreação na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos como dispositivos educacionais (1968-1984)" em 2008, utilizando o mesmo periódico

[6] Destaca-se que esse autor defendeu sua dissertação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Mesmo programa no qual esta tese está inscrita.

anteriormente citado e um recorte temporal idêntico. Teixeira (2008) elegeu como objetivo identificar as prescrições sobre o lazer e a recreação veiculadas pela revista durante os governos militares. Fundamentou-se na obra de Michel Foucault, em suas considerações sobre as formas de imposição de domínio e controle social alcançado por estratégias de submissão, repressão e estimulação.

O autor constatou que essas práticas corporais foram "concebidas como mecanismos sutis" voltados a constituição de corpos obedientes e disciplinados auxiliando o estabelecimento da ordem social. As orientações para o lazer e para a recreação buscaram então para a intenção de "enquadrar os indivíduos em um conjunto de normalizações" destinadas a modular uma conduta corporal considerada adequada (TEIXEIRA, 2008, p. 190).

Mais um texto que apontou direcionamentos interessantes foi a dissertação de mestrado de Joelcio Fernandes Pinto (2003), "Representações de Educação Física e esporte na Ditadura Militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinho Dedinho (1969 a 1974)". Em um período histórico semelhante, porém enfocando um impresso com características distintas como objeto e fonte, esse autor procurou examinar a produção de impressos pelo Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério de Educação e Cultura (MEC) para a Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo. Mais especificamente centrou-se sobre as representações a respeito do esporte registradas na "Revista de Histórias em Quadrinhos Dedinho".

Como método o autor escolheu as proposições de Roger Chartier para a realização de uma "arqueologia dos objetos". Propôs-se, assim, a analisar além das representações, a didatização da leitura, os dispositivos tipográficos, o formato, a circulação e a distribuição da revista. Pinto assegura que esse impresso, distribuído para as crianças na escola e direcionado a intervenção do professor de Educação Física, propagou uma compreensão do esporte como uma "prática naturalmente positiva", saudável e disciplinadora (PINTO, 2003, p. 130). Sua apropriação remeteu a "prescrição do esporte como conteúdo das aulas" de Educação Física conformando as práticas e comportamentos de alunos e professores pela reiteração da escolarização do esporte (2003, p. 131).

Tratando especificamente da RBCE um referencial importante foi construído por Fernanda Simone Lopes de Paiva na sua dissertação "Ciência e Poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte" defendida em 1993 que depois foi adaptada para o livro homônimo em 1994. Paiva (1994, p. 19) adotou como perspectiva metodológica as acepções centrais da sociologia de Pierre Bourdieu entremeadas pelas teses da Nova História para

abordar a “a luta pela construção e imposição de sentidos dentro do CBCE” principal organização científica não governamental na área de Educação Física.

Sublinha-se que a autora analisou a fundação e a gestão do CBCE até 1993 e sua principal produção impressa a RBCE durante o mesmo período. Procurou descrever e analisar as formas de comunicação e organização que compuseram os embates pela legitimação de sentidos relacionados à ciência, ao fazer científico, a Educação Física e ao esporte. A autora atesta que tanto para a direção da entidade quanto para o que foi veiculado por sua revista ocorreu uma ressignificação dos significados pretendidos.

Em um primeiro momento (1978-1985) a “ciência e a prática científica foram entendidas como neutras”, resumiram-se a “medir e comparar dados”. A Educação Física foi compreendida como disciplina voltada a “capacitar fisicamente os indivíduos”. Em um período posterior (1989-1993) a ciência foi analisada a partir de “suas dimensões epistemológicas e ideológicas” e a Educação Física foi concebida como “disciplina curricular que deve tematizar o movimento humano, a cultura física e/ou corporal” (PAIVA, 1994, pp. 93-94).

Utilizando também a RBCE como fonte Carlos da Fonseca Brandão (1994) empreendeu uma análise da qualidade científica do conteúdo desse periódico em sua dissertação de mestrado intitulada “A produção científica da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1978-1993)” de 1994, depois transformada no livro “Batendo bola, batendo cabeça: os problemas da pesquisa em educação física no Brasil” no mesmo ano. Brandão (1994b) examinou a delimitação da amostragem, o tratamento estatístico, os procedimentos metodológicos, as referências citadas, o atendimento as normas editoriais, a coerência argumentativa, os conteúdos abordados e as conclusões alcançadas.

O autor constatou que a produção avaliada foi caracterizada pela carência e fragilidade de pressupostos teóricos e científicos e assentada pela falta de “seriedade metodológica e intelectual”. Traços negativos que indicaram a “inconsistência teórica e científica que ainda se faz presente na área de Educação Física” e contrastaram com “a grandeza numérica institucional” da pesquisa nesse campo composta por uma quantidade significativa de cursos de pós-graduação e de publicações periódicas específicas (BRANDÃO, 1994, p. 136).

Mais próximos das proposições contidas nessa tese os trabalhos de Rachel Borges Corte Pelissari (2009) e Thaís Cristina de Oliveira (2011) apreciaram a RBCE como objeto e fonte atentando-se para seu suporte material e para as representações que foram veiculadas. Pelissari (2009, p. 17) na sua dissertação de mestrado intitulada “Educação Física escolar:

práticas de pesquisa e saberes científicos em revista (1979-2009)" teve como intuito "mapear a RBCE, privilegiando artigos que se propuseram a estudar a Educação Física escolar" e identificar suas representações de ciência, método e técnica".

Utilizando-se do instrumental analítico de Certeau, Chartier e Ginzburg a autora considerou que a RBCE pode ser caracterizada como um "dispositivo de controle e de didatização do campo" com a função de "normatizar práticas e impor saberes" para a Educação Física escolar (PELISSARI, 2009, p. 181). Concluiu que os textos veiculados sobre a Educação Física escolar foram identificados em dois grupos diversos.

O primeiro foi composto pelos artigos que tinham a intenção de utilizar a escola para coletar dados, mais recorrentes na década de 1980. O segundo contou com os textos que se se centravam na produção de dados sobre a instituição escolar manifestos nas décadas de 1990 e 2000. Esses artigos apresentaram um alinhamento teórico distinto evocando representações pertencentes a teorias conservadores como a aptidão física e críticas como as Teorias Críticas da Educação e a Teoria das Representações Sociais.

Oliveira (2011) em sua dissertação de mestrado[7] que teve o título "Concepções de educação física na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-1986)" analisou a RBCE no período de 1979 a 1986, mesma temporalidade escolhida para essa tese, em busca das concepções sobre Educação Física que serviram para legitimar discursos pedagógicos e repercutiram sobre a prática escolar.

Como metodologia realizou uma leitura analítica dos textos veiculados pela RBCE e avaliou sua apresentação gráfica. Em suas considerações finais Oliveira (2011) afirmou que a maioria dos textos publicados propagaram concepções de Educação Física filiadas as tendências tecnicistas voltadas a avaliar a aptidão física. No entanto, identificou alguns artigos que sustentaram "uma visão com um registro mais crítico desse campo de conhecimento" focalizando a Educação Física como "prática educativa e como disciplina escolar" (OLIVEIRA, 2011, p. 134).

Todos esses textos auxiliariam o reconhecimento e a justificação das revistas como fontes importantes, testemunhas da história de um campo de pesquisa e intervenção. Autores como Taborda de Oliveira (2001) e Paiva (1994) revelaram pistas e teceram afirmações substanciosas sobre a história da Educação Física nos governos militares, sobretudo a respeito das tensões em torno da escolha das estratégias para sua escolarização e para o alcance de uma pretensa legitimidade científica.

[7] Outra dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Permitiram afiançar a escolha do objeto e a seleção do aporte teórico e metodológico, especialmente os textos de Schneider (2003; 2010), Pinto (2003), Pelissari (2009) e Oliveira (2011). Esses escritos preocuparam-se em tratar o impresso concomitantemente como objeto e fonte. Importaram-se em realizar uma análise do suporte material, dos dispositivos editoriais e das representações mobilizadas. Atentaram-se em localizar conceitos, práticas e prescrições empreendidas para promover um modelo de educação corporal que deveria ser adotado pela disciplina de Educação Física.

Os olhares de Brandão (1994), Paiva (1994) e Oliveira (2011) ajudaram a abalizar o conteúdo da RBCE, a avaliar sua qualidade acadêmica e o conteúdo que foi veiculado. Entretanto, com relação às obras de Paiva (1994) e Oliveira (2011) anteviram-se algumas discordâncias com relação às classificações e generalizações empregadas no exame dos textos e de seus autores. A própria abordagem e interpelação do objeto diferenciaram-se, uma vez que, contrariando-se essas autoras optou-se por buscar os posicionamentos, as relutâncias, oposições e inventividades que ambicionaram ressignificar práticas e representações no interior do campo da Educação Física.

Aportes teóricos e operações historiográficas

A História do Impresso: materialidades e estratégias editoriais

Essa tese inscreve-se nos domínios da história do impresso assumindo seus encaminhamentos metodológicos. Toma-se como pressuposto fundamental a proposição de Certeau (1998, p. 263) de que "numa sociedade organizada pelo poder de modificar as coisas e reformar as estruturas a partir de modelos escritos (científicos, econômicos, políticos)", pode-se "substituir o binômio produção-consumo por seu equivalente e revelador geral, o binômio escrita-leitura".

Portanto, na sua confecção foram privilegiados como fonte e escolhidos como objeto a imprensa periódica especializada considerando sua relevância para a compreensão em profundidade da História da Educação Física em uma temporalidade circunscrita. Do mesmo modo que Denice Barbara Catani e Maria Helena Câmara Bastos (1997, p. 5) avalia-se que as revistas constituem um "testemunho vivo" de métodos e concepções, um observatório de moralidades e valores acionados por grupos específicos para impor sua autoridade.

Para as autoras citadas os periódicos representam um rico registro histórico que

“concentra todo um conjunto de teorias e práticas” de origens diversas, oficiais e privadas que permitem revelar as múltiplas facetas dos atores sociais envolvidos com sua produção e compreender a multiplicidade de posições e disputas no campo (CATANI; BASTOS, 1997).

Nessa mesma linha interpretativa para Antonio Nóvoa (1993, pp. 12-13) as revistas especializadas consentem o exercício de perceber as estratégias acionadas para efetivar uma “regulação coletiva” de usos autorizados, de entender “debates e discussões, polêmicas e conflitos”, controvérsias e disparidades entre autores, editores, leitores, poderes públicos, organizações profissionais ou outras instâncias evocadas para o diálogo. Com efeito, demonstram modos de funcionamento, circulam saberes, práticas, normas e reivindicações de agentes que interferem no campo e em espaços institucionais.

Como afirma Nóvoa (1997, p. 31) a imprensa especializada aquinhoa toda a diversidade de manifestações que conformam uma área, expondo com todos os seus nuances os embates entre “projetos e realidades, entre a tradição e a inovação”. Merece destaque o “carácter fugaz”, as controvérsias, “a vontade de intervir na realidade”, expressas em suas páginas conferindo um “estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação” e por extensão da Educação Física.

A opção pelo impresso permite revelar vozes, propostas, anseios e realidades de atores diversos que muitas vezes têm sido negligenciados pelas correntes historiográficas tradicionais. Defende-se, assim, que o exame da imprensa especializada permite apreender discursos que articulam práticas e teorias em disputa, exprime “desejos de futuro ao mesmo tempo que denuncia situações do presente” (NÓVOA, 1997, p. 11).

Nessa investigação os impressos foram centralizados como objetos a serem inquiridos, inclusive sua composição. Suas materialidades fornecem indícios das estratégias editoriais acionadas, formas de circulação almejadas, “guardam as marcas de sua produção e de seus usos” (BICCAS; CARVALHO, 2000, p. 63). Fazem perceber as prescrições e regulamentos que orientaram as revistas e estabeleceram “padrões e procedimentos para sua produção, distribuição e uso” (BICCAS; CARVALHO, 2000, p. 63).

Na esteira da assertiva de Carvalho e Hansen (1999, p. 14) assume-se como fundamento que “o suporte ou a ordenação material da mensagem é signo”, forma de organização da percepção dos destinatários visados, influindo na configuração de seu conteúdo e determinando modos autorizados de ler.

Essas fontes escritas foram compreendidas como artefatos culturais nos quais os textos que carregam e seu suporte constroem simbologias, moldam posturas, abalizam as

relações de forças que o fabricaram. Partilhando-se das teorizações de Jacques Le Goff (1996, p. 547) considera-se que os impressos enfocados resultam da "montagem consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram", e dos períodos posteriores em que continuaram a ser "manipulados ainda que pelo silêncio".

Levando em consideração as diferenciações e fragilidades causadas pela transposição de modelos teóricos aplicados em contextos e temporalidades distintos optou-se por uma interpretação particular, ambicionando-se adequar a perspectiva metodológica ao cotejamento do objeto. Permitiram-se desvios e reorientações mantendo-se a coerência e a inspiração dos textos originais, porém as intelecções referenciadas não foram "aprisionadas" nas disposições dos autores que fundamentam a pesquisa. O estudo dos periódicos especializados proposto toma o cuidado de adaptar a perspectiva de análise de propostas de editoração de livros desenvolvida por Roger Chartier tendo-se em conta que essa alteração pode envolver singularidades, uma lógica de composição e distribuição distintas[8].

Operou-se, dessa maneira, uma experimentação desses modelos e instrumentais transferindo-os para "terrenos" e temporalidades diferentes. Na medida do possível foram evidenciados os limites dessa opção e reelaboradas suas falhas visando sustentar a inteligibilidade dada ao relato histórico pelo uso desse sistema de interpretação.

Para o trabalho com os impressos procura-se reconhecer as coações e intenções inscritas que podem delinear-se, entre outros fatores, pelo pertencimento a uma comunidade sócio-cultural, pelas determinações de produção textual e a projeção das impressões daqueles que irão apoderar-se dos conteúdos e mensagens escritas. Torna-se imperioso, então, delinear a produção e a circulação de "um *corpus* de textos, uma classe de impressos, uma produção ou uma norma cultural" que conferem identidade a um grupo social (CHARTIER, 2002a, p. 69).

Os impressos focalizados são conceituados como organizações discursivas complexas relacionadas a sistemas de classificação, critérios de recorte e modos de significações, por vezes ambíguos e contraditórios, criando a necessidade de compreender as textualidades expressas "em sua descontinuidade e sua discordância". Não obstante, buscou-se indagar-se a respeito "dos lugares (e meios) de produção", dos "princípios de regulação" dos enunciados e

[8] Barzotto (1998) e Schneider (2003) adotaram com êxito os mesmos procedimentos pretendidos precedendo e informando encaminhamentos para essa tese. Para mais detalhes consultar "Leituras de revistas periódicas: forma, texto e discurso: um estudo sobre a revista Realidade (1966-1967)", Tese de Doutorado de Barzotto e a dissertação de Schneider, "A revista Educação Physica (1930-1940): estratégias editoriais e prescrições educacionais".

os modos de "abonação e veracidade" evocados para confirmar os princípios e posições defendidos (CHARTIER, 2002a, p. 77).

Assim como Chartier (1990, p. 121) se aposta na focalização dos "processos pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação". Alinha-se a proposta metodológica da tese com a intenção de "reconhecer as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada" (CHARTIER, 1990, p. 123). Em suma, empenha-se em reconstituir "o modo como os textos podiam ser apreendidos, compreendidos, manejados" (CHARTIER, 1990, p. 132). Sustenta-se a capilaridade e legitimidade dos textos impressos, sua capacidade de irrigar "todas as relações, todas as práticas" (CHARTIER, 1990, p. 139)[9].

Partilhando-se das compreensões de Certeau (1998) e Chartier (1990, p. 137) pretende-se, sem desprezar os desvios, reempregos singulares e táticas de subversão acionados pela apropriação, vasculhar os indícios contidos nos impressos do exercício da autoridade, das "vigilâncias e censuras de quem tem poder sobre as palavras".

Considerando-se a raridade de vestígios diretos, a variabilidade das formas de apropriação e de leitura dos impressos, inventivas, plurais e móveis como limites dificilmente transponíveis, o esforço de análise dessa tese se concentrou em desvendar os "protocolos de leitura" depositados no objeto impresso. Procurou-se interpelar os indícios deixados pelo autor para indicar "a justa compreensão de seu texto", os recortes e deformações determinados pela editoração, inclusive as formas tipográficas que a compõe (CHARTIER, 2001, p. 77).

Para suprir essas lacunas seguem-se os encaminhamentos metodológicos de Chartier (2001, p. 96) ao se examinar o objeto impresso a fim de apreender em suas páginas e formatações "os vestígios da leitura que seu editor supõe existir nele, os limites de sua possível recepção" e compreender o suporte como parte do processo de significação dos textos produzidos. Nessa acepção partilha-se da assertiva de Chartier de que "não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor"

[9] Chartier considera que após Gutenberg "toda cultura do Ocidente pode ser considerada uma cultura do impresso" (1990, p. 139). Na mesma linha argumentativa para Darnton (1996, p. 15) a palavra impressa configura-se como "ingrediente do acontecimento" que ajuda a "dar forma aos eventos que registra", uma "força na história". Em complemento, para Certeau (1998, p. 48) a cultura contemporânea é marcada pelas práticas da escrita e da leitura, ambas estabelecem a mediação da realidade, produz-se a vida social como texto e interpreta-se pela "epopeia do olho e da pulsão de ler". Também Peter Burke (2003) sublinha a importância fundamental da invenção da imprensa com tipos móveis por sua contribuição a difusão dos saberes, a interação entre pessoas, e o diálogo entre culturas diversas, possível pela padronização tipográfica de texto e imagem.

(CHARTIER, 1990, p. 127).

Ressalva-se que enfocar a leitura dirigida e prescrita pelo impresso não significa desvelar as leituras efetivamente efetuadas ou afirmar que todos os leitores seguiram os protocolos de leitura inscritos por autores e editores. Reconhece-se que o conhecimento das práticas culturais de leitura permanecerá, provavelmente, "inacessível, pois nenhum arquivo guarda seus vestígios" (CHARTIER, 2001, p. 105).

Evidentemente, não se pode furtar da constatação tomada de empréstimo de Certeau (1998) e da qual Chartier se serve de que o consumo cultural é uma produção, mesmo que "silenciosa, disseminada, anônima" e de que "cada leitor dispõe de uma legitimidade própria, do direito a um julgamento pessoal" (CHARTIER, 1999b, p. 17). Tampouco se abandona a teorização de Certeau (1998) de que a leitura é sempre invenção e produção de significados. Uma "bricolagem" que manipula os sentidos pretensos conforme interesses e regras subjetivas acionadas pelo leitor, uma produção silenciosa que promove "flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectação de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera" (CERTEAU, 1998, p. 49).

Para Chartier (1999b, p. 77) o texto apreendido não mantém, ao menos plenamente, "o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores". O leitor "desloca e subverte" sentidos e intenções, porém o faz obedecendo a certas "limitações, convenções e hábitos" que distinguem modos de ler e de apropriar-se. Ademais a figura do leitor é sempre idealizada pelo autor e pelo editor com o propósito de ser sujeitado a um "sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada" (CHARTIER, 1990, p. 123).

Necessita-se considerar, consequentemente, que a despeito das tentativas de autores e editores de "impor explicitamente maneiras de ler, códigos de leitura", os impressos dependendo de sua circulação, constantemente sofrem "apropriações mal governadas, contrassensos, falhas na relação entre o leitor ideal, mas no limite singular, e de outra parte o público real" (CHARTIER, 2001, p. 245).

Os dispositivos materiais, textuais e tipográficos acionados para efetuar a modelização dos leitores destinatário, desse modo, podem ser subvertidos pelo uso de táticas estabelecendo uma possível distância entre leituras e prescrições. Certeau (1998) evidencia com maestria a complexidade das relações estabelecidas entre a produção de objetos culturais e seus usos cotidianos, refletindo as tensões e violências submetidas ao consumo e as práticas de oposição e enfrentamento. A tática, instrumento dos leitores, joga com o "terreno que lhe

é imposto", é móvel e aproveita as ocasionalidades, utiliza as falhas nos esquemas de vigilância, "aí vai caçar; cria ali surpresas; consegue estar onde ninguém espera" (CERTEAU, 1998, pp. 100 e 101).

Certeau (1998) acreditava na resistência dos mais fracos, nas táticas taciturnas, não conformistas que desafiam autoridades e instituições. Geram escapatórias e desvios a imposição de poder, mobilizam-se frente às estratégias do forte, concebem uma lógica operatória sobre a aparência de passividade. Uma produção "astuciosa, dispersa", que se insinua "ubiquamente, silenciosa e quase invisível" lançando "maneiras de empregar" que subvertem seus usos (CERTEAU, 1998, p. 39). Formam uma tessitura de "antidisciplina", um conjunto de procedimentos cotidianos que "jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam a não ser para alterá-los" (CERTEAU, 1998, p. 41).

As táticas, discorre Certeau (1998, p. 104), definem-se por um conjunto de "gestos hábeis do 'fraco' na ordem estabelecida pelo 'forte', arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos". São ações aleatórias e incontroláveis que agem no interior de uma "imensa rede de coerções" e disciplinamentos. A leitura entendida como tática transgride, trapaceia, insinua "sua inventividade nas brechas de uma ortodoxia cultural" (CERTEAU, 1998, p. 268).

Vale transcrever a bela metáfora utilizada por Certeau (1998, p. 269) para referenciar a atividade dos leitores, compreendidos como "herdeiros dos servos de antigamente" que "trabalham no solo da linguagem", viajantes que "circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram".

No entanto, o reconhecimento da pluralidade e inventividade das formas de ler não inviabiliza a delimitação de uma análise dos dispositivos textuais que "impõem necessariamente ao leitor uma posição relativa à obra, uma inscrição do texto em um repertório de referências e de convenções, uma maneira de ler e compreender" que tendem a reduzir a possibilidade de uma leitura dúbia e imprecisa (CHARTIER, 2001, p. 100).

Não invalida a permanência de uma convicção na cultura contemporânea, questionada por Certeau (1998, p. 261), de que "com mais ou menos resistência, o público é moldado pelo escrito (verbal ou icônico), torna-se semelhante ao que recebe, enfim, deixa-se imprimir pelo texto e como o texto que lhe é imposto". Para o autor "ler é peregrinar por um sistema imposto" (CERTEAU, 1998, p. 263). Ademais, a escrita resiste ao tempo e se multiplica pela reprodução contínua de seu conteúdo congregando um universo incalculável

de leitores.

Detalhadamente esse procedimento tenciona os procedimentos de produção de textos e as tarefas de editoração dos impressos. Para decifrar os textos opera-se a busca de "senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela", instruções que objetivam "definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido". Manifestam-se nos textos por meio de estratégias diversificadas tais como convenções, classificações, técnicas narrativas que compõe "um protocolo de leitura", responsável por aproximar o leitor de uma maneira de ler permitida (CHARTIER, 2001, p. 96-97).

Cruza-se esses direcionamentos com o exame da "disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração", circulação e divulgação, técnicas e instrumentos pertencentes aos modos de impressão e as decisões editoriais. Muito mais influentes do que simples procedimentos estéticos, a organização editorial e tipográfica "pode sugerir leituras diferentes de um mesmo texto", por meio de marcas deixadas no próprio objeto, dos modos de ler almejados (CHARTIER, 2001, p. 97). Nessa mesma linha, considera-se que a imposição de um "sentido 'literal' é o sinal e o efeito de um poder social, de uma elite" (CERTEAU, 1998, p. 267).

Trilhando os mesmos caminhos metodológicos que Roger Chartier, atentou-se para importância do impresso como objeto cultural provido de uma materialidade determinada que constrói e orienta sentidos, modos de ler, apropriações. A encarnação do texto em um suporte carrega "diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos" (CHARTIER, 1999a, p. 18).

Tornam-se chaves para a compreensão dos impressos seu formato, sua encadernação, "a distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários", entre outros aspectos que compõe estratégias editorias e constituem sentidos autorizados para os textos (CHARTIER, 1999b, p. 7). Compromete-se, dessa maneira, em desvelar as implicações dessas formatações nos estratagemas que "editores ou autores exercem sobre essas formas encarregadas de exprimir uma intenção, de governar a recepção, de reprimir a interpretação" (CHARTIER, 1999b, p. 35).

Torna-se fundamental a conceituação da figura do editor e o exame das estratégias empreendidas por ele. Chartier descreve a gênese da sua conformação contemporânea nos anos 1830 quando se erige como "profissão de natureza intelectual e comercial que visa

buscar textos, encontrar autores", "controlar o processo que vai da impressão da obra até a sua distribuição" (CHARTIER, 1999b, p. 50). Atividade conflituosa na qual assumindo uma posição de equivalência intelectual com os autores estabelece sua autoridade por meio de "relações frequentemente difíceis e tensas" (CHARTIER, 1999b, p. 53).

A imposição de sentidos ao texto imputado convencionalmente ao autor olvida a mediação editorial que pode perverter suas intenções e a submissão a um sistema de normas e matrizes que organizam o espaço de produção dos impressos delimitando formas narrativas e modos de escrita (CHARTIER, 1999b).

Aplicado à interpretação das operações editorias ganha relevo o conceito de estratégia construído por Michel de Certeau (1998), sobretudo por permitir esquadrinhar práticas, normatizações, imposições, relações de forças, exercidas por sujeitos que ocupam lugares de poder determinados. As estratégias racionalizam e manipulam formas de dominação, gerem "as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças", consolidam ambiências e postos de imposição de vontades (CERTEAU, 1998, p. 99).

As estratégias capitalizam vantagens, estabelecem "um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo", utilizam práticas "panópticas" para "observar, medir e controlar", dividem e circunscrevem um espaço, um campo de atuação, postulam um poder (CERTEAU, 1998, p. 100). Edificam sistemas e discursos totalizantes, articulam e distribuem forças com o propósito de refrear manifestações de contestação e disputas por posições.

Esse conceito de Certeau (1998) consente a interpretação que a edição de um impresso submete-se ao domínio de interesses econômicos de produção e ampliação de um mercado editorial, ao mesmo tempo em que, obedece a uma política cultural que assenta em um impresso uma "missão", uma transmissão de significações. A conquista de novos leitores associa-se a seleção cultural de um público que se deseja atingir, ofício do editor que é responsável pelo estabelecimento de critérios e escolhas, detentor de prestígio e autoridade necessária para legitimar um impresso.

O editor ao realizar esse repertório de operações articula "estratégias específicas de intervenção cultural" baseado nas representações que possuem do público alvo, da "natureza, da importância, da função e da destinação social" dos saberes contidos nos impressos que serão postos a circular (TOLEDO; CARVALHO, 2007, p. 3).

Essa figura seleciona textos e autores nacionais, dirige a tradução de autores estrangeiros, visa a criação de uma respeitabilidade editorial reconhecida no seu campo de intervenção, interfere incisivamente nas lutas pela imposição de determinadas representações,

ocupa um posto-chave para a condução do processo de produção de legitimidade acadêmica para uma disciplina. Nessa tese, interessa-se em estudar as operações e os modos de organizar o texto para produzir uma leitura adequada, ponto fundamental para compreender os projetos editoriais das revistas (TOLEDO, 2001).

Imbricada ao exame do impresso relatado mantém-se como proposta auxiliar reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e seus discursos. Pressupõe-se que essa ação é constituída pela tensão instaurada "entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades" e as "restrições, as normas, as convenções" condicionadas as posições ocupadas e as relações estabelecidas com as hierarquias sociais (BOURDIEU, 1998).

Considerou-se, desse modo, a pertinência da proposição de Bourdieu e Chartier (2001, p. 235) a respeito do "fato de que os textos, quaisquer que sejam, quando são interrogados não mais somente como textos, transmitem uma informação sobre o seu modo de usar". Importa para análise empregada os formatos e simbologias tipográficas o emprego das maiúsculas, os títulos, os subtítulos etc, como "manifestações de uma intenção de manipular a recepção", "uma maneira de ler o texto que permite saber o que se quer fazer que o leitor faça" (BOURDIEU e CHARTIER, 2001, p. 235).

Em concordância com Bourdieu e Chartier (2001, p. 243) assume-se a validade de investigar as lutas pelo "monopólio da leitura legítima", da atribuição do valor e merecimento de um texto impresso, da imposição de modos de ler, "isto é, o bom modo de apropriação". Pauta-se pela observação cautelosa de signos expressos, do esforço de controlar a recepção. Sob essa ótica, torna-se pressuposto essencial a análise de textos, impressos e documentos como portadores de discursos representativos das relações de poder e legitimidade, estabelecidas entre atores e instituições sociais.

Representações e estratégias e suas relações com contextos macroestruturais

As proposições de Roger Chartier, condizentes com a História Cultural de tradição francesa, fazem irromper novos caminhos na pesquisa histórica pelo incentivo ao exame das relações de força em um período determinado. O autor centraliza seus esforços na tentativa de reconhecer a "aceitação ou rejeição pelos dominados dos princípios inculcados, das

identidades impostas que visam a assegurar e perpetuar seu assujeitamento" (CHARTIER, 2002, p. 95).

Roger Chartier avança na crítica às concepções monolíticas da Cultura, evidenciando que as relações culturais não são peremptórias. Elas são suscetíveis a permanentes apropriações e a incorporação de práticas comuns, cuja intencionalidade se insere na esfera de diferentes intenções e estratégias.

Lynn Hunt (2001) salienta que Chartier reitera a criticidade dos historiadores em relação ao trato com os documentos, revalorizando os fundamentos do método histórico. A autora chega a esta assertiva porque entende que Chartier propõe o estabelecimento de uma "relação triangular entre o texto do modo como é concebido pelo autor, impresso pelo editor e lido (ou ouvido) pelo leitor" (HUNT, 2001, p. 19). Nessa linha de argumentação pode-se depreender que as técnicas de pesquisa, procedimentos críticos e a busca da objetividade são fundamentais para a narrativa histórica, logo, Chartier não deve ser negligenciado o fato de que a escrita da História deve manter uma intenção de verdade, verdade entendia como atestação da realidade fundamentada na explicação conceitual, na prova documental e na escrituralidade (CHARTIER, 2002).

O trabalho com as teorizações de Chartier sobre a pesquisa histórica deve assumir como pressuposto capital a centralidade da noção de representação para o cotejamento da realidade histórica que se deseja apreender nessa tese. Desse modo, ao se percorrer as pistas sugeridas por Chartier (2002, p. 66) parte-se inicialmente da premissa de que "não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias e afrontadas", e ainda, entende-se que tais estratégias evidenciam sentidos simbolicamente atribuídos por indivíduos e grupos ao seu contexto sociocultural. Por essa via, percebe-se quão imperativa deve ser a observação de todas as práticas, sejam econômicas ou culturais relativas à educação física e ao discurso construído sobre ela e por ela. Ademais é preciso pesquisar de que maneira tais representações são utilizadas pelos indivíduos para dar sentido ao seu mundo.

Partilha-se nessa pesquisa da convicção de que "as relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, nem as determinam; elas próprias são campos da prática cultural e da produção cultural" (HUNT, 2001, p. 9). Em outros termos, as estruturas mentais compõem o mundo social e não são determinadas externamente. Desse modo, pode-se afirmar que as próprias representações do mundo social na esfera da Educação Física e seus fundamentos são os componentes da realidade social.

Para Chartier (2002, p. 73) o conceito de representação autoriza identificar e articular três modalidades de estabelecimento de relações entre os sujeitos e o mundo social. Em primeiro lugar, as diferentes classificações e recortes que tecem "configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída" pelos distintos grupos sociais. Posteriormente, as práticas de reconhecimento e identidade social que almejam "significar simbolicamente um estatuto e uma posição". Por fim, "as formas institucionalizadas e objetivadas" que as organizações coletivas ou os indivíduos utilizam para se legitimar frente a determinado grupo social.

Dessa maneira, entende-se que as representações produzem práticas que tendem a imposição de uma autoridade e a legitimação de escolhas inserindo-se no campo dos embates sociais, nesse caso, na construção de propostas modelares para o ensino da Educação Física. Se assim for, as lutas concorrenciais que aspiram ao reconhecimento de suas concepções sobre o mundo social e seu ordenamento por meio de práticas que envolvem a educação do corpo e o pensar sobre ele, evidenciam, confrontos com múltiplos sentidos e significações.

Do ponto de vista dessa pesquisa, as proposições de Chartier (1990) abrem amplas possibilidades de repensar a historicidade das construções simbólicas e das práticas e apropriações estruturadas por elas, em especial no que tange ao estabelecimento de representações e arbitrários sobre modos de conceber a disciplina de Educação Física. Consente pensar a constituição e afirmação das identidades sociais como produto "de uma relação de força entre representações", infligidas pelos detentores do poder, dos sentidos e dos significados apropriados (aceitos ou reinventados pelo próprio grupo ou comunidade), como por exemplo, o controle das significações expostas pelos impressos, objetos e fontes dessa tese, para uma comunidade de leitores.

Claramente, busca-se apreender os confrontos que ordenam e hierarquizam a estrutura social pela ação dos agentes que montam "estratégias simbólicas que determinam posições e relações" constitutivas de processos de construção de poder e legitimidade amplificada pela imprensa periódica especializada. Logo, trata-se de investigar as "formas de dominação simbólica" (CHARTIER, 2002b, p. 75) com as quais os indivíduos ou grupos ligados à editoração da RBCE e da Stadium exercem o monopólio sobre os saberes e práticas validados em um espaço e temporalidade específicos, quais sejam, o campo da Educação Física no Brasil e na Argentina entre 1979 e 1986.

Sem embargo, cabe considerar as imposições do poder do Estado brasileiro e argentino na construção de uma teia de sentidos que interferiram nas regras que regem a

produção textual dos seus intelectuais e propõem a organização de suas práticas. Não se pode ignorar que as divisões e incentivos estatais provocam a criação de uma série de bens simbólicos e oficializam significações emergentes dentro de um espaço social de disputa.

Para Paul Ricoeur (2007) Chartier invoca a dimensão política da ideia de representação ao localizar seus esforços de pesquisa nas formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais instâncias coletivas ou indivíduos singulares "marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da comunidade ou da classe" (CHARTIER, 2002a, p. 78).

A obra de Chartier (2002a, p. 96), longe de apresentar-se como determinista, autoriza a se perspectivar, possíveis inversões de usos dos sentidos dominantes que podem transformar-se "em instrumento de resistência e em afirmação de identidade as representações forjadas para garantir a dependência e a submissão".

As representações do mundo social, embora almejem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam e construídas na "descontinuidade das trajetórias históricas" (CHARTIER, 2002a, p. 68). A apreensão histórica dessas construções relativas aos discursos dos periódicos enfocados nessa tese pode contribuir para elucidação de algumas indagações comuns às pesquisas que se debruçam sobre as questões das significações culturais autorizadas, da construção de legitimidades e das suas apropriações no espaço acadêmico como, por exemplo, no campo da Educação Física.

Nestes termos, endossa-se a necessidade de examinar as tensões estabelecidas entre o lugar de produção e o conteúdo histórico produzido pelos referidos impressos, a definição de sentidos e a sua apropriação como legítimos, autorizados, capazes de orientar as práticas cotidianas dessa disciplina. Permite-se, desse modo, desvelar "discursos naturalizados" que se manifestam na organização das práticas da Educação Física e avaliar as aceitações e possibilidades de resistência a desígnios de instâncias exteriores.

Assim, a problemática do "mundo como representação", moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, pode contribuir para a compreensão de códigos e sentidos apropriados pelos sujeitos e ressignificados no interior do campo da Educação Física, reconhecidamente aceitos como acepções válidas de um saber e fazer em um espaço e tempo social e culturalmente determinados.

Procura-se, assim, rever teorizações cristalizadas que fixaram maneiras de compreender as representações e práticas do campo da Educação Física, no final da década de

1970 e início dos anos 1980, e a conceberam como disciplina sujeita às vontades e desígnios de instâncias exteriores.

Portanto, o trabalho de Chartier possibilita pensar de forma inovadora a construção de uma teia de significações interpostas orientadas a legitimar um sentido valorativo à disciplina de Educação Física, bem como examinar apropriadamente os mecanismos de produção e difusão de objetos impressos, os sujeitos produtores e receptores desses objetos, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e as normas a que se conformam.

Aplica-se a essa tese a valorização da produção de textos, suas regras, convenções e hierarquias insurgentes na Revista Brasileira de Ciências do Esporte e na Revista *Stadium.* Nota-se, por meio das pistas oferecidas por Chartier, que apesar da intenção dos discursos das autoridades fixarem "sentidos" e "significados" considerados corretos sobre a função disciplinar da Educação Física, os sujeitos produzem suas próprias ressiginificações, contribuindo para a reorientação de suas práticas.

Procura-se, desse modo, compreender o processo de legitimação da disciplina supracitada, indagando-se a respeito da constituição do seu estatuto epistemológico e a produção de conhecimentos autorizados em espaços e temporalidades específicas. Sem dúvida, deve-se considerar a interação conflituosa entre recomendações oficiais, teorizações acadêmicas e a movimentação dos atores sociais ora acatando-as ou resistindo a elas, ora reformando-as ou deformando-as.

Exposto o pertencimento historiográfico, as teorias apropriadas e as práticas de investigação aplicadas, seguem a narração das formas de escrita, a distribuição e as textualidades escolhidas. O texto dessa tese foi construído pelo cruzamento das referências técnicas e materiais, sob enfoque analítico e perspectiva histórica, projetando-se o exame das representações acionadas e impondo-se articulações dos objetos eleitos com o exame de realidades complexas.

O discurso modelou-se pelo uso de uma escrita processual e de uma linguagem referencial sustentada por um corpo de citações e saberes tensionados a interpretar e descrever os objetos, seus desvios, particularidades e permanências. Essa produção textual pautou-se pela intenção de combinar sistemas de instauração de sentido, construção de uma cronologia e métodos de seleção a fim de "ordenar uma inteligibilidade" a trama tecida pelo cruzamento do olhar do pesquisador com a documentação histórica permitida pela associação entre narração e formas de verificabilidade (CERTEAU, 1982, p. 100).

Interpelaram-se as fontes a partir de uma "sensibilidade de leitura" voltada a

identificar e organizar sua materialidade, disposição e iconografia, buscar indícios sobre as estratégias editoriais empreendidas e suas intencionalidades, reconhecer as modelizações da leitura e as projeções do público-leitor. A esse procedimento seguiu-se a interpretação e categorização das representações arquitetadas por autores e editores do impresso. Essa ação assentou-se na apreciação de todo o conteúdo veiculado pelas revistas, sua ordenação temática e posterior seleção atentando-se para os objetivos propostos para esse estudo.

O texto foi organizado recorrendo-se as categorias temáticas e históricas descritas que funcionaram como "recortes semânticos" e dividiram a tese. Na introdução empenhou-se em apresentar a problemática do estudo, os objetivos, as justificativas e a motivação para escolha de objetos e fontes, o referencial teórico-metodológico e a formatação do texto. Com o propósito de efetivar e sistematizar os encaminhamentos descritos, no primeiro capítulo da tese centrou-se no exame das políticas e estratégias editoriais utilizadas. No segundo enfocaram-se os aspectos técnicos, visuais e físicos dos suportes materiais escolhidos.

Evidentemente, a descrição das publicações foi direcionada de acordo com interesses e inquietações particulares. No entanto, os procedimentos seguidos foram sustentados nos pressupostos e aportes teóricos considerados aptos ao alcance dos objetivos propostos. Ressalvado esse posicionamento, os impressos foram examinados de forma apurada destacando-se sua estrutura e dispositivos editoriais, seu projeto gráfico e suas características físicas.

No terceiro e último capítulo foram investigadas as representações veiculadas no interior dos impressos examinados. Foram utilizadas como chaves analíticas as construções discursivas que versavam sobre a ciência e a cientificidade atribuída ao campo da Educação Física, as teorias e práticas esportivas e a atuação e formação de professores para a área. Os vestígios encontrados foram identificados, selecionados, classificados, problematizados e comparados com o propósito de desnudar as compreensões particulares dos articuladores desses dois impressos e os modos de sua profusão para uma comunidade de leitores engajados no campo da Educação Física. O texto encerra-se com as considerações finais do autor.

CAPÍTULO I

ESTRATÉGIAS EDITORIAIS: VESTÍGIOS, MODOS DE LER E A IDEALIZAÇÃO DO LEITOR

[...] ler é peregrinar por um sistema imposto.

Michel de Certeau

A partir das linhas de conduta propostas na metodologia investiram-se esforços nesse capítulo em realizar um exame minucioso dos vestígios das leituras autorizadas, das estratégias editoriais acionadas visando identificar a idealização dos leitores realizada e os modos de ler ambicionados. As intenções dos editores arquitetam dispositivos mobilizados com o propósito de fazer circular um conjunto de concepções e saberes edificados em consonância com um projeto cultural de formação do leitor. Esses mecanismos visaram modelizar leituras, corrigir seu percurso no texto, didatizar o manuseio dos impressos.

Ambicionou-se, em complementação, contribuir para a criação de um repertório analítico[10] centrado na estrutura editorial, na descrição e na classificação temática do conteúdo desses periódicos que compõe a imprensa especializada em Educação Física e Esportes. Partindo de uma preocupação com a historicidade desse acervo a apreensão e a catalogação dos dados visou auxiliar futuras investigações em História da Educação e História da Educação Física que tem os impressos como fonte ou objeto de estudo.

Não se deve esquecer, que os periódicos analisados são publicações que circulam em um espaço social singular e destinam-se a uma comunidade específica de leitores. A partir de uma análise preliminar do conteúdo a RBCE pode ser classificada como uma revista científica[11], ainda que, em seus primeiros anos, tenha tido dificuldade em manter a publicação de textos oriundos de pesquisa. A Stadium é considerada uma revista de divulgação científica por reproduzir em sua maioria artigos internacionais já publicados em outros periódicos,

[10] Para mais informações sobre a construção de repertórios analíticos consultar: NÓVOA, António (dir.). **A Imprensa de Educação e Ensino**. Repertório Analítico (Séculos XIX-XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993 e SILVA, Carlos Manique. **Publicações Periódicas do Ministério da Educação -** Repertório Analítico. Porto: Universidade do Porto, 2010.

[11] As revistas científicas podem ser classificadas de acordo com o tipo e ineditismo do conteúdo publicado. Conforme Stumpf (1998) periódicos científicos apresentam pelo menos 50% de seu espaço a artigos assinados, resultantes de atividades de pesquisa. Revistas técnicas dedicam mais de 50% de seu conteúdo a textos assinados que emitem pareceres, opiniões e pontos de vista de especialistas em uma temática específica. Periódicos de divulgação científica destinam a maior parte de seu conteúdo a comunicação de notícias curtas, informes e matéria não assinada.

apesar de mesclar em seu conteúdo textos originais e pareceres de especialistas.

Pode-se afirmar com segurança que as revistas especializadas adquiriram o posto de veículo formal da comunicação científica de maior respeitabilidade e importância. A publicação é uma das formas preferidas para a validação do conhecimento e manutenção da autoridade sobre um campo de pesquisa ou de formação (BOURDIEU, 1983a).

Nesse meio, as revistas se responsabilizam pela comunicação da ciência e funcionam como uma "instância de consagração" de discursos. Servem de filtro seletivo, "aplicam sanções e exigências do campo científico", autorizam e valoram pesquisas e argumentações, "garantem a memória da ciência", "legitimam novos campos de estudos e disciplinas", atribuem "visibilidade e prestígio a pesquisadores" (GRUSZYNSKI, GOLIN E CASTEDO, 2008, p. 4).

Os periódicos especializados expressam parte significativa da produção dos campos de estudo, criam sistemas de julgamento e imputação de valor, ajudam a animar as lutas pelo monopólio da autoridade, da competência científica. Nesse jogo concorrencial a publicação em um periódico reconhecido torna-se uma forma capital de exercício de poder, de alargamento da reputação e de domínio, de modo ratificado e aceito pelos próprios pares que compõe o campo.

A comunicação científica é essencial para a continuidade e sucessividade de um campo de pesquisa. As revistas são o veículo privilegiado para a divulgação de informações e para a construção de sistemas e serviços de referência, constituem o "arquivo" da ciência (STUMPF, 1998). Essa função de memória e acervo da informação científica exercida pelos periódicos permite a preservação e documentação do conhecimento.

Os periódicos registram a produção intelectual de um campo e estimulam a circulação do conhecimento tendo como diferenciais o alcance geográfico, a continuidade da coleção, a confiabilidade e a certificação que inspiram. Para Mariana Rocha Biojone as revistas são os "principais instrumentos de difusão científica", capazes de registrar e legitimar os resultados de pesquisa (2001, p. 24).

Além da classificação prévia como revistas científicas, o conteúdo das revistas pode ser tipificado como editorial, autorreferencial e publicitário (COLLARO, 2007). O conteúdo editorial consiste nos artigos, crônicas, críticas, entrevistas ou outros gêneros jornalísticos que compõe o corpo da revista, a caracterizam e a identificam, são a motivação para sua aquisição, para a formação de uma comunidade de leitores. Esse corpo de texto foi analisado detidamente no segundo capítulo dessa tese. O conteúdo autorreferencial organiza e estrutura

o periódico, apresenta o quadro responsável pela edição e impressão, exibe aspectos da produção e informações técnicas, junto à análise da materialidade dos impressos e do projeto gráfico constituem o mote desse capítulo inicial.

Orientando-se pelas proposições dos autores citados, especialistas na editoração de revistas, procurou-se montar um roteiro para exposição do texto. Dessa forma, foram avaliados o planejamento editorial e os dispositivos editoriais[12]. Para o planejamento editorial foram observados os locais de produção dos impressos, a composição do corpo editorial, as parcerias e patrocínios estabelecidos, as seções constituídas e a política editorial. Mapearam-se também as prescrições bibliográficas efetuadas e construiu-se uma série de temários listando os conteúdos das seções publicadas nas revistas.

Os dispositivos editoriais consistem em mecanismos de controle que configuram um protocolo de leitura, uma forma de conduzir e orientar o leitor. Expressam no texto a ordenação desejada pelos editores. Observando-se essa intenção foram examinados índices, sumários, a paginação, o controle do ritmo da publicação e demais orientações explícitas destinadas a leitores e autores.

Com a finalidade de situar o leitor na produção das revistas no período analisado listou-se e classificou-se seu conteúdo, construindo-se quadros, tabelas e temários. Os dados foram levantados diretamente das fontes e as categorizações tiveram como critério a preponderância temática. Procurou-se organizar três grandes eixos que contemplassem a diversidade que compunha o campo da Educação Física no período abordado e que foi referendada pelos impressos examinados seguido da sua pormenorização em categorias descritivas. Muito embora muitos temas não pudessem ser enquadrados nesses eixos centrais, foram criadas categorias específicas para abordá-los. Os eixos delimitados foram Teorias e Práticas sobre o Esporte, Atuação e Formação de Professores para a Educação Física Escolar, Conhecimentos e Procedimentos relacionados à Atividade Física e a Saúde.

O primeiro eixo, Teorias e Práticas sobre o Esporte, foi subdivido nas categorias Esportes (estudos direcionados a debater a iniciação, fundamentos básicos, aspectos técnicos e táticos, regras, arbitragem, organização e formas de prática e competição dos esportes coletivos e individuais), Treinamento Esportivo (temas focados na melhoria do desempenho e no controle de resultados esportivos), Psicologia do Esporte (diferentes enfoques das teorias psicológicas aplicadas ao Esporte), Medicina do Esporte (textos centrados na produção e divulgação de conhecimentos sobre avaliação funcional direcionada ao esporte de rendimento,

[12] Em complemento no capítulo seguinte foram focados o projeto gráfico e a circulação do impresso.

caracterização e formas de tratamento de lesões provocadas pelo esporte competitivo, reabilitação e fisiologia do exercício aplicada ao esporte de alto nível) e Sociologia do Esporte (textos que objetivam a descrição, análise e interpretação do fenômeno esportivo a partir da ótica das teorias sociológicas).

O segundo eixo intitulado Atuação e Formação de Professores para a Educação Física Escolar foi composto pelas categorias Educação Física Escolar (pesquisas focadas na Educação Física como disciplina curricular e prática pedagógica inserida na educação escolar) e Formação de Professores (textos voltados a discussão de modelos, identidades, saberes e tendências para a formação de professores em Educação Física).

O terceiro eixo, Conhecimentos e Procedimentos relacionados à Atividade Física e a Saúde, foi arranjado com as seguintes categorias Antropometria (estudos baseados na mensuração e análise das variações dimensionais do corpo humano), Aptidão Física (análise da capacidade corporal relacionada à saúde e ao desempenho esportivo, envolve a realização de testes e levantamentos sobre a flexibilidade, a resistência aeróbica, força, agilidade, velocidade, equilíbrio, entre outros) e Atividade Física e Saúde (estudos e propostas que estabelecem uma relação com o efeito da atividade física sobre a saúde).

As categorias não inclusas em um eixo por sua especificidade foram História da Educação Física e do Esporte (estudos focados na preservação da memória que tem os métodos e proposições da história como mediadores, se propõem a investigar a gênese e o desenvolvimento dessas temáticas em temporalidades diversas), Formação Profissional (textos centrados na relação estabelecida entre a formação e a inserção profissional), Lazer e Recreação (objetiva compreender e atuar na composição das ocupações e divertimentos realizados no tempo livre), Educação Física Adaptada (Teorias, classificações e formas de atuação envolvendo sujeitos com algum tipo de deficiência engajados em atividades relacionadas ao campo da Educação Física e dos Esportes), Desenvolvimento Motor (Teorizações e prescrições relacionadas ao crescimento, desenvolvimento e maturação motora), Métodos e Técnicas de Pesquisa (textos que apontam para a metodologia e as técnicas de produção e divulgação de conhecimento científico na área de Educação Física e Esporte), Dança, Ginástica e Biomecânica (aplicação de conceitos da mecânica direcionados a compreensão e a intervenção nas ações motoras humanas).

Para analisar e comparar esses elementos optou-se por respeitar a organização em volumes da RBCE e em anos da Stadium efetuando a descrição de ambas a partir dessas unidades. Assim, para o exame foi considerado essa disposição, atentando-se para as

modificações que foram efetuadas e para as peculiaridades que distinguem os dois projetos.

1.1. Planejamento Editorial

1.1.1. Ambiências históricas de autores e editores dos impressos

Os anos setenta e início dos oitenta do século XX, período no qual foram editados os números analisado dos dois impressos que serviram como fonte e objeto dessa tese, foram pontuados pela ocorrência de regimes de exceção com características autoritárias e repressivas. No Brasil e na Argentina os governos democráticos foram destituídos por setores conservadores que cobiçavam o poder, ansiavam por eliminar seus opositores e amainar as resistências.

O golpe de Estado que deu origem no território brasileiro a uma ditadura civil-militar foi executado em meados de 1964. Esse golpe foi resultado de um arranjo que ambicionou a conquista do poder formado por interesses e temores de três grupos: a burguesia industrial associada ao capital internacional, os responsáveis pela política externa estadunidense do pós Segunda Guerra e os militares engajados no projeto de "utopia autoritária" (FICO, 2004). Esse movimento civil-militar teve o objetivo declarado de formar uma espécie de coligação "internacional-modernizadora" capaz de, a um só tempo, concretizar uma reforma conservadora e minar a ameaça comunista (SILVA, 1990).

Nesse campo, a apropriação do Estado assentou-se sobre a já iniciada associação entre o capital nacional e o internacional, ajustada aos parâmetros de estabilização financeira preconizados pelas agências multilaterais, sobretudo o Fundo Monetário Internacional (FMI). Dessa maneira, pressionava-se a burguesia industrial nacional e o Estado dependente dessas relações a um constante endurecimento, uma vez que receitas recessivas exigiam "capacidade de negar concessões às massas trabalhadoras" e conduzi-las a digerir "medidas compressoras do nível de vida" (GORENDER, 1987, p. 42).

A "utopia autoritária" mobilizou amplos setores das Forças Armadas Nacionais em torno da inserção do país no campo da "democracia ocidental cristã". Tal empreendimento tinha como premissa básica a eliminação de todas as formas de dissenso, destacando-se o combate ao comunismo e à corrupção. Nessa esfera, assumiu características repressoras que podem ser resumidas de acordo com Ronaldo Costa Couto (1995, p. 41) como um "autoritarismo militar" centrado em promover a "redução ou supressão de direitos constitucionais, a repressão policial, a censura à imprensa, o controle casuístico do processo

político, o esvaziamento do Poder Legislativo, a limitação do Judiciário e o domínio arbitrário do Poder Executivo".

De modo semelhante à Argentina sofreu também um golpe de Estado no ano de 1976[13]. Sob o mote de acabar com a corrupção e com a ameaça comunista conjugaram-se interesses e ambições de militares e empresários com o propósito de assaltar o governo e estabelecer uma ditadura civil-militar. Desejavam impor ao país reformas de inspiração liberal que estavam sendo difundidas por organismos internacionais como o FMI para a América Latina.

Esse movimento que tomou o poder autodenominou-se "Proceso de Reorganización Nacional". Pautou-se pela prescrição de uma intensa repressão alicerçada pela detenção, tortura, exílio e extermínio de seus opositores. Seus analistas taxaram suas ações como "Terrorismo de Estado" por serem abalizadas pela imposição do poder via violência sem respeito algum aos direitos humanos. Estima-se que o saldo de sua atuação seja de 30.000 mortos (ROMERO, 1994; BEIREID, 1996; CALVEIRO, 2001).

Para Lorenz e Adamoli (2010, p. 26) a última ditadura militar argentina estendeu "la violencia política ejercida desde el Estado contra todo actor que fuera considerado una amenaza" a toda a população causando a "diseminación del terror en todo el cuerpo social". Corroborando essa assertiva Pilar Calveiro (2001, p. 31) afirma que a política repressiva adotada caracterizou-se como "una cruel pedagogía que tenía a toda la sociedad como destinataria de un único mensaje: el miedo, la parálisis y la ruptura del lazo social".

Equivalendo-se ao formato brasileiro a Argentina também adotou políticas econômicas identificadas com o liberalismo que tiveram consequências catastróficas. A reforma da estrutura econômica causou a desarticulação da pequena e média indústria e favoreceu os setores agropecuários exportadores e os grandes grupos econômicos, sobretudo os relacionados ao campo financeiro (ROMERO, 1994).

A concentração da riqueza levou a população a perder o padrão de vida, o salário real sofreu um decréscimo vertiginoso enquanto a inflação explodiu. Nesse contexto, conjugou-se uma política repressora voltada a acabar com as resistências de sindicatos, organizações de esquerda e outros setores progressistas e um modelo econômico antipopular que enfraqueceu a indústria nacional e piorou as condições de vida dos trabalhadores (LUNA, 1995).

Os governos militares tiveram desfechos distintos nos dois países. No Brasil as

[13] Ressalta-se que entre 1930 e 1983 a presença das forças armadas na configuração política foi uma constante. Sucessivos golpes e intervenções foram realizados tornando o "Estado de exceção uma regra da vida política" desse país (BEIREID, 1996, p. 62).

pressões populares levaram o último general-presidente, João Batista Figueiredo (1979-1984), acelerar as transformações institucionais em direção à abertura, conceder anistia política e alterar a legislação, possibilitando maior liberdade à organização partidária. Com essa nova configuração os partidos uniram-se à Igreja e a órgãos de classe e organizaram uma campanha política por eleições presidenciais diretas, conhecida como "Diretas Já".

A empreitada conseguiu apoio popular e levou às ruas milhares de pessoas. Entretanto, o congresso conseguiu uma última manobra de contenção da oposição e acabou por aprovar eleições indiretas. Todavia, a oposição conseguiu rearticular-se em torno da candidatura vitoriosa de Tancredo Neves e José Sarney. Com a morte de Tancredo Neves, José Sarney foi empossado presidente da Nova República.

O fim da ditadura civil-militar argentina foi provocado pela malgrada empreitada iniciada em 1982 que deu origem a Guerra das Malvinas. O governo militar aspirando o apoio popular necessário para ampliar sua longevidade lançou-se em uma disputa contra o Reino Unido pelo controle das ilhas. O fracasso das tropas argentinas, com a morte de aproximadamente 600 jovens soldados ocasionou uma fissura irreversível na imagem já desgastada dos governos militares levando-os a convocar eleições democráticas em 1983 (BEIREID, 1996).

Raúl Alfonsín foi eleito presidente e exerceu seu mandato de 1983 a 1989. Apesar das dificuldades econômicas e sociais enfrentadas o governo de Alfonsín foi reconhecido por sua contribuição à plena vigência das instituições e dos direitos democráticos e das garantias constitucionais. Além disso, fomentou o julgamento dos principais responsáveis pelas violações aos direitos humanos durante os governos militares (LUNA, 1995).

As ações dos governos militares instituídos no Brasil e na Argentina, no campo educacional pautaram-se pela tentativa de associar controle político e disciplinar a um projeto considerado por eles modernizador. Nos dois países, as políticas públicas de educação e os regulamentos das universidades foram alvos de reformulações que visaram atender uma série de demandas como, por exemplo, a formação de professores, o fomento e a constituição da pesquisa e da pós-graduação e a reestruturação dos currículos escolares.

Respeitadas as diferenças entre os processos históricos locais e suas respectivas temporalidades, os governos militares no Brasil e na Argentina apresentaram similaridades no que tange ao trato das questões educacionais (FICO, 2004; SILVA, 1990; NOVARO e PALERMO, 2003). O projeto argentino alternou-se entre a atualização de propostas e sistemas de ensino, a inculcação de valores nacionalistas cristãos e a tentativa de aliar

conteúdos de ensino científico e tecnológico às regulamentações nacionalistas baseados na tradição hispânica como forma de enfrentar "tendências sociais desintegradoras" (PINEAU, 2006).

De forma análoga, no Brasil foram acionadas reformas educacionais endereçadas a sofisticar a formação de recursos humanos para atender as demandas do crescente processo de industrialização que havia sido instituído, porém sem descuidar da função de disciplinarização que então lhe fora atribuída. Sem dúvida, o sistema educativo e seus conteúdos disciplinares foram reconfigurados nos dois países em função da "crença nos ritos escolares como meios eficazes de naturalizar significados e controlar comportamentos" (ALONSO, 2003, p. 33; GERMANO, 2005).

A análise historiográfica brasileira, convencionalmente, considera que a disciplina de Educação Física mereceu atenção especial por sua pretensa facilidade de conduzir o alunado a uma conduta passiva e solidária frente às orientações dos idealizadores das reformas promovidas pelos governos militares (CASTELLANI, 1991; OLIVEIRA, 1994; PELEGRINI, 2008). Avalia-se, segundo essa interpretação, que o modelo oficialmente adotado para a Educação Física escolar foi reorientado a incorporar os contornos e intenções do campo esportivo, sobretudo, pelo consenso estabelecido em torno da sua capacidade de "conformar o cidadão, no sentido mesmo da sua disciplinarização e adaptação social" (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001, p. 135).

De modo semelhante, a Educação Física na Argentina também foi chamada a compelir comportamentos transgressores e transmitir por meio da imposição de uma educação corporal, baseada nos sentidos e práticas do mundo esportivo (considerado modelo de modernidade e comportamento), acepções e condutas sadias identificadas com os propósitos dos regimes militares. Os historiadores consideram que nos dois países esse processo contribuiu para transformar os modos e os sentidos de conceber a disciplina de Educação Física (CRISÓRIO, 2007; TABORDA DE OLIVEIRA, 2001; PELEGRINI, 2008).

Nessa conjuntura conflituosa concebeu-se e desdobraram-se representações e intencionalidades diversas que orientaram as produções e as intervenções de autores e editores dos impressos no campo da Educação Física. Sublinha-se que manifestações de apoio e de resistência intercalaram-se nas lutas por imprimir sentido e legitimidade a essa área de atuação.

1.1.2. Locais de produção: o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e a Editora Stadium

Os locais de produção dos impressos analisados têm em comum a importância para o desenvolvimento da Educação Física e dos esportes, a missão de produzir e veicular conhecimentos específicos e o fato de se caracterizam como entidades não governamentais. Os contextos apesar da similaridade das formas autoritárias de governo comandadas por militares se distinguem nos encaminhamentos dados a conformação da disciplina de Educação Física.

No Brasil o campo da Educação Física recebeu atenção e investimentos significativos, incluindo a implantação de formas de fomento a pesquisa, a formação especializada e a criação da pós-graduação. Na Argentina os investimentos em pesquisa e formação nessa área específica não foram satisfatórios e o país não expandiu, nem qualificou sua formação adequadamente.

As disposições oficiais levaram a um impulso e expansão significativos dos cursos de Educação Física na década de 1970 no Brasil, sobretudo, os organizados pela iniciativa privada que vislumbravam no alargamento da demanda por professores a criação de um mercado expressivo que significaria um acréscimo significativo nos lucros. Frisa-se, que as universidades públicas receberam investimentos e expandiram o número de cursos e o número de matrícula num ritmo bem mais lento, porém existente (CUNHA, 2007).

Na Argentina o sistema universitário sofreu uma retração e uma retirada de investimentos do setor público[14]. Ocorreu uma redução da matrícula nas universidades públicas e um crescimento acelerado das vagas no setor privado, sobretudo direcionado a uma formação não universitária (RODRÍGUEZ; SOPRANO, 2012). As universidades públicas foram sufocadas por cortes nos orçamentos e intervenções. As atividades de pesquisa foram solapadas por reduções nos financiamentos e pelo êxodo de professores e cientistas (BUCHBINDER, 2005).

A formação em nível superior de professores de Educação Física no país tradicionalmente era realizada em institutos de educação terciária denominados Institutos

[14] Na Argentina os governos democráticos foram interrompidos por golpes de Estado em três momentos desde os anos sessenta do século XX: entre 1962 e1963, entre 1966 e 1973 e entre 1976 e 1983. Essas conturbações afetaram a organização e o desenvolvimento das universidades argentinas. Para maiores informações consultar KAUFMANN C. (org.). **Dictadura y Educación**. Depuraciones y vigilancia en las universidades nacionales. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2003 e BUCHBINDER, P. **Historia de las Universidades Argentinas**. Buenos Aires: Sudamericana, 2005.

Nacionales de Educación Física (INEF) (desde a primeira década do século XX) e destinada a desenvolver "quadros docentes especializados para cobrir os requerimentos do sistema escolar" (CARBALLO, 2010, p. 48).

O estabelecimento de cursos universitários de Educação Física foi tardio, sendo iniciado apenas nos anos 50 (séc. XX). As primeiras graduações desse gênero foram criadas na Universidad Nacional de Tucumán e na Universidad Nacional de La Plata em 1953[15]. Esta opção de formação foi minoritária quando comparada a escolha dos institutos de formação superior não universitária. Em pesquisa realizada em 1997, Daniel Pallarola (2001) constatou que somente 6% dos professores de Educação Física detinham um título universitário. Essa distinção acabou por prejudicar o fortalecimento de um campo acadêmico nessa área, uma vez que, a formação acadêmica, a pesquisa e a pós-graduação estão estreitamente vinculadas ao sistema universitário nacional público e a agências de fomento e de regulação adjacentes.

Os currículos brasileiros de formação de professores foram reformados, acentuaram a formação esportiva e dispensaram pouca atenção aos conteúdos pedagógicos pautando-se pelo objetivo de auxiliar o desenvolvimento esportivo nacional, cultivando mão de obra especializada capaz de contribuir para a formação e para o aprimoramento de atletas de alto rendimento. Na Argentina ocorreu um processo semelhante com a inflexão de uma formação desportiva direcionada a melhoria da saúde e do rendimento atlético da população. Essa proposição buscou nas Ciências Naturais, especialmente na Fisiologia, os aportes teóricos que lhe deram sustentação (AISENSTEIN, 1995).

De forma peculiar, a proposta de expansão da Educação Física brasileira contemplou, também, a pós-graduação. Por meio da Portaria 168, promulgada em 1975 a Divisão de Educação Física e Desportos (DED) do Ministério da Educação e Cultura (MEC) instituiu um Grupo de Consultoria Externa (GCE) com o desígnio de analisar a situação do ensino e pesquisa em Educação Física e propor medidas para implantação da pós-graduação na área.

Como resultado do seu trabalho o GCE publicou um relatório oficial intitulado "Modelo de Pós-graduação em Educação Física e Estratégia de Implantação" que tinha como diretrizes inserir a área de Educação Física na Política Nacional de Educação, incentivando a estruturação da pós-graduação. Semelhante às diretrizes nacionais já incorporadas por outras áreas atendidas pela iniciativa governamental, o grupo propôs a titulação de professores brasileiros atuantes no magistério superior de Educação Física em cursos de mestrado e

[15] Ressalta-se que esses cursos foram fundados nas faculdades de humanidades dessas universidades diferenciando-se parcialmente da tradição técnica e pragmática preponderante nos institutos terciários. Em conjunto com o ensino de técnicas esportivas e das ginásticas eram contemplados conteúdos pedagógicos e científicos ligados a uma formação humanística centrada na formação de professores (VILLA, 2007).

doutorado no exterior e sugeriu que fossem contratados especialistas estrangeiros para assessorar a implantação de Programas de Pós-graduação nacionais financiados pela CAPES (PELEGRINI, 2008).

A concepção de ciência e prática de pesquisa endossada pelo CGE para a área fundamentava-se nos preceitos das ciências naturais, em especial da Biologia e limitou seus interesses ao controle dos parâmetros fisiológicos e biomecânicos do movimento humano. Acreditava-se que a capacitação dos docentes e o investimento em pesquisa poderiam influir na elevação do nível de formações dos professores egressos dos cursos de licenciatura, e consequentemente melhorando os resultados e as condições de ensino nas escolas (BELTRAMI, 2006).

Sob esses pretextos, fundaram-se os três primeiros programas de mestrado em Educação Física no Brasil: na Universidade de São Paulo (1977), na Universidade Federal de Santa Maria (1979) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980). Os três mestrados tiveram objetivos e formatos de organização semelhantes. Suas pesquisas expressaram concepções de ciência semelhantes.

Em síntese, predominou nesse período de implantação da pós-graduação uma concepção biologicista da Educação Física e dos esportes preocupada exclusivamente com a melhoria da performance e o suporte ao alto rendimento. Entretanto, como bem o lembra Rossana Valéria de Souza e Silva (1997, p. 72) deve-se considerar a presença de outras tendências minoritárias como as "concepções-biopsicológicas, populares e do Esporte para Todos".

A Educação Física na Argentina apesar de não receber investimentos na pós-graduação sustentou acepções análogas. A compreensão do esporte como conteúdo central de ensino, do corpo como uma entidade exclusivamente orgânica "desprovida de dimensões culturais e subjetivas", a seletividade e a obsessão pela eficiência do movimento e pela obtenção de resultados foram crenças partilhadas entre os dois países (CRISORIO, 2010). Além disso, as práticas escolares da disciplina reduziram-se ao treinamento esportivo destinado a seleção de equipes para competições em diferentes níveis amadores, preparação para uma futura profissionalização.

Para Carlos Carballo (2010, p. 44) a Educação Física na Argentina transformou seus conteúdos tradicionais em "subsídios para o esporte", a ginástica transmutou-se em preparação física e o jogo foi reduzido a "uma introdução simplificada da prática esportiva".

O esporte foi eleito como conteúdo privilegiado para incutir “utilidade, eficácia, rendimento e competência” nas aulas de Educação Física (SCHARAGRODSKY, 2004, p. 86).

A absolutização do esporte como fenômeno mundial, aliada à preocupação governamental com a extensão da prática esportiva para a maioria da população, encorpou as reivindicações dos agentes que compunham o campo da Educação Física no Brasil e na Argentina. Foram encetadas políticas governamentais para a Educação Física brasileira que visavam à melhoria do perfil acadêmico e profissional do professor de Educação Física. Iniciativa oficial ansiada e acompanhada por uma mobilização favorável, por parte dos professores e intelectuais da Educação Física que aspiravam maior legitimidade e reconhecimento (BELTRAMI, 2006; PELEGRINI, 2008; TABORDA DE OLIVEIRA, 2001). Na Argentina apesar da incorporação dos mesmos princípios teóricos para a Educação Física, sua reorientação temática não foi acompanhada de investimentos estatais apropriados. A subordinação da Educação Física as exigências do esporte competitivo não foi premiada pelo Estado Argentino com melhores condições de formação e apoio a pesquisa.

Pode-se creditar a uma conjunção de interesses entre a política estatal brasileira e a corporação de pesquisadores, profissionais e professores de Educação Física a efetivação dessas políticas de especialização, formação, qualificação e valorização dos profissionais de Educação Física. Nesses termos, sublinha-se que a maior parte do que foi sistematizado pela norma legal constava como demanda e reivindicação dos especialistas em Educação Física. Afirma-se que foi a partir do consentimento e participação dos diversos sujeitos envolvidos que as políticas oficiais tiveram condições de consolidar-se.

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) foi constituído nessa conjuntura e participou ativamente dessas ações. O CBCE tem a particularidade de ter sido criado como uma instituição acadêmica, sem fins comerciais, que congrega pesquisadores e profissionais da área. De acordo com Paiva (1994) e Damasceno (2011) os criadores do CBCE reuniram-se para discutir sua invenção no dia 17 de setembro de 1978, em São Paulo. Entretanto, só registraram seu desejo em uma Ata de Fundação no dia 02 de novembro de 1978, por meio da realização de uma Assembleia Geral Extraordinária na cidade de Londrina que determinou as principais prerrogativas e as proposições que nortearam a sua expansão.

Nesta data realizou-se a II Jornada de Medicina Desportiva e Treinamento de Londrina, ocasião que congregou os sócio-fundadores do CBCE, Victor Keihan Rodrigues Matsudo; Claudio Gil Soares de Araujo; Sandra Mara Cavasini; Paulo Sérgio Chagas Gomes; Plínio Montemor; Lilian Nascimento Montemor; João Batista Freire da Silva; Silvana

Venâncio Freire; Laércio Elias Pereira; Emédio Bonjardim; João Bosco da Silva; Elisabeth Marco da Silva; Alberto dos Santos Puga Barbosa; Sandra Maria Perez; Jesus Soares; Sandra Caldeira; Maria Beatriz Rocha Ferreira; Leda Maria Moral; Madalena Sessa; Anselmo José Perez; Marco Antonio Vívolo; Sônia Cazelati; Maria de Fátima da Silva Duarte; Carlos Roberto Duarte; João Batista Santana; Dartagnan Pinto Guedes (CBCEa, 1978).

Nesse encontro foi realizada uma exposição de motivos e um histórico da situação das Ciências do Esporte no Brasil como justificativas para sua fundação. Os participantes inferiram que a organização dessa área de conhecimento era ainda incipiente e precária, e que o maior empecilho para o seu desenvolvimento era a "a falta de reflexão do profissional em Educação Física sobre a pesquisa na área de ciências do esporte" (CBCEa, 1978). Nesse contexto, a criação do CBCE foi evocada "como solução para os problemas levantados" e elegeu-se sua função: "o incentivo à investigação cientifica" (CBCEa, 1978).

O CBCE, de acordo com seu primeiro Estatuto, aprovado no ano de sua fundação, caracterizou-se como "entidade civil, sem fins lucrativos" que congregava profissionais e estudantes interessados nas discussões e questionamentos a respeito das Ciências do Esporte e da atividade física (CBCEb, 1978). O CBCE surgiu em um momento histórico propício, em meio à constatação de pesquisadores, profissionais e professores da necessidade de promover o avanço acadêmico, técnico e científico da área, ao mesmo tempo em que a política de modernização do ensino e da pesquisa edificada pelos governos militares fomentou e distribuiu recursos para a formação de pesquisadores e para construção de laboratórios especializados.

Estrategicamente os dirigentes do CBCE aproveitaram o momento favorável e assumiram uma postura coesa com as vozes oficiais. Posicionaram-se aparentemente de forma "neutra", sem demonstrar "credo político ou religioso", estabelecendo práticas "sem" "conotação política", sem "partido, credo ou cor" (CBCEb, 1978). Apesar dessa postura declarada foram notáveis as relações que a direção do CBCE estabeleceu com alguns órgãos governamentais e sua adesão à política esportiva ambicionada. O CBCE foi gestado, não por acaso, no momento em que a pesquisa, a formação de professores, a Pós-Graduação e a disciplina escolar, Educação Física, estavam recebendo apoio oficial, afiançado pela concepção de incrementar o desenvolvimento esportivo nacional.

Notadamente, as ações dos governos militares contemplaram os anseios de uma parte significativa dos professores e profissionais ligados à disciplina, incluídos os fundadores do CBCE. O oferecimento de um suporte oficial para incentivar e institucionalizar a pesquisa

científica na área de Educação Física e Esportes na década de 1970 é um exemplo desse alinhamento.

Nesse contexto, a política nacional de ciência e tecnologia para a área de Educação Física, visou à consolidação de um processo de esportivização dos pressupostos teóricos, com consequente instrumentalização de suas práticas em conformidade com as aspirações do sistema esportivo nacional atendendo as reivindicações de pesquisadores, profissionais e professores (BRACHT, 1993).

O amparo governamental foi manifesto pelo envio de grande número de professores para cursar pós-graduação no exterior (predominantemente nos Estados Unidos da América), pelo estabelecimento de convênios e intercâmbios com centros de pesquisas internacionais, pela criação e implantação de cursos de pós-graduação e pela fundação de laboratórios de pesquisa especializados em fisiologia do esforço e cineantropometria (PALAFOX, 1990; SOUZA e SILVA, 1990).

Sem dúvidas, esses empreendimentos expressavam um entendimento limitado das possibilidades da Educação Física e dos aportes teóricos que seriam adequados, reduzindo-se a concepções fundamentadas em aspectos biomecânicos e fisiológicos, e na adoção do modelo esportivo como conteúdo e propósito da Educação Física. Para Bracht (1999, p. 72) as preocupações giravam em torno do "aumento do rendimento atlético-esportivo, com o registro de recordes", esses resultados seriam operacionalizados por uma "intervenção científico-racional sobre o corpo", envolvendo pesquisas e intervenções em características biológicas, condutas e comportamentos.

O esporte, objeto de pesquisa e conteúdo de ensino, seria legitimado pelo desenvolvimento da aptidão física para a saúde, pelo incentivo à massificação esportiva, a detecção de novos talentos e "a conformar o cidadão, no sentido mesmo da sua disciplinarização e adaptação social" (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001, p. 135).

Essa vertente, majoritária a sua época, manifestou afinidade com a política adotada pelos governos militares para a área pelo atendimento aos seus reclames de elevação do status institucional da Educação Física, o reconhecimento de sua relevância social, o fomento a pesquisa na área e a liberação de maiores recursos à formação de professores e pesquisadores. A política oficial proporcionou às condições indispensáveis a busca por prestígio acadêmico e institucional para a disciplina de Educação Física que integrava as preocupações dos membros do CBCE e era uma das suas motivações centrais.

Cabe lembrar, que a Educação Física brasileira foi pensada pelos governos militares como parte integrante de uma educação moralizadora e conformadora, capaz de agir sobre o corpo social com uma função saneadora[16]. A disciplina foi idealizada como um instrumento para impor "uma conduta passiva, otimista e solidária dos sujeitos individuais e coletivos" as propostas de reformas e as ordenações autoritárias (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001, p. 161). A disciplina tornou-se, então, obrigatória em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior.

Os reformadores vislumbraram na obrigatoriedade da Educação Física a extensão, a todo alunado, de um corpo de saberes e práticas pragmáticas e disciplinadoras que poderia contribuir com a necessidade de controlar e conter manifestações de descontentamento e resistência, e, ao mesmo tempo, ampliar a aceitação estudantil as ações do governo autoritário (CASTELLANI, 1991; PELEGRINI, 2008).

Nesse contexto, a entidade escolheu como objetivo promover e incrementar a pesquisa na área de Ciências do Esporte. Sua proposta foi veicular e estimular a produção do conhecimento pela publicação de um periódico especializado, a Revista Brasileira das Ciências do Esporte, organizar reuniões científicas, determinar índices de aptidão física nas áreas biológica, psicológica e social da população brasileira, zelar pela manutenção de um elevado padrão de ética na área de Ciências do Esporte, além de efetuar intercâmbio com outras organizações similares para atualização e troca de conhecimentos. Essas proposições foram esclarecidas no artigo 3º do Estatuto que determinou as formas de intervenção abalizadas pela entidade:

> O CBCE procurará alcançar o objetivo mencionado no artigo anterior mediante: a) realizações de congressos, simpósios, jornadas e cursos a nível local, regional e nacional; b) edição de uma revista e outras publicações; c) criação de Secretaria Regionais, de acordo com os interesses científico e educacional; d) incentivo, credenciamento e reconhecimento do estágio para formação de pesquisadores em ciência do esporte; e) estabelecimento e manutenção de um centro de informática atualizado em ciências do esporte; e, f) colaboração e intercâmbio com entidades nacionais e internacionais de caráter similar (CBCEb, 1978).

O CBCE, sob essa ótica, ambicionou funcionar como um espaço privilegiado, autorizado a legitimar sentidos e definições sobre a Educação Física e o esporte. Nascido em

[16] Anteriormente a disciplina também sofreu uma ingerência semelhante no Estado Novo (1937-1945). Nesse período sob a influência do movimento higienista a Educação Física foi convocada a melhorar a aptidão física e a saúde e cultivar a moral dos trabalhadores. Para mais informações consultar Castellani (1988), Pagni (1994) e Gois (2000).

meio a posturas, não raro, conflituosas, esse grupo de pesquisadores concentrou-se na investigação de dois grandes temas, a fisiologia do esforço e a antropometria. Fernanda Paiva (1994) avalia que a criação do CBCE foi estimulada, também, pela ruptura com os preceitos e a falta de prestígio de parte dos seus fundadores com seu antigo fórum de discussões, a Federação Brasileira de Medicina Desportiva (FBMD), ocorrido em meados da década de 1970.

A fundação do CBCE, de certo modo, efetivou-se mediante o acirramento dos desacordos e desafetos surgidos dentro da FMDB, principalmente no que tange ao peso político e a participação dos professores de Educação Física em processos decisórios e administrativos nas áreas de pesquisa referentes à medicina desportiva. Entretanto, essa dissidência manifestou-se mais na ordem política interna do que na concepção dos encaminhamentos que deveriam ser dados a pesquisa científica na área. Essa cisão buscou, sobretudo, defender legitimamente o reconhecimento desses profissionais como cientistas capazes de interferir nos trâmites políticos de sua própria corporação representativa.

Outra influência fundamental na sua criação e manutenção foi o American College of Sports Medicine (ACSM), entidade estadunidense responsável pelo desenvolvimento de pesquisas na área de medicina esportiva. A adesão ao ACSM manifestou-se, entre outros aspectos, pela inspiração da arte final do material gráfico (cores e formato da capa) para a confecção da RBCE e divulgação da entidade, pela correspondência cordial, pela participação de membros do CBCE nos eventos promovidos pela ACSM e pela tradução e republicação de seus artigos.

Com efeito, adotaram-se os mesmos caminhos epistemológicos para definir as problemáticas e os procedimentos metodológicos que deveriam ser privilegiados. Instituiu-se, inicialmente, como método científico a mensuração, a quantificação e a comparação de aspectos referentes ao fenômeno esportivo, compreendido como prática de uma atividade física ou modalidade esportiva.

Nessa linha, as Ciências do Esporte eram definidas pela entidade pela somatória de contribuições da medicina (traumatologia, fisiologia, biomecânica e bioquímica) da nutrição, da psicologia e da sociologia ao fenômeno esportivo. As temáticas e métodos privilegiados giravam em torno da pesquisa empírico-analítica sobre medidas e avaliação e sobre o uso da

cineantropometria[17], assuntos que informaram boa parte dos trabalhos veiculados pelo CBCE nos seus anos iniciais.

A administração do CBCE concentrou uma parcela significativa de seus esforços em incentivar, credenciar e reconhecer a formação de pesquisadores em Ciências do Esporte e na pretensão de determinar os "índices de aptidão física nas áreas biológica, psicológica e social da população brasileira" (CBCE, 1979). O CBCE buscou, a partir da sua fundação, sua consolidação como autoridade científica capaz de tornar-se mandatária na determinação dos índices de saúde e prática de atividades físicas da população brasileira.

Dessa forma, as definições centrais veiculadas pelas gestões do Colégio procuravam massificar a incorporação de procedimentos científicos nas práticas dos profissionais de Educação Física. Passaram a transmitir informações e parâmetros que permitiriam fazer ciência num "país de terceiro mundo" com "rigor e qualidade" (CBCE, 1979).

Para tanto, tornou-se imperioso seguir um modelo de pesquisa empírico-analítica de medir e comparar dados, opção que implicou a abdicação de parte do referencial teórico-metodológico praticado nos centros de pesquisa internacionais que exigiria a sofisticação de laboratórios de pesquisa e equipamentos de última geração. Em seu início seus membros acreditavam que os pesquisadores, professores e profissionais contariam apenas com "lápis, prancheta e fita métrica" como instrumentos (CBCE, 1979).

Com esse repertório, o CBCE pretendia desenvolver modelos nacionais de avaliação médico-esportiva, sociométrica e psicológica de alta aplicabilidade que pudessem ser reproduzidos em larga escala pelos professores de Educação Física para o incremento dos processos de seleção de atletas de elite a partir da observação de crianças e adolescentes inseridos no espaço escolar.

Nessa medida, o CBCE orientou-se por um apelo a "cientificização" das práticas e abordagens da pesquisa em Educação Física como recurso a imposição de respeito e autoridade. A adesão a "ordem científica" representaria "a possibilidade de dotar a Educação Física enfim de legitimidade, de um reconhecimento social, a partir da racionalização das suas práticas, que passariam a ter mais sentido na direta proporção de seu atrelamento aos cânones científicos" (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001, p. 104).

Efetivamente essa opção possibilitou ao CBCE fortalecer posições e espaços de investigação, criou um prestígio capaz de provocar seu decreto como principal instância não

[17] Cineantropometria é um ramo científico ciência que tem como foco mensurar a morfologia humana e investigar sua influência sobre o movimento nas suas variadas formas. Seus estudos mais recorrentes referem-se ao esquadrinhamento da forma, do tamanho, da proporção, da composição, da maturação e do funcionamento do sistema locomotor e a compreensão do seu papel na realização do movimento (PETROSKI, 1995).

governamental a produzir teorizações, pulverizar opiniões, determinar padrões éticos e condutas que ressoariam e seriam respeitados em todo o campo da Educação Física.

Na Argentina a Editora Stadium foi fundada em 1966 por Enrique Fernando Eleusippi como empreendimento comercial destinado a promoção e difusão das potencialidades e benefícios da prática de atividades físicas e desportivas. Considera-se uma instituição pioneira na Ibero-América que auxiliou a formação de várias gerações de pesquisadores, profissionais e professores dessa área. Além da Revista Stadium publica livros e regulamentos sobre a Educação Física e os esportes.

Surgiu em um momento de subordinação da Educação Física escolar ao esporte competitivo e a proliferação de escolas de iniciação esportiva em clubes, estabelecimentos de ensino e outros espaços com subsídio estatal. Apelava-se para "modelos quantitativos e experimentais" e deslocavam-se os objetivos da disciplina do foco educacional para o "desenvolvimento da saúde" e eficiência corporal (CARBALLO, 2009, p. 286).

Intitula-se líder do mercado editorial argentino de publicações especializadas e assume como compromisso contribuir para o desenvolvimento da comunidade especializada pela divulgação de conteúdos e informações que contemplem as necessidades de docentes, treinadores e pesquisadores considerando o esporte "fonte sem igual de formação, saúde e valores humanos" (STADIUM, 2012, livre tradução). A Editora Stadium (2012, livre tradução) vislumbra tornar-se a fonte de conhecimento "mais completa, útil e atualizada sobre atividades físicas, desportivas e recreativas em língua espanhola".

Seu fundador, Enrique Fernando Eleusippi, foi atleta, treinador e difusor do atletismo e da Educação Física na Argentina. Após formar-se no Liceo Militar e na Escuela Naval tornou-se atleta e depois treinador do Club Argentino de Atletismo no início da década de 1950. Trabalhou como professor e treinador esportivo em colégios como o Colegio Nacional de Morón, Colegio Lasalle, Colegio San Albano (Lomas de Zamora) e Colegio St. George (Quilmes). Foi treinador da equipe nacional argentina de atletismo em vários eventos internacionais (como os Jogos Pan-americanos em 1983). Recebeu o prêmio Trofeo Baron Pierre de Coubertin em 1981 destinado a laurear pessoas ou entidades que contribuíram para a propagação e o desenvolvimento do atletismo argentino.

Eleusippi conseguiu o patrocínio da empresa de café "La Morenita" para a impressão do primeiro número da revista Stadium em 1966 que impulsionou a posterior criação da própria Editora Stadium voltada à publicação de obras relacionadas à Educação Física e aos esportes. Nesse momento a Educação Física na Argentina foi infligida pelo movimento

esportivo e sofreu um processo de desescolarização de suas práticas em favor do treinamento desportivo.

1.1.3. Gestão e Nominata Editorial

A gestão editorial de uma revista pressupõe a escolha de um corpo editorial, dirigido por uma comissão executiva e/ou um editor-chefe que será responsável por garantir o cumprimento das fases de produção e conduzir o conselho editorial, que deverá ser constituído por especialistas de reconhecido valor acadêmico. Deverão ser nomeados pareceristas que terão a função de avaliar os textos submetidos (GRUSZYNSKI, GOLIN E CASTEDO, 2008).

No primeiro número da RBCE analisado (1979), que coincide com sua gênese, não foi divulgado sua estrutura editorial, talvez porque ainda não tivesse sido composta. Na folha de rosto apresenta-se só o título da revista centralizado, em caixa alta e com tipos lineares[18] em negrito, seguido por sua definição como "órgão de divulgação oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte", disposta a esquerda, com caracteres romanos, serifados. A única informação que sugere a responsabilidade editorial foi gravada na primeira página que nomeia toda a diretoria do CBCE.

Na edição seguinte (RBCE, 1980a) a estrutura editorial é apresentada na folha de rosto obedecendo a uma disposição espacial semelhante a da capa com divisão em dois planos diagonais opostos de mesma área. No plano superior à esquerda exibe-se a diretoria do CBCE, no plano inferior à direita a composição editorial da revista.

Para assumir as funções de Diretor Responsável e Editor-chefe foi selecionado Osmar Pereira Soares de Oliveira[19]. Foram nomeados Jorge Pinto Ribeiro[20] como Editor Científico e

[18] Para a classificação dos tipos utilizados nas revistas baseou-se na nomenclatura "Vox/AtypI de estilos de fontes". Para mais informações consultar NIEMEYER, Lucy. **Tipografia**: uma apresentação. Rio de Janeiro: 2AB, 2003.

[19] O primeiro Editor-chefe da RBCE, Osmar Pereira Soares de Oliveira é original de São Paulo (SP), nasceu no ano de 1943. Em 1969 se formou em Medicina pela PUC. Cursou (1971) e especializou-se em Medicina Esportiva pela USP (1990). Atuou como médico do esporte no São Bento de Sorocaba, no Sport Club Corinthians Paulista, no Comitê Olímpico Brasileiro, na Seleção Brasileira de Basquete e na Seleção Brasileira de Masters. Também teve formação e atua como jornalista e comentarista esportivo. Foi presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (1983-1985), diretor médico do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, entre outros cargos importantes.

[20] O Diretor Executivo da Revista, Jorge Pinto Ribeiro é médico pela Faculdade de Medicina da UFRGS (1978), é Especialista em Cardiologia pela Sociedade Brasileira de Cardiologia (1991), Doutor em Ciências pela *Boston University* (1985) e Livre-Docente em Cardiologia pela Faculdade de Medicina da USP (2000). É Pesquisador do CNPq, desenvolvendo linhas de pesquisa em fisiopatologia do exercício e controle do sistema nervoso autônomo.

Carlos Roberto Duarte[21] como Editor Executivo. Para editores de seção foram escolhidos José Ney Ferraz Guimarães[22] para a seção "Avaliação", Ana Maria Paes de Almeida Tarapanoff[23] para a secção "Crescimento e Desenvolvimento", Lamartine Pereira da Costa[24] para secção "Educação", Plínio Montemór[25] para a secção "Medicina", Sandra Mara Cavasini[26] para a secção "Psicologia e Sociologia", Manoel José Gomes Tubino[27] para a secção "Treinamento Desportivo".

No terceiro número do primeiro volume da RBCE ocorreu uma modificação da forma de apresentar a editoria da revista. Na folha de rosto voltou-se a expor o título da revista centralizado, em caixa alta e com tipografia em negrito, seguido por sua definição de órgão de divulgação oficial do CBCE (com alterações, centralizado, com letras lineares) e pela indicação do nome e endereço da profissional incumbida da composição e da logomarca da gráfica CETEC responsável pela impressão.

Na página seguinte o símbolo do CBCE, seguido da data de fundação e o endereço da sua sede em São Caetano do Sul (SP) aparecem na metade superior. Na metade inferior em duas colunas diagramadas lado a lado estão dispostas a Diretoria do CBCE (à direita) e a editoria da RBCE (à esquerda).

Essa disposição é mantida em todos os números do segundo volume. Na RBCE v. 3 n. 1 de 1981 foi utilizada a mesma folha de rosto, mas na página posterior são descritos exclusivamente os nomes do diretor responsável e do editor executivo da revista na coluna à esquerda. A RBCE passou por mudanças em sua estrutura administrativa que provocaram pequenas modificações na formatação da folha de rosto e na apresentação dos editores e

[21] Carlos Roberto Duarte é formado em Educação Física pela Escola de Educação Física de Santo André, é mestre em Ergonomia pela Universidade Federal de Santa Catarina, foi pesquisador do CELAFISCS (1975 a 1989) e professor de Treinamento Desportivo e Medidas e Avaliação na UNESC (Criciúma) de 1995 a 2003.

[22] José Ney Ferraz Guimarães, editor da seção "Avaliação", é graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1971) e mestre em Bases Biomédicas da Educação Física pela mesma universidade (1985). É professor assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro e atua nos temas ergometria, avaliação e desempenho físico.

[23] Ana Maria Paes de Almeida Tarapanoff, editora da seção "Crescimento e Desenvolvimento" é médica com especialidade em Pediatria.

[24] Lamartine Pereira da Costa é graduado em Ciências Navais pela Escola Naval (1958) e licenciado em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército (1963). É Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho (1989). Atualmente é professor titular da Universidade Gama Filho.

[25] Plínio Montemór é medico especializado em Ortopedia e Traumatologia e docente da Universidade Estadual de Londrina.

[26] Sandra Mara Cavasini é graduada em Psicologia pela Universidade São Marcos (1979) e mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Atualmente é psicóloga da Universidade Federal de São Paulo.

[27] Manoel José Gomes Tubino possui graduação em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército (1968) e graduação em Ciências Navais pela Escola Naval do Rio de Janeiro (1960). É mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1976) e doutor em Educação Física pela *Universite Libre de Bruxelles* (1982). Doutorou-se, também, em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988). Foi professor da Universidade Gama Filho e da Universidade Castelo Branco.

membros responsáveis.

No segundo número do terceiro volume (1982) a folha de rosto foi suprimida, a inscrição de órgão de divulgação e a logomarca da gráfica foram colocadas sobre a margem inferior da pós-capa. O símbolo do CBCE, a data de fundação e o endereço tiveram seu espaço reduzido (de 8,5 cm de altura e 8 cm de largura passaram a ocupar 5,8 cm de altura e 4,9 cm de largura centralizados no topo da página), ainda divididas em colunas agora desiguais, 7,5 cm de largura coluna direita e 13,5 cm de largura coluna esquerda.

Figuraram a direita os nomes da diretoria do CBCE e a esquerda as inscrições do diretor responsável e editor, Osmar Pereira Soares de Oliveira, que se manteve no cargo, e do novo editor executivo, Nelson Gomes Bittencourt[28], seguidas de uma extensa lista com os nomes dos revisores publicados em ordem alfabética e com a indicação da cidade e do estado que habitavam. No número seguinte (RBCE, 1982c) foi conservada quase a mesma configuração anterior com a ressalva do acréscimo dos nomes dos editores científicos Alfredo Gomes Faria Jr.[29] (área pedagógica) e Maurício Leal Rocha[30] (área biomédica) logo abaixo do nome do editor executivo.

No primeiro número do quarto volume de 1983 foram realizadas outras alterações. Carlos Roberto Duarte retomou o cargo de editor executivo, a lista com os nomes dos revisores foi abolida e ocupando o seu espaço foi alocado o índice da revista. No fim da página a esquerda foi publicada a mensagem "os artigos são de inteira responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do C.B.C.E." isentando os editores e a diretoria de quaisquer implicações de uma publicação inadequada (RBCE, 1982c). Indica-se que foram acionadas a supressão das folhas de rosto e da lista dos revisores como estratégia de contenção de gasto e otimização do espaço, autorizando-se a combinação da estrutura organizativa do CBCE e da RBCE com o índice.

O número seguinte (RBCE, 1983a) exibiu mudanças na composição da estrutura organizativa e de sua apresentação. Carlos Roberto Duarte tornou-se o editor-chefe, Marco

[28] Graduado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1980).

[29] É graduado em Educação Física pela UFRJ (1962) e em Pedagogia pela Universidade Gama Filho (1968). É mestre em Educação pela PUC-RJ (1974) e doutor em Educação Física pela *Universite Libre de Bruxelles* (1980). É pós-doutor em Educação pela *University Of London* (1987). Foi professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1974-2004). Atualmente é professor titular da Universidade Salgado de Oliveira.

[30] Formou-se em medicina (1937). Atuou na Faculdade de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio e Janeiro. Foi professor livre-docente da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro (UERJ) e da Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Foi homenageado como Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro por suas contribuições essenciais à medicina e às ciências dos esportes.

Antonio Vívolo[31] o editor científico, Maria de Fátima da Silva Duarte[32] a editora executiva e Osmar Pereira Soares de Oliveira o editor responsável. Foram considerados revisores "todos os membros pesquisadores do CBCE" não sendo publicados seus nomes (RBCE, 1983a). O índice voltou a ser publicado separadamente. Essa conformação foi sustentada no número consecutivo (RBCE, 1983b). O arranjo e a exposição da estrutura administrativa do CBCE e da RBCE foram conservados nos n. 2 e 3 do v. 5 de 1984 e em todos os números do sexto volume (1984-1985).

Foi realizado um rearranjo completo da nominata editorial e dos membros que a compunham na RBCE n. 2, v. 7 de 1986. A nominata foi impressa junto ao índice, dividindo um espaço reduzido com a apresentação da diretoria do CBCE. Os cargos anteriores foram abolidos e passou-se a expor apenas os nomes dos componentes da comissão científica: Ademir Gebara[33], Ieda F. da Silveira Folegatti[34], João Batista Freire da Silva[35], Roseli Golfetti[36], Silvana Venâncio Freire[37] e Wagner Wey Moreira[38].

Abaixo dos nomes dos membros da comissão científica foi colocado o título "Consultores" e a explicação "todos os artigos são submetidos à equipe de consultores composta pelos membros pesquisadores do CBCE". Constou, ainda, sob o título "Redação" o endereço da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Na nominata da RBCE (1986b) posterior foram adicionados, além dos citados acima, Asdrubal Ferreira Batista[39] e Idico Luiz Pellegrinotti[40] para compor a comissão científica. Foi

[31] Médico especialista em endocrinologia. Atua na Escola Paulista de Medicina (UNIFESP).
[32] Graduada em Educação Física pela Faculdade de Educação e Cultura do ABC (1978). Mestre em Educação Física pela USP (1987) e Doutora em Biodinâmica do Movimento Humano pela *University of Illinois at Urbana-Champaign* (1993). Atualmente é professora da Universidade Federal de Santa Catarina.
[33] Graduado em História e em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1970). Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (1975). Doutor em História Econômica pela *London School of Economics And Political Science* (1984). Professor aposentado da UNICAMP atuou no Departamento de História e na Faculdade de Educação Física dessa instituição.
[34] Não foram encontradas informações biográficas sobre esse membro do corpo editorial.
[35] Graduado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física de Santo Andre (1973). Mestre em Educação Física em pela USP (1982). Doutor em Psicologia Educacional pela USP (1991). Professor aposentado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.
[36] Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade de Mogi das Cruzes (1976). Mestre em Ciências Biológicas (Fisiologia) pela Universidade Estadual de Campinas (1983). Doutora em Ciências Biológicas (Fisiologia) pela Universidade Estadual de Campinas (1995). Pós-doutora pela *University of Medicine And Dentistry* (2001). Professora livre-docente da UNICAMP.
[37] Graduada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física de Santo André (1976). Mestre em Educação Física pela USP (1984). Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1994).
[38] Graduado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (1973). Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (1985). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1990). Livre-docente pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Foi um dos criadores da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.
[39] Técnico desportivo. Mestre em Educação Física pela USP (1992). Foi professor da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

escolhida como editora científica a professora Antonia Dalla Pria Bankoff[41]. Também foi registrada nesse espaço a colaboração da Secretaria de Educação Física e Desportos[42] do Ministério da Educação e Cultura (a natureza do auxílio não foi especificada).

Os números especiais nos quais foram publicados exclusivamente anais de eventos promovidos pelo CBCE, Suplemento n. 1 (1981) e n. 1 v. 5 (1983), foram organizadas de modo diferente. No Suplemento n. 1 (1981) a estruturação é indicada abaixo do nome do "II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte", centralizada, apresentando-se o local do evento e uma série de comissões responsáveis por sua realização. Destacam-se os nomes de Carlos Roberto Duarte e Osmar Pereira Soares de Oliveira que tiveram o encargo da publicação. Demonstra-se a preocupação com a manutenção das funções de editoração e publicação da RBCE mesmo na impressão de anais.

De modo distinto a revista de n. 1 do v. 5 de 1983 confirma a modelação estabelecida pelos editores a partir do n. 2 do v. 3 (1982), com a inscrição localizada a esquerda próxima da margem inferior "ANAIS do III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" e a eliminação das informações sobre os revisores. Os responsáveis pela publicação foram Carlos Roberto Duarte (Editor-executivo) e Maria de Fátima da Silva Duarte. O último dos anais publicados referente ao IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte incluso na RBCE n. 1, v. 7 de 1985 manteve como responsáveis pela publicação Carlos Roberto Duarte (Editor-chefe) e Maria de Fátima da Silva Duarte (Editora-executiva).

Tabela 1 – Gestão Editorial da RBCE (1979-1986)

Nominata editorial	**n./v.**	**Ano**
Não foi apresentada	1/1	1979
Diretor Responsável e Editor-chefe: Osmar Pereira Soares de Oliveira; Editor-Científico: Jorge Pinto Ribeiro; Editor-Executivo: Carlos Roberto Duarte; Editores de Seção - Avaliação: José Ney Ferraz Guimarães; Crescimento e Desenvolvimento: Ana Maria Tarapanoff; Educação: Lamartine Pereira da Costa; Medicina: Plínio Montemór; Psicologia e Sociedade: Sandra Maria Cavasini; Treinamento Desportivo: Manoel José Gomes Tubino;	2/1	1980
Idem	3/1	1980
Idem	1/2	1980
Idem	2/2	1981
Idem	3/2	1981
Diretor Responsável: Osmar Pereira Soares de Oliveira; Editor-Executivo: Carlos Roberto Duarte;	1/3	1981
Diretor Responsável e Editor: Osmar Pereira Soares de Oliveira; Editor-Executivo:	2/3	1982

[40] Graduado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (1973). Mestre em Biologia pela Universidade Estadual de Campinas (1987). Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995). Livre-docente pela UNICAMP. Foi professor da UNICAMP.

[41] Graduada em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (1973). Mestre em Odontologia pela Universidade Estadual de Campinas (1977). Doutora em Ciências Morfofuncionais pela Universidade de São Paulo (1982). É professora titular da Universidade Estadual de Campinas.

[42] Criada em 1978 pelo Decreto nº 81.454 de 17 de março de 1978. Permaneceu atuando até 1989.

Nelson Gomes Bittencourt;		
Diretor Responsável e Editor: Osmar Pereira Soares de Oliveira; Editor-Executivo: Nelson Gomes Bittencourt; Editores-Científicos - Área Pedagógica: Alfredo Gomes Faria Junior; Área Biomédica: Maurício Leal Rocha;	3/3	1982
Diretor Responsável: Osmar Pereira Soares de Oliveira; Editor-Executivo: Carlos Roberto Duarte; Editores-Científicos: Área Pedagógica: Alfredo Gomes Faria Junior; Área Biomédica: Maurício Leal Rocha;	1/4	1982
Editor-Chefe: Carlos Roberto Duarte; Editor-Científico: Marco Antônio Vívolo; Editora Executiva: Maria de Fátima da Silva Duarte; Editor Responsável: Osmar Pereira Soares de Oliveira;	2/4	1983
Idem	3/4	1983
Diretor Responsável e Editor: Osmar Pereira Soares de Oliveira; Editor-Executivo: Carlos Roberto Duarte; Editores-Científicos - Área Pedagógica: Alfredo Gomes Faria Junior Área Biomédica: Maurício Leal Rocha;	1/5	1983
Editor-Chefe: Carlos Roberto Duarte; Editor-Científico: Marco Antônio Vívolo; Editora-Executiva: Maria de Fátima da Silva Duarte; Editor Responsável: Osmar Pereira Soares de Oliveira;	2/5	1984
Idem	3/5	1984
Idem	1/6	1984
Idem	2/6	1985
Idem	3/6	1985
Idem	1/7	1985
Comissão Científica: Ademir Gebara; Ieda F. da Silveira Folegatti; João Batista Freire da Silva; Roseli Golfetti; Silvana Venâncio Freire; Wagner Wey Moreira;	2/7	1986
Editora Científica: Antonia Dalla Pria Bankoff; Comissão Científica: Ademir Gebara; Asdrubal Ferreira Batista; Ieda F. da Silveira Folegatti; Idico Luiz Pellegrinotti; João Batista Freire da Silva; Roseli Golfetti; Silvana Venâncio Freire; Wagner Wey Moreira;	3/7	1986

Pelo exame da formação inicial dos membros da gestão editorial da RBCE (ver tabelas 1 e 2) percebe-se uma direção inicial comandada por médicos, mas que já contava com o graduado em Educação Física Carlos Roberto Duarte como editor-executivo (1980-1891). O trabalho de supervisão das seções foi dividido entre três graduados em Educação Física, dois médicos e uma psicóloga. Nos primeiros anos da revista, de 1979 a 1984 ocorreu um equilíbrio numérico entre médicos e graduados em Educação Física, mas deve-se considerar que os cargos mais importantes foram destinados majoritariamente a médicos.

Esse equilíbrio foi quebrado, apenas, em 1986, fase em que os médicos se afastaram da direção da revista, que passou a ser conduzida por graduados em Educação Física. Além dessas duas formações iniciais fizeram parte da gestão da RBCE uma psicóloga e uma licenciada em Ciências Biológicas.

Outros fatores que merecem ser ressaltados referem-se ao nível de especialização e a inserção profissional desse quadro da RBCE. Curiosamente, a maioria dos componentes que eram médicos não realizou uma formação stricto sensu. Em contrapartida a maioria dos membros graduados em Educação Física realizaram cursos de mestrado e/ ou doutorado, a única exceção foi Nelson Gomes Bittencourt. Com relação à atuação somente os médicos Osmar Pereira Soares de Oliveira e Ana Maria Tarapanoff e o graduado em Educação Física

Nelson Gomes Bittencourt não se tornaram docentes universitários. Os demais integrantes inseriram-se na docência em universidades públicas e privadas.

Os membros foram compostos por um total de cinco médicos, quatorze graduados em Educação Física, uma psicóloga e uma bióloga. A grande maioria dos membros (18) inseriu-se nas universidades como docentes e realizaram uma especialização stricto sensu (16), em especial, os formados em Educação Física (13).

Dados que contestam a hipótese do domínio irrestrito dos médicos na conformação dos anos iniciais da revista e indicam os postos posteriormente ocupados. É possível inferir que o acúmulo de capital simbólico consubstanciado por sua atuação na revista tenha influído nas conquistas realizadas posteriormente por esses sujeitos.

Tabela 2 – Formação inicial, especialização e experiência com docência em nível superior dos membros da gestão editorial da RBCE (1979-1986)

Membro	**Formação**	**Especialização**	**Docência em nível superior**
Osmar Pereira Soares de Oliveira	Medicina	Lato sensu	Não
Carlos Roberto Duarte	Educação Física	Stricto sensu	sim
Jorge Pinto Ribeiro	Medicina	Stricto sensu	sim
José Ney Ferraz Guimarães	Educação Física	Stricto sensu	sim
Ana Maria Tarapanoff	Medicina	Lato sensu	não
Lamartine Pereira da Costa	Educação Física	Stricto sensu	sim
Plínio Montemór	Medicina	Lato sensu	sim
Sandra Maria Cavasini	Psicologia	Stricto sensu	sim
Manoel José Gomes Tubino	Educação Física	Stricto sensu	sim
Nelson Gomes Bittencourt	Educação Física	-	não
Alfredo Gomes Faria Junior	Educação Física	Stricto sensu	sim
Maurício Leal Rocha	Medicina	Lato sensu	sim
Maria de Fátima da Silva Duarte	Educação Física	Stricto sensu	sim
Ademir Gebara	Educação Física	Stricto sensu	sim
Ieda F. da Silveira Folegatti	-	-	-
João Batista Freire da Silva	Educação Física	Stricto sensu	sim
Roseli Golfetti	Ciências Biológicas	Stricto sensu	sim
Silvana Venâncio Freire	Educação Física	Stricto sensu	sim
Wagner Wey Moreira	Educação Física	Stricto sensu	sim
Asdrubal Ferreira Batista	Educação Física	Stricto sensu	sim
Idico Luiz Pellegrinotti	Educação Física	Stricto sensu	sim
Antonia Dalla Pria Bankoff	Educação Física	Stricto sensu	sim

Fonte: levantamento efetuado pelo próprio autor.

No 13° ano da revista Stadium, primeiro analisado, a nominata editorial foi diagramada na folha de rosto, a esquerda do sumário, com 6,9 cm de largura. Foram utilizados tipos romanos, serifados, para destacar os títulos dos postos que compunham a estrutura da revista, os nomes de seus ocupantes foram grafados com tipos lineares em negrito. Como diretores foram listados Mario e Henrique Eleusippi fundadores da revista e

proprietários do "Editorial Stadium". Mariano Giraldes[43] foi escolhido como assessor pedagógico.

Como colaboradores foram elencados Antonio Alcázar[44], Jorge de Hegedüs[45], Alberto Langlade[46] (Uruguai), Harold O' Connor[47] (EUA), Jorge S. Godoy Ortiz[48], Fred Wilt[49] (EUA). As ilustrações ficaram sobre responsabilidade de Jorge Gómez e Sergio Eleusippi. Também foram publicados o número do "registro nacional de la propriedad intelectual", um aviso sobre os direitos autorais da obra e o logotipo do local de impressão intitulado "C. Clancy y Cia".

No número 75 do 13° ano (1979) foi adicionado o cargo de "secretario de redaccion" e nomeado Jorge Gómez[50]. Essa formatação foi mantida até a Stadium n. 78. No primeiro número 81 do 14° ano (1980) da Stadium analisado as funções de assessor pedagógico e secretário de redação foram extintos. Mariano Giraldes e Jorge Gómez foram recolocados junto aos colaboradores da revista. Jorge Gómez, também, voltou ao encargo de ilustrador. Essa conformação foi conservada em todos os números do 14° ano analisado.

Nos números do 15° ano (1981) ocorreu uma substituição da gráfica responsável pela revista, que passou a ser impressa na Talleres Gráficos Ergon. A partir do número 86 o professor uruguaio Alberto Langlade não foi mais elencado como colaborador. No 16° ano (1982), a partir do número 93, os colaboradores americanos Harold O' Connor e Fred Wilt deixaram suas funções. No número 101 do 17° ano (1983), Antonio Alcázar se afastou de sua

[43] Professor de Educação Física formado pelo Instituto Nacional de Educación Física de San Fernando. Foi assessor do Comitê Olímpico Argentino. Trabalhou como professor em várias escolas na Argentina e na Alemanha. Foi professor do Instituto Nacional de Educación Física Romero Brest. Foi professor do curso de Licenciatura en Educación Física de la Universidad de Flores. Foi professor da Universidad de La Plata.

[44] Professor de Educação Física e médico especializado em Medicina do Esporte. Foi médico de delegações argentinas nos Jogos Olímpicos. Foi diretor da Federacion Internacionale d' Educacion Physique na Argentina.

[45] Professor de Educação Física formado pelo Instituto Superior de Educación física de Montevideo (1955). Foi treinador e preparador físico da seleção uruguaia de atletismo. Foi docente da Universidad Nacional de la Provincia de Tucumán (1966 - 1969), do Instituto Superior de Deportes de Buenos Aires (1969 - 2000), do Instituto Superior de Educación Física de Buenos Aires (1986 - 2000), do Instituto de Educación Física "Dr. Dalmacio Vélez Sársfield" (1981 - 2000). É presidente honorário da Sociedad Argentina de Fisiología del Ejercicio (SAFE).

[46] Professor de Educação Física formado pela Universidad de Chile. Foi técnico e preparador físico nas seleções uruguaias de basquete e futebol. Foi delegado da FIEP. Foi docente do Instituto Superior de Educación Física da Universidad de la Republica (Uruguai).

[47] Ex-atleta e treinador de atletismo. Escritor e professor contratado pelo Departamento de Estado americano. Promoveu cursos e oficinas sobre atletismo na Argentina e em outros países sul-americanos.

[48] Treinador de rúgbi. Tradutor de livros sobre esse esporte.

[49] Atleta, corredor de longa distância. Escritor de livros sobre atletismo.

[50] Professor de Educação Física formado pelo Instituto Nacional de Educación Física Gral. Belgrano em 1965. Licenciado em Actividad Física y Deporte pela Universidad de Flores (1997). Especialista em Didáctica de la Educación Física Escolar. Decano da Facultad de Actividad Física y Deporte de la Universidad de Flores. Autor de livros sobre Educação Física Infantil e Teoria da Educação Física.

função e Enrique Pisani[51] foi nomeado como colaborador. No número 108 do 18° ano de 1984 (único número desse ano examinado) Jorge S. Godoy Ortiz deixou a revista. No 19° ano (1985) somente os nomes dos diretores Mario e Henrique Eleusippi foram impressos na nominata. O mesmo procedimento foi adotado em todos os números do 20° ano da revista.

Tabela 3 – Gestão editorial da Revista Stadium (1979-1986)

Nominata editorial	**Número**	**Ano**
Diretores: Mario e Henrique Eleusippi; Assessor pedagógico: Mariano Giraldes; Secretário de redação: Jorge Gómez; Colaboradores: Antonio Alcázar, Jorge de Hegedüs, Alberto Langlade, Harold O' Connor, Jorge S. Godoy Ortiz, Fred Wilt; Ilustrações: Jorge Gómez e Sergio Eleusippi;	73; 74;	1979
Diretores: Mario e Henrique Eleusippi; Assessor pedagógico: Mariano Giraldes; Colaboradores: Antonio Alcázar, Jorge de Hegedüs, Alberto Langlade, Harold O' Connor, Jorge S. Godoy Ortiz, Fred Wilt; Ilustrações: Jorge Gómez e Sergio Eleusippi;	75; 76; 77; 78;	1979
Diretores: Mario e Henrique Eleusippi; Colaboradores: Mariano Giraldes, Antonio Alcázar, Jorge de Hegedüs, Alberto Langlade, Harold O' Connor, Jorge S. Godoy Ortiz, Fred Wilt; Ilustrações: Jorge Gómez e Sergio Eleusippi;	81; 82; 84;	1980
Idem	85	1981
Diretores: Mario e Henrique Eleusippi; Colaboradores: Mariano Giraldes, Antonio Alcázar, Jorge de Hegedüs, Harold O' Connor, Jorge S. Godoy Ortiz, Fred Wilt, Jorge Gómez;	86; 87; 88; 89; 90;	1981
Idem	91; 92;	1982
Diretores: Mario e Henrique Eleusippi; Colaboradores: Mariano Giraldes, Antonio Alcázar, Jorge de Hegedüs, Jorge Gómez, Jorge S. Godoy Ortiz;	93; 94; 95; 96;	1982
Idem	97; 98; 99; 100;	1983
Diretores: Mario e Henrique Eleusippi; Colaboradores: Mariano Giraldes, Jorge de Hegedüs, Jorge S. Godoy Ortiz, Jorge Gómez, Enrique Pisani;	101; 102;	1983
Diretores: Mario e Henrique Eleusippi; Colaboradores: Mariano Giraldes, Jorge de Hegedüs, Jorge Gómez, Enrique Pisani;	108	1984
Diretores: Mario e Henrique Eleusippi;	109; 110; 111; 112; 113; 114;	1985
Idem	115; 116; 117; 118; 119; 120	1986

Fonte: levantamento efetuado pelo próprio autor.

A gestão editorial da Stadium (ver tabela 3) foi formada por uma mescla de ex-atletas, treinadores e professores de Educação Física (entre eles Antonio Alcázar que tinha também a formação em Medicina) envolvidos com o mundo esportivo. Ainda que nos primeiros anos analisados seja possível perceber uma constância na formação da gestão editorial, nota-se uma diminuição gradativa no número de componentes do quadro editorial até a manutenção só de seus diretores a partir de 1985.

[51] Professor de Educação Física formado pelo *Instituto Nacional de Educación Física de Buenos Aires* (1972). Foi treinador de voleibol na Argentina, Bélgica e República Checa.

Tabela 4 – Formação inicial, especialização e experiência com docência em nível superior dos membros da gestão editorial da Revista Stadium (1979-1986)

Membro	Formação	Especialização	Docência em nível superior
Mario Eleusippi	Ex-atleta/treinador	-	Não
Henrique Eleusippi	Ex-atleta/treinador	-	Não
Mariano Giraldes	Educação Física	Lato sensu	Sim
Antonio Alcázar	Educação Física Medicina	Lato sensu	Não
Jorge de Hegedüs	Educação Física	Lato sensu	Sim
Alberto Langlade	Educação Física	Lato sensu	Sim
Harold O' Connor	Ex-atleta/treinador	-	Não
Jorge S. Godoy Ortiz	Ex-atleta/treinador	-	Não
Fred Wilt	Ex-atleta/treinador	-	Não
Jorge Gómez	Educação Física	-	Sim
Sergio Eleusippi	Ex- atleta	-	Não
Enrique Pisani	Educação Física	-	Não

Fonte: levantamento efetuado pelo próprio autor.

Aponta-se, também, uma falta de engajamento em uma especialização stricto sensu ou equivalente. Especula-se que a falta de incentivo governamental e o incipiente desenvolvimento de programas de pós-graduação na Argentina possa ter obliterado essa possibilidade. No caso da atuação na docência em nível superior somente quatro membros alcançaram uma posição nos quadros universitários, um terço do total. Outro dado que vale ser frisado reporta-se a internacionalização do corpo editorial do periódico. Entre seus membros foram listados um uruguaio e dois americanos.

A editoração da revista ficou dividida entre ex-atletas/treinadores (50%) e graduados em Educação Física (50%) maioria dos membros, sem formação stricto sensu e com pouca inserção em universidades. Os atores envolvidos permaneceram, em sua maioria, vinculados exclusivamente ao campo esportivo, não se preocupando (ou não tendo êxito) em transferir capital simbólico para o campo acadêmico.

As duas revistas apresentaram uma composição dos membros da gestão editorial bem diferenciada, com preocupações com a formação e atuação distintas. Os membros da RBCE majoritariamente realizaram uma formação em Educação Física, apesar de contar com um número expressivo de médicos, inseriram-se em universidades como docentes e realizaram uma especialização stricto sensu. Em contraposição a Stadium foi constituída por um grupo misto de professores de Educação Física e ex-atletas, apenas um terço deles tornaram-se professores universitários e nenhum cursou pós-graduação em mestrados e/ ou doutorados. Depreende-se que influências contextuais podem ter acentuado essas diferenças, em especial, o fomento e desenvolvimento da pós-graduação no Brasil, além da motivação e da intenção de se inserir em campos diferentes. Notadamente, enquanto os membros da RBCE buscaram

postos no campo acadêmico a ambição dos sujeitos que compunham a gestão da Stadium ficou focada no campo esportivo.

1.1.4. Seções das revistas

1.1.4.1. Seções da Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Os editores da RBCE projetaram diferentes desenhos e conteúdos para as seções que a compunham. O impresso contou ao todo com doze seções diferentes. Algumas seções foram mais constantes, integrando-se ao projeto editorial do periódico. Outras foram efêmeras não sendo exibidas em mais de um número. As divisões de conteúdo foram comentadas de acordo com a ordem de aparecimento no corpo da revista.

1.1.4.1.1. Editorial

Os editoriais da RBCE foram investigados com o desígnio de identificar pistas das estratégias editoriais arquitetadas, visualizar protocolos de leitura sugeridos e apreender o diálogo estabelecido com autores, colaboradores e com a comunidade de leitores do impresso. As representações imbuídas de posturas e acepções sobre os temas de interesse dessa tese que entrelaçam o esporte, a ciência, a escola e a Educação Física também foram identificadas e interpretadas.

O primeiro exemplar da revista, RBCE n. 1, v. 1, de 1979, publicou o editorial em apenas uma página com a autoria assumida pela expressão “Todos nós”, supostamente referindo-se a todo o corpo editorial da revista. Nesse texto afirmaram-se as intenções do CBCE de “estudar o esporte”, promover o “estudo científico e a pesquisa da atividade física” e exacerbaram-se a organização de congressos e a edição da revista (RBCE n. 1, v. 1, de 1979, p. 2).

Nota-se que nesse discurso foram eleitos apenas dois objetos passíveis de serem compreendidos como científicos e endereçados a análise pelos autores que utilizariam a revista como veículo: o esporte e a atividade física. Os editores optaram por conjugar as tendências hegemônicas no campo da Educação Física a época e evocaram a ciência para conferir respeito e legitimidade ao periódico.

Nesse primeiro editorial a motivação dos responsáveis pela revista foi explicitada na primeira frase que o compõe: “O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte emergiu da necessidade de estudar o esporte num contexto tão amplo quanto científico”. O mote “estudar o esporte” e a associação com a cientificidade foram às demarcações que justificaram a criação e a escolha dos caminhos que os editores deveriam percorrer para compor a revista. Ainda nesse texto inicial os termos estudo científico e pesquisa são associados também à atividade física e os locais elencados para a prática da pesquisa também são delimitados, os centros de treinamento, clubes, módulos desportivos e laboratórios de avaliação.

Uma representação acionada com frequência em seus números iniciais foi a necessidade de glorificar as intenções do CBCE, nesse texto por exemplo, são evocados as noções de “simplicidade”, “pureza”, “boa vontade”, “vocação” para adjetivar a gênese e os objetivos da instituição. Além disso, os editores fizeram um esforço simbólico para se eximir de qualquer tomada de posição ou indisposição afiançando o esvaziamento de discussões políticas que marcou seus primeiros exemplares. Conforme os editores os caminhos que iriam ser percorridos deveriam pautar-se desse modo “nada de credos políticos e religiosos”, “o CBCE poderá estudar a política do esporte, sem fazer política no esporte” (RBCE, 1979, p. 2).

No número conseguinte, n. 2, v. 1, de 1980, o editorial ocupou pouco mais de meia página e não foi assinado. Versou sobre a “importância da Revista como órgão oficial do CBCE”, as dificuldades dessa empreita e lançou-se a elucidar “os porquês das coisas e do conteúdo” desse número do impresso (RBCE, 1980a, p. 7).

Os Editores se preocuparam em explicar a distinção das cores das capas da revista que tinha o propósito de “diferenciar os vários números do primeiro volume” e elencar todas as matérias tratadas (RBCE, 1980a, p. 7). As escolhas foram justificadas, sem maiores explicações, por sua contribuição para as Ciências do Esporte. Vale reproduzir na íntegra a ressalva efetuada pelos editores com relação às alterações tipográficas efetuadas:

> Esta segunda publicação tem um texto mais longo que a primeira, embora o número de páginas seja menor. É que o papel anda caro e então, resolvemos diminuir o tamanho da letra, para caber mais em menos espaço. Afinal, quem faz ciência é acima de tudo um prático (RBCE,1980a, p. 7).

Como exposto anteriormente nesse número modificaram-se não só o corpo dos tipos, mas também a família tipográfica empregada. O argumento da diminuição do custo da publicação parece válido, uma vez que, a redução do espaço garante um abatimento de custos, embora seja acompanhada pela afirmação de que “quem faz ciência é acima de tudo um

prático" que não serve como esclarecimento. Porém, explicita uma concepção de como se deve perpetrar a ciência materializada em uma ação direta sobre um campo de pesquisa e sugere uma compreensão utilitária de seus frutos. Esse entendimento se coaduna com os modos de fazer ordinários empregados pelos autores: mensurar e testar estruturas anatômicas e capacidades físicas.

O próximo editorial RBCE n. 3, v. 1, de 1980 ocupou o mesmo espaço do anterior e também não foi assinado. Seu conteúdo referiu-se a contatos estabelecidos entre a diretoria do CBCE e componentes de instâncias oficiais. Procurou-se celebrar esses encontros e interações entre os representantes do CBCE e as "personalidades da mais alta representatividade do esporte brasileiro". A título de exemplo podem ser mencionados o Cel. Péricles Cavalcanti (Secretário de Educação Física e Desportos do Ministério de Educação e Cultura), Major Sílvio de Magalhães Padilha (Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro) e o Gal. Cesar Montagna de Souza (Presidente do Conselho Nacional de Desportos) e o compromisso assumido pelo CBCE de "incentivar a pesquisa, motivar o estudo, organizar e promover cursos e congressos" (RBCE, 1980b, p. 4).

Esses encontros demonstravam a iniciativa de se estabelecer um diálogo com as autoridades envolvidas com a regulamentação e o financiamento do esporte e tem um efeito de imbuir de valor e prestígio os membros do CBCE e por extensão o impresso que era de sua responsabilidade. Com um tom fervoroso exaltou-se "com alegria e entusiasmo [...] que o estudo científico, a racionalização do trabalho, o treinamento embasado na ciência e a importância multidisciplinar" estão incorporados "na filosofia desses órgãos e nas mangas arregaçadas de seus Presidentes" (1980, p. 4).

O otimismo do discurso continuou com asserções como essas "quem sabe, esta será a década das ciências do esporte no Brasil", "uma década real, de braços bem abduzidos e de musculatura vigorosa, para abraçar forte [...] todos aqueles que veem no esporte muito mais que um chute mal dado numa bola furada". Novamente o texto sinaliza os ideais e metas do CBCE, "nós resolvemos investir no indivíduo, ou mais precisamente, no indivíduo que faz ciência no esporte" (1980, p. 4). Ao final do texto em mais declarações entusiastas podem-se encontrar indícios do leitor almejado para o periódico "o indivíduo que faz ciência no esporte", que possui "vontade de saber" e "capacidade de estudo" (RBCE, 1980b, p. 4).

Essa mesma tônica foi utilizada no editorial da RBCE n. 1, v. 2 de 1980 assinado em nome do CBCE. Com o subtítulo "carta aos amigos" salientou a participação de membros do CBCE em congressos internacionais, a realização dos congressos regionais e do I Congresso

Brasileiro de Ciências do Esporte. Reforçou as alianças estabelecidas entre o CBCE e o Comitê Olímpico Brasileiro, o Conselho Nacional de Desportos e a Secretaria de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura (SEED-MEC).

De maneira diversa dos anteriores expôs a quantidade de textos publicados na revista, notificou o recebimento de cartas de elogio e do aumento "quase que geometricamente" do número de simpatizantes do periódico "inclusive no exterior" (RBCE, 1980b, p. 6). Frisou por fim a convocação do presidente do CBCE pela SEED-MEC com o propósito de colaborar na elaboração de um plano nacional de pesquisa em Ciências do Esporte. Para os editores nessa ocasião o presidente "deve estar gritando que eu (CBCE) existo e que tenho ideias aproveitáveis" (RBCE, 1980b, p. 6). Mais um exemplo da utilização do prestígio dos membros da diretoria do CBCE junto a órgãos oficiais para conquistar respeito e adesão.

O editorial da RBCE v. 2, n. 2 de 1981 incitou os leitores a participarem das mudanças de orientação na política esportiva que o país estaria passando ao lado do CBCE relatado como instância fundamental a concretização desse processo. Para os editores o CBCE "tem procurado mostrar ao Brasil os novos rumos das Ciências do Esporte, ao modo como os grandes centros mundiais fazem há bom tempo" (RBCE, 1981a, p. 4).

Por conseguinte apresentou as concepções de médico do esporte e de professor de Educação Física "modernizadas" e alertou para a "crescente preocupação do país com as ciências do esporte" e a necessidade do leitor se "entregar mais vigorosamente aos estudos e ao aperfeiçoamento" contribuindo junto ao CBCE e aos órgãos responsáveis para acelerar as reformas nesse setor (RBCE,1981a, p. 4).

Essas representações sobre os médicos do esporte e os professores de Educação Física pautaram-se pela crítica a compreensão costumeira dessas profissões. Para os editores a medicina esportiva não pode "ser mais retratada pela simples imagem do médico que num campo de futebol, corre na direção de um atleta lesionado para lhe ministrar algumas poções milagrosas ou pomadas saliciladas de bom odor". Em seu lugar deve ser reconhecida a imagem do médico do esporte como um profissional que possui um "complexo formidável de conhecimentos de muitas áreas médicas e afins", uma figura "imprescindível e preponderante na escolha, na formação e na manutenção do grande atleta" e no "estabelecimento do melhor programa de saúde para a juventude brasileira" (1980, p. 4).

O juízo sobre a ilustração corriqueira do professor de Educação Física foi ainda mais enfático, este não poderia mais "ser representado como o homem forte e de boa vontade que distraia os alunos entre aulas de biologia e matemática", "[...] que frustrava-se ao ver seus

pedidos de compras de aparelhos de ginástica serem preteridos pela aquisição de sofisticados microscópios eletrônicos candidatos às poeiras". Para enfrentar essas manifestação os editores exaltam um novo sentido a esse profissional envolvido no "processo global de formação sócio-cultural do nosso jovem", deve "associar seu apito e seu cronômetro ao trabalho de laboratório de fisiologia do exercício", "[...] responsável pelo surgimento dos atletas e pelo desenvolvimento de suas potencialidades" e foram categóricos "hoje ele não é mais o 'professor de ginástica', mas o mestre de ciências do esporte" (1980, p. 4).

Para que isso se concretize os editores fizeram uma série de sugestões de intenção reformadora que seriam amparados por estudos "urgentes e obrigatórios": "alterar o curriculum escolar nas faculdades de Educação Física", "desenvolver mais cursos de especialização em medicina esportiva", "incrementar as pesquisas em ciências do esporte", "atualizar as legislações específicas da educação física e do esporte".

Nesses excertos as pretensões dos editores foram aclaradas substituir a Educação Física pelas Ciências do Esporte e o professor pela figura do "mestre de ciências do esporte". Inverteu-se a lógica formativa da disciplina por sua instrumentalização científica subjugando sua função educativa e permutando-a pela realização de pesquisas relacionadas à fisiologia do exercício.

Deve-se frisar que os editores ressaltaram que contavam com o apoio governamental. Esse intuito transpareceu em assertivas como "temos observado uma crescente preocupação do país com as ciências do esporte", e no relevo dado a atuação da Secretaria de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura que "corajosamente lançou-se à luta da reformulação das nossas antigas filosofias" (1980, p. 4).

O editor científico, Jorge Pinto Ribeiro, assumiu a autoria do editorial publicado na RBCE n. 3, v. 2 de 1981. Evocando uma retórica de balanço do trabalho realizado nos anos precedentes esse autor quantificou todo conteúdo do periódico e concluiu que "em nosso país, na área de Ciências do Esporte, ainda estamos escrevendo pouco", porém conforme o autor caso o leitor possua uma "visão evolutiva" concordará que "nunca se produziu e publicou tanto no Brasil" (RBCE, 1981b, p. 5).

O autor prosseguiu suas elucubrações sobre o que foi publicado na revista e constatou segundo sua avaliação um número elevado de artigos de revisão e cursos, indício de falta de qualidade, justificado pela acepção de que as Ciências do Esporte no Brasil eram "emergentes", buscando "inicialmente a revisão dos temas básicos para, a partir de um melhor

conhecimento teórico, de uma melhor instrumentação e metodologia científica" se poderá "levantar problemas e estudá-los de maneira adequada" (RBCE, 1981b, p. 5).

Pleiteou-se definir os objetivos e o formato de texto que deveria ser defendido pela maior parte dos autores que quisessem colaborar com o impresso "a intenção de buscar padrões nacionais e de desenvolver técnicas adaptadas à nossa realidade" incentivando um volume maior de estudos e a formação de uma comunidade científica com esses moldes (1981b, p. 5).

Ribeiro encerrou o texto assinalando que a RBCE "é o registro do caminho que será percorrido" nas Ciências do Esporte no país e seu desenvolvimento depende da colaboração dos leitores, autores em potencial (RBCE, 1981b, p. 5). O editor engendra nesse texto uma representação do protagonismo e da potencialidade do impresso como publicação científica que ditará os rumos que essa área específica deverá percorrer.

Essa seção foi interrompida até a sua reedição na RBCE n. 2, v. 4 de 1983. Nesse editorial informou-se que a revista teria entrado em uma nova fase e sofrido modificações estruturais. Efetivamente ocorreu a reintrodução dos editoriais, a criação da seção "ponto de vista" e uma revisão das normas para publicação. Foram anunciadas as criações de uma seção de "correspondência" que teria como conteúdo "cartas enviadas a autores de trabalhos publicados na revista, juntamente com a resposta dos mesmos, com a finalidade de comentar algum ponto discordante" e de um calendário de eventos, ambos não se concretizaram (RBCE, 1983a, p. 29). Foi feito um apelo, por fim, ao envio de trabalhos científicos e sugestões.

Mais um balanço foi o tema do editorial seguinte, v. 4, n. 3 de 1983. Em adição foi realizada uma solicitação aos membros do CBCE, leitores da RBCE, para o envio de artigos científicos para a publicação. Esse pedido constantemente reiterado aponta a dificuldade encontrada pelos editores para conseguir selecionar textos para serem inclusos no periódico.

No segundo número do quinto volume (1984) em um editorial conciso foi relatado o esforço dos editores em manter a periodicidade do impresso e a emissão em anexo de um formulário de inscrição para a filiação no CBCE (Anexo B). Essa estratégia de conquista de membros e de novos leitores foi ancorada em uma chamada explicativa que versou sobre o uso da ficha: "serve para que você possa se filiar ao CBCE ou, caso já seja membro, que dê a um amigo para que este passe a receber a revista e todas as demais vantagens como sócios" (RBCE, 1984a, p. 41). Mais um pedido de envio de textos e demais colaborações fechou o editorial desse número.

Essa mesma linha argumentativa foi obedecida no editorial publicado na RBCE, n. 3, v. 5 de 1984. Com um texto breve foram repetidos a valorização dos esforços dos editores para manter "a revista em dia" e o convite aos leitores para o envio de trabalhos para a publicação. Na seção publicada na RBCE n. 1, v. 6, de 1984 além desses assuntos recorrentes foi lembrado aos colaboradores da revista do imperativo de "verificar as normas de publicação antes de mandarem um trabalho" e de evitar o envio de textos sem as "características de um trabalho científico". Mais uma vez, assinalam-se os obstáculos enfrentados para a seleção de textos pertinentes a revista, não só o volume de contribuições parece ser escasso como a qualidade do que foi enviado era inadequada.

No texto do editorial impresso na revista subsequente (RBCE, 1985b) os editores narraram "crises e dificuldades" com que estavam lidando como a falta de trabalhos e o envio de contribuições fora das normas. Com esses motivos justificaram os atrasos na impressão da revista. Ao final do texto convidaram os leitores a participar do "IV Congresso Brasileiro de Ciências dos Esportes" organizado pelo CBCE.

Na seção publicada no último número do sexto volume (RBCE, 1985c) o texto foi iniciado com um pedido de desculpas ao leitor pelo atraso da edição, "sabemos do atraso da revista, não precisa ficar bravo e deixar de ser membro do CBCE". A justificativa oferecida foi "não há trabalhos para publicar" com isso "a revista não chega às mãos dos membros do CBCE". Os argumentos empregados referiram-se também a constatação de Simom Schwartzman publicado na Revista Brasileira de Tecnologia de que a maioria das revistas nacionais sofre de uma "irregularidade aguda", incluindo a RBCE (RBCE, 1985c, p. 175).

Combateu-se também a insatisfação de parte dos membros do CBCE que julgaram que seus textos não se enquadravam na linha editorial do periódico fato que foi veementemente refutado, "isso é falso, pois nossa revista nunca recusou um trabalho que fosse sério e coerente" (RBCE, 1985c, p. 175). Foi anunciada a gênese de uma nova seção intitulada "Relatos de Experiência", mais uma seção efêmera, que contou com apenas um texto publicado nessa edição.

A discussão do problema do envio de trabalhos fora das normas identificado em editoriais anteriores foi aprofundada com a queixa segunda a qual os editores estariam "cansados de bancar os coautores anônimos, corrigindo erros de português, refazendo gráficos, refazendo resumos em inglês, colocando data em referências bibliográficas, etc.". A questão parece ser levada com seriedade, uma vez que, para os editores se tratava "de um

preço bastante alto que estamos tendo que pagar, para mantermos as características de uma revista de alto padrão científico".

Relato interessante da intensidade da interferência dos editores na confecção dos textos e das dificuldades confrontadas para manter a publicação. Outro ponto que merece atenção refere-se à conclusão dos editores de que "os professores de Educação Física foram os profissionais que mais publicaram na RBCE", reconhecimento da ocupação do espaço do impresso em contraposição a contribuição anteriormente predominante dos médicos.

O editorial da RBCE n. 1, v. 7 de 1985 teve como tema a celebração do IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e a impressão dos anais desse evento como conteúdo da revista. O tom assumido foi distinto dos demais com a inclusão de comentários sobre o contexto político nacional, "momento especial de esperança e participação", "ponto de culminância de luta do povo brasileiro que chegou a tomar ruas e praças pelas diretas já[52]" e a reação a ele "todos estão tomando atitude", "aplauso ou reprovação" (RBCE, 1985d, p. 8).

A politização do discursou ecoou também internamente, falou-se, pela primeira vez, na "crítica às várias áreas de atuação das Ciências do Esporte" e reconheceram-se dissidências ainda que amainadas pela expressão "lutamos, a princípio na mesma trincheira" seguida da eleição de um propósito comum e genérico reforçando a tônica apaziguadora: "queremos ver os brasileiros e brasileiras exercendo plenamente o direito fundamental de serem felizes" (RBCE, 1985d, p. 8).

Nesse editorial foi reconhecido o contexto de mudança política ocasionado pelo fim dos governos militares e sua influência nos caminhos que seriam tomados pela direção do impresso. As cisões em seu interior foram admitidas e como estratégia para o seu enfrentamento foi proposta uma atitude conciliadora voltada a abrandar os ânimos exaltados pela agitação cultural e social que caracterizou o período.

A revista seguinte (RBCE, 1986a) marcou uma virada na formatação da revista e a reorganização de seu corpo editorial (ver subitem 2.1.2. Gestão e Nominata Editorial). Essas mudanças ressoaram também no editorial desse número que principiou com uma crítica ao conhecimento e a ciência, "o Homem não se compreende a si e nem ao que está a sua volta", "a Ciência do Homem encontra-se no zero" (RBCE, 1986a, p. 55). As Ciências do Esporte também foram questionadas, "as Ciências do esporte, a que vêm, que curiosidade têm?". Para

[52] Movimento civil organizado entre 1983 e 1984 que tinha o propósito de reivindicar a realização de eleições presidenciais diretas no Brasil. Apesar da intensa mobilização social as manifestações não tiveram êxito. Deve ser sublinhado que apesar do insucesso, um dos líderes do movimento, Tancredo Neves, foi eleito presidente de modo indireto em 1985 (SILVA, 1990).

sugerir a resposta recorreram-se as afirmações de Manuel Sérgio[53], citado no texto como "homem de ciência", de que o esporte "reflete sociedades e culturas" e é uma "atividade caracteristicamente humana" (RBCE, 1986a, p. 55).

Inspirado por essa autor questionou-se o arquétipo do corpo-máquina[54], "o Homem não é uma máquina e como tal não deve ser tratado" utilizado comumente por teóricos da fisiologia do exercício e do treinamento esportivo (RBCE, 1986a, p. 55). Para essa corrente o corpo é concebido e manejado como "objeto operacionalizável" na qual se servem da metáfora "corpo-máquina" para imputar "seu desejo de domínio" formatando uma "consciência mecânica do corpo" que o reifica e o torna manipulável (VAZ, 1999, p. 102).

A fim de enfrentar esse paradigma admitiu-se como válido a motricidade humana como referencial a ser seguido de acordo com os moldes dados por Manuel Sérgio. Desse modo, seria possível pensar "as atividades físico-desportivas não mais como um reduto de formação de máquinas de bater recordes, mas sim como um espaço onde o Homem aprenda s se tornar cada vez mais humano" (RBCE, 1986a, p. 55). Esse apelo à humanização dos exercícios corporais e das práticas esportivas demonstrou o anseio por efetuar um rompimento com as propostas e autores mais conservadores que dominavam o conteúdo do periódico.

Mais intenso foi o seu fechamento referindo-se ao CBCE os editores asseveraram em um tom dramático o imprescindível recomeço da instituição e a imbuíram da tarefa de, "quebrando as amarras do conformismo", se apresentar como "centro desmistificador da ciência e da pesquisa, descaracterizando desta forma o saber enquanto instrumento de poder e opressão" (RBCE, 1986a, p. 55). Tratou-se de uma clara demonstração de que a revista e sua entidade mantenedora deveriam traçar outros caminhos e abandonar os "velhos" referenciais.

O último editorial apreciado (RBCE, 1986b) tem um matiz semelhante ao precedente, porém tematizando a criança e sua condição social no Brasil sob uma ótica de crítica social de inspiração marxista. A partir da compreensão da importância de situar sua "condição social de classe" o texto foi transpassado de afirmações como "ser criança já é ser força produtiva, mão de obra barata, exército de reserva" que visavam discutir as agruras de viver a infância em um "país miserável do 3° mundo" (RBCE, 1986b, p. 85).

[53] Manuel Sérgio (1933) é professor catedrático aposentado da Universidade Técnica de Lisboa. Foi o principal teórico do Paradigma da Motricidade Humana. Atuou como professor convidado da Universidade Estadual de Campinas. Em 1983 a convite de Laércio Elias Pereira e Lino Castellani Filho participou como palestrante do Congresso Brasileiro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e foi eleito "sócio benemérito" da instituição.
[54] Atribui-se a Descartes a vulgarização dessa alegoria assentada na analogia das estruturas corporais humanas com as engrenagens de um relógio (LIMA, 2004).

Atacaram-se incisivamente as representações até então veiculadas rotineiramente pelo impresso que concebiam uma "criança abstrata" envolta por um "viver mágico, espontâneo e natural". Nesse sentido, sublinhou-se a urgência de contextualizar a infância e desmistificá-la, mirando-se uma criança encarnada que poderia ser encontrada "nas calçadas, nos metrôs, nas praças, nas favelas, nos cortiços, nas escolas públicas". Essa infância não obedeceria "o acontecer natural das fases de desenvolvimento", pelo contrário estaria sujeita as determinações causadas "pelas condições sociais de vida" (RBCE, 1986b, p. 85).

Novamente o editorial encerrou-se com um chamado a humanização, porém mais abrangente que o anterior destinado a conceber "uma sociedade onde as pessoas tenham o direito à vida" (RBCE, 1986b, p. 85). Afora essa argumentação o texto não discute nenhuma questão relativa à organização da revista ou do seu conteúdo. Nota-se pela leitura desses dois últimos editoriais uma reorientação das concepções e posturas que conduzem o impresso, o tom crítico e a atitude de denúncia social passaram a figurar uma nova compreensão sobre o papel da Educação Física e da missão do próprio periódico.

Os editoriais com a intenção de incidir sobre o comportamento e o imaginário dos leitores enfatizaram suas conquistas e desafios, mas também narraram os empecilhos, politizaram seu discurso e demarcaram diferenças e disputas. Atrelada à comemoração da edição de cada número, da organização de um evento ou do estabelecimento de um vínculo importante, os editores apontaram os principais impedimentos e dificuldades para a produção do impresso: a insuficiência, a falta de qualidade e o descuido com a normatização dos textos enviados.

As mobilizações e a reorganização política nacional foram pautadas e receberam comentários que balizaram o início de uma reconfiguração no discurso empenhado pelo corpo editorial da revista. Os comentários sobre a campanha das "Diretas Já" foram seguidos de questionamentos sobre os encaminhamentos dados ao impresso, à criação da necessidade de reformular seu conteúdo, e o recurso às teorizações ancoradas nas Ciências Humanas como a Teoria da Motricidade Humana e o Marxismo para justificar as escolhas editoriais. Sinais da pungência de reformulações materiais, estruturais e da escolha de novas representações para a revista.

1.1.4.1.2. Anais publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Os anais dos principais eventos organizados pelo CBCE foram publicados nos primeiros números dos volumes ímpares do impresso (RBCE, 1979; 1981c; 1983c; 1985d) e na RBCE v. 5, n. 3 de 1984. Essa alteração de conteúdo provocou em consequência algumas alterações na organização e na apresentação da revista. Infere-se que a publicação dos anais teve o êxito de conjugar a valorização dos eventos e dos participantes que tiveram seus textos publicados com a garantia de conteúdo formatado e adequado para o preenchimento do espaço da revista.

No número de estreia da RBCE (1979) foram publicados os anais do I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte realizado em São Caetano do Sul em 1979 teve como tema "a criança brasileira e a atividade física". Foi impresso o programa oficial contendo as mesas redondas, clínicas, painéis e temas livres. As mesas redondas tiveram como assunto a Antropometria, a Educação e a Fisiologia.

Na mesa com o título antropometria discutiram-se somatotipos, aspectos nutricionais e dobras cutâneas. Pelo tema "educação" foi tratada a formação de atletas, a participação da mulher no esporte e os aspectos antropológicos do futebol. A fisiologia foi abordada a partir da avaliação da capacidade aeróbica e anaeróbica. As clínicas versaram sobre antropometria, eletrocardiograma, traumatologia esportiva, testes motores e de aptidão física. Os painéis centraram-se na relação entre a criança e a atividade física, a criação do CBCE e o esporte amador. Os resumos dos temas livres foram publicados integralmente na revista (Apêndice A[55]).

A observação dos trabalhos publicados indica uma concentração de autores oriundos do sudeste e do sul, filiados ao meio universitário ou a laboratórios de investigação, na qual se sobressaem os nomes de membros da diretoria do CBCE como Victor K. R. Matsudo, Claudio Gil Soares e Sandra M. Cavasini e o Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul.

Pela quantificação dos temas dos trabalhos apresentados no I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Quadro 1) percebe-se o predomínio da aptidão física com 42,1% seguida de perto pela antropometria com 15,7% e pela atividade física e saúde com 13,1%. Esses assuntos mais recorrentes estiveram muito próximos do propósito do congresso, de suas mesas e cursos. Denotou-se uma proximidade entre o que a organização do evento propôs e os

[55] Optou-se por colocar as tabelas que ocupassem mais de uma página na seção "Apêndices" para proporcionar mais fluidez à leitura.

trabalhos enviados. Apenas a mesa voltada a “Educação” não teve um resumo correlato apresentado.

Quadro 1 – Temário com Temas livres publicados na RBCE (1979)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Antropometria	6	15,7%
Aptidão Física	16	42,1%
Atividade Física e Saúde	5	13,1%
Dança	1	2,6%
Psicologia do Esporte	4	10,5%
Desenvolvimento Motor	1	2,6%
Esportes	2	5,2%
Sem classificação	3	7,8%
Total	38	100%

Ressalta-se que na apresentação desses anais do I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte publicada na revista ocorreu a montagem de uma “comissão de honra” composta pelos Cels. Maurício de Assunção Cardoso (continua sendo referenciado como membro honorário do CELAFISCS) e Péricles Cavalcanti (Secretário de Educação Física e Desportos do Ministério de Educação e Cultura). Essa ocorrência sublinhou a necessidade de homologação oficial e a vontade de estabelecer um estreitamento entre o CBCE e os governos militares manifestada nos anos iniciais do periódico.

Os anais do II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado na cidade de Londrina (PR) em 1981 foram publicados no Suplemento n. 1 do mesmo ano. Não foi eleita uma temática central para o evento. Esse foi o único número que o conteúdo foi diretamente associado à publicidade. A revista foi aberta por um texto assinado pela “ADIDAS” no qual a empresa parabenizou os organizadores do evento e publicizou suas impressões sobre o esporte e sobre os profissionais que o compõe.

Assim, o esporte foi definido como um elemento integrador, “imune às influências de raças, credos religiosos ou ideológicos, capaz de promover o encontro de “homens de todas as partes do mundo” e “unir e aproximar os povos” (1981, s/p). Para a Adidas o professor de Educação Física e o médico desportivo seriam os sujeitos que tem como ofício “dedicar grande parte de suas vidas planejando, elaborando ou estudando uma maneira de fazer funcionar com perfeição o corpo e a mente do homem” (1981, s/p).

A empresa fez alusões à função socializadora do esporte e a sua pretensão de ser uma prática politicamente “neutra” avessa a ideologizações. Um entendimento dual do humano, uma concepção mecânica do corpo e a defesa de uma intervenção científica na performance corporal também foram referendadas compondo um discurso enviesado interessado em

transformar a prática do esporte em um baluarte capaz de potencializar as vendas de material esportivo.

No programa oficial foram listadas mesas redondas discutindo o esporte no Brasil, a Educação Física na escola (subtemas: nutrição, avaliação, didática e atividade física), treinamento desportivo, medicina e exercício, fisiologia, formação e mercado de trabalho em Ciências do Esporte, o Curso de "Iniciação à pesquisa em ciências do esporte" sob responsabilidade de Victor Keihan Matsudo e Sandra Caldeira, temas livres, painéis e uma palestra de encerramento intitulada "A Biomechanical Model of Force and Performance" ministrada por T. Blaine Hoshizaki (Mcgil University – Canadá).

Foi publicada uma lista constando todos os membros do CBCE, seu estado e país de origem. Os membros foram abalizados por títulos relacionados à formação e área de atuação como "Dr." e "Prof." com a ressalva de que essa atitude não teve a "intenção de qualquer distinção entre nós", "serve apenas para uma identificação mais completa". Os nomes sem titulação referiram-se a estudantes. A lista (RBCE, 1981c) promoveu efetivamente uma classificação e serviu para avaliar a condução e as disputas por reconhecimento travadas entre médicos, professores de Ed. Física e outros profissionais.

Os resumos dos temas livres publicados (Apêndice B), de modo análogo ao evento anterior, reuniram uma maioria de autores do sul e do sudeste vinculados à universidade ou a instituições de pesquisa, especialmente ao Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul. Pela avaliação do temário repara-se a confirmação da ascendência da aptidão física como conteúdo reinante (49%) e um discreto aparecimento de tópicos voltados à área educacional como Formação de Professores com 1,8% e Educação Física Escolar com 3,7%. Deve-se frisar a tentativa da organização de oportunizar, por meio do programa oficial, outras possibilidades temáticas como a "Educação Física na escola" e a "formação e mercado de trabalho em Ciências do Esporte" ainda que limitadas a compreensão que tinham da amplitude desses assuntos nesse intervalo temporal.

Destaca-se a publicação de resumos de autores argentinos, vestígio da existência de colaborações e referência em comum de atores pertencentes aos campos da Argentina e do Brasil e potencialmente pertencentes a comunidade de leitores dos dois impressos. Os textos publicados foram "Evaluación aptitudinaria de la población argentina" de P. G. E. Narváez et al., "Evaluación Físico-Deportiva de Poblaciones entre 8-12 años" de E. Masabeu, et al., "Crecimiento y aptitud física em escolares de la Província de Buenos Aires" de Raul Gomez,

et al., “Penta-Test prueba de evaluación práctica” de Jorge Diaz Otáñez[56] e “Frecuencia cardiaca de Recuperación como criterio de evaluacion” de P. G. E. Narváez.

O primeiro e o último contaram com apoio oficial da Direccíon Nacional de Educación Física, Deportes y Recreación ligada ao Ministerio de Cultura y Educación. O segundo não tinha vinculação governamental e os outros dois foram relacionados a escolas. Os três primeiros tiveram como objetivo avaliar o nível de aptidão física de diferentes populações, o quarto visou promover um método de teste das capacidades físicas para alunos de escola secundária denominado Penta-test e o último pretendeu aplicar a medida da frequência cardíaca como parâmetro para avaliar o nível de aptidão física. Interesses e proposições muito próximas às utilizadas pela maioria dos autores mais recorrentes da RBCE.

Quadro 2 – Temário com temas livres publicados no Suplemento n. 1 (1981c)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Antropometria	7	13,2%
Aptidão Física	26	49%
Atividade Física e Saúde	7	13,2%
Formação de Professores	1	1,8%
Educação Física Escolar	2	3,7%
Psicologia do Esporte	1	1,8%
Medicina Esportiva	1	1,8%
Esportes	3	5,6%
Treinamento Esportivo	2	3,7%
Desenvolvimento Motor	1	1,8%
Ed. Física Adaptada	1	1,8%
Sem classificação	1	1,8%
Total	53	100%

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

A RBCE n. 1, v. 5 de 1983 teve como conteúdo os anais do III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte sediado em Guarulhos (SP) no ano de 1983. O tema central do evento foi o treinamento desportivo. No programa oficial registraram-se a consecução de cursos, mesas redondas, painéis e temas livres. Os cursos ministrados versaram a respeito do voleibol, treinamento desportivo, desenvolvimento motor, natação, aplicações do consumo máximo de oxigênio e do limiar anaeróbico na avaliação do treinamento, dança aeróbica, reabilitação cardíaca e postura. As mesas centraram-se na “atualização do treinamento desportivo”, “desporto e desenvolvimento humano”, “avaliação do treinamento desportivo”, “atividade física para grupos especiais” e “legislação e publicidade no esporte”.

Frisa-se que sua programação contou com a mesa redonda com o tema “Ciências do Esporte – ontem, hoje e amanhã” com a participação de Mario Cantarino Filho, Victor K. R.

[56] Esse autor publicou na Stadium n. 93 de 1982 um artigo sobre esse mesmo tema intitulado “Penta-test: evaluación práctica para la escuela secundaria”. Mais um indício da existência de confluências entre os dois impressos. Esse trabalho foi analisado no terceiro capítulo dessa tese.

Matsudo e Rui Krebs e com a mesa redonda “Desporto e desenvolvimento humano” com os professores Manuel Sergio V. Cunha, João Paulo S. Medina e Laércio Elias Pereira. Nessas mesas exprimiram-se Mario Cantarino Filho e João Paulo S. Medina autores identificados (e importantes para sua fundamentação) com o movimento de renovação da Educação Física brasileira e Manuel Sérgio autor que influenciou sua gestação.

Em sua dissertação de mestrado intitulada “A educação física no Estado Novo: história e doutrina”, de modo pioneiro Cantarino Filho (1982) procurou analisar as relações entre a Educação Física e o Estado Novo, se destacando por uma abordagem crítica não observada até então nos estudos históricos realizados em nossa área. Medina (1985) em seu livro A educação física cuida do corpo... e “mente” questionou as correntes conservadoras da Educação Física e propôs a necessidade de uma reorientação do seu paradigma que deveria preocupar-se com sua vocação educacional.

Pela listagem dos trabalhos publicados e seus autores (Apêndice C) atesta-se a permanência da origem nas regiões sudeste e sul, ainda que, em comparação, haja um número maior de resumos da região nordeste. A filiação a universidades e centros de pesquisa, também foi confirmada nessa edição do congresso. A verificação dos temas livres (Quadro 3) ratifica a intenção dos organizadores com um número expressivo de resumos com o tema “Treinamento Esportivo” (11,4%), apesar da conservação da “Aptidão Física” em posição majoritária (27,1%) acompanhada de outros temas convencionais como “Atividade Física e Saúde” (14,2%) e “Antropometria” (10%). Tópicos inseridos no âmbito educacional tiveram um pequeno crescimento como “Educação Física Escolar” (7,1%) e “Formação de Professores” (5,7%).

Quadro 3 – Temário com temas livres publicados na RBCE (1983c)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Antropometria	7	10%
Aptidão Física	19	27,1%
Atividade Física e Saúde	10	14,2%
Dança	1	1,4%
Formação de Professores	4	5,7%
Educação Física Escolar	5	7,1%
Formação Profissional	2	2,8%
Psicologia do Esporte	1	1,4%
Medicina do Esporte	2	2,8%
Esportes	5	7,1%
Treinamento Esportivo	8	11,4%
Lazer e Recreação	2	2,8%
Desenvolvimento Motor	3	4,2%
Sem classificação	1	1,4%
Total	70	100%

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

Os Anais do II Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento e Congresso Regional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte foram publicados na RBCE v. 5, n. 3 de 1984. O evento teve como tema a "Educação Física Escolar" e em sua programação esse assunto foi recorrente. Dessa forma, o evento contou com as mesas redondas "Educação Física: o que, para que e como?" composta por Jefferson Tadeu Canfield, Victor K. R. Matsudo e Go Tani; "O novo pensar na Educação Física" com Manoel J. G. Tubino, Mário Cantarino Filho e Eliana Caram; e com os cursos "Educação Psicomotora", "Educação Física Escolar", "Dança escolar", "Aprendizagem Motora", "Desenvolvimento Motor" e "Controle Motor".

Essa ordenação do evento permite visualizar uma reorientação temática significativa com a inclusão de um conjunto de atividades voltadas a Educação Física escolar e a corrente teórica da psicomotricidade. Prova da influência crescente dessa corrente no campo da Educação Física.

Quadro 4 – Temário com temas livres publicados na RBCE (1984b)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Aptidão Física	15	36,5%
Educação Física Escolar	8	19,5%
Desenvolvimento Motor	5	12,1%
Antropometria	2	4,8%
Esportes	2	4,8%
Formação Profissional	2	4,8%
Formação de Professores	2	4,8%
Atividade Física e Saúde	1	2,4%
Epistemologia	1	2,4%
Psicologia do Esporte	1	2,4%
Treinamento Esportivo	1	2,4%
Sem classificação	1	2,4%
Total	41	100%

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

Mais uma vez a maioria dos autores era originária da região sudeste, principalmente de Minas Gerais e São Paulo, e vinculados à universidade ou a instituições de pesquisa. O temário ratificou a aptidão física como tema mais recorrente (36,5%), mas conteúdos relacionados a escolarização da disciplina tiveram uma presença significativa como a Educação Física Escolar (19,5%) e o Desenvolvimento Motor (12,1%). A eleição da temática do congresso, "Educação Física Escolar", colaborou para a inscrição de um número significativo de trabalhos nessa área, porém não serviu para desbancar a posição hegemônica da aptidão física.

Os últimos anais analisados foram publicados na RBCE n. 1, v. 7 de 1985 referentes ao "IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" realizado em Poços de Caldas (MG) no mesmo ano. O mote do evento foi "as Ciências do Esporte na Nova República" aludindo ao movimento político de mesmo nome[57]. No programa foram inscritos cursos, mesas redondas, palestras e temas livres.

Os cursos enfocaram a "aprendizagem motora", a "informática em Educação Física e esportes", a "fisiologia do esforço", "natação", "administração esportiva", "biodança", "atividade física para deficientes" e "metodologia do treinamento esportivo". As mesas debateram as "perspectivas da área biológica nas Ciências do Esporte na Nova República", as "perspectivas da informática nas Ciências do Esporte na Nova República", as "perspectivas políticas nas Ciências do Esporte na Nova República", as "perspectivas psicopedagógicas nas Ciências do Esporte na Nova República", as "perspectivas do treinamento nas Ciências do Esporte na Nova República" e "por uma Ciência do Movimento". A única palestra ministrada intitulou-se "criança, pobreza e desnutrição".

Além dos cursos, mesas redondas e palestras tradicionais o evento contou com títulos como "aprendizagem motora" (curso ministrado por Go Tani), "criança, pobreza e desnutrição" (palestra de Maria B. R. Ferreira), "perspectivas políticas nas Ciências do Esporte na Nova República" (mesa redonda com Bruno Silveira, Victor K. R. Matsudo e Lino Castellani), "perspectivas psicopedagógicas nas Ciências do Esporte na Nova República (mesa com Go Tani, Apolônio Carmo e Vera Lúcia C. Ferreira) e "por uma Ciência do Movimento" (mesa com Manuel Sérgio, Rolando Toro e Lino Castellani). Temas e componentes identificados com novas visões da Educação Física e do esporte ancoradas em referenciais diferenciados como a psicomotricidade, a Teoria da Motricidade Humana e as correntes da Educação Física mais críticas que marcaram os anos 80 do século XX.

O exame dos trabalhos publicados e de seus autores (Apêndice D) reforça a manutenção da procedência nas regiões sudeste e sul. De modo semelhante o pertencimento a universidades e instituições de pesquisa foi rearfimada. O temário dos temas livres (Quadro 5) ainda abaliza a "Aptidão Física" como o assunto mais debatido com 20,1%, seguido da "Atividade Física e Saúde" com 14,7%. No entanto, a "Antropometria", tópico tradicional, teve seu percentual reduzido para 4,5%. "Desenvolvimento Motor" apresentou um crescimento significativo sendo o terceiro assunto mais publicado com 11,9%. "Educação

[57] Nova República é uma denominação utilizada para nomear o período de redemocratização, pós-governos militares, usualmente delimitado a partir da eleição indireta de Tancredo Neves, presidente civil, ocorrida em 1985 (SILVA, 1990).

Física Escolar" (5,5%) e "Formação de Professores" (5,5%) não confirmaram os altos percentuais alcançados no evento anterior.

Quadro 5 – Temário com temas livres publicados na RBCE (1985d)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Antropometria	5	4,5%
Aptidão Física	22	20,1%
Atividade Física e Saúde	16	14,7%
Biomecânica	1	0,9%
Dança	4	3,6%
Métodos de Pesquisa	2	1,8%
Formação de Professores	6	5,5%
Formação Profissional	1	0,9%
Educação Física Escolar	6	5,5%
Lazer e Recreação	1	0,9%
Ginástica	3	2,7%
Esportes	6	5,5%
Treinamento Esportivo	12	11%
Desenvolvimento Motor	13	11,9%
Ed. Física Adaptada	3	2,7%
Sem classificação	8	7,3 %
Total	109	100%

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

Os cinco anais publicados na revista apresentaram características semelhantes. Os autores se concentraram na região sudeste e sul. O vínculo com universidades e instituições de pesquisa foi estabelecido na maioria dos casos. O assunto mais referendado foi a "aptidão física". Temáticas direcionadas ao campo educacional tiveram um crescimento significativo, porém não ameaçaram a hegemonia dos tópicos mais convencionais.

Reconhece-se uma ampliação expressiva do número total de resumos impressos que passou de 39 na RBCE n. 1, v. 1 de 1979 para 109 na RBCE n. 1, v. 7 de 1985, um crescimento de cerca de 180%. Foi identificado o uso de diferentes estratégias na editoração dos anais como realçar o apoio governamental a realização dos eventos e associá-los a publicidade, listar e classificar os sócios promovendo distinções entre eles e os polarizando entre médicos e professores de Educação Física.

A organização das temáticas centrais e das mesas-redondas mostrou uma reorientação temática importante. Os primeiros anais exibiram conteúdos mais conservadores alinhados com a produção da revista e com os resumos inscritos nos eventos. No entanto, nos três últimos tópicos e autores ajustados a crítica e as correntes com propostas renovadoras foram incluídos, sinais de uma possível concessão às pressões por uma modificação do conteúdo do impresso e da própria compreensão sobre a orientação epistemológica do campo da Educação Física.

Por fim, ressalta-se a publicação de resumos de autores argentinos, incluindo de Otáñez autor que publicou artigos na revista Stadium. Evidência da existência de cooperações e partilhas de entendimentos e referenciais comuns entre os pertencentes dos campos da Argentina e do Brasil e potencialmente membros da comunidade de leitores de ambos os impressos.

1.1.4.1.3. Posição Oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

A seção "Posição Oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte" foi publicada no número de estreia (RBCE, 1979), consistiu em um espaço para a publicação de pareceres a respeito de assuntos "técnicos ou científicos" pertencentes ao arcabouço das "ciências do esporte", pretensamente produzidos pelos especialistas que compunham o CBCE. No entanto, o conteúdo dessa seção remeteu a tradução de um parecer do American Colllege of Sports Medicine, publicado originalmente como "Weight Loss in Wrestlers" no periódico Medicine and Science in Sports (1976). Tratou-se de uma avaliação sobre a perda de peso em lutadores.

Outro parecer foi impresso na RBCE n. 3, v. 1 de 1980. Sob o título "A quantidade e a qualidade de exercício recomendada para o desenvolvimento e manutenção da aptidão física em adultos sadios" e identificação (índice) como artigo de revisão. A classificação usada impede uma tipologia precisa. Não obstante, foi realizada mais uma tradução de um parecer do American Colllege of Sports Medicine de autoria de J. P. Ribeiro.

Na RBCE (1980c) consecutiva esse artifício foi reutilizado. Assinado por Emédio Bonjardim e Dante de Rose, o texto versou sobre o uso de esteroides anabólico-androgênicos nos esportes. Aparentemente esse tipo de escrito não alcançou a ressonância esperada na comunidade de leitores da revista, sendo abandonada sua publicação nos números posteriores. Um possível indício da convergência de referenciais entre os editores dos dois impressos foi a publicação traduzida desse mesmo parecer sob o título "Uso y abuso de esteroides en el deporte" na Stadium n. 95 de 1982.

1.1.4.1.4. Artigo original

O artigo original é uma publicação com autoria declarada, que contem ideias, métodos, técnicas, processos e resultados de diferentes áreas do conhecimento. Esse tipo de texto comunica e serve de referência para um campo de pesquisa, informa descobertas,

defende métodos e modelos desenvolvidos, deve ser legitimado por uma comunidade de pesquisadores. Habitualmente é submetido a um exame realizado por outros cientistas, que avaliam as informações, verificam os métodos, a argumentação lógica e a validade das conclusões e ou resultados obtidos.

A RBCE, n. 1, v. 1, de 1979 publicou um "artigo original", compreendido de forma concisa pelo projeto editorial como um "trabalho inédito não publicado", porém sem explicitar essa classificação, dando início a essa seção que foi a mais reeditada na revista. Posteriormente na RBCE n. 2, v. 4 de 1983 essa categorização, "artigo original", foi ampliada sendo compreendida como "trabalhos inéditos não publicados anteriormente em periódicos nacionais ou estrangeiros". O número seguinte (RBCE, 1980a), também publicou apenas um texto nessa seção, exibindo essa disposição, apesar de ser intitulado "Personalidade de atleta: uma revisão da literatura" e conter uma revisão bibliográfica sobre o tema, foi inventariado como "original" pelos editores.

Na edição consecutiva (RBCE, 1980b) esse espaço foi consubstanciado, ocupando o maior número de páginas da revista, foram publicados seis artigos nessa seção. Essa preponderância foi conservada nos números subsequentes, RBCE, n. 1, v. 2, de 1980 e RBCE, n. 2, v. 2, de 1982 com a exposição de cinco artigos classificados como "originais". Sucedeu-se uma pequena redução de espaço dessa seção nas RBCEs n. 3, v. 2, de 1981, n. 3, v. 3, de 1982, com a publicação de quatro artigos, n. 1, v. 3, de 1981 e n. 2, v. 3, de 1982 com três cada.

Na RBCE n. 1, v. 4 de 1982 os artigos foram publicados sem classificação. Entretanto, a leitura das notas de rodapé e a análise da metodologia empregada suscitam pistas que possibilitam sua classificação no projeto editorial da revista. Desse modo, foi publicado apenas um "artigo original", intitulado "Determinação da sensação subjetiva de esforço em esportistas em diferentes grupos de idade de ambos os sexos", os demais artigos não eram trabalhos inéditos.

Nos números seguintes apesar da seção não ser mais referenciada no sumário, os títulos dos artigos foram precedidos pela inscrição "artigo original". Na RBCE n. 2, v. 4 de 1983 foram impressos dois artigos originais. Esses números expressaram amostras da redução progressiva da veiculação de textos originais que a revista sofreu até o número 3 do v. 4 de 1983 que representou uma modesta recuperação pela publicação de três artigos originais. Esse número de artigos originais foi mantido na RBCE, n. 2, v. 5 de 1984, mas novamente encurtado pela publicação de apenas dois textos desse tipo na RBCE, n. 3, v. 5 de 1984.

A RBCE n. 1, v. 6, publicou três artigos originais. Na RBCE n. 2, v. 6 de 1985 foram publicados, igualmente, três artigos originais. No exemplar posterior (RBCE, 1985c) foram impressos quatro artigos originais. Nesse volume é possível notar a manutenção do número e um discreto incremento no número de textos originais publicados. Essa classificação dos artigos foi abandonada na RBCE n. 2, v. 7 de 1986. Nessa revista os textos passaram a ser denominados de estudos. O mesmo ocorreu no número seguinte (RBCE, 1986b).

A forma e o ritmo de publicação dessa seção mostram sinais de dificuldade de seleção, editoração e categorização dos textos. A definição pouco clara utilizada para determinar a inclusão de um texto na seção possibilitou desvios e controvérsias. Em alguns casos textos que traziam em seus títulos a inscrição "revisão de literatura" foram taxados como "originais", em outros não receberam qualquer denominação.

Pela verificação da autoria dos textos (Apêndice E) percebeu-se uma grande incidência de membros da diretoria do CBCE, integrantes do corpo editorial da revista e a repetição de autores. Victor K. R. Matsudo, ex-presidente do CBCE (1979-1981), foi o autor que mais publicou na seção, assinou 16 artigos como autor ou coautor (30,1%). Foi seguido por Sandra M. Cavasini (Vice-Presidente de Educação de 1983 a 1985) com 5 aparições (9,4%), Cláudio Gil Soares de Araújo, também ex-presidente do CBCE (1981-1983), com 4 citações (7,5%) e Dartagnan Pinto Guedes com a mesma quantidade.

Números representativos que induzem a constatação de uma prática de endogenia em relação à concentração de autores filiados a instituição e membros de sua diretoria. No entanto, deve-se frisar a dificuldade reiterada pelo corpo editorial em editoriais e na seção "Comunicado dos Editores da RBCE" de conseguir angariar textos que poderiam ser publicados na seção, inclusive com a realização de constantes chamadas para a colaboração dos membros do CBCE.

Os temas evocados nos textos (Quadro 6) demonstram a filiação as Ciências do Esporte vinculadas as Ciências Biológicas e correlatas, com preponderância da Aptidão Física (39,6%), seguida pela Psicologia do Esporte com (13,2%) e pela Atividade Física e Saúde (9,4%). Tópicos voltados ao âmbito escolar e a formação de professores representaram, juntos, apenas 7,4% do conteúdo da seção.

Com relação a essa baixa incidência que poderia levar a conclusões apressadas sobre uma presumível exclusão dessas temáticas do conteúdo selecionado, os editores em comunicação oficial veiculada na RBCE n. 2, v. 4 de 1983 e nos números subsequentes pronunciaram-se, sob o título de "Comunicado dos Editores da RBCE" manifestando a

aceitação de textos cujo objeto girasse em torno dessas questões e isentando-se da responsabilidade sobre a escassez de artigos que versassem sobre esses assuntos na revista.

Os editores advertiram que "até hoje muitos trabalhos publicados foram na área biológica, não por culpa dos editores, mas porque foram os trabalhos enviados para a Revista e que obedecem as normas da mesma" (RBCE, 1983a, p. 66). Remete-se, novamente, ao baixo número de colaborações e as inadequações dos textos enviados a normatização relatados pelos editores em editorais e outras seções da revista.

Quadro 6 – Temário da Seção Artigo Original – RBCE (1979-1985)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Aptidão física	21	39,6%
Psicologia do Esporte	7	13,2%
Desenvolvimento Motor	1	1,8%
Antropometria	8	15%
Treinamento Esportivo	3	5,6%
Sem classificação	1	1,8%
Atividade Física e Saúde	5	9,4%
Biomecânica	2	3,7%
Métodos de Pesquisa	1	1,8%
Formação de Professores	3	5,6%
Educação Física Escolar	1	1,8%
Total	53	100%

As representações veiculadas pela maioria desses artigos centraram-se em medir níveis de aptidão física, validar testes e instrumentos de medir o desempenho físico e descrever variáveis antropométricas e fisiológicas. Suas concepções de ciência e método resumiram-se a coleta, processamento e apresentação dos dados com nenhuma ou com uma pequena exigência de pressupostos teóricos (PAIVA, 1994; OLIVEIRA, 2011). Para Adroaldo Gaya (1994, p. 57 e 58) essas pesquisas "não exigem preparação teórica para além do domínio das técnicas antropométricas para medir e as técnicas estatísticas para descrever os resultados", podem ser consideradas "descrições parciais descontextualizadas" redigidas a "partir de modelos mecânicos".

Reduzem-se a "uma visão estritamente biológica de Educação Física/Esportes" que visa transpor objetos e intenções advindos das Ciências Naturais para a Educação Física (SILVA, 1990b). Não conseguem ou não objetivam romper com o espaço temático e disciplinar das ciências que as fundamentam produzindo conhecimentos "parcializados, fragmentados e desarticulados" nos quais o critério de cientificidade era quase sempre definido pela significância estatística (GAYA, 1994, p. 124). Entretanto, acepções dissonantes também foram encontradas. Seguindo os propósitos dessa investigação os textos que as continham foram analisados no terceiro capítulo dessa tese.

1.1.4.1.5. Seção Estudos

Essa seção passou a ser publicada na RBCE n. 2, v. 7 de 1986 e foi reeditada no número posterior (último analisado). Esse espaço concentrou todos os artigos enviados para a revista encerrando a distinção estabelecida anteriormente entre textos originais e trabalhos de revisão (Apêndice F). Visou demarcar uma diferenciação na política editorial anterior, inclusive, via categorização textual. Nesse número o novo corpo editorial pretende assumir uma nova orientação para a revista estabelecendo um diálogo com as Ciências Humanas e com paradigmas alternativos como a Motricidade Humana (RBCE, 1986a, p. 55).

Pela apreciação dos textos publicados (Quadro 7) nos dois números analisados (RBCE n. 2 e n. 3 do v. 7 de 1986) verifica-se uma renovação de autores e um incremento quantitativo dos artigos que versavam sobre a "Educação Física Escolar" que passou a figurar como a temática mais debatida na revista com 30%. Entretanto, assuntos tradicionais permaneceram como a "Aptidão Física" (20%) e a "Atividade Física e Saúde" (20%). A tendência à concentração de textos assinados por membros da diretoria do CBCE ou do corpo editorial da revista, também, parece ter sido alterada. Somente Wagner Wey Moreira, membro da Comissão Científica da revista, teve um texto publicado no intervalo pesquisado.

Tabela 5 - Estudos publicados na RBCE (1986)

Título	Autor	n./v.	Ano
A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista	Valter Bracht	2/7	1986
O efeito de três programas de salto em profundidade sobre o resultado do salto vertical	Adilson Osés; Bruno König Junior	2/7	1986
Estudo eletromiográfico dos músculos do reto abdominal e oblíquo externo em diversos exercícios, na posição de decúbito dorsal	Antonia Dalla Pria Bankoff; José Furlani	2/7	1986
Educação física na escola de 1º grau - 1ª a 4ª séries	Wagner Wey Moreira	2/7	1986
Análise de técnicas estatísticas aplicáveis à Educação Física	Elisa Maria Diniz Botelho	2/7	1986
A educação física no ensino de 1º grau: do acessório ao essencial	Carmen Lúcia Soares	3/7	1986
Levantamento da incidência de cifose postural e ombros caídos em alunos de 1ª à 4ª séries escolar	Valter Brighetti; Antonia Dalla Pria Bankoff	3/7	1986
Análise da educação física em nível pré-escolar no município de São Paulo	Maria Tereza Silveira Böhme; Maria Augusta Peduti Dal´Molin Kiss; Wilton de Oliveira Bussab	3/7	1986
Influência do início da medição da altura do salto vertical na precisão do resultado final	Liliam Fernandes da Rocha Pereira; Mario Donato DÁngelo	3/7	1986
Efeito do condicionamento físico aeróbico sobre a reserva miocárdica de oxigênio em sedentários	Ademir Tadeu Cardoso	3/7	1986

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

Quadro 7 – Temário da Seção Estudos - RBCE (1986)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Sociologia do Esporte	1	10%
Treinamento Esportivo	1	10%
Aptidão Física	2	20%
Educação Física Escolar	3	30%
Métodos de Pesquisa	1	10%
Atividade Física e Saúde	2	20%
Total	10	100%

Infere-se que essa reorientação temática deu-se pelo vencimento das disputas internas por um grupo de professores de Educação Física com uma visão mais progressista sobre o campo da Educação Física. Esses atores sociais assumiram a direção da revista destituindo os médicos que antes tinham o seu controle[58]. Notadamente, o contexto político brasileiro delimitado pelo fim da ditadura e pela celebração da liberdade e de posicionamentos democráticos influiu nessa alteração.

Essa nova gestão arrefeceu o predomínio dos textos na perspectiva da aptidão física e similares, mas não o extinguiu. Nesse sentido, ocorreu uma mescla de textos que visavam diagnosticar a situação da Educação Física escolar ou discutir suas tendências pedagógicas e trabalhos ainda focados na mensuração do desempenho físico e na discussão de técnicas destinadas a sua potencialização.

1.1.4.1.6. CBCE em notícias

Essa seção foi publicada em todos os números do primeiro e do segundo volumes da RBCE (1979-1981). Tinha o propósito de divulgar a participação de membros do CBCE em eventos nacionais e internacionais, a inauguração de laboratórios e instalações, informes de entidades ou organizações ligadas ao esporte. Nos textos informativos celebrou-se o prestígio e distinção que os membros do CBCE possuíam nacional e internacionalmente, especialmente os integrantes da diretoria, e se comemoraram os investimentos em pesquisa, infraestrutura e organização esportiva. Uma espécie de colunismo social revestido de um verniz de cientificidade e prestígio acadêmico.

Na RBCE n. 1, v. 1, de 1979 a seção contou com duas páginas e meia. Os assuntos tratados foram a presença de membros do CBCE em eventos nacionais e internacionais, a inauguração de centros de pesquisa e ensino, encontros da diretoria com ilustres e outros encontros semelhantes, feitos de sócios do CBCE, divulgação de cursos.

[58] Ver Tabela 1 - Gestão Editorial da RBCE (1979-1986).

Os eventos que listaram a participação dos sócios do CBCE foram o “1979 Anual Meeting of Sports Medicine and Pan-Pacific Conference” no Havaí, a “I Jornada Internacional de Medicina Desportiva e Educação Física” no Paraguai, o “V Congresso Brasileiro de Medicina Desportiva” e o “Congresso de Medicina Desportiva” em Porto Rico. Foram comentadas as inaugurações do “Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Prefeitura Municipal de SP”, das Faculdades Integradas de Guarulhos e da Faculdade de Educação e Cultura do ABC.

Foram lembrados a inserção de um membro do CBCE na Comissão Técnica da Seleção da Arábia Saudita, o editor-chefe da RBCE na posição de presidente da Comissão Antidoping da Federação Paulista de Futebol, um sócio realizando um internato (graduação em Medicina) no Canadá, um médico brasileiro eleito presidente da Confederação Pan-americana de Medicina Desportiva.

A diretoria se reuniu com o presidente da Federação Brasileira de Medicina Desportiva e firmou um acordo de uso do Auditório do Laboratório Farmacêutico Ache, Secretaria de Esportes de Alagoas esboçando apoio as atividades do CBCE. Divulgação do “Curso de Medicina Del Deporte” realizado na Argentina e supervisionado por membro do CBCE. Nesse número foi inserida uma nota informando o atraso da segunda edição da revista que estava programada para o mês de dezembro de 1979.

Na edição n. 2, v. 1, de 1980 as matérias noticiadas na seção não alteraram seu conteúdo e contaram com um espaço de duas páginas. Foi anunciada a concessão de bolsas para cursar o Mestrado em Cineantropologia na Université de Sherbrooke no Canadá para membros que contariam com a indicação da diretoria do CBCE (evidenciando o valor da instituição e seus contatos internacionais), foi feita uma chamada para o credenciamento de sedes para os congressos regionais do CBCE, divulgado o resultado alcançado pela realização do 1° Curso de Pedagogia da Natação no Rio de Janeiro com colaboração da Fundação Roberto Marinho.

Promoveram-se o 1° Curso de Avaliação da Performance em Educação Física em Volta Redonda e a 1ª Clínica de Verão em Ciências do Esporte do CELAFISC. Notabilizaram-se a participação de membro no 2° Course International on Kinanthropometry no Canadá, do presidente do CBCE como convidado de honra do Congresso Mundial de Estudio Integral del Deporte e das Jornadas Argentinas de Medicina del Deporte realizados na Argentina.

Foram celebrados a boa recepção do primeiro número da RBCE por pesquisadores renomados de universidades americanas e europeias e a inscrição de pesquisadores argentinos no CBCE. Reportaram-se a visita da diretoria do CBCE a Secretaria de Educação Física e Desportos do MEC (SEED-MEC). Publicaram-se, ainda, informações sobre a assinatura da RBCE para não membros do CBCE e informes institucionais como o pedido de atualização de endereço dos membros e prazo para pagamento da anuidade.

Na RBCE n. 3, v. 1, de 1980 ocorreu uma redução do espaço destinado à seção, seus tópicos foram tratados em pouco mais de uma página. Os temas não apresentaram variações significativas. Foram referendados a atuação do presidente do CBCE como médico no pré-olímpico de Porto Rico, a eleição de membro como Presidente da Comissão Médica dos Jogos Pan-americanos, membro convocado como médico no pré-olímpico da Bulgária, membros convocados como médicos nas Olimpíadas de Moscou, a presença de membros em evento do American College of Sports Medicine.

Promoção do Curso de Ginástica Corretiva realizado na Faculdade de Educação Física de Muzambinho (MG) e coordenado por membro, do Curso de Aptidão Física organizado pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISC) e pelo CBCE e do Curso Intensivo de Ciências do Esporte ministrado por membros do CBCE nas Faculdades Integradas de Uberaba (MG). Foi comemorado o estabelecimento de uma parceria com o Conselho Nacional de Desportos. Diferenciaram-se das temáticas recorrentes o anúncio da construção da sede do American College of Sports Medicine e o pedido do envio de textos para a RBCE, mais um indício da dificuldade dos editores em encontrar contribuições para a revista.

No número seguinte, RBCE n. 1, v. 2 de 1980, a mesma quantidade de espaço e os mesmos tópicos. Exaltaram-se a presença de pesquisador argentino no CBCE, a criação do prêmio de iniciação científica do CBCE, a inclusão de membro paraibano, Mestre em Educação Física pela Universidade de Iowa.

Foram notificadas a participação do CBCE na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e de um membro do CBCE na organização do evento “Congresso Pan-americano de Medicina Desportiva” realizado em Miami (EUA). Divulgaram-se a realização do Curso de “Ciência da Flexibilidade Aplicada à Atividade Física” em Volta Redonda e a visita de alunos da Faculdade de Muzambinho ao CELAFISCS. Frisa-se indexação da RBCE na Biblioteca Regional de Medicina de São Paulo (BIREME) prova dos esforços dos editores

para promover a cientificização da revista e buscar o reconhecimento junto a instâncias de reconhecido valor acadêmico.

A RBCE n. 2, v. 2 (1981) publicou a seção em um pouco mais de uma página foram citados a participação de representantes do CBCE no "III Congresso Mexicano de Medicina Desportiva", a realização da Reunião Anual da SBPC e do Congresso Internacional de Medicina e Ciências aplicadas ao Esporte na Argentina. Foram realizados, também, agradecimentos ao envio de mensagens de natal ao CBCE e ao recebimento do Boletim da Federação Argentina de Medicina do Esporte. Destaca-se a chamada para inscrição em Curso de Especialização em Ciências e Medicina do Esporte ministrado por membros do CBCE, mais uma demonstração da intenção do CBCE de tornar-se uma instituição fomentadora da pesquisa e da formação de novos pesquisadores.

No último número que a seção foi impressa, RBCE n. 3, v. 2 de 1981, perdeu drasticamente seu espaço ocupando pouco mais de meia página, sinal que prenunciou seu cessamento. Foram relatados a participação de membros no "Congresso Pan-americano de Medicina do Esporte" e no "Congresso do Colégio Americano de Medicina Esportiva" e a inclusão de sócio do CBCE no conselho editorial do "International Journal os Sports Medicine".

Pelo exame dos nomes listados na seção (Apêndice G) nota-se que os mais citados pertenciam a Diretoria do CBCE e ao corpo editorial da RBCE, casos de Victor K. R. Matsudo (presidente do CBCE de 1979 a 1981) com dez menções, Claudio Gil Soares de Araújo (presidente do CBCE entre 1981 e 1983) com o mesmo número e Osmar Pereira Soares de Oliveira (Primeiro Editor-chefe da RBCE e Presidente do CBCE de 1983 a 1985). Autores recorrentes de textos veiculados na RBCE também se fizeram presentes como Victor K. R. Matsudo e Claudio Gil Soares de Araújo já citados, Eduardo Henrique de Rose, Sandra Mara Cavasini, entre outros.

Os vínculos estabelecidos com pesquisadores internacionais foram exaltados com a menção a trinta e um pesquisadores estrangeiros de treze países diferentes permitindo-se antever os intercâmbios internacionais firmados. A valorização dos feitos dos membros do CBCE e as relações estabelecidas com instâncias oficiais como a inclusão do CBCE na SBPC e a indexação da revista na BIREME fecharam as intenções dos editores na composição desse espaço no interior da revista.

1.1.4.1.7. Crônica Esportiva

Seção publicada somente na RBCE n. 1, v. 1 de 1979 com duas páginas. Apesar do título o texto assinado pelo editor, Osmar Pereira Soares de Oliveira, objetivou relatar por meio de uma analogia com o nascimento de uma criança a gênese do CBCE e seu primeiro ano de desenvolvimento. Nesse texto o autor reafirmou as disposições dos editores dos anos iniciais da revista de manifestar uma posição politicamente neutra. No texto referenciando a diretoria do CBCE como "família" caracterizou-o como entidade "que não tinha partido, credo ou cor" (OLIVEIRA, 1979, p. 72).

As "qualidades técnicas e científicas" também foram ressaltadas, os apoios a sua criação e funcionamento foram agradecidos e a realização do I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte descrita como a primeira "festa de aniversário" foi celebrada com "choro e alegria" por seus realizadores. Destaca-se a demonstração dos limites das representações com que operavam os editores da RBCE a pesquisa e a postura de seus realizadores devem ater-se a seus atributos técnicos e científicos abstraindo-se de especulações filosóficas ou políticas.

1.1.4.1.8. Artigo de fundo

Esse gênero textual, semelhante aos editoriais, é comumente utilizado para expressar a opinião dos diretores da revista sem comprometimento com uma suposta imparcialidade, nem com a objetividade que normalmente se espera de uma revista científica. Esse tipo de texto foi publicado apenas duas vezes na temporalidade analisada. A primeira impressão foi na RBCE n. 2, v. 1 de 1980 com o propósito de celebrar o êxito do "I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte". Destacou-se a "franca e árdua" tarefa de preparação, o empenho da comissão organizadora, o envio de trabalhos de vários estados do território nacional, a inscrição de setecentas pessoas e o "nível científico" em "alto grau".

Festejou-se a demonstração de que se pode "fazer ciência com boa vontade, resignação e espírito aberto". No texto foi sintetizado o objetivo da organização do evento "nível científico lá em cima e a ciência do esporte ocupando o lugar que merece". A autoria não foi reconhecida.

O outro artigo de fundo foi editado na RBCE n. 3, v. 2 de 1981. Este contou com a assinatura de Osmar P. Soares de Oliveira editor-chefe da revista. Em um relato personalista

foi descrito em minudências o processo de produção do impresso. Conforme seu editor-chefe cada número da RBCE começou a ser confeccionado com "pelo menos dois meses" de antecedência. A princípio eram trocadas correspondências entre autores e editores, posteriormente realizada a revisão gramatical dos textos, "a arrumação dos gráficos e tabelas", o esboço do diagrama e o contato com os profissionais da composição gráfica. Sequencialmente eram realizadas ainda a revisão do texto, correções, "recortes, colagens, capa, etc.".

O editor-chefe confessou as agruras, o "sacrifício", o não recebimento de avaliações da comunidade de leitores sobre o trabalho de editoração. Desculpou-se pela "letra não poder ser maior para facilitar a leitura", justificou esse impedimento pelos custos de produção, afinal "o papel não está a preço de barbante". Por fim congratulou-se pelo mantimento da periodicidade, fez alusões às dificuldades de custeio "nada de colorido, de publicidade, de pernas bem formadas" e caracteriza a revista e seu público leitor de modo singelo "apenas uma coisa simples e honesta, feita para gente simples e honesta".

Essa seção efêmera tentou constituir-se em um canal de comunicação dos editores com a comunidade de leitores do impresso seu conteúdo reduziu-se a traçar elogios a publicação e ao esforço de seus editores eu apesar dos obstáculos e dificuldades financeiras conseguiram na sua avaliação manter a qualidade da revista. Nota-se que os editores cobraram seus leitores por não avaliar a revista e não mostrar seu apoio a sua editoração um claro apelo ao seu reconhecimento.

1.1.4.1.9. Mesa-Redonda de Fisiologia

Essa seção foi publicada exclusivamente na RBCE n. 2, v. 1 de 1980. Seu conteúdo continha a transcrição de três falas de uma mesa-redonda apresentada no "I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" no dia 06/09/1979 sob a coordenação de Maurício Leal Rocha professor da UFRJ (RJ). A primeira comunicação foi intitulada "Medidas da Capacidade Aeróbica em Bicicleta Ergométrica" e apresentada por José Ney Ferraz Guimarães da Universidade Gama Filho. A segunda efetivada por Sandra Maria Perez do CELAFISCS (São Caetano do Sul – SP) nomeou-se "Medidas da Potência Anaeróbica: Testes de Campo". A última foi chamada de "Inter-relações entre Metabolismo Aeróbico e Anaeróbico: Músculo em Exercício" e proferida por Gerson Madureira também da UFRJ.

As falas transcritas tinham um conteúdo reduzido (provavelmente a transcrição foi resumida pela edição), no entanto sua somatória ocupou 14 páginas do impresso, 35% de todo o conteúdo desse número. Infere-se que os editores tiveram alguns empecilhos para o fechamento da revista. Acredita-se que a falta de envio de contribuições e a escassez de tempo para sua editoração tenham motivado o uso desse tipo de artifício, não empregado novamente**.**

1.1.4.1.10. Artigo de Revisão

Esse gênero textual é voltado para a apresentação, síntese e discussão de ideias, métodos, técnicas, processos e resultados normalmente já publicados. Trata-se de traçar um panorama sobre um assunto ou área específica, expor conceitos, classificar, descrever e analisar proposições formuladas por um grupo de pesquisadores utilizando-se de uma diversidade de publicações para sustentação (CAMPELO; CONDÓN; KREMER, 2000).

A RBCE utilizou e divulgou uma definição imprecisa concebendo-o como "trabalhos sobre assuntos abrangentes e de interesse específico". O primeiro texto que foi classificado e publicado como artigo de revisão foi exibido na RBCE n. 2, v. 1 de 1980. No entanto, na apresentação do texto foi adicionada uma nota explicativa do editor que o configurava como uma tradução do resumo do artigo "Physical Activity During Menstruation and Pregnancy" publicado originalmente no periódico "Physical Fitness Research Digest" (1978). A autoria não foi mencionada.

Curiosamente no final do texto foi inserida mais uma nota do editor informando a publicação de todas as referências bibliográficas do artigo original para que "o leitor que se interesse por esse importante tema tenha à disposição a relação dos melhores livros, trabalhos, textos e teses sobre o assunto" (RBCE, 1980a, p. 33). Nota-se uma intervenção editorial explícita, uma prescrição de obras valoradas e autorizadas, uma tentativa de controlar e indicar futuras leituras a comunidade de leitores da revista.

Na revista n. 3, v. 1 de 1980 foi impresso um texto intitulado "A quantidade e a qualidade de exercício recomendada para o desenvolvimento e manutenção da aptidão física em adultos sadios", identificado no índice como artigo de revisão. Entretanto, como comentado anteriormente, pelo seu conteúdo pode ser inventariado como parecer. Ademais, abaixo do título foi escrito a inscrição "apoiado no parecer do American College of Sports Medicine", foi inserida uma nota referenciando o trabalho original e ao final do texto foi expresso em colchetes o nome do tradutor ao lado do termo "inglês" sugerindo uma tradução

desse idioma. Indícios que tornam problemática sua categorização e permitem classificações ambíguas.

Na revista seguinte n. 1, v. 2 de 1980 a mesma fórmula dúbia foi utilizada. Foi impresso um texto intitulado "O uso e abuso dos esteroides anabólico-androgênicos", caracterizado como artigo de revisão. Na verdade, publicou-se mais um parecer, uma tradução, do American College of Sports Medicine.

Somente na RBCE n. 2, v. 3 de 1982 foi publicado um artigo de revisão que poderia ser classificado adequadamente. O artigo foi nomeado como "Adaptações cardiovasculares e metabólicas ao treinamento físico de coronariopatas" e assinado por L. Howard Hartley e Jorge Pinto Ribeiro. Os editores da RBCE não classificaram os textos publicados na edição de n. 1, v. 4 de 1982. Apesar da impressão de três textos não originais, sua estrutura e tematização não permite a caracterização como artigo de revisão.

Na RBCE subsequente n. 2, v. 4 de 1983 imprimiu os textos "O desenvolvimento da atenção em crianças: implicações teóricas e práticas" de Ana Maria Pellegrini e "Abreviatura de periódicos – uma contribuição aos pesquisadores em ciências do esporte" de Maria de Fátima Silva Duarte. No último número desse volume (RBCE, 1983b) apenas um artigo de revisão foi publicado "A (des) caracterização profissional filosófica da Educação Física" escrito por Lino Castellani Filho.

Um texto desse gênero foi publicado na RBCE n. 1, v. 6 de 1984. O artigo "Esteróides anabólicos androgênicos e esportes: uma breve revisão" de Nélio Alfano Moura. Na revista posterior (RBCE, 1985b) foi impresso o último artigo dessa seção no período analisado "Flexibilidade e aptidão física: revisão de literatura" de Flávia Corazza da Silva, Victor K. R. Matsudo e Ricardo E. Rivet. Nota-se que em ambos os títulos foram expressos a opção pelo método de revisão.

A partir da RBCE n. 2, v. 7 de 1986 os textos publicados passaram a ser nomeados de "estudos" não recebendo qualquer tipo de classificação. O exame dos temas (Quadro 8) dos textos publicados (Tabela 6) evidencia além do número reduzido de textos publicados (nove no total) a manutenção dos mesmos temas acionados majoritariamente em outras seções da revista, a "Aptidão Física", a "Atividade Física e a Saúde" e o "Treinamento Esportivo" que juntos representaram 66,8% dos temas eleitos. Pela análise dessa seção percebe-se a inconstância do tipo de textos selecionados, grandes intervalos entre as publicações e o acometimento de problemas de categorização que afetam a leitura e a credibilidade da

editoração, sobretudo pela ausência de critérios claros para efetuar as classificações pretendidas.

Tabela 6 - Artigos de revisão publicados na RBCE (1979 -1986)

Título	Autor	n./v.	Ano
Atividade física durante a menstruação e a gravidez	-	2/1	1980
A quantidade e qualidade de exercício recomendado para o desenvolvimento e manutenção da aptidão física em adultos sadios	-	3/1	1980
O uso e abuso dos esteroides anabólico-androgênicos nos esportes	-	1/2	1980
Adaptações cardiovasculares e metabólicas ao treinamento físico de coronariopatas	L. Howard Hartley; Jorge Pinto Ribeiro	2/3	1982
O desenvolvimento da atenção em crianças: implicações teóricas e práticas	Ana Maria Pellegrini	2/4	1983
Abreviatura de periódicos – uma contribuição aos pesquisadores em Ciências do Esporte	Maria de Fátima Silva Duarte	2/4	1983
A (des) caracterização profissional filosófica da Educação Física	Lino Castellani Filho	3/4	1983
Esteróides anabólicos androgênicos e esportes: uma breve revisão	Nélio Alfano Moura	1/6	1984
Flexibilidade e aptidão física: revisão de literatura	Flávia Corazza da Silva; Victor K. R. Matsudo; Ricardo E. Rivet	2/6	1985

Fonte: levantamento efetuado pelo próprio autor.

Quadro 8 – Temário dos artigos de revisão publicados na RBCE (1979-1986)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Aptidão Física	2	22,2%
Atividade Física e Saúde	2	22,2%
Treinamento Esportivo	2	22,2%
História da Educação Física e dos Esportes	1	11,1%
Métodos de Pesquisa	1	11,1%
Formação de Professores	1	11,1 %
Total	9	100%

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

1.1.4.1.11. Congressos

Essa seção foi publicada pela primeira vez na RBCE n. 2, v.1 de 1980. Continha uma listagem de eventos técnicos e científicos que seriam realizados no ano da publicação. Tinha a intenção de instigar a comunidade de leitores a participar de eventos nacionais, internacionais e com maior ênfase daqueles organizados pelo CBCE. A RBCE desde sua fundação teve a iniciativa buscar colaboradores internacionais e incentivar intercâmbios de pesquisas. A inauguração dessa seção arrolou oito congressos todos sediados em territórios internacionais, cinco nos EUA, um na Itália, um na União Soviética e um na Suécia. Todos tematizados e organizados por entidades voltadas a medicina do esporte.

Na segunda edição (RBCE, 1980b) dessa seção foram elencados onze eventos. Foram sete nacionais (quatro organizados pelo CBCE) e quatro internacionais. Os ocorridos na Itália, na União Soviética e na Suécia foram divulgados na revista anterior, o evento da Tcheco-Eslováquia não havia sido comentado. O "II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" recebeu uma divulgação particular, foi todo tipografado em caixa-alta, negrito e corpo da fonte ampliado. Destaque para a exposição do "I Simpósio Nacional de Docentes de Nível Superior na Área de Ginástica" e do "36° Congresso Brasileiro de Cardiologia" únicos eventos que não enfocaram (ao menos diretamente) as "ciências do esporte".

A RBCE posterior n. 1, v. 2 de 1980 publicou a chamada para congressos realizados nos anos 1980, 1981 e 1982. Foram três eventos nacionais, dois promovidos pelo CBCE (contando-se a divulgação do "II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" publicada anteriormente) e seis internacionais. Os internacionais foram realizados no Canadá (1), Porto Rico (1), EUA (2), Argentina (1) e Áustria (1). O "Congresso Internacional de Medicina y Ciencias Aplicadas al Deporte" realizado em Buenos Aires (Argentina) poderia ter sido um ponto de interconexão entre editores, autores e leitores das duas revistas, sobretudo se considerado a proximidade das temáticas e as matérias de interesse propagadas. A confluência de duas comunidades de leitores com interesses congruentes.

O número consecutivo (RBCE, 1981a) propalou a empresa de três eventos nacionais (o "II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" foi mais uma vez propagandeado) e cinco internacionais. Foram repetidas as divulgações dos eventos estadunidenses, argentino, porto-riquenho e o austríaco. Na sequência na RBCE n. 3, v. 2 de 1981 foram propalados três eventos nacionais (o "II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" apareceu novamente) e três internacionais. O congresso argentino e o austríaco foram reeditados, foi adicionado um congresso realizado no Japão.

Essa seção foi suprimida não sendo impressa nos números posteriores analisados. Foi divulgado nessa seção um total de vinte e cinco eventos com realização em onze países diferentes (Tabela 7). Dados que demonstram a pluralidade de contatos e destinos considerados por seus editores como válidos cientificamente para a veiculação pelo impresso.

Percentualmente os eventos estadunidenses representaram 27% do somatório dos eventos indicados. Frisa-se que a seção incluiu também eventos europeus (20%), latino-americanos (8% sem as referências a eventos brasileiros) e majoritariamente nacionais (40%) destacando-se aqueles organizados pelo próprio CBCE. Com relação à chancela e assunto sobressaltaram-se os eventos dirigidos por entidades médicas, com temáticas ligadas a essa

área (52%), demonstração do peso que esses profissionais detinham na seleção dos eventos que mereceriam ser incluídos nas páginas da revista.

Tabela 7 - Evento e país de origem mencionados na seção "Congressos" por número e volume da RBCE (1979-1986)

Evento	País	n./v.	Ano
21st AMA National Conference on the Medical Aspects of Sports	EUA	2/1	1980
Congresso da American Orthopaedic Society for Sports Medicine	EUA	2/1	1980
Curso de Medicina Desportiva da Universidade do Hawaii	EUA	2/1	1980
Clínica de Reabilitação Cardíaca da Universidade de Wisconsin	EUA	2/1	1980
Congresso Anual do ACSM (1980)	EUA	2/1	1980
1 st International Congress Women and Sport[59]	Itália	2/1	1980
1980 World Sports Sciences Congress[60]	USSR	2/1	1980
Congresso Internacional de Medicina Física e Reabilitação[61]	Suécia	2/1	1980
I Simpósio Nacional de Docentes de Nível Superior na Área de Ginástica	Brasil	3/1	1980
36° Congresso Brasileiro de Cardiologia	Brasil	3/1	1980
Simpósio Metabolic and Functional Changes during Exercise	Tcheco-eslováquia	3/1	1980
VIII Simpósio de Ciências do Esporte	Brasil	3/1	1980
Congresso Região Norte-Nordeste do CBCE	Brasil	3/1	1980
Congresso Região Sul do CBCE	Brasil	3/1	1980
Congresso Regional Brasileiro de Ciências do Esporte[62]	Brasil	3/1	1980
International Symposium on Exercise, Fitness and Cardiovascular Health	Canadá	1/2	1980
I Jornada Sul-Brasileira de Ortopedia e Traumatologia	Brasil	1/2	1980
IV Congresso Mundial da Associação Internacional de Reabilitação Médica[63]	Porto Rico	1/2	1980
Congresso Pan-americano de Medicina e Ciências do Esporte[64]	EUA	1/2	1980
Congresso Anual da ACSM (1981)[65]	EUA	1/2	1980
Congreso Internacional de Medicina y Ciencias Aplicada al Deporte[66]	Argentina	1/2	1980
II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte[67]	Brasil	1/2	1980
World Congress on Sports Medicine[68]	Áustria	1/2	1980
XIV Congresso Latino-americano de Fisiologia	Brasil	2/2	1981
IX Simpósio de Ciências do Esporte	Brasil	2/2	1981

1.1.4.1.12.Veja como foi...

Foi à seção de existência mais efêmera registrada na RBCE no período analisado. Foi impressa unicamente na RBCE n. 1, v. 2 de 1980. Seu conteúdo trouxe informações a respeito de eventos realizados, ressaltou o número de participantes, as temáticas, a programação e elencou os trabalhos apresentados. Além da promoção do evento e das congratulações para os seus organizadores, os editores visualizaram na inclusão desse espaço a capacidade de

[59] Citado também na RBCE n. 3, v. 1 de 1980.
[60] Citado também na RBCE n. 3, v. 1 de 1980.
[61] Citado também na RBCE n. 3, v. 1 de 1980.
[62] Citado também na RBCE n. 1, v. 2 de 1980.
[63] Citado também na RBCE n. 2, v. 2 de 1981.
[64] Citado também na RBCE n. 2, v. 2 de 1981.
[65] Citado também na RBCE n. 2, v. 2 de 1981.
[66] Citado também na RBCE n. 2, v. 2 de 1981.
[67] Citado também na RBCE n. 2, v. 2 de 1981.
[68] Citado também na RBCE n. 2, v. 2 de 1981.

despertar a atenção do leitor para os temas dos trabalhos e para seus autores. Prescrição de uma gama de leituras com o aval dos editores e a representatividade da avaliação do CBCE, "havendo interesse por um ou alguns dos temas, o membro do CBCE pode enviar correspondência diretamente para os autores" (RBCE, 1980c, p. 45).

Foram noticiados três congressos realizados em 1980. O primeiro evento enunciado foi o "VIII Simpósio de Ciências do Esporte", em São Caetano do Sul (SP), organizado pelo CELAFISC teve 36 trabalhos indicados (Tabela 8). O segundo foi o "Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Norte/Nordeste)", sediado na cidade de São Luis (MA), dirigido pelo CBCE, contou com a apresentação de 12 trabalhos (Tabela 11). O último foi o "Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Sul)" promovido pelo CBCE em Porto Alegre (RS), apontou 20 textos (ver tabela 13).

Ao se percorrer a lista dos 36 trabalhos publicados no "VIII Simpósio de Ciências do Esporte" (Tabela 9) e a dos seus autores (Tabela 10) nota-se que os temas (Quadro 9) giravam em torno da aptidão física (47,2%) e do treinamento desportivo (19,4%) e seus autores se repetiram algumas vezes, em especial, Viktor K. R. Matsudo, então presidente do CBCE. A participação de seis autores argentinos chama atenção e sugere a possibilidade de um encontro entre potenciais leitores dos dois periódicos. Deve-se frisar também que boa parte dos trabalhos foi vinculada ao CELAFISC, demonstrando o protagonismo dessa organização na produção e publicação de trabalhos científicos nos eventos organizados pelo CBCE.

Tabela 8 - Trabalhos do VIII Simpósio de Ciências do Esporte indicados na seção Veja como foi... (RBCE)

Títulos
Correlação entre os testes de Shuttle-run e de velocidade de 50 metros
Somatotipo de alunos de educação física – uma nova abordagem
Análise da Eficiência Mecânica em fundistas, ciclistas e sedentários em cicloergômetro
Performance no salto vertical sob condições pliométricas em universitários do sexo masculino e feminino
Pliometria: variação no tipo de impacto mecânico no salto vertical em universitários de ambos os sexos
Um teste para comparação de dois coeficientes de correlação
Atividade Física como agente de socialização em regiões industriais e regiões em desenvolvimento
Dança como disciplina na escola de educação física
Dança como educação na escola de educação física
Correlação entre os testes de impulsão horizontal e impulsão vertical
Análise docente-discente do curso de Educação Física da Fundação Universitária Estadual de Londrina
Avaliação dos resultados da PWC 170 em escolares de diferentes graus de maturação
Comparação dos valores de dobras cutâneas localizadas no tronco e nos membros entre escolares de diferentes níveis socioeconômicos
Avaliação longitudinal da potência aeróbica em escolares do sexo masculino
Sistema de calificacion o comparacion del rendimento deportivo
Identificacion Funcional de Futbolistas de primeira division
Capacidad Aerobica em Estudiantes de colégio secundário
Determinación de los sitios de medición de los pliegues cutáneos
Compromisso anaeróbico a distintos vo2 max em basketball juvenil

Frecuencia cardíaca máxima en niños, su relación con el deporte practicado
Correlação entre força de membros inferiores e potência anaeróbica em esportistas
Teste de Corrida de 40 segundos aplicados em quadra: resultados em escolares
Relação entre o teste de corrida de 40 segundos e consumo máximo de O2
Menarca em esportistas brasileiros
Medidas de flexibilidade: revisão de literatura
Comparação da Performance no teste de barra em diferentes modalidades
Como construir um teste em Educação Física
Comparação de resultados de PWC 170 de adultos jovens em diferentes níveis de atividade física
Aspectos Históricos da Educação Física Brasileira
Contribuições para o treinamento do decatleta
Sondagem sobre vocação profissional em Educação Física
Relação entre potência anaeróbica alática predita pela equação de Lewis e os testes de impulsão horizontal, impulsão vertical e corrida de 50 metros
Velocidade de 50m em diferentes modalidades esportivas
Características de aptidão física de universitários em Educação Física
Total

Fonte: dados levantados pelo próprio autor.

Tabela 9 – Autores, número de trabalhos, filiação e origem, VIII Simpósio de Ciências do Esporte

Autores	**Trabalhos**	**Filiação**	**Origem**
Carlos R. O. Arantes	1	-	MG (Brasil)
José Carlos de Oliveira	1	-	MG (Brasil)
C. G. S. Araújo	1	CELAFISC	SP (Brasil)
M. F. S. Duarte	2	CELAFISC	SP (Brasil)
J. P. Clarys	1	Universiteit Brussel	Bélgica
A. S. Puga Barbosa et. al	1	-	Brasil
Sérgio Amauri Barros	2	UFV	MG (Brasil)
S. Caldeiras	1	CELAFISC	SP (Brasil)
Victor K. R. Matsudo	12	CELAFISC	SP (Brasil)
S. M. Cavasini	1	CELAFISC	SP (Brasil)
C. M. C. Osse	1	CELAFISC	SP (Brasil)
Edson C. F. Claro	2	LMC	Brasil
R. M. Cotrim	1	CELAFISC	SP (Brasil)
Madalena Sessa	3	CELAFISC	SP (Brasil)
Levy Brito Coutinho	2	UEL	PR (Brasil)
R. O. Franco	1	CELAFISC	SP (Brasil)
A. J. Perez	2	CELAFISC	SP (Brasil)
D. P. Guedes	2	-	Brasil
J. B. Santana	1	-	Brasil
N. A. Lentini	4	LEM	BA (Argentina)
G. E. Narvaez	5	LEM	BA (Argentina)
E. Masabeu	1	LEM	BA (Argentina)
H. Buich	1	LEM	BA (Argentina)
S. Tattoli	1	LEM	BA (Argentina)
L. M. Zorko	1	LEM	BA (Argentina)
Sergio Marchi et. Al	1	FIEFG	SP (Brasil)
O. C. Mendes	2	CELAFISC	SP (Brasil)
C. R. Duarte	2	CELAFISC	SP (Brasil)
M. C. Miguel	1	CELAFISC	SP (Brasil)
J. Soares	1	CELAFISC	SP (Brasil)
E. A. Nascimento	1	FIEFG	SP (Brasil)
João Batista Freire	2	UFPB	PB (Brasil)

L. R. Silva	1	UEL	PR (Brasil)
F. C. P. Vido	1	CELAFISC	SP (Brasil)

Fonte: dados levantados pelo próprio autor.

Quadro 9 – Temário dos Trabalhos do VIII Simpósio de Ciências do Esporte indicados na seção Veja como foi... (RBCE)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Treinamento Esportivo	7	19,4%
Aptidão Física	17	47,2%
Dança	2	5,5%
Antropometria	3	8,3%
Atividade Física e Saúde	4	11,1%
Métodos de Pesquisa	1	2,7%
História da Educação Física e Esportes	1	2,7%
Formação Profissional	1	2,7%
Sem classificação	3	8,3%
Total	36	100%

Os dados obtidos pela sistematização dos títulos, temas e autores dos trabalhos apresentados no "Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Norte/Nordeste)" destoaram dos comentados anteriormente. O número de textos publicados foi inferior (1/3). O tema mais referendado foi a Sociologia do Esporte com 33% do total, os autores não se repetiram diversas vezes e nenhuma entidade se sobressaiu na sua filiação. Esses números sugerem disparidades regionais na inserção do CBCE.

Tabela 10 - Trabalhos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Norte/Nordeste)

Títulos
O problema do auxílio ao desenvolvimento pelo esporte
A Educação Física e o Desporto na SBPC
Ascensão social do negro através do desporto
Análise dos aspectos do envolvimento política/desporto, face aos XXII Jogos Olímpicos
Prevenção e compensação de debilidade em crianças de 6 a 12 anos através da ginástica escolar
Assistência e levantamento médico-biométrico dos escolares de 1° grau
Educar para assumir e criar ou para aceitar e repetir?
Prescrição de treinamento aeróbico levando em consideração somente a distância percorrida no teste
Voleibol infanto juvenil do Maranhão: características das qualidades físicas, dados antropométricos e aspectos gerais
Pliometria: variação no tipo de impacto mecânico no salto vertical em universitários
Valores de dobras cutâneas em escolares de 7 a 10 anos
Interiorização, fundamento para o ensino-aprendizagem esportivo. Experiências com a natação
Total 12

Fonte: dados levantados pelo próprio autor.

Tabela 11 – Autores, número de trabalhos, filiação e origem – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Norte/Nordeste)

Autores	**Trabalhos**	**Filiação**	**Origem**
M. Loecken	1	-	Alemanha
Maria I. S. Lopes	1	NEEFD	SP (Brasil)
I. Neto Cruz	1	UFMA	MA (Brasil)

Lino Castellani Filho	1	UFMA	MA (Brasil)
Celi Taffarel	2	UFPE	PE (Brasil)
G. N. Oliveira, et. al.	1	-	BA (Brasil)
D. Mantovani	1	UFPE	PE (Brasil)
S. F. Zimbres	1	Secretaria de Desportos	MA (Brasil)
S. A. Barros	1	UFV	MG (Brasil)
Victor Matsudo	1	CELAFISC	SP (Brasil)
M. O. Escobar	1	CEN	PE (Brasil)
M. Sessa	1	CELAFISC	SP (Brasil)
R. Burkhardt	1	CEN	PE (Brasil)
Total	**12**		

Fonte: dados levantados pelo próprio autor.

Quadro 10 – Temário dos Trabalhos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Norte/Nordeste)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Sociologia do Esporte	4	33,3%
Aptidão Física	2	16,6%
Educação Física Adaptada	1	8,3%
Atividade Física e Saúde	3	25%
Métodos de Pesquisa	1	8,3%
História da Educação Física e dos Esportes	1	8,3%
Esportes	1	8,3%
Sem classificação	1	8,3%
Total	12	100%

O “Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Sul)”, por sua vez, apresentou uma predominância temática semelhante, a aptidão física com 30%, em relação ao evento realizado na região sudeste. No entanto, não foram registrados repetições de autores em trabalhos e o Centro de Documentação em Medicina do Esporte (CEDIME) congregou o maior número de filiações.

Tabela 12 - Trabalhos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Sul)

Títulos
Potência anaeróbica alática em mulheres treinadas e não treinadas
Estudo de indivíduos sedentários submetidos a quatro protocolos diferentes de ergometria
Consumo máximo de oxigênio de soldados e universitários
Biotipo funcional del basquetbolista argentino
Nível de resistência orgânica do professor de educação física
Interdependência da atividade física e do estado nutricional em atletas adolescentes
Influência da Ingesta Proteica no desenvolvimento da força
Achados Eletrocardiográficos em repouso e após esforço máximo em 1000 indivíduos sedentários
Desempenho esportivo da criança com pés planos no início da idade escolar
Efeitos do 2-etilamino-3-fenil-norcanfan sobre o rendimento físico de atletas amadores em esportes de equipe
Avaliação médica escolar
Efeito do condicionamento físico nos indivíduos hipertensos
Agressões no handebol
Superstição no esporte
Influência do treinamento mental no desempenho motor
Flexibilidade estática em crianças do sexo masculino e feminino de 7 e 8 anos

Influência do nível socioeconômico na coordenação motora ampla e fina em crianças de 5 e 6 anos
Atendimento ao aluno “grupo 2” do exame clínico na disciplina de Educação Física
Participação dos alunos universitários na prática desportiva em Cachoeira do Sul
Influência das condições materiais para a prática da Educação Física nas escolas
Total 20

Fonte: dados levantados pelo próprio autor.

Tabela 13 – Autores, número de trabalhos, filiação e origem – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Sul)

Autores	**Trabalhos**	**Filiação**	**Origem**
M. A. Chiacchio	1	CEDIME	RS (Brasil)
P. Maldonado	1	CEDIME	RS (Brasil)
C. G. Barão, et. al.	1	CEDIME	RS (Brasil)
G. E. Narvaez	1	LEM	BA (Argentina)
J. L. Peixoto, et. al.	1	CEDIME	CEDIME
M. H. P. Gomes	1	UNISINOS	RS (Brasil)
K. L. Darold	1	CEDIME	RS (Brasil)
I. Kohler	1	UFRGS	RS (Brasil)
P. A. Kuplich	1	CEDIME	RS (Brasil)
C. Cisneros	1	CEDIME	RS (Brasil)
C. D. Stobaus	1	UFRGS	RS (Brasil)
A. C. Ache, et. al.	1	CEDIME	RS (Brasil)
B. F. Santos, et. al.	1	CEDIME	RS (Brasil)
M. H. S. Forgiarini	1	CEDIME	RS (Brasil)
D. G. Eliete	1	CEDIME	RS (Brasil)
P. R. Bortoli, et. Al.	1	CEDIME	RS (Brasil)
L. M. S. Boeck, et. Al.	1	CEDIME	RS (Brasil)
G. M. Bittencourt	1	CEDIME	RS (Brasil)
J. S. C. Beber	1	CEDIME	RS (Brasil)
E. M. S. Loreto	1	CEDIME	RS (Brasil)
J. P. Ribeiro, et. al.	1	CEDIME	RS (Brasil)
R. Reyes, et. al.	1	CEDIME	RS (Brasil)
N. A. Lentini	1	LEM	BA (Argentina)
K. L. Silva	1	CEDIME	RS (Brasil)
E. H. De Rose, et. al.	1	UFRGS	RS (Brasil)
M. Weiler	1	CEDIME	RS (Brasil)
J. Quiñones	1	CEDIME	RS (Brasil)
L. A. Peroni	1	CEDIME	RS (Brasil)
P. Lopes	1	CEDIME	RS (Brasil)
Total			

Fonte: dados levantados pelo próprio autor.

Quadro 11 – Temário dos Trabalhos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Sul)

TEMA	**NÚMERO**	**PERCENTUAL**
Medicina do Esporte	2	10%
Aptidão Física	6	30%
Atividade Física e Saúde	6	30%
Metodologia da Pesquisa	1	5%
Sociologia do Esporte	2	10%
Desenvolvimento Motor	2	10%
Esportes	1	5%
Educação Física Escolar	1	5%
Total	20	100%

1.1.4.1.13. Ponto de Vista

Essa seção tinha o propósito de exprimir opiniões e posicionamentos referentes a assuntos de interesse para o campo da Educação Física. Sua duração foi breve sendo publicada apenas na RBCE v. 2, n. 2 de 1983. O texto que inaugurou e ao mesmo tempo encerrou a seção versou sobre a formação no campo da Educação Física, foi escrito por Eliana de Melo Caram, filiada a Secretaria de Educação Física e Desportos do MEC, com o título "Considerações sobre o desenvolvimento da Educação Física no Ensino Superior".

Essa autora baseou-se no documento oficial Diagnóstico de Educação Física e Desportos (1971) para promover uma reflexão sobre as estratégias necessárias para potencializar o desenvolvimento da Educação Física no Ensino Superior. Assumindo que a Política Educacional dos governos militares despendeu uma "atenção especial à área de Educação Física e Desportos", Caram reforçou o ideário oficial ao incutir a disciplina a responsabilidade sobre o "desenvolvimento de aptidões físicas e o descobrimento de novos valores para o desporto" (1983, p. 59).

O elogio ao desporto, uma constante nos discursos oficiais, foi relembrado como "um valioso elemento de apoio à formação do homem, bem como elemento de coesão nacional e social, e ainda, um dos instrumentos utilizados pelo Estado e pela comunidade para a solução de problemas gerados pela sociedade atual" (CARAM, 1983, p. 60). Apesar de não nomear quais seriam esses problemas, infere-se que autora referiu-se a inquietações políticas e aos malefícios da vida moderna causados pela urbanização e pela industrialização.

Para a Educação Física escolar foi reputada a "iniciação esportiva", base para o "desenvolvimento das aptidões naturais do homem", essa atividade estaria "condicionada ao ensino" da disciplina e as Escolas Superiores de Educação Física seriam seus "elementos multiplicadores" (CARAM, 1983, p. 60).

No interior do texto foram reproduzidas, no formato de lista, as principais carências encontradas pelo Diagnóstico (1971) como constatação do esforço analítico da SEED e com a mesma intenção discursiva foi feita uma menção a redação do II Diagnóstico de Educação Física e Desportos que teria sido iniciado em 1981, mas não foi finalizado. No entanto, a autora reforça o êxito da intervenção estatal que teria ampliado o número de escolas de formação, melhorado os equipamentos e instalações e investido na capacitação de recursos humanos.

A autora destacou ainda a criação de cursos de especialização e dos mestrados no Rio de Janeiro e em Santa Maria (RS), o envio de docentes das universidades federais para cursar a pós-graduação em universidades norte-americanas, o financiamento da vinda de professores alemães para potencializar a capacitação profissional e o investimento na construção de laboratórios de pesquisa. Na ótica da autora esse empreendimento foi alicerçado pelo "consenso quanto a necessidade de embasamento científico" para todas as áreas da Educação Física (CARAM, 1983, p. 61).

Ainda a respeito da formação de docentes a autora atribuiu a "uma nova conscientização nacional sobre a importância do ensino e da prática da atividade física" a geração de "uma grande demanda" por professores de Educação Física qualificados. Reconhecendo o "desnível qualitativo" dos cursos de formação a autora relatou o interesse da política governamental de "elevar e valorizar o professor de Educação Física" pela implantação, em curto prazo, de cursos de especialização, estabelecimentos de acordos de cooperação e intercâmbio e pela "formação de uma elite de docentes", "treinados" internacionalmente para "conduzir as pesquisas na área" (CARAM, 1983, p. 62).

Outro assunto abordado foi à compreensão e a situação da Educação Física como prática curricular obrigatória para os cursos superiores. Embora ajuizada como "meio educativo por excelência", "recurso indispensável", apta a colaborar com a "consolidação dos valores morais e culturais dos povos", a disciplina enfrentou obstáculos significativos para implantação como tempo e horários reduzidos, carência de recursos e instalações, falta de uma metodologia adequada à clientela, "supervalorização de atividades competitivas ou simplesmente recreativas" em detrimento de uma formação mais ampla.

De modo curioso entre outras recomendações Caram apontou a necessidade de incentivar a edificação de laboratórios de pesquisa pedagógica destinados a "gerar/avaliar tecnologia para o ensino de Educação Física", ação que seria justificada pela máxima da autora "o importante é pesquisar não apenas para conhecer, mas sim, para transformar a realidade" (CARAM, 1983, p. 63). Merecem ser lembrados, também, o "incentivo a publicação de livros e revistas", a "utilização de revistas técnicas estrangeiras especializadas", "promover uma maior utilização do pequeno acervo bibliográfico existente" e a implantação de um "sistema de documentação e informação".

Nesse texto Caram expôs uma síntese das representações oficiais que ambicionaram moldar a disciplina de Educação Física no Brasil. O ideário dos governos militares para o campo de Educação Física foi avalizado conjugando o desenvolvimento da aptidão física com

a busca de talentos esportivos como seu mote central. Essa intenção atingiu também a Educação Física escolar que deveria ser reconfigurada como iniciação esportiva, enaltecendo o esporte como princípio e conteúdo educativo. A aclamação da cientificidade e da necessidade de ampliar a produção acadêmica também foi lembrada pela autora. Frisa-se que esses apontamentos eram comuns a boa parte dos membros do campo da Educação Física e figuraram como anseios e preocupações de vários autores publicados na RBCE.

1.1.4.2. Seções da Revista Stadium

Com uma divisão mais simples e didática que a RBCE, talvez fruto da maior experiência de seus editores, a revista Stadium teve seus artigos veiculados classificados de acordo com os temas que eram enfocados permitindo ao leitor realizar uma prévia seleção das leituras que teria interesse. Em todo o período analisado a Stadium dividiu-se apenas em três seções todas com uma considerável constância.

As subdivisões utilizadas foram artigos classificados por sua temática, "Sección Bibliográfica" que oferecia uma listagem de publicações recomendadas pelos editores e "Información de Congresos" que continha lembretes sobre cursos e eventos com assuntos que se assemelhavam aos dispostos no periódico que seriam de interesse da comunidade de leitores.

1.1.4.2.1. Artigos

Essa seção ocupou de modo majoritário o espaço de publicação da revista. Teve no período examinado um ritmo constante de exibição de uma seleção de textos sobre temáticas relativas ao Esporte e a Educação Física publicadas em sua maioria em outros periódicos internacionais e reproduzidas em seu interior. Com uma média de nove textos publicados em cada número, os editores optaram por não definir um mote comum e promover assuntos variados.

O critério de seleção textual não foi expresso pelo corpo editorial à comunidade de leitores e nem a colaboração por meio do envio de textos foi solicitada. Tratou-se de uma escolha restrita aos editores de assuntos que em sua projeção interessavam ao seu público. Os textos foram assinados por uma grande quantidade de autores de diferentes países (Apêndice

H). Textos assumidos por autores argentinos foram os mais recorrentes com 19%, seguidos por franceses 18,1% e soviéticos com 10,5% (Tabela 14).

Os números indicam a internacionalização do conteúdo da revista que contava com 81% de textos escritos por autores de outros países. Também desperta a atenção a considerável veiculação de textos oriundos de países comunistas como URSS com 10,5% e Cuba com 3% e a baixa incidência de textos de autores estadunidenses 5,3%. Sugere-se que a veiculação de textos de países comunistas esteja atrelada a política esportiva empreendida por eles, focada na ambição de transformá-los em potências esportivas internacionais. Apenas um texto foi assinado em coautoria por um autor brasileiro trata-se do artigo "El trabajo con cargas desde la niñez hasta la adolescencia" de Jorge de Hegedus (Argentina) e M. Almeida (Brasil). Tratou-se de um texto escrito especificamente para a revista.

Membros do corpo editorial também publicaram no periódico com destaque para Jorge de Hegedüs com dezessete textos (4%), Mariano Giraldes com seis (1,4%) e Antonio Alcázar com quatro (1%). No entanto, pelo exame das percentagens em relação ao montante de textos publicados percebe-se que essa colaboração foi relativamente circunspecta.

O temário (Quadro 12) indica a clara predominância do Esporte como tópico central da revista com 44%, seguido de Treinamento Esportivo com 15,5% e Educação Física Escolar com 13,4%. Pela observação desses números constata-se a vocação do periódico em enfocar o universo esportivo, os dois assuntos mais tratados em seu interior pertencem a esse repertório e somados chegam a 59,5% do seu conteúdo. Com relação ao Esporte pelo exame da subdivisão temática proposta pelos editores (Quadro 13) nota-se o predomínio do Atletismo (42,4%) o que pode estar relacionado com a concepção inicial do impresso (1961) como uma publicação destinada exclusivamente a esta atividade esportiva.

Entretanto, deve-se frisar que os editores não se furtaram de selecionar textos relativos também ao âmbito escolar Educação Física Escolar, Formação de Professores e Ginástica representaram juntos mais de 15% das matérias veiculadas. Artigos centrados na relação dos esportes e da Educação Física com a medicina, a saúde e a aptidão física também foram representativos somando juntos 11,1%. Não obstante, a clara inclinação ao esporte outras áreas importantes do campo da Educação Física como as citadas foram contempladas.

Indica-se que a maioria dos textos divulgados pela Stadium abordavam procedimentos de ensino de técnicas ou táticas esportivas e métodos de treinamento esportivo. Sua função central era instruir professores de Educação Física e técnicos desportivos e ampliar suas possibilidades de atuação. Seus editores intencionaram conceder acesso a sua comunidade de

leitores às discussões que tematizavam o esporte encontradas nos principais periódicos internacionais.

O maior volume das representações referia-se ao esporte como uma atividade sadia, fundamentalmente educativa e moralizante que deveria ser praticada por todos, sem restrições. O rendimento esportivo, a descoberta de atletas, a ocupação do tempo livre e a inclusão do esporte como conteúdo da Educação Física escolar foram os temas mais recorrentes. De modo análogo a RBCE, autores dissidentes também foram publicados. Seus textos foram analisados no terceiro capítulo dessa tese.

Tabela 14 - País de origem, quantidade de artigos publicados e percentual de autores da Revista Stadium (1979-1986)

País	N. de artigos	Percentual
Alemanha	42	9,8%
Checoslováquia	5	1,1%
Espanha	42	9,8%
Inglaterra	19	4,4%
Argentina	83	19%
País de Gales	2	0,5%
URSS	45	10,5%
Austrália	12	2,8%
França	78	18,1%
Itália	11	2,5%
EUA	23	5,3%
Finlândia	1	0,2%
Nova Zelândia	1	0,2%
Bélgica	7	1,6%
Polônia	1	0,2%
Canadá	14	3,2%
Bulgária	5	1,1%
Chile	3	0,7%
Escócia	2	0,5%
Cuba	13	3%
Uruguai	1	0,2%
Hungria	10	2,3%
Sem classificação	4	0,9%
Suécia	1	0,2%
Romênia	2	0,5%
Colômbia	2	0,5%
Suíça	1	0,2%
Índia	2	0,5%
Irlanda	1	0,2%
Estônia	3	0,7%
Brasil	1	0,2%

Fonte: Índice Temático publicado na Stadium n. 120 de 1986.

Quadro 12 – Temário artigos publicados na Revista Stadium (1979-1986)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Esportes	191	44%
Treinamento Esportivo	67	15,5%
Aptidão Física	10	2,3%
Medicina do Esporte	30	7%

Formação de Professores	5	1,1%
Educação Física Escolar	58	13,4%
Ginástica	8	1,8%
Desenvolvimento Motor	19	4,4%
Psicologia do Esporte	8	1,8%
Dança	1	0,2%
Atividade Física e Saúde	8	1,8%
Métodos de Pesquisa	7	1,6%
Biomecânica	4	0,9%
Sociologia do Esporte	10	2,3%
História da Educação Física e dos Esportes	3	0,7%
Sem classificação	1	0,2%
Total	430	100%

Quadro 13 – Temário artigos categorizados como "Esportes" publicados na Revista Stadium (1979-1986)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Atletismo	81	42,4%
Voleibol	29	15,2%
Basquetebol	18	9,4%
Rúgbi	16	8,4%
Natação	11	5,7%
Remo	2	1%
Esgrima	1	0,5%
Futebol	25	13%
Ginástica Desportiva	3	1,5%
Cestobal	3	1,5%
Faustball	1	0,5%
Total	191	100%

Nota-se pela comparação entre os dois impressos o contraste entre a regularidade da veiculação de textos pela Stadium e os obstáculos para realizar a seleção, classificação e publicação de artigos pela RBCE. A contraposição permanece ao confrontar a origem da autoria dos textos. A RBCE veicula textos pretensamente originais de autores nacionais enquanto a Stadium tem um conteúdo selecionado entre textos difundidos por outras publicações, sobretudo internacionais (81%). Outros quesitos observados também contrastaram como a repetição de autores e a contagem de textos escritos por integrantes do corpo editorial ou da diretoria do CBCE que no caso da RBCE foram consideráveis e na Stadium não foram expressivos.

Com relação aos temas evocados a RBCE demonstrou uma concentração de textos voltados a Aptidão Física (39,6%), a Psicologia do Esporte (13,2%) e a Atividade Física e Saúde (9,4%). Por outro lado a Stadium centrou-se nos Esportes (44%). No entanto, a Stadium apresentou um número maior de textos relacionados ao âmbito escolar com 15% do que a RBCE com apenas 7,4%. Sublinha-se que a RBCE sinalizou maiores dificuldades na seleção, organização e distribuição temática do conteúdo da revista porque preconizava textos originais de autores nacionais ao passo que os editores da Stadium contavam com um número

muito mais representativo de textos já publicados de autores nacionais e internacionais para a confecção do impresso.

1.1.4.2.2. Información de Congresos

A revista Stadium publicou uma seção com conteúdo muito semelhante, mas com títulos que variavam. Para nomear essa seção foram empregados "Información de Congresos", "Cursos y Congresos" e "Información de Cursos". Essa seção foi impressa desde o primeiro número analisado, n. 73 de 1979, até o n. 119 de 1985. Destinava-se a elencar uma série de eventos e cursos técnicos e científicos que seriam realizados no ano da publicação.

Seu propósito era muito semelhante a da RBCE, incentivar seus leitores a participar de eventos nacionais e internacionais relacionados ao conteúdo da revista. Além do nome, local e data de realização eram divulgados os temas dos congressos. Na revista de número 77 (1979) a divulgação do evento foi acompanhada de um texto descrevendo as características do gripo promotor e a formas de organização do evento.

No primeiro ano analisado 13° (1979) foram propagados seis eventos realizados em cinco países diferentes incluindo o Brasil (Tabela 15). Os números 75 e 78 não publicaram a seção. Infere-se que a possível participação de leitores da Stadium em um evento em território brasileiro com temática congruente com os interesses dos membros do CBCE pode ter sido um ponto de confluência e encontro entre as comunidades de leitores dos impressos examinados.

Nos números investigados do 14° ano (1980) a seção foi publicada apenas na Stadium de n. 82 com a menção apenas a um curso de treinamento com pesos realizado em Buenos Aires (Argentina). No 15° ano da revista (1981) apenas o número 88 publicou a seção, apesar de não ter sido referenciada no sumário, listando dois cursos. No ano seguinte 16°ano (1982) somente os números 91 e 92 editaram a seção.

Merece ser realçada a divulgação de uma série de "cursos de actualizacion y perfeccionamento docente para profesores de Educación Física" de todo o país (Argentina) que contou com Mariano Giraldes, um dos colaboradores listados na gestão do periódico, como palestrante (STADIUM, 1983c, pp. 47-48). A seção foi impressa em quatro dos seis números do 17° ano da Stadium. Deve ser frisado, novamente, a figura de Mariano Giraldes como coordenador e palestrante de cursos ministrados no Uruguai sobre ginástica e outros

temas relacionados à Educação Física e a reedição dos cursos de aperfeiçoamento docente para professores de Educação Física argentinos.

O único exemplar do 18° ano examinado não publicou essa seção. No ano posterior 19° (1985) as revistas n. 111, 112, 113 e 114 publicaram a seção. Desperta atenção à participação de Jorge Gómez, membro do corpo editorial, como palestrante de "Educación Física Primaria" nos "Cursos de Actualizacion y perfeccionamento" docente promovidos pela Dirección Nacional de Educación Física (1985) e mais uma citação a Mariano Giraldes como ministrante de cursos de "Cursos de Perfeccionamento" organizados pelo Gimnasio Olimpia. Somente os números 116 e 119 do 20° ano editaram a seção.

Os cursos e eventos retratados nas páginas da Stadium foram predominantemente realizados na Argentina (62%), seguida de países europeus (27%) e de latino-americanos (8% sem a Argentina). As temáticas e a organização dos eventos foram prioritariamente destinadas a professores de Educação Física e a técnicos desportivos (78%), as organizações médicas registraram 13% do total de eventos. Deve ser mencionada, também, a divulgação de eventos que contavam com a participação de membros do corpo editorial como palestrantes e organizados.

Essa seção tem como correspondente a seção Congressos da RBCE. As duas revistas projetaram nessas seções um espaço para divulgação de eventos e estímulo a intercâmbios nacionais e internacionais. Na RBCE essa seção serviu como vitrine para os eventos organizados pelo CBCE, traço distintivo da Stadium que apesar de anunciar alguns eventos em que membros do seu corpo editorial estavam envolvidos, não se responsabilizou pela direção de nenhum.

A RBCE distribuiu a exposição entre eventos nacionais, estadunidenses, europeus e uma minoria latino-americanos, incluindo um argentino. A Stadium por sua vez concentrou-se nos eventos nacionais e europeus, com apenas uma menção a um evento estadunidense e a um evento brasileiro. Aponta-se, assim, uma diferença significativa na eleição dos países que serviriam como referência para a troca e aquisição de novos conhecimentos entre os leitores projetados pelos editores das duas revistas.

De mesmo modo, o exame das temáticas e entidades organizadoras dos eventos estampados nas duas revistas denota também uma dessemelhança. Os editores da RBCE preferiram, ainda que com uma pequena margem, os cursos e eventos relacionados à área médica, enquanto o corpo editorial da Stadium optou pela difusão direcionada a professores

de Educação Física e a técnicos desportivos. Notadamente a presença de médicos na direção da RBCE e na sua comunidade de leitores provocou essa diferenciação.

Tabela 15 - Evento e país de origem mencionados na seção Información de Congresos por número e ano da Stadium (1979-1986)

Evento	País	n./a.	Ano
XVII Congreso del Grupo Latino de Medicina del Deporte	Portugal	73/13	1979
Congreso - International Council of Health, Physical Education and Recreation (ICHPER)	Alemanha	73/13	1979
II Simposio Internacional sobre Actividad Física Aplicada[69]	Bélgica	73/13	1979
Curso de Medicina del Deporte	Argentina	74/13	1979
IV Jornada Internacional de Medicina Deportiva	Brasil	74/13	1979
Encuentro de Educación Física Escolar	Argentina	77/13	1979
Curso Teórico Practico de Entrenamiento con pesas	Argentina	82/14	1980
Curso: La Biomecánica y su aplicación a los Deportes	Argentina	88/15	1981
Curso: Las Ciencias del Entrenamiento	Argentina	88/15	1981
Curso: Teoría General de Entrenamiento Deportivo	Argentina	91/16	1982
Curso de Atletismo	Argentina	91/16	1982
Primer Congreso Mundial de Ciencias Biológicas Aplicadas al Fútbol	Espanha	91/16	1982
Congreso Internacional de Biomecánica y Medicina de la Natación	Holanda	92/16	1982
Congreso de Cooperación Internacional atraves del Deporte	Finlândia	92/16	1982
Cursos de Actualización y perfeccionamiento docente para profesores de Educación Física: vóleibol; atletismo, organización y entrenamiento; Educación Física Infantil; Gimnasia Formativa; Natación; Hándbol; Educación Física nivel preescolar; Atletismo; Pelota al cesto; Fútbol; Recreación;	Argentina	92/16	1982
El tenis en la escuela (palestra)	Argentina	97/17	1983
Voleibol: análisis comparativo sobre la evolución de las distintas acciones del juego (palestra)	Argentina	97/17	1983
Primer Curso de Medicina del Deporte para Posgraduados	Espanha	97/17	1983
Programa de cursos para 1983 (Uruguay) – Grupo de Estudio en Educación Física: gimnasia formativa; vóleibol; la música y la gimnasia formativa; pelota al cesto;	Uruguai	99/17	1983
Primer Encuentro Nacional de Ciencias del Movimiento	Argentina	99/17	1983
Metodología de las destrezas en colchoneta y cajón (curso)	Uruguai	99/17	1983
Cursos de Actualización y perfeccionamiento docente – Dirección Nacional de Educación Física (1983), Deportes y Recreación: vóleibol; Educación Física en la escuela primaria; hándbol; Educación Física preescolar; natación; recreación; softball;	Argentina	99/17	1983
Curso para dirigentes deportivos municipales	Espanha	101/17	1983
Curso para directores de instalalaciones deportivas	Espanha	101/17	1983
Curso sobre dirección técnica de escuelas deportivas	Espanha	101/17	1983
IX Congreso Internacional de Entrenadores de Atletismo	EUA	102/17	1983
Cursos de Actualización y perfeccionamiento docente – Dirección Nacional de Educación Física (1985): hándbol; Educación Física Primaria Nivel I y II; Planificación de la Educación Física Nivel Medio I; Desarrollo y Evaluación de Aptitud Física, Natación Nivel I; Gimnasia Femenina; Recreación; Recreación y Campamento; Básquetbol; Atletismo; Jueces de Vóleibol y Hándbol (cursos nacionales, regionales e locales);	Argentina	111/19	1985
Cursos de Perfeccionamiento – org. Gimnasio Olimpia: gimnasia formativa; sonido y movimiento; entrenamiento de sobrecarga; del movimiento gimnástico al movimiento expresivo; actividades en colonias de vacaciones;	Argentina	111/19	1985
Primer Congreso Nacional de Educación Física	Argentina	111/19	1985
Cursos organizados por la Sociedad Platense de Medicina del Deporte: entrenamiento deportivo; introducción a la medicina deportiva; aspectos médicos en la educación física y los deportes (sólo profesores de Educación	Argentina	112/19	1985

[69] Mencionado também na Stadium n. 76, 13° año, 1979.

Física); curso superior de medicina del deporte (sólo médicos);			
Primer Congreso Regional de Educación Física	Argentina	112/19	1985
Curso sobre Ciencias Aplicadas al Deporte	Argentina	112/19	1985
Simposio Latinoamericano del Deporte	Argentina	113/19	1985
XVIII Jornadas Internacionales de Educación Física	Argentina	114/19	1985
X Congreso Panamericano de Educación Física	Argentina	116/20	1986
Segundo Congreso Regional Patagónico de Educación Física	Argentina	119/20	1986
Segundo Congreso Nacional El niño en el deporte	Argentina	119/20	1986

1.1.4.2.3. Sección Bibliográfica

Esta seção tinha o propósito de prescrever uma série de leituras a comunidade de leitores. Expunha livros e revistas de autores de diferentes nacionalidades sobre temáticas relacionadas ao conteúdo da revista. Os títulos dos livros em caixa-alta e negrito eram acompanhados de um texto em caixa-baixa e negrito contendo os nomes de seus autores, ano de publicação, editora, número de páginas, idioma, país da edição original e a existência de ilustrações. Logo abaixo eram impressos em caixa-baixa sem negrito o índice ou uma descrição resumida do impresso. Toda a seção utilizou a mesma disposição tipográfica já observada na revista. A partir da Stadium n. 74 (1979) a maioria das indicações passaram a receber um asterisco que significava que aquela obra estaria à venda na livraria da editora Stadium.

Quadro 14 – Temário Sección Bibliográfica (1979-1986)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Esportes	171	48,6%
Antropometria	2	0,6%
Atividade Física e Saúde	11	3,1%
Medicina do Esporte	15	4,3%
Dança	2	0,6%
Métodos de Pesquisa	2	0,6%
Educação Física Escolar	16	4,5%
Lazer e Recreação	18	5,1%
Ginástica	14	4%
Treinamento Esportivo	27	7,7%
Desenvolvimento Motor	26	7,3%
História da Educação Física e dos Esportes	3	0,9%
Sociologia do Esporte	1	0,3%
Psicologia do Esporte	5	1,4%
Ed. Física Adaptada	1	0,3%
Sem classificação	38	10,8%
Total	352	100%

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

As prescrições de leitura efetuadas contavam com livros e revistas nacionais, mas a maior quantidade de menções refere-se a obras internacionais. Somente uma indicação bibliográfica tinha origem brasileira tratou-se da Revista Sprint, impresso organizado pela

editora de mesmo nome de 1985 a 2005 com conteúdo direcionado a área de Educação Física. Tinha como temas o Esporte, a Atividade Física e a Saúde, Musculação, a Educação Física Escolar e a Psicologia do Esporte.

Livros de autores que tinham artigos editados nas revistas foram mencionados com frequência e grande parte das obras citadas poderia ser adquirida na livraria da Editora Stadium. Configura-se um entrelaçamento de estratégias editoriais e comerciais, uma vez que, eram dispostos livros de autores que tinham seus textos reproduzidos nas revistas, listados na seção e vendidos na editora.

O exame do temário (Quadro 14) abaliza a hegemonia temática dos Esportes como assunto mais referendado com 48,6%, seguido por Treinamento Esportivo com 7,7% e Desenvolvimento Motor com 7,3%. Números semelhantes aos constatados no temário dos artigos da revista (Quadro 11) com exceção da baixa recomendação de obras destinadas a Educação Física Escolar com 4,5%. Deve-se notar, também, a variedade de assuntos tratados e o percentual significativo de obras sem classificação temática (10,8%).

1.2. Dispositivos Editoriais

1.2.1. Sumários e Índices

O modo de organizar e apresentar os editoriais, os artigos, as matérias e as demais seções compõe o conjunto das estratégias editoriais que objetivam “didatizar” e direcionar a recepção dos impressos. Os sumários e índices buscam homogeneizar a ordem de leitura da revista, esboçar uma estratégia de controle, de condução do comportamento dos leitores. A organização da leitura dessa forma oferece ao leitor um “roteiro”, facilita a seleção de pontos de interesse, prescreve usos.

Esses dispositivos tem a função de indicar a comunidade de leitores a posição dos textos no interior do impresso e prescrever uma ordem, uma orientação ao olhar. Os sumários e índices são instrumentos utilizados pelos editores para classificar os assuntos tratados na revista, tentar a criação de um conjunto temático, despertar a atenção dos leitores, “regrar seus modos de manipulação” (SCHNEIDER; TOLEDO, 2009, p. 210).

O sumário e o índice são um importante dispositivo de manuseio da obra, contendo informações sobre o seu conteúdo, autores e coautores. Ambos devem sistematizar os textos oferecidos pelo impresso e, ao mesmo tempo, “convidar o leitor para se apropriar dos

conteúdos ali expostos" (TOLEDO, 2001, p. 160).

No seu primeiro número (RBCE, 1979) o sumário[70] é grafado com tipos romanos mecanizados, serifados, em caixa-alta e baixa, recomendando a frente do título da seção, dividido por pontos consecutivos, a página na qual se localiza o tema de interesse do leitor. Seu primeiro item "Diretoria do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte" refere-se à descrição da organização administrativa do CBCE. Na sequência expõe-se o editorial, posteriormente a emblemática inscrição "Posição Oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte" remetendo-se a tradução de um parecer do American College of Sports Medicine a respeito da perda de peso em lutadores.

Seguindo-se a ordem foi impresso o título do único artigo desse número, "Avaliação da Capacidade Anaeróbica: teste de corrida de 40 seg.". O "I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" suas comissões, agradecimentos, programa oficial e os resumos dos temas-livres foram os próximos itens indicados. A seção "CBCE em Notícias" com informações sobre a atuação da direção do colégio, feitos de seus membros e a divulgação de congressos e uma "Crônica Esportiva" encerram o sumário. Nota-se que o título inusitado "Crônica Esportiva" refere-se a um texto assinado pelo editor-chefe da revista, Osmar Pereira Soares de Oliveira, que narra à criação do CBCE e seu primeiro ano de existência.

O segundo sumário (RBCE, 1980a) demonstra preocupações organizacionais e inovações importantes. O espaçamento entre as linhas foi ampliado e tipos lineares passaram a ser empregados. Após a indicação do editorial, a primeira novidade, inscreve-se o termo "Artigo de fundo" que se reporta a um texto que celebra a realização do "I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte". Por conseguinte ocorreu uma modificação na disposição dos artigos que receberam uma classificação e passaram a nomear seus autores. Assim, foram publicados o "artigo original", "Personalidade de atleta: uma revisão de literatura" (a classificação não parece adequada, pois se trata de uma revisão) de Sandra Mara Cavasini e o "artigo de revisão", "Atividade física durante a menstruação e a gravidez", sem indicação de autor e com a adição do termo "resumo".

Foi publicada, também nesse número, a transcrição da "Mesa-Redonda de Fisiologia" do "I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte", a seção "CBCE em notícias", uma seleção de congressos relacionados às Ciências do Esporte ocorridos no ano de 1980, sob o

[70] Os editores da revista nomeiam de "índice" o que é convencionalmente denominado de sumário. Conforme Collaro (2007) o sumário relaciona título e subtítulo por ordem de aparecimento e é impresso no início da publicação. O índice é disposto no final da obra e dispõe termos, nomes e outros elementos em ordem alfabética como localizadores.

nome “Congressos em 1980” e um dispositivo editorial de seleção e controle de textos as “normas para publicação”.

No terceiro número (RBCE, 1980b) mantêm-se a classificação dos artigos e a indicação dos nomes dos autores depois do título. Nessa revista, após o editorial foram referendados um artigo de revisão e seis artigos originais. Seguiram-se a seção “Congressos” sem indicação do ano e a seção “CBCE em notícias”.

A RBCE v. 2, n. 1 de 1980 reedita as seções “artigo de revisão”, com apenas um texto, “artigo original”, com cinco textos, “Congressos” e “CBCE em notícias”. A variação consiste na publicação do tópico “Veja como foi” com uma breve descrição de alguns eventos e a relação de temas-livres apresentados e seus autores.

O sumário do próximo número, RBCE v. 2, n. 2 de 1981, conserva o editorial, a apresentação de cinco artigos originais e as seções “CBCE em notícias”, “Congressos”. A publicação da primeira parte de um curso de “Metodologia Científica” (trata-se de noções de estatística aplicada as Ciências do Esporte) e a divulgação das normas para publicação acrescidas da inscrição “(revisão – outubro/80)” são os diferenciais da edição.

A RBCE v. 2, n. 2 de 1981 tem no inicio do sumário, a referência a um “artigo de fundo”, na verdade um reporte do editor-chefe, Osmar Pereira Soares de Oliveira, discorrendo sobre o trabalho de editoração da revista. Logo após a notação do editorial, esse número trouxe a segunda parte do “Curso de Metodologia Científica” (conhecimentos de estatística aplicada) e a publicação de um novo curso intitulado “Curso de Medicina do Exercício”. Quatro artigos originais e as seções “Congressos” e “CBCE em notícias” encerram o número.

Opera-se uma quebra no padrão organizacional do sumário do número conseguinte (RBCE, 1981d) as seções “Editorial”, “Congressos” e “CBCE em notícias” não foram indicadas, nem impressas. O sumário aponta, somente, a segunda parte do “Curso de Medicina do Exercício”, a terceira parte do “Curso de Metodologia Científica” e três artigos originais. No Suplemento n. 1 de 1981, distribuído em conjunto com o número regular, proposto a publicar os anais do “II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte”. Nesse número não foi impresso sumário.

Mais um rompimento ocorreu na RBCE v. 3, n. 2 de 1982, o sumário foi publicado na contracapa com uma disposição de elementos distinta. As letras foram grafadas em vermelho, com os títulos das seções e dos artigos em negrito. Foi cunhada abaixo do título “Índice” a notação bibliográfica da revista: “Rev. Bras. Ciências do Esporte, 3 (2), 1982”. Novamente, foram retiradas as seções “Editorial”, “Congressos” e “CBCE em notícias”. Foi adicionada a

seção “estudo antropométrico”. Essa formatação foi retomada no número seguinte (RBCE, 1982b) com a alteração do título “Índice” para “Índice deste número”. Foram impressos quatro artigos originais e a terceira parte do “Curso de Medicina do Exercício”.

Na RBCE v. 4, n. 1 de 1982 abandonou-se, outra vez, a uniformização dos sumários. Nesse número o sumário foi publicado na pós-capa e teve seu espaço reduzido, dividindo-o com a apresentação da diretoria do CBCE seu emblema e a organização administrativa da RBCE. Abdicou-se da classificação dos artigos que foram listados apenas com os títulos (em caixa-alta) e o nome dos autores (em caixa-baixa). Foram impressos quatro artigos e a normas para publicação.

Restabeleceu-se no número subsequente (RBCE, 1983a) a publicação do sumário na folha de rosto da revista. A seção “Editorial” foi retomada, foram referendados quatro artigos, adicionado o tópico “Comunicado aos Editores da R. B. C. E.” e republicada as normas para publicação.

A configuração mencionada permaneceu no índice da RBCE v. 4, n. 3 de 1983. Além do “Editorial”, foram indicados a leitura de quatro artigos e das normas para publicação. Acrescentou-se o item “Comunicado dos Editores da R. B. C. E.” a fim de incentivar o envio de textos para a avaliação dos editores da revista.

A RBCE v. 5, n. 1 listou o “Editorial”, quatro artigos, “Comunicado dos Editores da R. B. C. E.” (publicação do mesmo conteúdo mencionado anteriormente) e as normas para publicação da revista. Nesse mesmo número foi publicado o conteúdo dos anais do “III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte”. Foi expresso com o título “Índice Geral”, as comissões, o programa, a ficha de inscrição, e os resumos dos temas livres apresentados organizados pelo nome de seus autores.

Do mesmo modo, o sumário do número posterior (RBCE, 1984a) manteve a mesma configuração. O formato foi reeditado na RBCE v. 5, n. 3 de 1984 com o ajuntamento da referência a um “formulário de inscrição” com o objetivo de incentivar a inscrição dos leitores como sócios do CBCE e a diminuição da quantidade de artigos publicados para dois. Mais uma vez a configuração do índice foi mantida nas revistas v. 6, n. 1 de 1984 e v. 6, n. 2 de 1985 publicando-se os mesmos itens do número antecedente. Em ambos regressou-se a impressão de quatro artigos. O sumário da RBCE v. 6, n. 3 de 1985 permaneceu com as mesmas características, mas referendou a publicação de mais um artigo e incluiu abaixo dos títulos em português sua versão em língua inglesa, em negrito e caixa-alta e baixa.

Na RBCE v. 7, n. 1 de 1985 foi publicado os anais do “IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte” realizado na cidade de Poço de Caldas (MG). Esse número apresentou um sumário sob o título de “Índice Geral” contendo as seções “comissão de honra”, “comissão organizadora”, “agradecimentos”, “editorial”, “programa oficial”, “resumos” e “formulário de inscrição”. E um índice organizado pelos nomes dos autores dos resumos inscritos no evento.

A revista seguinte, v.7, n. 2 de 1986, acolheu algumas modificações. O sumário passou a dividir o espaço da página com a nominata da Diretoria do CBCE e da própria RBCE, com a logomarca do CBCE e as informações catalográficas da revista. Os textos publicados, em total de cinco, passaram a ser classificados como “estudos” e os títulos em inglês foram grafados em itálico. As demais seções foram agrupadas sob o nome de “comunicações”, constando as normas para publicação, o formulário de inscrição no CBCE e a publicação da ata do “II Encontro de editores de revistas científicas” promovido pelo CNPQ e pelo FINEP, na cidade de São Paulo (SP), em 1985. Esse formato gráfico do sumário foi mantido na última RBCE examinada, v. 7, n. 3 de 1986. Contudo, foram listados apenas cinco textos, classificados como “estudos”.

Afora os sumários os editores da RBCE construíram um “Índice do volume”. O “Índice do volume” consistiu na recapitulação do conteúdo publicado em um mesmo volume da revista, pela repetição dos índices anteriores. Essa estratégia acionada nos números v. 1, n. 3, de 1980, v. 2, n. 3, de 1981(republicou os índices do volume 1 inclusive), v. 3, n. 3, de 1982, v. 4, n. 3 de 1983 contribuiu, em conjunto com outros artifícios, para atribuir um sentido de “coleção” a revista, permitindo a localização e a aquisição de textos de interesse já publicados suscitando seu arquivamento como obra de consulta para a comunidade de leitores. A criação desse sentido de conjunto aos textos pela listagem das matérias veiculadas instiga os leitores a apreciar essa compilação, completá-la, manobra destinada a ampliar o prestígio da publicação e o controle sobre sua organização.

Os editores produziram vinte e duas titulações diferentes para os assuntos acondicionados em seções na RBCE. Boa parte dessas criações foi transitória, não sobrevivendo a mais de um número. O tópico mais constante foi o “editorial” com treze aparições, acompanhado pela classificação “artigos originais” com oito citações e a seção “CBCE em notícias” com seis.

As diversas alterações, a extinção de seções e classificações, a criação e alternância de tópicos demonstram os obstáculos enfrentados pelos editores em constituir um corpo de

matérias, em sistematizar assuntos e temáticas, estabelecer, enfim, um padrão para a publicação dos índices e consequentemente dos conteúdos da revista. Essas falhas reduzem a coerência do que é publicado e dificultam uma ordenação didática da leitura.

Os sumários da revista Stadium, desde o primeiro ano analisado, apresentaram um projeto gráfico mais bem elaborado. O sumário do n. 73, do 13° ano (1979) foi alocado na folha de rosto da revista dividindo o espaço da página com a nominata editorial. O título "sumario" na cabeça da página foi impresso com fontes lineares geométricas, em caixa-baixa, com efeito negrito e relevo tridimensional à direita, com os caracteres na cor preta e a cor azul na sombra (mesmo tom utilizado na capa desse número), acima de uma linha horizontal com a mesma tonalidade.

As seções foram divididas de acordo com a temática enfocada e seus títulos foram destacados na cor azul, com tipos lineares humanísticos em caixa-alta e negrito. Abaixo foi disposto o título do artigo em negrito, na cor preta, com os mesmo tipos dos títulos das seções, caixa-alta e baixa. Em seguida foi escrito os nomes dos autores com tipografia semelhante, porém sem negrito. A frente dessas informações foi alocado o número da página correspondente, em negrito na cor preta e com corpo ampliado, facilitando a visualização do leitor.

Nesse número foram publicados artigos nas seções temáticas, a "Sección Bibliográfica" que continha indicações de livros e revistas sobre Educação Física e esportes, e a seção "Información de Congresos" listando eventos nacionais e internacionais de interesse da comunidade de leitores. Essas seções serão analisadas posteriormente.

A Stadium seguinte n. 74 (1979) manteve o mesmo projeto gráfico. Além dos artigos organizados nas seções temáticas, foram impressos a "Sección Bibliográfica" e a seção "Cursos y Congressos" com o objetivo de divulgar eventos nacionais e internacionais. A revista de n. 75 não apresentou nenhuma alteração ou seção diferenciada. A Stadium n. 76 imprimiu o sumário, com a mesma diagramação, mas somente na cor preta e sem efeitos de sombreamento. O mesmo ocorreu no número 77. A revista subsequente, n. 78, voltou usar o contraste de cores e demais efeitos aplicados anteriormente.

Nas fotocópias analisadas dos n. 81, 82 e 84 do 14° ano (1980) a configuração dos sumários não foi modificada e nenhuma nova seção foi adicionada. Foi possível listar os artigos publicados nas seções temáticas pelo acesso a um levantamento realizado pela própria Editora Stadium (Tabela 15).

No 15° ano (1981) os sumários das revistas foram parcialmente reconfigurados. Manteve-se uma disposição e organização semelhantes, contudo os títulos das classificações temáticas e os números das páginas tiveram seus corpos reduzidos, foram incluídos pontos para ocupar o espaço entre nomes dos autores e a página correspondente, foram utilizados unicamente tipos na cor preta e a "Sección Bibliográfica" teve uma redução hierárquica, sendo grafado do mesmo modo que os títulos dos artigos (em negrito, em caixa-alta e baixa). As seções "Información de Congresos" e "Cursos y Congressos" não foram referenciadas. Essas modificações acentuaram o caráter formal da revista e reduziram a capacidade de diferenciação hierárquica que facilitava a condução do leitor.

No 16° ano da Stadium (1982) a organização dos sumários não teve alterações representativas. A seção "Información de Congresos" voltou a ser editada nos números 91 e 92. O número 92 adicionou, também, a seção "Información de Cursos". O 17° ano conservou as características do ano anterior. Afora as seções de artigos definidas por classificações temáticas e a "Sección Bibliográfica" (não referendada apenas no n. 98), listadas em todos os números desse ano, a seção "Cursos y Congressos" esteve presente nos sumários dos n. 97 e 102 e a seção "Información de Cursos" nos n. 99 e 101.

O sumário do único número analisado do 18° ano da revista (1984), n. 108, apresentou as mesmas disposições dos seus antecessores (foi possível elencar todos os artigos publicados por meio de uma listagem feita pelo Editoral Stadium). De forma semelhante, os sumários do 19° ano (1985) obedeceram à mesma formatação gráfica. A seção "Información de Cursos y Congressos" constou nos sumários dos números 111, 112 e 113. A "Sección Bibliográfica" foi nomeada "Información bibliográfica" no número 114, mas não teve seu conteúdo alterado. Foi publicada a seção "Información de Cursos", também nesse número.

Os sumários do último ano analisado, 20° ano (1986), também não expuseram mudanças com relação à configuração gráfica e a ordenação das seções. A seção "Información de Congresos" foi arrolada nos números 116, 119. A única alteração que merece ser mencionada foi a publicação do "Indice temático de la Revista Stadium desde la Nro. 1 a la Nro. 120", na Stadium de n. 120, contendo os títulos de todos os artigos publicados desde a fundação da revista organizados conforme sua classificação temática.

Esse índice temático foi publicado em um encarte destacado da revista em comemoração ao 20° aniversário da publicação. Esse suplemento contou com 25 páginas e uma capa diferenciada. Na capa o logotipo da revista foi publicado na cabeça da página, entre duas linhas horizontais, com o corpo ampliado, em negrito, caixa-baixa. Toda a capa foi

impressa na cor vermelha em um fundo branco. A inscrição “Revista de educación física y deportiva” também foi disposta na página. Além desses dois elementos tipográficos já utilizados anteriormente, foi dado destaque a frase “20 años 1967 a 1986”, formatado também entre duas linhas horizontais. No centro do espaço da capa foi impresso uma imagem de três homens sobrepostos com os braços aberto. Cogita-se que seja uma releitura do famoso desenho “Homem Vitruviano”[71] de Leonardo da Vinci. No pé da página foi grafado o termo “Indice Temático”, “Nº 1 al Nº 120” com o mesmo recurso gráfico das barras horizontais.

Na segunda capa desse fascículo foi reeditado o informe comercial com uma lista de 48 livros e 13 regulamentos esportivos sob o título “Publicaciones de editorial stadium” (Anexo A) que foi impresso na Stadium n. 109 (1985). Toda a composição gráfica do suplemento foi feita com a cor vermelha. Na primeira página foi disposto o título “Revista Stadium” e os anos “1967-1986” em caixa-alta, corpo ampliado, com tipos lineares, em negrito, inscrito em um retângulo ovalado. Logo abaixo foi inscrito em um retângulo com tipos lineares, em itálico, um texto explicativo sobre a organização temática proposta pelo índice e a indicação do título do artigo, autor, nacionalidade, o número da revista e a página correspondente.

As temáticas foram apresentadas em ordem alfabética: Atletismo, Basquetbol, Biomecanica, Educacion Fisica, Entrenamiento, Evaluacion, Futbol, Gimnasia Deportiva, Handbal, Historia, Medicina, Natacion, Pelota al Cesto, Politica y Organizacion Deportiva, Psicologia, Remo, Rugby, Sociologia, Voleibol, Temas Varios. Após cada título foram listados os textos relacionados. Ao final do suplemento foi impresso um quadro com o título “Condiciones de venta” contendo explicações sobre as formas de adquirir os números anteriores publicados. A quarta capa reimprimiu a peça publicitária da loja “Roma Deportes”.

Esse estratagema incorporado no último número do 20° ano da revista (1986) procurou conferir uma lógica de “coleção” à revista, incitando sua comunidade de leitores a localizar e adquirir os números de seu interesse. Ademais, vislumbra-se convocar os leitores a preservar e manter as revistas como obras consultáveis contendo informações que podem resistir a um tempo mais prolongado do que a convencional efemeridade atribuída às publicações periódicas.

Ao todo foram utilizados vinte oito títulos para classificar os artigos publicados por temas e mais três seções foram exibidas com informações adicionais sobre cursos, congressos

[71] O Homem Vitruviano é um desenho que acompanhava as notas dos diários de Leonardo da Vinci que datam de 1490. Representa uma figura masculina desnuda em duas posições sobrepostas com os braços circunscritos a um círculo e a um quadrado, expondo o traçado e as proporções do corpo humano (ECO, 2004).

e sugestões de leitura. Na Stadium os sumários obedecem a uma constância, sofrendo poucas alterações nos anos analisados. As classificações temáticas se constituem em um recurso para facilitar a navegação do leitor e antecipar o conteúdo da revista. A organização dos sumários e a hierarquização dos assuntos permitem a didatização da revista e simplificam seu manuseio, ainda que algumas modificações tenham reduzido um pouco essas características.

Contrapesando os sumários das duas revistas pode-se afirmar que as constantes modificações e a composição gráfica mais simples prejudicou a função de mapeamento e orientação da leitura exercida por esse dispositivo na RBCE. A Stadium teve mais êxito mantendo os títulos e classificações que já estavam familiarizados pelo leitor e expondo a lista de matéria de modo mais atrativo. Destaca-se que as classificações temáticas utilizadas pelos editores da Stadium tornaram-se um valioso artifício para potencializar a localização do leitor e antecipar seus conteúdos de interesse.

A utilização pelos editores das duas revistas de estratégias de transfiguração do sentido e formas de manipulação para que assemelhassem essas produções a uma coleção merece, também, ser ressaltada. Essa ação tinha o propósito de promover as revistas a obras consultáveis por um período de tempo prolongado, despertando na comunidade de leitores uma intenção de conservar e valorizar esses impressos.

1.2.2. Paginação, Fólio e Ritmo

A indicação do número de páginas é um dispositivo de orientação e organização da leitura. O fólio permite ao leitor avançar ou retroceder no manuseio das folhas, organizando a forma de ler e auxiliando a escolha de uma ordem de leitura de um impresso. O somatório das páginas produzidas, sua média e regularidade permitem vislumbrar o volume e o ritmo de sua produção, indicadores que informam alternâncias e permanências.

Na RBCE ocorreram variações em seu formato, página de início e no número total de páginas impressas. Na RBCE n. 1, v. 1 de 1979 a paginação foi iniciada após a folha de rosto e o índice, na folha que apresenta a diretoria do CBCE. Essa notação foi impressa na margem inferior, centralizada, com tipos serifados, iniciando no número “01”. Após o início todas as páginas foram numeradas totalizando 73 páginas. Deve-se indicar que as revistas que tiveram a publicação de anais de evento (RBCE, 1979; 1983c; 1984b; 1985d) o número de folhas foi consideravelmente superior a fim de abrigar os resumos dos temas livres inscritos.

No número consecutivo, RBCE n. 2, v. 1 de 1980, incidiram-se um conjunto de

mudanças. A paginação foi impressa apenas no início da sessão “Artigo Original”, na margem superior, alinhada a direita, com tipos lineares em itálico. Seu início foi grafado pelo número “09” (apesar da soma das páginas anteriores ser igual a sete) e o término se deu na 42ª página.

A RBCE n. 3, v. 1 de 1980 conservou o mesmo modo de indicar o número das páginas do número anterior. No entanto, a numeração iniciou-se pelo número “05” e findou-se no número “48”. A publicação de uma página com o “Índice do Volume 1” no fim da revista não foi contada.

Mesma grafia também para a RBCE n. 1, v. 2, de 1980. Início do contagem no número “07” e término na 54ª página. O número consecutivo, RBCE n. 2, v. 2, de 1980, mesmo tipo de notação, iniciado na página 05 e findado na página 38. O último número desse volume (RBCE, 1981b) principiou a paginação no número 06 e concluiu na página 46. O “Índice do Volume” dessa vez foi contado. Sequencialmente a RBCE, n. 1, v. 3 de 1981 começou a indicação no número 05 e terminou no número 40. Esse número contou com a publicação do Suplemento n. 1 (1981) contendo os “Anais do II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte”. O suplemento não foi paginado, seguindo as regras de paginação do impresso foram totalizadas 52 páginas. A ausência desse dispositivo dificultou a localização dos conteúdos de interesse e desorientou a leitura.

Nota-se que a disparidade do número inicial grafado, refere-se a alteração do conteúdo das páginas anteriores, em alguns casos pela supressão da folha de rosto ou da folha de apresentação da organização editorial da revista, em outros pela publicação de um artigo de fundo não numerado.

Para o número subsequente, RBCE n. 2, v. 3 de 1982, foi acionada uma estratégia para imputar um conceito de continuidade de conteúdo das revistas, mais um artifício de “montagem” de uma “coleção”. A contagem foi iniciada no número 41, contemplando a numeração final indicada no número anterior. Além disso, a grafia em itálico foi deposta e o corpo dos tipos foi ampliado. O cômputo dessa edição deu-se na página 79 (total de 38 páginas).

O número posterior, n.3, v.3, manteve essas características começando a paginação com o número 83 e encerrando com o número 124 (total de 41 páginas). No início do quarto volume, n. 1, v. 4 de 1982, a contagem das páginas foi zerada, teve princípio no número “2” e término na página 24. Nota-se o abandono do número “0” na notação das unidades da paginação e a redução de elementos “pré-textuais”. Os números passaram a ser alinhados a direita e em negrito compondo uma nova formatação.

A RBCE n. 2, v. 4 de 1983 começa a paginação no índice com a indicação do número 27 à direita. No entanto, a partir da página 32 a notação passa a ser exibida a esquerda até o seu fim na página 68 (total de 41 páginas). A RBCE consequente sustenta essa configuração, sendo iniciada na página 73 e finalizada na página 101. Os caracteres foram alinhados a esquerda. As seções "Comunicado dos Editores da RBCE" e "Normas para publicação" não foram paginadas ocupando 3 páginas (total de 31 páginas).

A RBCE n. 1 do v. 5 teve como conteúdo único os Anais do "III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte". A paginação anunciou-se pelo número 3, impresso a direita sobre uma linha horizontal. Foi encerrada na página 34. No segundo número desse volume, n.2, v.5 de 1984, a linha horizontal foi eliminada e os tipos foram alinhados a direita nas páginas ímpares e a esquerda nas pares. A revista foi iniciada na página 39 e encerrada na 72 (total de 34 páginas).

A RBCE n. 3, v. 5, de 1984 contou com duas paginações diferentes. A primeira referiu-se ao conteúdo regular da revista iniciando-se na página 75 e encerrando na página 94. A segunda numerou a publicação dos Anais do "II Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento" e "Congresso Regional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte" a partir do número 1, com término no número 22 (total de 44 páginas).

O número inicial do sexto volume (RBCE, 1985a). Aprofunda a ideia de conferir continuidade e prestígio de coleção encetada na RBCE n. 2, v. 3, de 1982, mantendo a contagem do número de páginas do volume anterior. Desse modo, principia a paginação com o número 97 e encerra com o 129. Todas as notações dos números foram alinhadas a direita. As seções "Comunicado dos Editores da RBCE", "Normas para publicação" e o "formulário de inscrição" não foram paginadas ocupando 5 páginas (total de 40 páginas). Os demais números que compõe o volume preservaram o formato da paginação. A RBCE n. 2, v. 6, de 1985, iniciou a impressão da numeração na página 137 e findou na 170 (35 páginas). Por conseguinte, o fólio do próximo número (RBCE, 1985c) iniciou-se com o número 173 e encerrou no 222 (51 páginas).

O primeiro número do sétimo volume (1985) teve com conteúdo os anais do "IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" e por isso começou a notação das páginas no número 3 e findou no número 50. A ficha de inscrição no CBCE não foi paginada (total de 52 páginas). Esse primeiro número solveu a continuidade da contagem das páginas dos volumes anteriores. Dessa maneira, as revistas seguintes (RBCE 1985d; 1986a) seguem esse cômputo. Não obstante, o fólio passou a ser alocado a direita, no pé da página, com início na página 54

e término na 83 (31 páginas). Essa configuração foi mantida na última RBCE examinada que começou na página 85 e encerrou na 114 (32 páginas, as duas últimas não foram paginadas).

Tabela 16 - Quantidade de páginas por número e volume da RBCE (1979-1986)

Número/volume	**Páginas**	**Volume**	**Páginas**
1, 1	73	1	162
2, 1	40	2	138
3, 1	49	3	171
1, 2	54	4	96
2, 2	38	5	112
3, 2	46	6	126
1, 3	40	7	115
2, 3	38		
3, 3	41		
Suplemento	52		
1, 4	24		
2, 4	41		
3, 4	31		
1, 5	34		
2, 5	34		
3, 5	44		
1, 6	40		
2, 6	35		
3, 6	51		
1,7	52		
2, 7	31		
3, 7	32		
Total	**960**		**960**

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

A produção do período analisado compreendeu 667 páginas de exemplares regulares e 52 páginas do suplemento perfazendo 719 páginas. Média de 42,3 páginas por exemplar distribuídas de forma irregular (Tabela 16). Para a totalização do número de páginas respeitou-se a editoração original da revista, adicionando-se páginas impressas não computadas e descontado erros de paginação. Percebeu-se a utilização de pelo menos cinco formatos de paginação diferentes e a falta de uniformidade para a delimitação do início da numeração. Problemas de editoração que confundem o leitor e dificultam sua orientação pelo conjunto de revistas.

O ritmo da publicação (Figura 1) no recorte eleito para essa pesquisa (1979-1986) manteve-se constante desde sua fundação até o último número analisado. Permite-se inferir que apesar das eventuais dificuldades que marcam a gestão de um impresso a RBCE, em seus anos iniciais, conseguiu manter a periodicidade estabelecida por seus editores (três números por volume distribuídos por quadrimestre).

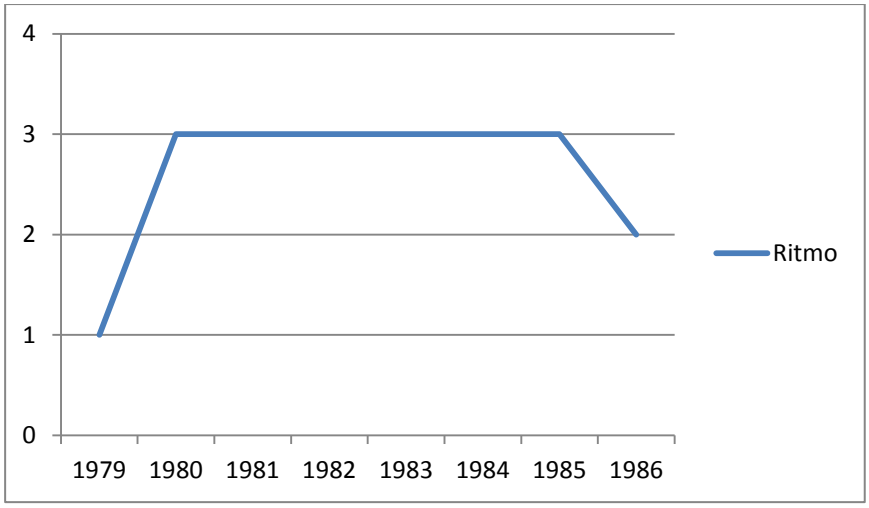


Figura 1 – Ritmo de produção da RBCE (1979-1986)

Nas revistas Stadium do 13° ano a paginação foi iniciada após o sumário, sempre com o número 2, impressa no pé da página à direita nas impares e a esquerda nas pares, com tipos lineares. Após o início da contagem todas as páginas foram numeradas. O número de folhas não apresentou nenhuma variação totalizando 48 páginas (Apêndice J). A mesma formatação e número total de páginas foram mantidos nas fotocópias do 14° ano investigadas. Apesar da impossibilidade da análise de todos os números desse ano da revista, pelo levantamento realizado pela própria editora Stadium, foi possível estimar o número total de suas páginas.

Nas revistas do 15° ano a notação das páginas teve início no sumário, com o número 1. A totalidade das páginas manteve-se com 48 em cada número. Essa padronização foi conservada nos demais anos analisados 16°, 17°, 18° (levantamento realizado pela Editora Stadium), 19° e 20°.

Pela totalização do número de páginas chegou-se ao montante de 2304 páginas impressas. Média de 48 páginas por exemplar analisado e 288 páginas por ano da revista. A distribuição foi homogênea transparecendo o esforço dos editores em padronizar a paginação da revista. O formato do fólio não sofreu alterações.

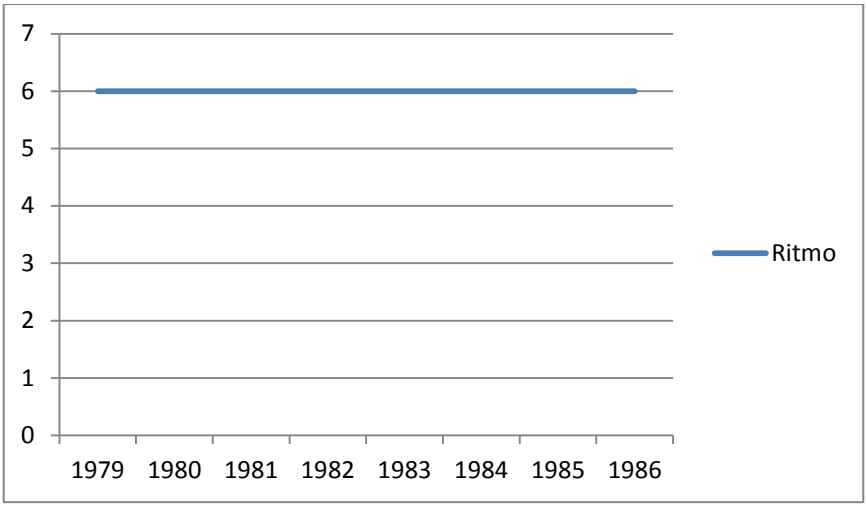


Figura 2 – Ritmo de produção da Stadium (1979-1986)

A verificação do ritmo (Figura 2) de produção possibilita indicar a manutenção de sua peridiocidade em todos os anos analisados, com a impressão de seis números por ano. Indício da estabilidade que a revista gozava nos anos examinados.

A revista Stadium alcançou a uniformização do formato do fólio e do número de páginas por número e ano da revista. Trabalho notável de editoração. A RBCE não teve o mesmo sucesso, utilizou diversos modelos de paginação e pecou pela falta de uniformidade na distribuição das páginas pelos números e volumes da revista. Aspectos negativos que dificultam a navegação do leitor pelo interior do impresso.

Apesar de uma média por exemplar próxima (42,3 da RBCE contra 48 da Stadium) a Stadium alcançou um número total de páginas bem superior a RBCE (2304 contra 960) demonstrando, portanto um acúmulo bem maior de informações em seu acervo. Quanto ao ritmo os dois impressos conservaram a regularidade de sua produção. Sublinha-se, contudo, que o número de revistas editadas por ano da Stadium foi superior a RBCE com o dobro de edições anuais (seis).

1.2.3. Diretrizes para os autores

As diretrizes para os autores podem ser definidas como orientações de normalização e explicações sobre o processo de submissão que garantem transparência a edição e acesso a contribuição de múltiplos autores. As normas para publicação constituem-se em um importante dispositivo de controle editorial e direcionamento dos textos dos autores.

No número de estreia da RBCE (1979) não foram publicadas nenhum tipo de orientação para contribuição de autores. Na revista seguinte (1980a) sob o título de "normas para publicação", com tipos romanos, caixa-alta, negrito e sublinhado, foram publicadas na p. 39 as diretrizes para regular a contribuição dos autores. Dividida em dezessete tópicos essa seção exibiu de forma detalhada as formas de submissão e a normalização esperada.

No primeiro subtítulo "informações aos autores" (títulos em negrito e caixa-alta, texto em caixa-baixa) foram relatadas informações a respeito dos tipos de textos aceitos, "trabalhos sobre investigações originais, estudos ou descrições de casos e artigos de revisão nos tópicos de relevância para a área de Ciências do Esporte" (RBCE, 1980b, p. 39). Também foi mencionado a exigência de exclusividade para o envio de artigos para revista.

O item seguinte "instruções gerais" descreve as etapas de submissão de trabalhos e indica regras que deveriam ser respeitadas. Os textos datilografados e enviados em três vias teriam que ser formatados com espaço duplo, margem de 2,5 cm em todos os lados, possuir "página-título", "página-resumo", "página de Summary", unitermos, corpo do texto, agradecimentos, referências, legendas para figuras, tabelas e ilustrações.

Os artigos precisariam ser enviados ao editor executivo que os repassaria ao editor-chefe e sequencialmente ao editor-científico e ao editor da seção correspondente. Esse último editor seria responsável por selecionar "profissionais com experiência na área" que seriam responsabilizados pela revisão do texto, comentários, sugestões para seu aperfeiçoamento e determinariam o "grau de aceitabilidade do trabalho" (RBCE, 1980b, p. 39). A revisão dos textos seria realizada pelo sistema "duplo-cego" (blind review)[72].

Expuseram-se, também, recomendações para pesquisas com seres humanos e com animais que necessitariam se adequar as normas oficiais estabelecidas por sociedades científicas internacionais, sugeriram-se as disposições do American College of Sports Medicine, entidade que serviu de modelo para a fundação do CBCE.

O subtítulo "texto" exibiu considerações sobre a organização dos artigos, divididos em quatro seções. A introdução, "pequena", deveria fornecer a "razão para o estudo" e incluir um "posicionamento específico do problema estudado". A "metodologia e a técnica" apresentaria uma descrição desses procedimentos. Os "resultados" exporiam dados e observações. Por fim, a "discussão" conjugando a interpretação dos resultados e as conclusões dos autores.

[72] Esse sistema de revisão é utilizado para evitar resultados tendenciosos, e conferir credibilidade a avaliação. Nesse processo o avaliador não conhece a identidade do autor do trabalho, e vice-versa. O sigilo evitaria uma possível influência na decisão final (OMOTE, 2005).

Estabeleceu-se, também, a possibilidade de utilização de notas numeradas no final do artigo e a proibição de notas de rodapé (RBCE, 1980b, p. 41).

A "página de agradecimentos", item subsequente, informou apenas que os agradecimentos deveriam ser exclusivamente "as pessoas que prestaram contribuições substanciais ao trabalho" (RBCE, 1980b, p. 41). Em "referências" indicou-se como realizar citações no corpo do texto e normatizar a bibliografia de revistas e livros consultados. Somente a referência a artigos de revista foi exemplificada pela notação "HAY, J. G., PUTNAM, C. A., and WILSON, B. D. Forces exerted during exercises on the uneven bars. Medicine and Science in Sports, 11 (2): 123-130, 1979". Sancionou-se, dessa maneira, o uso de referências internacionais constatado na maioria dos artigos publicados e a adesão ao American College of Sports Medicine entidade responsável pela edição da revista, Medicine and Science in Sports, mencionada (RBCE, 1980b, p. 41).

As "ilustrações" referiam-se a formatação de figuras e fotos. As figuras deveriam ser legendadas e as fotos em preto e branco com dimensões mínimas de 12X7 cm e máximas de 22X28 cm. Essas explicações foram seguidas da inscrição em negrito "observação importante: as fotografias serão cobradas pelo editor", demonstrando-se os recursos financeiros limitados que a revista dispunha para o investimento nesse tipo de ilustração que encarece o custo final de produção.

No tópico "idioma" encontra-se a obrigatoriedade do uso do português. Textos de pesquisadores estrangeiros deveriam, obrigatoriamente, ser traduzidos. Prescrições que, a primeira vista, surpreendem, uma vez que, o uso de referências e modelações internacionais (sobretudo estadunidenses) foi uma constante da revista. Essa proposição supõe um reforço declarado pelos responsáveis pela revista de incentivar pesquisas e pesquisadores nacionais fortalecendo (com uma autonomia relativa, sem dúvida) a formação e consolidação de um campo acadêmico nacional com publicações prioritariamente de pesquisadores brasileiros e em português.

O subtítulo consecutivo, "unidades de medida", defende a utilização do "Système Internacioanl d´Unités" (RBCE, 1980b, p. 40). O Sistema Internacional de Unidades foi sancionado em 1960 pela "Conferência Geral de Pesos e Medidas" abrangendo diversos tipos de grandezas físicas, estende-se a todas as unidades que compõe a ciência da medição. O Brasil adotou o Sistema Internacional de Unidades em 1962 (DIAS, 1998).

Os tópicos conseguintes "página título", "resumo e summary", "unitermos" reiteram e detalham normatizações previamente descritas. As recomendações para a "página título"

seriam concisão na escolha do título (50 caracteres com espaço no máximo), nominar os autores e instituições a que pertencem e o envio de endereço para correspondência. O resumo e o summary precisariam ser formatados em parágrafo único com no máximo 200 palavras e necessitariam conter objetivo, metodologia, resultados, interpretações e conclusões. O termo "resultados" é complementado pela inscrição "dados numéricos mais importantes", indicando-se, sutilmente, o tipo de tratamento de dados esperado a "matematização". O número máximo de unitermos estabelecido foi três. Na sequência aconselhou-se o uso correto de "tabelas" e "formulas e equações".

A seção também informou a utilização de alguns instrumentos de mediação entre editor e autor: "provas", "separatas", "cartas ao editor". As provas consistiam em prévias do texto editado para a conferência, realizada pelo autor, de erros gráficos. As separatas[73] no total de dez eram oferecidas ao autor como amostra da publicação de seu artigo. Cartas sobre o conteúdo dos artigos seriam avaliadas, e caso aceitas poderiam ser publicadas, desde que não excedessem 500 palavras. Esse tópico assinala a existência de um canal de comunicação entre editores e a comunidade dos leitores admitindo-se, inclusive, sua intervenção (referendada obviamente).

Assevera-se que a construção e divulgação dessas possibilidades denotam relativa maturidade editorial, respeito com o tratamento dado aos autores e preocupação com a democratização do acesso e julgamento das informações publicadas. O espaço foi encerrado com o subtítulo "observações" que determinou a data de aprovação do trabalho como referência para a ordenação da publicação, salvo "casos em que o Editor-Chefe considerar outra ordem" (RBCE, 1980b, p. 42).

Os periódicos v. 1, n. 3 de 1980, v. 2, n. 1 de 1980, não publicaram o dispositivo. Na página 34 da RBCE v. 2, n. 2 de 1981 foram impressas as "normas para publicação" com a adição da informação "revisadas em outubro de 1980". A primeira diferença em relação a normatização anterior foi encontrada no item "informações aos autores" que assinala a aceitação de "resumos de temas livres apresentados em congressos, cursos sobre temas básicos e traduções de artigos já publicados em outros países". Essa diversificação considerável insinua o enfrentamento de dificuldades para a seleção de um conteúdo adequado para a manutenção da periodicidade da revista, desviando-se da intenção inicial de publicar textos no formato de artigo e preferencialmente originais.

[73] Conforme o dicionário Houaiss (2009) separata pode ser definida como o impresso de um artigo publicado em revista, jornal, livro ou qualquer obra já editada, no qual se mantém a mesma composição tipográfica.

Outra alteração refere-se a substituição do termo “summary” por “abstract”. Uma modificação substancial foi operada no item “texto”. A orientação para organização do texto foi apurada e mais requisitos foram adicionados a composição. Na “introdução” constaram a apresentação do tema, uma “breve revisão de literatura” e a definição dos objetivos. Para a seção “material e métodos” observou-se a necessidade de descrever a população, amostra, métodos e técnicas, frisando-se as estatísticas. Nos “resultados” aconselha-se a utilização de tabelas ou ilustrações. A seção “discussão” além de obrigação de exibir a apreciação dos resultados e as conclusões dos autores sugere o estabelecimento de relações com conhecimentos anteriores e “novas linhas de investigação”. As notas de fim deixaram de ser referendadas, as notas de rodapé permaneceram proibidas e foi acrescida a recomendação do uso de uma “gramática correta”, “brevidade e clareza” (RBCE, 1981a, p. 36). Notam-se os esforços empreendidos na revisão desse item para aperfeiçoar e estreitar o perfil dos textos submetidos à revista.

O item “página de agradecimentos” também foi modificada, foram adicionadas a possibilidade de utilização de referências a auxílio financeiro e a citação de informações sobre técnicas e equipamentos requeridos pela investigação. Esse posicionamento assinala a atenção dos editores a recente política de fomento a publicação científica adotada pelos governos militares e o incremento dessa atividade pelo uso de instalações e equipamentos específicos que contavam com financiamento.

O tópico “referências” foi mais um item que sofreu alterações. A indicação de como referenciar revistas e livros foi detalhada e foi inclusa a explicações sobre a normatização bibliográfica de capítulos de livros. A referência a artigos de revista contou com dois exemplos, um nacional, texto da própria revista, “ARAÚJO, C. G. S., PEREZ, A. e MATSUDO, V. K. R. Técnica para a análise da estratégia dos 1500m nado livre. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 1 (2) : 35-44, 1980” e outro internacional, MARGARIA, R; AGHEMO, P. e ROVELLI, E. Measurement of muscular Power (anaerobic) in man. J. Appl. Physiol., 21(6) 1662-1664, 1966”.

Os esclarecimentos sobre a notação de livros e de capítulos de livros tiveram um exemplo cada para auxiliar a compreensão do leitor. Para os livros foi referida a obra “Textbook of work physiology” de P. O. Astrand e K. Kodahl (1977). Para os capítulos o texto mencionado foi “DE ROSE, E. H. e Ribeiro, J.P. Determinação do consumo máximo de oxigênio e prescrição do treinamento aeróbico. In: Pini, M. C. (ed.); Fisiologia Esportiva. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1978” (RBCE, 1981a, p. 37).

Avalia-se a menção a produções nacionais como um indicador importante da emergência e valorização pelos editores da revista de textos de autores brasileiros, ainda que tenham permanecido as referências internacionais. Não há dúvidas que os textos que serviram para exemplificação receberam o aval dos responsáveis pelo periódico e foram aludidos nas normas como fator de distinção.

O tópico "ilustrações" além das normas escritas no número anterior publicou recomendações complementares para a formatação de desenhos. Eram imperativos o uso de papel vegetal, a perspectiva "perfeita", a cor preta e caso constasse no desenho letras, números ou palavras, seria necessário o uso de normógrafo e a obediência aos padrões tipográficos da revista. A cobrança pelo uso de fotografias foi retirada. Consecutivamente para a formatação de "tabelas" foi aditado uma inscrição que inclui as ilustrações: "o conteúdo total de ilustrações e tabelas não deverá exceder ¼ do espaço ocupado pelo artigo" (RBCE, 1981a, p. 37). O item "separata" foi retirado.

Essas recomendações mostram o ganho de experiência editorial evidenciado pela tentativa de manter o projeto gráfico em todos os seus detalhes. A importância dada à forma e ao conteúdo do periódico denota amadurecimento e o desejo de conseguir dar uniformidade à editoração.

As "normas para a publicação" sofreram um retrocesso na RBCE v. 4, n. 1 de 1982. Nesse número as normas impressas no v. 1, n. 2 de 1980 foram reeditadas integralmente, se abandonado às modificações e detalhamentos realizados na RBCE, v. 2, n. 2, 1981. Essa seção foi publicada com esse mesmo formato na RBCE v. 4, n. 2 de 1983.

Na RBCE v. 4, n. 3 de 1983 as "normas para publicação" mantiveram seu conteúdo, mas sua forma foi alterada. Foram dispostas em duas colunas e o corpo dos caracteres foi reduzido. Indício de cortes de gastos pela redução do espaço tomado por essa seção no corpo da revista. Essas características foram conservadas nos números 2 e 3 do v. 5, de 1984 e em todos os números do sexto volume (1984-1985).

A RBCE v. 7, n. 2 de 1986 operou uma reestruturação das "normas para publicação". Elas foram impressas logo após o sumário, sua redação foi reformulada e reduzida para oito tópicos numerados. No primeiro foi definido o tipo de produção que seria veiculada "artigos originais, artigos de revisão, notas prévias e resumos de teses no campo das Ciências do Esporte" (RBCE, 1986a, p. 54). No seguinte foi determinado o idioma (português ou inglês) e a exigência de ineditismo do texto. No terceiro foram estabelecidos critérios de formatação:

papel A4, espaçamento duplo, margens de 2,5 cm X 2,5 cm, número máximo de 12 páginas, título em português e inglês, nome dos autores, filiação e financiamento.

No coseguinte foi expressa a utilização das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), mais especificamente as normas bibliográficas 61 (NB-61). Foi apresentada uma síntese dessa normatização: textos com título, resumos em português e inglês, unitermos em português e inglês, introdução, material e método, resultados, discussão e conclusões, agradecimentos e referências bibliográficas (sem ultrapassar o número de 20). Também foram dispostos exemplos de notações de artigos e livros e que manifestamente serviriam como indicação de leitura. Preconizaram-se somente o artigo intitulado "Measurement of muscular power in man" de R. Margarida, P. Aghemo e E. Rovelli e o livro "Textbook of work physiology" de P. O. Astrand e K. Kodahl (1977) já mencionados nos números anteriores.

Os itens 5 e 6 destinaram-se a informações sobre a forma de envio e avaliação dos originais. Os itens 7 e 8 ofereceram instruções de normatização de tabelas e ilustrações. Essa mesma configuração foi retomada no exemplar posterior n. 3, v. 7 de 1986, último número analisado. A revista Stadium não publicou esse tipo de instrução e nem incitou seus leitores a enviar artigos para serem avaliados. O trabalho de coleta dos textos ficou a cargo de seus editores.

Em um esforço de síntese pode-se afirmar que com relação ao planejamento editorial as revistas apresentaram arranjos distintos para sua gestão, seções e conteúdos com pontos de aproximação e distanciamento e diferenças e similitudes no uso dos dispositivos editoriais. A RBCE procurou escolher seu corpo editorial entre médicos e professores de Educação Física que mantinham vínculos com instituições universitárias e buscavam investir na pós-graduação. Em contrapartida a Stadium selecionou seus membros entre professores de Educação Física e ex-atletas atuantes em escolas e no campo esportivo.

A RBCE voltou-se ao desafio de difundir textos originais de autores nacionais originários de pesquisa científica. A Stadium por sua vez peneirou seu conteúdo em outras publicações, especialmente internacionais. Os temas evocados apresentaram semelhanças, porém com focos diferentes. A RBCE teve a "Aptidão Física", a "Psicologia do Esporte" e a "Atividade Física e Saúde" como principais temáticas. Em correspondência a Stadium concentrou-se nos Esportes.

As representações veiculadas pelas revistas apresentaram dissonâncias. Na RBCE a maioria dos textos enfocou uma acepção biológica da Educação Física/Esportes baseada em

modelos de pesquisa transplantados das Ciências Naturais. Registra-se que posteriormente foram veiculados artigos que se propuseram a debater a Educação Física escolar e suas tendências pedagógicas.

Em contrapartida na Stadium os artigos tinham como conteúdo explicações e sugestões para o treinamento e o ensino de técnicas e de táticas esportivas. Defendeu-se o esporte como prática saudável e educativa que deveria ser oferecida a todos. Como na RBCE outras posturas e posicionamentos também foram tematizados e o próprio uso e concepção do esporte foram tensionados.

Os dispositivos editoriais aplicados também se distanciaram, sobretudo, se observado o descompasso com a formatação apresentada pela RBCE em comparação com a regularidade da Stadium. Na RBCE os vários contornos e a composição mais simples prejudicou a orientação da leitura que dispositivos como os sumários, o fólio e os índices deveriam oferecer.

A Stadium possivelmente por sua experiência editorial utilizou atrativas classificações temáticas, paginação e listagens de conteúdos uniformes. A utilização de estratégias para imbuir os impressos de um sentido de coleção foi notada em ambas as publicações. Quanto ao ritmo às duas revistas mantiveram a regularidade projetada, ainda que se deva considerar a superioridade do número total de páginas da Revista Stadium como um fator de diferenciação.

As estratégias editoriais arquitetadas nos dois impressos foram projetadas sobre um suporte material específico escolhido e formatado conforme intencionalidades, ambições e limites manifestos por autores e editores das revistas. A análise da forma somada a investigação dos recursos gráficos e das representações imagéticas suscitam a visualização de pistas importantes para os objetivos da pesquisa. Esses temas foram tratados no próximo capítulo dessa tese.

CAPÍTULO II

SUPORTES MATERIAIS, FORMAS E VISUALIDADES

> *[...] não há texto fora do suporte que o dá a ler, [...] não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor.*
>
> Roger Chartier

Nesse segundo capítulo buscou-se realizar uma arqueologia dos objetos, descrevendo-se os artefatos materiais dos impressos, atentando-se para as marcas deixadas nos textos e em seus suportes que geraram pistas sobre as intencionalidades de autores e editores das revistas. Defende-se que essa verificação possibilita o exame dos contrastes e das aproximações relacionados à escolha dos recursos gráficos e dos significados imputados na sua utilização (FRADE, 2012).

Assumiu-se a pressuposição de Roger Chartier (1990, 2002a) de que as formas também comandam os sentidos, importando-se com a descrição de traços, curvas e desenhos que compõe a página impressa e a configura como um objeto visual. Analisaram-se as figuras e ilustrações compreendendo-as como representações imagéticas que foram projetadas com múltiplas intencionalidades pelos editores das duas revistas.

Também foram seguidas as indicações de Maria Rita de Almeida Toledo (2010, p. 4) sobre o exame de objetos impressos para o qual "é necessário tratar as ideias encarnadas nas suas condições materiais de produção e de circulação", observar suas marcas de produção e seus usos, concebê-los como "objetos arqueológicos" relacionados às "representações dos sujeitos" que ambicionaram sua criação.

Deve-se lembrar de que a análise da materialidade do impresso não é composta somente por examinar técnicas e artifícios utilizados para a produção de revistas ou livros. Essa atividade amplia-se como dizem Ana Cláudia Gruszynski, Cida Golin e Raquel Castedo (2008, p. 1), na medida em que se concebem esses impressos como "artefatos que armazenam e fazem circular o conhecimento humano, articulando em seu entorno fatores econômicos, sociais, simbólicos, estreitamente relacionados às

dinâmicas de poder e de disputas".

As revistas são objetos com tamanho e forma, fornecem uma experiência tátil, estabelecem uma conexão visual, emocional e conceitual com uma comunidade determinada de leitores. O suporte do texto entrelaça "aspectos conceituais do conteúdo com a força visual das imagens e da tipografia" (SAMARA, 2011, p. 59). A investigação dos suportes para a escrita insere como questão central a materialidade dos artefatos editorados e impressos, componente indivisível das representações que fazem circular.

Exaltam-se as operações de edição e impressão como elementos indispensáveis as atribuições de sentidos e significações, integrantes fundamentais da cultura do impresso. A forma física do texto, formato, disposição espacial e tipografia são fatores mediadores no estabelecimento da relação entre leitor e texto.

Para Timothy Samara (2011, p. 11) a forma de uma publicação tem a função de concretizar uma intenção editorial, "[...] destilando seu conteúdo bruto em partes reconhecíveis e envolvendo seu público-alvo por meio de cores, imagens e tipografia específicas". A materialidade e o projeto gráfico são fundamentais para a seleção e o modo como um impresso será lido.

De acordo com Samara (2011, p. 13) o suporte e a composição gráfica tem a função de maximizar a transmissão do assunto central de uma publicação, torná-la distinta e acessível, "[...] transmitir uma interpretação emocional, associativa ou cultural ao público, que a posicione em contraste com outras formas ou veículos da mesma ideia".

Os elementos materiais são fundamentais a escrita, caracterizam os gêneros textuais, apontam seu lugar de edição, projetam a recepção, prescrevem um modo singular de ler, diferenciam os impressos em um espaço cultural. A forma influencia a percepção do público sobre as informações veiculadas, direciona a forma de apropriação de um conteúdo cultural, conduz a leitura em concordância com a proposta editorial. Em complemento frisa-se a assertiva de Maria Cristina Barbosa (1996, p. 30) na qual assevera que "o acesso do leitor à informação de uma revista começa no manuseio", "a partir de um primeiro contato hábil e visual ele desencadeará a leitura em seus diferentes níveis".

Os responsáveis pela publicação projetam uma comunidade específica de leitores e assinalam "metáforas visuais", provocam uma "interpretação visual" do

conteúdo, endereçam uma série de sutilezas gráficas que buscam atingir um sentido de pertencimento emocional e intelectual. Forma, cores, ilustrações, seleção de fontes e tratamento tipográfico contribuem para a comunicação de sentidos "para além do que está literalmente expresso pela escrita em si" (SAMARA, 2011, p. 21).

Para efetivar-se a análise esboçada recorreu-se novamente as proposições de Ana Cláudia Gruszynski, Cida Golin e Raquel Castedo (2008) aglutinando-se esses elementos em dois tópicos: projeto gráfico e circulação. No item projeto gráfico foram contemplados a edição do layout, o formato, as capas, as escolhas tipográficas, o uso de ilustrações, as peças publicitárias, as cores, os papéis e os acabamentos. A circulação corresponde à regularidade da impressão, tiragem, preço e as formas de distribuição.

2.1. Projeto Gráfico

O projeto gráfico constrói a forma do projeto editorial, é uma etapa essencial do processo de editoração de um impresso. Esse projeto obedece a um conjunto de regras e elementos básicos. No projeto gráfico é definido um diagrama (comumente chamado de *grid*), são realizadas as escolhas tipográficas, os estilos das ilustrações e demais recursos necessários. O projeto gráfico de um impresso envolve a escolha do formato, número de páginas, tipo de papel, tipo e tamanho das letras, mancha (parte impressa da página) diagramação, encadernação, tipo de impressão, número de cores de impressão, entre outro.

Para Niemeyer (2003) os responsáveis por esse processo devem observar a necessidade de se estabelecer um conjunto harmonioso de características, a concepção de uma unidade visual a coleção de revistas. O projeto gráfico objetiva a articulação visual das mensagens para facilitar sua recepção, trata-se de dar uniformidade a uma abordagem conceitual pré-estabelecida. Esse elemento mediador conjuga a intenção de autores, os desígnios dos editores e a projeção da percepção da comunidade dos leitores para facilitar o acesso a informação e a compreensão do sentido autorizado (GRUSZYNSKI, 2000).

O design gráfico conforma materialmente conceitos intelectuais com fins comunicacionais. Esse processo abarca a construção de arranjos com ilustrações, textos e elementos tipográficos para potencializar a produção de uma mensagem, a fim de persuadir e estimular o leitor (GRUSZYNSKI; SANSEVERINO, 2005).

2.1.1. As capas

As capas configuram-se como chamariz inicial que por seu impacto visual tornam-se um elemento que evoca reconhecimento e pertencimento em uma comunidade de leitores. A atração que exercem sobre os leitores e o seu custo significativo despertam uma série de estratégias editorias e delimitam um campo de possibilidades para sua fabricação.

A capa estabelece o primeiro contato do leitor com o periódico, o uso costumeiro de recursos como cores ou imagens, oferece um apelo estético à leitura e um elemento identitário importante à publicação (GRUSZINSKI, 2000). Ademais, a projeção da capa de um impresso objetiva controlar as expectativas do leitor em relação ao conteúdo veiculado, proteger seu miolo e servir como publicidade para sua venda (COLLARO, 2007).

Como relatado anteriormente para a avaliação da série de capas das duas revistas foi observado sua forma de estruturação editorial. As capas foram tratadas como dispositivos editoriais que foram colocados em ação para atrair os leitores à leitura e registrar via uma proposta gráfica uma identidade aos periódicos.



Figura 3 – Capa da RBCE (1979)

O primeiro exemplar da RBCE analisado, v. 1. n. 1 de setembro de 1979, estabeleceu um padrão gráfico que serviu como modelo para a confecção de exemplares posteriores. Sua capa (figura 3) foi impressa em papel couchê, gramatura de 90g, nas dimensões de 28 cm de altura e 20 cm de largura limitada por duas linhas horizontais a 1,1 cm da margem superior e inferior.

Seu layout foi composto pela cor azul (letras, desenhos e símbolos), tendo como fundo o branco, dividido em dois planos diagonais, por duas barras com o formato aproximado da letra S ovalada medindo 18 cm de altura e 19,5 cm de largura, com a mesma área de 15,6 cm de altura por 9,5 cm de largura. Os dois “esses” remetem a uma

identificação com o *American College of Sports Medicine* e simbolizavam as iniciais de *Sport Science*, em uma tentativa inicial de forjar uma versão "tupiniquim" dessa instituição como adjetivou Paiva (1994).

O nome do periódico fica localizado no plano superior à esquerda grafado parte com a fonte linear, sem serifa e parte com tipos romanos (geraldos), serifados, com destaque tipo negrito e corpo superior frisando o termo "Ciências do Esporte". A grafia de todas as letras é formatada em caixa-alta. Denota-se o peso e a centralidade que a cientificização e o esporte representavam para os editores da revista. Que compuseram um logotipo[74] discreto para a revista com poucos elementos e variações.

No plano inferior à direita inscreve-se a logomarca[75] do CBCE composta por dois círculos circunscritos com diâmetro de 5,7 cm e 7,5 cm. Na esfera menor aparece a sigla CBCE, escrita com tipos manuais decorativos, cortados por listras diagonais e com um efeito espelhado de sombreamento, envolta por seu nome completo e seu ano de fundação, 1978. Indica-se, dessa maneira, com o mesmo espaço destacado a filiação institucional da revista. Mais abaixo, acima da linha horizontal inferior foi escrita a identificação bibliográfica, indicando mês e ano de publicação, o volume e o número.

Na publicação do vol. 1 n. 2 de janeiro de 1980 da RBCE a cor do nome da revista, das barras horizontais e de sua indicação bibliográfica foram alterados para o preto. No número consecutivo foi realizada uma alteração semelhante para a cor vermelha. Os três números iniciais que compõe o primeiro volume da revista apresentam uma padronização dos layouts das capas com a alternação das cores azuis, preta e vermelha para a grafia do título da revista, para as linhas horizontais e para indicação bibliográfica.

Infere-se que os editores preocuparam-se em criar uma marca de identidade para a revista, diferenciando-as com pequenas alterações com o intuito de familiarizar o leitor. No volume seguinte repetiu-se a formatação semelhante das capas do impresso, alterando-se a cor do símbolo do CBCE e dos "esses" para a cor preta. Essa configuração manteve-se no terceiro volume que foi impresso com a cor vermelha.

---

[74] Para Joaquim da Fonseca (2008, p. 137) logotipo é uma representação gráfica constituída "por um grupo de letras, sigla ou palavra, especialmente desenhadas para personalizar, caracterizar e identificar de forma inequívoca e padronizada uma instituição, empresa, grupo, serviço ou produto". Timothy Samara (2011, p. 29) acrescenta que o título de uma revista transforma-se em uma imagem significativa, "claramente verbal, relacionada à marca e capaz de oferecer um invólucro simbólico do conteúdo".

[75] De acordo com Fonseca (2008) logomarca é um tipo de logotipo que inclui um símbolo ou outro elemento gráfico na composição.

Demonstra-se a uniformização da imagem da revista pelo sequenciamento das cores azul, preta e vermelha no título, barras horizontais e indicação bibliográfica nos números 1, 2 e 3 do primeiro e segundo volumes da revista. No terceiro volume ocorreu uma modificação, aparentemente sem propósito, talvez um erro da gráfica, na capa do n. 2 o título da revista foi grafado na cor vermelha, as linhas horizontais e a indicação bibliográfica foram impressos na cor preta. No número seguinte (1982b) a cor preta foi escolhida para o nome da revista, para as barras horizontais e para a indicação bibliográfica.

Foi publicado em setembro de 1981 em conjunto com o primeiro número do terceiro volume um suplemento com os Anais do II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte realizado na cidade de Londrina de 3 a 6 de setembro de 1981 e a lista de sócios do CBCE. Grafada em preto com o fundo amarelo essa capa (Figura 4) tinha também o diferencial de apresentar a logomarca "Adidas" disposta abaixo dos "esses" com uma posição de realce, fonte romana mecanizada, em negrito, espaço destinado ao patrocinador do evento. Destaca-se que nessa edição especial todo o projeto gráfico da revista e parte de seu conteúdo[76] foi modificado em função da veiculação da propaganda dessa indústria esportiva.

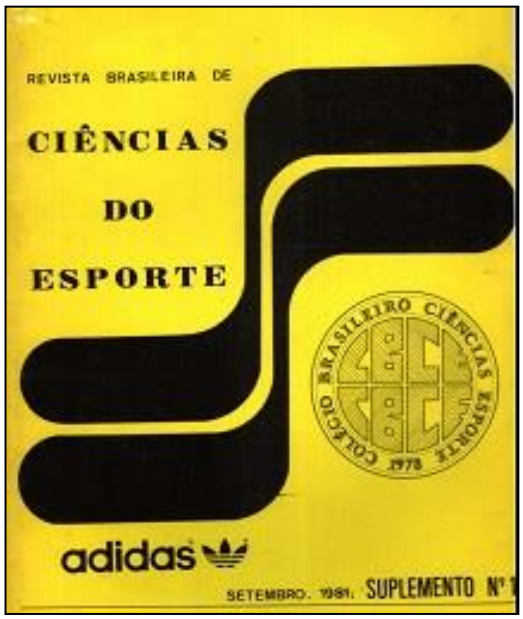


Figura 4 – Capa do Suplemento n. 1 (1981c)

Os editores optaram nos três volumes iniciais pela seriação rotativa da coloração do símbolo do CBCE e dos "esses" em azul, preto e vermelho e na matização do título, das linhas horizontais e da indicação bibliográfica nos números da revista com essa mesma sucessão de cores. Essa uniformidade foi alterada no volume 4 n. 1 que foi impresso na cor laranja, mantendo-se o fundo branco. Nesse volume ocorreu uma modificação que permaneceu no volume 5 e 6 da revista, apenas os "esses" tem as cores alteradas sugerindo o pertencimento a um mesmo volume. O título, barras horizontais, indicação bibliográfica e o símbolo do CBCE são tonalizados com a mesma cor dos

[76] Ver cap. 1 item "Editorial".

“esses”, ou em vermelho, ou em preto, ou em azul.

O primeiro número do quinto volume representa outra exceção pela publicação dos Anais do III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte realizado em Guarulhos (SP) entre os dias 3 e 6 de setembro de 1983. A capa (figura 5) utilizando um efeito de variação de tonalidades da coloração trouxe a imagem de uma bola de futebol, representando o tema do evento “Treinamento Esportivo”, com 5 gomos brancos com desenhos de 5 esportes olímpicos, em sentido horário, natação futebol, atletismo, basquetebol e voleibol.

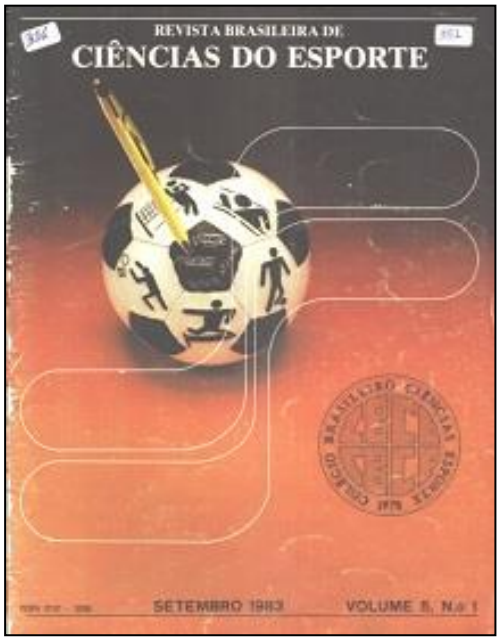


Figura 5 – Capa da RBCE (1983c)

No centro da imagem, em um gomo preto, foram desenhadas representações sobre a atividade cotidiana de pesquisadores e treinadores especializados, foi desenhada em complementação uma caneta indicando as marcações comentadas. Foi escrita a formula “C6 H12 06” do monossacarídeo glicose, carboidrato que serve como fonte de energia metabólica. Foi ilustrada a sigla “ATP” (trifosfato de adenosina) seguida de “AD” (sugere-se que seria a sigla ADP - adenosina difosfato suprimida por um possível erro de ilustração). A intenção foi aludir ao processo de produção do “ATP”, molécula que armazena energia proveniente da respiração celular utilizada em diversos ciclos biológicos, tais como o transporte ativo de moléculas, síntese e secreção de substâncias, locomoção e divisão celular, etc.

Foi representado, também nesse desenho, um eletrocardiograma, exame da área de cardiologia no qual é feito um registro da variação dos potenciais elétricos gerados pela atividade elétrica do músculo cardíaco. Esse instrumento pode ser utilizado para avaliar as adaptações fisiológicas proporcionadas pela atividade física. Apresentou-se acima do eletrocardiograma a formula matemática do desvio padrão amostral, medida de dispersão utilizada para indicar a variabilidade de uma amostra estatística. Os demais números do quinto volume seguem os mesmos padrões descritos anteriormente com os dois “esses” coloridos no tom de verde.

O volume 6 tem a cor marrom como marca distintiva pintando os “esses”. Na RBCE v. 6 n. 1 de 1984 todos os elementos que compõe a capa foram impressos na cor marrom. O número seguinte (RBCE, 1985b) o nome da revista, das barras horizontais e da indicação bibliográfica foram grafados com a cor verde. O último número desse volume (RBCE, 1985c) seguiu os mesmos moldes dos anteriores utilizando-se a cor laranja.

A capa da RBCE v. 7 n. 1 de 1985 (figura 6) passou por mudanças significativas. A capa foi projetada como um formato contínuo integrado com a quarta capa. As linhas horizontais na cabeça e no pé da página foram mantidas, entretanto o logotipo da revista foi disposto horizontalmente na cabeça da página, abaixo da linha horizontal. A inscrição “REVISTA BRASILEIRA DE” teve uma alteração tipográfica, foram utilizados os mesmos tipos, romanos, geraldos, serifados que compõe o escrito “CIÊNCIAS DO ESPORTE”. A ênfase nas “Ciências do Esporte” foi conservada utilizando-se os mesmos recursos, negrito e maior corpo dos tipos, contudo o espacejamento foi reduzido.

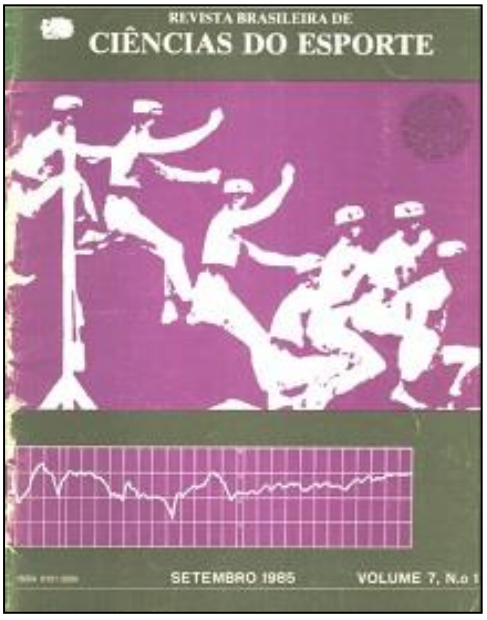


Figura 6 – Capa da RBCE (1985d)

De modo inovador foram utilizados duas imagens para compor a capa. Ocupando a maior parte do espaço foi impressa uma cronofotografia[77] de um homem realizando um salto[78]. Abaixo dessa imagem foi disposto um eletrocardiograma de um feto durante o teste de esforço da mãe (PAIVA, 1994). A logomarca do CBCE teve seu espaço reduzido pela metade contando apenas com 3,2 cm de diâmetro. As informações de referência foram mantidas de acordo com as capas anteriores.

No número seguinte sucedeu-se um recuo ao formato anterior com a utilização dos “esses”, fundo branco, dividido em dois planos diagonais. Entretanto, ocorreram alterações. A logomarca do CBCE foi disposta a esquerda acima do título da revista em

[77] Cronofotografia é uma técnica utilizada para a análise do movimento realizada por meio de fotografias tiradas sucessivamente em intervalos iguais dando uma ilusão de movimento.
[78] A imagem original é atribuída ao francês Étienne-Jules Marey (1830 – 1904) criador do fuzil fotográfico (instrumento capaz de registrar fotograficamente 12 imagens por segundo).

tamanho reduzido (4,5 cm de diâmetro). O logotipo permaneceu localizado no plano superior à esquerda e grafado parte com fonte linear, sem serifa e parte com tipos romanos (geraldos), serifados, com destaque negrito e corpo ampliado frisando o termo "Ciências do Esporte", todos os tipos em caixa-alta.

No plano inferior à direita foi impressa uma fotografia de duas crianças descalças agachadas em frente a uma bola (Figura 7). Infere-se que o editor procurou retratar crianças pobres e sua relação com o esporte remetendo-se ao artigo de abertura desse número de autoria de Valter Bracht, "A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista". Mais abaixo, acima da linha horizontal inferior que foi disposta apenas do lado esquerdo abaixo dos "esses" e ao lado da imagem, com espaço reduzido, foi escrita a identificação bibliográfica. Foram utilizados duas cores em um fundo branco. Um tom de verde mais escuro para colorir a logomarca do CBCE, os "esses" e a fotografia, em conjunto com um tom de magenta para o logotipo da RBCE, para as linhas horizontais e para indicação a indicação bibliográfica da revista.

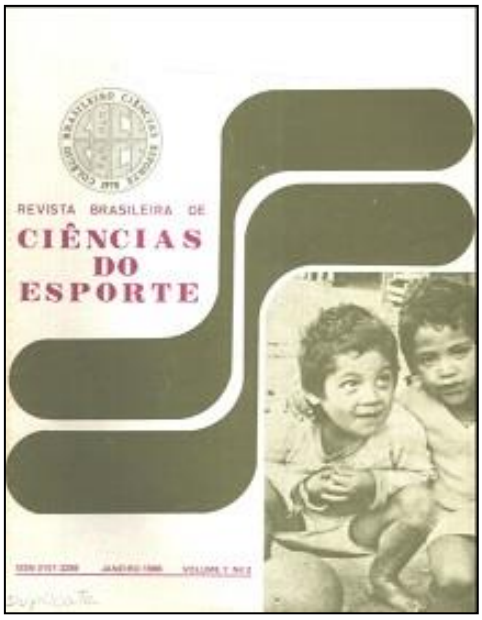


Figura 7 – Capa da RBCE (1986a)

A última capa analisada (Figura 8), marco distintivo de renovação do projeto gráfico da RBCE, altera a apresentação da capa da revista, ainda que alguns elementos sejam conservados. Seu logotipo foi impresso próximo à cabeça da página, ocupando toda a largura, com tipos romanos (geraldos), serifados, na cor preta, com destaque negrito, o termo "Ciências do Esporte" permanece em destaque, com corpo ampliado. Além da disposição, o alinhamento do logotipo foi modificado o termo "revista brasileira

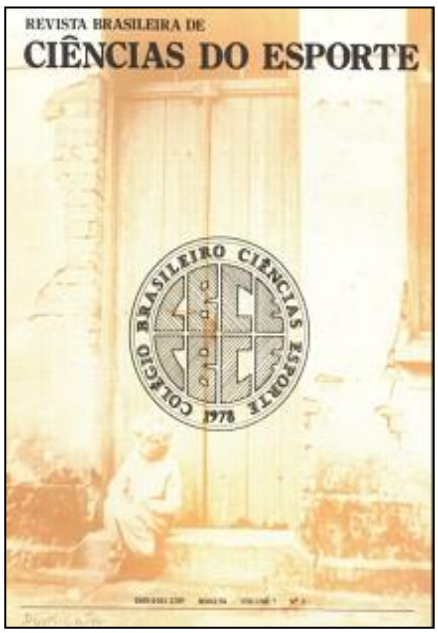


Figura 8 – Capa da RBCE (1986b)

de" foi colocado à esquerda, e a inscrição "Ciências do Esporte" foi centralizada.

Como fundo da capa foi utilizado uma fotografia em tons alaranjados retratando um menino sentado em frente à porta de uma casa antiga. Provavelmente, tratou-se de uma referência ao artigo de Carmen Lúcia Soares, "Educação Física no ensino de 1° grau: do acessório ao essencial" que abriu a revista. Centralizado no centro da página, ocupando o lugar de maior evidência, foi disposto à logomarca do CBCE, com cor preta e 8,3 cm de diâmetro. A utilização desse elemento, projetado desde o número inaugural, enfatiza o peso dado a tarefa de divulgar o CBCE, de manter a RBCE porta-voz e subordinada, inclusive pela diagramação dos elementos gráficos.

As informações bibliográficas foram conservadas ao pé da página sob uma linha horizontal, ambos grafados em preto. Foram utilizados tipos lineares em caixa-alta, foi incluído o número de registro da RBCE no *International Standard Serial Number Center*, o (ISSN). O ISSN é um código numérico que constitui um identificador para os títulos de publicações em série. Um sinal do esforço dos editores em aumentar a respeitabilidade acadêmica da revista.

Nos números da RBCE examinados percebe-se o estabelecimento de um padrão gráfico para as capas, uma preocupação, desde o exemplar inaugural, com a criação de uma marca de identidade para a revista que só foi quebrada nos últimos números analisados. Outro fator que merece ser sublinhado é o peso destinado ao CBCE que tem sua logomarca estampada em todas as capas e em alguns números recebe mais atenção que o próprio logotipo da revista.

A simplicidade das capas (com exceção do n. 1 do v. 5 e dos n. 1 e 3 do v. 7), sem muitas cores e sem o uso de imagens acabou por aludir à seriedade e sisudez que os editores queriam imprimir a revista, além de minimizar os custos de produção. Trata-se de um modelo de capa pouco detalhado com informações restritas a respeito do conteúdo do impresso. A mesma disposição dos elementos, a mesma tipografia utilizada e a pequena variabilidade de cores confirmam a constituição de uma constância na apresentação exterior do impresso, diminuindo seus custos de produção, ao mesmo tempo, que criava efeitos de organização e de estabilidade. Pelo investimento na homogeneização das capas os editores economizavam tempo de fabricação e captação de recursos, a "adição ou supressão de poucos elementos" concebe uma "nova" capa (TOLEDO; SCHNEIDER, 2009).

As capas da RBCE v. 5, n. 1 de 1983 remeteram-se as representações comumente veiculadas pela revista permitindo antever as significações de seus editores sobre o campo da Educação Física. Na primeira a alusão ao futebol e aos outros esportes olímpicos indicou a ênfase no esporte de rendimento e a referência ao uso de fórmulas químicas, de expressões matemáticas e do eletrocardiograma a celebração da cientificidade e do trabalho do médico esportivo reportou a busca por uma melhor performance esportiva que permeou o conteúdo do periódico.

Na segunda a impressão da cronotografia de um salto associada à imagem de um eletrocardiograma de um feto durante o teste de esforço da mãe denotam o exame com parâmetros científicos do movimento e das alterações fisiológicas provocadas por ele. Nesse prisma a interação dessas imagens faz uma menção ao propósito de melhorar a aptidão física e o desempenho atlético via o esquadrinhamento técnico e científico. Ambas as capas incluem imagens que circundavam o imaginário de seus editores e compunham seus maiores anseios sobre os caminhos que deveriam ser trilhados pela área para alcançar o status acadêmico e a legitimidade social almejada.

Diferentemente, as capas dos dois últimos números analisados (RBCE, 1986a; 1986b) expuseram características que anunciam pela reformulação gráfica uma mudança de postura editorial. Desse modo, a fotografia das crianças pobres com uma bola (RBCE, 1986a) referencia o artigo de abertura desse número de autoria de Valter Bracht, "A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista", que polemizou com as posições anteriores, mais conservadoras, defendidas pela revista. A imagem de fundo de uma criança em frente a um casarão impressa na capa da RBCE n. 3 do v. 7 de 1986 fez uma proposição semelhante que parece aludir ao texto de Carmen Lúcia Soares, "Educação Física no ensino de 1° grau: do acessório ao essencial" que abre a revista.

Essas imagens referendam uma nova preocupação: a contextualização social e histórica dos temas reproduzidos na revista. A retratação da pobreza, da criança sem assistência busca a encarnação do objeto de análise e de enunciação em suas condições reais de existência. Aludem também a uma denúncia da situação econômica e social e do abandono da infância. Uma clara reorientação das representações imagéticas que até então dominavam o periódico.

Para o início da análise das capas da revista Stadium optou-se pela série completa do ano de 1979. O primeiro número examinado, n. 73, de fevereiro de 1979,

não se tratava, obviamente, de um exemplar inaugural (Figura 9). Sua editoração tinha treze anos de experiência, aspecto que influiu consideravelmente na composição de toda a revista. A capa desse número foi impressa em papel couchê, com gramatura de 90g, tem 27,3 cm de altura por 19,6 cm de largura.

O layout foi composto por diferentes tonalidades da cor azul que tingem os desenhos e o logotipo da revista. O preto foi utilizado para gravar as informações de referência, ano da publicação, número, mês e ano do calendário, o texto complementar "Revista de Educacion Fisica y Deportiva", os contornos dos desenhos e o grid que enquadra as imagens. Foi utilizado um fundo branco (sem tinta). Na margem superior ou cabeça foi impresso o logotipo da revista, com 18,8 cm de largura e 3,4 cm de altura, foram utilizados tipos lineares geométricos, em caixa-baixa, com efeito negrito e relevo tridimensional a direita, com dois tons de azul, claro nos caracteres e escuro na sombra.

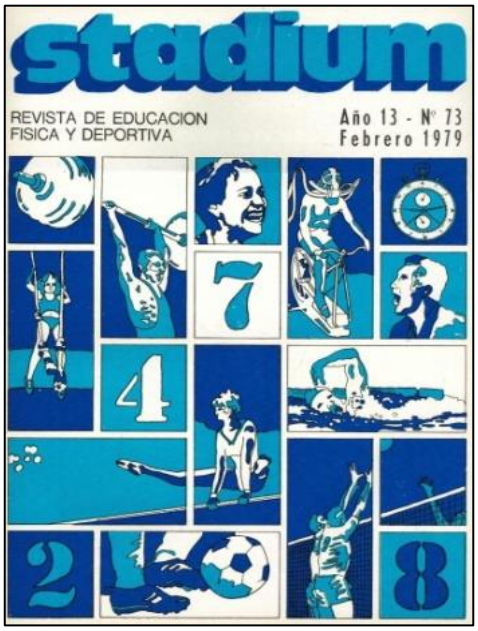


Figura 9 – Capa da Stadium (1979a)

Abaixo do logotipo a esquerda foi grafada, com tipos lineares, em caixa alta a inscrição "Revista de Educacion Fisica y Deportiva" que tem o propósito de identificar a temática da revista. Do lado direito foram dispostas as informações de referência, com tipos lineares, alargados, em caixa alta e baixa, em negrito.

Ocupando quase todo o restante da capa com 19,8 cm de altura e 18,8 cm de largura, foi impresso um mosaico de imagens composto por 17 quadros de tamanhos diferentes, 9 com 3,5 de largura por 3,2 de altura, 5 com 7,3 de altura e 3,5 de largura, 3 com 3,8 de altura e 7,3 de largura. As imagens dispostas nos quadros remetem a temas esportivos.

Foram representados um cronômetro, símbolo do treinamento desportivo e da busca por recordes, um atleta realizando o levantamento de peso (modalidade olímpica), um homem realizando teste de esforço (Ergoespirometria)[79] em bicicleta ergométrica

[79] A Ergoespirometria é um teste de esforço para determinação do consumo máximo de oxigênio (VO2max) que delimita a capacidade aeróbia do corredor e indica seu nível de aptidão física.

enfatizando a cientificização do treinamento, um jovem sorrindo (possivelmente uma alusão a alegria e ao prazer da prática esportiva), um homem com a boca aberta (provavelmente simulando um grito de torcedor), uma criança escalando duas cordas com nós (representação da iniciação infantil ao esporte), um atleta nadando em uma raia, uma ginasta nas barras assimétricas, dois pés com chuteiras e uma bola de futebol, três atletas, uma rede e uma bola de voleibol, quatro quadros com os números 7, 4, 2, 8 (sem significação aparente).

Os demais números da Stadium publicados em 1979 repetem o mesmo formato gráfico alterando-se apenas a paleta de cores utilizadas. No número 74 foram utilizadas as cores amarela e vermelha em contraste. A revista subsequente n. 75 serviu-se das cores laranja e verde. Na sequência o número 76 empregou as cores azul e vermelho, o n. 77 verde e marrom e o n. 78 rosa e púrpura.

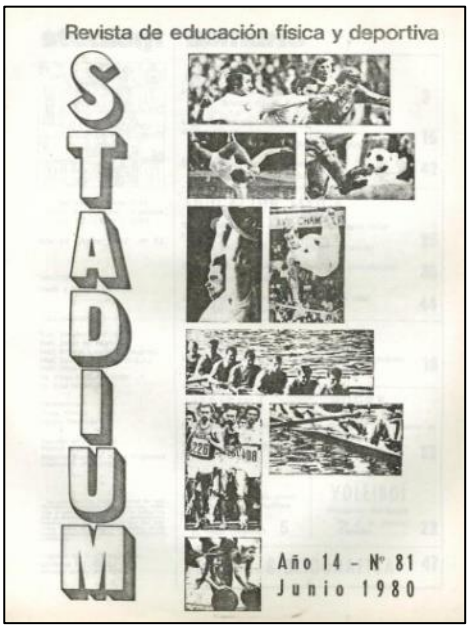


Figura 10 - Capa da Stadium (1980a)

As capas da revista Stadium foram modificadas no seu 14° ano. Infelizmente todas as revistas desse ano não puderam ser localizadas[80]. Foi possível apenas a análise das fotocópias em preto e branco dos números 81, 82 e 84 (Figura 10). A partir do n. 79 de 1980 ocorreu um processo de readequação do design. Foram mantidos os mesmos elementos das capas anteriores, porém com alterações. O logotipo "stadium" passou a ser grafado verticalmente com tipos lineares, em caixa alta, *bold*, com efeito de relevo em contraste entre tipo e sombra. Esse componente foi colocado próximo à margem esquerda medindo 23,8 cm de altura e 2,5 cm de largura. A inscrição "Revista de educación física y deportiva" foi alocada na cabeça da página em uma única linha.

O mosaico foi mantido, contudo foi reduzido o número de quadros que o compunha para nove e os desenhos foram substituídos por fotos em preto e branco. Foram dispostos dois quadros de 8,4 cm de largura por 3 cm de altura, um com uma imagem de jogadores de futebol e o outro com atletas de remo. Mais dois quadros com

[80] O arquivo da editora não continha esses números. As revistas não foram localizadas em outros acervos.

4,5 cm de largura por 3 cm de altura, o primeiro com a imagem de uma ginasta em um prova do aparelho solo e o segundo, complementando o quadro com os jogadores de futebol, retratou as pernas dos jogadores e a bola.

Utilizou-se dois quadros com 5 cm de altura e 3,1 cm de largura com recortes de fotos de um atleta realizando a prova de levantamento de peso e um ginasta nas barras paralelas. Integraram a composição, também, um quadro com 5,5 cm de altura e 3,1 cm de largura retratando maratonistas, um quadro com 3,1 cm de altura por 5,5 cm de largura com a imagem das pernas de atletas e dos remos completando a imagem dos remadores relatada e um quadro com 3,2 cm de altura por 3,2 de largura representando duas ginastas com o aparelho bola.

A substituição por fotos atribui à composição um sentido de realidade e modernização. As informações bibliográficas da revista mantiveram as informações e foram arranjadas da mesma forma que das capas anteriores com uma única alteração, foram colocadas próximas ao pé da página. Infere-se que do mesmo modo que as capas do ano 14 foram utilizadas somente contrastes de cores para diferenciar os números das revistas.

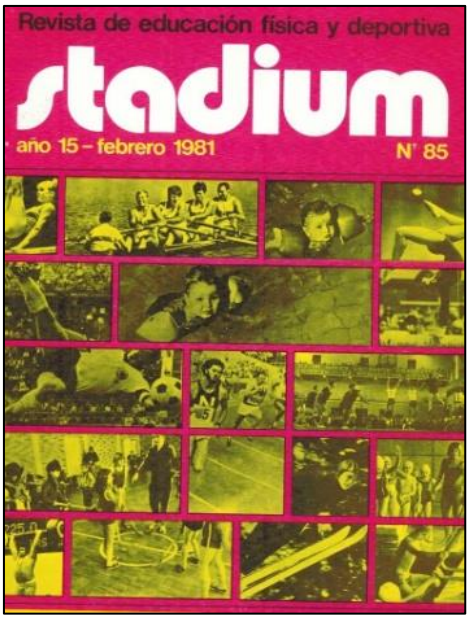


Figura 11 – Capa da Stadium (1981a)

No 15° ano da Stadium foi acionada mais uma modificação do projeto gráfico das capas. No número 85 (Figura 11) da revista a inscrição “revista de educación física y deportiva” foi colocada na cabeça da página em preto, com tipos lineares em negrito, caixa-alta e baixa, justificados. Abaixo foi impresso o logotipo da revista, com 17,8 cm de largura e 3,7 cm de altura, com tipos lineares geométricos na cor branca, em caixa-baixa, negrito e alargados. Foi utilizado um fundo magenta em toda a capa, acentuando o contraste com o logotipo branco. Para as informações de referência, localizadas abaixo do logotipo, foram utilizados tipos lineares, em caixa alta e baixa, em negrito, com a cor amarela.

Com 18 cm de altura e 19,5 cm de largura, foi mantido o recurso do mosaico de fotografias. Foram utilizados 18 quadros de larguras desiguais, mas com a mesma altura

de 3,4 cm. Os quadros "sangraram"[81] as margens direita e esquerda da página. Foram retratados de modo semelhante a dos números anteriores, ginastas nas provas de barras assimétricas e trave, remadores, dois bebês em uma piscina, um jogador de futebol realizando o movimento de "bicicleta", corredores em uma pista de atletismo, jogadores de vôlei, um esquiador realizando um salto e um atleta de levantamento de peso.

Deve ser ressaltada a introdução de duas fotografias representado o papel do "professor" (ou técnico) iniciando as crianças no esporte. Em uma delas um "professor" aparentemente "intervém" em um jogo de hóquei sobre patins, na outra uma "professora" parece "organizar" a entrada das crianças na piscina.

Os demais números da Stadium publicados no ano de 1981 utilizaram o mesmo projeto gráfico, modificando-se apenas a cor de fundo utilizada. No número 86 foi utilizada a cor azul, no n. 87 o verde, no n. 88 o marrom, no n. 89 a cor laranja, no n. 90 o roxo. Do mesmo modo, no ano seguinte, o 16° ano (1982) as mesmas capas foram reeditadas com a mesma sequência de cores, com exceção do marrom que foi substituído pelo amarelo na Stadium, n. 94.

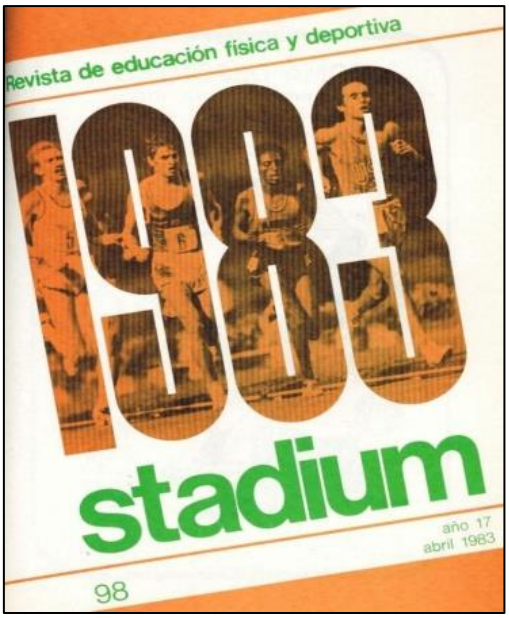


Figura 12 – Capa da Stadium (1983b)

O primeiro número do 17° ano (n. 97 de 1983) reeditou o mesmo modelo de diagramação da capa utilizado anteriormente. Entretanto, a partir do n. 98 ocorreu uma alteração considerável no projeto gráfico das capas (Figura 12). A cabeça da revista passou a ser composta por um triângulo invertido na cor laranja com 3,5 cm de altura em contraste com o fundo branco. Abaixo do triângulo em diagonal foi grafada a inscrição "revista de educación física y deportiva", com tipos lineares em negrito, na cor verde, caixa-alta e baixa, alinhados a esquerda, sob uma linha diagonal na cor laranja.

Ocupando o espaço central da capa foram impressos os contornos dos números que compõe o ano da publicação (1983) em diagonal, com 13,8 cm de altura e 15,2 cm

[81] Expressão utilizada no design gráfico para referir-se a elementos impressos que invadem as margens estabelecidas.

de largura. Circunscrita ao contorno dos números foi alocada uma foto preto e branco, colorida com a cor laranja, de corredores com camisetas de diversos países (representando uma prova internacional).

Também em diagonal e localizada embaixo da figura foi colocado o logotipo da revista, com 14,8 cm de largura e 3,7 cm de altura, com tipos lineares geométricos na cor verde, em caixa-baixa, negrito, em cima de uma linha diagonal laranja. Abaixo da linha foram dispostas as informações de referência e um triângulo no pé da página com as mesmas dimensões do localizado na cabeça.

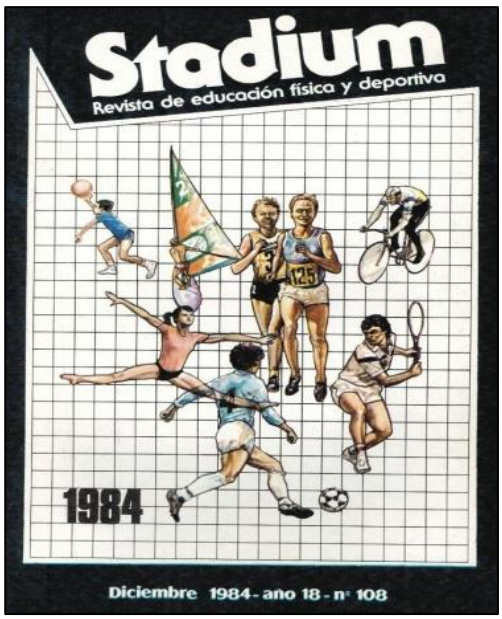


Figura 13 – Capa da Stadium (1984)

Os números seguintes desse ano seguiram as mesmas disposições alterando-se apenas as cores. No n. 99 foram utilizadas o vermelho para as figuras e o azul para os tipos. No n. 100 foi utilizado o amarelo para as figuras e o azul nos tipos foi conservado. O mesmo ocorreu com o n. 101 que alterou apenas a cor das figuras para verde, e com o n. 102 que usou o marrom.

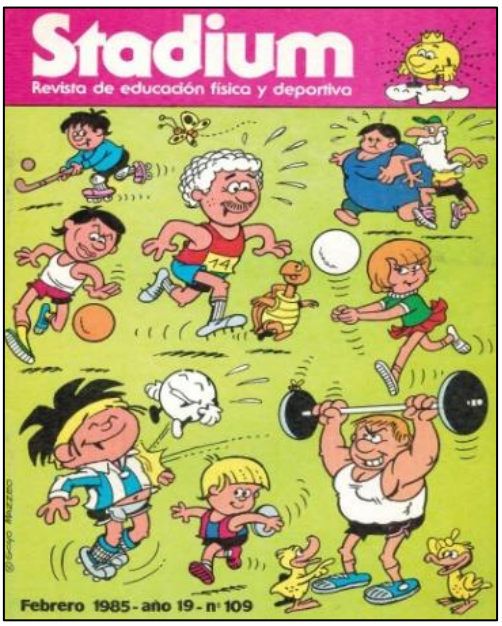


Figura 14 – Capa da Stadium (1985a)

No acervo da Editora Stadium não foram localizados os números 103, 104, 105, 106 e 107 do ano 18 de 1984. Desse ano foi analisado apenas o n. 108 (Figura 13). Nesse número os editores decidiram por mais uma readequação da capa da revista. O logotipo da revista voltou a cabeça da página em diagonal, com tipos manuais decorativos, sem serifa, em negrito, alargados, em caixa-alta e baixa, centralizados. Os tipos foram grafados na cor branca em contraste com o fundo preto. Debaixo do logotipo, com o mesmo alinhamento, foi impressa a inscrição “revista de educación física y deportiva”, com tipos lineares em negrito, na cor branca, caixa-alta e

baixa.

No espaço central da capa foi alocada uma grade, semelhante à grade de diagramação, na cor preta com o fundo branco, medindo 21,8 cm de altura por 16 cm de largura. No seu interior foram dispostas 7 figuras coloridas representando esportistas. Um jogador de basquete, um atleta do windsurfe, uma ginasta realizando um salto, um tenista, um ciclista, dois corredores e um jogador de futebol com um uniforme nas cores da seleção argentina. Quase no fim da grade, alinhado a esquerda foi grafado o ano da publicação (1984) na cor preta e em negrito. No pé da página foram impressas, com tipos lineares brancos em negrito, as informações de referência bibliográfica da revista.

Mais uma alteração representativa do projeto gráfico das capas ocorreu no 19° ano, no n. 109, da revista Stadium (Figura 14). O logotipo da revista foi mantido com as mesmas fontes e a cor branca na cabeça da página, sob a inscrição "revista de educación física y deportiva" que também não foi modificada. A cor magenta utilizada anteriormente foi conservada para servir de fundo ao logotipo e a figura de um sol com uma coroa de rei e feições humanas marca distintiva do cartunista Goyo Mazzeo[82] que passou a assinar as capas desse ano.

Separada por uma linha horizontal na cor preta ocupando a maior parte do espaço da capa uma seleção de desenhos coloridos de Mazzeo com temas esportivos em fundo verde claro. Os desenhos remetem a ludicidade, bom humor e ao universo infantil opondo-se consideravelmente a proposta mais conservadora dos anos anteriores.

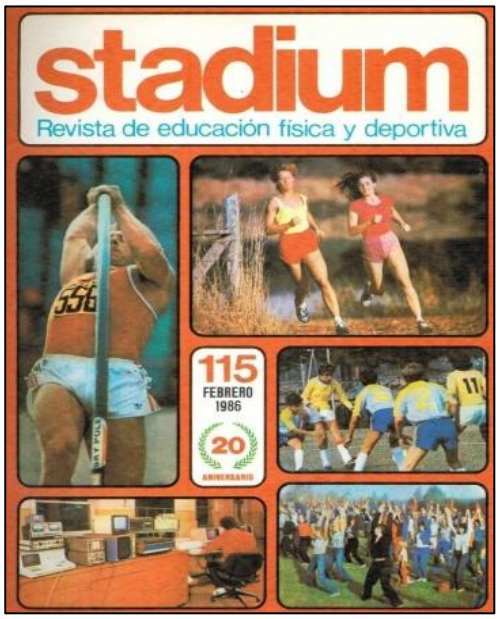


Figura 15 – Capa da Stadium (1986a)

Foram representados um menino jogando hóquei sobre patins, um idoso jogando futebol com uma tartaruga, uma mulher obesa ao lado de um idoso bem magro sugerindo a prática de algum exercício físico, um jovem jogando basquete, uma moça jogando voleibol, um menino com um uniforme com as cores da seleção argentina

[82] Goyo Mazzeo é um notório desenhista e humorista argentino. Publicou trabalhos em diversas revistas como Picardía Universal, Cocodrilo, Tío Vivo, Historias Tangueras e Anteojito. Seus personagem mais conhecidos foram La Pícara Sandrita e o Caburito. Também ficou conhecido por criar personagens infantis para o diário Cronica. Atualmente é professor na Escuela de Dibujo de Carlos Garaycochea.

jogando futebol com uma bola com feições humanas, um menino carregando um disco do atletismo e um personagem realizando o levantamento de peso e aparentemente sendo satirizado por dois patos. No pé da capa alinhada a esquerda foi impressa as informações bibliográficas da revista. Os demais números desse ano conservaram a mesma formatação. Foram modificadas apenas as cores do fundo do logotipo. A utilização do vermelho como cor de fundo no n. 114 foi a única mudança na configuração das cores.

No vigésimo e último ano da revista a ser analisado (1986) o projeto gráfico das capas foi novamente reformulado (Figura 15). Na Stadium de n. 115 o logotipo mantém-se na cabeça da página, mas aparece circunscrito em um retângulo com os ângulos arredondados e fundo branco. Os tipos utilizados tiveram seu corpo consideravelmente aumentado e voltaram a ser grafado somente em caixa-baixa. Os tipos foram coloridos com a cor laranja que serviu de fundo para capa, criando um efeito de contraste. A inscrição "revista de educación física y deportiva" foi inserida abaixo do logotipo com a cor azul e sem outra alteração.

A utilização do mosaico de fotos foi retomada, mas com algumas inovações visuais. Foram usadas fotos coloridas, os quadros tiveram seus ângulos arredondados e as informações de referência (número, mês e ano de publicação) foram inseridas em um quadro no centro do mosaico em conjunto com o número 20 (alusivo ao vigésimo ano da publicação) envolto em uma coroa de louros (referência a premiação dos jogos olímpicos antigos) acima da palavra "aniversario".

Além do quadro comentado o mosaico contou com mais cinco de tamanhos diferentes. Um de 14 cm de altura por 6,2 cm de largura retratando um atleta realizando um salto com vara. Um de 7,7 cm de altura e 11 cm de largura com a foto de duas mulheres correndo em uma paisagem bucólica. Dois com 5,5 cm de altura por 7,7 cm de largura, um com meninos uniformizados jogando futebol e o outro com várias pessoas em um gramado aparentemente fazendo algum tipo de ginástica. Um com 9,3 cm de largura por 4,7 de altura com a foto de uma sala com uma série de aparelhos eletrônicos e um homem sentado de costas para a câmera e em frente a um computador.

Nota-se pela escolha das fotos uma reorientação das significações que os mosaicos utilizados anteriormente sugeriam. Foi usada apenas uma foto de um esportista que remete ao alto rendimento (salto com vara) e outra que sugere a iniciação esportiva (meninos jogando futebol). Em contrapartida foram empregadas duas fotos de

pessoas realizando atividade física ao ar livre aparentemente sem pretensões de atingir um rendimento atlético. A última foto reproduzida (homem com computador e aparelhos eletrônicos) denota a cientificização das práticas esportivas. As demais capas desse ano mantiveram a orientação descrita alterando-se apenas as cores de fundo utilizadas nos números posteriores.

O exame das capas da revista Stadium permite assinalar a padronização, o uso adequado do contraste, uma escolha apurada das cores (com alternâncias entre tons vibrantes e sóbrios), o logotipo bem trabalhado que desperta a atenção do público, uma boa e variada composição tipográfica, o uso de fotos e imagens que anunciam a temática da revista e esclarecem o leitor.

A edição das capas conseguiu renová-las sem que se perca sua identidade visual. A constate alusão ao universo esportivo, que abrange da iniciação esportiva ao esporte de alto rendimento, foi exposta de forma sóbria e referencial (com exceção dos números impressos no 19° ano da revista). Nesse ano (1985) as capas assinadas por Goyo Mazzeo foram imbuídas com um tom cômico, bem-humorado, que explorou a ludicidade da prática esportiva uma renovação interessante, mas que não foi mantida.

As representações imagéticas utilizadas nas capas da Stadium mesmo mantendo uma temática única, o esporte, oscilaram com relação a seu significado. As capas utilizadas nos primeiros anos analisados remeteram-se ao esporte de elite, ao treinamento cientificamente controlado e a iniciação esportiva. Uma modificação foi realizada nas capas do ano de 1981 além dos atletas foi representado o público-alvo da revista os professores e técnicos esportivos. O apelo a cientificidade foi abandonado.

A alteração mais significativa foi a utilização das ilustrações de Goyo Mazzeo. Com uma conotação lúdica e comicidade foram retratados situações de prática esportiva com diferentes personagens muitos deles alheios ao esporte de rendimento como crianças, idosos, obesos e animais. Sem dúvida essas capas indicaram uma ruptura nas representações sobre o esporte até então utilizadas baseadas na austeridade e na sisudez da competitividade, da busca pela performance e do treinamento físico.

As últimas capas examinadas retomaram o esporte de rendimento e a cientificização de suas práticas, mas introduziram representações de práticas corporais diferenciadas sem preocupações com a busca do rendimento atlético. Essas imagens sugerem o reconhecimento da relevância de outras práticas corporais diferentes do esporte como possível tema de sua edição e consequentemente significativas para sua

comunidade de leitores.

Pelo cotejamento das capas da Stadium e da RBCE nota-se que a primeira demonstra superioridade no uso do contraste e na escolha mais apurada das cores, na criação de um logotipo bem trabalhado que desperta a atenção do público, uma boa e variada composição tipográfica, na utilização de imagens e fotografias que anunciam a temática da revista e esclarecem o leitor. As imagens utilizadas incutiram às capas dinamismo e referenciaram diretamente a temática da revista e seu conteúdo ao leitor. Além disso, a composição mais chamativa da revista provoca maior atratividade e interesse pela aquisição e leitura.

Elementos mais sofisticados que antagonizam com a simplicidade do design gráfico da maioria das capas da RBCE que optou por um projeto gráfico focado na transmissão de uma imagem de austeridade e rigidez, com poucos detalhes e sem imagens, diminuindo os custos da publicação. Os dois projetos têm em comum a iniciativa de criar um padrão de identidade visual que pudesse facilitar seu reconhecimento por uma comunidade específica de leitores interessados no seu universo discursivo.

Com relação às representações mobilizadas as capas dos dois impressos partilharam alusões ao esporte de rendimento e a atribuição de cientificidade ao treinamento esportivo. No entanto, a Stadium se diferenciou pela utilização em alguns números de uma linguagem visual com apelo cômico e pela tematização de outras práticas corporais. Em contrapartida a RBCE nas últimas edições analisadas utilizou as capas para assinalar uma intenção de crítica e denúncia social pela focalização da precariedade da infância, redirecionando completamente seu universo simbólico.

2.1.2. Pós-capas, Penúltimas, Contracapas e as Peças publicitárias

A pós-capa ou segunda-capa constituí-se em um espaço de relevo na publicação de um periódico. As pós-capas oferecem em geral informações sobre a editoração do impresso, mensagens para os leitores ou informes publicitários. A contracapa ou quarta-capa e a penúltima ou terceira-capa (verso da contracapa) completam o envoltório do periódico e tem uma função importante como espaço editorial. De modo semelhante à segunda-capa são utilizadas com frequência para exibir anúncios publicitários ou outros informes que despertem a atenção da comunidade de leitores (BARZOTO, 1998).

A publicidade utilizada nesses espaços e no interior das revistas é uma importante fonte de financiamento para sua manutenção. Essa função de estante atribuída a uma revista a transforma em um local de exposição de produtos e serviços a um público leitor projetado, também, como consumidor em potencial. O impresso, nesse sentido, passa a oferecer produtos que estejam relacionados à sua temática central com o intuito de associar a comercialização dos produtos aos ideais e a imagem que a revista pretende fazer circular entre sua comunidade de leitores (SCHNEIDER; TOLEDO, 2009).

Na RBCE n. 1, v. 1 de 1979 toda a extensão da pós-capa foi dedicada à propaganda das "Faculdades de Educação e Cultura do ABC" de São Caetano do Sul (SP) (Figura 1), divulgando-se todos os seus cursos (entre eles o curso de Educação Física), listando-se pontos positivos como "corpo docente especializado", "ampla e completa biblioteca", "quadra de esportes", etc. A vendagem desse espaço publicitário indica parte do público-alvo que a revista esperava atingir, leitores que potencialmente queriam cursar o nível superior. A indicação "quadra de esportes" e a existência do curso de Educação Física sugerem o reconhecimento de uma especialização dos leitores que estariam interessados na formação e nas instalações ligadas ao esporte.

A contracapa impressa na cor preta em fundo branco divulgou em quatro retângulos de mesmo tamanho, com tipos manuais, manuscritos, em caixa-alta para os títulos e caixa baixa para as informações, os nomes e telefones de sete médicos especializados em medicina esportiva e suas respectivas clínicas. Merece serem realçados os nomes de Osmar P. S. Oliveira, futuro editor-chefe da revista, tesoureiro do CBCE e Victor Keihn R. Matsudo presidente do CBCE.

Na penúltima, cor preta, fundo branco, tipos lineares, sem serifa, com destaques em negrito, mais uma chamada publicitária anunciando o GRUPO SESP, Sociedade Educacional São Paulo, e suas instituições, compostas por uma faculdade de engenharia, centros de pesquisa e assessoria técnica. Além dos escritos, foi publicada a logomarca do grupo.

Na RBCE seguinte (1980a), a pós-capa foi preenchida com o título centralizado, em caixa alta e com tipos lineares em negrito, seguido por sua definição como "órgão de divulgação oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte", com letras serifadas. Nenhum espaço publicitário foi aproveitado. As revistas n. 2, v. 1, de 1979, n. 3, v. 1 de 1980, n. 2, v. 2, de 1981, n. 1, v. 3 de 1981, não preencheram a contracapa e a penúltima

que permaneceram com fundo branco, sem impressões.

As revistas de n. 3, v. 1, 1980 e n. 1, v. 2 do mesmo ano não ocuparam as pós-capas. No número conseguinte (RBCE, 1981a), a pós-capa foi preenchida com o título centralizado, em caixa alta e com fontes lineares em negrito, seguido por sua definição como "órgão de divulgação oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte", com tipos lineares de forma análoga a RBCE, v. 1, n. 2, 1980, sendo adicionada a logomarca da gráfica CETEC responsável pela impressão, nome e o endereço da profissional responsável pela composição gráfica colocadas sobre a margem inferior da pós-capa.

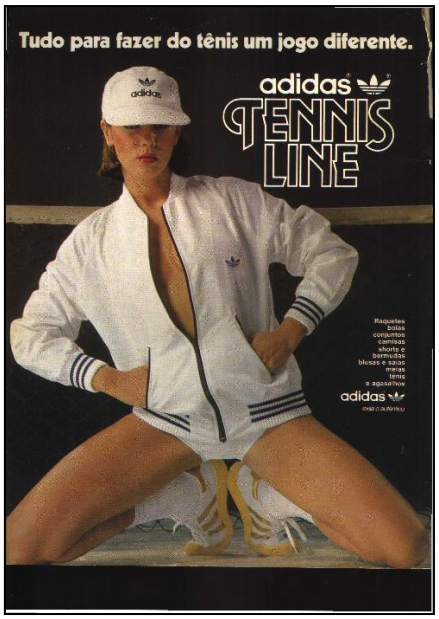


Figura 16 - Adidas Tennis Line (RBCE, 1981c)

As RBCEs n. 1, v. 2, de 1980, n. 3, v. 2 de 1981 não tiveram nenhum impresso na contracapa, mas ocuparam a penúltima com um comercial para a CETEC. Provavelmente a ocupação do espaço serviu como abatimento no preço final de produção reduzindo seus custos.

A pós-capa da RBCE, n. 3, v. 2 de 1981 exibiu o programa, taxas e organizadores do II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte que foi realizado na cidade de Londrina (PR) de 3 a 6 de setembro de 1981. Merece ênfase a divulgação de um "curso paralelo" intitulado "Iniciação à Pesquisa em Ciências do Esporte" que teria a intenção de "incentivar a investigação científica na área de Ciências do Esporte", fato que denota a preocupação do CBCE com a formação e especialização de novos pesquisadores.

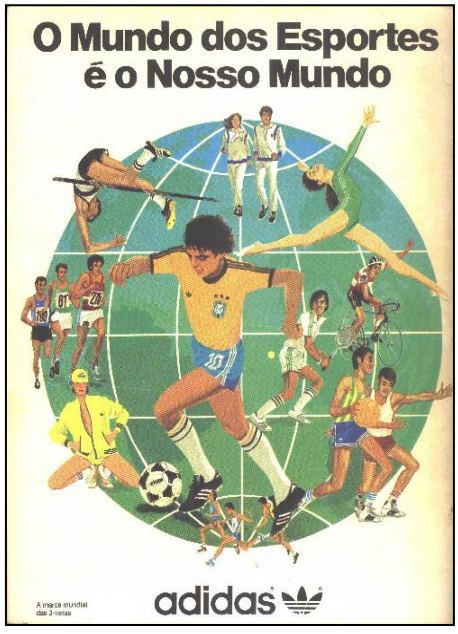


Figura 17 - Adidas Mundo dos Esportes (RBCE, 1981c)

Os números subsequentes (RBCE, 1981d; 1982a) não trazem nenhum impresso na pós-capa.

A pós-capa do Suplemento n. 1 de 1981 registra uma peça publicitária do patrocinador do evento, a indústria esportiva "Adidas" (Figura 16). Com fundo escuro e grafada em

branco com tipos lineares, alargados, não serifados, em negrito, anota a frase de maior ênfase no informe “Tudo para fazer do tênis um jogo diferente”, seguida da logomarca e da inscrição “*Tennis Line*”.

Aparecem no comercial uma listagem dos itens que estavam à venda (raquetes, bolas, camisetas, tênis, etc.) e o aviso “exija o autêntico”. No entanto, o que mais desperta o interesse do leitor/consumidor e a impressão de uma fotografia com boa resolução de uma modelo sentada sobre os pés e com as pernas abertas, vestida com a parte de baixo de um biquíni, agasalho semiaberto com decote ousado, tênis e boné da marca. Imagem sensualizada com o propósito de associar o esporte à moda e ao desejo.

A contracapa do Suplemento n. 1 de 1981 contou com a publicação de uma peça publicitária da “Adidas”, complementando todo o projeto gráfico das capas voltado para a divulgação da marca (Figura 17). Cunhada na cor preta, fonte linear, com corpo ampliado, com caixa-alta e baixa, em negrito, centralizado, próximo a margem superior, em fundo branco, a inscrição “O Mundo dos Esportes é o Nosso Mundo” teve seu sentido ilustrado por uma imagem que preenche o centro da contracapa.

Essa imagem foi arranjada em dois planos, no posterior retrata o globo terrestre (planificado), no anterior, nove figuras aludindo à prática esportiva. A figura central recebeu o maior destaque, um jogador de futebol vestido com o uniforme da seleção brasileira. A logomarca, na cor preta, centralizada, situada próxima à margem inferior fecha a composição.

Os anúncios da marca Adidas publicados no Suplemento n. 1 de 1981 foram os únicos que tiveram um trabalho gráfico mais apurado e uma tematização mais incisiva ao associar uma imagem libidinosa e o sentido de patriotismo, via representação esportiva, que as seleções nacionais esportivas inspiram em seus consumidores.

No número consecutivo (RBCE, 1982b) foram gravados apenas o escrito “órgão de divulgação oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte” e a logomarca da gráfica responsável. Os dois primeiro números do quarto volume (RBCE, 1982c; 1983a) substituíram as formatações anteriores da pós-capa pela publicação do logo do CBCE, dos nomes que compuseram sua diretoria e da organização administrativa da RBCE.

No terceiro número do quarto volume (RBCE, 1983b) a ocupação da pós-capa foi feita por uma lista com os preços dos números dos volumes anteriores em moeda nacional e em dólar, acompanhada da conclamação para efetuar sua compra: “a Revista Brasileira de Ciências do Esporte com a finalidade de oferecer a possibilidade a seus

sócios de completarem a sua **coleção** da R. B. C. E., está fornecendo os preços dos volumes e números anteriormente editados" (sem grifo no original)".

Os editores explicitaram no trecho citado o desejo de conferir o sentido de permanência e a autoridade gozada por uma coleção. Assinalam, claramente, a estratégia de atribuir uma valoração, um sentido de coleção ao impresso, de um bem que merecia ser guardado e conservado. Esse mesmo estratagema foi acionado nos n. 2 e 3 do v. 5 de 1984, nos n. 1 e 3 do v. 6 de 1984 e 1985 (respectivamente) e no n. 1 do v. 7 de 1985.

Sob o título "índice" foi publicado o sumário na contracapa das revistas n. 2, v. 3, de 1982 e n. 3, v. 3 de 1982 em vermelho, com fontes lineares, em caixa-alta e baixa e com o uso do negrito para destacar os títulos. No número 3, v. 3 de 1982, foi acionada outra estratégia para a penúltima, a impressão de um "Índice do Volume", contendo todos os sumários dos números publicados no volume correspondente, na cor preta, tipos lineares, sem serifa, com e sem negritos, em fundo branco, recapitulando todos os artigos e seções passados. Esse artifício buscou conferir um status de "coleção" a revista[83]. Esse mesmo recurso foi reeditado na contracapa da RBCE, v, 4, n. 3 de 1983. As demais terceira-capas das revistas analisadas não tiveram seu espaço preenchido.

A revista de n. 1 do v. 5 de 1983 ratifica o modelo utilizado em números anteriores nos quais se imprimiu o logo do CBCE, os nomes que compuseram sua diretoria e a organização administrativa da RBCE, a única diferença foi à inclusão do escrito, à esquerda, próximo à margem inferior, "ANAIS do III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte".

A contracapa da RBCE, v. 5, n. 3 de 1984 publicou um anúncio para divulgar o "II Simpósio Mineiro de Ciências do Movimento", congresso regional do CBCE, realizado na cidade de Muzambinho (MG). Trata-se de um impresso distinto, com características tipográficas diversas e com o uso de imagens.

Nessa contracapa (figura 18) o título do evento foi grafado, na cor rosa, tipos lineares, sem serifa, caixa alta, em negrito, centralizado, em fundo preto, as demais informações estavam na cor branca, alternando-se o uso da caixa alta e baixa e do negrito. Ocupando quase todo o espaço foi impressa uma grade na cor branca,

[83] Essa assertiva foi pormenorizada no subtítulo 2.2.3 Sumários e Índices.

preenchida por diversas imagens de crianças e adolescentes praticando esportes. A esquerda, em tamanho diminuto, foi grafada a logomarca “Rommel & Halpe”, “artigos para dança e ginástica”.

No v. 6, n. 1 de 1984, foi tentada uma forma alternativa de compor a contracapa e dar organicidade ao projeto gráfico da revista. O emblema do CBCE foi impresso, centralizado, próximo à margem inferior, entre duas linhas horizontais, todos com a cor marrom (mesmas cores que compõe a capa desse número). Essa mesma formatação foi reeditada nos outros números que compuseram o volume.

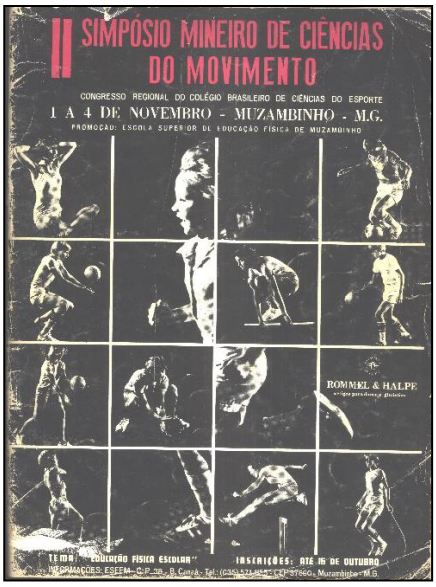
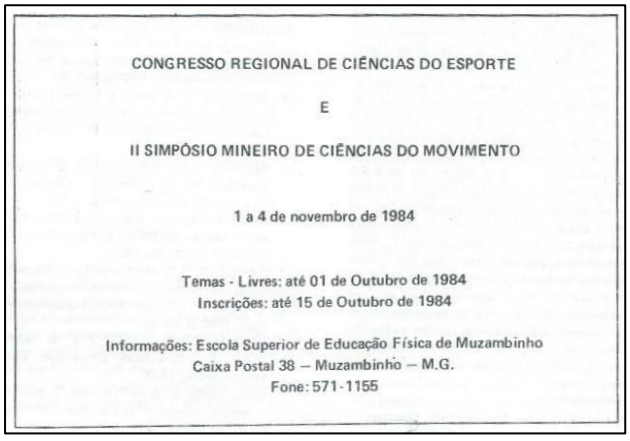


Figura 18 – Contracapa (RBCE, 1983c)

Na RBCE v. 7, n. 1, de 1985 a quarta-capa complementou o espaço utilizado para a impressão da imagem da capa, mantendo as mesmas características gráficas (ver em detalhes no subtítulo 2.2.1. Capas). Foi adicionada no canto inferior esquerdo da página a logomarca do CBCE. As contracapas dos outros números desse volume analisados não foram ocupadas.


CONGRESSO REGIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

E

II SIMPÓSIO MINEIRO DE CIÊNCIAS DO MOVIMENTO

1 a 4 de novembro de 1984

Temas - Livres: até 01 de Outubro de 1984
Inscrições: até 15 de Outubro de 1984

Informações: Escola Superior de Educação Física de Muzambinho
Caixa Postal 38 – Muzambinho – M.G.
Fone: 571-1155

Figura 19 - Congresso Regional de Ciências do Esporte (RBCE, 1982a)

Afora o uso das capas a RBCE publicou alguns boxes simples, sem cores ou imagens, com anúncios de eventos promovidos pelo CBCE. Na revista de n. 2 e n. 3 do v. 5 de 1984 foram divulgados a realização do “Congresso Regional de Ciências do Esporte e II Simpósio Mineiro de Ciências do Movimento” e do “IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte” (Figura 19). Nos exemplares n. 3, v. 5 de 1984, n. 1 e 2 do v. 6 de 1984 o “IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte” foi anunciado por quatro vezes em boxes e uma vez circunscrito a uma faixa diagonal com tipos dispostos nessa mesma direção.

Os boxes foram publicados também na RBCE n. 2, v. 7 de 1986, mas com os ângulos arredondados. Foram proclamados o “Congresso Regional de Ciências do

Esporte e V Seminário Integrado Norte/Nordeste de Educação Física" e o "V Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte". O "V Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" voltou a ser divulgado na revista posterior (RBCE, 1986b), para tanto foram utilizados dois boxes ocupando uma página inteira. No primeiro foi publicado um convite da comissão organizadora estimulando a participação no evento. No segundo foi impresso o programa preliminar do evento.

Apenas na RBCE n. 3, v. 5 de 1984 foram impressos dois boxes incitando a adesão ao CBCE. O primeiro tinha a seguinte frase "O empenho de cada um de nós, tornará o "COLÉGIO" cada vez mais forte; Convide mais um sócio". Com uma argumentação semelhante o segundo apresentou a inscrição "apresente mais um sócio! Faça ao amigo um grande presente!" (Figura 20).

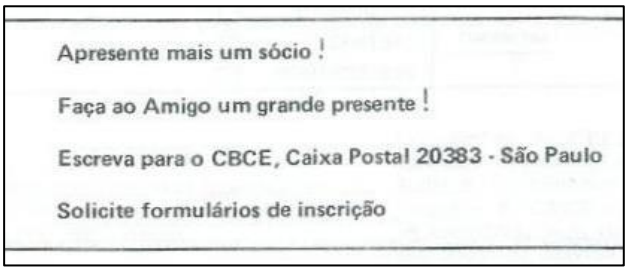


Figura 20 – Apresente mais um sócio ao CBCE (RBCE, 1984b)

A ocupação da segunda-capa na RBCE não obedeceu a um padrão rigoroso, alternando peças publicitárias, espaços em branco e uma estratégia de estimular à vendagem de números anteriores e afiançar um sentido de coleção a revista. Denotou-se claramente certa dificuldade em preencher as pós-capas e direcionar o interesse do leitor. Sua utilização publicitária foi muito limitada permitindo-se inferir a dificuldade de encontrar fontes de financiamento nos números avaliados. Constatou-se, também, a utilização de estratégias editoriais para cortar gastos pela publicação da organização administrativa do CBCE e da RBCE.

Os anúncios publicitários publicados deixaram algumas pistas que consentiram antever a comunidade de leitores projetada pelos editores futuros acadêmicos, esportistas, técnicos e professores capazes de consumir produtos especializados. Um importante dispositivo foi acionado pela utilização da segunda-capa como estratégia de transmutar o significado do suporte revista mais frugal para a imponência de uma coleção, estável e com a ambição de ser preservada em um prazo extenso.

Pela análise das terceiras e quartas capas da RBCE indica-se o estabelecimento de um padrão para a venda do espaço publicitário, que foi destinado prioritariamente a instituições educativas, marcas esportivas e outros produtos ligados ao universo

esportivo criando uma coesão entre o público leitor almejado e a exploração de sua potencialidade como consumidor especializado. A publicação de um índice nesse espaço visou conclamar o leitor a adquirir os números anteriores da revista, estratégia novamente utilizada para galgar a posição de coleção para o impresso.

Atesta-se que a venda de espaços comerciais não foi um recurso bem utilizado. O impresso tinha potencial para a publicidade mantendo as mesmas associações descritas acima. Supõe-se que os rendimentos providos pelas mensalidades dos sócios do CBCE eram suficientes para a manutenção da revista, permitindo a seus editores não se preocuparam em operar uma estratégia de comercialização do espaço publicitário do impresso.

A partir do quinto volume foram encetados esforços para divulgar eventos do CBCE utilizando a RBCE como propulsora. Isoladamente foi empregada, em apenas um exemplar, uma tentativa de conquistar um maior número de sócios para o CBCE e consequentemente leitores para a revista pela publicação de uma campanha que incitava a adesão de amigos dos associados.



Figura 21 - LEO (STADIUM, 1979a)

No primeiro ano de análise das segundas-capas das revistas Stadium (13° ano - 1979) os editores optaram por uma uniformização utilizando-as como espaço publicitário. O primeiro anunciante da revista foi a fábrica de bolas esportivas “LEO” (Figura 21) de Buenos Aires (Argentina). Esse anunciante ocupou as pós-capas dos números 73, 74 e 75. Na cabeça da página foi impresso o logotipo “LEO” com tipos manuais decorativos na cor branca, centralizados, sob um fundo cinza. Abaixo do logotipo foi grafada a frase “*presente en toda confrontación deportiva de alto nível internacioal*” com tipos lineares, geométricos, na cor branca e em negrito. No centro da página foram impressas as fotos de sete tipos diferentes de bola, todas com o logotipo da fábrica em destaque.

Uma legenda foi publicada no pé da página indicando o esporte no qual a bola seria utilizada e o material com a qual foi confeccionada. O número 1 correspondeu a uma bola de basquete “tipo americano” feita de nylon, o n. 2 e o 3 eram bolas de

futebol, a primeira tipo “amador” e a segunda “oficial”, ambas de couro. A bola número 4 era também de basquete, porém modelo “internacional” e feita de couro. O número 5 indicou uma bola de handebol, “oficial”, de couro. O número 6 uma bola de voleibol, modelo “americano”, de couro e o número 7 a uma bola de futebol de salão, também de couro.

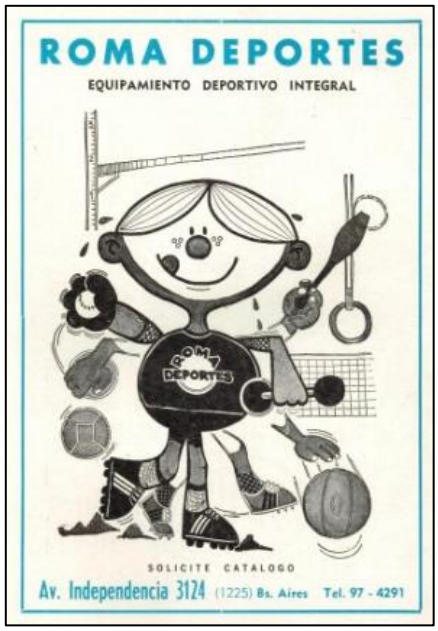


Figura 22 – Roma Deportes (STADIUM, 1979d)

Na Stadium de n. 76 a segunda capa foi preenchida por um anúncio da loja de equipamentos esportivos “Roma Deportes” (Figura 22). Essa propaganda foi impressa na quarta capa dos números anteriores. A peça publicitária foi enquadrada em uma moldura retangular na cor preta. Próxima à margem superior foi impresso o logotipo da loja “Roma Deportes” com tipos lineares, grotescos, em negrito, espaçados, corpo ampliado, em caixa-alta, acima do escrito “*equipamiento deportivo integral*” com os mesmos tipos, mas com corpo reduzido.

Ocupando quase todo o espaço do quadro foi alocada a figura de um menino (logomarca da loja) com múltiplos braços, mãos, pernas e pés, cada um com um material esportivo diferente. As mãos seguravam uma bola de beisebol, um disco de atletismo, um peso, uma maça, uma bola de basquetebol. Os pés foram calçados com chuteiras com trave (provavelmente de futebol) e sapatilhas com pregos (atletismo). Compõe ainda a figura uma rede de voleibol, uma bola de futebol e uma trave para o salto em altura. Embaixo da figura foi impresso o endereço e o telefone da loja.

Esse anúncio publicitário nos traz indícios importantes das fontes de custeamento da revista, uma vez que, o endereço e o telefone correspondem ao da edição da revista. Infere-se que paralelamente a publicação da revista, seus responsáveis administravam a loja referida que servia, também, como financiadora. A visita do pesquisador ao acervo da Editora Stadium confirma essa hipótese, pois a revista e a loja continuam a funcionar no mesmo endereço e partilham parte de seus funcionários para o atendimento ao público.

A pós-capa do número 77 incorporou novamente a peça publicitária da indústria de bolas “LEO” impressa anteriormente. Em contrapartida, no número 78 foi publicado

o anúncio da indústria argentina de bolas "Yatay" (Figura 23). Esse mesma peça foi impressa anteriormente, na 3ª capa dos números 73, 74 e 75 e na quarta capa dos números 76 e 77.

Usando uma moldura similar a propaganda da loja "Roma Deportes" foi colocada no interior do quadro na cabeça da página a frase "*La mejor pelota argentina*" com tipos lineares, em negrito, com corpo alargado, na cor preta, sob fundo branco, justificados. Logo abaixo foi disposta uma figura de quatro jogadores de basquetebol, seguida da descrição das qualidades e dos materiais que compunham a bola. Encerram a publicidade a logomarca da indústria e a inscrição "em venta em: Roma Deportes".

Assinala-se pela análise desses indicativos que os editores vendiam o espaço publicitário da revista aos fornecedores da loja Roma Deportes, associando as duas atividades e complementando as formas de financiamento do periódico. Possivelmente o anúncio da indústria "LEO", apesar de não apontar explicitamente, também seguia esse mesmo procedimento.



Figura 23 - Yatay (STADIUM, 1979f)

Pelos motivos apontados anteriormente não foi possível analisar a segunda-capa do 14° ano (1980) da revista Stadium. No 15° (1981) e no 16° (1982) anos o anúncio da loja "Roma Deportes" foi impresso, da mesma maneira que nos números já examinados, em todas as pós-capas (n. 85 ao n. 96). Os primeiros números (n. 97 e n. 98) do 17° ano (1983) da revista seguiram o mesmo formato dos seus antecessores. No entanto, os números 99, 100, 101 estamparam a peça publicitária da indústria de bolas "LEO" com o mesmo formato editado previamente. A revista de n. 102 ocupou a segunda-capa, novamente, com a propaganda da loja "Roma Deportes".

No único número do 18° ano da revista (1984) averiguado, n. 108, a loja "Roma Deportes" preencheu a pós-capa sem modificações. O primeiro número, n. 109, do 19° ano (1985) apresentou uma nova composição para a pós-capa da revista. Ainda utilizando o recurso do quadro com linhas pretas em um fundo branco, foi impressa com tipos lineares, em caixa-alta e baixa, uma lista com 48 livros, seus autores (em negrito) e 13 regulamentos esportivos sob o título "*Publicaciones de editorial stadium*". Essa lista

deve ser considerada, além de um informe comercial, uma prescrição de leitura (Tabela 17).

Tabela 17 - Prescrições de leitura encontradas em anúncio da Editora Stadium (1985a)

	Autor	Título
	Battista-Vives	Fuerza y flexibilidad muscular
	Beckman	Gimnasia Jazz
	Closas	Pelota al Cesto: técnica y metodología
	Closas	Pelota al Cesto: explicación de lãs leyes de juego
	Closas-Coll	Minicesto
	Cutrera	Técnicas de recreación
	Daiuto	Básquetbol: metodologia de la enseñanza
	D' Amico	Fútbol: ejercicios para el entrenamiento y la acción de juego
	Döbler-Döbler	Manual de juegos menores
	Düerrwäechter	Iniciación al voleibol
	Dyson	Mecánica del atletismo
	Erbach-Polster	Gimnasia todo el año
	Fiedler	Vóleibol moderno
	Giraldes	Gimnasia formativa
	Giraldes	Metodologia de la educación física
	Giraldes-Dallo	Metodologia de lãs destrezas sobre colchoneta y cajón
	Gómez-González	La educación física en la primera infancia
	Götsch-Papageorgiou-Tiegel	Minivóleibol
	Haase	Juegos en el água
	Heinss	Gimnasia rítmica deportiva para niñas
	Hegedüs	Teoría general y especial del entrenamiento deportivo
	Hegedüs	Enciclopedia de la musculación deportiva
	Hegedüs	Técnicas atléticas
	Hegedüs	La ciencia del entrenamiento deportivo
	Kaplan	Vóleibol Atual
	Kistenmacher	Preparación física para deportes de equipos
	Kirkov	Básquetbol: técnica y táctica
	Kirkov	Entrenamiento del basquetbolista
	Koss-Volrab-Teply	Gimnasia: 1200 ejercicios
	Kuznetsov	Metodologia del entrenamiento de la fuerza para deportistas de alto nivel
	Langlade	Teoría general de la gimnasia
	Langlade	Gimnasia especial correctiva
	Langlade	Fútbol: entrenamiento para la alta competencia
	Litwin	Organización de campeonatos deportivos
	Litwin-Fernández	Evaluación y estadísticas aplicadas a la educación física y el deporte
	Matveiev	El proceso del entrenamiento deportivo
	Pittaluga	Alimentación para el deportista
	Ramsay	Básquetbol a présion
	Rudik	Psicología de la educación física y el deporte
	Schladitz	Hóckey sobre césped
	Stein-Federhoff	Hándbol: técnica, táctica y entrenamiento
	Studener-Wolf	Fútbol: entrenamiento con pelotas
	Vera	Sóftbol: metodologia de la enseñanza
	Vigo	Manual para dirigentes de campamentos organizados
	Vigo-González	Canciones para todos
	Volkov	Los procesos de recuperacion en el deporte
	Wendt-Hess	Gimnasia rítmica deportiva con aparatos manuales
	Williams	Iniciación al rúgby y minirúgby

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

Pela observação do temário (Quadro 15) aponta-se o número representativo de prescrições voltadas aos Esportes (34,5%) seguidos pelo Treinamento Esportivo (29%) e pela Ginástica (14,5%), provavelmente temas que os editores julgavam de maior interesse de sua comunidade de leitores. Explicita-se também um perfil para as indicações condizente com o delineado para a revista que se concentra em temas ligados ao universo esportivo (aglutinando-se as temáticas esportivas chega-se a 78%), destinando um espaço reduzido a Educação Física Escolar (4%) e ao Lazer e a Recreação (8,5%).

Quadro 15 – Temário prescrições de leitura encontradas em anúncio da Editora Stadium (1985a)

TEMA	NÚMERO	PERCENTUAL
Treinamento Esportivo	14	29%
Ginástica	7	14,5%
Lazer e Recreação	4	8,5%
Educação Física Escolar	2	4%
Esportes	17	35,4
Psicologia do esporte	1	2%
Medicina esportiva	2	4%
Sem classificação	1	2%
Total	48	100%

Na Stadium seguinte, n. 110 de 1985, a segunda-capa publicou um anúncio com o título "*Reglamentos Deportivos Stadium*" com tipos lineares, com destaque em negrito, corpo ampliado e caixa-baixa no nome da editora, no pé da página, emoldurado por um retângulo com a cor preta com os ângulos arredondados. Logo abaixo foi disposto o escrito "colección de reglamentos" acima de 12 quadros medindo 2,5 cm de altura por 2,5 cm de largura, na cor preta com desenhos com temas esportivos na cor branca.

Cada quadro recebeu uma legenda do esporte que representou: atletismo, *pelota al cesto*, voleibol, basquetebol, handebol, softbol, futebol, rúgbi, tênis, hóquei, natação e tênis de mesa. A peça foi encerrada pela inscrição "*editorial stadium*", com os tipos utilizados anteriormente, em negrito, mas com corpo reduzido, seguido do endereço e telefone. Essa mesma configuração foi utilizada nos números 111, 112, 113 e 114 que concluem o 19º ano da revista.

Os números 115, 116 e 117 do 20° ano (1986) mantiveram essa mesma conformação para as pós-capas. Na Stadium de 119 esse espaço publicitário teve um

aproveitamento distinto. Utilizando o mesmo tipo de composição com moldura na cor preta em fundo branco foi impressa a peça do "*Centro Argentino para el Perfeccionamento em Educación Física y Deporte"* (CAPD). Na cabeça da página foram utilizados 4 quadros com 1,8 cm x 1,8 cm. O primeiro continha a sigla "CAPD" grafada em caixa-alta, tipos lineares, em negrito, na cor branca em fundo preto. Os três quadros seguintes utilizaram uma técnica semelhante a dos números anteriores, porém para os desenhos foi usada a cor preta em um fundo branco. Os desenhos representaram um corredor, um homem utilizando um microscópio e um docente em frente a um quadro negro. Evidentemente, os desenhos representavam a relação da Educação Física e do esporte com a ciência (homem em frente ao microscópio) e com a formação (docente e quadro negro).

Logo abaixo dos quadros foi disposto com alinhamento centralizado, tipos lineares, em negrito, caixa-alta, o significado da sigla "Centro Argentino para el Perfeccionamento em Educación Física y Deporte" (CAPD). Aparentemente, procurou-se amoldar esses elementos para construir uma logomarca. Também em caixa-alta e com os mesmos tipos, entre duas linhas horizontais, foi impressa a chamada "Curso Internacional de Perfeccionamento em Educación Física y Deporte".

Ainda foram listados o público-alvo (médicos, professores e estudantes de Educação Física), a duração do curso (31 dias), a data (janeiro e fevereiro de 1987) e os locais de realização: Instituto Nacional de Educación Física (Madrid - Espanha), Sporthochschule Köln (Alemanha), Escola de Educação Física de Munique (Alemanha), Scuola Federale di Ginnastica e Sport (Biel - Suiça), Scuola Dello Sport (Roma – Itália), Instituto di Scienza Dello Sport (Roma – Itália). A peça referendou, também, a patrocinadora do curso a indústria farmacêutica "Laboratorios Armstrong" e a empresa de turismo responsável pela organização da viagem "Mapa", ambas de Buenos Aires (Argentina). Essa mesma peça foi reutilizada nas contracapas dos números 119 e 120 que fecharam o 20° ano da revista.

Para a composição das terceiras e quarta-capas da Revista Stadium foram empregadas as mesmas estratégias publicitárias e reeditados os mesmos formatos gráficos das pós-capas. Nos três primeiros números do 13° (n. 73, 74, 75) ano da revista foram impressos na penúltima os anúncios da indústria de bolas esportivas "Yatay" (Figura 10) e na contracapa a propaganda da loja "Roma Deportes" (Figura 11). No número 76 foi difundido o reclame da indústria de bolas "LEO" (Figura 9) na

penúltima, e da indústria de bolas esportivas “Yatay” na contracapa. No número seguinte, 77, foram reeditadas as chamadas da loja “Roma Deportes” e indústria de bolas esportivas “Yatay”, respectivamente. Na Stadium n. 77 as propagandas da loja “Roma Deportes” e indústria de bolas “LEO” ocuparam esses espaços.

Nas fotocópias dos números 81, 82 e 84 do 14° ano examinadas, o mesmo artifício foi utilizado. Foi adicionada no número 84 a peça publicitária “Reglamentos esportivos Stadium”. De mesmo modo, todos os números do 15°, 16° e do 17° ano publicaram os anúncios dos “Reglamentos esportivos Stadium” na penúltima e da indústria de bolas “LEO” na contracapa. O único exemplar do 18° ano apreciado, n. 108, preservou a mesma conformação. Todos os números do 19° ano sustentaram a propaganda da indústria de bolas “LEO” na contracapa, porém retrocederam a publicação do anúncio da loja “Roma Deportes” na penúltima. O mesmo procedimento foi adotado em todas as revistas do no ano posterior, 20°.

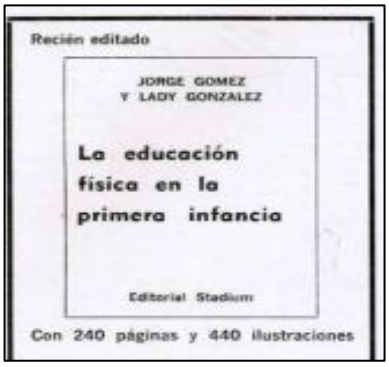


Figura 24 - Anúncio de livro na Stadium n. 73 (1979a)

Além das capas no interior do impresso foi encontrada uma série de conclames comerciais. Na Stadium n. 73 (1979) foi publicado um box divulgando a venda de impressos pela Editora Stadium. Foram propagandeados nessa edição em boxes regulamentos esportivos, o título e o sumário do livro “*La educación física en la primera infância*” de Jorge Gomez e Lady Gonzalez (Figura 24) e em um quadro que ocupa toda a página uma série de títulos de livros e regulamentos esportivos (Anexo A).



Figura 25 - Anúncio Equipamiento Escolar (STADIUM, 1979a)

A loja Roma Deporte também fez uso desse número que contou com um conjunto de box com anúncios diversos: de material esportivo escolar (Figura 25), equipamentos para beisebol e softbol, “medicine ball”, redes esportivas e dardos oficias. Foi publicado também o anúncio de outra revista especializada a

"Revista Voley" [84]. Por fim, uma peça publicitária de página inteira da marca "Adidas" grafada em preto, descrevendo as características de uma sapatilha para ser utilizada no atletismo e com um desenho de um corredor (Figura 26).

No número 74 (1979) foram reeditados os anúncios da "Roma Deportes". Foi acrescido um informe sobre a venda de anilhas e demais equipamentos para musculação. Também foi publicado o quadro com a lista de livros a venda na Editora Stadium. Além dos comerciais foi impresso um quadro com agradecimentos a Dirección Nacional de Educación Física, Deportes y Recreación de la República Argentina pela autorização de reproduzir textos de revistas internacionais. Atestou-se, assim, ao público leitor a legalidade do conteúdo da revista e seu reconhecimento oficial pelas esferas governamentais.



Figura 26 - Anúncio Adidas (STADIUM, 1979c)

O número subsequente, n. 75 de 1979, teve imprimido os informes comerciais da "Roma Deportes" e uma página inteira com a propaganda da fábrica de bolas "*Team´s Ball*" (Figura 27). Na Stadium n. 76 foram republicados as propagandas da fábrica de bolas "*Team´s Ball*", da loja "Roma Deportes", da "Revista Voley" e a lista de livros da Editora Stadium. Foi adicionada uma propaganda de materiais para ginástica da loja "Roma Deportes".



Figura 27 – Team's Ball (STADIUM, 1979c)

A Stadium posterior, n. 77 de 1979, republicou os anúncios da fábrica de bolas "*Team´s Ball*", da loja "Roma Deportes", de livros vendidos pela Editora Stadium. Foi incorporada nesse número uma peça de uma fábrica suíça de cronógrafos a "*Heuer Times*", com a

[84] Publicação que disponibilizava artigos técnicos, regras e notícias a respeito do vôlei argentino e internacional.



Figura 28 - Tomos Anuales
(STADIUM, 1979e)

logomarca da empresa e um selo atestando sua participação oficial nas Olimpíadas de Moscou (1980), foi descrito que seus produtos estavam à venda na loja "Roma Deportes". Afora os descritos foram adicionados três boxes anunciando equipamentos à venda na loja "Roma Deportes", aros para ginástica, aparelhos de musculação e outro com coletes para treinamento com pesos. Merece ser ressaltado a utilização nesse exemplar um anúncio da venda da própria revista encadernada (Figura 28) com o título "*Tomos Anuales Encuadernados*", seguido de uma imagem em preto e branco dos tomos e a inscrição "la Revista Stadium también puede adquirirse encuadernada. Es uma **colección** compuesta, hasta el momento por 12 tomos" (STADIUM, 1979e, p. 46, sem grifo no original). Mais uma manifestação da tentativa dos editores de modificar o suporte da revista e aumentar seu prestígio como impresso, uma vez que, atestava que essa publicação merecia ser reconhecida como uma coleção.

Na Stadium subsequente, n. 78 de 1979, foram reimpressos os conclames da loja "Roma Deportes", da fábrica de bolas "Team´s Ball", "Revista Voley", das publicações do "Editorial Stadium". Foi acrescentado um box com o título "nuestros telefones", os respectivos números e a inscrição "Roma Deportes - Ed. Stadium". Indício da relação estreita estabelecida entre os dois estabelecimentos. Também foi incluso um box com um comercial de pedômetros[85] a venda na loja "Roma Deportes".

Nas fotocópias analisadas do 14° ano (1980) da revista foram reeditados os comerciais da loja "Roma Deportes", da fábrica de bolas "Team´s Ball" e da "Revista Voley". Apresentaram como diferencial a publicação de dois boxes expondo a venda os livros "Manual para Dirigentes de Campamentos Organizados" de Manuel Vigo e "Tratado de Fisiologia del Ejercicio" (com a notificação que o idioma da publicação era o português) de Per-Olof Astrand e Karare Rodahl disponíveis na Editora Stadium.

[85] Aparelho que monitora corridas e caminhadas. Dispõe de informações como distância percorrida, tempo de percurso e quantidade de passos utilizados.

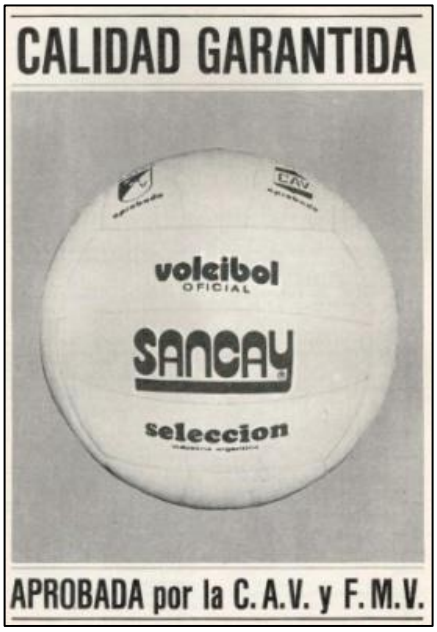


Figura 29 - Anúncio Sancay (STADIUM, 1981a)

No 15° ano da revista foram novamente publicados os comerciais das publicações da Editora Stadium, fábrica de bolas "Team´s Ball", "Revista Voley", equipamentos da loja "Roma Deportes". Além dos comerciais tradicionais da loja "Roma deportes", foram adicionados à venda de colchonetes para Educação Física e esportes, equipamento especializado para basquetebol, cama elástica, caixas de salto, bola para ginástica. Foi impresso também um conclame de página inteira da bola de voleibol "Sancay" (Figura 29).

Nas revistas do 16° ano foram divulgadas, mais uma vez, as propagandas da bola de voleibol "Sancay", de materiais e equipamentos da loja "Roma Deportes", das publicações da Editora Stadium e da "Revista Voley". Novos produtos da loja "Roma Deportes" passaram a ser anunciados, o cronógrafo "Accusplit" e mesas de pingue-pongue. Na edição n. 92 (1982b) foi promovido o Instituto de Perfeccionamiento Docente en Educación Física (Figura 30), instituição voltada a "educación permanente del profesorado" e dirigida por Antonio Alcázar, colaborador da revista (STADIUM, 1982, n. 92, p. 30). Foi publicado na Stadium n. 95 (1982) em uma página inteira o proclame do "Curso Internacional de Gimnasia" organizado pelo "Grupo de Estudios em Educación Física".



Figura 30 - IPEF (STADIUM, 1982b)

O 17° manteve uma configuração semelhante aos anos anteriores pela reedição das peças publicitárias de materiais e equipamentos esportivos da loja "Roma Deportes" e das publicações da Editora Stadium. Cordas, relógios de mesa digitais, materiais de atletismo e bolas para aulas de Educação Física, atividades recreativas e esportes foram inclusas na lista de produtos oferecidos pela loja "Roma Deportes".

O único número examinado do 18° ano (n. 108 de 1984) conservou os anúncios de materiais e equipamentos esportivos da loja "Roma Deportes" e das publicações da Editora Stadium sem inovações. No ano subsequente, 19° ano, (1985) foi inserido um anúncio de um curso de preparação física para jogadores de futebol e o proclame de uma inovação didática a venda pela Editora Stadium de vídeos pedagógicos que se propunham a ensinar voleibol e *pelota al cesto*[86]. Além da publicidade foi impresso um quadro que ocupou quase meia página com a expressão "*delito!!!"* em caixa-alta e negrito, seguida da publicação de um trecho da Lei 11.723 sobre a propriedade intelectual advertindo os leitores da proibição de reproduzir o conteúdo da revista sem autorização (Figura 31).



Figura 31 - Delito (STADIUM, 1985d)

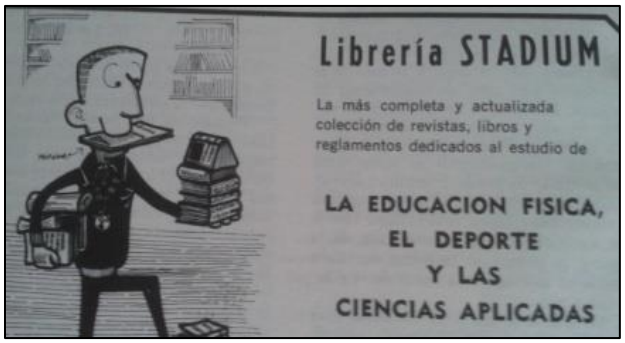


Figura 32 - Librería Stadium (1986b)

No vigésimo ano da revista foram reeditados os informes comerciais de materiais e equipamentos esportivos da loja "Roma Deportes" (foi adicionado à venda de rolos de compactação para quadras de tênis), das publicações da Editora Stadium, das revistas Stadium encadernadas e da "Revista Voley". Frisa-se, novamente, o uso dos anúncios dos exemplares da revista encadernadas para promover a estratégia de imbuí-la de um sentido e de uma lógica de coleção. Um curso de "*Preparación Física para Fútbol"* ministrado por Jorge Kistenmacher foi incluído. Foi agregado, também, um box com a anúncio da "Librería Stadium" com a seguinte chamada "la más completa y actualizada colección de revistas, libros y reglamentos dedicados al estudio de la Educación Física, el deporte y las ciencias aplicadas" (Figura 32). A Editora Stadium acumulou, desse modo, mais uma função integrada a sua proposta editorial e comercial, publicou, editorou obras especializadas, as anunciou na revista e as vendeu em sua própria livraria.

[86] A *pelota al cesto* é um esporte de origem argentina criado pelo professor de Educação Física Enrique Romero Brest em 1903. Sua prática é dirigida as mulheres e consiste no enfrentamento de duas equipes de doze jogadoras que se utilizando de passes e lançamentos deve acertar a bola em um cesto localizado na extremidade do campo de jogo. A partir de 1986 esse esporte passou a ser denominado de cestoball.

Pela análise empreendia constatou-se que as pós-capas da revista Stadium foram projetadas como um importante espaço comercial, fonte adicional de financiamento para a manutenção da revista por meio de anunciantes ou para potencializar as vendas de outros produtos da própria editora. Todos os números tiveram suas pós-capas impressas com diferentes peças publicitárias que projetavam na comunidade de leitores do impresso, prováveis consumidores. Técnicos esportivos médicos, professores e estudantes de Educação Física foram pensados como público-alvo de anúncios de bolas esportivas, cursos de formação e livros.

Os espaços comerciais do impresso foram bem utilizados com um número significativo de anúncios por exemplar. A associação entre a Editora Stadium, a loja Roma Deportes e seus fornecedores parece ter sido bem sucedida ao complementar o financiamento do periódico. Assim em um mesmo número da revista eram expostos vários anúncios de equipamentos e materiais vendidos na loja, de alguns de seus fornecedores e dos livros editados pela editora e posteriormente vendidos em sua livraria.

As listas de livros publicados funcionaram, também, como indicação de leituras futuras que teriam passado pelo crivo dos editores e que mereciam sua aquisição. Notadamente, o mundo dos esportes e mais especificamente o treinamento esportivo foi a temática que mais despertou a atenção dos editores e que apareceu com maior frequência nas suas prescrições.

Foram anunciados alguns cursos voltados para o público leitor da revista interessado em uma formação específica em Educação Física e esportes. A publicidade também foi utilizada para promover o próprio impresso e sua estratégia de transformar seu suporte material em tomos colecionáveis, alterando seus prestígios e as formas de manipulação e guarda.

As terceiras e quarta-capas da revista Stadium reproduziram as mesmas configurações das pós-capas. O espaço publicitário dedicou-se a divulgação de produtos ligados ao universo esportivo e de literatura especializada publicada pelo próprio Editorial Stadium. Manifestadamente, buscavam atingir um público leitor engajado em atividades esportivas capaz de consumir materiais e livros.

Quando comparadas as revistas apresentaram um modelo de ocupação das pós-capas diferenciado. Enquanto a RBCE demonstrou dificuldades em preenchê-las, deixando-as sem impressão em alguns números, a Stadium as transformou em um

valioso espaço comercial destinado a venda de material esportivo, cursos de formação e livros com temática esportiva.

Nos duas revistas a publicidade de produtos destinados a um leitor especializado ocupou as terceiras e quarta-capas. A Stadium se destaca por ter preenchido em todos os números investigados esse espaço do impresso, enquanto a RBCE por vezes optou por deixá-lo em branco, negligenciando seu potencial comunicativo.

Ambas conceberam uma comunidade de leitores semelhante interessada na formação e consumo de bens ligados ao esporte. Trata-se de leitores especializados que procurariam nas revistas indicações confiáveis que contariam com o prestígio de serem selecionadas pelos editores das revistas. Como traços singulares a RBCE ambicionou utilizar as capas como estratégia de incentivo a compra e coleção de seus números anteriores e a Stadium acionou uma série de prescrições de leituras produzidas e elegidas por sua própria editora conformando os leitores a seu consumo.

O confronto das duas revistas revela o contraste da utilização de peças publicitárias. Enquanto a RBCE apresentou um uso limitado dos espaços comerciais a Stadium buscou compor uma estratégia sofisticada que integrou a função de edição e distribuição de literatura especializada a venda de materiais e equipamentos esportivos, consubstanciando as formas de custeamento da revista.

Em comum os impressos tiveram a publicação de propagandas da marca de materiais esportivos "Adidas" que de modo análogo foram impressas em apenas um exemplar de cada revista. Reitera-se a semelhança entre os impressos da projeção de um público consumidor efetuada para o planejamento da ocupação do espaço publicitário também, engajado na Educação Física, em atividades físicas e esportivas, interessado em investir nesse tipo de formação e em consumir obras para seu aperfeiçoamento.

2.1.3. Papel e Miolo

O papel é um elemento fundamental para a composição de um impresso. O papel é uma substância resistente e flexível, "constituída por elementos fibrosos que se reduzem a pasta e se fazem secar sob a forma de folhas delgadas". Para a escolha do papel deve-se atentar para suas diferentes propriedades mecânicas (tração, rompimento, rasgaduras e dobras), físicas (peso, espessura, rigidez, absorção, porosidade e

impermeabilidade), químicas, estéticas, morfológicas e funcionais, que modificam “sua aparência, variedade de coloração, textura, espessura, peso e utilização” (FONSECA, 2008, p. 163).

Dessa forma para avaliar o papel que se deverá utilizar é necessário atentar-se para o peso, corpo, opacidade, cor, textura da superfície e acabamento. O peso e o corpo (espessura) delimitam a opacidade, quanto mais pesado e espesso, mais fibras o papel possui, menor será sua transparência. Opacidade é a “capacidade de um papel de receber tinta sem que esta seja vista do outro lado, quando se vira a folha” (CRAIG, 1980, p. 131). Se essa exigência não for respeitada o leitor desviará sua atenção do conteúdo da página para o material que transparece do outro lado.

O acabamento pode ser fosco ou brilhante. A folha fosca é mais aconselhável para a leitura. Para imagens e ilustrações, o acabamento brilhante é o mais indicado, por valorizar as cores e tons. Para o acabamento do miolo o agrupamento das folhas pode ser feita por grampeamento ou lombada quadrada. Essa escolha deve ser orientada projetando-se a praticidade do manuseio, a durabilidade do impresso e seu custo final (CRAIG, 1980). A encadernação com grampo é a forma mais simples e econômica.

A análise do papel escolhido para o miolo da RBCE possibilitou a descrição das seguintes características, tipo offset, gramatura de 90g, tamanho 28 cm de altura por 20,3 cm de largura, margens superior 2,5 cm, inferior 2 cm e laterais 1,2 cm. Os editores optaram por um papel comumente usado para impressão de livros e revistas com boa durabilidade, resistente à umidade e de baixo custo.

Na Stadium o papel empregado inicialmente foi o couchê fosco, com 70g de gramatura, 27,2 cm de altura, 19,6 de largura, margens superior e inferior com 2,5 cm, esquerda e direita com 1,8 cm. A qualidade do papel foi alterada a partir do número 94. O papel foi substituído por um offset de gramatura de 90g, provavelmente uma tentativa de baixar os custos de impressão da revista.

As duas revistas selecionaram um formato de miolo e papel semelhantes preocupando-se com a atratividade e o custo final de impressão. A formatação escolhida enquadrava no que era preferência comum às revistas da época.

2.1.4. Diagramação

A diagramação, etapa essencial ao estabelecimento de uma padronização gráfica, refere-se à distribuição dos textos e das ilustrações nas páginas obedecendo a forma colocada pelo diagrama. O processo de diagramação é delimitado pelo desenho de um conjunto de linhas de marcação que tem a função de arranjar os conteúdos no espaço da página, compondo seu layout e referenciando uma concepção de unidade visual ao projeto gráfico da revista (SAMARA, 2011).

Planejar a distribuição gráfica do conteúdo impresso tem por objetivo garantir a legibilidade e a estética da página, ampliando as condições de controlar a recepção das informações. A racionalização desse processo de composição permite estabelecer uma hierarquia de valores e uma sequência lógica de leitura.

No diagrama deve ser definido o número de colunas por página, o espaço entre as colunas, as margens da página e outros elementos gráficos, proporcionando "um sentido de sequência, de unidade" ao conteúdo das revistas, melhorando a inteligibilidade das informações transmitidas (GRUSZYNSKI, 2000).

Nesse arranjo a mancha (parte impressa do layout) e os espaços em branco são decididos de acordo com objetivos estéticos, visualidade agradável, receptividade do leitor e por motivos técnicos ligados ao corte das páginas após a impressão. Importam também na diagramação o posicionamento da numeração de página que deve ser funcional, pode ser posicionado na parte superior ou inferior da página, à direita ou à esquerda e os destaques para títulos de seções e outros conteúdos da revista.

Para Fonseca o planejamento do espaço de composição da página deve ter como propósito promover um "arranjo harmonizado agradável, atraente, lógico, confortável". Os elementos precisam ser elencados com base em uma hierarquia que visa impor uma "ordem de leitura" (FONSECA, 2008, p. 210). Não se pode perder de vista que é objetivo do diagramador direcionar a atenção e o interesse do leitor.

A composição da página impressa pode ser posicionada de forma simétrica ou assimétrica. A composição simétrica dispõe os elementos, tendo-se como referência uma linha vertical imaginária no centro da página, proporcionalmente nos dois lados da página. Na composição assimétrica, visualizando-se a linha vertical de referência, a divisão não respeita nenhuma regularidade. Independente da escolha a composição final deve ter unidade, harmonia, proporção, equilíbrio, movimento, destaque, contraste e ritmo.

O autor grifa que organização e distribuição de elementos em uma página tem

que possibilitar uma compreensão agradável, minimizando o esforço despendido para a leitura. Caso a diagramação não for realizada adequadamente o efeito pode ser negativo, inibindo a leitura, a informação "deixa de ter interesse, ou simplesmente não é notado, e o leitor pula para o que vem a seguir" (FONSECA, 2008, p. 213).

Mesmo o espaço em branco assume um importante papel na diagramação como elemento responsável por estabelecer contrastes visuais no layout e proporcionar "respiros, ou pausas, na transmissão da mensagem" (FONSECA, 2008, p. 217). A disposição do texto em colunas e a delimitação e arranjo dos parágrafos é uma tarefa crucial. Para Samara (2011, p. 36) o "parágrafo é o tijolo arquetípico de um texto", sua formatação em blocos de texto e a lógica de seu sequenciamento "afetam a legibilidade e a qualidade visual como um todo" (2011, p. 45).

A diagramação do texto da RBCE n. 1, v. 1 de 1979 foi feito em apenas uma coluna com 18,1 cm de largura, alinhamento à esquerda. Esse molde foi seguido no número seguinte RBCE n. 2, v. 1 de 1980. A RBCE n. 3, v. 1 de 1980 inaugurou um padrão de diagramação do texto que foi seguido em quase todos os demais números. O texto foi apresentado em duas colunas de 8,5 cm de largura, espaço entre as colunas de 0,9 cm, justificadas. O resumo do texto e o *abstract* foram diagramados em uma coluna com 15,2 cm de largura. O texto foi recuado na primeira linha de cada parágrafo. O texto foi recuado na primeira linha de cada parágrafo.

A RBCE n. 2, v. 7 de 1986 organizou o texto em três colunas com 5,5 cm de largura, divididas por linhas verticais e alinhamento justificado. Os resumos dos artigos foram colocados em um box com 11 cm de largura. Essa formatação foi abandonada no número seguinte (RBCE, 1986b), último número analisado, que retornou para o modelo de duas colunas. Todos os números foram diagramados simetricamente.

Os anais publicados na revista foram editorados de modo diferente. Na diagramação dos resumos dos temas livres do primeiro número (RBCE, 1979), Anais do "I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte", foi utilizado um quadro centralizado de 12,5 cm de largura e 15,1 cm de altura. O texto foi alinhado à esquerda e o espaçamento foi reduzido ou ampliado para ocupar adequadamente o espaço do quadro pré-determinado.

No Suplemento n.1 de 1980, publicação dos Anais do "I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte", foram dispostos quatro quadros por página, cada um com 8,8 cm de largura por 10,5 cm de altura, contendo o texto dos resumos, justificados e adaptados

ao espaço oferecido. Essa remodelação visou resolver a falta de espaço gerado pelo aumento do número de resumos publicados de 38 nos anais do primeiro evento para 53 nos anais do segundo, além da redução dos custos de produção propiciados por essa otimização.

Esse mesmo desenho foi mantido na editoração dos anais do "II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" (RBCE, 1983c), do "II Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento" e "Congresso Regional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte" (RBCE, 1984b) e do "IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" (RBCE, 1985d).

Na diagramação dos resumos dos temas livre dos dois últimos congressos mencionados ocorreu uma modificação, foi acrescido dois retângulos nos quadros. Um localizado a direita, próximo a margem superior, com 0,5 cm de altura, por 1,9 cm de largura, informou a sala e o horário da apresentação. Outro na margem inferior, com a mesma largura do quadro e com altura de 0,9 cm, anunciou o nome do autor do resumo, seu endereço e telefone para contato. Ambos procuraram melhorar a visualização das informações e seu reconhecimento pelo leitor.

Na Stadium a diagramação textual iniciada no n. 73 (13° ano, 1979) serviu como exemplo para as revistas posteriores. Nesse número o texto foi distribuído em duas colunas com 7,3 cm de largura, alinhamento justificado e texto recuado na primeira linha de cada parágrafo. O espaçamento simples foi adequado, não prejudicando a distinção entre as linhas e entre os parágrafos. Todos os números apresentaram uma composição simétrica.

As duas revistas apresentaram uma disposição simétrica do texto. A RBCE testou modelos diferenciados para tentar alcançar um resultado agradável de leitura. Quando conseguiu se estabilizar e criar uma padronização a condução do leitor pelo texto foi mais satisfatória. No entanto, a falta de espaçamento na edição dos anais dificultou sua leitura. A Stadium expôs uma diagramação uniforme e adequada em todos os números.

2.1.5. Tipografia

A projeção da tipografia é pautada pelo objetivo de transmitir sentidos por meio da letra impressa, prescrevendo caminhos para os leitores se orientarem na difusão do conteúdo textual. A definição dos tipos inscreve-se na preocupação de esboçar uma

identidade visual pela criação de padrões específicos para as chamadas textuais. Interessa-se pela definição dos tipos que irão arranjar o corpo do texto, os títulos e subtítulos, as seções, notas, referências, entre outros. De acordo com Lucy Niemeyer (2003, p. 12) tipografia pode ser conceituada como um

> ofício que trata dos atributos visuais da linguagem escrita; envolve a seleção e a aplicação de tipos, a escolha do formato da página, assim como a composição das letras de um texto, com o objetivo de transmitir uma mensagem do modo mais eficaz possível, gerando no leitor destinatário significações pretendidas pelo destinador.

Os tipos utilizados em um projeto gráfico são compostos por tamanhos, desenhos e estilos diversos ordenados a instigar a leitura e ampliar a legibilidade. Para a delimitação da tipografia podem ser elencados, conforme classificação de Gruszynski (2000), os seguintes componentes: presença de serifa, particularidades do design da fonte, composição de letras maiúsculas e minúsculas (caixa-alta e baixa), o espaço entre as letras (espacejamento), espaçamento entre as palavras e linhas, alinhamento dos parágrafos, disposição do elemento tipográfico em relação ao fundo. Para Mário Erbolato (1981, p. 19) devem ser consideradas também variações de extensão (normal, condensado e expandido), angulação (normal e itálico) e espessura (normal e negrito).

As letras ou caracteres são signos que remetem a visualidade da palavra, a padrões que identificam a linguagem. A organização dos tipos deve observar a ordem das letras, os espaços entre os caracteres, as entrelinhas e o alinhamento do texto para a impressão da página. A disposição dessas formas realizada pela tipografia propõe-se a conferir acesso à hierarquia textual e facilitar a leitura pelo uso de contrastes e proporções.

A seleção da tipografia pode influenciar a percepção do leitor e provocar uma alteração de sentidos e das formas de ler um impresso. Para Timothy Samara (2011, p. 29) a escolha da fonte estabelece "uma voz para o conteúdo que o posiciona de forma específica mediante significados que o público pode associar à própria fonte" (SAMARA, 2011, p. 29).

Na composição tipográfica de um impresso costumam-se utilizar diversas fontes (respeitando-se a unidade visual do projeto) para hierarquizar o texto e consequentemente a leitura, os caracteres auxiliam a imprimir visualmente a mensagem ambicionada e demarcam o acesso e a legibilidade do escrito. A tipografia afiança a

ênfase do texto, conduz "o leitor à leitura, estimula sua percepção da estrutura subjacente ao texto, facilita a compreensão da informação e aprofunda seu entendimento" (NIEMEYER, 2003, p. 14).

O desenvolvimento da hierarquia informacional via tipografia objetiva instrumentalizar a navegação do leitor pelo texto. A leitura é dirigida pela ordem de importância remetendo o leitor a uma parte específica do corpo do texto, a tipografia rompe a uniformidade visual com o objetivo de criar um ponto de fixação que desperte atenção e faça com que o leitor o siga (SAMARA, 2011).

Diversas estratégias hierárquicas podem ser acionadas como mudança de peso, tamanho, posição, ritmo, espaçamento, orientação, contrates com o fundo e cor tipográfica. Essas alterações programadas em um texto constituem-se em "ferramentas inestimáveis" para aprimorar a comunicação de um texto atribuindo ênfase, cadência e a "expressão de nuances de sentido" (SAMARA, 2011, p. 52).

Conferir um peso maior a algum elemento textual remete a agressividade e importância. De modo distinto, um texto mais leve é percebido mais reservado e menos importante. Textos em itálico aceleram a leitura e acentuam a cadência anuindo um realce a alguma expressão ou título em um texto corrente. Essas modificações textuais ajudam a criar um senso de hierarquia e alteram as formas e ritmos de leitura. Samara (2011, p. 52) pontua que o "ritmo interno de digestão de palavras se torna congruente com a cadência visual da tipografia" e caso ocorra alguma deformação "experimentamos uma mudança no tempo" despertando o leitor.

Fontes sem serifa são comumente utilizadas em impressos que precisem de corpos de texto maiores, mais destacados, especialmente os publicitários. As fontes com serifa são mais adequadas para maiores quantidades de texto, com corpo de fonte menor, mais usadas nos textos de livros e revistas. A fonte serifada, dependendo da escolha do editor, possibilita transmitir uma "ideia de credibilidade e confiabilidade, ou ainda noções de tradição ou significância histórica" (SAMARA, 2011, p. 29). As fontes sem serifa podem ser utilizadas nos títulos e outros espaços de hierarquização dos textos. Obedecendo-se essas recomendações no projeto gráfico são determinados padrões específicos para as entradas textuais como os títulos e subtítulos, o texto, a capa, entre outros.

Além dessas recomendações devem ser observados os critérios de legibilidade, leiturabilidade e pregnância para um uso adequado das fontes. Legibilidade refere à

capacidade de um caractere tornar-se identificável, distinguível, assentindo que "as formas de diferentes letras de um mesmo desenho de tipo possam ser discriminadas com rapidez" e em consequência as palavras e frases são percebidas mais facilmente (NIEMEYER, 2003, p. 82).

A legibilidade é fundamental a impressos que exijam uma leitura intensa como livros e revistas. Para Niemeyer (2003, p. 83) trata-se de um quesito que deve ser observado com cuidado, pois "se um texto não é muito legível, esta característica vai afetar de modo determinante a velocidade em que o texto é lido e aumentará o esforço mental necessário para identificar corretamente as letras e a consequente compreensão do texto".

De forma semelhante à leiturabilidade reporta ao reconhecimento do conteúdo da informação impresso em um determinado suporte com uma significação que deve ser decodificada pelo leitor. Essa qualidade tipográfica depende do espacejamento (espaço entre os caracteres), do espaçamento entre as linhas, do comprimento de linha e das margens. A pregnância determina a característica de um caractere ou agrupamento de caracteres se destacar em uma composição textual. Textos com essa particularidade recebem maior atenção do leitor e facilitam o controle da recepção (NIEMEYER, 2003).

O imperativo de tornar um impresso legível e compreensivo deve servir de referência para arranjar os aspectos visuais de uma publicação. A tipografia deve facilitar a navegação do leitor, orientando-o por meio de uma hierarquização competente, sobretudo em textos longos e com um grande número de informações que exigem um grande esforço. O texto arranjado na página deve cuidar de todos esses aspectos para garantir uma experiência de leitura confortável, contínua e que permita a aquisição do conteúdo de um impresso e das intenções dos seus editores.

A RBCE n. 1, v. 1 de 1979 tem os títulos com fonte tipo manuais, sem serifa, caixa-alta, sublinhada e texto com caracteres tipo manuscrito, caixa-baixa, sem serifa. Excetuando-se o editorial que foi impresso com caracteres do texto romanos, serifados, caixa-baixa e título em negrito, sublinhado, com tipos lineares sem serifa. A composição tipográfica desse primeiro número cansa facilmente o leitor. Tipos manuscritos, sem serifa, dificultam a leitura e sua organização linear.

No número seguinte (RBCE, 1980a) a utilização dos tipos foi revista. Os títulos das seções foram grafados com tipos lineares, sem serifa, espacejamento maior, caixa-

alta, negrito e sublinhado. Os títulos dos artigos mantiveram os mesmos tipos, porém sem o espacejamento e sublinhados com duas linhas. Os subtítulos foram escritos com fontes lineares, sem espaço, caixa-alta. Títulos de artigos e os subtítulos tem o mesmo tamanho. O corpo do texto com os mesmos tipos lineares, não serifados e sem espaço. Foi incluída a indicação bibliográfica da revista com tipos lineares, em itálico, localizada a esquerda, próxima à margem superior. Essas alterações melhoraram a percepção e orientação do leitor no texto.

A RBCE n. 3, v. 1 de 1980 teve sua composição tipográfica modificada em alguns aspectos. Os títulos das seções deixaram de ser sublinhados e tiveram seu corpo reduzido. Procedimento parecido foi tomado para os títulos dos artigos que também não foram sublinhados. Essas inovações reduziram a hierarquização dos títulos, obstaculizando o acompanhamento da leitura.

No segundo número do segundo volume (RBCE, 1981a) o uso de duas linhas para sublinhar uma seção foi reativado para frisar o título "Curso de Metodologia Científica", única mudança do projeto tipográfico. De modo idêntico a continuação do "Curso de Metodologia Científica" foi editorada da mesma forma na revista consecutiva (RBCE, 1981b). Essa formatação foi abandonada na RBCE n. 1, v. 3 de 1981 para imprimir a inscrição "Curso de Medicina do Exercício" que foi exibida com as mesmas características dos títulos dos artigos.

O número subsequente (RBCE, 1982a) modificou-se os títulos dos artigos que passaram a ser redigidos com um tipo com corpo ampliado, diferenciando-se dos subtítulos. Adequação positiva para o leitor que passou a elencar com mais facilidade a leitura e a ordenação do conteúdo textual do impresso. Na RBCE n. 3, v. 3 de 1982 os títulos dos artigos deixaram de ser impressos com o destaque em negrito. No entanto, a manutenção do tamanho do corpo do tipo permitiu a percepção precisa da hierarquia do texto.

Em todo os números do volume 4 e 5 os títulos dos artigos voltaram a ser destacados com negrito, mas tiveram uma redução do tamanho do corpo do tipo, porém garantindo-se sua diferenciação em relação aos subtítulos. Outro destaque foi a adição dos títulos das classificações dos artigos (original ou revisão) acima do título a direita com tamanho e grafia idêntica aos subtítulos. Esses aperfeiçoamentos mantiveram a hierarquia textual e facilitaram a identificação da classificação dos artigos que nas

revistas anteriores eram listadas apenas no índice. Esse foi o projeto tipográfico mais harmonioso analisado.

Na RBCE n. 3, v. 5 de 1984 e em todos os números do sexto volume (1984-1985) os textos dos resumos e *abstracts* passaram a ser impressos com tipos em itálico. Destaque que pretendeu distingui-los do corpo do texto dos artigos que permaneceram sem frisos. No segundo número do sétimo volume (RBCE n.2, v.7, 1986) os resumos deixaram de ser publicados em itálico, tiveram o corpo do tipo reduzido em relação ao restante do texto e foram dispostos em um box. Os corpos dos tipos do texto tiveram uma ampliação quando comparados com os números anteriores. O texto foi diagramado em três colunas. Único número que apresentou um plano tipográfico mais arrojado, com mais elementos que facilitavam a navegação por seu conteúdo.

Essa formatação foi abandonada no número subsequente (RBCE, 1986b) que voltou a publicar o resumo em itálico, porém apartado do texto e do título por duas linhas horizontais. O título "resumo" deixou de ser destacado em negrito e passou a ser alocado ao lado do texto e em itálico. O corpo dos tipos do texto foi novamente reduzido aproximando-se dos volumes anteriores.

Percebe-se a dificuldade enfrentada para alcançar um modelo ajustado a necessidade dos leitores. A composição tipográfica, nem sempre apropriada, obstaculizou a compreensão do texto afetando sua leiturabilidade. O texto não foi hierarquizado precisamente em todos os números afetando a localização das informações. Deve ser frisado que a experimentação de formatos diferenciados demonstra o intuito de melhorar a proposta tipográfica da revista, ainda que, o número da RBCE (1986a) que apresentou a melhor disposição desses elementos tenha sido renegado.

Os anais publicados no periódico contiveram uma configuração tipográfica peculiar. Os anais do "I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" impresso na RBCE n. 1, v.1 de 1979 mantiveram as mesmas fontes usadas na revista para a apresentação das comissões e do programa oficial. Em contrapartida os resumos dos temas livres obedeceram à outra formatação. Dispostos dentro de um quadro foram utilizados caracteres romanos, serifados, caixa-alta, para o título, nome dos autores e filiação. Em alguns casos o texto dos títulos foi sublinhado. Para o texto do resumo foi utilizada a mesma fonte, serifada, em caixa-baixa.

Nas páginas 55, 65, 66 foram impressos resumos com títulos e texto com tipos manuscritos, caixa-baixa, sem hierarquização. Auferem-se por essa descrição as dificuldades encontradas nesse primeiro número para conseguir uma padronização. As alternâncias de tipos e o abandono da hierarquização textual são sintomáticos.

O Suplemento n. 1 de 1981 reforçou a análise da falta de uniformidade do projeto tipográfico, já constatada. Nas páginas iniciais desse número foi publicada uma carta de agradecimento ao patrocinador do evento, Adidas, com fonte manuscrita em negrito, com tamanho ampliado. Foram utilizados caracteres manuscritos com um estilo díspar dos utilizados anteriormente, que acentuou a imitação da escrita caligráfica, sugerindo um desenho artesanal e particularizado.

Para a exibição das comissões do evento e do programa oficial foram utilizadas fontes lineares, não serifadas, com caixa-alta e negrito nos títulos. Os títulos do evento e do programa oficial foram sublinhados. Nos temas livres foram utilizadas séries tipográficas variadas, sem nenhuma ordenação aparente. Em alguns resumos foram empregados caracteres romanos, serifados, em caixa-alta, sublinhados, para os títulos e caixa-baixa, sem friso para o texto. Em outros foram usados tipos lineares, sem serifa, no resumo, modificados para caixa-ata com negrito nos títulos. Em menor número (apenas três) foram utilizadas fontes manuscritas. Um dos resumos foi publicado todo em negrito.

Na RBCE n. 1, v. 5 de 1983 foram publicados os Anais do “III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte”. Para os títulos do evento e do programa foram utilizados fonte linear, sem serifa, caixa-alta e negrito. No texto foram usados tipos romanos serifados e com variação de palavras em caixa-alta e baixa. De modo análogo aos anais anteriores nos temas livres foram utilizadas conformações tipográficas diversificadas, sem padronização. Foram empregados caracteres romanos, lineares e manuscritos, serifados e sem serifa, caixa-alta e caixa-baixa, sublinhados, com e sem negrito. Apenas um resumo foi publicado com todos os caracteres em caixa-alta.

Nos anais dos dois números (Suplemento n. 1 de 1981 e RBCE, n. 1, v. 5 de 1983) o corpo das fontes foi drasticamente reduzido a fim de ser inserido na diagramação em quatro quadros por páginas. Além disso, como os textos tem uma quantidade destoante de caracteres, o tamanho das fontes dos resumos ficou desigual. A legibilidade foi altamente prejudicada, levando os leitores a uma leitura forçada e

desagradável, possivelmente evitada. Essas dessemelhanças evidenciam a falta de cuidado com a uniformização e a ausência de uma revisão tipográfica adequada.

Ainda, foi impresso na RBCE n. 3, v. 5 de 1984 os Anais do "II Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento" e "Congresso Regional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte". O formato tipográfico adotado seguiu as publicações que o precederam com o uso de tipos lineares, não serifados, em caixa-alta e negrito para os títulos na apresentação das comissões e do programa oficial.

De mesmo modo, nos resumos dos temas livres foi identificada a já relatada "desordem" tipográfica dos antecessores. O número de textos impressos todo em negrito foi superior. Realça-se que o termo "resumo" foi impresso de modo uniforme, acima de cada quadro, com fonte linear, em caixa-alta e sublinhada. Única modificação favorável. O mesmo procedimental foi seguido para a editoração dos Anais do "IV Congresso de Ciências do Esporte" publicado na RBCE n. 1, v. 7 de 1985.

A partir da descrição dessas características evidencia-se uma série de empecilhos que atravancam a apreciação dos textos publicados nos anais. Problemas de uniformização textual, complicações com a hierarquização textual, utilização descuidada de famílias tipográficas diferentes em um mesmo layout, falta de espaçamento e espacejamento apropriado. A legibilidade e consequentemente a leiturabilidade foram comprometidas por esses erros, tornando a leitura cansativa e incômoda.

No primeiro ano analisado da revista Stadium (13° ano, 1979) os títulos foram grafados com tipos romanos, serifados, caixa-alta e baixa, em negrito e com corpo ampliado. Em alguns títulos a cor tipográfica foi modificada (utilizaram-se cores próximas a padronização realizada nas capas). Para o texto foi utilizada a mesma família tipográfica, sem negrito e com corpo tamanho padrão (11 pontos). Os subtítulos foram diferenciados pelos efeitos de caixa-alta e negrito. O texto foi arranjado em duas colunas. O espaçamento e o espacejamento foram satisfatórios.

As fotocópias disponíveis do 14° ano da revista possibilitaram verificar o emprego das mesmas técnicas das revistas anteriores com a adição do efeito itálico em alguns títulos (aparentemente de modo aleatório). Em todos os números do 15° ano (1981) os mesmos procedimentos foram utilizados, porém o uso de cor para diferenciar os títulos foi acentuado. O vermelho foi eleito para essa função, não importando mais a paleta de cores utilizada nas capas. Essa composição se repetiu no restante dos números

analisados (16° ano - 1982, 17° ano - 1983, 18° ano - 1984, 19° ano - 1985, 20° ano - 1986).

Nota-se em todos os números analisado um cuidadoso trabalho de hierarquização textual e a preocupação com o oferecimento de um texto facilmente identificável (legibilidade), agradável à leitura. O uso adequado das fontes garantiu a leiturabilidade necessária a aquisição das informações que foram dispostas. Os recursos de diferenciação tipográfica (cor, tamanho e efeitos) garantira a ênfase dos títulos e orientaram a navegação no texto, facilitando sua compreensão.

Pela comparação da configuração tipográfica das duas revistas distinguem-se formatos distintos que contrastam. A RBCE demonstra um conjunto de falhas e incorreções que confundem o leitor e inibem a leitura. Os editores não alcançam a padronização necessária e testam a cada número possibilidades diferentes. Essas limitações agravam-se quando se observa a formatação dos resumos que pecam pela falta de legibilidade.

Em contraposição na Stadium a uniformização do projeto tipográfico, a hierarquização precisa, os usos adequados do espaçamento e do espacejamento auxiliam a leitura, tornando-a aprazível e descomplicada. Mais uma vez, infere-se que a experiência acumulada dos editores contribui para que se possa conduzir mais facilmente o leitor pelo texto da revista.

2.1.6. Ilustrações

Ilustração refere-se as imagens utilizadas como suporte para o texto, podem ser empregados, desenhos, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, retratos, etc. O uso de imagens prevê um planejamento específico e demanda recursos para publicação, deve-se preocupar com a resolução e com a qualidade da reprodução. Seu uso atrela-se as intenções de transmissão das informações textuais, o estabelecimento de uma mediação dos signos textuais e composição da identidade do impresso (GRUSZYNSKI, 2000).

As ilustrações assumem uma gama variada de funções na construção de um projeto gráfico. Para Luís Camargo (1995) podem ser classificadas suas funções como pontuação (divide o texto, assinala seu início ou seu fim), descrição, narração, simbólica, expressiva (emoções e atitudes), estética e lúdica. Em uma linha

argumentativa semelhante para Samara (2011, p. 22) as imagens desempenham uma importante função ao oferecer "um contraponto visual à textura da tipografia", esclarecer informações complexas, formas auxiliares de interpretação de um texto e "envolver o público". Para o autor a escolha das imagens têm implicações de sentido que não devem ser negligenciadas.

Desse modo, concorda-se com Mara Rita Almeida de Toledo (2001, p. 135) quando assevera que "na proposição de um determinado modo de leitura, o discurso iconográfico não se dissocia dos dispositivos textuais na articulação de uma legibilidade", inserindo-se no conjunto de prescrições voltadas ao disciplinamento e condução da leitura. Orientou-se a análise das imagens veiculadas pelos impressos seguindo-se essas recomendações. As ilustrações contidas nas capas e nas imagens publicitárias foram analisadas separadamente (ver subtítulos correspondentes).

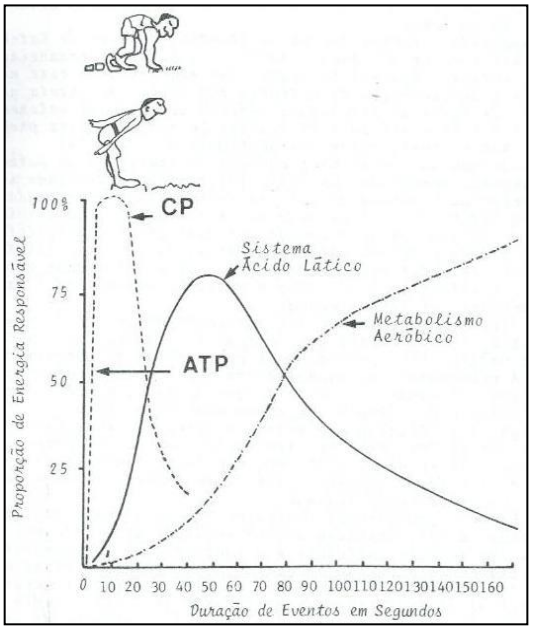


Figura 33 - Gráfico Fontes de Energia para Exercício (RBCE, 1979)

Pelo mapeamento das imagens inclusas no interior da RBCE notou-se um uso considerável de gráficos, esquemas e outras ilustrações com função de informar e complementar os textos em que foram diagramadas. No primeiro volume (1979-1980) foram encontrados gráficos diversos, os mais recorrentes relacionados à aferição do gasto energético, da potência e capacidade aeróbicas e anaeróbicas e testes de aptidão física (Figura 33).

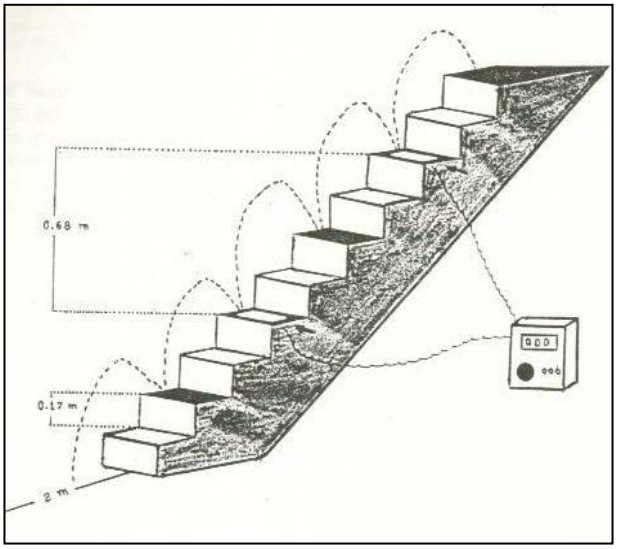


Figura 34 – Instrumental do Teste de Margaria (RBCE, 1980b)

Foi identificado o uso de esquemas explicativos com o objetivo de didatizar a compreensão do texto, exemplo disso foi à reprodução gráfica da utilização do ácido lático por um músculo.

Em número inferior foram ilustrados métodos e instrumentais utilizados em testes para medir alguma variável do desempenho físico como o Teste de Margaria (Figura 34) utilizado para medir a potência anaeróbica.

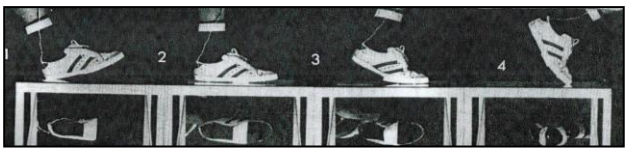


Figura 35 – Fases da marcha (RBCE, 1981a)

O volume seguinte (v. 2, 1980-1981) manteve a publicação de gráficos com temas semelhantes aos do volume anterior adicionando-se referências ao metabolismo energético e a mensuração da frequência cardíaca. Os esquemas explicativos também foram mantidos. Foram utilizadas fotografias para ilustrar estudos sobre biomecânica do movimento (Figura 35), inclusive a reprodução de uma cronofotografia com o mesmo propósito (Figura 36).

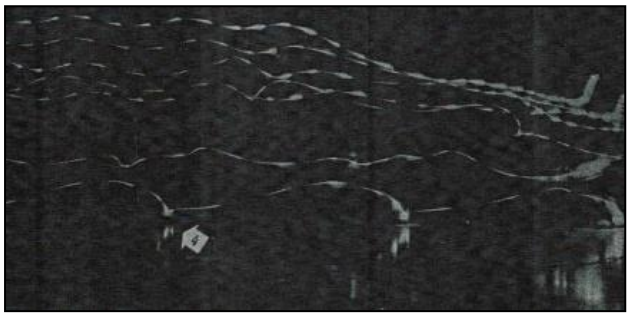


Figura 36 – Cronofotografia da marcha (RBCE, 1981a)

No início do último número desse volume (RBCE, 1981b) foi impresso um mapa com a divisão política do Brasil listando os estados nos quais o CBCE tinha associados (Figura 37). Essa ilustração foi acompanhada de um texto nomeando todas as cidades brasileiras e estrangeiras que contavam com sócios do CBCE. Estratégia de divulgação da importância, da abrangência da instituição e uma chamada a adesão para os leitores da revista.



Figura 37 – Mapa do Brasil com a existência de sócios do CBCE assinalada (RBCE, 1981b)

As ilustrações dispostas no terceiro volume (1981-1982) referiram-se a demonstração gráfica de circuitos de testes. Gráficos de frequência cardíaca, de consumo de oxigênio, de demonstração do modo de construção de diferentes tipos de escalas para avaliação de resultados de testes físicos, compogramas com dados

antropométricos e desenhos com somatotipos (Figura 38) foram igualmente selecionados.

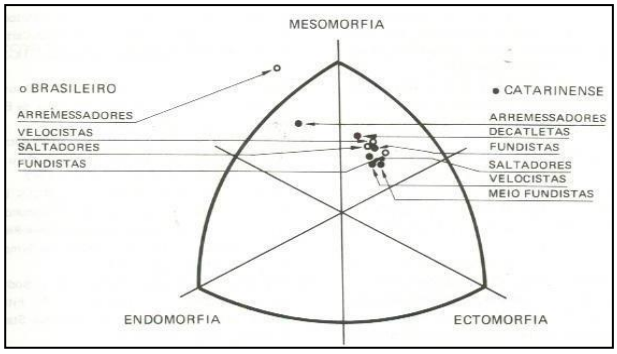


Figura 38 – Comparação de somatotipos de atletas (RBCE, 1982b)

No volume subsequente (v. 4, 1982-1983) gráficos de percepção de esforço, de consumo de oxigênio e compogramas de aptidão física foram recorrentes. De modo diferencial foi adicionado um esquema de teste ergoespirométrico ilustrado (Figura 39).

O quinto volume (1983-1984) trouxe a inovação da publicação de um conjunto de figuras explicando exercícios no espaldar sueco (Figura 40) exercícios no espaldar sueco. Os gráficos também foram aproveitados com referências a dobras cutâneas, determinação de peso e altura, pressão arterial e testes físicos. Mais um desenho de teste ergoespirométrico foi acionado.

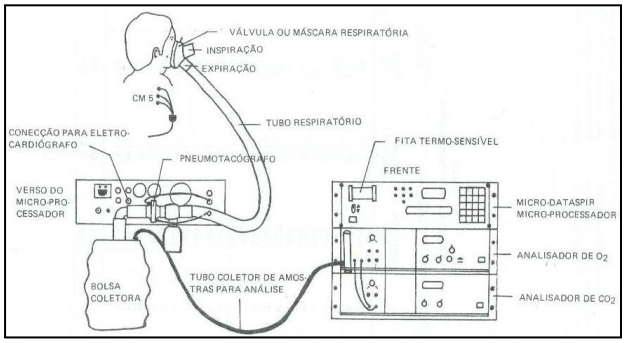


Figura 39 – Teste Ergoespirométrico (RBCE, 1983b)

Demonstrações de exercícios serviram como imagens de modo análogo, no sexto volume do impresso (1985). Novamente equipamentos ergoespirométricos foram representados em desenho e fotografia. Os gráficos aludiram ao consumo de oxigênio, ao rendimento da aprendizagem e a aferição da flexibilidade. Foram utilizadas imagens de um teste de flexibilidade e de um flexômetro.

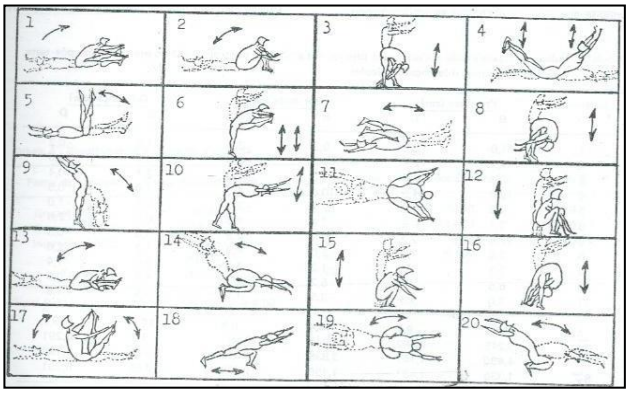


Figura 40 - Exercícios no Espaldar Sueco (RBCE, 1984a)

O último volume examinado, sétimo volume (1986), publicou desenhos demonstrando exercícios de flexão de tronco, acompanhados das respectivas eletromiografias. Utilizaram-se, ainda, uma figura de uma técnica aplicada no

diagnóstico de problemas posturais e uma representação do uso de uma plataforma de salto acompanhada de sua referente cronofotografia.

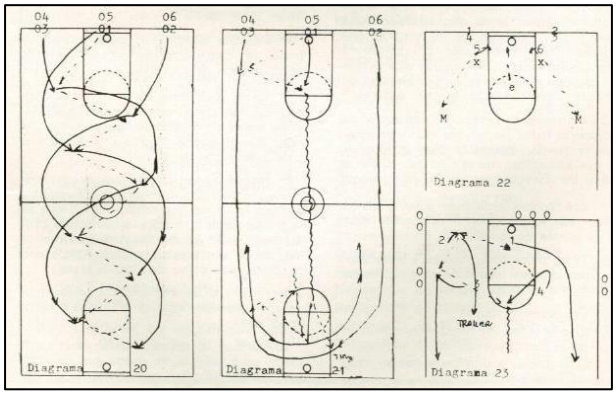


Figura 41 – Diagrama Tático (STADIUM, 1979a)

As imagens publicadas na RBCE assumiram a função de complementar as informações contidas nos textos e auxiliar a compreensão do leitor sobre seu conteúdo. Gráficos, esquemas, desenhos e fotografias serviram, majoritariamente, a explicação da determinação da aptidão física de atletas e a análise da biomecânica do movimento. A figura do mapa do Brasil foi usada como estratégia de divulgação da importância e abrangência do CBCE destoando da função assumida pelas demais.

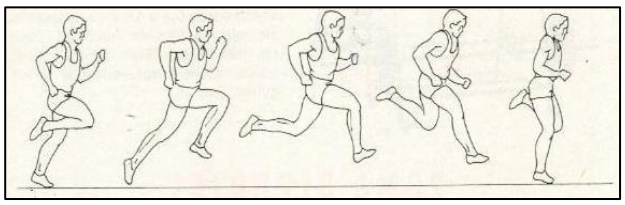


Figura 42 – Sprint (STADIUM, 1979b)

A revista Stadium serviu-se de uma série abundante e diversificada de imagens para compor os textos que veiculou. No primeiro ano analisado, 13° ano (1979), foram impressos gráficos indicando velocidade de corrida, intensidade de treinamento físico, figuras com o propósito de esclarecer técnicas variadas do atletismo, diagramas denotando táticas de esportes coletivos (Figura 41), demonstrações e esquemas de aulas de iniciação esportiva e exercícios de preparação física (Figura 42), representações de materiais, aparelhos e instalações esportivas. Os desenhos publicados tinham um traço simples, sem grandes elaborações e quase todos não apresentaram uma legenda explicativa indicando sua intenção. Essas características foram observadas em quase todas as imagens analisadas nos anos posteriores da publicação.

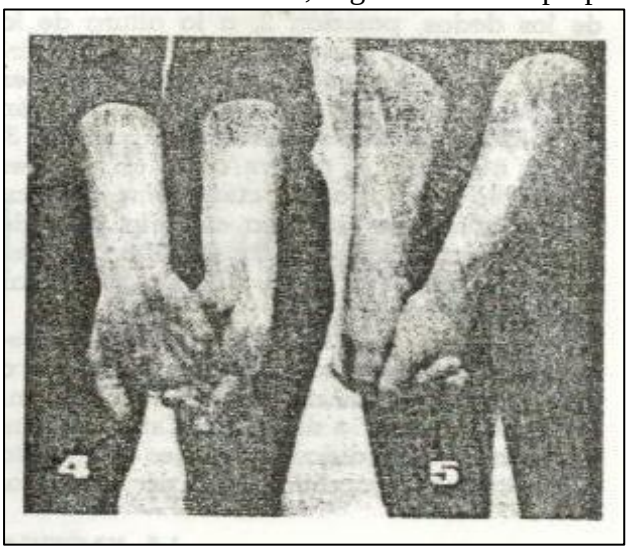


Figura 43 - Técnica de Voleibol (STADIUM, 1980a)

No ano seguinte, 14° ano (1980), os temas das figuras foram reeditados, porém foram inclusas figuras relacionadas a testes motores e correção postural. Outra alteração refere-se a utilização de fotografias sobre o aprimoramento de técnicas esportivas diversificando as formas de ilustração já experimentadas (Figura 43).



Prof. ALBERTO LANGLADE

El año pasado terminó con una infausta noticia: el fallecimiento del profesor **Alberto Langlade.** Su desaparición es un hecho lamentable que nos llena de tristeza y desazón. Quienes están ligados a nuestra Editorial y a la Revista "Stadium" conocen la amistosa relación que existía entre el profesor Langlade y nosotros, amistad que por verdadera estaba basada en el respeto que teníamos por él como persona y educador.

Rendimos homenaje a su personalidad, sus ideas, su obra y a sus constantes desvelos por una educación física mejor.

La Educación Física iberoamericana ha perdido a una de sus más brillantes figuras.

Editorial Stadium

Figura 44 - Nota de Falecimento (STADIUM, 1981a)

O 15 ° ano (1981) manteve as imagens relacionadas as técnicas, táticas e ao treinamento esportivo e ampliou o número de desenhos relacionados ao desenvolvimento e a aprendizagem motora. Foi expressa a nota de falecimento com uma foto de Alberto Langlade (Figura 44) membro do corpo editorial da revista. Foram usadas fotos de crianças para exercícios para a Educação Física infantil (Figura 45). Outra novidade foi a utilização de gráficos relacionados a nutrição esportiva.



Figura 45 - Criança com bola (STADIUM, 1981b)

As revistas editadas em 1982 (16° ano) apresentaram, além do mesmo tipo de imagens referentes ao esporte mencionadas, uma preocupação em ilustrar o ensino de esportes para escolares. Desenhos do coração e um eletrocardiograma ornamentado com a figura de um atleta também foram publicados.

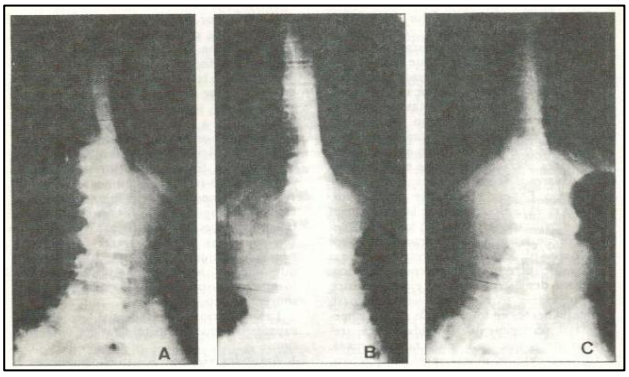


Figura 46 - Radiografia da coluna vertebral (STADIUM, 1983f)

O ano subsequente, 17° ano (1983), conservou a mesma tônica dos anos anteriores com uma intensificação de imagens relacionadas ao ensino de esportes para escolares. De modo original foi impresso um conjunto de radiografias sobre o efeito do exercício no sistema ósseo de

crianças e adolescentes (Figura 46). O único exemplar examinado do 18° ano (1984) seguiu a mesma conduta no uso das imagens relatada.

Em 1985 (19° ano) foram empregados de modo diferenciado desenhos de jogos para escolares, gráficos de controle bioquímico do treinamento, demonstrações do reconhecimento de doenças em corredores, esquema sobre a relação esporte e ciência, imagens sobre biomecânica do movimento, fotos a respeito da educação psicomotora com cegos (Figura 47), organogramas sobre os exames de ingresso nos Institutos de Educação Física.



Figura 47 - Educação Psicomotora para cegos (STADIUM, 1985d)

Foi publicada, também, uma foto acompanhando uma homenagem ao falecimento de Enrique Romero Brest[87]. Ressalta-se a inserção de figuras com um melhor acabamento estético que as empregadas tradicionalmente na revista. Em uma dessas figuras foram representados balões com escritos em francês (Figura 58), coligi-se que os editores efetuaram uma reprodução das imagens da fonte original do texto sem edição aparente.

O último ano investigado, 20° (1986), afora as temáticas tradicionais, publicou imagens sobre o comportamento físico do homem em seu trabalho e sobre o uso de computadores na avaliação biomecânica do movimento. A utilização de figuras de melhor qualidade originárias de textos franceses foi reiterada.



Figura 48 – Vôlei para escolares (STADIUM, 1985f)

As ilustrações assessoraram os sentidos dos textos e contribuíram para a didatização da leitura. Técnicas, táticas e modos de treinamento esportivo foram às temáticas mais recorrentes. O desenvolvimento e a aprendizagem motora também foram lembrados. Nos últimos anos analisados a relação do esporte com

[87] Enrique Romero Brest (1873 - 1958) médico do esporte, pioneiro no ensino da Educação Física e fundador do primeiro "*Instituto Superior de Educación Física*" na Argentina.

a ciência passaram a ser representados. Destacou-se o emprego das imagens para prestar condolências a figuras ilustres do esporte e da Educação Física na Argentina.

Comparando-se os dois impressos percebe-se que as funções atribuídas as imagens foram similares. Em ambos as ilustrações serviram para auxiliar e didatizar a compreensão do leitor sobre o conteúdo dos textos. As temáticas apresentaram variações uma vez que na RBCE as imagens relacionavam-se a mensuração da aptidão física e na Stadium as técnicas, as táticas e ao treinamento esportivo, com menções ao desenvolvimento e a aprendizagem motora.

O uso de imagens para promoção dos locais responsáveis pelas revistas foi aproveitada pelas duas revistas. A Editora Stadium utilizou amplamente espaços da revista com esse objetivo (ver item peças publicitárias). A função de homenagear personalidades ilustres que faleceram foi utilizada exclusivamente pela Stadium.

2.2. Circulação

O planejamento da circulação é um passo basilar para afiançar a consolidação de um periódico. Devem ser projetadas e conservadas as condições para o estabelecimento da sua regularidade, tiragem, formas e alcance da sua distribuição e difusão. Elementos indispensáveis à continuidade de uma coleção. Em complementação é válido informar as formas de aquisição, assinatura, permuta e preços praticados que concorrem para garantir a distribuição adequada de um periódico.

Os membros do CBCE ao quitarem a anuidade referente à sua permanência na instituição adquiriam o direito a receber por via postal todos os números da revista. No entanto, a comunidade de leitores não se reduzia apenas a esse público específico. Em seu primeiro número (RBCE, 1979) a RBCE publicou informações destinadas aos leitores não membros que tinham o interesse em adquirir a assinatura da revista. Para efetuar esse procedimento bastava fazer a solicitação a sede do CBCE e enviar conjuntamente um cheque nominal no valor de Cr$ 300,00 referentes a quatro números que corresponderiam a assinatura anual. O número avulso era comercializado a Cr$ 100,00. Na revista seguinte (RBCE, 1980a) o texto e os valores para compra foram reformulados. Foi acrescentado o endereço completo para correspondência, a taxa de

assinatura foi aumentada para Cr$ 500,00 e o exemplar avulso passou a custar Cr$ 150,00.

No terceiro número desse volume (RBCE, 1980b) novas regras foram estabelecidas. Foi configurada uma ficha de inscrição contendo dados como nome, endereço e telefone. A forma de remuneração eleita foi a realização de uma ordem de pagamento para a conta bancária do CBCE. Ocorreu uma alteração do valor do número avulso na RBCE n. 1, v. 2, de 1980 que passou a ser comercializado por Cr$ 200,00.

Informações semelhantes só foram publicadas na RBCE n. 3, v. 4 de 1983. Na contracapa foram detalhados a forma e os valores para a aquisição dos exemplares anteriores. Foram fixados preços para a compra no Brasil e no Exterior. Os volumes foram comercializados por Cr$ 12.000,00 cada no Brasil e US$ 11,00 no exterior. Os exemplares avulsos custavam Cr$ 4.000,00 e US$ 4,00 respectivamente. A forma de pagamento foi diversificada aceitando-se tanto ordem de pagamento quanto cheque nominal. O mesmo procedimento foi sugerido na RBCE n. 2 e n. 3 do v. 5 de 1984. Nos exemplares posteriores nenhuma informação desse gênero foi editada.

Com relação à circulação a publicação da lista de sócios do CBCE no Suplemento n. 1 de 1981 autoriza vislumbrar o alcance da distribuição da revista. No Brasil foram elencados assinantes nos estados do Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. Em território internacional na Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos, Guatemala, México, República Dominicana e Suécia. Sua tiragem foi de aproximadamente 2000 exemplares.

A Revista Stadium editou no primeiro número analisado, n. 73 de 1979, um quadro listando os pontos de venda da revista em território argentino e internacional. No final da edição foi descrita outra forma de aquisição via correspondência e foram fixados os preços dos exemplares. A assinatura anual foi cotada por $ 12000 (6 números) na Argentina, US$ 10,50 para envio por via marítima e US$ 15,50 para transporte aéreo (só para países limítrofes). O exemplar avulso foi comercializado a $1200 e US$ 1,75 respectivamente. Os preços em solo argentino eram atualizados em intervalos pequenos, quase todos os números, em decorrência da desvalorização da moeda local.

No último número do 13° ano (n. 78, 1979) o preço foi alterado para US$ 12 para a assinatura e US$ 2 para a revista adquirida separadamente. Esses informativos foram impressos em todos os anos observados. A partir da Stadium n. 85 a assinatura passou a custar US$ 15 e o exemplar solto US$ 2,25 valores que permaneceram sendo praticados em todos os números posteriores.

Pela verificação da distribuição dos pontos de venda pode-se projetar o alcance da circulação do periódico. A Stadium na Argentina era comercializada nas cidades de Mendoza, Rosário, Córdoba, La Plata, Buenos Aires, Viedma, San Miguel de Tucumán, Mar del Plata, Santa Fe e Paraná. No exterior era vendida no Brasil, Chile, Equador, Espanha, Holanda, Itália, Panamá, Peru, Portugal, Alemanha, Uruguai, Venezuela e Estados Unidos. A tiragem da revista foi de aproximadamente 1000 exemplares.

As formas de aquisição dos dois periódicos tinham pontos convergentes e diferenças. A RBCE tinha os sócios do CBCE como público consumidor obrigatório, uma vez que, a assinatura da revista era gratuita para o associado. No entanto, realizava a venda via postal para não associados. A Stadium estabeleceu pontos de venda no território argentino e no exterior e também foi comercializada por via postal. Quando comparado o valor de venda em dólares das duas revistas nota-se um custo superior da RBCE que pode ser estimado em U$ 0,08 por folha e U$ 3,66 por exemplar em contraponto com a Stadium que era comercializada a U$ 0,04 por folha, a metade do valor, e U$ 2,34 por número.

A formatação da materialidade utilizada pelos dois impressos observadas em conjunto consentem assegurar que tinham em comum a projeção de uma comunidade de leitores inseridos ou buscando seu engajamento no universo da Educação Física e dos Esportes, interessados em investir em formação e capacitação, ainda que possam divergir com relação a uma intenção e a uma postura acadêmica como na RBCE ou técnica como na Stadium. No entanto, as disparidades entre as duas propostas merecem maior atenção.

O projeto gráfico foi um quesito que distinguiu consideravelmente os dois periódicos. As capas da Stadium destacaram-se pelo uso do contraste, escolha das cores, na criação do logotipo, na composição tipográfica e na utilização de imagens e fotografias. A RBCE optou pela simplicidade, com o uso de poucos detalhes e imagens. O mesmo ocorreu na ocupação das 2ª, 3ª e 4ª capas. A Stadium as utilizou como um

espaço comercial importante, ao passo que a RBCE exibiu dificuldades em sua ocupação, deixando-as em branco em alguns números.

Cotejando-se as representações imagéticas percebeu que os dois impressos compartilharam referências ao esporte de elite e o desejo de imbuir de cientificidade as práticas esportivas. Todavia a Stadium exibiu em alguns números uma composição visual lúdica para abordar o esporte e incluiu outras práticas corporais com características mais relacionadas ao lazer. A RBCE, porém, nas últimas capas examinadas escolheu imagens destinadas a incitar o leitor a realizar uma leitura crítica dos riscos sociais nos quais as crianças se submetem uma reorientação significativa das significações que costumava utilizar.

O uso da publicidade demonstrou disparidades consideráveis. A RBCE limitou-se a empregar poucas peças publicitárias, sem grande organização, enquanto a Stadium empenhou-se em utilizar uma estratégia arrojada capaz de associar a edição e distribuição de literatura especializada a venda de materiais e equipamentos esportivos.

Para a diagramação e a tipografia a RBCE testou modelos diferentes com resultados nem sempre satisfatórios, sobretudo quando considerado a impressão de anais de congressos. A Stadium promoveu uma diagramação adequada e uniforme, assim como escolhas tipográficas apropriadas.

A escolha dos papéis e o uso das imagens se assemelharam. Os papéis foram selecionados contrapesando-se atratividade e custo final. As imagens procuraram complementar a compreensão do leitor sobre o conteúdo dos impressos. Assinala-se que os temas se distinguiram, uma vez que, a RBCE veiculou majoritariamente imagens relacionadas à mensuração da aptidão física e a Stadium figuras sobre técnicas, táticas e treinamento esportivo.

O exame da circulação das duas revistas apresentou como contraste a determinação de um público consumidor obrigatório para a RBCE formada por sócios do CBCE que recebiam sua assinatura. A Stadium tinha como estratégia comercial o estabelecimento de pontos de venda no território argentino e internacional e a venda por via postal. A RBCE apresentou também um custo por página e exemplar superior a Stadium. A abrangência territorial da distribuição das revistas foi semelhante, ambas procuraram atingir todo o território nacional e estabelecer consumidores também no exterior.

O exame dos suportes materiais, dispositivos e estratégias editoriais utilizados foi complementado pelo cotejamento das representações acionadas sobre o esporte, o ensino de Educação Física, sua cientificidade e sua posição acadêmica se ambicionado o esquadrinhamento das intenções e significados transmitidos pelos dois impressos a sua comunidade de leitores. O confronto dos textos das revistas com esse conjunto de chaves analíticas foi escolhido como objeto do terceiro capítulo dessa tese.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÕES DISSONANTES: CIÊNCIA, ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA RBCE E NA STADIUM

> *Yo veo la sociedad como una red de narraciones, no sólo es una red de intercambios económicos o sentimentales, sino también una trama de relatos.*
>
> Ricardo Piglia

Nesse capítulo focalizaram-se as representações que foram manejadas pelos periódicos para gerar efeitos de sentido determinado, projetados para imprimir convencimento e adesão de um leitor idealizado, que deveriam irradiar-se por todo o campo da Educação Física. Desse modo, autores e editores operaram "classificações e hierarquizações que produziram as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade". Especificamente orquestraram "práticas e signos que visaram a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um status, uma categoria social, um poder" (CHARTIER, 2011, p. 20).

Atentou-se para as razões, os códigos e as finalidades que foram acionados por esses dispositivos de enunciação destinados a professores, técnicos, alunos e demais interessados pelo universo da Educação Física e dos esportes. As representações examinadas foram capazes de demonstrar o enfrentamento de interesses contrários que orbitavam em torno de lograr autenticidade a determinado conjunto de conhecimentos e habitavam um mesmo suporte material.

Buscou-se atribuir ênfase as tensões e as representações combativas que se engajaram em lutas simbólicas para legitimar certo ordenamento para a área de Educação Física. Inquietou-e com as rupturas e suspensões que permitiram antever o confronto entre modulações divergentes fomentadoras de movimentos renovadores que trouxeram outros elementos para a compreensão dos processos de conceber e praticar uma educação corporal.

Para a análise revisitou-se a categorização e seus critérios utilizados no primeiro

capítulo dessa tese. Criou-se o eixo “Ciência, Cientificidade e Epistemologia” e foram mantidos os eixos “Teorias e Práticas sobre o Esporte” e “Atuação e Formação de Professores para a Educação Física Escolar”. No entanto, os parâmetros de seleção dos textos foram refinados. Pensando-se no escopo da tese e os indícios encontrados pelo exame dos objetos de pesquisa o interesse recaiu sobre os textos que articulavam conceitos, valorações e encaminhamentos para o campo da Educação Física.

Em especial, centrou-se a análise sobre os textos que defendiam um posicionamento, demonstravam uma tomada de posição e ou destoavam do conteúdo que convencionalmente circulava no interior das revistas, sobretudo pela possibilidade de antever polêmicas, abordar outros interesses e traçar novos trilhos que poderiam ser seguidos pelo campo. Acredita-se que as rupturas, mesmo as mais diminutas, podem provocar redimensionamentos nas concepções e abordagens científicas e pedagógicas abalando suas balizas mais convencionais por isso a atenção especial despendida a elas se justifica.

Assim, o primeiro eixo, “Ciência, Cientificidade e Epistemologia” focou a seleção de acepções sobre a ciência, métodos e técnicas de pesquisa, formas de produção e divulgação de conhecimento científico, conjeturas sobre a cientificidade da área, sua validade e finalidade. O segundo eixo “Teorias e Práticas sobre o Esporte” incluiu os temas relacionados às teorizações sobre o esporte, suas acepções, encaminhamentos futuros e controvérsias.

O último eixo intitulado “Atuação e Formação de Professores” para a Educação Física Escolar abrangeu os textos que tinham como conteúdo a eleição e defesa de métodos e práticas pedagógicas para a Educação Física Escolar e a discussão de modelos, identidades, saberes e tendências para a Formação de Professores em Educação Física.

Os textos das revistas foram cuidadosamente esmiuçados e tiveram trechos recortados com a intenção de apresentar indícios, “efeitos de realidade”, a fim de construir um “saber histórico”, “uma representação do passado aceitável” (CHARTIER, 2011, p. 29). Assim, a interpretação desses escritos empenhou-se em delinear redes de sentido para construir a análise e explicação histórica dos princípios e operações utilizados por autores diversos para significar sua produção.

Após a leitura de toda a produção encontrada, no período correspondente ao recorte da pesquisa (1979-1986), os textos foram selecionados, classificados conforme o eixo correspondente e apresentados em ordem cronológica. Para a análise e sua

exposição optou-se por realizar um entrecruzamento entre os textos dos dois periódicos tecendo-se ilações pautadas em aproximações e distanciamentos encontrados em suas representações.

Na RBCE a maioria dos trabalhos[88] tinha delineamentos muito semelhantes. Compunham-se de análises fisiológicas, testes físicos, diagnósticos dos efeitos da prática da atividade física, propostas para o aperfeiçoamento das capacidades físicas, em suma, tinham em comum a motivação de melhorar os níveis de aptidão física da população.

Mesmo os esforços despendidos ao desenvolvimento do esporte eram restritos a análise e aprimoramento de habilidades físicas específicas, a avaliação de desempenho e no refinamento de algum gesto técnico empregado na realização de atividades esportivas. Também figurou como conteúdo uma série de julgamentos sobre os comportamentos mais adequados aos atletas de rendimento e sugestões de como alcançá-los.

Esses textos compartilhavam um mesmo modelo científico que previa a descrição dos fenômenos, a coleta de dados e seu tratamento baseados em princípios de quantificação e parâmetros da estatística (os mais utilizados eram média, desvio padrão, frequência e porcentagem). A confiabilidade e o requisito de cientificidade se resumiram a validade e a fidedignidade dos instrumentos utilizados e a exatidão do estabelecimento de relações lineares de causa-efeito.

Sublinha-se que essas características não eram exclusivas da RBCE, pertenciam ao campo da Educação Física como atestam as análises de Silva (1990b), Damasceno (2011), Taborda de Oliveira (2001), Bracht (1999). A título de exemplo, examinando a produção dos programas de pós-graduação em Educação Física em um período histórico semelhante Rossana aponta as características da concepção de ciência que os fundamentava. Pela similitude estes atributos podem ser estendidos para o paradigma científico que embasou a maioria dos textos veiculados pela RBCE:

> a ciência [...] é resumida aos processos de experimentação, controle e observação dos fenômenos e está associada à sistemática de coletar, registrar, caracterizar, analisar e descrever fatos, é concebida como um processo de conhecimento de fenômenos ou fatos a partir da experimentação, observação, análise e descrição de forma sistematizada desses fenômenos (SILVA, 1990b, p. 165).

[88] Para mais detalhes ver o Quadro 5 “Temário da Seção Artigo Original – RBCE (1979-1985)” e Quadro 7 “Temário dos artigos de revisão publicados na RBCE (1979-1986)”.

Deve ser ressaltado que muitos desses trabalhos eram estudos embrionários que apresentavam fragilidades, especialmente em sua fundamentação e nas conclusões alcançadas. Comumente taxadas de positivistas essas pesquisas empreendiam a aplicação de procedimentos técnicos sem muita consciência epistemológica, animadas mais pela adoção de uma racionalidade instrumental do que propriamente pela comunhão de uma concepção acabada de ciência e as decorrências dessa escolha.

Corroborando essa assertiva para Paiva (1994, p. 111) esses textos fundamentavam-se em "práticas de pesquisa empírico-analítica [...] reduzidas a meras aferições submetidas – às vezes sem adequação – a tratamentos estatísticos", continham "descrições minuciosas do material e método utilizado na pesquisa" denotando a maior preocupação de seus autores, mas na maioria dos casos chegavam a "[...] conclusões não conclusivas apontando que mais pesquisas devem ser feitas sobre o mesmo assunto" (PAIVA, 1994, p. 112).

Nesses estudos quando aparecem referências à escola ou a escolarização, os alunos são tratados apenas como população para pesquisa sob a alcunha de "escolares" e a escola se resume ao campo de realização da pesquisa. Os procedimentos condensavam-se na quantificação, comparação e análise estatística dos dados voltados à mensuração da aptidão física dessa população específica. Não era proposta nenhum tipo de intervenção ou contribuição à resolução de algum problema constatado. Interessava somente a coleta de dados e sua exibição na comunidade acadêmica. Conduta ainda existente no campo da Educação Física, mas não isenta de severas críticas.

Com características distintas a maior parte dos textos[89] editados pela Stadium versavam sobre como ensinar determinada técnica desportiva tematizando esportes variados, métodos de treinamento esportivo e construção de estratégias táticas também foram assuntos recorrentes. Destinavam-se a auxiliar o professor de Educação Física ou o técnico desportivo em sua atividade cotidiana sem muitas pretensões científicas.

A Stadium tinha a peculiaridade de publicar prioritariamente textos de autores estrangeiros já publicados em outros periódicos internacionais selecionados conforme os interesses dos editores da revista. França, Espanha e Alemanha eram os países de origem da maioria dos autores referendados. É válido afirmar que a revista tinha a preocupação de apresentar um amplo panorama das técnicas e discussões que ocorriam

[89] Para maiores informações ver "Quadro 11 – Temário artigos publicados na Revista Stadium (1979-1986)".

sobre a Educação Física e os esportes em âmbito mundial. Essa particularidade foi compartilhada com todo o campo da Educação Física na Argentina que segundo Saraví (2009, p. 149) exibe "uma fascinación por lo extranjero, por ló escrito, dicho o hecho en centros de producción del conocimiento internacionales".

Evidentemente que maior atenção foi dispensada a conteúdos voltados a exaltação do esporte como atividade fundamentalmente positiva que deveria ser difundida e instaurada no cotidiano das populações. O fascínio pelo rendimento esportivo, pela descoberta de atletas, pela ocupação do tempo livre com atividades esportivas e pela eleição do esporte como conteúdo da Educação Física escolar foram constantes encontradas na quase totalidade dos textos, porém vozes dissonantes também foram consideradas. Nesse momento o esporte pareceu se fundir a Educação Física emaranhando seus interesses e práticas, engendrando uma perturbação com relação a sua identidade e legitimidade (CRISORIO; CANDREVA, 1995).

Para Scharagrodsky (1995) a presença da Educação Física esportiva foi e ainda é vigorosa dentro do campo na Argentina. Essa corrente promoveu uma associação entre o paradigma corporal "de la medicina tradicional y el modelo de rendimiento técnico-motor del deporte de elite" reduzindo a compreensão do homem ao conceito de um corpo máquina dualizado (SCHARAGRODSKY, 1995, p. 3).

Os defensores do esporte publicados no impresso se alternaram entre um elogio aos princípios competitivos e a invocação de seus atributos lúdicos conforme o público que se destinavam. Aos atletas de alto nível a busca pelo melhor resultado, a eficiência técnica e a obsessão pelo rendimento eram os temas mais comuns. Para os praticantes comuns a aptidão física e a socialização foram às adjetivações mais invocadas.

Para a escola o discurso da esportivização da disciplina foi sustentado por sua contribuição ao desenvolvimento da saúde, pelo incentivo à massificação esportiva, pela detecção de novos talentos e pela imposição da disciplina necessária a conformação de um comportamento social apropriado. Essa argumentação inundou o campo da Educação Física na Argentina a época e se impôs como paradigma hegemônico (CARBALLO, 2009). No entanto, temas como ciência e a Educação Física escolar que compuseram além do esporte os demais eixos de análise desse capítulo também foram veiculados.

3.1. Ciência, Cientificidade e Epistemologia

Nesse eixo foi aglutinada uma série de textos que continham representações a respeito de métodos e acepções sobre o que é e como se deve fazer ciência, sua aplicabilidade e a defesa da necessidade de incutir cientificidade ao campo de Educação Física e ou esporte. Além disso, foram selecionados artigos que propunham classificações e reorientações epistemológicas para a disciplina.

No primeiro número da RBCE, n. 1, v. de 1979, Victor K. R. Matsudo, nessa ocasião presidente do CBCE, assinou a autoria de um artigo intitulado "Avaliação da potência anaeróbica: teste de corrida de 40 segundos" que é modelar para demonstrar as características dos textos que se encaixaram nessa classificação. Com o objetivo de propor um teste para mensurar a capacidade anaeróbica em "atletas de elite" o autor informa pistas de sua concepção de como fazer ciência utilizando "materiais e metodologia simples" com uma "alta aplicabilidade" premissas do "método brasileiro" de avaliação, "sugestões aplicáveis à realidade brasileira" (MATSUDO, 1979, p. 8).

Os alvos da análise, chamados de "atletas de elite", são caracterizados por meio de uma analogia com o Brasil e sua população, "um país em desenvolvimento", que tem como virtudes a "criatividade" e a "alta facilidade de adaptação" e como mazelas "as marcas e sequelas de baixo nível nutricional, educacional, de estimulação social e psicológica" (1979, p. 8). É desalentadora a representação do autor a respeito dos atletas nacionais de alto rendimento e salutar seu interesse e motivação em levar a análise científica ao desenvolvimento esportivo em condições "paupérrimas" para esportistas "famélicos".

O autor demarcou uma posição política destacando a função social da Educação Física, cobrando um destino justo as verbas do Plano Nacional de Educação Física e Desportos e criticou o sistema de saúde nacional em nome do desejo de criar um "Modelo Brasileiro de Política Médico Desportiva" voltado a atender as reais necessidades da área de Educação Física e esportes. É válido reproduzir o efusivo posicionamento de Matsudo (1979, p. 8):

> Sabemos das exceções, dos campeões oriundos de uma situação socioeconômica privilegiada ou pelo menos normal. Mas seriam esses os lídimos representantes de uma nação com os níveis de condições básicas de saúde que conhecemos? Seria apenas para esta minoria que se investiriam as verbas do Plano Nacional de Educação Física e Desportos? Seria a avaliação de insignificante percentual de

> esportistas o papel que caberia aos centros mais avançados de Pesquisas Médico Desportiva? Cremos que a resposta a essas questões possa se traduzir no bom senso de um simples: não!

A despeito das intenções de assumir uma postura de neutralidade política o trecho destacado pode ser qualificado como uma crítica social e uma tomada de posição política evidente. As conclusões do autor, também, apontam para o mesmo caminho ao enfatizar que o teste sugerido deva ser utilizado por professores de Educação Física em "larga escala", "para que dessa grande massa beneficiada de crianças e adolescentes, possa em um futuro próximo surgir em quantidade e qualidade nossos verdadeiros atletas de elite" (1979, p. 9).

Com obviedade o autor nos comprova os limites de suas intenções: capacitar professores de Educação Física para selecionar possíveis atletas de alto nível a partir da inserção da disciplina na escolarização regular, reduzindo a essa função baseada na alta seletividade seu papel formador e sua contribuição no âmbito escolar.

Ainda que o texto seja uma exceção, se contrapõe as análises habituais da historiografia que taxaram esse grupo de autores de "conformados" e "alienados" com relação às mazelas da dura realidade nacional. Merecem serem destacados, também, os esforços do autor de criar/adaptar uma metodologia de pesquisa ao contexto brasileiro, a partir das constatações das características sociais, econômicas e culturais e das dificuldades como a falta de recursos e de capacitação adequada.

Outro texto que ofereceu um conjunto de representações emblemático para entender a concepção de ciência que circulava no interior da revista intitula-se "Curso de Metodologia Científica 1ª parte", publicado na RBCE v. 2, n. 2 de 1981, com autoria de Victor K. R. Matsudo e Sandra Caldeira. No texto os autores sublinharam o papel da estatística como uma das "principais ferramentas", responsável pelo "crescimento da Ciência". Na sequência ressaltaram o desenvolvimento da pesquisa na área de Ciências do Esporte intercruzando a Educação Física, o treinamento e a Medicina Desportiva:

> Estamos sentindo que a cada dia que passa a pesquisa em Educação Física, Treinamento e Medicina Desportiva, deixa de ser apenas uma coletânea de vivências de treinadores, médicos e professores, passando a adquirir o 'status' de investigação científica no que torna indispensável o conhecimento dos métodos estatísticos por parte de todos (CALDEIRA; MATSUDO, 1981a, p. 5).

Nesse trecho, além do apelo a cientificidade, os autores evocaram o entrelaçamento dessas três áreas que partilhariam dos mesmos propósitos, métodos de investigação e finalidades. Seus esforços se destinariam ao desenvolvimento do esporte de rendimento e seriam diferenciados apenas pela área de atuação e o estágio de desenvolvimento que se responsabilizariam. A Educação Física descobriria e encaminharia potenciais talentos para o treinamento especializado que os aprimoraria até a conquista da alta performance. A medicina desportiva atuaria na manutenção da condição física e no tratamento de lesões dos atletas que alcançaram esse nível de desenvolvimento.

Frisa-se que o que os autores denominam "metodologia científica" são na verdade instruções de como aplicar alguns recursos da estatística na área da Educação Física e esportes. Nessa medida, os autores justificam a publicação do texto pela necessidade de apresentar "alguns processos estatísticos que possibilitem a aqueles que se iniciem em Ciências do Esporte uma análise mais adequada dos fatos e fenômenos desta área" (CALDEIRA; MATSUDO, 1981a, p. 5).

Na segunda parte do curso divulgada na RBCE v. 2, n. 3 de 1981 os autores reforçaram sua posição sobre a importância das técnicas estatísticas "cujo domínio possibilitará a resposta mais segura e correta às questões levantadas como objeto de pesquisa" (CALDEIRA; MATSUDO, 1981b, p. 6). A ausência dessa competência é também relembrada como motivo responsável pela edição do curso, uma vez que, "em muitos casos falta ao profissional à noção da necessidade de uma abordagem estatística" (CALDEIRA; MATSUDO, 1981b, p. 6).

Para a redação da terceira parte do "Curso de Metodologia Científica", assinada apenas por Matsudo (1981), o autor reassumiu uma atitude crítica e surpreendente se comparada à utilizada nos textos publicados com maior frequência no interior do periódico. Sob o subtítulo simbólico de "O homem antes do pesquisador" o autor reforça o intuito de "abordar a atividade física-deportiva sob uma perspectiva científica", porém tece uma cadeia de comentários voltados a ampliar o alcance da sua proposição inicial. A partir de uma associação entre formação profissional e metodologia científica Matsudo (1981) assinalou a "pretensão de contribuir para a formação do 'homo socialis'", fundamental ao "profissional dos anos 2000", "[...] particularmente àquele que trabalha no terceiro mundo" (MATSUDO, 1981, p. 15).

Não menos interessante foi a justificativa adotada pelo autor que asseverou não bastar "ensinar ao homem uma especialidade, porque se tornará assim uma máquina

utilizável, mas não uma personalidade". Como contraponto Matsudo (1981, p. 15) defendeu a aquisição de "um sentimento, um senso prático daquilo que é belo, do que é normalmente correto" e vociferou caso isso não ocorra esse homem "se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais mais a um cão...".

Esse trecho evidencia sua pretensão de se posicionar na vanguarda do campo, como prenunciador de novos conceitos e práticas para a formação profissional em Educação Física. O autor fez um apelo à estética clássica, a valorização do belo e do justo, estandartes do Renascimento (XIV-XVI). Menções bem oportunas, uma vez que, nesse período a evidência empírica e o racionalismo estavam em voga, e a submissão da busca da verdade a incorporação da crença na ciência como único itinerário era irrefragável.

A seu modo o autor incorporou ao seu discurso conceitos da "Escola das Relações Humanas", um conjunto de teorias administrativas criadas na década de 30 do século XX focada na criação de uma nova abordagem para o gerenciamento dos recursos humanos. Em oposição ao termo *homo economicus* inspirado pela Teoria Clássica de Administração forjou-se o conceito de *homo socialis* sob a influência do Humanismo que trouxe em seu bojo a compreensão segundo a qual as necessidades, relações sociais e os sentimentos dos trabalhadores eram fatores decisivos a serem considerados na direção de uma organização (CHIAVENATO, 2001).

Embora represente um avanço na história das teorias administrativas conforme adjetiva Chiavenato (2001, p. 135), uma proposta originada do enfrentamento a "desumanização do trabalho com a aplicação de métodos rigorosos, científicos e precisos, aos quais os trabalhadores tinham que se submeter", essa teoria ainda manteve uma conotação utilitarista voltada ao aumento da produtividade que foi percebida pelas organizações sindicais como uma tentativa de maquiar as tensas relações de controle e exploração estabelecidas em ambientes corporativos (MAXIMIANO, 1994).

No entanto, não deixa de ser singular a referência feita por Matsudo a esse corpo conceitual, um diferencial em relação aos textos presos em concepções mais conservadoras sobre as características humanas que deveriam ser almejadas, geralmente associadas ao aumento da produtividade irrefreado e a afeitas a um utilitarismo mais grosseiro.

Não satisfez a Matsudo (1981) o conhecimento específico e técnico para alcançar uma atitude científica. Para a compreensão do fenômeno esportivo seria mandatório incluir sua "dimensão e relevância social" e mais efusivamente realizar uma

tomada de consciência, “observar analiticamente” e efetuar uma “reflexão ampla” sobre os problemas que envolvem a área e o “mundo em que vivemos” (MATSUDO, 1981, p. 15). Não obstante, o autor fez menção a categoria de “práxis” e seu potencial para a realização de uma “auto-reflexão” baseada em “uma unidade dialética” capaz de “transformar o mundo”, “um compromisso histórico” (MATSUDO, 1981, p. 15).

Infere-se que o autor foi imbuído de leituras inusuais que seriam embasadas por teorias e conceitos caros ao materialismo histórico e dialético como “práxis”, “dialética”, transformação e relevância social, historicidade, reflexão contextualizada. Todavia esse autor não alterou os procedimentos e métodos de pesquisa, incompatíveis com as leituras e construções teóricas acionadas nesse excerto, que empregava como pode ser constatado pela leitura do conjunto de textos que publicou na própria RBCE posteriormente.

De modo semelhantemente enigmático nos subtítulos posteriores intitulados de “a distância pesquisa-realidade” e “integração campo-laboratório” o autor teceu uma avaliação da universidade brasileira com especial atenção para a pesquisa. O alvo de Matsudo foi à burocracia, a falta de recursos, o distanciamento do campo de aplicação e as exigências da docência que dificultam a realização de trabalhos científicos e impedem sua divulgação, denominada pelo autor de “contato com a realidade”.

Nessa mesma linha, direcionou suas observações para a comunidade científica destacando o uso de “uma linguagem exotérica”, o contato reduzido com o local de emprego dos conhecimentos e a falta de consulta aos participantes de programas de Educação Física, incluindo crianças. A consequência segundo o autor seria drástica, a não democratização do acesso e posse do conhecimento, metaforicamente o autor se refere a repetição da “negra imagem dos feudos da Idade Média” para referir-se a comunidade acadêmica (MATSUDO, 1981, p. 16).

Além de mais uma alusão ao Renascimento (o rompimento com a mentalidade medieval), Matsudo fiou considerações austeras a respeitos das fragilidades da pesquisa científica a época. Com sobriedade censurou colegas pelo descompromisso e repreendeu a gestão universitária ineficaz. Sustenta-se que a maioria dos juízos realizados pelo autor continua atual, sobretudo se considerado o campo da pesquisa em Educação Física.

Seguindo o mesmo tom no tópico “Temas de Investigação” Matsudo criticou a falta de “sensibilidade social” da comunidade científica, a falta de preocupação com as necessidades sociais e a carência de um controle sobre a destinação de verbas públicas a

pesquisas que atendessem “as prioridades do povo que a está subsidiando”. Posteriormente o autor defendeu a intenção de “lutar por uma maturidade intelectual do pesquisador” (MATSUDO, 1981, p. 17).

Para debater o método tema central do curso o autor fez uso de subtítulos incisivos como “os caminhos da busca da verdade” nos quais discorreu a respeito da pesquisa descritiva, retrospectiva, teste de hipótese e experimental. Vale mencionar a inclusão de “temas históricos e sociológicos” relacionados à aptidão física e ao esporte como possibilidade de pesquisa e a discordância da compreensão recorrente nessa área de que unicamente a pesquisa experimental seria a “verdadeira”.

Nada mais estranho, a tônica dos textos veiculados e das vozes dos editores que ecoaram nas seções da revista. De fato, causa espanto à defesa fervorosa de compromisso social e mudança e a antecipação de recomendações e argumentos de autores considerados críticos e renovadores ao campo da Educação Física, acima de tudo por trata-se de uma autor comumente caracterizado como conservador e que desenvolvia um tipo de pesquisa rechaçada pelo movimento crítico que assumiu a direção da revista posteriormente[90].

Próximo ao fechamento do texto Matsudo reiterou seu propósito de criar uma variação das Ciências do Esporte adaptada aos interesses e dificuldades do “Terceiro Mundo”. Nesse contexto, enumerou os caminhos que deveriam ser trilhados: “1) Utilizar instrumental menos sofisticado; 2) Empregar técnicas não complexas; 3) Adotar uma metodologia que permita que o produto final de seus achados reverta a uma faixa significativa da população” (MATSUDO, 1981, p. 18).

Instiga interesse a inclusão nas referências, apesar de não apresentar nenhuma citação no interior do texto, de uma obra incomum para o conteúdo veiculado pela revista, trata-se do livro “Conscientização: Teoria e Prática da Libertação” do aclamado educador Paulo Freire. Possivelmente parte da retórica “progressista” defendida pelo autor pode ter sido embasada nessa obra, de modo peculiar o compromisso do pesquisador com questões sociais.

De modo semelhante, o primeiro texto analisado que enfocou uma representação sobre ciência na revista Stadium assumiu um tom crítico. Foi veiculado na Stadium n. 74 de 1979, com o título “El atleta biônico” de David A. Brodie e Will Parish. Nessa

[90] A partir de 1986 a editoração da revista passa a um grupo de professores de Educação Física filiados a uma renovação do campo da Educação Física e a publicação de pesquisas embasadas em um referencial fundamentado nas Ciências Humanas. Para maiores informações ver Paiva (1994).

tradução de autores ingleses discutiu-se o emprego da ciência na prática esportiva e seus limites éticos. Com o subtítulo “manipulación alimentícia” os autores destacaram os perigos da utilização de regimes específicos para melhorar os resultados esportivos e criticaram efusivamente a utilização de transfusões sanguíneas para maximizar a oxigenação e consequentemente influir sobre o desempenho em provas esportivas.

Adjetivaram essas práticas como “métodos ilegales o amorales” que incluíram também a construção de ambientes cientificamente controlados ambicionando a amplificação do potencial esportivo, “ambientes deportivos especialmente deseñados em los cuales los potenciales ganadores de medallas de oro se entrenen, duerman, coman y vivan permanentemente” (BRODIE e PARISH, 1979, p. 9).

Sem embargo os autores tensionaram a administração de medicamentos destinados a incrementar a performance esportiva independente de “los efectos colaterales” e do “sufrimiento” que podem causar e projetaram a utilização de procedimentos de seleção genética para criar “superniños para el deporte” e intervenções cirúrgicas para corrigir características desfavoráveis.

Para finalizar o texto problematizaram o uso da ciência para produzir atletas “psicológicamente condicionados y fisiológicamente re-estructurados” práticas que segundo os autores poderiam ser comparadas a obra “1984” [91] de George Orwell (BRODIE e PARISH, 1979, p. 9). Os autores associaram o anseio desenfreado por resultados esportivos com a perversidade dos mecanismos de manipulação e controle acionados por regimes fascistas retratada no romance citado.

Nota-se que a aplicação da ciência para o desenvolvimento esportivo foi duramente criticado, os autores não pouparam esforços para relatar e prever os efeitos perversos do uso descomedido de recursos científicos com o fim único de incrementar a performance com prejuízos permanentes para os atletas sujeitos a essa prática. Alertaram para a intencionalidade de “colocar o corpo sob o máximo controle”, operacionalizá-lo sem limites, transformado o esporte como adjetivou Vaz (1999, p. 89) em um “procedimento sacrifical”.

De modo colidente na mesma revista foi divulgado o texto “Búsqueda y capacitación de talentos” de M. Matto autor estoniano. Matto defendeu a utilização de

[91] 1984 é um romance distópico clássico do autor inglês Eric Arthur Blair, mais conhecido pelo pseudônimo de George Orwell, publicado em 1949. O Livro retrata o cotidiano de um regime político totalitário e repressivo no ano homônimo (ORWELL, 2009). A obra teve grande repercussão por problematizar o controle e a repressão governamental na vida cotidiana associada a cessão dos direitos e liberdades individuais (SANTOS e PETERLE, 2012).

um “enfoque científico” com emprego de estatística para a busca e desenvolvimento de talentos esportivos que leva em consideração a hereditariedade e a idade biológica como requisitos que influenciam no treinamento e na performance. Esse texto assemelha-se aos que foram comumente publicados na RBCE, pois de modo análogo defende a cientificização da área, o emprego da estatística como um das técnicas de pesquisa que deveriam ser privilegiadas e por seu objetivo final buscar e desenvolver talentos esportivos.

A respeito do esforço na construção de outros paradigmas amparados na tentativa de gerar respeitabilidade acadêmica e agregar uma áurea de cientificidade ao campo da Educação Física foi publicado na Stadium, n. 85 de 1981, o texto “La salud como objetivo de la Ciencia de las actividades físicas”, escrito pelo autor uruguaio, consultor da revista, Alberto Langlade.

O autor iniciou sua argumentação pela definição do termo saúde que não significaria exclusivamente “ausencia de enfermedad”, mas uma “resistencia tanto física como psíquica para sobrellevar las agresiones del entorno y de la própria vida”, acrescida de uma “actitud positiva, creativa, genuína y optimista, dentro de un vivir higiénico y natural” (LANGLADE, 1981, p. 24).

Atento ao movimento mundial de questionamento e reforma conceitual e terminológica, Langlade contrapõe a corrente alemã que adotou o vocábulo esporte a proposta da equipe pedagógica da Universidade Laval de Quebec no Canadá que agrega todas as manifestações que envolvem o movimento humano sob o nome de Ciência das Atividades Físicas.

Para Langlade a adoção dessa linha interpretativa e em especial a sua noção de saúde possibilitaria interrogar os “atentados contra la salud” provocados pela busca irrefreável do êxito no esporte de alto rendimento. Doping, sobrecarga de treinamento e lesões constantes foram os motivos elencados por Langlade para impugnar a associação entre esporte de rendimento e saúde. Entretanto, o esporte de base e o movimento Esporte para todos foram absolvidos dessas inquirições, pois segundo sua ótica essas modalidades adotaram a busca da saúde como eixo condutor de suas ações (LANGLADE, 1981). Mais um indício da multiplicidade de posições demonstradas pelos editores da Stadium, uma vez que, foi permitido a um consultor da revista, uma voz oficial e representativa, questionar os efeitos deletérios do esporte de alto nível.

Como contraponto, a atividade física deveria ser “dosificada, adecuada al sexo y a la edad, al grado de entrenamiento y habilidad” para ter efeitos benéficos para a saúde.

Nesse contexto, o educador teria um papel fundamental "como construtor de la arquitectura humana", como "higienista que enseña y pratica ejemplificando hábitos y formas de vida" (LANGLADE, 1981, p. 28).

O autor faz uma clara alusão ao movimento higienista (século XIX) e sua preocupação com a saúde coletiva e com uma educação dos hábitos. O higienismo manifestou-se na América Latina com maior vigor no início do século XX com a pretensão de melhorar os índices de saúde populacional e promover uma formação moral com maior interesse sobre as populações degradadas das grandes concentrações populacionais (PAGNI, 1994). Associada a uma modificação de comportamentos higiênicos os higienistas dispensaram considerável atenção a prescrição de exercícios físicos para a melhoria das condições físicas e o fortalecimento do caráter.

Frisa-se que apesar das insuficiências, o higienismo, pelo menos no caso brasileiro, deve ser compreendido como um agrupamento complexo, heterogêneo, preocupado com o desenvolvimento do país e com a melhoria das condições de vida da população em geral. A esse respeito Edvaldo Góis Junior identificou a adesão até de "militantes da esquerda da época que compartilhavam as ideias sanitaristas", mormente a crítica a "exploração e ao abandono do povo" (GÓIS JUNIOR, 2000, p. 171).

A inscrição de Langlade nesse movimento corrobora as teses de autores como Soares (2001), Góis Junior e Lovisolo (2003) que advogam uma continuidade entre o movimento higienista do início do século XX com o movimento contemporâneo de promoção da saúde. Aspectos como a ênfase nos cuidados com o corpo, o referencial acadêmico e a busca de legitimidade via um discurso científico, a supervalorização das atividades físicas, a adoção da metáfora da máquina[92] são ressaltados como elos de ligação, demonstrações de afinidade e continuidade entre os dois grupos[93].

Nesse contexto, o artigo de Langlade parece representar uma transição, ou mais intensamente a promoção de uma conciliação e do reconhecimento dos mesmos ideais sanitaristas e de suas origens. Compartilhava, dessa maneira, os ideais higienistas de dar assistência e intervir positivamente sobre a saúde da população e a concepção do

[92] Essa alusão reifica e transporta o modelo e os princípios de intervenção da mecânica ao corpo. Justifica-se sua manipulação e esquadrinhamento. Para mais detalhes consultar Soares (2001) e Novaes (2003).

[93] Sublinha-se que a diferença entre esses dois grupos reside no "caráter público da intervenção" dos higienistas em contraposição aos interesses privados e individuais da corrente da "Promoção da Sáude" (GÓIS JUNIOR, 2000, p. 172).

exercício físico como “medida profilática”, hábito fundamental que deveria ser cultivado para a posse de uma vida saudável.

Como tópico de interesse para a utilização das atividades físicas na educação escolar Langlade recuperou o conceito de “ortopedia” compreendido como “educación para la postura erguida” e uma noção tomada de empréstimo da psicomotricidade, “insuficiencia motriz” para designar debilidades na formação do esquema corporal demonstrados pelo comportamento motor infantil (1981, p. 28).

Esse trecho destinado à educação escolar o autor rememorou um instrumental de disciplinarização dos corpos utilizado pela pedagogia da década de 20 do século passado. Uma proposta de intervenção higiênica e disciplinar que utiliza a alegoria da “ortopedia” para instituir um modelo de instrução na “prevenção ou correção da deformação”, adaptar a infância aos requisitos morais e disciplinares (CARVALHO, 1997). Devota-se a educação corporal a construção de mecanismos para operar relações de poder, impor sujeições e perpetrar uma coerção disciplinar com a potencialidade para ajustar posturas físicas e morais (FOUCAULT, 1997).

Não obstante, Langlade enfatizou mais dois aspectos a necessidade de educar para a prática de atividades físicas de modo permanente e o papel dos exercícios físicos para o combate de enfermidades cardiovasculares. O autor apoiando-se nas ações de “higienistas-médicos” defendeu a inclusão na rotina de atividades físicas em todas as idades para livrar o homem do sedentarismo e utilizar o “movimiento como manera de preservar la salud” sob o lema “Hombre, muévete o perece” (LANGLADE, 1981, p. 29).

Os exercícios poderiam ser utilizados para a prevenção e para reabilitação de doenças cardiovasculares por amenizar fatores de risco como obesidade, sedentarismo, colesterol, hipertensão e pela modificação da “estructura de la personalidad y el modo de comportamiento” (LANGLADE, 1981, p. 30).

O autor repetiu um discurso comum á época, e ainda atual, que advertia os malefícios de uma vida sedentária ocasionada pela urbanização e pelas facilidades da vida moderna. O exercício físico seria o antídoto aos vícios e enfermidades geradas pelo cotidiano dos grandes centros populacionais e pelo mau uso do tempo livre. Salienta-se que esse discurso sobre a degradação da vida moderna e os efeitos positivos da atividade física/esporte para seu refreamento foi um assunto recorrente nos dois periódicos e também em publicações de organismos internacionais como a Federación

Internacional de Educación Física (FIEP) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

No ano seguinte, na Stadium n. 96 de 1982 foi incluso o trabalho de José M. Cagigal[94] (Espanha) "En torno a la educación por el movimiento" que tematizou a busca por atribuir uma identidade a área da Educação Física, propôs um debate epistemológico a respeito da disciplina. Cagigal partiu do princípio que existe uma sensibilização em torno do "quehacer" e do papel da disciplina no sistema educativo que poderia transformar-se em um desejo por "una profunda renovación educativa" (CAGIGAL, 1982, p. 34).

Em meio às dúvidas e insuficiências conceituais a própria expressão "educación física" que designa a disciplina foi questionada. Outros termos foram oferecidos com a intenção de buscar um objeto e uma metodologia específicos. Os principais foram: "cultura física, cultura corporal, educación corporal, ciencias del deporte, pedagogía del deporte, ciencia de los ejercicios físicos, fisiografía, gimnología, ciencia del movimiento humano, antropocinética" (CAGIGAL, 1982, p. 34). Atrelada a essa alteração conceitual surgiu a inquietação com a finalidade pedagógica, sua contribuição social, sua estruturação como ciência e seu "status profesional". Nota-se que autor alinhava-se a uma série de discursos que identificavam que a Educação Física viveria uma crise epistemológica[95].

Na ótica do autor a maioria dessas correntes convergiu na compreensão "del movimiento como tarea distintiva de la educación física" (CAGIGAL, 1982, p. 34). Nessa perspectiva a Educação Física estabeleceria um vínculo com o esporte via a incorporação do conceito de movimento, pois compartilham "una misma realidad antropológica, el hombre en movimiento". No entanto, Cagigal considerou essas duas esferas como distintas. Ambas se diferenciaram pela intencionalidade, a Educação Física caberia "ayudar al desarrollo personal" e o esporte seria apenas uma "simple expresión personal o de grupo humano" (CAGIGAL, 1982, p. 35).

---

[94] José María Cagigal (1928-1983) foi um reconhecido intelectual espanhol dedicado a área de esporte e Educação Física. Foi responsável por uma reorientação desse campo na Espanha focada na sua teoria denominada "humanismo deportivo". Em suas obras preocupou-se com os efeitos nocivos do esporte de alto rendimento e na "progresiva automatización y especialización en una actividad hipercompetitiva", e "cada vez menos lúdica", pautada pela busca incessante de "marcas y resultados" (BETRÁN, 2006, p. 232). Em contraposição Cagigal defendeu a compreensão do esporte como atividade humanizadora baseada em valores morais e éticos como companheirismo, colaboração, amizade, respeito, justiça e dedicação.

[95] Ver entre outros, Manuel Sérgio Cunha (1989) em Portugal, Pierre Parlebas (1995) na França e Valter Bracht (2007) no Brasil.

Eleito o “movimiento humano como objeto de una ciencia y como centro de una tarea educativa”, reconhecendo sua dimensão biológica e sociocultural, Cagigal considerou que a Educação Física precisaria assumir a tarefa de recuperar a “riqueza motriz”, promover uma “alfabetización motriz” plena ameaçada pela diminuição de oportunidades de movimento ocasionada pela industrialização e modernização do cotidiano (CAGIGAL, 1982, p. 45).

Mesmo recorrendo a uma premissa comum a autores conservadores publicados nos dois periódicos, a percepção da vida moderna como uma ameaça ao desenvolvimento humano, Cagigal ofereceu ao leitor um encaminhamento distinto para projetar suas aspirações na disciplina de Educação Física. Sugeriu uma reformulação conceitual, a adesão a uma interpretação do “humanismo” aplicado a área e uma reorientação epistemológica afinada com teorizações antropológicas e sociológicas. Nessa esfera, antecipou acepções e encaminhamentos das chamadas correntes “renovadoras” da Educação Física tanto no Brasil como na Argentina.

Voltando a busca pelo “status” científico da área de Educação Física, na RBCE v. 4, n. 2, de 1983, foi propagado o artigo de revisão “Abreviatura de periódicos – uma contribuição aos pesquisadores em Ciências do Esporte” de Maria de Fátima Silva Duarte. Com comentários sobre esse tópico específico a autora exaltou o valor das revistas científicas como as “fontes mais importantes da divulgação dos mais recentes estudos” e “as fontes de consulta mais citadas”, notadamente a partir do crescimento científico que na perspectiva elegida seria uma realidade contemporânea (DUARTE, 1983, p. 53).

Interessante notar que já na década de 80 do século XX a autora reconheceu o valor das revistas como veículos de divulgação científica. Sob uma perspectiva distinta partilhou de preceitos que fundamentaram essa tese em um contexto no qual a pesquisa e a produção científica na área de Educação Física eram ainda incipientes.

A partir dessa justificativa Duarte traçou como objetivo “elaborar uma lista dos periódicos mais citados” nos artigos publicados no Brasil e internacionalmente na área de Ciências do Esporte que a autora considerava “bastante abrangente”. O texto listou 231 periódicos de origem diversa, europeus, norte-americanos, latino-americanos, australianos e nacionais. Os periódicos nacionais citados foram “Arquivos Brasileiros de Cardiologia”, “Artus – Revista de Educação Física e Desportos”, “*Brazilian Journal of Medical and Biological Research*”, “Medicina do Esporte”, “Metabolismo”, “Revista

Brasileira de Ciências do Esporte", "Revista Brasileira de Educação Física e Desportos", "Revista de Educação Física" e "Revista de Saúde Pública".

Pela listagem oferecida evidencia-se o refúgio a uma internacionalização como sustentação teórica para o campo da Educação Física no Brasil. A leitura e citação de uma quantidade considerável de revistas estrangeiras, constatada por Duarte (1983), atesta essa afirmação. Essa atitude foi um constante na maioria dos artigos publicados pela RBCE que utilizavam o artifício de elencar uma série de textos de autores internacionais (especialmente norte-americanos), muitas vezes sem serem citados no corpo do texto, como forma de garantir a legitimidade de suas alegações. A Stadium, por sua vez, publicou poucos textos originais e um número reduzido de autores argentinos. O recurso a autores internacionais como meio de dar credibilidade ao periódico se deu via a tradução e reprodução de textos publicados em outros periódicos, sobretudo de origem europeia com destaque para a França e para a Espanha.

A maioria dos títulos elencados por Duarte pertencia às áreas de Ciências da Saúde e Ciências Biológicas, com a exceção das revistas que tematizavam o campo da Educação Física. A revista Artus editada pela Universidade Gama Filho a partir de 1970 (cessou em 1997) com periodicidade anual editava artigos sobre esporte e aptidão física, contou com textos de autores que publicavam com frequência na RBCE como Victor K. R. Matsudo, Cláudio Gil Soares de Araújo e Manoel José Gomes Tubino.

A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos editada desde 1944 pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura. Com periodicidade trimestral versou sobre temas relacionados a essa área de atuação. Alguns autores da RBCE também utilizaram esse periódico como veículo para a propagação de seus artigos como Carlos Roberto Duarte, Maria de Fátima da Silva Duarte, Victor K. R. Matsudo, Claudio Gil Soares de Araújo, Dartagnan Pinto Guedes, Alfredo Gomes de Faria Júnior e Manoel José Gomes Tubino (FERREIRA NETO et al, 2002).

A Revista de Educação Física criada em 1932, tinha periodicidade mensal, no período que corresponde aos anos iniciais da RBCE, divulgou textos que focalizaram o esporte e o treinamento físico. Não foram encontradas correspondências entre os autores da RBCE e desse periódico (FERREIRA NETO et al, 2002).

Para efeitos de comparação com outras revistas específicas da área, a RBCE era a revista mais nova, uma vez que, foi criada apenas em 1979. Porém, imbuída de uma motivação diversa, uma ambição por cientificidade que não animava as demais. Sublinha-se, também, sua longevidade e sobrevivência. Por outras circunstâncias a

revista Stadium também se manteve por mais tempo. As peculiaridades do campo da Educação Física na Argentina, o isolamento e distância das universidades atrelada a uma formação sem preocupações com a pesquisa, aumentaram sua sobrevida, mesmo sem intenções acadêmicas.

A respeito do método científico em uma abordagem inovadora o número 99 da revista Stadium de 1983 difundiu um artigo do autor espanhol Emilio Ortega Gómez intitulado "La investigación en educación física: el análisis del contenido como metodologia específica". Utilizando uma narrativa que se apoiou em uma perspectiva histórica Gómez caracterizou a Educação Física como uma disciplina que cultivou uma relação com outras ciências para se legitimar cientificamente, mas que ainda mantinha meios "escasos" que "carecen de relevancia" para realizar pesquisas científicas (GÓMEZ, 1983, p. 14).

Ainda como fundamentação exibiu uma classificação de métodos científicos divididos de acordo com a natureza dos dados levantados. O primeiro referiu-se a métodos de pesquisa quantitativa, o segundo como método matemático de análise de dados e o último como método qualitativo. Apresentada essa categorização Gómez advogou a utilização da análise de conteúdo como método qualitativo para a área de Educação Física.

O autor definiu a análise de conteúdo como "método de tratamiento controlado de la información contenida en los textos" pelo uso de "procedimientos sistemáticos de descripción" e interpretação. Busca estabelecer uma correspondência entre "estructuras semânticas y las estructuras psicologicas y sociológicas de los enunciados. Essa metodologia compreende "interpretaciones extralinguísticas" pelo estabelecimento de relações entre o "texto y la realidad exterior" relacionando os discursos as esferas sociológica, política e ideológica que compõe o contexto no qual estes textos foram produzidos" (GÓMEZ, 1983, p. 15).

A aplicação desse instrumental investigativo em discursos que compõe a área da Educação Física oportunizaria "desvelar todos sus componentes, es decir, la organización deportiva, sus reglas institucionales, sus elementos econômicos y ser capas de situar la posición política del autor" (GÓMEZ, 1983, p. 16). Por conseguinte essa proposição autorizaria o pesquisador a engendrar articulações entre a "educación física-deportes" e o "sistema histórico-socio-político-económico-ideológico" que o engloba (GÓMEZ, 1983, p. 17).

Além da sobriedade ao avaliar a situação das pesquisas na área de Educação Física, Gómez exibiu um arrojo perspicaz ao propor o emprego de métodos qualitativos, até então pouco usuais entre os autores publicados pelo impresso. É admirável seu esforço em romper os reducionismos corriqueiros que deleitavam a maioria dos trabalhos publicados e expandir as fronteiras da pesquisa para domínios da linguística, da análise do discurso. Da mesma forma frisa-se seu empenho em concatenar a análise específica da Educação Física a outras esferas mais abrangentes.

A busca pela legitimidade científica também foi o mote do artigo "Hacia una ciencia del deporte" do italiano Gianfranco Carabelli editado na Stadium n. 100 de 1983. Nesse texto o autor ressalta as potencialidades da aplicação de pesquisas e experimentações para a prática esportiva e a fundação de uma nova ciência a "ciencia deportiva" (CARABELLI, 1983, p. 9). No entanto, Carabelli enfadou-se ao verificar que essa nova ciência é pouco reconhecida nos centros acadêmicos e que se pode obter, na maioria dos casos, um diploma na área de Educação Física e Esporte "sin cursar una materia que tenga que ver con la ciencia del deporte" (CARABELLI, 1983, p. 9).

A fim de descrever as características desse campo de pesquisas Carabelli estabeleceu paridades entre a ciência do esporte e a "ciência médica" pela eleição de um objeto em comum o "hombre sano" e pelo desenvolvimento de uma relação de intensa colaboração entre elas. Entretanto, a ciência do esporte teria o diferencial de preocupar-se com o homem "supersano", o atleta "capaz de prestaciones superiores a la norma" (CARABELLI, 1983, p. 10). Nessa linha essa ciência teria como finalidade inquirir o atleta, descobrir "¿quién y cómo es, cómo llega a tales rendimientos, cuánto de su experiencia puede ser extendido y aplicado a otros?" (CARABELLI, 1983, p. 10).

Por fim, o autor brindou as iniciativas em seu país para a expansão e aplicação da ciência do esporte. Dessa maneira, destacou a ação do Comitê Olímpico Nacional Italiano que organizou um setor de investigação e experimentação aplicada ao esporte e o estabelecimento de convênios com universidades italianas interessadas no avanço desse ramo acadêmico.

Claramente o autor recorreu à decantada associação entre a Educação Física e a Medicina para atribuir peso e autenticidade as suas elucubrações a respeito da premência da área reconhecer a ciência como orientação unívoca. Como no caso dos editores da RBCE em múltiplas ocasiões, Carabelli procurou dar notoriedade as iniciativas oficiais que caminhavam em concordância com suas aspirações.

Ainda sobre ciência e epistemologia os Anais do II Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento e Congresso Regional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte publicados na RBCE v. 5, n. 3 de 1984 contiveram temas livres abordando essas temáticas. Lino Castellani Filho reforçou novamente seu pioneirismo na publicação de textos com conteúdos críticos na revista com a redação do resumo "Tendências na Educação Física no Brasil" em que apontou a existências de três linhas teóricas para a disciplina e suas características.

A primeira funda-se na "biologização da Educação Física". A segunda em sua "pedagogização" e a última baseia-se na "Concepção Histórico-crítica de Educação". O autor atacou o conservadorismo e a preeminência da primeira corrente e defendeu a importância da terceira para o estabelecimento de uma "prática transformadora" (CASTELLANI, 1984, p. 11).

O autor retomou nesse trabalho parte da argumentação utilizada no artigo "A (des) caracterização profissional filosófica da Educação Física" editado na RBCE v. 4, n. 3 de 1983. Castellani identificou e combateu as tendências hegemônicas e ofereceu caminhos para sua superação por meio da adoção de outro referencial epistemológico a Pedagogia Histórico-Crítica. Esse enunciado passou a ser frequente nos textos que se imputaram um matiz mais crítico.

Grifa-se que os escritos desse autor alinharam com outras publicações do mesmo período. Medina (1983) e Ghiraldelli (1991), por exemplo, também fizeram ponderações e operaram classificações semelhantes. Medina assinalou a existência de três perspectivas convencional, modernizadora e revolucionária. Ghiraldelli definiu cinco concepções: higienista, militarista, pedagogicista, competitivista e popular. De modo análogo a Castellani esses autores buscaram fundamentação em referenciais elaborados fora do campo da Educação Física, apoiaram-se nas discussões realizadas na área de Educação e nas teorias de autores considerados críticos como Paulo Freire, Dermeval Saviani e José Carlos Libâneo.

Com um assunto semelhante, mas apontando em outra direção Edison J. Manoel no resumo "Informação, movimento e mudança" reconheceu o estabelecimento de uma "crise" paradigmática que em sua perspectiva teria sido causada pela falta de "uma compreensão do movimento humano como objeto de estudo e de atuação da Educação Física".

A disciplina deveria, portanto, concentrar-se na "educação do movimento" para "reformular seus conceitos e propósitos básicos". Apesar de parecer um discurso de

mudança, tratou-se na verdade da reafirmação da tendência hegemônica e sua compreensão do movimento restrito a seu "grande significado biológico" (MANOEL, 1984, p. 12).

Mais um texto que se propôs a antecipar e discutir os caminhos epistemológicos que deveriam ser trilhados pela área de Educação Física para sua evolução foi difundido na Stadium n. 110 de 1985 escrito pelo argentino Mario López e denominado de "Sobre qué supuestos debe sutentarse la educación física de nuestro tiempo". Conduzindo-se pelo pressuposto de que "los hombres son los agentes de la historia, los creadores y recreadores permanentes de la sociedad y la cultura" e que a educação está no centro desse processo, López assinalou que a Educação Física como integrante das ciências da educação deve educar esse homem em transformação "por y a partir del movimiento" (LÓPEZ, 1985, p. 7).

Para esse autor a disciplina estaria passando por um momento de mudança atestada por diversas fontes. Exemplos citados seriam uma tomada de consciência do valor e da "necesidad vital del movimiento", o reconhecimento de organizações internacionais como a UNESCO e a FIEP e de outros campos acadêmicos como a medicina, a psicologia e a sociologia, "la aceptación que la educación y la educación física en particular constituye un derecho de todos" e uma melhor qualificação dos recursos humanos da área. Esses fatores possibilitariam alcançar o "status científico que tanto deseamos" e fortalecer o "compromiso de la construcción y reproducción sócio-cultural" (LÓPEZ, 1985, pp. 7 e 8).

Para esboçar os encaminhamentos que deveriam ser tomados o autor os classificou em três instâncias: ideológica/sócio educativa, específica da área de Educação Física e de didática geral. Relativo aos aspectos ideológicos/sócio educativos valem ser ressaltados que a educação deve ser considerada "el centro del cambio y progreso socio-cultural" e um "derecho fundamental de todos" (LÓPEZ, 1985, p. 8).

Caberia a Educação Física considerar o homem como "unidad", professar o desenvolvimento dos domínios "psicomotor, socioafectivo y cognitivo", eleger o movimento como "medio para la educación", desenvolver "una cultura física-motriz", ampliar a aptidão física e o acesso a "salud-calidad de vida", superar "las falsas antinomias" Educação Física e esportes, Ginástica e esportes. Além disso, a disciplina deveria ancorar-se na formação motriz abarcando "capacidades perceptivo-motriz-orgánicas y corporales-posturales", habilidades motoras específicas e "capacidad físico-motrices" (LÓPEZ, 1985, p. 9).

Sublinha-se que aliada a essas definições o autor considerou ainda indispensável a compreensão do "cuerpo-movimiento como lenguaje realmente significativo", capital ao enfrentamento de propostas de ensino que idealizam o movimento como algo "estereotipado y artificial" (LÓPEZ, 1985, p. 10).

Enfim, no que diz respeito a didática, López defendeu que "el alumno es el centro del proceso educativo", que devem ser assumidos princípios fundamentais como o de "totalidad, adecuación, individualización, variabilidad y multilateralidad", que "la llave del aprendizage está em el mundo sócio-afectivo", que o condutor do processo educativo precisa ser um "profesional-docente altamente calificado" (LÓPEZ, 1985, p. 10).

López antecipou conceitos importantes que vivificaram a renovação da prática pedagógica da Educação Física brasileira como a compreensão do movimento como linguagem, conceito de destaque em obras como "Metodologia do Ensino de Educação Física" (COLETIVO DE AUTORES, 1991), uma referência fundamental a área. Muito embora tenha mantido a defesa da aptidão física e a concepção do desenvolvimento de habilidades motoras como foco da Educação Física escolar.

Na mesma direção o francês Jean-Robert Joyeux e colaboradores no texto "La educación física y deportiva del mañana" procuraram predizer como a disciplina deveria reformular-se para atender aos anseios de professores e alunos. Os autores entenderam que a Educação Física deveria fixar "contenidos claros y precisos", almejar "objetivos proprios" e desenvolver "métodos de enseñanza lo mas racionales posible". Dessa forma seria evitado que o professor fosse taxado como "el profesor de lo inútil" (JOYEUX et al, 1986, p. 21).

Congênere ao debate instaurado no Brasil, inclusive com repercussões na própria RBCE, os autores relataram uma crise de identidade da disciplina na França provocada pela adesão as "modas" acadêmicas. Dessa forma, a psicocinética, "la invasión de la asimilación-acomodación piagetiana", a "corriente deportiva", as teorizações envolvendo o trinômio "motor-intelectual-relacional" e outros exemplos criaram um "mosaico" confuso que obliterou os caminhos de sua evolução.

O discurso da "especificidad científica", o recurso as "ciencias madres" de forma subordinada e seu contraponto a concepção da Educação Física como uma prática pedagógica focada na operacionalização de "estrategias de enseñana adecuadas" acabaram por emaranhar os propósitos da disciplina e dificultar sua compreensão. Ante esse quadro os autores recomendaram abandonar o debate em torno de uma

especificidade científica e a incorporação da idealização da Educação como apenas uma "didáctica de las actividades físicas y deportivas", evitar a assimilação dos propósitos de outras áreas, pois a disciplina "no tiene vocación médica ni psicoterapêutica" (JOYEUX et al, 1986, p. 22).

Após os autores terem realizado um diagnóstico proveitoso das dificuldades enfrentadas pela área apresentaram uma solução enviesada por um caminho único a adesão a teoria sóciomotora de Pierre Parlebas. Desse modo, a ação educativa da Educação Física se resumiria a "favorecer la adquisición de habilidades motoras por parte de los alumnos mediante actividades de naturaleza más lúdica que técnica" (JOYEUX et al, 1986, p. 22).

Sem embargo empreenderam, também, uma crítica, aos moldes das proposições de Parlebas, a esportivização da Educação Física escolar que geraria uma "confusión con los objetivos perseguidos por el deporte y engendra puntos perjudiciales de entrecruzamiento" como a falta de uma reflexão pedagógica e uma dependência dos códigos esportivos de conduta (JOYEUX et al, 1986, p. 22).

Parlebas foi diretor do Instituto Nacional de Esporte e Educação Física (INSEP) da França, foi professor da Universidade de Paris V e decano da Faculdade de Ciências Humanas e Sociologia da Universidade de Sorbonne (Paris – França). Seu interesse central de investigação foram os jogos, os esportes e a ação motora. Sua obra ficou conhecida como praxiologia motriz na qual tentou uma junção entre a Educação Física e conhecimentos da matemática, lógica, linguística, sociologia e semiótica.

Seus escritos principais foram redigidos em um contexto no qual a psicomotricidade era a principal referência acadêmica e o esporte de um modo tradicional e muito técnico era o conteúdo mais utilizado nas aulas de Educação Física escolar. Sofreu influência, ainda, das críticas de Jean Marie Brohm ao esporte de rendimento, do movimento estruturalista francês principalmente da obra de Levi-Strauss e da sociologia de Talcott Parsons.

Em sua teoria a motricidade é compreendida como um fenômeno social e a interação e a comunicação são pontos centrais. Assim, seu interesse recaiu sobre as relações estabelecidas entre os sujeitos que praticam uma ação motora, sejam adversários ou companheiros. Frisa-se que Parlebas assumiu a ambição de criar uma nova ciência preocupada com o valor social da ação motora, na descoberta de sua lógica interna e centrada na comunicação e na cooperação motriz que animariam todas as atividades físicas. Esse autor também assumiu uma argumentação de que o campo da

Educação Física estaria em vivendo uma crise epistemológica, acentuada pela falta de cientificidade da área (RIBAS, 2002).

Parlebas propôs que a expressão escolar da Educação Física fosse substituída por uma "Pedagogia das Condutas Motrizes". O autor utilizou essa terminologia para delimitar uma intervenção pedagógica nos comportamentos motores com atenção aos aspectos sociais e culturais que os compõe. Um conteúdo importante para a atuação na escola é a diferenciação entre esporte e jogo tradicional compreendidos como situações motrizes. O esporte teria regras padronizadas e seu desenvolvimento condicionado ao alcance do alto rendimento e as influências de interesses mercadológicos e de consumo. O jogo, por sua vez, seria um conteúdo mais adequado uma vez que apesar de atrelado a uma tradição cultural específica apresentam regras mutáveis, que podem ser alteradas livremente de acordo com o desejo de quem o pratica (OLIVEIRA; RIBAS, 2010).

A pesquisa se voltaria a identificação do sistema de signos utilizados pelos sujeitos envolvidos em uma situação motriz, "um tecido amplo de comportamentos, lidos de forma subjetiva" no qual interessa ao pesquisador compreender a ação, "as relações, as decisões, antecipações, as verbalizações, os sinais e os gestos, enfim, todo o conjunto de unidades motrizes que estão organizadas sistematicamente em um dado contexto" (RAMOS, 2000, p. 127). Além da França essa teoria teve uma aceitação significativa na Espanha e na Argentina. No Brasil não teve grande repercussão[96].

Apesar das proximidades com a psicomotricidade Parlebas atacou às bases científicas dessa corrente ancoradas em outras áreas como a Psicologia e a Biologia e o fato de não ter gerado um conhecimento e um objeto específicos que pudesse ser aplicado a análise de ações motoras complexas como os jogos. Nesse sentido ampliou o foco de análise para as interações sociais e culturais ocorridas nas ações motoras, restrito pela psicomotricidade ao gesto motor individual.

O discurso em prol da cientificidade voltou a ser tema no artigo "Nos falta ciencia si queremos educación física" do autor espanhol Antonio Oña publicado na Stadium n. 119 de 1986. O autor iniciou o texto reconhecendo a existência de um intenso debate em torno da "búsqueda de identidad" e da "delimitación de su objeto de

[96] Conforme Oliveira e Ribas (2010) existem no Brasil apenas três pesquisadores que utilizam este referencial. Tratam-se dos professores José Ricardo da Silva Ramos (que em 2006 defendeu uma tese junto à Universidade Federal Fluminense sobre a temática), Marco Bortoletto (que realizou o seu doutoramento junto ao Grupo de Estudos Praxiológicos (GEP) do Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha) e João Francisco Magno Ribas (doutorou-se na UNICAMP com estágio no mesmo grupo catalão).

studio". Outrossim, destacou o temor que rondava a disciplina de perder "su especificidad por invasión de otras matérias" (OÑA, 1986, p. 19).

Na ótica do autor esse movimento carecia de "unidad y rigor" ignorando que o "paradigma de conocimiento es el método científico". A Educação Física deveria fundamentar-se em uma metodologia científica e abandonar uma "ropaje seudocientifica" que a vem entrajando. De modo contrário a uma quantidade significativa de textos da Stadium que assumiram o paradigma da psicomotricidade como referencial, Oña citou essa corrente como exemplo de conhecimentos "dispersos, generados em otras ciencias" para ilustrar suas críticas (OÑA, 1986, p. 19).

A desaprovação de uma atitude considerada comum a área e comentada também no texto anterior (JOYEUX, et. al, 1986) a adesão precipitada ao "autor da moda" inseriu-se nos comentários de Onã. Entretanto, o alerta que considerou mais importante se referiu a anuência a "cierta ideologia anticientífica" acastelada na concepção de que a "ciencia deshumaniza, que la educación física es ante de todo arte, que existen otras formas de teorizar y la ciencia restringiria a la libertad". Censuradas como "enfoque místico" essa corrente em sua perspectiva apresentaria uma "ignorância absoluta de la ciencia" ao ponto de sustentar que "sobran 'artistas' y faltan científicos" (OÑA, 1986, p. 20).

Oña assumiu um tom jocoso ao identificar os partidários dessa perspectiva de "artistas" utilizando o efeito provocado pelas aspas para imprimir esse sentido chistoso. No entanto, acabou por identificar que existia no interior do campo um movimento de resistência que se negava a utilizar a ciência como guia e contestava seus limites. Essa manifestação a não ser nessa breve menção não logrou espaço nos periódicos analisados.

É fecundo realçar que o autor não advogou a incorporação de nenhuma corrente específica. Inclusive no final de seu texto defendeu que na área de Educação Física "caben todas las orientaciones o afirmaciones imaginables" desde que atendam aos critérios de "racionalidad, capacidad explicativa, objetividad y comprobalidad", "exigencia terapéutica" para evitar "excesos o dogmatismos" (OÑA, 1986, p. 20).

Nesse trecho o autor acabou por sintetizar uma atitude constatada nos textos dos dois periódicos o amparo na cientificidade como fórmula para resolver a crise epistemológica que assolava a Educação Física. Como o próprio Oña assinalou tratou-se de uma conduta que seduziu a maioria mesmo que recorrendo as Ciências Exatas e Naturais de um lado e de modo oposto as Ciências Humanas e Sociais de outro.

Pela apreciação dos textos aglutinados sob o eixo “Ciência, Cientificidade e Epistemologia” registraram-se nos dois impressos uma pluralidade de posições. A despeito da classificação como um bloco monolítico caracterizado por analistas anteriores, o número superior de artigos com uma perspectiva convencional de ciência confinada a compreensão das etapas de mensuração, verificação, controle e prova e dos conhecimentos das Ciências Naturais, não inibiu a publicação de artigos renovadores que recorreram as Ciências Humanas para propor novos encaminhamentos para a Educação Física.

No entanto, mesmo os escritos mais críticos não se furtaram em recorrer ao peso da ciência como artifício capaz de atribuir legitimidade a suas posições. O recurso a cientificidade traria um almejado reconhecimento acadêmico e social calcado na compreensão da ciência como “fórum último de resolução dos problemas da realidade”, com poder suficiente para submeter toda a “dinâmica sociocultural às possibilidades explicativas da ciência” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001, p. 105).

Irrefutavelmente essa pretensão científica manifestou-se com feições distintas e em alguns casos antagônicas em concordância com as bases científicas contrastantes nas quais os autores buscaram filiação. As representações encarnaram essas disputas pela autoridade e persuasão sobre a definição do objeto, método e concepção científica que deveria ser legitimada e assumir uma posição hegemônica no campo da Educação Física.

Salienta-se que logo nos primeiros números analisados a revista Stadium, diferentemente da RBCE, publicou múltiplos posicionamentos, não se abstendo de incluir textos que questionavam os limites do uso da ciência e muitas vezes tensionavam os propósitos do esporte de alto rendimento e os sacrifícios corporais atrelados ao seu treinamento. Um diferencial importante, visto que a RBCE em seus anos iniciais manifestou uma clara tendência a apenas figurar elogios, um discurso laudatório sobre o esporte e seus efeitos positivos sobre a população. Ressalva-se que quando incluídos os resumos dos temas-livres publicados nos anais dos eventos promovidos pelo CBCE as dúvidas quanto a caracterização exclusivamente positiva do esporte foram retratadas. Esses argumentos foram contundentemente questionados apenas por um número reduzido de textos com destaque para os de Castellani (1983), Bracht (1986), Soares (1986).

No entanto, ambas apresentaram avanços e retrocessos e um conjunto de textos recheados de ambiguidades que ora exaltava os avanços da ciência e a incorporação dos

esportes como objeto de pesquisa e conteúdo de ensino ora os problematizava. A instauração de uma crise epistemológica com a contestação e defesa de paradigmas diversos também foi uma ocorrência marcante nos dois periódicos.

A busca pelos traços peculiares que autorizariam sua elevação a uma posição acadêmica privilegiada e oportunizariam sua afirmação social foi uma intencionalidade encontrada nos textos que compunham as duas revistas. De certo modo, a leitura das revistas, sobretudo da Stadium, atesta a eclosão de uma preocupação global com os caminhos que deveriam ser trilhados pela disciplina com a urgência de uma renovação, acima de tudo a necessidade de imprimir cientificidade aos conhecimentos da área.

3.2. Teorias e Práticas sobre o Esporte

Esse tópico concentrou os textos que continham representações sobre as concepções do esporte, seus valores, seu embasamento teórico e as discussões sobre sua validade como sustentáculo para a legitimação social da área de Educação Física. Veicularam-se discursos de aceitação e resistência expondo virtudes e vícios da prática esportiva.

As primeiras representações da RBCE sobre o esporte foram veiculadas nos anais do I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, editado pela RBCE v. 1, n. 1 de 1979. Nos temas livres destacaram-se alguns títulos que divergiram do entendimento corrente encontrado nas páginas da revista sobre os efeitos exclusivamente benéficos da prática esportiva em crianças com idade escolar.

O trabalho "O treinamento e a competição precoce e suas influências psicológicas em crianças de 7 a 12 anos" redigido por E. Bomjardim et al utilizou como base teórica a obra de Jean Piaget para concluir que o esporte comumente oferecido a essa faixa etária tem sido nocivo por não levar em consideração a etapa de desenvolvimento da criança, antecipando sua inclusão em atividades competitivas e no treinamento. Os autores asseveraram que essa atitude poderia gerar uma "total aversão pelo esporte" (1979, p. 35).

Contrariando analistas anteriores que parecem ter ignorado esses indícios nota-se que desde seu primeiro número a RBCE veiculou um conteúdo que questionava os delineamentos comuns à área alicerçadas na adoção irrestrita do esporte e do treinamento físico. Inclui-se a citação a Piaget, autor que não figurava entre os citados

convencionalmente pelos teóricos que ocupavam um papel de destaque no periódico e no próprio campo da Educação Física.

Como referido anteriormente o conteúdo principal da Stadium foi o esporte, sobretudo trabalhos que o consideravam como objeto de ensino, pesquisa e treinamento que deveria ser privilegiado. Entrementes, contudo, o periódico apresentou artigos que contestavam ou ao menos reconheciam a existência de outros posicionamentos. Um texto que apesar da postura conservadora demonstrou essa variedade de opiniões sobre este tópico foi publicado na Stadium n. 77 de 1979 com o título "A propósito de las críticas de orden psicológico que se hacen al deporte" por Michel Bouet, autor francês.

O texto apresenta de forma sistematizada uma série de críticas ao esporte e depois contrapõe a essa argumentação sua caracterização "ideológica". As críticas foram enumeradas, a primeira a "idea de la robotización" versou sobre a teoria que o treinamento esportivo pautado pela "pedagogia de estímulo-respuesta" levaria ao "condicionamiento – adiestramiento", a "mecanización de la conducta humana" (BOUET, 1979, p. 42). O autor fez uma citação sem indicar o autor da obra *Critique du Sport* na qual ilustrou esse postulado*:* "el deporte es esencialmente una mecanización del cuerpo concebido como um autómota que es regido por el principio de rendimiento". Apesar de não ter explicitado no texto a construção argumentativa assemelha-se aos escritos do autor francês J. Marie Brohm[97].

O esporte seria responsável por aprisionar o corpo via uma "especialización de los gestos" com tendência "repetitiva, compulsiva y obsesiva" que provocaria um "profundo tédio" garantido pelo invólucro da "medida quantitativa" e da "regulamentación burocrática" (BOUET, 1979, p. 43). A prática esportiva levaria a uma conduta conformista que conceberia indivíduos dependentes e sem criatividade.

A segunda "idea de las relaciones negativas con los demás" teceu uma acusação do incentivo dado pela prática esportiva a competição exacerbada, a rivalidade exagerada capaz de extinguir sentimentos de solidariedade. Em tom jocoso o autor assinalou que "nuestros críticos metidos a psicólogos insisten en la violência destructora [...]" provocada pelo esporte pautado na vitória "[...] a todo precio" e que a seleção e

[97] Esse autor embasando-se no marxismo e na Escola de Frankfurt elaborou uma teoria crítica do esporte relacionando-o ao desenvolvimento do sistema capitalista industrial e a exploração, repressão e sujeição corporal que o esporte, atividade que o simboliza, impõe a seus praticantes (PRONI, 2002).

hierarquização esportiva engendram nos sujeitos "sentimiento de ser disminuídos o rechazados" (BOUET, 1979, p. 43).

O terceiro tópico elencado referiu-se a "idea de la represión de los instintos" na qual "el cuerpo y el mundo de los sentidos y del placer estarían oprimidos" pelo esporte. Utilizando como embasamento a obra de Freud esses críticos defenderiam que as "pulsiones sexuales serían reprimidas y desviadas, y el esfuerzo deportivo evidenciaria una falta de goce" (BOUET, 1979, p. 43). O autor retirou dos textos que censura uma citação do livro de Freud "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" de 1905 a fim de demonstrar as pressuposições que embasariam essas análises do esporte:

> La educación moderna hace gran uso de los deportes para alejar a la juventud de la actividad sexual; sería más justo decir que reemplaza el goce específicamente sexual por el que produce movimiento y provoca la regresión de la actividade sexual a uma de sus etapas autoeróticas (FREUD *apud* BOUET, 1979, p. 43).

Fez ainda menção ao fomento dado pelo esporte a introdução no psiquismo do atleta de uma estrutura "sado-masoquista" que permitiria ao indivíduo "gozar con su proprio dolor". Nessa mesma linha, a quarta proposição "Idea del deterioro de la personalidad" apresentou a tese de que o esporte provocaria inadaptação e desequilíbrio da personalidade. As tensões e o "stress excesivo" produziriam "inhibiciones y frustaciones", "complejos de superioridad y enferioridad" e uma ansiedade perturbadora que geraria desvios de personalidade (BOUET, 1979, p. 43).

A quinta e última referiu-se ao espetáculo esportivo e sua intenção de "manipular, alienar y empujar a la violência" os espectadores transformando-os em sujeitos passivos, "idiotizados", submissos ao "prestigio mítico de los campeones-ídolos" (BOUET, 1979, p. 43).

Encerrado a exposição sintética das principais críticas endereçadas ao esporte Bouet sob o subtítulo "lo que subyace bajo de las ideas psicológicas" propôs-se a reunir supostos indícios que desabonariam essas teorizações. O primeiro deles refere-se a constatação de que apesar de discutir "ideas que se ubican en el terreno de los fenómenos psicológicos" não possuem formação de psicólogos, constituem-se de um grupo de filósofos, sociólogos, pedagogos, jornalistas e ex-campeões.

Esses pensadores estariam generalizando "casos aislados" de modo equivocado, uma vez que, abdicaram de investigações empíricas e do uso de "datos cientificamente establecidos". Assim, não distinguem com clareza o esporte de alto nível das "grandes

masas de practicantes del deporte". Denunciou também o caráter "ideológico" dessas ideias classificadas como "crítica izquierdista" que taxariam o esporte como "producto institucional de los capitalismos industriales" responsável por "comercializar y politizar el cuerpo", uma nova forma de alienação, "un nuevo opio de los pueblos" (BOUET, 1979, p. 43).

Bouet nomeou os principais representantes desse movimento: Bero Rigauer, Böhme e Jean Marie Brohm. Autores pertencentes ao movimento que ficou conhecido como Teoria Crítica do Esporte. Esses teóricos absorveram os referenciais da Escola de Frankfurt, mais precisamente das obras de Horkheimer, Adorno e Marcuse. As citações dos argumentos frankfurtianos giravam em torno da crítica a indústria cultural e ao processo de mecanização do corpo.

Segundo Torri e Vaz (2006) essas teses sobre o esporte tiveram uma grande repercussão não apenas na Europa, mas também na América do Norte e em países latino-americanos. No Brasil essas ideias foram vinculadas à resistência ao projeto para a Educação Física dos governos militares ancorado no esporte de rendimento e de forma associada à renovação dos discursos a respeito da Educação Física escolar. A título de exemplo podem ser mencionados os trabalhos de Cavalcanti (1984) e Bracht (1986).

Para refutar essa composição de autores Bouet recomendou a obra de H. Lenk professor de filosofia e atleta olímpico de remo alemão que contesta a analogia entre trabalho e esporte e a subsequente compreensão que essa atividade alienaria os praticantes. Ao contrário, Lenk defende que o esporte, incluído o de rendimento, é motivado pelo prazer, portanto positivo, libidinoso, um exemplo de autonomia.

No fechamento do texto o autor destilou mais argumentos depreciativos aos críticos do esporte. Com o tópico "La fuerza de atracción de estas ideas" o autor exibiu suas hipóteses baseadas em um "punto de vista psico-sociológico" a respeito da adesão a esse conjunto de ideias. Na primeira hipótese considerou que o perfil dos defensores e simpatizantes dos críticos do esporte seriam formados por esportistas com "ambiciones falidas", indivíduos inaptos fisicamente com "complejo de inferioridad", sujeitos que desprezam o esporte por considerar que a cultura relaciona-se exclusivamente ao plano intelectual (BOUET, 1979, p. 45).

Bouet foi além, na segunda hipótese teorizou que o conforto, "el gusto por la vida fácil", estimulado pelas facilidades da vida contemporânea, rechaçam os valores esportivos por serem fundados pelo "esfuerzo energético", "rigor" e "acción" (1979, p. 45). Na terceira atacou "algunos representantes del médio de la enseñanza" que

defenderiam o movimento livre, o jogo e a expressão corporal, conceituando-os como uma forma de linguagem por terem sidos desligados do esporte e seu desenvolvimento. Para finalizar apontou que a crítica ao esporte se escora na "especulación ideológica" de "desviaciones del deporte" (BOUET, 1979, p. 46).

Inúmeros autores, em especial os criticados por Bouet, tem demonstrado que o esporte de rendimento está pautado na sujeição corporal e no estabelecimento de uma performance máxima. O resultado, o recorde esportivo, muitas vezes independente dos meios utilizados para alcança-lo, é o objetivo a ser perseguido, importando pouco o prazer e a libido do sujeito que o pratica, ao contrário esses elementos são constantemente sacrificados (PRONI, 2002).

A despeito das considerações do autor a imposição da disciplina, o treinamento exaustivo, a intensa especialização a competitividade exasperada e o controle sobre a produtividade são indícios mais que suficientes para estabelecer uma analogia entre o esporte de alto nível e o trabalho na sociedade industrial (VAZ, 2008).

Apesar do tom moralizante que comandou seu texto, Bouet para rechaçar a crítica ao esporte utilizou mecanismos discursivos indecorosos e sem fundamentos, nem mesmo especulativos, como desqualificar os críticos pela caracterização depreciativa de atributos pessoais como o fracasso esportivo, a falta de vigor físico ou a exclusão do sistema esportivo. Lugar-comum incorporado às representações convencionalmente acionadas por uma série de defensores do esporte, inclusive no Brasil.

De modo antagônico a Stadium seguinte n. 78 de 1979 publicou o texto "La violência en el hándbal" do autor espanhol Sergio Petit. Nesse artigo Petit questionou a conivência com a violência e a falta de punições aos casos corriqueiros no esporte de alto rendimento. Para o autor tem ocorrido uma "escalada hacia la violência" e o handebol seria um exemplo evidente.

Nessa esfera, Petit afirmou que o próprio regramento desse esporte incentivaria o "juego sucio", antidesportivo. A permanência dessas atitudes romperia a essência do jogo, impediria seu desenvolvimento e provocaria sérias lesões em seus praticantes. Para enfrentar essas questões Petit aconselhou alguns caminhos:

> 1. Responsabilidad en directivos, técnicos y árbitros; 2. Codificación de las conductas antideportivas y sanciones inherentes; 3. Conciencia de la mala ejemplaridad que provoca el antijuego en los grandes torneos, en los grandes equipos y en las retransmisiones televisadas; 4. Campañas de prensa adecuadas al tema; 5. Conciencia por parte del público y de practicantes de la mala influencia en el deporte de la

> filosofia del éxito y de la competitividad en la vida social imperante (1979, p. 21).

Muito embora Petit seja um defensor do esporte em todas as suas manifestações estava atento para os efeitos nocivos que a competitividade excessiva, a violência e a busca incessante por melhores resultados poderiam acarretar. Suas soluções, ainda que carecessem de uma análise mais rigorosa, procuraram envolver diferentes esferas e atores. Diretores, técnicos, árbitros, atletas, a imprensa, praticantes e expectadores foram chamados a moralizar a prática esportiva e punir seus desvios.

É possível estabelecer traços similares desse discurso com o conteúdo de documentos produzidos por organizações internacionais como a UNESCO e a FIEP quando invocaram o *fair play* como saída a essas "anomalias" causadas pelo esporte de rendimento. Porém, as observações de Petit foram mais contundentes e suas respostas ao enfrentamento do problema mais abrangentes.

Para marcar a polifonia como característica da Stadium, estabelecendo um diálogo sobre o esporte com múltiplas vozes, ainda nesse número foi disseminado o texto "Evolución del deporte evolución de la educación física" de M. Lagisquet, autor francês. Lagisquet advogou que o esporte tem sido crescentemente apreciado como fator de desenvolvimento, um feito social, um direito essencial, uma fonte de "perfeccionamiento humano". O alcance da competência esportiva seria um de seus aspectos positivos que teria um "valor educativo" imensurável, associado ao desejo de vencer e a busca da melhora da performance que impulsionariam o progresso humano.

Arquétipo dessa evolução seria o atleta de alto rendimento qualificado como um indivíduo "armoniosamente desarollado, completo, equilibrado y, necessariamente, inteligente". Esses avanços chegaram a escola e promoveram "un redescubimiento de la educación física" ancorada no mundo esportivo e suas práticas (LAGISQUET, 1979, p. 31).

Na ótica de Lagisquet os professores de Educação Física estariam em "completo acuerdo" com a adoção do esporte com fins educativos como eixo articulador de suas aulas. A única ressalva desses profissionais seria o emprego "abusivo" do esporte descolado de preocupações formativas (LAGISQUET, 1979, p. 32). O esporte tratado como conteúdo teria a vantagem de ser motivador, agradar os alunos e incitá-los ao esforço.

Essa prática possibilitaria ao professor evitar a imposição e a adesão ao autoritarismo como forma de educar empregado comumente no ensino da ginástica. Para tanto, seria necessário efetuar uma fusão dos conhecimentos e procedimentos dos professores de Educação Física com os técnicos desportivos comungando-se uma concepção comum. Desse modo, conforme o autor, a Educação Física poderia evoluir significativamente e "sufrir una profunda modificación" (LAGISQUET, 1979, p. 34).

Além da entusiástica defesa do esporte é notória a perspectiva do autor de associar o ensino dos esportes como uma forma de romper com procedimentos autoritários e posturas impositivas comumente adotadas no ensino da ginástica. A ludicidade e a competitividade presentes nos esportes poderiam convencer os alunos a participar das aulas de modo voluntário e prazeroso. Na contramão de boa parte da crítica brasileira a adoção do esporte como modelo e prática educativa Lagisquet propôs uma coalizão entre professores e treinadores e a idealização do esporte de rendimento como modelo educativo sem ressalvas.

Essas considerações problematizam a polarização do debate que animou parte da historiografia da área em torno da imposição do esporte como elemento contrário a liberdade e a ludicidade antes atribuídos as aulas de Educação Física que tematizavam métodos ginásticos. Infere-se que essas considerações a respeito da sobreposição do lúdico pela prática dos esportes e sua centralização no ensino da ginástica merecem ser revistas[98].

Em contrapartida outro texto crítico aos descaminhos do esporte espetáculo e mais especificamente do papel da imprensa esportiva nesse desvirtuamento foi publicado na Stadium n. 90 de 1981 com o título "Las deformaciones del deporte y la responsabilidad de los periodistas", sem indicação de autoria. Este artigo foi uma tradução feita pela Dirección Nacional de Educación Física, Deportes y Recreación Argentina de um número da revista francesa Education *Physique et Sport* editado em 1976.

Em seu conteúdo foi tecida uma avaliação dura do destino dado ao esporte compreendido como "simple elemento de prestigio" que só serviria para a "exaltación de la victoria" e para o desenvolvimento de um "espíritu nacionalista chauvinista", seu caráter educativo foi abandonado. Foi apontado também o processo pelo qual ocorreu essa deturpação. A transformação do esporte em um veículo publicitário e comercial

[98] Marcos Aurélio Taborda de Oliveira (2001) na sua tese de doutoramento teceu ponderações similares.

promoveu uma “invasión indiscriminada del dinero” e sua “comercialización excesiva” que impulsionou a valorização dos resultados, exacerbou “las pasiones” e instaurou “el proceso de violencia en los stadios y fuera de ellos” (STADIUM, 1981, p. 33).

A cobertura jornalística não foi poupada, a ênfase no resultado, a ocultação do contexto, dos motivos e das condições sociais dos jogos, o uso de um vocabulário “militar, guerrero” e a tolerância à violência foram às características que justificaram a acusação de que o rádio e a televisão teriam “amplificado” os efeitos nocivos do esporte. A falta de uma reflexão política acabou levando a imprensa especializada a aceitação do “mito de la neutralidad del deporte” (STADIUM, 1981, p. 33).

A escassez de uma “análisis cultural y filosófica” do fenômeno esportivo, o desinteresse pela “ética y política deportiva” e o desconhecimento dos problemas da Educação Física e do esporte escolar complementam os argumentos do julgamento apresentado no texto.

Sem dúvida o conteúdo do texto brindou o leitor com uma crítica incisiva que de modo análogo a os autores da Teoria Crítica do Esporte localizou a depreciação da atividade esportiva pelo processo de mercadorização e espetacularização de sua prática. Além disso, conseguiu realizar uma análise social e se espraiar para domínios pouco enfocados pelos analistas editados pela Stadium como a imprensa esportiva.

Com relação ao ensino de esporte um texto dessemelhante dos costumeiros foi exposto na Stadium n. 92 de 1982. Assinado pelo autor alemão Rudolf Engel com o título “La coeducación en los deportes colectivos” esse artigo iniciou-se com uma problematização incomum ao conteúdo do periódico que merece ser reportada integralmente: “no se há demonstrado que la inferioridad del sexo feminino em ciertas disciplinas deportivas sea el resultado de una desgracia filogenética y no un reflejo de normas sociales profundamente arraigadas” (ENGEL, 1982, p. 3).

Para o autor as diferenças fisiológicas entre homens e mulheres “provienen sin duda más de las muñecas y soldaditos de plomo de nuestra infância que de la fisiologia propriamente dicha” (ENGEL, 1982, p. 11). Nessa passagem sobressalta-se o questionamento aos princípios biologizantes que marcaram o desenvolvimento da Educação Física a época e marcaram suas práticas escolares segregadoras.

Não satisfeito, Engel (1982, p. 3) acrescentou “tampouco se ha probado que la coeducación deportiva produzca una exacerbación anormal de la sexualidade em vez de normalizar las relaciones heterosexuales”. Frisa-se que autor dialogou com outros discursos que procuraram atribuir a prática esportiva uma influência sobre a orientação

sexual de seus praticantes. Nesse contexto, a necessidade de controle da sexualidade inibiria a adoção do esporte como prática educativa. Assertiva que se contrapõe as análises que dotaram o esporte de um poder de subsumir o corpo dos sujeitos e sublimar seu desejo[99].

O autor trouxe a tona um debate sobre gênero convencionalmente evitado no campo da Educação Física posicionando-se de modo progressista ao assinalar que "una educación física y deportiva segregacionista sólo puede reforzar los estereotipos relativos a una motricidad sexuada, atribuyendo a los varones fuerza y resistencia y a las niñas gracia y flexibilidad" (ENGEL, 1982, p. 3).

De modo antagônico a essa ação defendeu que a coeducação poderia "contribuir a la atenuación y hasta a la desaparición de esteriotipos" integrando-se aos fundamentos de uma educação "progresista y emancipadora" que "condena la competición" e apoia-se sobre "el principio de cooperación" (ENGEL, 1982, p. 4). Nesse texto Engel prenunciou os movimentos no interior do campo da Educação Física que enfocaram discussões a respeito do gênero e da sexualidade e suas implicações para a escolarização. Nesse período no Brasil mesmo os autores com perspectivas mais críticas abonaram-se de tratar essas questões.

Firmando-se nesses elementos o autor elencou alguns procedimentos que devem ser seguidos para a condução de aulas mistas como recomendar aos mais fortes "el deber de ayudar a los menos fuertes", acompanhar os exercícios de discussões sobre as necessidades e dificuldades de todos, evitar que os meninos continuem "aislando a las ninãs" (ENGEL, 1982, p. 8). Engel asseverou que a implantação desses artifícios de uma educação programadamente coeducativa seguramente promoveria um processo de transformação de "una actitud sexista" para "uma capacidad de cooperación" (ENGEL, 1982, p. 11).

Realça-se que Engel utilizou princípios como a cooperação e a coeducação para propor encaminhamentos didáticos para as aulas de Educação Física que poderiam enfrentar atitudes sexistas e individualistas comuns às atividades convencionalmente realizadas no cotidiano escolar. Não obstante, procurou superar os reducionismos e afrontar os estereótipos apregoados por posicionamentos ancorados nas Ciências Naturais para propor um entendimento das questões de gênero a partir de uma visão social e cultural.

[99] Para maiores informações sobre essa vertente de análise consultar Proni e Lucena (2002), Vaz (2008).

Seguindo uma linha interpretativa semelhante, mas abordando o esporte e sua disseminação para o público infantil o artigo “Competencias deportivas para niños” escrito pelo argentino Antonio Alcázar expôs uma série de cuidados e indicações para evitar “los daños potenciales que los esfuerzos extremos sostenidos pueden producir sobre la salud física y psíquica” nessa faixa etária. O autor advertiu que essas preocupações não atingiram os dirigentes e técnicos que ignorando a saúde dos praticantes tem “programado pruebas deportivas para categorías de edades cada vez menores” (ALCÁZAR, 1982, p. 29).

Sob esse prisma Alcázar advogou a implantação de um esporte para crianças calcado na diversão, no prazer, na saúde e na educação. Para chegar a esse entendimento o autor fundamentou-se nas preconizações de organismos internacionais como a FIEP, o Conselho Internacional de Saúde, Educação Física e Recreação (ICHPER) e a UNESCO.

Em seu julgamento Alcázar não poupou a Educação Física escolar que teria cometido o equívoco de substituir seus objetivos “por los del deporte competitivo y de rendimiento”, “[...] abandonado, poco a poco o definitivamente, su misión de educar”. O esporte na escola remeteria a “función de entrenar” e competir e a deturpação de valores pela ânsia de “ganar a todo costa, a burlar el juego honesto, a renegar la derrota” (ALCÁZAR, 1982, p. 31).

O autor respaldou suas afirmações pela reprodução de um trecho do parecer da Academia Nacional de Medicina Francesa redigido sob responsabilidade de A. Delmas:

> El prestigio que reporta una medalla a un equipo, a un club, a una nación no merece que sean puestos en juego la salud y el porvenir de numerosos niños. Si la Academia acepta las conclusiones que le presenta el grupo de trabajo, ellas serán elevadas al siñor presidente de la República y a los siñores ministros interesados, porque el problema planteado es un problema nacional y humano: el de los derechos del niño a ser protegido (ALCÁZAR, 1982, p. 34).

No fim desse artigo foi adicionado um quadro com o título de “Decalogo de las competencias deportivas infantiles” no qual foi enumerado um conjunto de princípios que deveriam ser seguidos pelos responsáveis pela direção de atividades esportivas destinadas a crianças. Em síntese o esporte para crianças deveria: “[...] limitarse a niños sanos”, evitar riscos para “salud psicofísica”, incluir esportes variados para impedir o “entrenamiento intenso y especializado”, não ser “demasiado rígido”, respeitar o tempo

livre, realizar-se na escola sob a supervisão de "educadores físicos com ideas sanas y objectivos adecuados", agrupar as crianças por idade, peso e "destreza", favorecer "la cooperación y espíritu deportivo", não deve sofrer pressões de adultos, não deve ser "instrumento de propaganda política" para não submeter as crianças a "un disimulado vasallaje" (ALCÁZAR, 1982, p. 34).

Não obstante, insistiu que o esporte infantil obrigar-se-ia a incluir "a todos sin segragación de los menos aptos", a permitir a criança "elegir con libertad las actividades físicas que más satisfagan sus intereses y necesidades" e a moderar a "énfasis por ganar" (ALCÁZAR, 1982, p. 34).

Mais uma voz dissidente que estendeu suas recomendações para um público específico. Semelhante a comentadores brasileiros esse autor propôs uma reformulação das práticas esportivas para as crianças tendo como princípios a inclusão de todos e a liberdade de escolha. A denúncia dos malefícios do esporte foi tema, por exemplo, do trabalho de Elenor Kunz (2006) [100]. Para Kunz (2006, p. 48) "crianças e jovens sacrificam demasiadamente sua infância" para treinar de forma sistemática objetivando a melhora do rendimento e a participação em competições esportivas.

O treinamento precoce causaria "um leque de problemas e perigos a saúde e ao bem estar da criança afetando sua "saúde física e psíquica" (KUNZ, 2006, p. 52). Kunz (2006, p. 53) avançou quando comparado a Alcázar por incluir em sua análise os "determinantes sociopolíticos e econômicos que levam treinadores e especialistas do esporte a desenvolver o esporte infantil e níveis cada vez mais altos, mesmo em detrimento da própria saúde da criança".

Nessa perspectiva a "comercialização fomentada pela indústria cultural esportiva e os meios de comunicação de massa" concorreriam para impor o "sucesso esportivo e o rendimento cada vez mais alto" as crianças introduzidas em sua prática (KUNZ, 2006, p. 54). Na própria RBCE o texto de Bracht (1986) apreciado nesse eixo pode ser citado como exemplo de texto que realizou um julgamento das práticas esportivas por meio de uma análise sociológica.

Na RBCE os textos que abordaram os esportes foram mais escassos. Se considerado as orientações metodológicas selecionadas para essa tese somente alguns resumos dos trabalhos apresentados nas sessões de tema livre do III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte publicados na RBCE no v. 5, n. 1 de 1983 exibiram

[100] Sua obra "Transformação didático-pedagógica do esporte" teve sua primeira edição em 1994.

representações com disposições diferenciadas sobre o esporte dos textos convencionalmente publicados no periódico.

O trabalho "Esporte: como você está longe da Educação Física" de Ricardo Enrique Rivet censurou o "desvirtuamento" do processo de formação em Educação Física provocado pelo treinamento, taxado como "adestramento esportivo". Não obstante, o autor aconselhou pais e autoridades a preocupar-se com a escolha dos docentes que trabalhariam com as crianças na iniciação esportiva, alertando-os para a existência de "leigos" e "ex-esportistas" sem "formação competente" que teriam sua atuação educacional comprometida e possivelmente nociva (RIVET, 1983, p. 19).

Com uma fundamentação mais densa o resumo de Valter Bracht "Reflexões para o entendimento do processo de socialização através do desporto escolar" procurou efetuar uma reflexão crítica, embasada em autores da Sociologia do Desporto, sobre o pretenso papel socializante do esporte. O autor concluiu que o esporte como agente de socialização tem sido compreendido sob uma ótica estrutural-funcionalista.

Na mesma linha argumentativa, Francisco Martins da Silva no resumo "Reflexões filosóficas e sociais acerca do desporto" promoveu uma compreensão analítica do esporte inserindo-o em uma "determinada estrutura de produção" e nas "relações sociais", submetido a um "tecnicismo exagerado" e a "reprodução de gestos e movimentos" (SILVA, 1983, p. 20). De forma semelhante, Katia Brandão Cavalcanti sob o título "Por uma desesportivização da formação do professor de Educação Física" questionou a concepção de ensino excessivamente "técnica e esportivizada" instaurada nos currículos dos cursos de formação da área.

Nesses trabalhos o esporte passou a ser analisado com referenciais oriundos das Ciências Humanas e Sociais e apresentaram conclusões díspares quando comparados com os textos baseados em teorizações biológicas, fisiológicas e outras semelhantes. O tom crítico e a denúncia dos desvirtuamentos ocasionados pelo abuso da técnica, pela falta de uma formação adequada e pela modelização do esporte de rendimento como saber escolar foram um denominador comum entre esses autores.

Nesse mesmo ano e em contraposição aos analisados anteriormente o artigo "El rol social del técnico deportivo" do argentino Fernando Rodríguez Facal disseminado na Stadium n. 99 de 1983 versou sobre as características sociais do técnico esportivo. Facal atesta sua posição favorável ao esporte pela descrição elogiosa de seus méritos sociais.

Deste modo, o esporte seria um elemento que constitui a "educación integral", "generador de cultura", permite a "assimilación de valores superiores", é "agente de

salud", forma "hábitos higiênicos", previne enfermidades ocasionadas pelo "sedentarismo de la vida moderna", promove a defesa da nação pela melhora da "aptitud física de su población" e é fator de integração comunitária (FACAL, 1983, p. 9).

Para esse autor a estrutura social deveria proporcionar os meios para o alcance do "éxito deportivo" que seria propiciado pela consecução de critérios e predicados embasados no "avance de la ciencia deportiva". Entre eles destacaram-se a capacidade de condução, a "cantidad y calidad de conocimientos científico-técnicos y pedagógicos" e a "capacidad de comunicación" que melhorariam a gestão desportiva e consentiriam aos esportistas um ambiente favorável ao seu desenvolvimento (FACAL, 1983, p. 10).

Nesse esfera, a figura do técnico esportivo seria fundamental. Para o autor esse profissional "transmite valores", deve assumir um "compromiso total y profundo", ter valores superiores relacionados a princípios "ético-religiosos, nacionalidade y patriotismo, familia y relación humana" (FACAL, 1983, p. 10). Ademais, deve manter uma "permanente vigilancia y control" de seus atletas, administrando "tiempo y espacio", "aptitudes y calidades", instigar "la voluntad de vencer" e cultivar valores fundamentais como "religión, nacionalida y familia" (FACAL, 1983, p. 11).

Estabeleceria, portanto, uma relação "conductor-conducido" alternando posturas "amistosa, paternal, didáctica o autoritaria" e a partir de um "diagnóstico preciso de los perfiles psicológicos" dos atletas poderia incutir a "convicción de la necesidad de asumir un compromiso individual intenso" para atingir as metas pré-estabelecidas (FACAL, 1983, p. 11).

Facal conseguiu sintetizar as convicções de boa parte dos intelectuais ligados a Educação Física a época: o esporte seria uma prática virtuosa e educativa por excelência capaz de enfrentar os problemas causados pela urbanização e industrialização, os avanços da ciência deveriam ser incorporados para melhorar a performance atlética, o técnico e o treinamento possibilitariam um aperfeiçoamento moral, físico e comportamental.

Essa fusão de elementos foi duramente criticada por autores dos dois impressos. Com variações de intensidade e profundidade Bomjardim et. al (1979), Petit (1979), Engel (1982), Alcázar (1982), Bracht (1986) Cavalcanti (1983) e Silva (1983), para citar apenas alguns nomes, identificaram traços negativos na prática irrestrita do esporte, especialmente o de rendimento. Sem embargo, também a correspondência estabelecida por Facal entre o treinamento esportivo e princípios "ético-religiosos"

associados a vigilância e controle permanentes dos atletas soou, no mínimo, de modo aterrador.

Facal propôs nitidamente a disciplinarização por meio de um arsenal técnico destinado a manipulação corporal e moral sujeitando os praticantes aos desígnios do treinador, a um condicionamento em nome do rendimento e da estabilização social pelo cultivo de valores e crenças incutidas pelo treinamento esportivo.

No tocante a política esportiva esse mesmo autor em conjunto com o argentino E. F. Eleusippi no escrito "Hacia uma política deportiva nacional" publicado na Stadium n. 101 de 1983 teceram uma crítica densa ao parco desenvolvimento esportivo do país e apontaram encaminhamentos para sua resolução. Para os autores a falta de uma política esportiva teria solapado a estrutura esportiva, seus dirigentes e atletas na Argentina.

Nesse prisma o Estado teria renunciado a "asumir responsabilidades", deixando a "terceros la toma de decisiones", sem responsabilizar-se minimamente pela gestão da atividade esportiva. Para resolver, as mazelas do setor esportivos acreditavam ser necessário propor um "Plan Nacional del Deporte" baseado em uma "análisis de la situación actual del deporte argentino" (ELEUSIPPI e FACAL, 1983, p. 3).

Com esse ímpeto os autores se dispuseram a esboçar os rudimentos desse documento a fim de colaborar para sua consecução. Isto posto, apresentaram uma avaliação da situação atual do esporte argentino frisando alguns pontos centrais como a falta de planejamento, infraestrutura deficitária, falta de equipamento, falta de uma política de busca e desenvolvimento de talentos esportivos, falta de apoio social, assistencial e econômico aos desportistas, ausência de cobertura jornalística adequada, técnicos desportivos sem qualificação apropriada por conta da falta de programas de capacitação e ausência de incentivo econômico, falta de docentes e árbitros.

Eleusippi e Facal não se abstiveram de apontar os efeitos de "la crisis econômica y la injusticia social" que provocaram o "abandono de la práctica de una gran cantidad de jóvenes deportistas" (ELEUSIPPI; FACAL, 1983, p. 4). A respeito das instituições educativas asseveraram a ausência de uma ação "orgânica y sistemática" do Ministério da Educação sobre a educação esportiva e outros problemas como: falta de infraestrutura, política salarial injusta e condições inadequadas de trabalho para os docentes envolvidos com o desporto, administração e fiscalização deficientes.

Assentados nesse diagnóstico prévio os autores redigiram definições, classificações e normatizações essenciais a política desportiva nacional. Aclaram o

conceito de esporte como “toda actividad fundamentalmente física, desarrollada con um objetivo eminentemente competitivo, de acuerdo a reglas prefijadas” (ELEUSIPPI; FACAL, 1983, p. 6). Classificaram essa atividade em quatro tendências: social, de massa, de representação nacional e espetáculo.

O esporte social seria aquele com “características recreativas”, com “amplia libertad reglamentaria” e destinado a toda a população. O esporte de massa congrega as atividades esportivas com objetivos de “rendimiento físico, técnico e táctico” designadas a “juventud argentina” pela ação conjunta de clubes e escolas. O esporte de representação nacional seria aquele que contaria com “amplo apoyo técnico, científico y económico” focado no “máximo rendimiento” e nas competições internacionais para projetar uma “imagen representativa de los niveles de educación y cultura deportiva alcanzados por el pueblo argentino” (ELEUSIPPI; FACAL, 1983, p. 6).

Por fim o esporte espetáculo se caracterizaria por sua função de contribuir “em virtud de su extraordinario poder de movilización” para a “incorporación masiva de jóvenes y adultos a la práctica deportiva” (ELEUSIPPI; FACAL, 1983, p. 6).

Eleusippi e Facal elaboraram também metas e objetivos e distribuíram a responsabilidade acerca da administração do esporte em âmbito nacional. As metas seriam a “aptitud física, salud física y mental, Educación Física, cultura deportiva”, os objetivos referem-se ao “mejoramiento de la aptitud física de la población, formación de uma cultura deportiva nacional y elevación del nivel técnico-deportivo del deporte de representación nacional” (ELEUSIPPI; FACAL, 1983, pp. 6-7).

Caberia ao Estado assumir a responsabilidade sobre a “orientación estratégica”, “la fiscalización del cumplimento de las normas” e “apoyo financeiro” (ELEUSIPPI; FACAL, 1983, p. 7). Aos municípios, associações profissionais e entidades comunitárias competiria o esporte social, porém mantido o suporte governamental.

A paridade com o documento oficial brasileiro expedido pelo governo militar “Diagnóstico Nacional da Educação Física e do Desporto” (1971) é expressiva. De forma equivalente apontaram o sucateamento estrutural e a falta de organização e recursos que caracterizaram o desenvolvimento esportivo nacional. Os objetivos traçados também foram coincidentes, aprimorar a aptidão física da população, alastrar a prática esportiva, esmerar a formação de técnicos e professores e incrementar os índices e resultados do esporte de alto nível.

Entretanto, uma distinção fundamental seria o esforço do governo militar brasileiro em sanar esses problemas, ainda que de modo similar o resultado esportivo

não tenha sido satisfatório é evidente a ampliação e melhora das condições de formação e atuação dos professores de Educação Física. Essas ações podem ser exemplificadas pela formulação da Política Nacional de Educação Física e Desportos (1975) e do Plano Nacional de Educação Física e Desportos (1976), a construção de espaços para a prática esportiva e pelo considerável aumento do número de cursos de formação e postos de trabalho na área de Educação Física nesse período. Fato que não teve correspondência na Argentina.

Sobre as cobiçadas relações entre esporte e ciência com o título "El deporte de mañana" foi reproduzido um artigo do autor francês Pierre Seurin na Stadium n. 102 de 1983 que teve como propósito elucidar encaminhamentos para o futuro do esporte. Texto extraído da revista "El deporte. Sus aspectos políticos, sociales y educativos" editada pela UNESCO em 1982.

O autor partiu das premissas da difusão da necessidade de uma "actividad física regular y racional para conservar, desarrollar o recuperar el estado de saúde y de bienestar corporal", da urgência de uma atividade física que "compense la vida sedentaria en un mundo cada vez más mecanizado" para atestar a importância da adesão ao esporte na vida contemporânea. Somou-se a essas motivações enunciadas o "afán estético", o "amor al juego", o "deseo de victoria" e a "necesidad de relaciones humanas" que podem ser saciadas, segundo esse enfoque, pela prática esportiva (SEURIN, 1983, p. 19).

Para robustecer sua argumentação Seurin traçou um resumo do panorama esportivo a época tecendo críticas efusivas ao esporte de rendimento. Conforme o autor "el deporte de competición es rigurosamente selectivo [...], no está animado por educadores, sino por dirigentes celosos antes que nada de la vitoria, intereses financeiros y ambiciones políticas" e "la victoria a toda costa es su único objetivo (incluindo para tanto o "juego sucio" e o "doping")" (SEURIN, 1983, p. 19).

Esse tipo de esporte afiançou Seurin explora "niños bien dotados" obrigados a um "entrenamiento precoz", "muy duro", cujos "peligros de orden fisiológico y psicológico han sido senãlados por médicos y educadores". Sem embargo, procura ainda incutir um sentido de "superioridad" política, um sentimento de "honor del país" uma espécie de proveito capaz de transferir os méritos esportivos para a esfera política.

Apesar dessas alegações o autor acreditava existir "otras corrientes más tranquilizadoras para los educadores" como o esporte amador e o movimento do esporte

para todos e a presença de jovens que pratica o esporte por “simple placer”, “por gusto del esfuerzo” e de “manera desinteresada” (SEURIN, 1983, p. 20).

Consoante a essas observações o autor empenhou-se em ilustrar como seria o “deporte del siglo XXI” dividindo-o em três categorias “deporte profesional, deporte para todos y deporte de competición amateur”. O esporte profissional voltado ao espetáculo se obrigaria a organizar-se “metódicamente”, “con mayor racionalidad”, almejando atrair o espectador. Por suas características seletivas e pela efemeridade das carreiras dos atletas deveria restringir-se aos mais aptos e investir em “programas de empleos postdeportivos” e de renovação dos jogadores (SEURIN, 1983, p. 21).

O esporte para todos seria “la variante más importante del siglo XXI”, especialmente, por contribuir para a “salud y deleite” dos praticantes e ser desfrutada de forma “libre y muy flexible”. O autor cita diversos países que teriam aderido ao movimento e abarca como uma de suas manifestações a “gimnasia voluntaria” e suas variações que estariam sendo praticadas inclusive no Brasil. Seurin assegura que “el deporte para todos llegará a ser el grand deporte de mañana” (SEURIN, 1983, p. 21).

Mesmo ameaçado pelo esporte de rendimento e seus “excesos y peligros” ocasionados pela busca da vitória Seurin prenunciou a sobrevivência do esporte amador. Alimentado por uma “nueva mentalidad deportiva creada por el deporte para todos” e pelos esforços de “los educadores de la escuela” essa modalidade recuperaria os “caracteres educativos” da competição esportiva como a “acción desisteresada”, a lealdade e o “respeto al adversario”, “la modestia en la victoria y la aceptación de la derrota, el abandono de todo chauvinismo y de todo nacionalismo excesivo” (SEURIN, 1983, p. 22).

Para encerrar o escrito o autor reiterar a validade do esporte como uma prática que do “punto de vista humano y social” suscite “mayores alegrias y más benefícios biológicos” que devem estar “al alcance de todos” (SEURIN, 1983, p. 22).

O autor reproduziu boa parte da argumentação de autores publicados anteriormente na Stadium como Petit (1979), Engel (1982) e Alcázar (1982). As nuances de seu discurso apresentam-se na defesa de um modelo específico “o esporte para todos” como referencial para a difusão do esporte e como proposta de ensino na educação formal e na compreensão dos professores de Educação Física como participantes de um movimento de resistência ao ingresso do esporte de rendimento nas práticas escolares.

O Esporte para Todos (EPT) foi um movimento em prol da democratização das atividades físicas e desportivas que teve como metas aprimorar a aptidão física da população, massificar a prática esportiva como forma legítima de ocupar o tempo de lazer. A recreação e o lazer deveriam predominar em detrimento de atividades competitivas, porém o apoio ao envolvimento em iniciativas de esporte organizadas e com intenções de rendimento, apesar de secundário integrava de modo contraditório as intenções do movimento.

O EPT utilizou-se de estratégias de domínio e ajustamento social embasadas na produção de "corpos obedientes e úteis, [...] de subjetividades, amparada por discursos suaves de controle social" (TEIXEIRA, 2009, p. 18). Empregaram ações voltadas ao convencimento dos benefícios da adesão as práticas corporais de modo "livre e espontâneo", "dotadas de uma positividade que tentava incutir nos indivíduos a idéia de liberdade" de escolha da ocupação de seu tempo disponível (TEIXEIRA, 2009, p. 12).

Evidentemente compunham-se como artifícios para "disfarçar o controle social do tempo livre" da população (CAVALCANTI, 1984, p. 90). Cavalcanti (1984) assevera que o movimento também influiu na ampliação do mercado de consumo de materiais esportivos e da disseminação de uma acepção de corpo e de saúde que sobrepôs a expressão da técnica e do treinamento sobre a vontade do sujeito, reificando-o e amoldando-o às exigências sociais.

Com uma abordagem mais acadêmica sob o título de "El deporte femenino en la actualidad", os franceses D. Brial et al debateram as principais barreiras ao desenvolvimento do esporte feminino. Alegando que a maioria dos estudos sobre a temática abordam apenas aspectos fisiológicos e médicos os autores sublinham o imperativo de considerar "el contexto sociocultural". Nessa medida, importam "los modos de vida de las mujeres, sus relaciones con le trabajo en el hogar y dentro de la sociedad y sus relaciones con el cuerpo (reales, imaginarias o representadas)" (BRIAL et al, 1985, p. 37).

Com essas inquietações realizaram um balanço dos dados existentes sobre a prática esportiva feminina. Entre os resultados encontrados destacaram-se as motivações relacionadas a "encontrar el equilibrio", "conservar la juventud", "relacionarse socialmente" e "buscar la compañía del sexo puesto", a preferência por atividades físicas não competitivas e o contraste entre a autoimagem das praticantes, sobremaneira no esporte de alto nível e seu julgamento social.

As esportistas projetam um autoconceito relacionada a feminilidade e a afirmação de uma identidade heterossexual, em contraposição as percepções sociais, ancoradas em "ideas preconcebidas y prejuicios sociales", que incorporam a imposição das propriedades do "universo masculino" a essas praticantes e as "amenaza con la perdida de la feminidad" (BRIAL et al, 1985, p. 38).

Outros pontos importantes referiram-se a "casi inexistencia de mujeres en los puestos de dirigentes y la desigualdad de los recursos financeiros acordados". Os autores asseveraram que os meios de comunicação "contribuyen a esa diferenciación", restringido as transmissões e as competências femininas e "trazando de manera particularmente ambígua la imagen de la mujer participante en el deporte de alto nivel" (BRIAL et al, 1985, p. 38).

Os autores encerraram sua exposição aventando a continuidade das pesquisas que tematizam "los mecanismos que originan la resistencia de la mujer a la práctica de deportes y su desigual dedicación a ellos" e ao mesmo tempo analisam os "factores que obstaculizan es práctica". As fontes primordiais de informação seriam "las condiciones de vida y las ideas sobre el deporte" dessas esportistas (BRIAL et al, 1985, p. 41).

Brial et al realizaram um exame da situação do esporte feminino preocupando-se com um componente normalmente desconsiderado nas pesquisas apresentadas no periódico o contexto sociocultural. Os modos de vida, as relações com o trabalho e com a família e com o próprio corpo foram as categorias analíticas encontradas por esses autores na tentativa de traçar um panorama da situação do esporte feminino.

Como Engel (1982) esses autores trouxeram para o interior do impresso discussões sobre gênero e sexualidade considerados tabus no meio esportivo. A desigualdade de acesso e recursos enfrentada pelas mulheres esportistas e o estabelecimento de uma discriminação social baseada na associação da prática esportiva com a perda da feminilidade são obstáculos que ainda devem ser transpassados contemporaneamente.

Nesse mesmo ano nos anais do "IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" publicados na RBCE, v. 7, n. 1 de 1985 foram exibidos dois resumos que abordaram o tema do esporte com um viés arguidor. O texto "Consumismo na Educação Física" de Francisco M. de Carvalho Freitas et al examinou a participação da Educação Física "como um meio de assegurar a exploração econômica das multinacionais do material desportivo" que se aproveitariam da "ingenuidade e alheamento" da população brasileira. Para os autores utilizando-se da Educação Física e da prática do esporte essas

empresas impuseram um “arbitrário cultural” capaz de “destruir a cultura nacional” pela criação de uma “necessidade de consumo incompatível”. Essas ações estariam fomentando a “deformação da Educação Física enquanto ciência a serviço do desenvolvimento do homem” (FREITAS et al, 1985a, p. 41).

De modo análogo o resumo “Educação Física e o esporte na empresa” dos mesmos autores criticaram a “aplicação do esporte como fator de aumento da produtividade e como cofator de alienação e afastamento do trabalhador das lutas sociais”. Para enfrentar esse fenômeno os autores propuseram o engajamento dos professores de Educação Física a partir de uma “compreensão dialética da sociedade” para “organizar atividades esportivas de modo que elas se aproximem dos interesses e das necessidades dos trabalhadores” (FREITAS et al, 1985b, p. 42).

Apesar dos elementos contestadores contidos nesses resumos somente na RBCE, v. 7, n. 2 de 1986 foi publicado um artigo tematizando o esporte com inquietações e sagacidade analítica que pode ser comparado ao conjunto de trabalhos críticos propagados pela Stadium. Trata-se do ensaio paradigmático de Valter Bracht “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”. No início do texto o autor comentou a existência de “diferentes entendimentos do papel da Educação Física Escolar”.

A “visão biológica” defendia que a função da disciplina seria “melhorar a aptidão física” e aliada a “visão bio-psicológica” que adicionou ao desenvolvimento da aptidão física o estímulo à maturação intelectual e ao “equilíbrio afetivo”, em outros termos, a Educação Física atuaria sobre “os domínios psicomotor, cognitivo e afetivo” seriam as tendências conservadoras (BRACHT, 1986, p. 62).

Bracht taxou essas correntes como “funcionalistas” que dividiriam uma “visão a-histórica” e se rotulariam, o autor utilizou-se da célebre classificação de Demerval Saviani (1984), como “teorias acríticas da Educação” que ignoram os “condicionantes sociais” que operam sobre a Educação Física. Ademais, caracterizou-as como “visões parciais e falseadoras” produzidas por uma “metodologia positivista e fragmentada” (BRACHT, 1986, p. 62).

Todavia estariam despontando na área “análises críticas”. O autor cita o texto de Castellani (1983) publicado na própria RBCE que teria questionado a ação da disciplina na “esteriotipação do comportamento masculino e feminino” e na colaboração com o “adestramento físico necessário a defesa da Pátria e a manutenção da força de trabalho”. A obra de Cavalcanti (1984) que analisou o “caráter ideológico do discurso que

fundamentou a campanha Esporte para Todos". O livro de Ferreira (1984) que constatou o "caráter reprodutivo da atividade pedagógica do professor de Educação Física do 1º grau" (BRACHT, 1986, p. 63). Indicou ainda os trabalhos de Lopes (1979 e 1980), Oliveira (1983) e Medina (1983).

Esses trabalhos tem em comum uma análise inovadora que substitui a biologização que dominava os trabalhos da área pela incorporação de uma ótica de pesquisa fundada nas Ciências Humanas e Sociais. Porém, esses autores dispensaram pouca atenção às práticas pedagógicas efetivas, ao cotidiano das aulas de Educação Física. Acabaram por estabelecer "de forma mecânica a relação entre a escola e a sociedade, entre a Educação Física e as exigências do trabalho" como objeto de pesquisa descuidando do desenvolvimento da disciplina no interior escolar (CAPARROZ, 2007, p. 9).

Frisaram em demasia as determinações macroestruturais que incidiram sobre a Educação Física e desconsideraram as resistências e tomadas de posição que aconteceram na prática diária da disciplina e na postura de seus atores principais, professores e alunos. Negou-se, desse modo, "os determinantes culturais" internos que atuariam na própria escolarização e as "possibilidades desses sujeitos, individuais e coletivos, intervirem na construção de sua existência histórica concreta" (TABORDA DE OLIVEIRA, p. 36). Bracht também incorreu nesses erros encontrados nas obras nas quais estabeleceu um diálogo.

Evidentemente essas limitações não despojam essa produção de sua relevância histórica marcada pelo enfrentamento de uma tradição teórica reducionista que secundarizou a função educativa da Educação Física e a restringia ao desenvolvimento da aptidão física e a seleção do esporte de rendimento como conteúdo e modelo pedagógico.

Implicando-se nesse processo de crítica Bracht procurou examinar a "contribuição no processo de socialização das crianças e adolescentes" dada pela disciplina de Educação Física com especial atenção a "atividade esportiva". Convencionalmente foi atribuído ao esporte o desenvolvimento de comportamentos socialmente almejados como "obedecer regras, [...] conviver com vitórias e derrotas, a vencer através do esforço pessoal, [...] independência e confiança, sentido de responsabilidade" (BRACHT, 1986, p. 63).

A fim de refutar esses argumentos Bracht valeu-se de um conjunto de autores filiados a sociologia do esporte alemã[101] associando as condições e regramentos do esporte aos de uma "sociedade de estruturação autoritária". Essa atividade inserida na escola enfatizaria "o respeito irrefletido e incondicional às regras", inibindo a "reflexão e o questionamento" e enraizando uma atitude conformista (BRACHT, 1986, p. 63). Filiando-se ao marxismo ou como descreve o autor a "ótica do conflito" focada em analisar a sociedade "do ponto de vista de suas contradições históricas" enumera críticas e sugestões que valem ser reproduzidos:

> O esporte precisa ser entendido no contexto mais amplo das condições objetivas das sociedades capitalistas; está intimamente relacionado com as diferenças de classe em termos de poder e riqueza; todo esporte competitivo reflete a ideologia burguesa, [...] é uma forma de controle social, [...] de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista (BRACHT, 1986, p. 64).

É mister realçar que apesar do duro julgamento o autor assentiu que "embora os espaços a serem ocupados no sentido de uma ação transformadora sejam restritos, admitimos sua existência". Nesse sentido, assumiu que existiria a possibilidade do esporte contribuir para o "processo de transformação social" que geraria "uma sociedade mais justa e livre" (BRACHT, 1986, p. 65).

Seria uma "pedagogia esportiva" que tivesse como "ponto de partida um compromisso político com a classe oprimida", que gerasse o "acesso a uma cultura esportiva desmistificada" capaz de habilitar a uma leitura crítica do fenômeno esportivo e "situá-lo no contexto sócio-econômico-político e cultural" (BRACHT, 1986, p. 66).

Não obstante, Bracht enfrentou outras questões como a necessidade de conceber a infância como resultado de um transcurso social e histórico e a ênfase no não-diretivismo que poderia gerar "um espontaneísmo estéril" antes de encerrar sua exposição ratificando sua intenção de suscitar a criação de esporte desmistificado que abandone o "princípio do rendimento e da competição discriminatória" e que priorize o coletivo. Como desfecho lembra uma fala de Florestan Fernandes: "o educador que se nega no plano ideológico e político, se nega também como educador" (BRACHT, 1986, p. 67).

---

[101] Utilizou as referências: DIETRICH, K. Sportspiel und Interaktion. SCHEUERL, L. **Theorien des Spiels**. Beltz, 1975 e WEIS, K. Desvio y conformidad en la institucion del deporte. LUSCHEN, G; WEIS, K. **Sociologia del deporte**. Valladolid: Miñón, 1979.

É inegável o mérito do autor de promover uma junção de um texto de embate acadêmico com a tentativa de realizar uma análise mais rigorosa. Bracht empreendeu seus esforços na superação das argumentações críticas que tinham construções teóricas mais frágeis que o antecederam. A inspiração na Teoria Crítica do Esporte rendeu uma preocupação com os condicionantes sociais que gerariam a incorporação do esporte na prática pedagógica e suas decorrências negativas. No entanto, Bracht não se engajou na reformulação das formas de apropriação do esporte na escola.

Posteriormente muitos trabalhos preocuparam-se mais detidamente com a ressignificação das práticas esportivas partilhadas no ambiente escolar. Kunz (1994), por exemplo, preconiza compensar as condições físicas e técnicas dos alunos que impediriam uma fruição lúdica do esporte e transformar o sentido individual e coletivo de suas práticas por meio da vivência e reflexão. Na mesma direção Sávio Assis de Oliveira (1999) aventa a necessidade de alterar as significações negativas do esporte, porém sem descaracterizá-lo. As técnicas, regras e táticas devem ser ensinadas como ferramentas que podem ser reelaboradas para a resolução de problemas e regulações necessárias.

Sublinha-se que Vago (1996) redigiu o artigo "O 'esporte na escola' e o 'esporte da escola': da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht" com o propósito de rever algumas proposições de Valter Bracht sobre a tematização do esporte como conteúdo escolar. Vago (1996, p. 4) contrapôs as teorizações de Bracht à tese de que a "escola pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade, como escreveu Bracht, estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, intervindo na história cultural da sociedade".

Vago (1996, p. 12) sugere a problematização do esporte como prática cultural, o enfrentamento dos valores e códigos que o tornam excludente e seletivo e sua substituição por outros "que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico". Para esse autor o esporte deve assumir "a marca distintiva da escola: que seja um direito para todos, porque todos podem dele usufruir" (VAGO, 2006, p. 24). Nessa esfera se faz necessário "reinventá-lo, recriá-lo, reconstruí-lo, e, ainda mais, produzi-lo a partir do específico da escola" (VAGO, 1996, p. 13).

O próprio Bracht (2000) em outro artigo esclarece algumas acepções sobre sua obra que considerou "mal entendidas". Ratifica a modificação do esporte e não o seu abandono a partir de um tratamento pedagógico, por uma "mediação didático-

pedagógica" capaz de transformá-lo em uma atividade escolar. Inclusive com o ensino das técnicas, porém "dotadas de novos sentidos, subordinadas a novos objetivos/fins, a serem construídos junto com um novo sentido para o próprio esporte" (BRACHT, 2000, p. 16). A escolarização do esporte atribuiria "um significado menos central ao rendimento máximo e à competição" e em sua substituição seria regido por formas "que privilegiem antes o rendimento possível e a cooperação" (BRACHT, 2000, p. 19).

Na síntese dos textos incorporados nesse eixo pode ser relatado que, contrariando as disposições de boa parte da historiografia, notou-se que a eleição do esporte como prática legitimadora da Educação Física não foi recebida sem desconfianças, resistências e oposições no campo brasileiro, argentino e internacional. Mesmo na RBCE comumente taxada como uma publicação conservadora em seus anos iniciais pode-se escutar vozes dissidentes que tensionaram a opção irrefletida por essa prática.

O treinamento e a competição precoces, a violência, a mercadorização, o sexismo, a imposição de valores conservadores foram criticados nos dois impressos. A rejeição da busca pelo rendimento máximo exigido pelo esporte de rendimento convenceu esse grupo de autores de que a sujeição dos sujeitos as práticas de controle corporal e moral atreladas a essa manifestação deveriam ser rechaçadas.

Representações favoráveis também foram acionadas descrevendo positivamente o esporte, reforçando seu "valor educativo" e moralizante, a promoção da motivação e do gosto pelo esforço, a melhora da saúde e da aptidão física, como fórmula para o enfrentamento dos malefícios causados pela urbanização e industrialização. Acabaram por elegê-lo como prática que deveria ser disseminada a toda a população e como conteúdo que deveria ser privilegiado nas aulas de Educação Física.

Decorre dessas observações que tanto a RBCE quanto a Stadium caracterizavam-se como suportes as múltiplas vozes que poderiam concordar com o amoldamento da Educação Física pelo esporte ou recusá-lo enfaticamente. Sublinha-se que na RBCE em um primeiro momento apenas os resumos dos anais, infere-se que seu conteúdo tenha sido menos modelado pela vontade dos editores, apresentam dissensões, enquanto que na Stadium desde o primeiro número analisado elas manifestaram-se.

Nesse contexto, a publicação do texto de Valter Bracht (1986) em 1986 marcou uma reorientação do conteúdo veiculado pela revista. Notadamente essas concepções influíram sobre os textos que compõe o próximo eixo a ser debatido que tem como focos a formação de professores e a Educação Física escolar.

3.3. Atuação e Formação de Professores para a Educação Física Escolar

Compuseram esse eixo os textos que tinham como desígnio debater teorias e práticas pedagógicas, modelos formativos, a eleição de um objeto de ensino, objetivos educativos e propostas de formação de professores, em síntese trabalhos voltados a centralizar a disciplina de Educação Física inserida na escolarização, sua identidade, especificidade e função educacional.

A respeito das representações sobre a Educação Física escolar foi publicado um resumo, "Dança como Educação", de Edson C. P. Claro já na RBCE, v. 1, n. 1 de 1979. Este trabalho tinha como objetivo enfatizar a dança como "um importante fator para a formação do homem e em particular para o professor de educação física" apesar de bem intencionado sua construção apresenta fragilidades: o autor utiliza como método a "experiência própria" e a conclusão refere-se à dança como um "fator primordial" na formação humana justificada de modo generalizante por sua contribuição ao aspecto "biopsicosociomotor" (CLARO, 1979, p. 38).

Outro tema livre que merece ser referenciado intitulou-se "Exercícios respiratórios: uma metodologia prática para aplicação na escola" de Osmar P. S. Oliveira et al (1979). Trata-se de uma proposta de intervenção na escola, uma sugestão de conteúdo a ser trabalhado. A justificativa dos autores foi a alta incidência de bronquite e asma em indivíduos com idade escolar que poderia ser combatida com a realização de exercícios específicos. Para alcançar esses propósitos os autores transpõem para o âmbito escolar exercícios utilizados em "serviço hospitalar" para a "terapêutica dessas doenças".

Essa atividade além da "finalidade profilática" constituir-se-ia em uma "forma desinibitória" de iniciação a prática desportiva (OLIVEIRA, 1979, p. 54). Não é facilmente compreensível e um tanto contestável como se efetivaria essa desinibição pelo uso de exercícios respiratórios e sua tematização na escola sem maiores adaptações as suas especificidades.

Também em anais inseridos na RBCE no Suplemento n. 1 de 1981, foram propagados com conteúdo semelhante os resumos "Indicadores para crítica do processo de formação de professores de Educação Física na Universidade do Estado do Rio de Janeiro" de Alfredo G. de Faria Júnior, "Amostragem temporal e perfis coletivos de ensino" de Riselaine da Silva Bressane e "Professores Universitários de Educação Física e seus perfis coletivos de ensino" de Leá Laborinha. Todos utilizaram o mesmo

instrumental (Sistema FAMOC) para avaliar o perfil de ensino de professores a partir do seu comportamento oral. Esse referencial centra-se na investigação das intervenções orais do professor distinguindo entre enfoques diretivos e não-diretivos, individuais e coletivos (CYTRYN, 1995).

Essas primeiras aproximações com a Educação Física escolar tem em comum ainda o caráter incipiente e a dispersão temática. Os trabalhos sobre o perfil de ensino dos professores que enfatizam a adoção de métodos não-diretivos como forma de melhorar e democratizar a aprendizagem começaram a despontar como uma forma de pesquisa recorrente nesse impresso.

Com relação ao tema supracitado, relevante para a formação de professores de Educação Física, Alfredo Gomes de Faria Junior publicou, na RBCE v. 3, n. 3 de 1982, o artigo "Reflexões sobre os estilos de ensino revelados por alunos-mestres durante as atividades de estágio supervisionado". Nesse texto Faria Junior teve como objetivo comparar os estilos de ensino utilizados pelos alunos nas atividades de estágio supervisionado utilizando um sistema de análise com categorias que permitiriam a classificação do "comportamento docente".

As dimensões que foram isoladas para a análise foram: "orientação para o aluno X orientação para o conteúdo; centrado no educando X centrado no professor; diretivo (autocrático) X não diretivo (democrático) X permissivo (*laissez faire*); planejado X improvisado; solução de problemas X comando" (FARIA JUNIOR, 1982, p. 84). A discussão dos resultados ressaltou a "predominância do verbalismo", constatação que surpreendeu o autor que acreditava na permanência do modelo de demonstração didática, "estratégia privilegiada até há alguns anos". Essa possibilidade apresentou um declínio significativo sendo utilizada predominantemente como "complementação da explanação oral" do professor (FARIA JUNIOR, 1982, p. 86).

Outro dado debatido foi a oportunidade dada aos alunos de intervir na aula que foi considerada baixa, assim como o número reduzido de estagiários que fizeram perguntas aos alunos, abdicando da oportunidade de explorar a "técnica do interrogatório reflexivo". Esse método teria o intento de "despertar e dirigir a atividade reflexiva dos discentes" como foi pouco usado Faria Junior considerou que foram dadas poucas chances aos educandos de "apresentar suas próprias idéias ou de expandir as idéias dos estagiários" (FARIA JUNIOR, 1982, p. 87).

O autor asseverou que o estilo de ensino diretivo escolhido se caracteriza por "cercear a liberdade de ação" e a "liberdade de pensar do aluno". Nessa linha

argumentativa, o educando tornar-se-ia um “elemento passivo a quem compete somente executar o que o professor propõe”. De modo análogo, a ênfase dada ao conteúdo, transformado em um “valor absoluto e autônomo”, acabaria por conformar os alunos e reduzir sua participação nas aulas (FARIA JUNIOR, 1982, p. 87).

A fim de encerrar sua exposição Faria Junior reafirmou a generalização de um perfil de ensino diretivo com efeitos negativos para a interação e para o desenvolvimento da autonomia do alunado. Atribuiu, enfim, a aprendizagem desses estilos de ensino a reprodução dos mesmos adotados pelos “professores responsáveis pela formação dos futuros professores” (1982, p. 90).

Faria Junior defendeu uma concepção de ensino próxima das tendências renovadoras que se assentam na centralidade dos processos de aprendizagem. Importa para essas correntes, sobretudo, não o que se aprende, mas como aprender. Nessa esfera, a finalidade da escola seria adequar às necessidades individuais ao meio social. Dessa forma, a escolarização deveria proporcionar uma série de experiências endereçadas a suprir os interesses do aluno e as demandas sociais (SAVIANI, 2007).

Os conteúdos a serem ensinados são relativizados e perdem importância, pois são definidos a partir dos interesses e necessidades individuais e do desenvolvimento dos processos mentais e das habilidades cognitivas. Definem-se pela máxima, “aprender a aprender", ou seja, “é mais importante o processo de aquisição do saber do que o saber propriamente dito” (LIBÂNEO, 2001, p. 4).

O professor é concebido como um auxiliar ao desenvolvimento “natural” da criança, um facilitador, sua função é estimular e motivar o aluno a aprender sozinho. Direciona-se por uma abordagem de ensino não-diretiva que deve estar centrada no aluno e na possibilidade de vivenciar experiências significativas sem intervenções do professor.

Em síntese propõe-se que “aquilo que o indivíduo aprende por si mesmo é superior, em termos educativos e sociais, àquilo que ele aprende através da transmissão por outras pessoas”, “o método de construção do conhecimento é mais importante do que o conhecimento já produzido socialmente” e que “a atividade do aluno, para ser verdadeiramente educativa, deve ser impulsionada e dirigida pelos interesses e necessidades da própria criança” (DUARTE, 2001, p. 34).

Relega-se, portanto, a aprendizagem escolar a uma ação apenas complementar, propondo-se a “secundarização do ato de transmissão dos conteúdos escolares pelo professor” e comprometendo todo o processo de ensino (DUARTE, 1998, p. 4). O

professor tem seu ofício educativo depreciado e "diluído de tal forma que se resume ao de alguém que acompanha o desenvolvimento e a aprendizagem da criança" (DUARTE, 1998, p. 6).

Muito embora esse texto e os resumos que se assemelharam a ele apresentem fragilidades e uma concepção de ensino questionável configuraram-se como um esforço de investigação que tem como foco e tema o próprio ato educativo, sua observação e classificação. Diferentemente de autores pertencentes ao chamado movimento renovador dos anos 80 do século XX esse autor evitou a especulação filosófica e foi a campo para examinar uma situação concreta de ensino.

Apontando em uma direção semelhante o primeiro artigo que pode ser categorizado no eixo "Atuação e Formação de Professores para a Educação Física Escolar" publicado na Stadium, n. 74 de 1979, foi intitulado "La motivación en el aprendizaje" de um autor francês, Pierre Pesquié. Em seu conteúdo foram apresentados fatores influentes na motivação para a aprendizagem utilizando como base teórica a Pesquisa Comportamental e recorrendo de modo ilustrativo a experiências com ratos para comprovar suas afirmações. O autor considerou como estratégias para a motivação do aprendizado a eleição de objetivos, a curiosidade por objetos de ensino novos, o medo e a presença de outras pessoas.

Curiosa a argumentação que defendeu a autoridade e o castigo como elementos positivos que "aumentan el nivel de vigilancia del alumno e ayudam a éste a mostrarse más atento y a evitar las respuestas incorrectas" (PESQUIÉ, 1979, p. 35). O castigo foi entendido como um "mal menor" que associado a um sistema de recompensas e ao reconhecimento dos acertos torna-se uma ferramenta motivacional indispensável. Interessante, também, a defesa da competição, sobretudo, a que promete um prêmio ao vencedor como um fator de aceleração da aprendizagem.

Apesar de quase todo o texto ser marcado por posturas e sugestões mais identificadas com conceitos autoritários e conservadores o autor finaliza o texto defendendo uma "orientación no directiva" baseada na obra do norte-americano Carl Ramson Rogers[102]. Nessa esfera, defende o não-diretivismo como uma abordagem mais

[102] Psicólogo norte-americano que teve parte da sua teoria psicológica incorporada por correntes educacionais. Seu método terapêutico conhecido como humanista foi definido como não-diretivo e centrado no cliente que assume a responsabilidade pela efetivação do tratamento. O papel do psicólogo se reduz a facilitar esse processo. Transportada para educação essa teoria defende o papel do professor como um facilitador e destina a responsabilidade pela aprendizagem ao aluno. Na Educação Física essa concepção foi adotada por um autor bastante influente nos anos 80 do século XX, Vítor Marinho de Oliveira. Para mais informações consultar EVANS, Richard I. Carl Rogers: **O homem e suas ideias**. São

democrática, aberta ao diálogo que promove uma maior independência ao aluno. Todavia, a autoridade do professor não foi totalmente descartada pelo autor, pois em situações que "manifestan tensiones excesivas" que prejudicariam o aprendizado seu uso deve ser mantido.

Com um acento no Behaviorismo, Pesquié postulou a realização de um controle do comportamento dos alunos em situação de aprendizagem por meio da aplicação de um sistema de recompensas e punições. A ênfase recaiu sobre a vigilância e o uso de sanções para "motivar" a aquisição de conhecimentos e uma atitude favorável ao aprendizado. Clara expressão da intenção de "condicionar" os alunos sujeitando-os aos desígnios do professor. Na avaliação de Elvira C. A. Souza Lima essa corrente caracteriza-se como "uma abordagem mecanicista do processo ensino-aprendizagem, reduzindo notoriamente a ação do sujeito e sua autonomia face a um ambiente controlador de sua ação" (1990, p. 18).

De modo contraditório despontou no fim de suas elucubrações uma referência a pedagogia não-diretiva que se posiciona sob um prisma educativo diametralmente oposto a teoria comportamental. Essa proposição advoga uma educação voltada ao autodesenvolvimento e a realização pessoal na qual o professor se posiciona de modo receptivo, como um facilitador da aprendizagem, organizando um ambiente acolhedor voltado para a aceitação do aluno.

Na revista n. 75 de 1979 merece ser destacado o texto "La pedagogia desde el punto de vista del cuerpo" que tem como conteúdo uma transcrição de uma entrevista realizada com uma pesquisadora francesa chamada Josianne Jeannot. Essa autora tem como tema central de suas investigações a aprendizagem da leitura e da escrita. Nessa entrevista em específico a autora comenta o papel desempenhado pelo corpo nesse processo.

Dessa forma, o corpo em movimento foi tratado como um pré-código que facilita a aprendizagem da leitura e da escrita. Por meio de simulações com os braços, pernas, mãos e pés as crianças desenvolveriam um conjunto de gestos auxiliares que seriam uma primeira etapa desse aprendizado. Na entrevista a autora expôs seu desejo de realizar trabalhos interdisciplinares para pesquisar mais a fundo a possibilidade da Educação Física se tornar uma disciplina capaz de potencializar o desenvolvimento desses movimentos auxiliares ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Paulo: Martins Fontes, 1979 e OLIVEIRA, Vítor Marinho. **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

Essas proposições se assemelham a enunciados da psicomotricidade que imputam a disciplina de Educação Física a missão de auxiliar na aquisição de alguma habilidade ou competência requerida em outra matéria de ensino. Com tal funcionalidade a Educação Física acaba por perder sua especificidade e relevância posto que ficasse subjugada as intenções de outras disciplinas. Para Vaz, Peters e Losso (2002, p. 71) essa compreensão reduziria a função da disciplina ao "suporte para a aprendizagem em geral, e para a alfabetização em particular", desconsiderando a existência de um saber particular pertinente à formação dos estudantes. Nas palavras de Soares (1996, p. 9) a adoção desse paradigma pressupõe o entendimento da

> [...] Educação Física apenas como um meio. Um meio para aprender Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências... era um meio para a socialização. Meio, esta metáfora biológica e evolucionista foi largamente utilizada pela Educação de um modo geral e pela Educação Física de um modo específico.

Notadamente a disciplina de Educação Física nessa acepção seria desapropriada de seus conteúdos e da prerrogativa de possuir um objeto de ensino distintivo ficando confinada a um papel coadjuvante no desenvolvimento pleno dos alunos, tornando-se um instrumento para aprimorar capacidades motoras, cognitivas e afetivas exigidas em futuras situações de ensino e aprendizagem.

No número seguinte n. 76 do mesmo ano (1979) foi propagado um artigo com proposições para a disciplina de Educação Física intitulado "Definir los objetivos de la educación física" escrito por Jacqueline Marsenach, autora francesa. Com o mote do interesse crescente na área de Educação Física de renovar seus objetivos a autora defendeu a adoção da taxonomia de Bloom[103] como referencial e sua classificação em três domínios para a planificação de aulas: cognoscitivo, psicomotor e afetivo.

Teceu críticas a Educação Física focada na performance esportiva, a formação inicial e as faltas de condições de ensino que poderiam instaurar uma "crise a los profesores de educación física y deportiva" (MARSENACH, 1979, p. 14). A autora assumiu a existência de um consenso sobre o "rechazo de la práctica tradicional de las actividades deportivas", "[...] poco compatibles con las finalidades de creación y de exploración de todas las posibilidades del cuerpo humano", atrelada ao crescimento da

[103] Benjamin S. Bloom foi um pedagogo e psicólogo norte-americano nascido em 1913 e falecido em 1999. Lecionou na Universidade de Chicago e teve como principal tema de pesquisa os processos de planificação e avaliação no ensino. Esse autor exerceu uma significativa influência na área das Ciências da Educação ao propor uma taxionomia dos objetivos educacionais (TAVARES; ALARCÃO, 1992).

utilização de atividades de expressão corporal e ações recreativas (MARSENACH, 1979, p. 16). Não obstante, insistiu que as atividades físicas e desportivas praticadas com objetivos de rendimento, "persiguen objetivos diferentes de los objetivos de la escuela", "[...] excluyendo una transferencia de las formas y de los contenidos" (MARSENACH, 1979, p. 19).

Frisa-se a alusão da autora a existência de um consenso em torno das limitações da adesão ao modelo esportivo como suporte a prática educativa. Uma inversão da proclamada, na maioria dos textos dos impressos e por parte da historiografia, concordância e entusiasmo pela inserção do esporte como conteúdo escolar. Prova da ocorrência de um intenso debate que interpolou posições de anuência e rejeição[104] entre os atores preocupados com a escolarização da Educação Física.

Para sancionar suas posições e a sua efetivação no cotidiano escolar a autora defendeu um exemplo de sistematização de um conteúdo e das ações do professor coerentes com essa perspectiva que merece ser reproduzido. O conteúdo elegido foi o voleibol para alunos de 10 a 11 anos, dividido em 5 tempos:

> 1° tiempo: determinación de los objectivos educativos generales que se persiguen mediante la práctica del vóleibol. 2º tiempo: determinación de los critérios de observación que permitan, desde diferentes planos (motor, afectivo, cognoscitivo), situar las respuestas de los niños. 3º tiempo: organización de los datos recogidos em um conjunto llamado nivel de juego y que reúne las características concernientes a: la organización del espacio de juego; la circulación de la pelota; la capacidad actual de los niños para golpear la pelota; las relaciones sociales que los niños mantienen entre si; la forma en que se representan su próprio juego y el de sus compañeros. 4º tiempo: la construción del paso hacia adelante [...]. 5º tiempo: inventario de las capacidades en los planos perceptivo-motor, de relaciones y de la representación exigidas por el futuro nivel de juego (MARSENACH, 1979, p. 20).

Marsenach (1979) apresentou um esquema de planificação de aula ancorada em pressupostos da psicomotricidade incluindo as limitações da eleição desse paradigma para a Educação Física escolar. No entanto, pode ser considerado um avanço se comparado ao tradicional modelo, "aquecimento, parte principal, volta a calma" baseado em preconizações do treinamento esportivo e da fisiologia. Nesses rituais pedagógicos constantemente eram acionados mecanismos de disciplinamento e

[104] Discussões semelhantes foram identificadas por Taborda de Oliveira (2001) em sua Tese de Doutorado.

contenção corporal (BASSANI, TORRI e VAZ, 2003). Para encerrar o texto a autora defende a incorporação dessas teorizações na formação inicial e continuada dos professores e sua real participação na construção da "educación física del futuro en los establecimientos escolares" (MARSENACH, 1979, p. 22).

Na edição de número 77, ainda no ano de 1979, foi divulgado o texto "Experiencias motoras con los más chiquitos" de Ana M. Porstein autora argentina. Apoiando-se em pressupostos piagetianos a autora defendeu proposições para a disciplina de Educação Física ministrada na Educação Infantil e para os dois primeiros anos da escola primária que têm o "movimiento como eje fundamental" e que "la vivencia de la acción es um motor indispensable para el conocimiento" (PORSTEIN 1979, p. 33). Para tanto, se faz necessário reconhecer a criança como "centro vital" da aula, a adoção dos princípios de "la escuela activa" e a incorporação da obra de Anne Marie Seybold[105].

Alguns fundamentos do método escolhido por Porstein (1979, pp. 33-34): "una rica estimulación", "la aceptación de la imitación", "el planteo constante de situaciones eminentemente lúdicas", "la formación motriz". Com relação aos conteúdos básicos a autora elegeu "el cuerpo, las diferentes partes y sus posibilidades de movimiento"; "diferentes formas de movimiento"; "espacio y tiempo"; "trabajo con el otro", "trabajo con elementos" (PORSTEIN, 1979, p. 34).

A autora encerrou o texto apresentando exemplos de aulas para ilustrar sua proposta. No primeiro exemplo uma aula para crianças de 4 anos que tinha como objetivo diferenciar tiras e pedaços de papel, entre rasgar e despedaçar. No segundo para alunos de 2 anos e meio os objetivos seriam aprender a trabalhar como os outros por meio de uma tarefa comum e vivenciar relações espaciais como em cima e em baixo.

Porstein (1979) sorvendo os pressupostos da psicomotricidade propôs encaminhamentos didáticos e uma lista de conteúdos destinados a educação infantil. Partilhou com o trabalho de Marsenach (1979) anteriormente comentado o mesmo embasamento e consequentemente as mesmas restrições atreladas a escolha dessa corrente pedagógica para o ensino da Educação Física.

O número 81 do ano seguinte (1980) da Stadium divulgou o artigo "Enfoque crítico de la evaluación en educación física y deportiva" de C. Bar et al, autor francês.

[105] Anne Marie Seybold (1920- 2010) foi uma renomada pesquisadora do esporte na Alemanha. Publicou no Brasil em 1980 o livro "Educação Física - Princípios Pedagógicos".

Bar elegeu a aptidão física, conceituada como “capacidad de adaptación a un trabajo físico”, como parâmetro a ser mensurado do esporte de alto nível a Educação Física escolar. No entanto, utilizou um conceito ampliado que engloba a inteligência motora, a aptidão motora, a eficiência motora e a competência física.

A inteligência motora foi definida como a ação para compreender o movimento decorrente da aprendizagem motora. Aptidão motora seria a capacidade de todo indivíduo realizar uma tarefa motora. Eficiência motora significa a relação entre trabalho muscular e gasto energético. Competência física se refere ao nível de conhecimento do movimento.

No meio escolar a única ressalva a aplicação dessa avaliação seria o imperativo de manter a “simplicidad” para se adequar “las limitaciones de orden material e institucional que generalmente se encuentran en este medio” (BAR et al, 1980, p. 29). Argumento semelhante ao utilizado por muitos autores que publicaram na RBCE e postularam a simplificação das formas de avaliação e intervenção como medida para facilitar sua aplicação e no limite fundar um procedimento científico adaptado às características dos países de terceiro mundo.

Nota-se que a despeito do autor filiar-se a aptidão física, corrente hegemônica no campo da Educação Física, optou por fazer uma concessão às teorias do desenvolvimento e da aprendizagem motora que provavelmente estariam ganhando força acadêmica e conquistando novos adeptos. No entanto, apesar da introdução de outros elementos e acepções, fundamentalmente, essa conciliação não provocou avanços significativos permanecendo acoplada a práticas baseadas exclusivamente na execução correta de uma determinada técnica corporal.

A Stadium seguinte, n. 82 de 1980, também apresentou um trabalho com implicações para a Educação Física escolar. O texto “Ajuste postural” de Michel Dubois, autor belga, se propôs a exaltar o conceito de atitude postural como foco de intervenção do professor de Educação Física. Atitude postural pode ser entendida como a organização e o ajuste da postura com o objetivo de restabelecer e manter o equilíbrio.

Essa definição engloba a expressão corporal e o esquema corporal (conhecimento do próprio corpo e do estabelecimento de relações com outros corpos) elegidos como elementos essenciais para a educação escolarizada. Segundo Dubois (1980) na escola primária a atenção repousaria sobre a definição das diferentes partes do corpo e das relações com o espaço. Os registros sensoriais e a consciência corporal

também deveriam ser enfatizados, “sentir su corpo”, seria um aspecto primordial visando a “percepción de si mesmo” (DUBOIS, 1980, p. 19).

Mais um texto tematizando a Educação Física na Educação Infantil foi difundido na Stadium n. 85 de 1981, tratou-se de uma tradução, intitulada “La educación física em el jardín de infantes” da autora francesa Marie-Odette Dejaeger. Nesse artigo a autora assumiu como premissa a educação da totalidade “psico-físico-socio-intelectual y motora” centrada na ação da criança para torná-la “dueña de sus gestos, de su cuerpo” (DEJAEGER, 1981, p. 39). Dejaeger advogou a educação do gesto como princípio da disciplina de Educação Física que deveria ser elaborado e refletido para posteriormente ser codificado.

Para alcançar esses propósitos sugeriu uma forma de planificar as aulas baseadas em 4 aspectos: fisiológico, motor, psicológico e cognoscitivo. Também apontou as ações que deveriam ser desenvolvidas pelo professor, a partir da observação do jogo e da criança para enriquecer as ações das crianças por meio da realização de uma análise do movimento.

As proposições desses dois últimos autores referem-se a necessidade de incorporar princípios educativos da psicomotricidade nas aulas de Educação Física. Essa abordagem procurar impor uma “normalização” corporal pela mensuração e comparação com padrões motores pré-estabelecidos. Pautada na busca do gesto motor adequado e no desenvolvimento máximo das capacidades motoras impõe-se um arbitrário as crianças, ignorando as diferenças e especificidades que compõe a cultura infantil (SAYÃO, 2002).

Com relação à preocupação com a formação docente e mais especificamente a formação continuada, a Stadium, n. 86 de 1981 divulgou um texto assinado por um de seus colaborados o professor Mariano Giraldes. Intitulado “El aprendizage por discusión y sus posibilidades para el perfeccionamiento permanente en educación física” o artigo discutiu as possibilidades de aperfeiçoamento existentes no território argentino e após a constatação de sua pouca eficiência sugeriu o emprego de outra metodologia: os grupos de estudo.

Giraldes elencou como propostas de aprimoramento cursos, congressos e seminários organizados por organismos oficiais como a Dirección Nacional de Educación Física ou organizações privadas, os esforços individuais e as reuniões de grupo de professores com algum interesse comum de aprendizagem. Apesar de o autor considerar a relevância destas iniciativas ponderou que na maioria das vezes elas

ocorrem de forma assistemática, sendo comum inclusive que elas “percam fuerza hasta desaparecer” (GIRALDES, 1981, p. 42).

Para suprir essa lacuna Giraldes (1981, p. 42) propôs grupos de estudos com a intenção de estudar, “interpretar la realidad educativa del país y propeder a modificarla”. Essa ação seria válida porque na ótica do autor a área de Educação Física apresentava uma série de deficiências formativas que levavam a dificuldades como a existência de professores caracterizados como “meros transmisores de técnicas deportivas o gimnásticas”, aulas pouco criativas e engessadas em um formato conservador, o domínio da “pedagogía del rendimento” focada apenas nos mais aptos, a desvalorização do corpo em prol da intelectualidade, a eleição de uma “tendência técnica” que ocultaria a busca por contribuições mais significativas nos planos “emocional, social, físico e intelectual” (1981, p. 43).

Em seu escrito o autor apontou caminhos para o enfrentamento dessas questões. Os principais focos de atenção seriam: estruturar aulas projetando todos os alunos; refletir sobre uma pedagogia da cooperação; transformar o esporte em uma atividade agregadora; incorporar a compreensão que a disciplina atuaria nos planos social, emocional, intelectual e com atenção especial no plano físico; as aulas devem favorecer o autocontrole e a autonomia e possuir sentido e significado; que a finalidade da educação não é apenas transmitir a cultura, mas, sobretudo humanizá-la.

Para o esporte espetáculo o autor dispensou uma atenção particular ao retratá-lo como uma manifestação que “llega a limites que nada tiene que ver con lo razonablemente humano y que em muchos sentidos es manipulación pura” (GIRALDES, 1981, p. 43). Nesse sentido, deveria ser ressignificado para ser ensinado na escola a partir do uso de seus elementos agonísticos atrelado ao incentivo a adesão de uma atitude acolhedora.

O confronto com esses desafios exigiria do professor de Educação Física uma complementação de sua formação de modo mais rigoroso e sistemático que poderia ser proporcionado pela criação de grupos de estudos. A favor desse argumento Giraldes descreveu sua própria experiência na direção desses grupos voltados para temas diversos como: o conhecimento do professor de Educação Física, a planificação do currículo, a ginástica nas aulas de Educação Física, a importância social e afetiva do esporte, o treinamento esportivo, história dos movimentos ginásticos, aptidão física, diferenças entre psicomotricidade e Educação Física, a motricidade humana.

Sem dúvida esses temas servem como um inventário das preocupações formativas desses professores e do próprio autor que compunham o mosaico teórico do campo da Educação Física na Argentina. Percebe-se uma cofluência de tendências, muitas vezes opostas, que concorriam para sua afirmação no ideário desses atores sociais. Mesmo o esporte tendo sido severamente criticado por Giraldes incluiu-se em conjunto com o treinamento e a aptidão física como um tópico de estudo. Mais um indício da diversidade de representações que circulavam nesse agrupamento profissional.

No fim do texto Giraldes (1981) ressaltou mais uma vantagem da utilização dessa metodologia o despertar do interesse pela pesquisa considerado fundamental a modificação da situação da área e requisito para a continuidade de um processo de formação permanente. O autor não se furtou do apelo a cientificidade comum a muitos autores publicados tanto na Stadium quanto na RBCE[106], muitas vezes suas matizes teóricas eram desconformes, porém a urgência a adesão a procedimentos científicos mais rigorosos era compartilhada.

É salutar a expressão do posicionamento crítico de um dos colaboradores da Stadium, membro do corpo editorial, que aviltou o esporte, assunto central do periódico, rechaçando-o como conteúdo de ensino. Além disso, sua disposição em advogar uma prática educativa acolhedora e cooperativa direcionada a humanização da cultura apontou percursos semelhantes aos autores progressistas brasileiros das décadas de 80 e 90 do século XX.

Outra discussão pedagógica que animou as páginas da Stadium foi a divulgação de um trabalho seccionado em duas partes que versou sobre as qualidades pedagógicas da bola de borracha (SORIN, 1981a e 1981b). Com o título “El globo de goma” a autora canadense Simone Sorin elencou as possibilidades de trabalho com esse elemento com ênfase no desenvolvimento dos sentidos e sensações. Assim, o contato, a relação espaço-tempo, a expressão e criatividade corporal poderiam ser estimulados pela realização de atividades que envolvessem esse material didático.

A autora designou essa proposta de intervenção como um método pedagógico composto por três etapas fundamentais: jogar, explorar, descobrir; jogar com uma bola imaginária; “ser” (interpretar) uma bola de borracha. Essas fases iriam ter como eixo a ampliação progressiva da expressividade corporal e deveriam ser complementadas pelo

[106] Ver tópico 3.1. deste capítulo.

estímulo a reflexão e a declaração das sensações e sentimentos, ação que a autora denomina de “experiencia guiada” (SORIN, 1981a, p. 5).

Nos dois textos a autora apresentou exemplos de atividades e de formas de organização que poderiam ser individuais e coletivas e ao fim de sua argumentação discorreu sobre o desenvolvimento proporcionado pelo método de outros domínios como a linguagem e a apreciação estética. Em sua conclusão a autora posicionou-se a favor da aplicação desse método para idades que poderiam variar de 2 a 50 anos de idade.

O uso da bola de borracha dessa forma proporcionaria por “en libertad a la imaginación”, expressar-se e “realizar movimientos cuya gratuidad rompe con el tecnicismo exigido por su formación”. Para finalizar a autora realça que todas as ações estariam orientadas por “uma pedagogía de la felicidad de vivir” (SORIN, 1981b, p. 46).

Sorin mesclou elementos da psicomotricidade, da expressão corporal e da pedagogia não-diretiva para propor um conjunto de atividades com bola visando a exploração dos sentidos, da expressão e dos sentimentos aliada a uma reflexão sobre eles. Sua proposta não se configura como um método, mas inovou ao se contrapor a ênfase na técnica, ao propor uma junção entre expressão, criatividade e exercícios corporais e ao se estender além das balizas da educação escolar.

Destoando dessa linha argumentativa a Stadium n. 87 (1981) publicou o texto “Entrenamiento escolar en hándbol” do autor argentino Gunardo Pedersen no qual o autor apresentou um conjunto de exercícios para o treinamento de habilidades específicas e capacidades físicas exigidas nesse esporte. Sem embargo, este artigo desperta atenção por sua introdução que foi iniciada com um questionamento que poderia gerar uma polêmica no campo da Educação Física: “¿Tiene algo que ver el entrenamiento, com los objetivos escolares de la educación física?” (PEDERSEN, 1981, p. 7).

O autor assumiu que sua proposta poderia gerar uma “crítica inmediata” sinal que estava sendo discutido em seus círculos de influência um contraste evidente entre a Educação Física escolar e o treinamento esportivo. Ainda que sua resposta não tenha sido satisfatória, na ótica do autor essas aulas seriam fora do horário regular e destinadas apenas aos alunos com aptidão e que já teriam frequentado algum tipo de iniciação esportiva. Ressalta-se que reconhecer como problema, antecipar uma justificativa e evitar a confusão comum ao campo brasileiro à época entre esporte e

Educação Física são indícios importantes de como a disciplina estava sendo conduzida na Argentina e qual a compreensão dos atores envolvidos na sua concretização.

Um texto curioso com declarações a respeito do ensino de Educação Física foi propagado pela Stadium n. 89 de 1981. Com o título "Cibernética y educación física" o autor argentino Rodolfo F. Arisnavarreta aventurou-se em estabelecer relações entre essas duas áreas de conhecimento. Logo de início Arisnavarreta definiu sua compreensão sobre a cibernética, entendida como "ciencia que trata los princípios generales y métodos de la dirección" e sobre as descobertas dessa ciência a respeito do funcionamento do cérebro.

Essa introdução serviu para afiançar sua argumentação em prol do uso dos conhecimentos da cibernética para embasar as ações do professor responsável direto pelo "proceso de dirección del alumno", dar "fundamentación científica" a disciplina de Educação Física, enfim oferecer subsídios da "neuropsicobiología" para transformar o docente em um "biopedagogo" (ARISNAVARRETA, 1981, p. 18).

As proposituras de Arisnavarreta reeditaram os anseios por incutir cientificidade a área de Educação Física e alicerçar essa ação em fundamentos ancorados nas Ciências Biológicas. As distinções são configuradas pelo ato de aproximar-se de um domínio específico, a neuropsicobiologia, e na concepção do professor de Educação Física como um biopedagogo. Comumente as correntes caracterizadas como "biopedagogias" tem em comum a patologização das populações que atendem e uma incitação a práticas voltadas a sanar essas enfermidades. Acionam formas de intervenção voltadas à transmissão de valores e condutas imbuídas de um "biopoder" destinadas à conformação e a disseminação de modos de controle e sujeição corporal (FOUCAULT, 1984).

Outro texto redigido pelo colaborador da Stadium, Mariano Giraldes, que tem implicações para o ensino da disciplina de Educação Física foi nomeado como "¿Qué es la gimnasia formativa?". Em seu interior Giraldes (1981b, p. 27) endossou a crítica ao "sobrevalorado deporte", rejeitou a ginástica desportiva considerando-a "perjudicial" e "deformativa" e propôs em seu lugar uma manifestação ginástica embasada em "princípios educativos profundos" que recebeu o nome de "gimnasia formativa".

Essa modalidade não teria como objetivo a obtenção de habilidades físicas, pois para o autor "la mera consecusión de la destreza es adiestramiento, no educación". Em contraposição, sua meta seria fazer com que o praticante "aprenda a utilizar su destreza

para generar conocimientos, hábitos y actitudes que le permitan satisfacer sus necessidades" e provocar a reflexão sobre sua ação (GIRALDES, 1981b, p. 27).

A ginástica formativa nessa proposta deveria conduzir a construção de um currículo para a Educação Física escolar desde o nível pré-escolar até o ensino médio, centrada no desenvolvimento das capacidades motoras e da consciência corporal. O autor ressalvou ainda que não se trata de recuperar os antigos sistemas ginásticos, especialmente porque sua proposta "no es tan formal" e "no es de corte militar". Desse modo, evitaria uma "conducción autoritaria" e caracterizar-se-ia por ser "amistosa, permisiva, no competitiva", alicerçada no respeito pelos "ritmos individuales de aprendizaje" (GIRALDES, 1981b, p. 29).

Outros traços que marcariam essa forma ginástica seriam o foco na valorização da "cooperación y la tolerancia" em detrimento do estabelecimento de uma "relación de domínio-submisión" que orienta as pedagogias do "rendimiento y la competência", o estímulo a resolução de problemas e a criatividade e a atenção ao desenvolvimento individual das potencialidades (GIRALDES, 1981b, p. 30).

Novamente Giraldes despontou entre os autores críticos editados pela Stadium. Além das críticas ao esporte de rendimento e a exacerbação da competitividade o autor foi propositivo e indicou o conteúdo que deveria tornar-se matéria de ensino nas aulas de Educação Física a ginástica formativa. Rompendo com os antigos métodos ginásticos e ajustando-se a influência da psicomotricidade propôs uma prática pedagógica permissiva e acolhedora voltada ao desenvolvimento motor e a conscientização corporal.

Também com uma ênfase na psicomotricidade, porém sem apresentar novos elementos a Stadium n. 91 de 1982 apresentou o artigo de Michel Bault, autor francês, nomeado "Para enriquecer la motricidad". O autor discorreu sobre a necessidade de estimular o desenvolvimento da motricidade de crianças em idade pré-escolar pela exploração de domínios especializados: domínio do controle tônico, domínio do equilíbrio, domínio dos segmentos corporais, domínio das relações sociais, domínio das reações. Esse conjunto de capacidades levaria o aluno ao final desse nível educativo a aquisição do "gesto justo, armonioso", a enriquecer as "maneras de caminar, correr, saltar, lanzar y trepar" e ao despertar de competências psicológicas, morais e intelectuais (BAULT, 1982, p. 37).

Mudando de orientação na escolha de conteúdos que deveriam ser escolarizados pela Educação Física no artigo "¿Profesor... Cuándo jugamos?", publicado na Stadium

n. 92 de 1982, Mariano Giraldes apregou o conteúdo jogo como uma “llave poderosa” para motivar o aprendizado dos alunos e suprimir a “ansiedad y aspiraciones técnicas desmedidas” de professores cingidos a uma perspectiva esportivista (GIRALDES, 1982, p. 22). Nessa esfera, esses professores cativos ao exercício sistemático do gesto esportivo, a “el máximo uso del cuerpo”, ignorando a “importância antropológica del proprio cuerpo” e suas ilações com o “desarollo mental, psicológico y emocional” (GIRALDES, 1982, p. 23).

Giraldes não amealhou censuras a incorporação do esporte considerando-o “excesivamente” determinado por uma concepção “sacrosanta” da técnica que tem impelido a disciplina de Educação Física a rigidez, “obligatoriedad y la seriedad”. A “alegria” e a responsabilidade formativa em sua ótica foram substituídas pela exercitação de “técnicas en el alumno” e a apatia generalizada (GIRALDES, 1982, p. 24).

Para confrontar-se com esta conjuntura o autor influiu os educadores a “rescatar los valores del juego, de alegria del cotejar consigo mismo y con otros y no contra si mesmo y contra otros” (GIRALDES, 1982, p. 24). Nessa monta, o jogo teria um valor intrínseco, refutando o utilitarismo da técnica esportiva substituída pela diversão, entusiasmo e fertilidade inerentes a esse conteúdo. Desse modo, a disciplina de Educação Física poderia lograr levar seus “beneficios formativos” a um número maior de pessoas de forma fruída e prazerosa.

Confirma-se a vocação crítica dos escritos do autor de desaprovar a inserção do esporte em contextos educativos e refutar a exaltação da técnica como preceito norteador. Nesse texto escolheu o jogo por sua ludicidade e fruição como proposta capaz de fazer frente à sisudez da prática esportiva. Proposta semelhante, porém com outras colorações foi sugerida por João Batista Freire, um importante autor brasileiro, no livro “Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física” de 1989.

Com um conteúdo muito próximo aos procedimentos criticados por Giraldes na Stadium n. 93 de 1982 foi divulgado o texto “Penta-test: evaluación práctica para la escuela secundaria” composto pelo autor argentino Jorge Díaz Otáñez que teve o propósito de propor a utilização do “penta-test” como instrumento avaliativo para a disciplina de Educação Física na escola secundária. Esse instrumento avaliativo objetivaria “medir las cualidades físicas [...]: fuerza, flexibilidad y resistencia” (OTÁÑEZ, 1982, p. 3).

Os cinco exercícios que formam o instrumento são a extensão de pernas, a flexão de troncos, extensão de braços, abdominais e corrida estacionária. Para esse autor o "penta-test" pode ser qualificado como "una bateria de pruebas que puede realizar en forma válida, confiable, objetiva y práctica" pelo professor de Educação Física na escola. Otáñez indicou a realização desse teste três vezes ao ano para conseguir mensurar a "evolución del rendimento" físico (OTÁÑEZ, 1982, p. 6).

O autor afiançou ainda que o "penta-test" teria a prerrogativa de ser "práctico", de oferecer uma economia de tempo, de materiais e de espaço. Essas elucubrações se assemelham as utilizadas em textos da RBCE em autores como Victor K. R. Matsudo de simplificar e reduzir os custos de aplicação de teste e outras ferramentas avaliativas quando empregadas em países do terceiro mundo.

Sublinha-se que o penta-test foi objeto de alguns artigos da RBCE e que Otáñez citou nas referências um livro de M. Carvalho Pini, autor recorrente na RBCE, intitulado "Fisiologia Esportiva" e um texto de Matsudo publicado na própria RBCE no v. 1, n. 1 de 1979 sob o título de "Avaliação de potência anaeróbica: test de corrida de 40 segundos". Essas menções indicam a existência de uma rede de interações e de confluências de leituras que pode ter sido tecida entre os campos da Educação Física do Brasil e da Argentina sugerindo algum tipo de aproximação teórica.

A respeito da formação profissional em geral, mas dispensado uma atenção especial ao professor a Stadium n. 95 de 1982 incluiu como conteúdo um artigo de José A. Rodriguez, autor espanhol, denominado "La promoción de la profesión". Nesse artigo, Rodriguez parte do enunciado que os profissionais da área de Educação Física teriam um desejo comum de ter "su prefesión valorada y que sea reconocida su utilidad social" (RODRIGUEZ, 1982, p. 14). Contudo, para alcançar esse êxito seria necessário percorrer um difícil caminho. A fim de auxiliar esse processo o autor procurou levantar uma série de pistas sobre a identidade dessa profissão.

A distinção central dessa carreira seria a função de educar, "educación física es educación", "desde la actividad física [...] a todas las manifestaciones del movimiento", incluindo o esporte de "competición , de elite, recreativo, escolar" (RODRIGUEZ, 1982, p. 14). Outra característica fundamental seria a atuação com o sujeito como um todo, pois "nuestra profesión incide directamente sobre la persona: su cuerpo y su mente, su fisiología y su espíritu" com um "sentido humanitario" dirigido a "[...] enseñar a vivir" (RODRIGUEZ, 1982, p. 15).

Alinhando-se a essas convicções o autor expôs um conjunto de encaminhamentos que deveriam ser seguidos para a conquista do respeito e reconhecimento profissional. A vontade individual, a busca por aperfeiçoamento, a honestidade profissional seriam os requisitos iniciais para a consecução desses propósitos.

As ações que deveriam ser executaras seriam "eliminar la mala imagem" da profissão pela criação de um "sistema eficaz de inspección" capaz de "apartar al incompetente y al inepto", "crear una nueva imagen" calcada no esforço pessoal e na "calidad del servicio", "dar a conocer a la educación física" pela difusão de sua função e benefícios, solicitar uma infraestrutura adequada (RODRIGUEZ, 1982, p. 16).

Atrelada a essas iniciativas individuais e contando com um esforço coletivo do campo dever-se-ia "crear un cuerpo de literatura", incentivar a criação de periódicos e a publicação de artigos e teses com "especial equilibrio entre la teoria y la aplicación práctica", difundir e trocar experiências, redigir um código ético, criar associações profissionais, "mejorar los centros de formación del profesorado" e incorporá-los ao âmbito universitário (RODRIGUEZ, 1982, pp. 17 e 18).

Rodriguez sintetizou uma série de reivindicações comuns ao campo da Educação Física, sobretudo se considerarmos o brasileiro e o argentino. A busca de reconhecimento social, a necessidade de ampliar a produção acadêmica, a melhora da formação, a criação e inclusão de cursos nas universidades. Essa última reclamação tinha contornos distintos no Brasil e na Argentina. Na Argentina quase a totalidade dos cursos de graduação estavam organizados em institutos isolados de formação terciária. No Brasil apesar da existência de cursos nas universidades públicas a maior oferta de vagas se encontrava em faculdades específicas mantidas pela iniciativa privada.

O que despontou como original, quando considerado o conteúdo dos dois impressos, foi à compreensão de que em todos os seus ramos e manifestações à função de educar seria o fator determinante e distintivo da profissão independentemente de sua vinculação com a escola. Costumeiramente tem se delimitado rigorosamente os espaços, a formação e as finalidades da atuação desse profissional em polos opostos. De um lado o professor e do outro o técnico esportivo.

Mudando de orientação a Stadium n. 96 de 1982 continha o artigo do autor argentino Pablo D. Vain intitulado "¿Cómo formular objetivos operativos en educación física?". Nesse texto, Vain defendeu a planificação de objetivos para as aulas de Educação Física observando a classificação nos domínios intelectual, psicomotor e

atitudinal-afetivo. Para o autor os objetivos antecedem a tarefa educativa e "expresan qué debe hacer el alumno en términos de conducta" (VAIN, 1982, p. 33).

Para a sua construção devem ser considerados as formas de realizar a ação, as condições efetivas e os modos de avaliação da conclusão da tarefa. Não obstante, frisou-se a importância da composição de objetivos para "establecer un principio de dirección o de finalidad en el proceso de enseñanza-aprendizaje" em todo ato educativo e em especial na Educação Física (VAIN, 1982, p. 33).

O autor utilizou a ênfase no planejamento e a classificação em domínios do conhecimento comuns a taxonomia de Bloom para propor uma metodologia de ensino para a Educação Física. Esse referencial remete a uma concepção linear do conhecimento que predetermina um conjunto de objetivos, redigidos a partir da projeção dos comportamentos que deverão ser atingidos durante a escolarização, que devem ser alcançados e posteriormente verificados pela aplicação de instrumentos avaliativos.

Trata-se de uma postura disciplinar que prioriza o controle técnico do ensino via a mensuração de comportamentos e sua adequação por procedimentos instrucionais padronizados. O processo de ensino e aprendizagem assume um sentido excessivamente técnico moldado a garantir a eficácia da transmissão do conhecimento científico pré-selecionado. Reduz o ensino a modificação do desempenho, ao condicionamento e hierarquização das respostas dos alunos, destinando pouco espaço e importância para o debate e para a reflexão. Na RBCE foi publicado um artigo de Celi Taffarel (1984) que expressou essa mesma tendência.

A RBCE voltou a publicar conteúdos com uma temática mais propriamente pedagógica no v. 4, n. 2, de 1983. Trata-se de um artigo de revisão bibliográfica, intitulado "O desenvolvimento da atenção em crianças: implicações teóricas e práticas", escrito por Ana Maria Pellegrini. A autora articulou teorias de desenvolvimento, como a teoria piagetiana, com estudos experimentais sobre a ampliação da atenção em crianças buscando entender as implicações para a aquisição de habilidades perceptivo-motoras.

No entanto, o primeiro texto escrito no formato de artigo com um tom mais crítico e redigido para suscitar algum tipo de reflexão mais aprofundada foi editado apenas na RBCE v. 4, n. 3 de 1983, ainda que com algumas limitações relacionadas ao parco desenvolvimento de pesquisas com inspiração nas Ciências Humanas e Sociais no campo da Educação Física. Assinado por Lino Castellani Filho e intitulado de "A (des) caracterização profissional filosófica da Educação Física" teve como propósito tecer

uma análise da constituição histórica da disciplina de Educação Física e sua incorporação pelo sistema educacional por meio da análise da legislação pertinente.

Com um estilo de redação inovador Castellani utilizou a metáfora da encenação de uma peça teatral no "cenário educacional brasileiro" para "entender a personagem" Educação Física, "despi-la das vestes", "resgatar sua dimensão histórica", enfim "encontrar sua verdadeira identidade" (1983a, p. 95). O autor rememorou elementos-chave da história da disciplina como seu relacionamento com os militares e com os médicos, o papel de intelectuais como Rui Barbosa para o seu desenvolvimento, a influência do higienismo, a importância desfrutada durante o Estado Novo (1937-1945), a influência da industrialização e por fim sua utilização pelos governos militares (1964-1985).

Pela primeira vez a RBCE publicou um texto com um posicionamento político confessadamente contrário as disposições oficiais e com uma conceituação crítica embasada em estudos históricos (ainda que intermediados por métodos e autores do campo da História da Educação[107] e não propriamente da História). Castellani caracterizou os governos militares como "um regime de exceção" instituído com o propósito de realizar a "manutenção do poder" e "preservar a ordem sócio-econômica" e que implantou, via legislação, uma política educacional com "tendência tecnicista" que "quase nada" alterou as proclamações anteriores (1983a, p. 96).

Comentando as Leis n. 5540/68 e 5692/71 e o Decreto-Lei n. 705/69 o autor criticou a intenção de aprimorar tecnicamente e domesticar a força de trabalho para aumentar sua "eficiência e produtividade" via exercícios físicos, a implantação da obrigatoriedade em todos os níveis de ensino que julgou como uma tentativa de esvaziar, pela utilização de atividades lúdicas e esportivas, o movimento estudantil.

A disciplina foi então adjetivada como "reprodutivista", "alienada e alienante", responsável ainda pelo "reforço a esteriotipação do comportamento masculino e feminino, pela eugenização e pelo adestramento físico da população brasileira" (CASTELLANI, 1983a, p. 97).

Sem dúvida esse artigo representou um marco na historiografia da disciplina e prenunciou uma reorientação de conteúdos e posições no interior do impresso. Não amainando seu mérito e representatividade deve-se reconhecer suas insuficiências como

[107] Castellani utilizou como fonte para embasar suas análises sobre a história do Brasil as obras de Demerval Saviani, autor filiado ao campo da História da Educação. Os livros utilizados foram "Educação: do senso comum a consciência filosófica" (1982) e "Escola e Democracia: para além da teoria da curvatura da vara" (1983).

análise histórica. O critério da escolha da periodização foi inadequado dado que se baseou em "especificidades exteriores ao objeto" examinado. Sua narrativa não conseguiu superar "uma impressão de continuidade e linearidade" no trato com o passado, na qual a história é convocada a "explicar linearmente o presente" a partir de hipóteses previamente traçadas que deveriam ser confirmadas (MELO, 1999, p. 9).

Tem-se a impressão que a aspiração por alterar a compreensão e os caminhos trilhados pelo campo da Educação Física por vezes interferiu nas conclusões do autor, dispensando em alguns momentos a história realmente vivida e testemunhada. Muito embora Castellani tenha sido fiel a determinada compreensão histórica alinhada com uma interpretação mais ortodoxa do marxismo seu empenho baseado na leitura da legislação demonstrou "pouca ou nenhuma preocupação em torno da real consolidação das políticas públicas no interior da escola" (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001, p. 42). A mesma construção temática e argumentativa utilizada no artigo foi ampliada e desembocou em outra obra importante para o campo da Educação Física o livro "Educação Física no Brasil: a história que não se conta" de 1988.

O resumo desse artigo foi publicado posteriormente nos anais do "III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte" editados na RBCE, v. 5, n. 1 de 1983. Além desse texto outros trabalhos puderam ser classificados no eixo "Atuação e Formação de Professores para a Educação Física Escolar". Entre eles o resumo "A participação dos educandos na avaliação da aprendizagem em Educação Física" de Alfredo Gomes de Faria Junior. O autor objetivou "revelar como licenciandos vem avaliando o processo de ensino-aprendizagem de seus alunos" nas atividades que envolvem o estágio supervisionado (FARIA JUNIOR, 1983, p. 20).

O autor concluiu que foi utilizada unicamente a observação assistemática como método avaliativo resultado da escolha de estratégias de ensino diretivas pautadas em uma didática com "enfoque tradicional". Para superar essa situação Faria Junior sugeriu a auto-avaliação (FARIA JUNIOR, 1983, p. 20). Esse texto reforça a empreitada promovida por esse autor contra o ensino diretivo considerado autoritário e ineficiente já comentada anteriormente.

Os resumos "Linguagem corporal como instrumento de transformação" de José R. M. Araújo e "Método de ensino para o 1° grau" de Celi N. Z. Taffarel expressaram compreensões e propostas inovadoras. Araújo partiu de uma compreensão da escola como instituição responsável pela "transmissão da cultura" e a Educação Física como

sua integrante deveria centra-se na "linguagem corporal como forma de expressão" de sua motricidade direcionada a "transformação da realidade" (ARAÚJO, 1983, p. 31).

Infere-se que o autor foi instigado pela leitura das obras de Manuel Sérgio e que prenunciou um conceito muito utilizado posteriormente o movimento como meio de comunicação. Com um raciocínio similar Taffarel advogou a utilização de um método de ensino para a disciplina que enfatize a "criatividade" e o "pensamento reflexivo", que seja capaz de formar com "criticidade, responsabilidade e autonomia" (TAFFAREL, 1983, p. 32).

Também nos anais do II Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento e Congresso Regional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte publicados na RBCE v. 5 n. 3 de 1984 foi verificada o despertar de um interesse mais significativo por temas que versavam sobre a Educação Física Escolar e sobre a aprendizagem motora.

Maria T. Bohm e Maria A. P. Kiss, por exemplo, redigiram os resumos "A Educação Física na pré-escola" e a "Educação pré-escolar" nos quais se preocuparam com o desenvolvimento motor, especialmente o desenvolvimento dos padrões motores fundamentais de crianças nessa fase escolar. Essa mesma inclinação foi constatada nos trabalhos de Maria H. Dipe, "Análise do ensino de Educação Física na escola de 1º grau", de Hildegard H. Krause, "O medo e suas implicações na aprendizagem motora" e "Motivação", de Catia M. Volp, "Controle motor" e de Genny A. Cavallaro et al, "Desenvolvimento Motor".

Essa quantidade expressiva de trabalhos pode ser categorizada como mais uma evidência da considerável influência exercida pela psicomotricidade e suas variações no território brasileiro. Essa assertiva também é válida para o campo da Educação Física na Argentina como demonstra o contingente de artigos propagados pela Stadium com essa temática.

Ainda a respeito da Educação Física escolar mais duas exposições devem ser lembradas. Leopoldo Schonardie Filho et al, com o trabalho "Concepção de Educação Física nas Escolas de 1º grau do Planalto Médio" e Vera L. C. Ferreira com o resumo "Avaliação pedagógica na formação dos professores de Educação Física". Schonardie (1984) investigou o conceito de Educação Física seguido pelos professores e constatou que para a maioria essa concepção restringiu-se a uma compreensão de uma disciplina voltada apenas ao desenvolvimento de aspectos psicomotores. Ferreira (1984, p. 13) advogou a utilização da avaliação como integrante de um processo formativo centrado

na transformação, na "desestabilização de procedimentos convencionais" e na criação de uma atitude reflexiva para a formação de professores.

No mesmo intervalo de tempo a Stadium manteve a ênfase na psicomotricidade e na aprendizagem motora como prismas que deveriam ser eleitos para a Educação Física escolar. Nessa esfera, o texto "Elección de un método em educación física: las situaciones-problema" do autor espanhol Domingo Blázquez Sánchez apresentado na Stadium n. 97 de 1983 versou sobre a adoção de conceitos e procedimentos do campo da aprendizagem motora para a composição de aulas para a Educação Física escolar. Para tanto, Sánchez apontou para o rompimento com uma "pedagogia tradicional" baseada na imitação de um modelo adulto e a incorporação de um método que considerava a atividade infantil, "que parte del propio niño", denominado pelo autor de "pedagogias activas o no-directivas" (1983a, p. 35).

Esse modelo pedagógico aplicado a Educação Física deveria valer-se dos conhecimentos da aprendizagem motora e seus componentes: o ato motor, o meio, os objetos e os canais de comunicação. Caberia ao professor elaborar tarefas motoras seguindo essa disposição: preparação do meio e instruções para a conclusão da tarefa. Essa metodologia teria como vantagens "permitir ao niño organizar su propria actividad" e aprender com "sus proprias experiencias". Enfim, seriam "la mejor estrategia metodológica" e permitiriam ao professor "enriquecer y transformar la motricidad del niño" (SÁNCHEZ, 1983a, p. 43).

Um texto semelhante foi publicado pelo mesmo autor, Domingo B. Sánchez, na Stadium n. 98 de 1983 com o título "La educación física en preescolar: una didáctica aplicada". De modo análogo, Sánchez escudou a adesão a psicomotricidade como uma teoria capaz de "estimular el descubrimiento, la creatividad y la espontaneidad del niño" e a favorecer "la libertad de movimiento y de acción" (SÁNCHEZ, 1983b, p. 38).

Adotando da mesma maneira a psicomotricidade como referencial as autoras argentinas Beatriz A. Rada de Rey e María L. González veicularam o escrito "Evolución de las conductas motrices en la primera y segunda infancia" em duas partes nos números 98 e 99 da Stadium de 1983. González e Rey (1983a, p. 42) reivindicaram a adoção do "movimiento sistemáticamente organizado" como objeto de uma Educação Física "científicamente concebida y pedagógicamente transmitida" focada em favorecer "el proceso de desarrollo y maduración del niño, enriquecer el acervo motor [...], mejorar el rendimiento".

Imbuídas dessa compreensão as autoras elaboraram um conjunto de finalidades que a disciplina deveria abarcar. Em síntese a Educação Física teria como incumbência "brindar una amplia gama de experiências motrices", favorecer "la exploración del movimento", "lograr el aprendizaje de las técnicas de las diferentes formas de movimiento", promover o método de resolução de problemas, transpor as aprendizagens motrizes para "la vida diaria", valorizar o jogo, destacar a alegria ao movimentar-se, respeitar os tempos individuais, preservar a espontaneidade e estimular a criatividade (REY e GONZÁLEZ, 1983a, pp. 42 e 43). Com o aporte teórico de Piaget as autoras elaboraram um "registro de aparicion y evolucion de las conductas motrices fundamentales" de crianças de 2 a 12 anos e ordenaram propostas de jogos correspondestes a cada idade (REY e GONZÁLEZ, 1983a, p. 43).

Esse conjunto de textos conjugaram acepções da psicomotricidade com os procedimentos didáticos da concepção de ensino não-diretivo. Essa composição já tinha sido acionada anteriormente nesse impresso. Se consideradas separadamente essas tendências foram evocadas nos dois periódicos. Pela recorrência reafirma-se que sua influência no campo da Educação Física não deve ser menosprezada.

Centrando-se em outro tópico foi incorporado um artigo do autor espanhol José López Pérez na Stadium n. 100 de 1983, intitulado "Deontología del educador físico-deportivo". Esse trabalho teve como temática os deveres, os aspectos formativos e morais que devem ser considerados pelos profissionais da área de Educação Física e esportes, em especial pelos professores. O autor tentou contribuir para a elucidação dos atributos necessários para tornar-se um bom professor/profissional.

Pérez construiu um conjunto de esquemas com prescrições que deveriam ser tomadas para imbuir-se de sua deontología no relacionamento com os alunos, com os pais, sobre o planejamento, a condição física, o cotidiano da profissão, o uso do material e o trato com os outros professores que merecem ser reproduzidos e comentados. Com relação aos alunos:

> Deberes con los alumnos: estimular y motivar; ser pontuales; ser amigo; comentar detalles de su vida; cuidar el tablón de anuncios, poniendo aspectos y metas que pueda lograr; procurar que se viva el orden y pudor en vestuario; acostumbrar a que avisen si no pueden venir; exigir la indumentaria establecida; valorar los problemas (número de alumnos, instalaciones, lluvias, etc.); valorar mucho lo positivo; dar abundante conocimiento de los resultados; evitar los gritos; ¿es educativo el silbato?; evitar caras serias; variar la sistemática de las clases; dar la clase en ropa deportiva (un profesor sin ropa deportiva es deprimente); no sentarse al dirigir los ejercicios;

> ante alumnos-problema: personalisar y hablar personalmente; no tener predilectos; hacerle ver los progresos obtenidos; comentarle los errores; llevar control de asistencia; evaluar con objetividad y de la manera más científica y precisa que podamos; buzón de sugerencias; atención a las lesiones (PÉREZ, 1983, pp. 29-30).

Nota-se que o autor intercala técnicas de controle, padronização de condutas e imposição moral com a tentativa de estabelecer laços afetivos e manter uma postura afável e um ambiente favorável à aprendizagem. O recurso à legitimação científica e ao rigor da avaliação também foi incorporado como instrumental educativo. Repressão e estimulação articulam-se centradas na modulação do comportamento exigido por metodologias de ensino que tem o Behaviorismo como embasamento. Essa tônica foi sustentada nas recomendações destinadas ao trato com os pais:

> Informar: de las actitudes del alumno, de la ficha físico-técnica, de los posibles datos médicos anormales, de las asistencias de su hijo; preguntar por horas de estudio, por rendimiento escolar, por horas de sueño, por gustos y aficiones, por amigos, por horas de tv, por dinero que se le dá, por aprovechamiento de tiempo livre, por lecturas, por ayudas en casa, por trato con sus padres, por afinidad a ciencias o letras (PÉREZ, 1983, p 30);

Os pais foram convocados a auxiliar o professor no esquadrinhamento do comportamento dos alunos e na imposição de um monitoramento sobre suas atitudes mesmo fora do espaço escolar. Até o tempo livre e os relacionamentos dos alunos deveriam ser percrustado a procura de desvios e inadequações.

Sobre o planejamento o autor preconizou a necessidade de planificar as ações anteriormente, a importância do cumprimento das atividades delineadas, de manter a ordem e a motivação e de realizar avaliações da condição física dos alunos. Esses direcionamentos podem ser relacionados a correntes educacionais conservadoras que se coadunam também com a ênfase na aptidão física dos alunos.

Não obstante o professor não poderia descurar de sua condição física. Resistência, flexibilidade, força e velocidade seriam qualidades físicas essenciais. Para Pérez é fundamental que o professor tenha uma condição física superior a dos seus alunos. Aliadas essas características seriam requisitos importantes à atividade docente, sob a ótica do autor, pois possibilitariam ao professor “demonstrar mejor los ejercicios” e entender sua dificuldade de execução. Aconselhou-se ainda a execução dos movimentos ensinados com “un mínimo de perfección” e uma revisão médica anual para assegurar a saúde e aptidão do professor (PÉREZ, 1983, p. 31).

Mais um acento dado a aptidão física que deveria ser desenvolvida não só no aluno, mas também pelo próprio profissional. A concepção do professor como modelo que não só demonstraria gestos, técnicas e movimentos, mas também materializaria com a presença de seu próprio corpo os benefícios da prática de exercícios foi nitidamente referendada.

Uma série de preceitos também foi advertida para o cotidiano desse profissional. Dentre eles salientam-se assistir cursos sobre temas de interesse, trocar experiências com outros profissionais, ler livros, revistas especializadas e a imprensa desportiva, "intentar publicar artículos", "tener una mentalidad de estudio y actualización", enriquecer o vocabulário, visitar outros centros educativos (PÉREZ, 1983, p. 31). Não escaparam a observação do autor os cuidados com a conservação e higiene dos materiais utilizados e com o trato cortês com os demais colegas de profissão.

Evidentemente Pérez redigiu uma série de prescrições idealizando um arquétipo irreprovável de professor. Um profissional capaz de manejar sentimentos, comportamentos e condutas ao mesmo tempo em que seria um modelo de forma e habilidade física em constante formação e atualização. Como se não bastasse esse indivíduo ainda deveria produzir conhecimento e publicá-lo em periódicos especializados.

Essas recomendações descomprometidas com a realidade do profissional que compunha o campo da Educação Física pautadas em concepções conservadoras de ensino e na redução da contribuição da disciplina ao aperfeiçoamento da condição física dos alunos foram recorrentes nos dois impressos investigados. No entanto, na RBCE por vezes essa asserção apresentava a nuance da adaptação ao contexto dos países de terceiro mundo que significava a falta de recursos e uma formação deficitária.

Equivalente ao texto de Vain (1982) na tentativa de aproximar a Educação Física do referencial proposto por Bloom já comentado foi o artigo "Capacidade e habilidades intelectuais solicitadas nas provas escritas das disciplinas técnicas do curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico em Desportos da UFPE segundo a taxionomia de Bloom e colaboradores", publicado na RBCE v. 6, n. 1 de 1985 por Celi Taffarel. A autora analisou o conteúdo das avaliações e julgou seus elaboradores utilizando o crivo da taxionomia de Bloom. Como resultado constatou que a maioria das questões continham itens objetivos que solicitam apenas "processos mentais simples", como a memorização e a compreensão, "desprezando-se às capacidades e habilidades mais complexas" (TAFFAREL, 1985, p. 121).

A autora pôs em suspeição esse tipo de prova e em contraposição sugeriu um instrumento que incorporasse as "capacidades e habilidades de análise e síntese, com ampla visão da realidade e atitude crítica" para que os futuros profissionais pudessem "conscientizar-se de suas responsabilidades perante a sociedade" e exibissem um "desempenho científico, pedagógico, psicomotor, ético, moral e político" (TAFFAREL, 1985, p. 121).

Para robustecer seus argumentos Taffarel embasou-se nas duras críticas feitas por João P. S. Medina na obra "A Educação Física Cuida do Corpo ... e mente" ao perfil dos egressos dos cursos de formação em Educação Física que vale ser reproduzida:

> semi-alfabetizado, incapaz de citar com clareza [...], dificuldade em entender a importância da fundamentação teórica em relação a prática [...], supervalorização da competição, resultados, vitórias, [...] visão individualista, [...] possuidor de consciência ingênua, [...] extrema dificuldade de comunicação e manutenção de um diálogo efetivo (TAFFAREL, 1985, p. 121).

A esse respeito à autora se indagou se essa atitude seria deliberada ou apenas uma dificuldade técnica para a formulação de avaliações mais adequadas. Sem a resposta a essa questão Taffarel finalizou sua exposição enumerando algumas sugestões para o enfrentamento desse problema como a "reciclagem do corpo docente", a criação de uma comissão para avaliar os cursos de formação e a "formação de um grupo de apoio técnico-pedagógico" para dar suporte aos professores (TAFFAREL, 1985, p. 121).

A austera representação do recém-formado em Educação Física elaborada pela autora e corroborada por outros autores como o próprio Medina citado no texto revela a insatisfação que pairava em parte dos atores que compunham o campo com a formação e com o perfil do profissional habilitado por ela. Indubitavelmente a formação na área era deficitária não só por seu legado histórico e pelo acento em uma concepção pragmática e utilitarista, mas também pela própria compreensão hegemônica do que se esperava desse futuro professor.

Alguns textos analisados nos dois impressos, ver, por exemplo, Pérez (1983), apadrinharam um modelo de profissional focado na apreensão e transmissão de técnicas corporais, despreocupado com discussões teóricas mais intensas, que incentive e valorize a competição e que seja mais competente na execução do movimento ou gesto a ser ensinado do que na exibição de habilidades intelectuais e comunicacionais.

O embate entre essas representações, posteriormente celebrado como "crise", indicava muito mais um confronto entre concepções contrastantes do que uma constatação consensual da situação nefasta por qual passaria a área. Talvez essas proposições opostas tenham concordado na indispensabilidade de uma formação científica mais sólida, muito embora a projeção de quais seriam as bases dessa formação tenham sido incompatíveis.

Além do livro emblemático de Medina a autora utilizou um referencial diferenciado com citações do livro "Educação e Poder" de Moacir Gadotti e da dissertação de Iris Barbosa Goulart intitulada "A aprendizagem reflexiva". Mais um exemplo de como se alicerçou o movimento de refutação dos anos 80 (séc. XX) pelo uso de referencias provindos da área de Educação. Ainda que as obras de Demerval Saviani e Paulo Freire tenham sido contumazes para municiar esses autores renovadores Gadotti e Goulart também foram citações frequentemente utilizadas.

Interessante notar a antinomia que perpassa toda a argumentação de Taffarel ao utilizar a taxionomia de Bloom como parâmetro avaliativo, uma proposição aliada às teorias educativas comportamentais que a época estava sendo rigidamente criticadas por autores filiados as tendências críticas como os citados pela própria autora.

De modo análogo, fez menções a psicomotricidade corrente repreendida pelo movimento renovador que a autora já nesse momento pareceu querer filiar-se[108], um desses críticos foi o próprio Medina que advogou uma "Educação Física Revolucionária" centrada na ideia de que educação do movimento pode contribuir para a libertação do sujeito e para a transformação social.

Mais um texto que buscou fundamentação na obra de Bloom foi publicado na Stadium n. 97 de 1983 pelo autor argentino Pablo D. Vain, que já havia exibido um trabalho com características semelhantes, sob o título "¿Taxionomía de los objetivos de la educación física?". Respaldando-se em Bloom e Le Boulch, Vain procurou demonstrar o interesse que deveria ser manifesto sobre as taxionomias de objetivos pela área de Educação Física. O autor defendeu a compreensão que apesar do "acento en lo psicomotor" a Educação Física deve incorporar os três domínios (cognoscitivo, afetivo e psicomotor) em suas formulações pedagógicas (VAIN, 1983, p. 16).

Como exemplo de sua tese Vain exibiu uma classificação taxionômica para a área baseada em sete tópicos: capacidades motoras, habilidades perceptivas, estruturas,

[108] No fim dos anos 80 do século XX a própria Celi Taffarel despontou como um dos expoentes desse movimento, sobretudo quando passou a fundamentar-se no Materialismo Histórico e Dialético.

praxias, movimentos expressivos, técnicas de movimento, modelos técnicos e hábitos. Para cada palavra-chave um conjunto de subtópicos foi elencado. Desse modo, as capacidades motoras foram subdivididas em capacidades orgânicas (respiração, circulação, resistência, etc.), capacidades corporais (contração, força, flexibilidade, etc.), capacidades perceptivo-cinéticas (equilíbrio, coordenação e velocidade).

As habilidades perceptivas incluíram habilidades auditivas, visuais, táteis e kinestésicas. As estruturas resumiram-se a espacial, temporal, objetal e espaço-temporal. As praxias caracterizavam-se em transitivas, simbólicas e estéticas. Os movimentos expressivos abarcaram as atitudes posturais, os gestos, os movimentos estético-expressivos e os movimentos criativos. As técnicas de movimento continham técnicas globais e técnicas construídas. Os modelos técnicos abrangiam os modelos ginásticos, desportivos, de dança, de vida na natureza. Por fim, os hábitos envolviam hábitos de ordem, de higiene e de alimentação (VAIN, 1983).

Como em outros textos contidos nos dois impressos Vain propôs uma combinação entre as proposições de Bloom e a psicomotricidade como forma de sustentar as ações educativas do professor de Educação Física. Manifestadamente ao endossar o uso dessas tendências incorporou também suas restrições à função educativa, a valorização da intervenção do professor, a legitimação e a especificidade da disciplina de Educação Física assinaladas previamente.

Com outra postura abordando especificamente a educação infantil e propondo algumas inovações, foi publicado na Stadium n. 109 de 1985 outro artigo desse mesmo autor intitulado “El desarrollo de la creatividad en la educación infantil”. Nesse texto o autor utilizou como suporte a teoria do desenvolvimento de J. Piaget para discorrer a repeito do estímulo a criatividade nas aulas de Educação Física. Conceitos como adaptação, assimilação, acomodação e equilibração serviram de embasamento para elencar atividades que potencializam a evolução da criatividade infantil.

Vain recuperou uma citação elucidativa de Piaget (apud VAIN, 1985, p. 31) para explicitar sua proposta educativa, “el ideal de la educación no es aprender ló máximo, ni maximizar los resultados, sino es, ante todo, aprender a aprender”. Para a disciplina de Educação Física essa matriz poderia ser implementada pela inclusão da metodologia de “situaciones problemas” e pela escolha do objeto de ensino “el movimiento expresivo” (VAIN, 1985, p. 31).

Esse objeto oportunizaria “conocer y sentir” o corpo, “descubrir y utilizar expresivamente” o movimento, “relacionarse con los demás mediante canales de

comunicación no orales" e "desarrollar su proprio estilo de comunicación". Embora tenha optado pelo movimento expressivo o autor identificou alternativas para o estímulo a criatividade em outros conteúdos, a ginástica, o esporte e o jogo (VAIN, 1985, p. 32).

Para a ginástica poderia ser sugerida a criação de "series de ejercicios libres [...] y la elaboración de secuencias rítmicas". No esporte a modificação das regras e acriação de novos jogos suplantariam essa necessidade. O jogo teria que enfocar a "mímica, la dramática, la música y la palabra" em "juegos de movimiento" que pudessem dar vazão a criatividade infantil (VAIN, 1985, p. 32).

Com relação ao papel do docente Vain amparou-se em Paulo Freire para afirmar que sua principal tarefa consistiria em "crear el clima de trabajo adecuado" pelo incentivo a participação, pela criação de uma liderança democrática, pelo apelo a "no directividad", mediatizadas pela "reflexión ante la propria criación" (VAIN, 1985, p. 32).

Sublinha-se que o autor utilizou um referencial diferenciado que contou com obras e autores como, além dos já mencionados Piaget e Paulo Freire, Jean Le Boulch e José Maria Cagigal. Vain compôs um mosaico desconexo de referências acentuado por apropriações imprecisas desses autores. Essa miscelânea emaranhou o emprego da teoria psicogenética no desenvolvimento infantil, com a atenção a motricidade de Le Boulch, com o humanismo esportivo de Cagigal e com as proposições da educação libertadora de Paulo Freire.

O autor utilizou um recurso incomum entre os autores promulgados nesse impresso à remissão a outro texto publicado na Stadium (1983a): "Elección de un método en educación física: las situaciones problema" de autoria de Domingo Blázquez Sánchez. Nesse texto, compatível com as intenções de Vain, Sánchez empreendeu uma junção entre definições da aprendizagem motora e meios didáticos das pedagogias não-diretivas para a montagem de aulas para a Educação Física escolar na educação infantil. Esse uso indica a utilização do impresso não só como fonte de informação, mas também como referência para a fundamentação de outros trabalhos que poderiam ser divulgados pela própria Stadium.

Mais um texto que questionou a pretensão de utilizar o esporte como conteúdo educativo foi replicado na Stadium n. 113 de 1985 por Michel Colombier, autor francês, com o título de "¿Es la edución física uma materia de enseñanza?". No artigo Colombier explicitou seu posicionamento sobre a função dessa disciplina, sua inserção acadêmica e seu objeto de ensino. De imediato, no ínicio do trabalho vociferou que

equiparar a Educação Física com uma educação esportiva seria "una confusión inadmisible", pois a educação esportiva não passaria de "una de las características posibles de la educación física" e a Educação Física seria "ante todo educación" (COLOMBIER, 1985, p. 28).

Como um subconjunto pertencente à educação a Educação Física teria como finalidade dedicar-se a "totalidad de los procesos que permiten a un individuo pasar de un estado determinado de indiferenciación motriz a un estado definido de diferenciación motriz" (COLOMBIER, 1985, p. 28). Ressalta-se que o autor usou como aporte para suas reflexões os estudos de Pierre Parlebas. Dentro dessa ótica o objeto de ensino e pesquisa dessa disciplina seriam as atividades físicas[109]. O significado atribuído a atividades físicas abarcaria

> la totalidad de las actividades humanas em las cuales la función motora (es decir, la interreacción de todos los factores que intervienen en la puesta em acción de la motricidad), si no dominante en el comportamiento y la conducta, por lo menos exigida em el mismo nivel que las demás funciones humanas (COLOMBIER, 1985, p. 28).

Incluso nesse grupo estariam as atividades físicas esportivas compreendidas como "todas las actividades físicas a través de las cuales la función motora se ejerce dentro de um marco codificado e institucionalizado" e que estão submetidas a "un programa de entrenamiento". No entanto, não seriam as únicas. As atividades físicas livres entendidas "las actividades físicas a través de las cuales la función motora se ejercería en el marco de lo ajeno al trabajo y seguiendo una realización determinada, en principio, por la libre elección del sujeto", as atividades físicas de reabilitação, as atividades físicas utilitárias, entre outras possibilidades também se vinculariam a essa delimitação (COLOMBIER, 1985, p. 29).

Esse artigo pode ser caracterizado como uma reprodução simplificada das proposições de Parlebas para reformular a Educação Física. Destaca-se a permanência das críticas ao esporte em textos que tematizam a Educação Física escolar e a ocorrência, ainda que em número reduzido, da substituição do referencial da psicomotricidade pela Praxeologia Motriz de Parlebas. Esse fato não tem correspondência na RBCE que manteve a psicomotricidade como um referencial prestigiado no período analisado.

[109] Trata-se de uma apropriação particular, pois como já foi apontado Parlebas elegeu as condutas motrizes como objeto de pesquisa e ensino.

Sobre as características que deveriam possuir os futuros professores de Educação Física a autora argentina Martha Casarín de Medina redigiu o texto "Proyecto de examen de ingreso a los institutos del profesorado en educación física" editado na Stadium n. 114 de 1985. Nesse artigo abordou a necessidade de superar as avaliações dos aspirantes a carreira da docência em Educação Física centradas no "strictametne físico", impondo-se a urgência de incluir "requerimentos psicológicos y pedagógicos" em sua elaboração (MEDINA, 1985, p. 27). Depreende-se desse fato a motivação da autora em discutir a criação de um instrumento capaz de abranger essa preocupação.

Com o intuito de delinear um perfil para os ingressantes Medina elegeu alguns predicados essenciais "un mínimo de base en cuanto a capacidades físicas [...] indispensable para todo aprendizage motor posterior, [...] un máximo en cuanto al conjunto global de capacidades cognitivas y docentes", sobretudo por tratar-se de futuros docentes que "actuarán utilizando como médio el movimiento" (MEDINA, 1985, p. 28).

Levando a cabo essas considerações a autora dividiu sua proposta de prova de ingresso em três áreas: médica, psico-intelectual e motriz. A área médica referiu-se a exames que comprovassem a saúde física dos participantes. A área psico-intelectual requereria a exibição de uma personalidade e coordenação motora compatíveis, atrelada a provas de conhecimentos básicos sobre fisiologia, anatomia, pedagogia, psicologia e filosofia. A área motriz procuraria auferir as capacidades mais exigidas nos cursos, notadamente "aquellas indispensables para la aquisición de nuevos aprendizages" (MEDINA, 1985, p. 29).

Medina seguiu disposições encontradas nas recomendações de outros autores publicados no periódico de assumir a psicomotricidade como referencial formativo e avaliativo. Ainda que os entraves da adoção desse modelo sejam muitos como já apontado ele superou a compreensão comum ao campo de que os requisitos para o professor de Educação Física abarcam, exclusivamente, a aptidão e as habilidades físicas atreladas a um conhecimento anatomo-fisiológico do corpo. Nessa proposição saberes oriundos da Psicologia e da Pedagogia passaram a ser reconhecidos e o peso atribuído a avaliação da capacidade física foi reduzido.

Nesse mesmo ano, tendo como foco a Educação Física escolar foi publicado na RBCE, v. 6, n. 3 de 1985 o artigo "Diagnóstico do funcionamento da prática de Educação Física de 1ª a 4ª série do 1º grau, em escolas da rede oficial de ensino, da zona

urbana de Maringá – PR" de autoria de Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira. Tratou-se de uma síntese da monografia de especialização do autor (Especialização em Educação Física Infantil – Universidade Estadual de Maringá) na qual objetivou avaliar a prática da Educação Física nas escolas tendo como foco verificar a inclusão no currículo, o número de aulas semanais, o planejamento, as instalações físicas e materiais e o perfil dos docentes que ministram essas aulas.

O autor encetou sua exposição com a premissa de que a Educação Física "é vista ainda hoje como fator educacional secundário na formação de alunos" e não como "meio integrante de todo processo educacional". Defendeu uma "concepção holista" na qual a Educação Física significaria a educação por meio de experiências que envolvessem o movimento e componentes emocionais, comportamentais e intelectuais (OLIVEIRA, 1985a, p. 203).

Oliveira considerou também a necessidade de compreender a disciplina no marco da indivisibilidade entre corpo e espírito considerados "unidades interdependentes e inseparáveis". Utilizou também o instrumental teórico da psicomotricidade para defender a acepção que o "comportamento motor serve de veículo para a sociabilização da criança" e fortalece a "capacidade de pensar, interpretar e solucionar". Isto posto, a contribuição da disciplina estaria, na perspectiva do autor, no incremento das "capacidades motoras" fundamentais ao "desenvolvimento sadio da personalidade" (OLIVEIRA, 1985a, p. 204).

O tipo de pesquisa eleita foi de caráter descritivo instrumentalizado pela aplicação de um questionário com questões abertas. Para a análise dos dados utilizou-se o "método da hermenêutica" e a "análise percentual". As conclusões alcançadas pelo autor expuseram que as escolas não obedeceram ao estipulado pelo Decreto nº 69.450/71 com relação ao número de aulas, a estrutura física e o acesso a materiais. A respeito do planejamento apenas 45% das escolas o realizavam e 18% delas nem sequer tinham aulas de Educação Física. Além disso, a maioria dos professores não tinha formação específica possuindo somente a titulação de normalistas. Ante esse quadro desolador Oliveira assinalou que

> o não cumprimento da legislação, a falta de instalações físicas e materiais e a falta de preparo dos professores [...] seriam as causas que levam os alunos a chegarem na quinta série sem as mínimas condições de darem início a atividades esportivas, onde equilíbrio, agilidade, elasticidade, lateralidade e outras valências físicas são indispensáveis (OLIVEIRA, 1985a, p. 213).

Apesar da tentativa de avanço com relação às correntes mais tradicionais, nessa citação Oliveira permite antever que sua compreensão do conteúdo de ensino e da função da Educação Física estaria em um primeiro momento restrita ao desenvolvimento das capacidades físicas essenciais a preparação esportiva que posteriormente seria o centro das ações dessa disciplina.

Com o intento de solucionar os problemas levantados o autor projetou uma série de ações como "exigir que as escolas cumpram o previsto por Lei no que diz respeito a carga horária da disciplina", dispor de instalações físicas e materiais adequados, "reestudar o currículo para normalistas para que haja um melhor preparo das mesmas", "oferecer as professoras que atuam nessa faixa escolar, reciclagens e cursos", instruir professores e diretores para que compreendam a "necessidade e importância" da disciplina de Educação Física (OLIVEIRA, 1985a, p. 204).

A proposta de investigação do autor, pouco praticada pelos autores da RCBE, tem o mérito de utilizar a escola como lócus de pesquisa, preocupando-se com a prática cotidiana da disciplina. Promoveu uma verificação da situação da disciplina, contrapondo as disposições da legislação à realidade da sala de aula.

Entretanto, mesmo tendo acesso a uma literatura mais crítica, que foi inclusive citada como bibliografia[110], Oliveira oscilou entre justificar a contribuição da Educação Física a educação formal pelo desenvolvimento de capacidades motoras e pelo incremento das "valências físicas" necessárias a prática esportiva. Harmonizando os fundamentos da psicomotricidade com as finalidades eleitas pelos defensores do referencial da aptidão física, Oliveira propôs o desenvolvimento motor nos anos iniciais como base para a formação das competências indispensáveis para a aprendizagem e execução do esporte que seria tematizado nos demais anos de escolarização.

Ressalta-se que Oliveira se absteve de comentar as leis[111] que davam sustentação legal a disciplina de Educação Física se limitando a exigir sua aplicação. Em seu conjunto essas leis dispuseram sobre o ensino de Educação Física baseado no paradigma da aptidão física e no propósito de difundir a prática esportiva por toda população. Ainda que tenham ampliado as possibilidades de inserção desse profissional via a imposição de sua obrigatoriedade em todos os ramos de escolarização limitaram a compreensão de sua função educativa.

[110] Oliveira listou a dissertação de Bracht (1993) intitulada "A Educação Física escolar como campo de vivência social e de formação de atitudes favoráveis à prática do desporto".
[111] Para informações mais detalhadas procurar Castellani (1991) e Pelegrini (2008).

Sobre essa temática nos anais publicados na RBCE, v. 7, n. 1 de 1985 foi inserido o trabalho de Valter Bracht denominado "A Educação Física escolar como campo de vivência social", provavelmente inspirado por sua dissertação (que serviu de referência para o artigo anteriormente avaliado). Teve como propósito analisar o ensino dos esportes nas escolas, especialmente, a aprendizagem "do respeito incondicional as regras e a autoridade" e a valoração do esforço individual e em sua substituição "propor uma metodologia orientada por um compromisso político com a transformação social". Para tanto, elegeu como princípios orientadores o "questionamento das regras, a criação de novas regras [...] e o desenvolvimento do coletivismo" (BRACHT, 1985, p. 28).

Sobre a situação da Educação Física escolar e a atuação dos professores foram publicadas também nos anais reproduzidos nesse número uma quantidade considerável de trabalhos. Nomeadamente o resumo de Maria Tereza Bohme "Análise da Educação Física em nível pré-escolar no município de São Paulo" e os resumos de Arno e Dircema Krug "Estilos de ensino dos professore de Educação Física de 1ª a 4ª série do 1º grau em Cruz Alta – RS" e de Celi Taffarel et al "Perfil de ensino de professores recém-formados em Educação Física pela UFPE". Em geral esses trabalhos tinham uma intenção diagnóstica e defendiam que os professores de Educação Física eram excessivamente diretivos, pouco flexíveis e por vezes impositivos. Em comum advogaram a adoção de métodos não-diretivos centrados no aluno como caminho para a melhora qualitativa das aulas da disciplina.

Nesses mesmos anais, RBCE, v. 7, n. 1 de 1985 foram analisados outros textos que destoavam dos temas convencionais da revista e que faziam alguma referência a formação ou a atuação na Educação Física escolar. O resumo de Heloísa T. Bruhns intitulado "Estatutos do corpo" visou questionar predicados usualmente valorizados como "competição, produtividade, mecanização" que seriam preocupantes para "aqueles profissionais que possuem uma visão mais abrangente e consciente das atividades corporais" (BRUHNS, 1985, p. 24).

Nessa mesma linha o resumo de Kátia Brandão Cavalcanti "O poder da informalidade e a informalidade do poder" criticou a adesão da Educação Física ao conservadorismo, a ideologia liberal e seu apelo a individualidade demonstrada, inclusive, em situações informais (CAVALCANTI, 1985). Com um tom semelhante o trabalho de Alberto R. R. Filho "Tendências atuais da Educação Física no Brasil" procurou investigar, sob uma "orientação dialética", o ensino da disciplina nos "anos de

repressão política" e sua inserção "nas contradições da estrutura capitalista brasileira" (FILHO, 1985, p. 41).

Frisa-se que dois trabalhos com temáticas semelhantes não puderam ser analisados pela baixa qualidade de impressão. Os tipos com corpo muito reduzido impossibilitaram a leitura. Trata-se dos resumos "Diagnóstico do funcionamento da prática da Educação Física de 1ª a 4ª série do 1º grau, em escolas da rede oficial de ensino da zona urbana de Maringá" e "Opinião dos alunos de 2º e 3º anos, magistério, das escolas particulares de Santa Maria – RS, sobre a importância da disciplina de Educação Psicomotora na formação de professores" ambos escritos por Amauri Bássoli de Oliveira. Entretanto, seus títulos sugerem uma aproximação temática com os resumos comentados anteriormente e com o texto completo desse autor editado pela RBCE em 1985 (OLIVEIRA, 1985a).

Mantendo um matiz crítico, próximo dos trabalhos de Valter Bracht, o artigo de Wagner Wey Moreira, "Educação Física na escola de 1º grau – 1ª a 4ª séries", publicado na RBCE, v. 7, n. 2 de 1986, problematizou a formação do docente (específica ou polivalente) e o conteúdo que deveria ser ministrado nas aulas de Educação Física destinadas a esse período escolar.

Enfrentando "cooperativismos inócuos" e "argumentos passionais de reserva de mercado" o autor apresentou os resultados de um levantamento realizado anteriormente que atestaram que o professor polivalente "considera-se incompetente" e compreende o conteúdo da disciplina como sendo "práticas desportivas esquematizadas". Entretanto, nessa mesma pesquisa constatou que na rede de ensino pública "não há verba para a contratação de professor especialista em Educação Física" (MOREIRA, 1986, p. 76).

Ante esse quadro controverso Moreira expôs o que chamou de "Educação Física consciente" tipificada pela não adesão ao "consumo da moda, do modismo atividade física", pela crítica ao "adestramento", pela negação a "ensinar os alunos a cumprir ordens através de um apito", por não utilizar a disciplina como "punição ou recompensa", por evitar o desamparo da maioria dos alunos em favor dos "mais aptos", por desviar-se do "elitismo" e da "alta competitividade" e sim "contribuir com a educação geral", com o "ato educativo" e com a "criticidade" dos alunos (MOREIRA, 1986, p. 77).

Interessante ressaltar que o autor citou Nietzche com ênfase nas máximas "nós não temos a verdade [...] estamos fazendo uma experiência com a verdade" e o "espírito da águia", um pensador pouco referendado na área e um trecho da letra da música de

Geraldo Vandré “Pra não Dizer que não Falei das Flores” para ilustrar sua proposta de Educação Física consciente na qual professor e aluno “fariam sua hora, não esperando acontecer” (MOREIRA, 1986, p. 77).

Nesses trechos Moreira referiu-se a relativização da verdade como valor absoluto um dos temas da filosofia nietzschiana e ao “espírito da águia”, modelo de homem nietzschiano que traria dentro de si “o ar puro e frio dos cumes das montanhas [...] a força da tempestade, dos raios e trovões” que como a águia “[...] não se amedronta diante do abismo porque ele faz parte de seu próprio espírito” (DANELON, 2004, p. 352). Um homem que valoriza a vida e sua força “que olha para o abismo com olhos de águia” (NIETZSCHE, 1999, p. 273).

Sublinha-se que as citações nietzschianas destoaram do clima de cientificismo, da crença irrestrita na verdade científica que assolava o campo da Educação Física a época. Mesmo sua tendência mais crítica que tinha o marxismo como teoria de fundo ratificava a importância do uso da ciência como fundamento, muito embora a concepção de ciência que advogava se inscrevia no quadro das Ciências Humanas e Sociais.

Com relação à música de protesto de Vandré lembra-se que sua letra gerou grande comoção social e causou irritação nos setores do governo responsáveis pela censura ao ponto que seu autor teve que exilar-se do país. Sua letra representou uma convocação à organização de passeatas animadas por um desejo de mudança, contra a militarização e a repressão que afligiam o Brasil, um verdadeiro apelo à mobilização, a mudança. Moreira faz uma clara alusão ao fim dos governos militares e ao tempo de uma “nova república” que urgia por mudanças inclusive no campo da Educação Física, caracterizando a conjuntura que incitou parte da intelectualidade que compunha o campo da Educação Física e desejava sua ressignificação.

Retomando o foco do seu artigo, o ensino da disciplina nas séries iniciais do 1º grau, Moreira procurou distinguir a Educação Física do esporte e para esse público em específico “não pode se confundir com iniciação esportiva”, deveria “propiciar oportunidades de desenvolvimento motor, [...] privilegiar experiências concretas de movimento” e expressão (MOREIRA, 1986, p. 77). Não obstante, o autor encerrou sua exposição apontando a necessidade de adequação a faixa etária, o “respeito as estruturas anátomo fisiológicas e psicológicas” e reforço ao “caráter lúdico, [...] a criatividade e a criticidade” (MOREIRA, 1986, p. 78).

Apesar da argumentação crítica e em alguns pontos inovadora, Moreira ficou a meio caminho da mudança, pois se limitou a escudar os conteúdos e finalidades da

psicomotricidade como proposta para o ensino da Educação Física. Ainda que tenha listado autores que tinham em suas obras um conteúdo progressista que poderia servir de base para contestar esse paradigma como Demerval Saviani, Leôncio Basbaum, Paulo Freire, Medina, Vitor Marinho de Oliveira e Manuel Sérgio.

Do mesmo modo o texto "A Educação Física no Ensino de 1º grau: do acessório ao essencial" de Carmen Lúcia Soares, publicado no número seguinte (RBCE, 1986b), tratou do ensino da disciplina nesse nível de ensino sob um olhar crítico. Já no primeiro parágrafo do artigo a autora asseverou que a Educação Física passava por uma situação "precária, para não dizer caótica" resultante da "ausência de reflexões e de justificativas convincentes de sua validade pedagógica" (SOARES, 1986, p. 89).

Para a autora o professor de Educação Física estaria relegado na escola a se "afirmar pelo número de medalhas e troféus que conquista" ou pela disponibilidade "em organizar festas e auxiliar em tarefas extra-curriculares". Para autora é fundamental "superar a visão de que o professor de Educação Física é o animador e o técnico desportivo" (SOARES, 1986, p. 89).

A disciplina enfrentaria ainda um "biologismo, um bio-psicologismo e um pedagogismo" que a enclausurariam no "quadro das teorias não críticas da Educação". Assim como nos textos de Valter Bracht e Lino Castellani a autoria utiliza-se do crivo elaborado por Demerval Saviani em sua prestigiada obra "Escola e Democracia". A autora também fez uso de outra obra bastante citada pelos autores críticos dessa fase da revista os trabalhos de Manuel Sérgio para repudiar a dualidade, a alienação, a "secundarização das atividades corporais" e afiançar uma motricidade humana "histórica e social". Nos termos da autora a motricidade que

> [...] se dá através do movimento, seja ele codificado (gesto desportivo), seja ele criado (expressão), não é algo explicado apenas pelas funções orgânicas, não é algo que se esgote em tratados anátomo-fisiológicos, não é algo que se traduz por tendências naturais, espontâneas e mágicas, pelo contrário, é histórico e social (SOARES, 1986, p. 90).

Ao contrário de Moreira (1986) a autora assumiu um rompimento definitivo com as correntes anteriores abandonando suas compreensões restritas do movimento humano em prol de uma concepção histórica e social. Embora afiançada pelas teorizações de Manuel Sérgio, Soares exibiu os rudimentos que fundamentariam a criação da corrente crítico-superadora um marco para o ensino de Educação Física.

No desfecho do artigo a autora apontou para uma compreensão marxista da inserção da escola em um "sistema de classe" que marca a "separação do trabalho intelectual e manual na vida social", mas que pode tornar-se "um espaço aberto a uma ação transformadora" (SOARES, 1986, pp. 90 e 91). A disciplina de Educação Física deveria, portanto, se engajar nesse movimento.

Realça-se que autora elencou em suas referências bibliográficas o artigo de Valter Bracht (1985) publicado na própria RBCE, a obra de Manuel Sérgio (1978), o texto de Lino Castellani (1983) também da RBCE, os livros de João Paulo S. Medina (1985) e de Demerval Saviani (1984). Uma amostragem significativa dos autores que fundamentariam o movimento de renovação da Educação Física escolar no final dos anos 80 (séc. XX).

Nesse mesmo número, RBCE, v. 7, n. 3 de 1986, Maria T. S. Bohme et al assinaram a autoria de um texto, intitulado "Análise da Educação Física em nível pré-escolar no município de São Paulo" que visou realizar um diagnóstico do funcionamento dessa prática educativa via um levantamento realizada por meio do envio de questionários a escolas do município. Os autores elegeram como premissa que a disciplina na pré-escola deveria contribuir para o "desenvolvimento físico, emocional, social e intelectual da criança", mais especificamente aprimorar os padrões motores das crianças por meio da "atividade física orientada" (BOHME et al, 1986, p. 98).

As conclusões alcançadas pelos autores, em síntese, assinalaram que 80% das pré-escolas ofereciam a prática de Educação Física, a maioria das aulas era ministrada por professor que não tem formação específica na área e a finalidade perseguida era o desenvolvimento das qualidades físicas das crianças.

Com o ímpeto de sanar esses problemas sugeriram a formação de "grupos de assessoria" para "dar treinamento e orientação específicos" para os professores de classe e auxiliar o planejamento das atividades, a realização de cursos de aperfeiçoamento com o tema "Educação Física para o pré-escolar" e a inclusão de uma disciplina nos cursos de formação voltada "especificamente para a criança em idade pré-escolar" (BOHME et. al, 1986, p. 102).

Semelhante a outros textos, como o de Oliveira (1985), esse trabalho foi orientado pela intenção de realizar um diagnóstico do ensino da Educação Física. As constatações também foram parecidas falta de uma preparação específica na área e uma intervenção direcionada apenas ao aperfeiçoamento das capacidades físicas dos alunos. Da mesma forma as soluções encontradas também se equivaleram: assumir o paradigma

da psicomotricidade como modelo pedagógico e capacitar os professores pela realização de cursos com temas voltados a dirimir a formação precária ou a sua ausência.

Na Stadium n. 116 de 1986 foi publicado o último artigo incorporado no eixo "Atuação e Formação de Professores para a Educação Física Escolar". Nesse texto intitulado "Reflexiones sobre la autoevaluación" o autor francês René Chauvier abordou a temática da avaliação na Educação Física escolar sob um prisma infrequente. Depois de realizar uma ressalva sobre a influência do esporte de rendimento sobre "todas las formas de actividades físicas", Chauvier afirmou que os critérios avaliativos empregados nessa prática não podem servir ao professor de Educação Física. Para o autor essa concepção largamente utilizada promoveria exclusivamente "el juicio único" do professor e omitiria a percepção do próprio sujeito que realiza a ação (CHAUVIER, 1986, p. 37).

Como antítodo a essa concepção de avaliação o autor incentivou o professor a ouvir o aluno que emitiria um "juicio de valor sobre si mesmo". Atividades realizadas com êxito teriam uma atenção especial, uma vez que, provocariam "un sentimiento funcional positivo" e combateriam a "falta de gusto por el esfuerzo", caracterísitica juvenil identificada como comum pelo autor.

Mais um texto que apontou os limites de considerar o esporte e suas condutas como um conteúdo educativo. Os procedimentos avaliativos dessa prática baseados na mensuração do rendimento via aplicação de testes físicos foram tensionados e rechaçados. No entanto, o autor não conseguiu esboçar uma concepção avaliativa adequadamente sugerindo somente o recurso a auto-avaliação realizada pelo aluno como alternativa. Essa proposição abdica da sua função de detectar as dificuldades de aprendizagem e de torná-la mais significativa.

A avaliação em conjunto dos textos publicados nesse eixo permitiu tecer algumas comparações. Na RBCE destacaram-se inicialmente os trabalhos sobre o perfil de ensino dos professores que marcaram uma defesa dos métodos não-diretivos como solução aos problemas de aprendizagem e ao enfrentamento das tendências autoritárias de ensino. Apesar das limitações de sua argumentação esses textos tinham a virtude de propor a pesquisa voltada ao cotidiano escolar, ao exame do próprio campo, local no qual ocorrem efetivamente os processos de ensino e aprendizagem.

A apropriação de propostas de ensino não-diretivas também foi comum na Stadium, porém com desvios. Teorias educativas diversas, e até contraditórias, como o Behaviorismo e a psicomotricidade foram utilizadas para complementar as lacunas

deixadas por essa metodologia para o ensino da Educação Física. Ambicionaram fundir controle e coerção com aceitação e acolhimento na tentativa de aprimorar o ato educativo.

A psicomotricidade foi um referencial absorvido pelos autores dos dois impressos. Em muitos escritos atuou como proposta central. No entanto, foi utilizada também com ambiguidade, acoplada a outras teorias. Notou-se nas duas revistas a alternância entre uma inclinação à conciliação com as correntes mais conservadoras e uma atitude direcionada ao rompimento com essas tendências. Nessa medida em alguns textos a aptidão física e a taxionomia de Bloom afinaram-se a psicomotricidade com o intuito de promover algum tipo de complementação.

A busca pelo desenvolvimento motor proposto pela psicomotricidade era adicionada o aprimoramento das capacidades físicas como objetivos comuns e complementares ou interpretada como requisito para a melhora de uma performance futura. Sua junção a Taxionomia de Bloom referendaria a psicomotricidade como o contributo da disciplina de Educação Física ao aperfeiçoamento do domínio psicomotor perseguido por essa corrente quando aplicada na educação.

Na maioria dos casos em que a psicomotricidade figurou como modelo pedagógico evidenciou-se um descomprometimento com a intenção de defender a especificidade e relevância educativa da disciplina de Educação Física destinando-a com resignação o posto de auxiliar ao desenvolvimento de habilidades requeridas em outras disciplinas consideradas de maior importância. Descura-se do desígnio de formular ou reconhecer a existência de um saber particular com valor formativo independente da relação estabelecida com as outras matérias de ensino.

Com relação a inserção do esporte como prática educativa os dois periódicos apresentaram textos que recearam, colocaram em suspensão e até recusaram seguir essa recomendação celebrada por um contingente significativo de componentes do campo e pelas disposições oficiais. Longe de ser consensual, como compreende parte da historiografia brasileira, o valor educativo do esporte foi tensionado a ênfase no rendimento e a exacerbação da competitividade foram muitas vezes rejeitadas e entendidas como propriedades danosas a formação.

Ressalta-se que a controvérsia em torno dessa questão foi tamanha que uma das autoras publicadas na Stadium apregoou a ocorrência de um consenso entre os autores e professores preocupados com a escolarização a respeito da adesão a prática esportiva e

seus princípios. Considera-se um notável indício da eclosão de um inflamado confronto entre posições favoráveis e contrárias a subjugar a Educação Física escolar ao esporte.

Sobre esses apontamentos se faz necessário ressalvar que alguns analistas utilizando critérios de classificação externos, tomados de empréstimo do campo educacional, taxaram os defensores do ensino do esporte na escola de tecnicistas confundindo a pedagogia do esporte com a pedagogia tecnicista. Embora exista na pedagogia do esporte uma ênfase na técnica e no controle do comportamento ela não se apropriou dos referenciais e nem dos métodos da pedagogia tecnicista.

A apropriação da psicomotricidade pelo campo da Educação Física foi que se aproximou dessa tendência pedagógica. Realizaram uma série de concessões como incluir entre suas citações autores de referência como Bloom e centralizar a planificação de objetivos e sua classificação em domínios.

É mais preciso identificar os defensores do ensino do esporte na escola com um insuflamento de uma racionalidade instrumental alheia as discussões educacionais que se orientava por princípios e propósitos estranhos à escolarização voltados a alimentar o sistema esportivo nacional. Esses atores distanciaram-se, portanto, da tendência tecnicista, uma proposta planejada e sistematizada visando uma intervenção escolar, direcionada a buscar resultados educativos.

Uma diferença entre as duas revistas foi o modo que divulgaram essas discussões. A Stadium desde os primeiros números analisados exibiu textos contestatórios com intensidades desiguais. A RBCE apresentou primeiro nos resumos dos anais, provavelmente um conteúdo mais livre menos suscetível às interferências editoriais, argumentos ainda embrionários. Posteriormente publicou artigos que assinalaram uma posição crítica de forma nítida e serviram de fundamento ao trabalho de autores posteriores como o texto de Castellani (1983).

Outra semelhança entre os impressos refere-se ao fato de que os autores não se limitaram a crítica aos contornos educativos dados à disciplina. Efetuaram uma série de proposições que ambicionavam transformar as aulas de Educação Física em uma prática educativa acolhedora, cooperativa, democrática, voltada a potencializar o senso crítico, a autonomia e preocupada com a humanização da cultura em geral e dos processos educativos em específico.

Frisa-se que a diversidade de posicionamentos constatados pela leitura e interpretação do conteúdo das duas revistas remete a disparidade entre critérios, valores, orientações teóricas, procedimentos e preocupações formativas que compunham o

amalgama de representações que municiavam as discussões no campo da Educação Física no Brasil e na Argentina.

O cotejamento dos textos que compuseram os três eixos permitiu engendrar as aproximações, os distanciamentos, as controvérsias e confrontos que entreteceram uma rede de representações sobre acepções, posturas e práticas que deveriam ser validadas e que conformariam o campo da Educação Física. Constatou-se a composição de um debate multifacetado caracterizado pela pluralidade de posições. Em comum os três eixos registraram discursos sobre o esporte sua afirmação ou refutação como objeto de pesquisa, conteúdo de ensino e prática definidora da Educação Física.

A discussão entre variados paradigmas, métodos e técnicas científicas foi polarizada pela filiação ao ramo científico que garantia a sustentação desses discursos. De um lado os defensores das Ciências Exatas e Biológicas que elegeram o esporte, a aptidão física, a atividade física ou uma mescla desses elementos como foco de pesquisa. De outro os autores inscritos nas Ciências Humanas e Sociais que problematizavam esse encaminhamento e sugeriram o movimento ou motricidade como horizonte investigativo sem negligenciar sua contextualização cultural e social. No entanto, partilharam o desejo de refinar os conhecimentos da área imbuindo-os de cientificidade e rigor cedidos de outras áreas.

As teorizações sobre o esporte e em especial sua atribuição como prática legitimadora da Educação Física também foi controversa. Seus partidários acionaram representações positivas voltadas a destacar seus benefícios corporais, educativos e morais e acastelá-lo como prática que deveria ser privilegiado em todos os espaços de atuação que envolvesse a Educação Física. Porém, esse discurso encontrou vozes dissonantes que se fizeram presentes denunciando os malefícios da adoção do esporte como modelo, sobretudo o de rendimento, a deturpação de valores, suas práticas de submissão e controle corporal.

Implicadas nesse processo as disputas por autoridade e reconhecimento voltadas a formação e atuação na Educação Física escolar se engajaram na aprovação e na rejeição do esporte como prática educativa e conteúdo de ensino. Afastados da possibilidade de estabelecer um consenso, argumentos favoráveis e contrários se confrontaram buscando ora o convencimento das vantagens pedagógicas da adesão a esse modelo ora abandonando-o por suas características nocivas e propondo novos objetos de ensino.

Também a concorrência entre paradigmas distintos e o apelo à cientificidade como forma de legitimar a disciplina permearam as preocupações educacionais e formativas. Proposições concordantes e opostas rivalizaram por uma posição de destaque no campo, prometendo atribuir relevância educativa a disciplina de Educação Física. Assim, pedagogias não-diretivas, teorias comportamentalistas, as vertentes da psicomotricidade e as abordagens críticas figuraram como escolhas possíveis aos autores e professores.

Essa luta entre representações que balizou os textos que compuseram os três eixos de análise, ultrapassou os territórios dos dois impressos espraiando-se por todo o campo da Educação Física. Tanto no Brasil quanto na Argentina esse movimento foi tributado posteriormente como "crise" [112]. No entanto, a interpretação empreendida indica muito mais a ocorrência de uma confrontação entre autores e concepções contrastantes para tornar-se o discurso aceito, a voz legítima, capaz de modular os caminhos que deveriam ser seguidos pela disciplina de Educação Física.

A essas observações que encerraram o terceiro capítulo foram acrescidas as disposições dos capítulos anteriores intercruzadas por uma análise de conjunto que ambicionou esquadrinhar o suporte material, as estratégias editoriais e as representações acionadas nos dois impressos caracterizados como objeto de pesquisa e utilizados como fontes centrais, e estabelecer nexos entre eles, não descurando de suas particularidades e nuances. Esse esforço foi realizado nas considerações finais dessa tese.

[112] Entre outros autores ver na Argentina Crisório e Candreva (1995) e no Brasil Bracht (2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na feitura dessa tese dispôs-se a empreender uma análise de conjunto centrada em esmiuçar as estratégias editoriais, o suporte material e as representações acionadas em dois proeminentes impressos que exerceram uma expressiva influência no campo da Educação Física no Brasil e na Argentina. Visou-se tecer uma rede relacional capaz de identificar os nexos, as incoerências, aproximações e distanciamentos, não descurando de suas particularidades e nuances. A RBCE e a Stadium foram abordadas como objeto e fonte de pesquisa a fim de inquirir a trama discursiva utilizada para consolidar seu conteúdo com o prestígio de voz autorizada sobre os saberes e práticas instituídos para a disciplina de Educação Física.

Para alcançar as intencionalidades propostas pautou-se pela identificação e interpretação das lutas simbólicas direcionadas a legitimar conhecimentos e modos de praticar uma educação corporal. Engajamentos e tomadas de posição foram focalizados atentando-se para os elementos identitários e valorativos que compuseram as disputas para sancionar acepções e modelos formativos.

Optou-se por realizar uma investigação densa das duas revistas conjugando aportes e teorizações da História Cultural, da História Comparada e da História do Impresso. Essa escolha foi permeada pela intenção de apreender em profundidade os caminhos e encruzilhadas percorridos pelas revistas e sua influência sobre uma comunidade de leitores especializados pertencentes à área de Educação Física.

A recorrência a História Cultural e seus modos de fazer e narrar à história demarcou o cuidado com a produção de hipóteses, com o trato com as fontes documentais, com a escolha das operações técnicas e da sustentação teórica edificada. Circunscreveu todo o esforço realizado para redigir essa tese, também, a intenção de perscrutar as configurações e arquétipos utilizados para produzir objetos e práticas culturais e controlar suas formas de recepção.

A História Comparada foi utilizada para entrecruzar territorialidades e ambiências com experiências históricas e culturais diversas como o Brasil e a Argentina. As comparações e analogias históricas realizadas foram traçadas a partir do desvelar de semelhanças, contrastes, ausências e variações encontradas nas revistas. O cotejamento das fontes orientou-se, assim, pela impressão de um olhar plural

especializado em perceber continuidades e singularidades em sua constituição e circulação.

A afiliação aos domínios da História do Impresso foi motivada pela compreensão da centralidade do binômio escrita-leitura na organização e estruturação histórica e social. Assumiu-se a premissa de que os textos impressos imiscuem-se nas relações e práticas culturais produzindo e demarcando sentidos aspirados pelos sujeitos e grupos que comandam sua editoração e circulação.

Nessa esfera, os impressos abordados como objeto e analisados em suas minúcias forneceram indícios e pistas a respeito dos artifícios editoriais utilizadas, das escolhas e da disposição de suas materialidades, das tentativas de conduzir a leitura e das significações ambicionadas. Os impressos interrogados por essa ótica expuseram o testemunho da interpolação de métodos e concepções e estamparam as representações de autores e editores em sua textualidade e composição gráfica.

A incorporação no instrumental analítico das noções de estratégia (CERTEAU, 1982) e de representações (CHARTIER, 1990; 2002a) foi também capital. O exame dos dispositivos textuais assentados sobre artimanhas para a perpetuação do poder e para sua manipulação permitiram compreender os manejos e articulações voltados a impor uma maneira autorizada de ler, a moldar o público leitor.

O uso do conceito de representações propiciou a ampliação da compreensão das classificações, valorações e recortes operados na tessitura social para impor uma determinada identidade e domínio simbólico. Sob esse prisma foi possível desnudar as lutas em torno do reconhecimento dos sentidos e práticas que circundaram a educação do corpo e da delimitação de um arbitrário cultural para o campo da Educação Física.

Utilizando-se desse referencial analítico cotejaram-se os dois periódicos que serviram de objeto de pesquisa dessa tese. Ao avaliar a estrutura e a gestão, as estratégias editorias empreendidas e perseguir as marcas e sinais das tentativas de didatizar a leitura e amoldar um público leitor deparou-se com aproximações e dessemelhanças nos modos de fabricar os impressos. O exame da nominata editorial das duas revistas indicou alguns distanciamentos. Na RBCE após uma disputa inicial entre médicos e professores de Educação Física sobre o comando do periódico, o predomínio de membros com formação em Educação Física foi alcançado. Esses atores sociais, em sua maioria, buscaram capacitar-se em cursos de pós-graduação e inserir-se em universidades como docentes.

De forma distinta a Stadium foi edificada a partir de um arranjo entre

professores de Educação Física e ex-atletas, aparentemente sem enfretamentos, uma vez que, o domínio sobre a editora e sobre a revista não sofreu alterações. Nenhum de seus membros engajou-se em cursos de mestrado ou doutorado e somente um terço tornaram-se professores universitários.

Afiança-se que o peso das políticas de fomento a pós-graduação implementadas no Brasil incidiu sobre essa diferença. A universidade argentina sofreu uma considerável retração durante a última ditadura militar, cortes orçamentários e o impedimento da capacitação docente foram constantes. Também a filiação ao campo acadêmico dos membros da RBCE contrastou com a inscrição na área esportiva, preferida pelos gestores da Stadium. A heterogeneidade das características e dos modos de alcançar status e autoridade desses dois espaços influiu na demarcação dessa disparidade.

O uso de dispositivos editoriais prestou-se a modelizar as leituras, a controlar o leitor e a imprimir um sentido de coleção modificando o prestígio e a valoração dos impressos. Seu manejo foi desigual. Os sumários da RBCE padeceram com as alterações rotineiras e com a simplicidade de sua formatação prejudicando a orientação do leitor. Em oposição esse mesmo elemento na Stadium manteve uma constância gráfica e apresentou títulos e classificações temáticas atrativas que facilitaram a localização de seus textos.

A uniformização do formato do fólio e do número de páginas por número e ano da revista conseguido pela Stadium foi outro aspecto que ratificou as discrepâncias entre os impressos. A RBCE não atingiu essa regularidade usando formas de paginação inconstantes e alterando a quantidade de páginas a cada número da revista. Sem dúvidas esses aspectos obstacularizaram a navegação do leitor pelo periódico.

Contudo, semelhanças também foram encontradas. As duas revistas mantiveram o ritmo de publicação e utilizaram artifícios voltados a atribuir um sentido de coleção. Assevera que essa alteração ambicionou modificar a percepção do leitor e a sua forma de manipular o impresso que pretendia ser conservado e operado como um receptáculo de saberes que poderia ser consultado longinquamente.

O propósito de apurar a análise e construir um repertório analítico gerou uma descrição e uma classificação temática do conteúdo dos dois periódicos. Essa catalogação revelou disparidades na organização editorial e no teor dos textos publicados. A RBCE sofreu uma série de alterações que podem ser ilustradas pelas diferentes disposições de seu conteúdo, pela efemeridade de algumas seções e pelas

reorientações constantes que marcaram sua editoração. A Stadium preservou a ordenação e as mesmas seções em todos os números investigados. Com relação ao conteúdo a RBCE, mesmo com dificuldades, veiculou textos originais de autores nacionais. A Stadium selecionou seu conteúdo em publicações internacionais, apresentando uma baixa difusão de autores locais.

Frisa-se que uma quantidade significativa dos textos da Stadium foi escrita por autores pertencentes a países comunistas. Essa constatação autoriza tecer algumas ilações. Os editores, mesmo vivendo uma ferrenha ditadura alinhada com uma política internacional anticomunista agressiva dirigida pelos estadunidenses e que tinha como uma de suas frentes eliminar o comunismo, não se importaram com censuras ou represálias à propagação desse conteúdo. A aceitação do esporte e a demonstração da potencialidade dos países comunistas para o alcance de resultados e recordes possibilitou um rompimento de rejeições e impedimentos de ordem política.

Os temas evocados nos dois impressos também foram desiguais. A RBCE centrou-se na aptidão física, na psicologia do esporte e na atividade física e saúde. A Stadium escolheu o esporte como principal assunto. Essa assimetria manifestou-se como consequência nas representações veiculadas. Os textos da RBCE, majoritariamente, vincularam-se a uma concepção biológica assentada nos moldes de pesquisa e intervenção das Ciências Naturais. Neles a Educação Física foi convocada a medir e comparar dados sobre habilidades e performances físicas, posteriormente validados por procedimentos estatísticos. A Stadium focou-se em elucidar e sugerir modelos de treinamento e propostas para o ensino de técnicas e táticas esportivas. Na maior parte desses artigos o esporte foi exaltado como um conteúdo educativo e benfazejo destinado, sem restrições, a todos.

Os editoriais, seção publicada apenas pela RBCE, exprimiram anseios, disputas, posicionamentos e suas variações na temporalidade estudada. Menções a Teoria da Motricidade Humana e ao Marxismo foram utilizadas para justificar novas posturas teóricas. Os comentários sobre a campanha das “Diretas Já” e sobre o advento da “nova república” figuraram para delimitar os encaminhamentos políticos tomados. Essa seção anunciou mudanças e reformulações voltadas ao investimento em outras possibilidades de conteúdo, alinhados com as Ciências Humanas, mais especificamente com a área de Educação. Não escaparam aos editores também os obstáculos à publicação do impresso, o baixo número de colaborações e a falta de adequação e qualidade dos textos enviados foram reclamações comuns.

Não menos importante foi a análise dos suportes materiais e da composição gráfica das revistas. Partiu-se do pressuposto de que a forma encarna as ideias e conduz o leitor a um manejo específico e a uma leitura autorizada frutos da projeção dos responsáveis pela editoração dos impressos. As capas possibilitaram a criação de uma identidade visual e a exibição de representações direcionadas a atrair certa comunidade de leitores desejada.

A sobriedade da maioria das capas da RBCE antagonizou com a variação de cores e tipos e com o uso de imagens e fotos acionados pela Stadium. Sem dúvidas a composição atraente da Stadium pode ter impelido o leitor interessado a sua aquisição. As representações evocadas pelas capas, sobretudo nos anos iniciais, partilharam o desígnio de causar empatia em um conjunto de leitores à procura de um universo simbólico semelhante voltado à consagração do esporte de rendimento e a cientificização do campo da Educação Física.

No entanto, sobressaltaram-se suas diferenças. A comicidade, o bom-humor e a referência a práticas corporais alternativas estampadas em algumas capas da Stadium distinguiram-se da crítica e da denúncia da vulnerabilidade da infância que ilustraram as últimas capas da RBCE.

A edição das 2ª, 3ª e 4ª capas demonstrou uma assimetria maior. A RBCE ocupou parcamente esse espaço ao passo que a Stadium optou por empreender uma ampla campanha comercial destinada principalmente à venda de materiais esportivos. Processo semelhante foi depreendido do recurso à publicidade. A RBCE exibiu um número limitado de peças publicitárias um contraponto a Stadium que perpetrou uma dinâmica comercial arguta focada na conexão entre a distribuição de literatura especializada e a venda de equipamentos esportivos.

Essa desproporção foi identificada também com relação à diagramação e as escolhas tipográficas. A RBCE utilizou uma miscelânea de formatos e fontes que em alguns casos dificultaram sua compreensão e leitura. Em oposição a Stadium manteve uma proposta gráfica e tipográfica adequada e uniformidade em todos os números analisados.

Uma aproximação foi constatada no uso das imagens e na seleção dos papéis para a fabricação dos impressos. As imagens foram utilizadas com função informativa objetivando auxiliar o entendimento do leitor do conteúdo da revista. Os papéis foram adotados respeitando-se um balanço entre sua capacidade de atração e seu peso no custo final de produção.

As formas de circulação dos impressos se assemelharam. As duas revistas buscaram disseminar-se em todo o território nacional e também em solo internacional. Contudo, a distribuição dos exemplares foi diferente. A RBCE contou com a entrega gratuita aos sócios do CBCE, ao passo que a Stadium estabeleceu pontos de venda abertos a qualquer leitor interessado.

Sem dúvidas as estratégias editorias e os suportes materiais sustentaram e regularam a formulação das representações veiculadas pelos impressos, seus usos e sua recepção. Completando a articulação analítica projetada sumariaram-se as interpretações realizadas sobre as mesmas, suas intenções e os efeitos de sentido localizados. A apreciação desse conteúdo revelou uma multiplicidade de posições e posturas, uma contenda nutrida pela ânsia de validar suas proposições, um intenso empenho em infundir autoridade a um conjunto de acepções destinadas ao convencimento de uma comunidade específica de leitores inscritos no campo da Educação Física.

Essa inclinação à pluralidade foi verificada nas representações que enfocaram a ciência, o esporte e a Educação Física escolar nos dois impressos. A conjuração das Ciências Naturais e seus métodos mais convencionais, fundados na mensuração e na validação estatística, foi confrontada com o desígnio de renovar os procedimentos de pesquisa para a Educação Física que por sua vez foi ancorado na incorporação do referencial das Ciências Humanas e Sociais.

Em comum os autores envolvidos nesse certame recorreram ao discurso e a prática científica como modo de valorar e imprimir legitimidade aos seus escritos. Esse artifício foi acompanhado pela altercação entre concepções epistemológicas distintas que pretendiam validar compreensões, objetos e instrumentos para a Educação Física.

De modo análogo a discussão sobre o esporte polarizou os textos veiculados. A defesa do esporte como conteúdo, prática social e educativa exclusivamente benéfica foi refreada por suspeitas e objeções que enxergaram na adesão a essa atividade uma preocupante concessão à imposição de controle e a sujeição de seus praticantes.

A respeito da atuação e da formação de professores em Educação Física os dois periódicos expressaram de modo confluente uma defesa de métodos não-diretivos de ensino e da corrente da psicomotricidade como modelo pedagógico emergente. Dividiram também uma desconfiança da incorporação do esporte como conteúdo educativo questionando o prejuízo que o descomedimento na busca de rendimento e o entusiasmo na incitação a competitividade poderiam causar a formação dos alunos.

Acentua-se que os autores das duas revistas foram também propositivos. Inquietaram-se na busca de uma transformação das aulas da disciplina que deveriam embeber-se em atitudes positivas como a cooperação, o acolhimento e a aceitação. Intentaram suscitar uma educação libertadora, dirigida a desenvolver o senso crítico e a autonomia.

Essas considerações remetem a elaboração de uma intricada trama que enlaçou modos de conceber e vivenciar a disciplina de Educação Física em campos e territorialidades diversas como o Brasil e a Argentina. As disparidades encontradas atestam a existência de um enfrentamento entre representações discordes, alheias a compreensão da existência de um consenso em torno de proposituras conservadoras ou da adesão irrefletida ao esporte como sugeriu parte da historiografia brasileira.

Os percursos das duas revistas inspecionados e sintetizados separadamente apontam orientações e cadências destoantes. A RBCE em seus primeiros anos utilizou estratégias, uma composição gráfica e destilou representações mais conservadoras destinadas a consolidar uma imagem de produção científica respeitada academicamente e direcionada a contribuir por meio da aplicação de testes e do levantamento de dados com a obtenção de melhores resultados esportivos e com o desenvolvimento da aptidão física da população. Seus responsáveis não se furtaram de enfatizar o apoio à política oficial e a inserção junto a órgãos e as iniciativas governamentais para a área de Educação Física.

Nos últimos números ocorreu uma virada significativa. Os editoriais e o formato da publicação foram alterados, seu conteúdo e forma cederam à intenção de politizar seus enunciados e combater posturas conservadoras. Influxos importantes inflamaram essas mudanças. Internamente um grupo de professores de Educação Física com propósitos renovadores tomou a direção da revista desalentando os anseios mais conformadores da gestão anterior composta em maior número por médicos. Contextualmente o país passou por um período de efervescência política e redemocratização que influiu sobre essa aspiração por transformações e a intensificou.

Ressalva-se que apesar do ímpeto por reformulações que guiou esse momento do impresso, o peso e a quantidade de escritos que defendiam acepções conservadores pautadas no desenvolvimento da aptidão física e na melhora do desempenho esportivo ainda foram significativos.

A Stadium manteve durante todo o período examinado uma constância com relação à qualidade de seu projeto gráfico, de seus aspectos materiais e dos dispositivos

editoriais empregados para sua produção. Também não promoveu mudanças ou alterações expressivas em seu conteúdo, conservando sua caracterização como um periódico aberto ao debate, inclinado a publicar diferentes propostas sobre o ensino dos esportes e sobre a Educação Física escolar.

É bem verdade que seus responsáveis não se importaram em divulgar posicionamentos políticos explícitos, nem em fazer menções ao governo militar repressivo e autoritário que assolou a Argentina na temporalidade investigada. Infere-se que, entre outros fatores, a escolha dos editores de publicar majoritariamente textos de autores internacionais influiu sobre essa ausência.

Todo o conjunto de representações formuladas manifestas como conteúdo da Stadium concentrou-se em sua especificidade, no escopo da revista, sem desvios. Da mesma forma, não se escorou em políticas oficiais e no relacionamento com autoridades governamentais e parece não ter se preocupado com a incidência da censura sobre suas páginas. Propalou sem pudores textos de autores advindos de países comunistas e escritos que criticavam duramente o esporte.

Contrapesados afinidades e discordâncias, defende-se a tese de que os dois impressos, RBCE e Stadium, coadunaram-se pela finalidade de tornarem-se portadores de discursos capazes de guiar um público específico preocupado com sua formação e atuação no campo da Educação Física e dos esportes. Ambos incumbiram-se da tarefa de expor uma multiplicidade de vozes, um aglomerado polifônico concentrado em imprimir autenticidade e prestígio a acepções científicas, morais e estéticas por vezes dissonantes.

Indubitavelmente a gana por investigar impressos e suas representações sobre o campo da Educação Física que motivou a realização dessa pesquisa não se encerra aqui. Acredita-se que futuros estudos possam se espraiar por uma infinidade de possibilidades ancoradas na comparação de revistas de países diversos e de que de modo análogo a essa tese sejam capazes de revelar uma pluralidade de configurações e sentidos para essa área. Aspira-se que o cotejamento dessas fontes e objetos possa materializar-se como mote para direcionar os estudos de pós-doutoramento do autor.

REFERÊNCIAS

Corpus documental

Artigos

ALCÁSAR, Antonio. Competencias deportivas para niños. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 16, n. 93, 1982.

ARAÚJO, R. M. Linguagem corporal como instrumento de transformação. **RBCE**, Volta Redonda, RJ, v. 5, n. 1, 1983.

ARISNAVARRETA, Rodolfo F. Cibernética y educación física. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 15, n. 89, 1981.

BAR, C. et al. Enfoque crítico de la evaluación en educación física y deportiva. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 14, n. 81, 1980.

BAULT, Michel. Para enriquecer la motricidad. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 16, n. 91, 1982.

BOMJARDIM, E. et al. O treinamento e a competição precoce e suas influências psicológicas em crianças de 7 a 12 anos. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 1, 1979.

BOHME, Maria T. A Educação Física na pré-escola. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984.

_____. Análise da Educação Física em nível pré-escolar no município de São Paulo. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985.

BOHME, Maria T. et al. Análise da Educação Física em nível pré-escolar no município de São Paulo. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 3, 1986.

BOUET, Michel. A propósito de las críticas de orden psicológico que se hacen al deporte. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 13, n. 77, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. Trad. Sérgio Miceli et all. São Paulo: Edusp, 1998.

BRACHT, Valter. Reflexões para o entendimento do processo de socialização através do desporto escolar. **RBCE**, Volta Redonda, RJ, 1983, v. 5, n. 1.

_____. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. RBCE, São Paulo, v. 7, n. 2, 1986.

_____. A Educação Física escolar como campo de vivência social. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985.

BRESSANE, Riselaine da Silva. Amostragem temporal e perfis coletivos de ensino. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, Suplemento n.1.

BRIAL, D. et. al. El deporte femenino en la actualidad. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 19, n. 114, 1985.

BRODIE, David A. e PARISH, Will. El atleta biônico. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 13, n. 74, 1979.

BRUHNS, Heloísa T. Estatutos do corpo. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985.

CAGIGAL, José M. En torno a la educación por el movimiento. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 16, n. 96, 1982.

CARABELLI, Gianfranco. Hacia una ciencia del deporte. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 100, 1983.

CASTELLANI, Lino Filho. A (des) caracterização profissional filosófica da Educação Física. **RBCE**, São Paulo, v. 4, n. 3, 1983a.

_____. A (des) caracterização profissional filosófica da Educação Física. **RBCE**, Volta Redonda, RJ, v. 5, n. 1, 1983b.

_____. Tendências na Educação Física no Brasil. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984.

CAVALCANTI, Katia Brandão. Por uma desesportivização da formação do professor de Educação Física. **RBCE**, Volta Redonda, RJ, 1983, v. 5, n. 1.

_____. O poder da informalidade e a informalidade do poder. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985.

CAVALLARO, Genny A. et al. Desenvolvimento Motor. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984.

CHAUVIER, René. Reflexiones sobre la autoevaluación. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 20, n. 116, 1986.

CLARO, Edson C. P. Dança como Educação. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 1, 1979.

COLOMBIER, Michel. ¿Es la edución física uma materia de enseñanza? **STADIUM**, Buenos Aires, a. 19, n. 113, 1985.

DEJAEGER, Marie-Odette. La educación física em el jardín de infantes. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 15, n. 85, 1981.

DIPE, Maria H. Análise do ensino de Educação Física na escola de 1º grau. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984.

DUARTE, Maria de Fátima Silva. Abreviatura de periódicos – uma contribuição aos pesquisadores em Ciências do Esporte. **RBCE**, São Paulo, v. 4, n. 2, 1982.

DUBOIS, Michel. Ajuste postural. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 14, n. 82, 1980.

ENGEL, Rudolf. La coeducación en los deportes colectivos. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 16, n. 92, 1982.

FACAL, Fernando Rodríguez. El rol social del técnico deportivo. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 99, 1983.

FACAL, Fernando Rodríguez e ELEUSIPPI, E. F. El rol social del técnico deportivo. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 101, 1983.

FARIA JÚNIOR, Alfredo G. de. Indicadores para crítica do processo de formação de professores de Educação Física na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, Suplemento n.1.

_____. Reflexões sobre os estilos de ensino revelados por alunos-mestres durante as atividades de estágio supervisionado. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, v. 3, n. 3, 1982.

_____. A participação dos educandos na avaliação da aprendizagem em Educação Física. **RBCE**, Volta Redonda, RJ, v. 5, n. 1, 1983.

FERREIRA, Vera L. C. Avaliação pedagógica na formação dos professores de Educação Física. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984.

FILHO, Alberto R. R. Tendências atuais da Educação Física no Brasil. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985.

FREITAS, Francisco M. de Carvalho, et al. Consumismo na Educação Física. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985a.

_____. Educação Física e o esporte na empresa. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985b.

GIRALDES, Mariano. El aprendizage por discusión y sus posibilidades para el perfeccionamiento permanente en educación física. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 15, n. 86, 1981a.

_____. ¿Qué es la gimnasia formativa? **STADIUM**, Buenos Aires, a. 15, n. 89, 1981b.

_____. ¿Profesor... Cuándo jugamos? **STADIUM**, Buenos Aires, a. 16, n. 92, 1982.

GÓMEZ, Emilio Ortega. La investigación en educación física: el análisis del contenido como metodologia específica. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 99, 1983.

JEANNOT, Josianne. La pedagogia desde el punto de vista del cuerpo. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 13, n. 75, 1979.

JOYEUX, Jean-Robert, et al. La educación física y deportiva del mañana. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 20, n. 118, 1986.

KISS, Maria A. P. Educação pré-escolar. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984.

KRAUSE, Hildegard H. O medo e suas implicações na aprendizagem motora. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984a.

KRUG, Arno e KRUG, Dircema. Estilos de ensino dos professore de Educação Física de 1ª a 4ª série do 1º grau em Cruz Alta – RS. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985.

_____. Motivação. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984b.

LABORINHA, Leá. Professores Universitários de Educação Física e seus perfis coletivos de ensino. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, Suplemento n.1.

LAGISQUET, M. Evolución del deporte evolución de la educación física. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 13, n. 78, 1979.

LANGLADE, Alberto. La salud como objetivo de la Ciencia de las actividades físicas. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 15, n. 85, 1981.

LÓPEZ, Mario. Sobre qué supuestos debe sutentarse la educación física de nuestro tiempo. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 19, n. 110, 1985.

MANOEL, Edison J. Informação, movimento e mudança. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984.

MARSENACH, Jacqueline. Definir los objetivos de la educación física. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 13, n. 76, 1979.

MATSUDO, Viktor K. R. Avaliação da potência anaeróbica: teste de corrida de 40 segundos. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 1, 1979.

_____. Curso de Metodologia Científica 1ª parte. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, v. 3, n. 1, 1981.

MATSUDO, Viktor K. R. e CALDEIRA, Sandra. Curso de Metodologia Científica 1ª parte. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, v. 2, n. 2, 1981a.

_____. Curso de Metodologia Científica 2ª parte. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, v. 2, n. 3, 1981b.

MATTO, M. Búsqueda y capacitación de talentos. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 13, n. 74, 1979.

MEDINA, Martha Casarín de. Proyecto de examen de ingreso a los institutos del profesorado en educación física. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 19, n. 114, 1985.

MOREIRA, Wagner Wey. Educação Física na escola de 1º grau – 1ª a 4ª séries. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 2, 1986.

OLIVEIRA, Osmar P. S. et al. Exercícios respiratórios: uma metodologia prática para aplicação na escola. **RBCE**, São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 1, 1979.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Diagnóstico do funcionamento da prática de Educação Física de 1ª a 4ª série do 1º grau, em escolas da rede oficial de ensino, da zona urbana de Maringá – PR. **RBCE**, São Paulo, v. 6, n. 3, 1985a.

_____. Diagnóstico do funcionamento da prática da Educação Física de 1ª a 4ª série do 1º grau, em escolas da rede oficial de ensino da zona urbana de Maringá. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985b.

_____. Opinião dos alunos de 2º e 3º anos, magistério, das escolas particulares de Santa Maria – RS, sobre a importância da disciplina de Educação Psicomotora na formação de professores. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985c.

OÑA, Antonio. Nos falta ciencia si queremos educación física. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 20, n. 119, 1986.

OTÁÑEZ, Jorge Díaz. Penta-test: evaluación práctica para la escuela secundaria. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 16, n. 93, 1982.

PEDERSEN, Gunardo. Entrenamiento escolar en hándbol. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 15, n. 87, 1981.

PELLEGRINI, Ana Maria. O desenvolvimento da atenção em crianças: implicações teóricas e práticas. **RBCE**, São Paulo, v. 4, n. 2, 1983.

PÉREZ, José López. Deontología del educador físico-deportivo. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 100, 1983.

PESQUIÉ, Pierre. La motivación en el aprendizaje. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 13, n. 74, 1979.

PETIT, Sergio. La violência en el hándbal. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 13, n. 78, 1979.

PORSTEIN, Ana M. Experiencias motoras con los más chiquitos. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 13, n. 77, 1979.

STADIUM. Las deformaciones del deporte y la responsabilidad de los periodistas. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 15, n. 90, 1981.

REY, Beatriz A. Rada de e GONZÁLEZ, María L. Evolución de las conductas motrices en la primera y segunda infancia (1). **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 98, 1983a.

_____. Evolución de las conductas motrices en la primera y segunda infancia (2). **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 99, 1983b.

RIVET, Ricardo Henrique. Esporte: como você está longe da Educação Física. **RBCE**, Volta Redonda, RJ, 1983, v. 5, n. 1.

RODRIGUEZ, José A. La promoción de la profesión. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 16, n. 95, 1982.

SÁNCHEZ, Domingo Blázquez. Elección de un método em educación física: las situaciones-problema. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 97, 1983a.

_____. La educación física en preescolar: una didáctica aplicada. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 98, 1983b.

SCHONARDIE, Leopoldo Filho, et al. Concepção de Educação Física nas Escolas de 1º grau do Planalto Médio. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984.

SEURIN, Pierre. El deporte de mañana. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 102, 1983.

SILVA, Francisco Martins. Reflexões filosóficas e sociais acerca do desporto. **RBCE**, Volta Redonda, RJ, 1983, v. 5, n. 1.

SOARES, Carmen Lúcia. A Educação Física no Ensino de 1º grau: do acessório ao essencial. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 3, 1986.

SORIN, Simone. El globo de goma (1). **STADIUM**, Buenos Aires, a. 15, n. 85, 1981a.

_____. El globo de goma (2). **STADIUM**, Buenos Aires, a. 15, n. 86, 1981b.

TAFFAREL, Celi N. Z. Método de ensino para o 1° grau. **RBCE**, Volta Redonda, RJ, v. 5, n. 1, 1983.

_____. Capacidade e habilidades intelectuais solicitadas nas provas escritas das disciplinas técnicas do curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico em Desportos da UFPE segundo a taxionomia de Bloom e colaboradores. **RBCE**, São Paulo, v. 6, n. 1, 1985.

TAFFAREL, Celi N. Z., et al. Perfil de ensino de professores recém-formados em Educação Física pela UFPE. **RBCE**, São Paulo, v. 7, n. 1, 1985.

VAIN, Pablo D. ¿Cómo formular objetivos operativos en educación física? **STADIUM**, Buenos Aires, a. 16, n. 96, 1982.

_____. ¿Taxionomía de los objetivos de la educación física? **STADIUM**, Buenos Aires, a. 17, n. 97, 1983.

_____. El desarrollo de la creatividad en la educación infantil. **STADIUM**, Buenos Aires, a. 19, n. 109, 1985.

VOLP, Catia M. Controle motor. **RBCE**, São Paulo, v. 5, n. 3, 1984.

Revistas

RBCE. São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 1, 1979.

_____. São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 2, 1980a.

_____. São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 3, 1980b.

_____. São Caetano do Sul, SP, v. 2, n. 1, 1980c.

_____. São Caetano do Sul, SP, v. 2, n. 2, 1981a.

_____. São Caetano do Sul, SP, v. 2, n. 3, 1981b.

_____. São Caetano do Sul, SP, Suplemento n. 1, 1981c.

_____. São Caetano do Sul, SP, v. 3, n. 1, 1981d.

_____. Volta Redonda, RJ, v. 3, n. 2, 1982a.

_____. São Caetano do Sul, SP, v. 3, n. 3, 1982b.

_____. Volta Redonda, RJ, v. 4, n. 1, 1982c.

_____. São Paulo, v. 4, n. 2, 1983a.

_____. São Paulo, v. 4, n. 3, 1983b.

_____. Volta Redonda, RJ, v. 5, n. 1, 1983c.

_____. São Paulo, v. 5, n. 2, 1984a.

_____. São Paulo, v. 5, n. 3, 1984b.

_____. São Paulo, v. 6, n. 1, 1985a.

_____. São Paulo, v. 6, n. 2, 1985b.

_____. São Paulo: v. 6, n. 3, 1985c.

_____. São Paulo, v. 7, n. 1, 1985d.

_____. São Paulo, v. 7, n. 2, 1986a.

_____. São Paulo, v. 7, n. 3, 1986b.

STADIUM. Buenos Aires, a. 13, n. 73, 1979a.

STADIUM. Buenos Aires, a. 13, n. 74, 1979b.

STADIUM. Buenos Aires, a. 13, n. 75, 1979c.

STADIUM. Buenos Aires, a. 13, n. 76, 1979d.

STADIUM. Buenos Aires, a. 13, n. 77, 1979e.

STADIUM. Buenos Aires, a. 13, n. 78, 1979f.

STADIUM. Buenos Aires, a. 14, n. 81, 1980a.

STADIUM. Buenos Aires, a. 14, n. 82, 1980b.

STADIUM. Buenos Aires, a. 14, n. 84, 1980c.

STADIUM. Buenos Aires, a. 15, n. 85, 1981a.

STADIUM. Buenos Aires, a. 15, n. 86, 1981b.

STADIUM. Buenos Aires, a. 15, n. 87, 1981c.

STADIUM. Buenos Aires, a. 15, n. 88, 1981d.

STADIUM. Buenos Aires, a. 15, n. 89, 1981e.

STADIUM. Buenos Aires, a. 15, n. 90, 1981f.

STADIUM. Buenos Aires, a. 16, n. 91, 1982a.

STADIUM. Buenos Aires, a. 16, n. 92, 1982b.

STADIUM. Buenos Aires, a. 16, n. 93, 1982c.

STADIUM. Buenos Aires, a. 16, n. 94, 1982d.

STADIUM. Buenos Aires, a. 16, n. 95, 1982e.

STADIUM. Buenos Aires, a. 16, n. 96, 1982f.

STADIUM. Buenos Aires, a. 17, n. 97, 1983a.

STADIUM. Buenos Aires, a. 17, n. 98, 1983b.

STADIUM. Buenos Aires, a. 17, n. 99, 1983c.

STADIUM. Buenos Aires, a. 17, n. 100, 1983d.

STADIUM. Buenos Aires, a. 17, n. 101, 1983e.

STADIUM. Buenos Aires, a. 17, n. 102, 1983f.

STADIUM. Buenos Aires, a. 18, n. 108, 1984.

STADIUM. Buenos Aires, a. 19, n. 109, 1985a.

STADIUM. Buenos Aires, a. 19, n. 110, 1985b.

STADIUM. Buenos Aires, a. 19, n. 111, 1985c.

STADIUM. Buenos Aires, a. 19, n. 112, 1985d.

STADIUM. Buenos Aires, a. 19, n. 113, 1985e.

STADIUM. Buenos Aires, a. 19, n. 114, 1985f.

STADIUM. Buenos Aires, a. 20, n. 115, 1986a.

STADIUM. Buenos Aires, a. 20, n. 116, 1986b.

STADIUM. Buenos Aires, a. 20, n. 117, 1986c.

STADIUM. Buenos Aires, a. 20, n. 118, 1986d.

STADIUM. Buenos Aires, a. 20, n. 119, 1986e.

STADIUM. Buenos Aires, a. 20, n. 120, 1986f.

Documentos

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Educação Física e Desportos. **Política Nacional de Educação Física e Desportos**. Brasília: MEC, DED, 1975.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Educação Física e Desportos. **Plano Nacional de Nacional de Educação Física e Desportos**. Brasília: MEC, DED, 1976.

CBCE. **Ata de Fundação**. Londrina, 1978a.

_____. **Estatuto do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Londrina, 1978b.

COSTA, Lamartine Pereira da. **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Brasília: CDRH-MP/DEF-MEC, 1971.

FIEP. Manifesto Mundial de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília, 1971, n. 11.

UNESCO. Conselho Internacional de Educação Física e Desportos. **Manifesto sobre o Desporto**. Disponível em: http://www.edfmuzambinho/hist/unesco. Acesso em maio de 2007.

UNESCO. Conselho Internacional de Educação Física e Desportos. Manifesto sobre o Fair Play. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília, 1973, n. 13.

UNESCO. Conselho Internacional de Educação Física e Desportos. Carta Internacional da Educação Física e Desportos. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília: 1979, v. 11, n. 41.

Referências Bibliográficas

AISENSTEIN, A. **La Educación Fisica Escolar en la Argentina**: conformación y permanencia de una matriz disciplinar (1888 - 1960). Tese (Doctorado en Educación) - Universidad de San Andrés. Buenos Aires, 2006.

_____. La matriz disciplinar de la Educación Física: su relación com la escuela y la cultura en un contexto nacional (1880-1960). In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

_____. **Currículum presente, ciencia ausente**. El modelo didáctico en la Educación Física: entre la escuela y la formación docente. Buenos Aires: Miño y Dávila, 1995.

ALONSO, F. **La formación integral y permanente del hombre argentino**: los contenidos nacionalistas en la escuela pública santafesina durante la última dictadura militar (1976-1983). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidad Nacional del Litoral. Santa Fe, 2003.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **A Reinvenção do esporte**: Possibilidades da Prática pedagógica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 1999.

BARBOSA, Maria Cristina B. **Os Primórdios do Design Gráfico Moderno em Editoração no Brasil -** Klaxon & Base: duas revistas, dois exemplos no Modernismo. UFRJ, dissertação (Mestrado em Comunicação). 1996.

BARROS, José D' Assunção. A História Cultural Francesa – Caminhos de Investigação. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais. Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2005 Vol. 2 Ano II nº 4.

_____. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer História. **Revista de História Comparada**, volume 1, número 1, jun./2007,

_____. Contribuições da História para a Educação. Em Aberto. Brasília, v. 9, n. 47, 1990.

_____. Questões Teóricas e de Método: a História da Educação nos marcos de uma História das disciplinas. **Anais do IV Seminário Nacional HISTEDBR** - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil". Campinas: Unicamp, 1997.

BARZOTTO, V. H. **Leituras de revistas periódicas**: forma, texto e discurso: um estudo sobre a revista Realidade (1966-1967). Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BASSANI, Jaison José; TORRI, Danielle e VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, maio/agosto de 2003.

BELTRAMI, Dalva Marim. **A Educação Física na Política Educacional do Brasil Pós-64**. Maringá, PR: EDUEM, 2006, 146 p.

BEIRED, José Luis Bendicho. **Breve história da Argentina**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BERTUSSI, Guadalupe T; PUIGGRÓS, Adriana; FRANCO, Maria Aparecida Ciavatta. **Estudos comparados e educação na América Latina**. São Paulo: Livros do Tatu/ Cortez, 1992.

BETRÁN, Javier Oliveira. José María Cagigal y su contribución al humanismo deportivo. **Revista Internacional de Sociología**, vol. LXIV, nº 44, mayo-agosto, 207-235, 2006.

BICCAS, Maurilane Souza; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reforma escolar e práticas de leitura de professores: A Revista do Ensino. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). **Biblioteca e formação docente**: percursos de leitura (1902-1935). Belo Horizonte/São Paulo: Autêntica/Centro de Memória da Educação – FEUSP – FINEP, 2000.

BIOJONE, Mariana Rocha. **Forma e função dos periódicos científicos na comunicação da ciência**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação e Documentação). USP. São Paulo, 2001.

BITTENCOURT, C. M. F. Disciplinas escolares: história e pesquisa. In: OLIVEIRA, M. A. T. de; RANZI, S. M. F. (Orgs.). **História das disciplinas escolares no Brasil**: contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés euroéenes. **Mélanges Historiques**. Paris: 1963, n. 1, p.15-50.

BLOCH, Marc. Comparaison. **Bulletin du Centre Internacional de Synthèse**, nº 9, Paris: 1930.

BOURDÉ, Guy, MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. São Paulo: Publicações Europa-América, 1983.

BOURDIEU, Pierre e CHARTIER, Roger. A Leitura: uma prática cultural – Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. CHARTIER, Roger (direção). **Práticas de Leitura**.

Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BRACHT, Valter. **A educação física escolar como campo de vivência social e como formador de hábitos para a prática esportiva**. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 1993.

_____. A construção do campo acadêmico de educação física no período de 1960 até nossos dias: Onde ficou a educação física? **Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte, 1996, p. 140-148.

_____. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cad. CEDES**. Campinas, v. 19, n. 48, 1999.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, RS, ano VI, n. 12, 2000.

_____. **Educação Física & Ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2007.

BRACHT, V. e CRISORIO, R. **A Educação Física no Brasil e na Argentina**. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **A produção científica da Revista Brasileira de Ciências do Esporte** (1978-1993). 1994. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1994a.

_____. **Batendo bola, batendo cabeça**: os problemas da pesquisa em educação física no Brasil. Ibitinga, SP: Humanidades, 1994b.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal da ginástica**. São Paulo: Ícone, 2006.

BUCHBINDER, P. **Historia de las Universidades Argentinas**. Buenos Aires: Sudamericana, 2005.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: FEU, 1997.

_____. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CALVEIRO, Pilar. **Poder y desaparición**. Los campos de concentración en Argentina. Buenos Aires: Colihue, 2001.

CAMPELO, B. S.; CONDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (orgs). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CANTARINO FILHO, M. **A educação física no Estado Novo**: história e doutrina. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1982.

CARBALLO, Carlos. Algunas tensiones en el campo de la Educación Física en Argentina. CACHORRO, Gabriel; SALAZAR, Ciria (orgs.). **Educación Física Argenmex**: temas y posiciones. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

_____. Investigación en Educación Física. CRISORIO, Ricardo; GILES, Marcelo (orgs.). **Estudios críticos de Educación Física**. La Plata: Al Margen, 2009.

CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R.. História e Análise de Textos. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (org). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Cardoso. **Uma introdução à história**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. História e paradigmas rivais. VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 1-23.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. FREITAS, M.C. de. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortês, 1997.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; NUNES, Clarice. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos da ANPED**, Belo Horizonte, n. 5, p. 7-64, set. 1993.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; HANSEN, João. Modelos culturais e representação: uma leitura de Roger Chartier. **Varia história**, Belo Horizonte: UFMG, nº. 16, set/1996.

CARVALHO, Marta Maria; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Biblioteca para professores e modelização das práticas de leitura: análise material das coleções Atualidades Pedagógicas e Biblioteca de Educação. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. São Leopoldo, ANPUH, 2007.

CARVALHO PINI, M. **Fisiologia esportiva**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

CASTEDO, Raquel da Silva; GRUSZYNSKI, A. C. **A produção editorial de revistas científicas on-line**: uma análise de publicações brasileiras da área da Comunicação. Em Questão (UFRGS. Impresso), v. 17, p. 265-281, 2011.

CASTELLANI, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas, SP: ed. Papirus, 1991.

CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Educação em Revista** – A Imprensa Periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. **Esporte para Todos**: um discurso ideológico. São Paulo: IBRASA, 1984.

CRAIG, James. **Produção Gráfica**. São Paulo: Mosaico, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano** – Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998, 3 ed.

CHARTIER, Roger (direção). **Práticas da Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999a.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999b.

_____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002a.

_____. Pierre Bourdieu e a história. **Topoi**. Rio de Janeiro, mar., 2002b, p. 139-182.

_____. Defesa e ilustração da noção de Representação. Tradução de Andre Dioney Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. São Paulo: Campus, 2001.

COLLARO, Antônio Celso. **Produção gráfica**: arte e técnica da mídia impressa. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRISORIO, Ricardo. La Teoría de la Educación Física ¿Fundamento de saber o instrumento de poder? CRISORIO, Ricardo (org.). **Educación, cuerpo y ciudad**: el cuerpo en las interacciones e instituciones sociales. Medelim: Funámbulos, 2007, pp. 129-143.

CRISORIO, Ricardo; CANDREVA, Ana. Educación Física: identidad y crisis. **Revista Stadium**. Buenos Aires, n. 169, 1995.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade reformanda**: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

CYTRYN, Gilberto. Análise de Aulas de Educação Física Através da Utilização e Superposição dos Sistemas de Análise de Ensino Underwood e FaMOC. Dissertação (Ciências do Desporto) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

DAMASCENO, Luciano Galvão. **30 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: Educação Física e a construção de uma hegemonia**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011.

DANELON, Márcio. Para um ensino de filosofia do caos e da força: uma leitura à luz da filosofia nietzschiana. **Cad. CEDES**, v. 24, n. 64, 2004.

DARNTON, Robert. Introdução. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs). **Revolução impressa**: a imprensa na França – 1775-1800. São Paulo: EDUSP, 1996.

DETIENNE, Marcel. **Comparar o incomparável**. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

DIAS, José Luciano de Mattos. **Medida, normalização e qualidade** - aspectos da história da metrologia no Brasil. Rio de Janeiro: Ilustrações, 1998.

DI TELLA, T. **Para uma política latino-americana**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S. A. 1969.

DUARTE, Newton. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. **Cad. CEDES**, v. 19, n. 44, Campinas, Abr. 1998.

_____. As pedagogias do "aprender a aprender" e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. **Rev. Bras. Educ**., Rio de Janeiro, n. 18, dez. 2001.

DUBY, Georges. A história, um divertimento, um meio de evasão, um meio de formação. In: LE GOFF, Jacques. **A Nova História**. Lisboa: Edições 70, 1984.

ECO, U. (Org.). **História da Beleza**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo gráfico**: técnicas de produção. São Paulo: Loyola, 1981.

EVANS, Richard I. **Carl Rogers**: O homem e suas ideias. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

FERREIRA NETO, Amarílio. **Pedagogia no Exército e na Escola**: A Educação Física Brasileira (1880-1950). Tese (Doutorado em Educação). Piracicaba, SP: UNIMEP, 1999.

FERREIRA NETO, Amarílio (org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FERREIRA NETO, Amarílio; SCHNEIDER, Omar; AROEIRA, Kalline Pereira; BOSI, Fabiana; SANTOS, Wagner. **Revista de Educação Física**. Catálogo de Periódicos de Educação Física e Esporte (1930 - 2000). Vitória, ES: PROTEORIA, 2002.

FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Rev. Bras. Hist**. 2004, vol. 24, n. 47, p. 29-60.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. História da Educação e História Cultural. FONSECA, Thais Nivia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FONSECA, Joaquim da. **Tipografia & design gráfico**: design e produção gráfica de impressos e livros. Porto Alegre: Bookman, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no Brasil no século XIX. **Revista Brasileira de Educação,** v. 15 n. 44 maio/ago. 2010.

_____. As configurações gráficas de livros brasileiros e franceses para ensino da leitura e seus possíveis efeitos no uso dos impressos (séculos XIX e XX). **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas-SP, v. 12, n. 2 (29), p. 171-208, maio/ago. 2012.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de. Cultura Escolar, Práticas Educacionais e Profissão Docente: balanços do campo da História da Educação. MIGUEL, Maria Elisabeth Blank; CORRÊA, Rosa Lydia (orgs.). **A Educação Escolar em Perspectiva Histórica**. Campinas: Autores Associados, 2005.

GATTI JÚNIOR, D. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. ARAUJO, José Carlos; GATTI JÚNIOR, Décio (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas-SP: Autores Associados; Uberlândia-MG: EDUFU, 2002, p. 3-24.

_____**.** A escrita brasileira recente no âmbito de uma história das disciplinas escolares (1990-2008). **Currículo sem Fronteiras**. Belo Horizonte, v.9, n.1, p.42-71, 2009.

GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2005.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista**. A Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo: Loyola, 1988.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a Educação Física**: da caserna à escola. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

_____. **Bela, maternal e feminina imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

GOERGEN, Pedro L. Educação comparada: uma disciplina atual ou obsoleta? **Proposições**, v. 2, n. 3(6), p. 5-20, dez. 1991.

GOIS JUNIOR, Edivaldo. **Os Higienistas e a Educação Física**: a história dos seus ideais. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Descontinuidades e continuidades do Movimento Higienista no Brasil do século XX. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 41-54, set. 2003.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design Gráfico**: do invisível ao ilegível. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

GRUSZYNSKI, A. C.; GOLIN, Cida; CASTEDO, Raquel da Silva. Produção editorial e comunicação científica: uma proposta para edição de revistas científicas. **E-Compós**. (Brasília), v. 11, p. 1-17, 2008.

GRUSZYNSKI, A. C.; SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. O periódico científico na área de humanidades: critérios de avaliação. **Ecos Revista**, v. 10, p. 119-134, 2005.

GVIRTZ, Silvana; VIDAL, Diana; BICCAS, Maurilane. As reformas educativas como objeto de pesquisa em História Comparada da Educação na Argentina e no Brasil. VIDA, Diana G.; ASCOLANI, Adrián. **Reformas Educativas no Brasil e na Argentina**: ensaios de história comparada da educação (1820-2000). São Paulo: Cortez, 2009.

HAUPT, H. G. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, J., JULIA, D. (org.). **Passados recompostos**: campos e canteiros da História. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998. p. 205-216.

HOUAISS, Antônio Instituto. **Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KAUFMANN, C. (org.). **Dictadura y Educación**. Depuraciones y vigilancia en las universidades nacionales. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LIMA, Alonso Guilherme Soares. A História Comparada: potencialidades e limitações. **História Social**, Campinas, n. 13, 2007.

LIMA, Elvira Cristina Azevedo Souza. O conhecimento psicológico e suas relações com a educação. **Em Aberto**, Brasília, ano 9, n. 48, out. dez. 1990.

LIMA, Homero L. A. **Do corpo-máquina ao corpo-informação**: o pós-humano como horizonte biotecnológico. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2004.

LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. de O. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LORENZ, Federico e ADAMOLI, María Celeste. **Pensar la dictadura**: terrorismo de Estado en Argentina. Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación Argentina, 2010.

LUNA, Felix. **Historia Integral de la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Planeta, 1995.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria geral da administração**: da revolução urbana à revolução digital. São Paulo: Atlas, 2004.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo...e "mente"**: bases para a renovação e transformação da educação física. Campinas, SP: Papirus, 1985.

MELO, Victor Andrade de. **História da educação física e do esporte no Brasil:** panorama e perspectivas. São Paulo: IBRASA, 1999.

NETO, W. G. e CARVALHO, C. H. Tendências e perspectivas em história comparada no campo da educação. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 4, 2005.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia**: uma apresentação. 3.ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2003.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Círculo do Livro, 1999.

NOVAES, Adauto. **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. **Historia argentina - la dictadura militar (1976/1983):** del golpe de Estado a la restauración democrática. Buenos Aires: Paidós, 2003.

NÓVOA, Antonio. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Educação em Revista** – A Imprensa Periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

_____. Inovação e história da educação. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, 1996, n. 6, p. 210-220.

_____. **A imprensa de educação e ensino** – repertório analítico (séculos XIX e XX). Coleção Memórias da Educação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

NÓVOA, A. (dir.). A Imprensa de Educação e Ensino. **Repertório Analítico** (Séculos XIX-XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

OLIVEIRA, Gil Teixeira; RIBAS, João Francisco Magno. Articulações da praxiologia motriz com a Concepção Crítico-Emancipatória. **Movimento**, v. 16, n. 1, 2010.

OLIVEIRA, Thaís Cristina de. **Concepções de educação física na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-1986)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

OLIVEIRA, Vítor Marinho de. **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

_____. **Consenso e Conflito da Educação Física Brasileira**. São Paulo: Papirus, 1994.

OMOTE, Sadão. Revisão por pares na revista brasileira de educação especial. **Rev. Bras. Ed. Esp**, v. 11, n. 3, p. 323-334, 2005.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAGNI, P. Â. História da Educação Física no Brasil: notas para uma avaliação. In: FERREIRA NETO, A.; GOELLNER, S.; BRACHT, V. (Orgs.). **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1995. p. 149-163.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. **Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Vitória, ES: CEFD/UFES, 1994. 254p.

_____. **Sobre o pensamento médico-higienista e a escolarização**: condições de possibilidade para o engendramento do campo da Educação Física no Brasil. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003a.

_____. A constituição do campo da Educação Física no Brasil. In: BRACHT, V. ; CRISORIO, R. **A Educação Física no Brasil e na Argentina**. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003b.

PAGNI, Pedro. **Fernando de Azevedo**: Educador do Corpo. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994.

PALAFOX, Gabriel Humberto Muñoz. **Educação física no Brasil:** aspectos filosóficos-pedagógicos subjacentes à política nacional em ciência e tecnologia para esta área no período 1970-1985. Dissertação (Mestrado) Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação da PUC de São Paulo, São Paulo, 1990.

PELISSARI, Rachel Borges Corte. **Educação Física escolar**: práticas de pesquisa e saberes científicos em revista (1979-2009). Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Espírito Santo, Vitória, ES: UFES, 2009.

PALLAROLA, Daniel. Interés académico de los profesores de Educación Física. **Stadium**, Buenos Aires, n. 178, 30° ano, 2001.

PARLEBAS, Pierre. Educación Física Moderna y Ciencia de la Acción Motriz. **Actas del 1º Congreso Argentino de Educación Física y Ciencia**. La Plata, AR: UNLP, 1995.

PELEGRINI, Thiago. **Educação Física, ciência e hegemonia**: uma análise das políticas públicas para o ensino superior e para a pós-graduação (1969-1985). Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2003.

PETROSKI, Edio Luis. Cineantropometria: caminhos metodológicos no Brasil. **As Ciências do Esporte no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

PINEAU, P. Impactos de un asueto educacional: las políticas educativas de la dictadura (1976-1983). PINEAU, P. e MARIÑO, Marcelo. **El principio del fin.** Políticas y memorias de la educación en la última dictadura militar (1976-1983). Buenos Aires: Colihue, 2006.

PINEAU, Pablo e MARIÑO, Marcelo. **El principio del fin**. Políticas y memorias de la educación en la última dictadura militar (1976-1983). Buenos Aires: Colihue, 2006.

PINTO, Joelcio Fernandes. **Representações de educação física e esporte na ditadura militar**: uma leitura a partir da revista de histórias em quadrinhos Dedinho (1969 a 1974). Belo Horizonte, 2003. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2003.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Brohm e a organização capitalista do esporte. PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo. **Esporte**: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo. **Esporte**: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

PUIGGRÓS, A. **¿Qué pasó en la educación argentina?** Breve historia desde la conquista hasta el presente. Buenos Aires, Galerna, 2003.

RAMOS, José Ricardi da Silva. A Semiologia e a Educação Física: um diálogo com Betti e Parlebas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 2, 2000.

RIBAS, João Francisco Magno. **Contribuições da praxiologia motriz para a Educação Física escolar**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François (et al). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRÍGUEZ, Laura Graciela e SOPRANO, Germán. La política universitaria de la dictadura militar en la Argentina: proyectos de reestructuración del sistema de educación superior (1976-1983). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2009.

ROMERO, Luis Alberto Romero. **Breve historia contemporánea de la Argentina**. Buenos Aires: FCE, 1994.

SAMARA, Timothy. **Guia de designa editorial**: manual prático para o design de publicações. Tradução: Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SANTOS, Sandra e PETERLE, Patrícia. George Orwell - Um Intelectual Militante. **Gláuks**, v. 12, n. 2, 2012.

SARAVÍ, Jorge Ricardo. De la psico a la sociomotricidad. CRISORIO, Ricardo; GILES, Marcelo (orgs.). **Estudios críticos de Educación Física**. La Plata: Al Margen, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas, SP: Autores Associados, 1984.

_____. História comparada da educação: algumas aproximações. **História da Educação**, Pelotas, n. 10, 2001.

_____. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SAYÃO, D. T. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 23, n. 2, p. 55-68, 2002.

_____. A Disciplinarização do Corpo na Infância: Educação Física, Psicomotricidade e o Trabalho Pedagógico. SAYÃO, D. T.; MOTA, M. R. A.; MIRANDA, O. (Org.). **Educação Infantil em Debate**: ideias, invenções e achados. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

SCHARAGRODSKY, Pablo. La educación fisica escolar argentina (1940-1990). **Anthropologica**, v. 22, n. 22, Lima, 2004.

_____**.** Entrevista al Profesor Ricardo Crisório. **Educación Física y Ciencia**, La Plata, v. 1, n. 1, 1995.

SCHNEIDER, Omar. **A revista Educação Physica (1930-1940)**: estratégias editoriais e prescrições educacionais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. **A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública:** atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do Segundo Império. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

____. **Educação Physica**: a arqueologia de um impresso. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2010, 230 p.

SCHNEIDER, Omar; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A revista Educação Physica (1932-1945): fórmula editorial, prescrições educacionais, produtos e publicidade. **Revista Brasileira de História da Educação**, n° 20, p. 193-229, maio/ago. 2009.

SCHNEIDER, O.; FERREIRA NETO, A.; NASCIMENTO, A. C. S.; SANTOS, W. dos. Arqueologia das Práticas Editoriais: 15 anos de um Impresso em movimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 57-85, jul./set. 2009.

SÉRGIO, Manuel. **A prática e a Educação Física**. Lisboa: Editora Compendium, 1978.

SEYBOLD, Annemarie. **Educação Física** - Princípios Pedagógicos. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1980.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. A Modernização Autoritária: do golpe militar a redemocratização 1964/1984. In: **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: ed. Campos, 1990a.

SILVA, Carlos Manique. **Publicações Periódicas do Ministério da Educação** - Repertório Analítico. Porto: Universidade do Porto, 2010.

SILVA, Rossana Valéria de Souza. **Mestrados em Educação Física no Brasil**. Pesquisando suas pesquisas. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 1990b.

SOARES, Carmen Lúcia. **O pensamento médico-higienista e a Educação Física no Brasil 1850-1930**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1990.

_____. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, supl. 2, São Paulo, 1996, p. 06-12.

_____. **Educação física, raízes europeias e Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. **CONBRACE**. Caxambu, MG: 2003**.**

SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e história**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.

SOUZA, D. H. F. de. **Publicações periódicas**: processos técnicos, circulação e disseminação da informação. Belém: Universidade Federal do Pará, 1992.

STADIUM, Editoria. **¿Quiénes Somos?** Disponível em: http://editorialstadium.com.ar/. Acesso em: 08/05/2012.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Periódicos científicos. **Documentos ABEBD**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Ensino em Biblioteconomia e Documentação, 1998.
TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba**: entre a adesão e a resistência. Tese (Doutorado em Educação). PUC. São Paulo, 2001.

_____. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, 2002, v.28, n.1, p. 51-75.

_____. Renovação historiográfica na educação física brasileira. SOARES, Carmen (org.). **Pesquisa sobre o corpo:** ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007.

_____. Sobre a experiência e a história – a busca pela consolidação acadêmica da educação física brasileira. FERREIRA NETO, Amarílio (org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio; OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de educação física. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 3, set./dez. 2008.

TAVARES, José; ALARCÃO, Isabel. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. Coimbra: Almedina, 1992.

TEIXEIRA, Sérgio. **O lazer e a recreação na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos como dispositivos educacionais (1968-1984)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

_____. O Esporte para Todos: "popularização" do lazer e da recreação. **Recorde**: Revista de História do Esporte, v. 2, n. 2, 2009.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina. História Comparada: olhares plurais. **Revista PHOÊNIX**, ano 10, vol. 1, pp. 9-30, 2004.

TOLEDO, M. R. de A. **Coleção atualidades pedagógicas**: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação: História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Prefácio. SCHNEIDER, O. **Educação Physica**: a arqueologia de um impresso. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2010, 230 p.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Do centro à periferia sobre a presença da Teoria Crítica do Esporte no Brasil. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 185-200, set. 2006

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, Porto Alegre, a. III, n. 5, p. 4-17, 2. sem. 1996.

_____. **Cultura escolar, cultivo de corpos: educação physica e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **Cultura escolar, cultivo de corpos -** educação physica e gymnastica como práticas constitutivas de corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte – 1897 – 1920. Bragança Paulista, SP: Ed. São Francisco, 2002.

_____. A Educação Física na cultura escolar: discutindo caminhos para a intervenção e a pesquisa. BRACHT, V.; CRISORIO, R. **A Educação Física no Brasil e na Argentina**. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

_____. Educação Física na Escola: circular, reinventar, estimular, transmitir, produzir, praticar... cultura. CAPISTRANO, Naire Jane Capistrano (Org.). **O Ensino de Arte e Educação Física na Infância**. Natal, RN: UFRN/PAIDEIA/MEC, 2006.

VAINFAS, R. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127-162.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cad. CEDES**, ago. 1999, vol.19, no.48, p.89-108.

_____. Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Esporte e Sociedade**, ano 1, n. 1, 2006.

VAZ, Alexandre Fernandez, PETERS, Leila e LOSSO, Cristina Doneda. Identidade Cultural e Infância em uma experiência integrada a partir do resgate das brincadeiras açorianas. **Revista da Educação Física**. Maringá, v.13, n.1, p. 71-77, 2002.

VIDAL, Diana e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880/1970). **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.

VILLA, Alicia Inés. La conformación de la profesionalidad de la educación física desde la formación de profesores universitarios. **Revista Brasileira de História da Educação**, n° 14 maio/ago. 2007.

XAVIER, Libânia N. **Particularidades de um campo disciplinar em consolidação**: balanço do I Congresso Brasileiro de História da Educação. Disponível em www.sbhe.org.br. Acesso em 25 de janeiro de 2010.

WARDE, Mirian J. Historiografia da Educação Brasileira: mapa conceitual e metodológico. **(dos anos 1970 aos anos 1990). Revista do Mestrado em Educação,** UFS, v. 6, p. 45-50, fev./jun. 2003.

_____. Contribuições da História para a Educação. **Em Aberto**. Brasília, v. 9, n. 47, 1990.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela - Temas livres publicados na rbce (1979)

Tabela – Temas livres publicados na RBCE (1979)

Título	**Autores**	**Vínculo Institucional**	**Nacionalidade**
Teste de esforço e treinamento em estenose aórtica congênita	Claudio Gil Soares de Araújo; J. R. Sutton	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul; *Mc Master Univesity*	SP -Brasil; EUA;
Correlação do somatotipo com outras variáveis	Claudio Gil Soares de Araújo	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Intercorrelação entre testes de força impulsora horizontal em universitários	Sérgio Amauri Barros	Universidade Federal de Viçosa	MG – Brasil
O treinamento e a competição precoce e suas influências psicológicas em crianças de 7 a 12 anos	Dante de Rose Júnior	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Personalidade de atletas	S. M. Cavasini; V. K. R. Matsudo; S. Cazelatti	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Auto-conceito e participação em atividades físicas	S. M. Cavasini; V. K. R. Matsudo; S. Cazelatti	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Dança como educação	Edson C. F. Claro	-	-
Estudo antropométricos dos atletas participantes da modalidade de atletismo dos IX Jogos Escolares Brasileiros de Curitiba	E. H. de Rose; A. C. S. Guimarães; E. Pigatto; J. L. Oliveira	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS – Brasil
Avaliação Funcional dos árbitros de futebol da divisão especial da federação gaúcha de futebol	E. H. de Rose; A. Lampert; J. L. Oliveira	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS – Brasil
Correlação entre os testes de velocidade de 50 m e *shuttle run*	C. R. Duarte; O. C. Mendes; V. K. R. Matsudo	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Evolução de aptidão motora em escolares da rede pública de ensino	M. F. S. Duarte; C. R. Duarte	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Comparação de valores de aptidão física de escolares de Fortaleza (CE) e São Caetano do Sul (SP)	P. O. Ferreira; R. B. Abla; V. K. R. Matsudo	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Comparação de força de membros inferiores em escolares do sexo masculino de 11-16 anos da cidade de Londrina e de São Caetano do Sul	D. P. Guedes; J. B. Santana	-	-
Estudo da pressão arterial sanguínea em crianças e adolescentes em contraste com adultos	M. Gonçalves; R. Rasmussem; M. A. Molin Kiss; et al.	USP	SP – Brasil
Sacarose sacarinada na profilaxia das odontopatias	M. P. Hyppolito	Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa	SP – Brasil
Uma profilaxia analgésica e hemostática em cirurgia orla	M. P. Hyppolito	Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa	SP – Brasil
A importância da cirurgia plástica de mamas como profilaxia dos problemas de coluna e na motivação de práticas esportivas	P. K. R. Matsudo	Clínica de Cirurgia Plástica	SP – Brasil
Comparação de valores de dobras cutâneas de escolares de áreas industriais e regiões litorâneas em desenvolvimento	V. K. R. Matsudo; M. Sessa; A. M. P. Tarapanoff	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Impacto da Menarca sobre valores de dobras cutâneas	V. K. R. Matsudo	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil

Somatotipo de ginastas olímpicas femininas de Londrina	L. N. Montemór; D. P. Guedes; P. Montemór; et. al.	UEL	PR – Brasil
Comparação do nível de aptidão física de militares transitórios de São Caetano do Sul e Londrina	P. Montemór; L. N. Montemór; D. P. Guedes	UEL	PR – Brasil
Análise do aproveitamento dos participantes do V Congresso Brasileiro de Medicina do Esporte	R. M. B. Moraes; M. A. Cortelazzo; F. C. Dada; et. Al	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Exercícios respiratórios: uma metodologia prática para aplicação na escola	O. P. S. Oliveira; C. P. S. Oliveira; O. Damiani	Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa	SP – Brasil
Análise dos tempos parciais de corredores brasileiros de 400 m rasos na determinação do tempo final	A. Osés; H. M. Simon	UFV; Faculdade de Educação Fisica de Guarulhos	MG; SP – Brasil
Uma revisão da socialização da criança no esporte	C. M. Osse; D. A. Silva; S. M. Cavasini	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Comparação dos resultados entre dois testes de avaliação da capacidade cardiorrespiratória	A. J. Perez; F. C. Dada; R. O. Franco	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Comparação do consumo máximo de oxigênio entre diferentes modalidades esportivas	A. J. Perez; V. K. R. Matsudo; M. F. S. Duarte	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Modificações da função pulmonar em decorrência da prática da natação	A. S. Barbosa	Universidade do Amazonas	AM – Brasil
Desempenho ventricular esquerdo em atletas	R. M. Savioli; R. Rasmussen; et. Al	USP	SP – Brasil
Análise e correlação do eletrocardiograma e do teste ergométrico na seleção brasileira de basquetebol juvenil	R. Rasmussen; E. Mendel Balbi; et. Al	USP	SP – Brasil
Análise da impulsão vertical e horizontal em diferentes níveis de competição e modalidades esportivas	M. Sessa; V. K. R. Matsudo; R. Abla	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Avaliação da lactiacidemia em nadadores após teste de 100m	J. H. Silva; M. A. C. Bochese; R. A. Matos; E. H. Rose;	UFRS	RS – Brasil
Reações psicológicas em corredores de média e longa distância	H. M. Simon	Faculdade de Educação Física de Guarulhos	SP – Brasil
Protocolo para teste máximo de nadadores em erometro específico	J. H. Silva; M. A. C. Bocchese; R. A. Matos; E. H. Rose;	UFRS	RS – Brasil
Desenvolvimento de força dinamometrica manual em função da idade e sexo em escolares de 7 a 15 anos	J. Soares; M. C. Miguel; V. K. R. Matsudi	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Determinação indireta do vo2 max em condições normobáricas e hiperbáricas	J. C. Tosi; R. M. Hasmussen; K. Anzai	USP	SP – Brasil
Estudo antropométrico de escolares de São Caetano do Sul através do somatotipo de Heath – Carter	M. A. Vivolo; V. K. R. Matsudo; S. Caldeira;	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

APÊNDICE B - Temas livres publicados no Suplemento n. 1 (1981c)

Tabela – Temas livres publicados no Suplemento n. 1 (1981c)

Título	**Autores**	**Vínculo Institucional**	**Nacionalidade**
Papel do psicólogo no esporte	M. C. Cleuser; Sandra M. Cavasini; Victor K. R. Matsudo	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul;	SP - Brasil;
Indicadores para crítica do processo de formação de professores de Educação Física na Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Alfredo G. de Faria Júnior	UERJ	RJ – Brasil
Amostragem temporal e perfis coletivos de ensino	Riselaine da Silva Bressane	Instituto de Educação do Rio de Janeiro	RJ – Brasil
Testes de resistência de força dinâmica muscular localizada anaeróbica alática em adultos de ambos os sexos	L. M. Oliveira; et. al;	USP	SP – Brasil
Comparação da flexibilidade dos dimídios corporais em alunos de Educação Física	P. C. S. Haddad; A. J. Perez; C. G. S. Araújo	Lab. de Investigação em Exercício de Volta Redonda (LIEVOR)	RJ – Brasil
Comparação entre a amplitude máxima de flexão e extensão em seis articulações	C. G. S. Araújo; P. C. S. Haddad; A. J. Perez;	Lab. de Investigação em Exercício de Volta Redonda (LIEVOR)	RJ – Brasil
Aspectos relevantes na padronização de medidas de flexibilidade através da goniometria	Olga de Castro Mendes; Tadeu Teixeira Rocha; Victor K. R. Matsudo;	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul;	SP – Brasil
Diagnóstico do nado medley mundial em nadadores de ambos os sexos	A. J. Perez; C. G. S. Araújo	Lab. de Investigação em Exercício de Volta Redonda (LIEVOR)	RJ – Brasil
A aplicabilidade do speed test em nadadores	P. R. S. Violato	-	PR – Brasil
Aptidão física geral de basquetebol	Carlos Roberto Duarte; V. K. R. Matsudo; Fernanda Vido	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Características de aptidão física geral de atletas masculinos do centro olímpico de treinamento – SP	V. K. R. Matsudo; Jesus Soares; Osmar P. S. Oliveira	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Determinação de consumo de oxigênio máximo indireto em escolares chilenas	J. Godoy; M. Alcade; G. Astudillo; M. Ziller;	Academia Superior de Ciências Pedagógicas de Santiago	Chile
O estudo da flexibilidade em meninos de 14/15 anos	Joaquim M. Junior; Luis A. P. da Silva; Angela M. S. da Silva;	UEM	PR – Brasil
Análise alométrica de adolescentes em teste de força muscular	V. K. R. Matsudo;	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Influencia de algumas qualidades físicas en la coordinación de la velocidad de la carrera	Alejandro Guevara; Ráui Gomez; F. Beritez; D. Perato;	Colegio J. F. Kennedy	Argentina
Evaluación aptitudinaria de la población escolar argentina	P. G. Narváez; J. S. Zorzenón; A. A. Echavarría; et. al;	Ministerio de Cultura y Educación – Dirección Nacional de Educación Física, Deportes y Recreación	Argentina
Somatotipo de atletas de direntes modalidades do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa	Sandra Caldeira; Marco Antonio Vívolo; V. K. R. Matsudo;	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil

Evaluación Físico-deportiva de poblaciones entre 8-12 anos	E. Masabeu; H. Buich; D. Alvarez; N. Lentini; G. Narváez;	Departamento de Aptitud Física del Club Ciudad de Buenos Aires	Argentina
Construção de uma escala progressiva de escores para testes físicos na avaliação em Educação Física	Adilson Osés; Ronaldo Giannichi; Hildegard Krause; Emmi Myotin;	UFV	MG – Brasil
Anteprojeto para organização de um arquivo e sistema de processamento de dados para um serviço de medicina desportiva	L. dos Santos;	Serviço de Medicina Desportiva	DF – Brasil
Prática mental: uma revisão da literatura	Marcio M. Leite	UFV	MG – Brasil
Influência do trabalho com peso como prevenção na incidência de lesões musculares em atletas de futebol	R. N. Nonato; R. Vital;	UFRN	RN – Brasil
Capacidade visual em árbitros de futebol	O. P. S. Oliveira; Alexandre Azevedo	Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa	SP – Brasil
Desempenho físico: interação tempo de treinamento físico e condição socioeconômica	C. E. Negrão; L. Amaral; M. A. Molin Kiss; et. al;	USP	SP – Brasil
Nível sócio econômico, desempenho físico e índice nutricional de Viswewara em crianças de 7 anos	M. A. Molin Kiss; C. E. Negrão; L. Amaral; et. al;	USP	SP – Brasil
Análise comparativa dos resultados do Pentatlo Nacional	O. F. A. Pereira; C. G. S. Araújo	Escola de Ed. Física de Volta Redonda	RJ – Brasil
Correlações entre testes de potência anaeróbica	K. E. Fontana; D. A. Reis; J. R. Lima;	Centro de Medicina Desportiva de Brasília	DF – Brasil
Relação entre o teste de corrida de 40 segundos e medidas antropométricas	Fernanda C. Pedrosa; V. K. R. Matsudo; Marco A. Vívolo;	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Rotinas de avaliação e de seguimento de testes localizados em coronarianos em relação a padrões paulistanos	L. Amaral; L. Oliveira; M. Guimarães; C. Negrão; G. Serro Azul; M. A. Molin Kiss;	USP	SP – Brasil
Professores universitários de Educação Física e seus perfis coletivos de ensino	L. Laborinha	UFF	RJ – Brasil
Somatotipo de judocas paranaenses da categoria júnior	V. Bracht; N. Moreira; O. Y. Umeda	UEM	PR – Brasil
Proporcionalidade antropométrica de nadadores masculinos e femininos de 4 diferentes grupos etários	C. G. S. Araújo	LIEVOR - EEFVR	RJ – Brasil
Estudo do somatotipo de vestibulandos de Educação Física da Universidade de Brasília	Osmar Riehl	UNB	DF – Brasil
Comparação Somatotipológica entre escolares de diferentes níveis de maturação sexual	D. P. Guedes	UEL	PR – Brasil
Teste de força muscular abdominal: padronização e resultados em escolares de 7 a 10 anos	Jesus Soares; C. Dada; Nanci França;	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Testes de força de membros superiores em escolares de 7 a 10 anos: padronização e dificuldades	Nanci França; Jesus Soares; V. K. R. Matsudo	Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul	SP – Brasil
Penta-test prueba de evaluación práctica	Jorge Diaz Otañez	Escuela Técnica n° 3	Argentina
Crecimiento y aptitud física en	Raúl Gomez; F.	Colégio J. F. Kennedy	Argentina

escolares de la prov. de Buenos Aires	Horácio; F. Benitez; A. Guevara;		
Avaliação biométrica em crianças de 7 a 12 anos da cidade de Viçosa – MG	Maria T. Silveira	UFV	MG - Brasil
Correlação entre peso específico e dobra cutânea em rapazes de 16 a 18 anos	J. R. T. Magni; P. H. M. Bruck; P. R. Rosa;	Centro de Esportes, Condicionamento e Recondicionamento Físico	RS – Brasil
Somatotipia dos universitários de Educação Física do Distrito Federal	Osmar Riehl; Keila Fontana;	UNB	DF – Brasil
Estudo antropométrico entre escolares de 11-16 anos de diferentes níveis sócio econômicos	D. P. Guedes	UEL	PR – Brasil
Frecuencia cardiaca de recuperación como criterio de evaluación	P. G. E. Narváez; C. Arcuri; J. Estigarribia; N. A. Lentini	Laboratorio de Evaluaciones Morfofuncionales	Argentina
Perfil de volibolistas do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa – SP	Jesus Soares; Carlos Roberto Duarte; Victor K. R. Matsudo;	Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa; Lab. de Aptidão Física de São Caetano do Sul;	SP - Brasil
Comparação da performance das natações mundial e brasileira em nadadores de ambos os sexos em 1980	A. J. Perez;	LIEVOR – EEFVR	RJ - Brasil
Desenvolvimento da capacidade aeróbica de treinamento contínuo e intervalo	Vilmar Baldissera	UNB	DF - Brasil
A atividade física e o metabolismo do colesterol	Cândido Simões Pires Neto	UFSM	RS – Brasil
Parâmetros antropométricos em volibolistas de alto nível	Francisco Eden M. de Oliveira	Clínica de Performance Humana	CE – Brasil
Comportamento da pressão arterial e da frequência cardíaca em testes máximos localizados	S. Faber; C. E. Negrão; L. R. Serro Azul; M. A. Molin Kiss;	USP	SP – Brasil
Evolução de indivíduos coronarianos e normais submetidos a mesmo programa de treinamento	M. C. Guimarães; C. E. Negrão; L. M. Oliveira; L. M. Amaral; S. Faber; M. A. Molin Kiss;	USP	SP – Brasil
Treinamento em sedentários jovens	Francisco Eden M. de Oliveira	Clínica de Performance Humana	CE – Brasil
Efeito de lutas sucessivas sobre o nível de ácido lático sanguíneo de judocas	V. Bracht; N. Moreira; O. Y. Umeda;	UEM	PR – Brasil
O excepcional e a Educação Física	Osman S. Santos; D. Rabelo; R. C. Pinheiro; U. Santos;	DEF/SEC	BA – Brasil

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

APÊNDICE C - Temas livres publicados na RBCE (1983c)

Temas livres publicados na RBCE (1983c)

Título	Autores	Vínculo Institucional	Nacionalidade
Parâmetros de aptidão física geral em atletas da seleção paulista de ginástica rítmica desportiva	Marco Antônio Vívolo; Sheila A. P. S.; Victor K. R. Matsudo	Seção Técnica de Pesquisa do C.O.T.P. - SEME	SP – Brasil
Avaliação do desenvolvimento neuro-psicomotor de escolares de 5 a 7 anos de ambos os sexos	Emmi Myotin	–	–
Relação entre performance no teste de corrida de 40 segundos e valores de LDH e lactato plasmático	Olga de Castro Mende; Mário H. Hirata; Victor K. R. Matsudo	Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física - CELAFISCS	SP – Brasil
Efeito agudo e crônico do exercício nos níveis séricos de creatinaquinase em nadadores submetidos a treinamento	Eduardo Kokubun; Mário H. Hirata; Sérgio Miguel Zucas	USP	SP – Brasil
Proporcionalidade corporal de atletas de diferentes modalidades esportivas	Nanci Maria de França	CELAFISCS	SP – Brasil
A influência da atividade física no somatotipo universitários	Dartagnan Pinto Guedes; Joana Elisabete R. Pinto Guedes	UEL	PR – Brasil
Efeitos de dois programas de atividades físicas sobre a aptidão física geral de escolares	Carlos Roberto Duarte	CELAFISCS	SP – Brasil
Subnutrição, desempenho e treinamento físico precoce	Maria Augusta Molin Kiss; Carlos Eduardo Negrão; et.al;	USP	SP – Brasil
Esporte x imprensa: divulgação	–	–	–
Esporte: como você está longe da educação física!	Ricardo Enrique Rivet	CELAFISCS	SP – Brasil
Reflexões para o entendimento do processo de socialização através do desporto escolar	Valter Bracht	UEM	PR – Brasil
A educação física como fator de integração social	Vera Lúcia de Lucena Bussinger; Maria Virgilina Ramos	–	–
Por uma desesportivização da formação do professor de educação física	Kátia Brandão Cavalcanti	Universidade Gama Filho	RJ – Brasil
O aluno de educação física: a educação de hoje e seu compromisso social de amanhã	Silvia Cléa Coutinho Ramos	USP	SP – Brasil
Reflexões filosóficas e sociais acerca do desporto	Francisco Martins da Silva	UFPB	PB – Brasil
Efeitos do treinamento pliométrico e treinamento isotônico com sobrecarga sobre variáveis componentes do salto em extensão	Getulio Gracelli	Polícia Militar do Estado de São Paulo	SP – Brasil
Característica do tempo de ação do tenista de alto nível e sua relação com o metabolismo anaeróbico	Cássia Theresa Lorenzini; Victor K. R. Matsudo; Sandra Caldeira	CELAFISCS	SP – Brasil
Idade de menarca em escolares de Londrina – PR	Christiane Riehmer; Paulo Roberto S. Violato	–	–

A correção do peso na medida de potência anaeróbica pelo teste de corrida de 40 segundos	Victor K. R. Matsudo; Olga de Castro Mendes	CELAFISCS	SP – Brasil
Determinação do somatotipo de jogadores de handebol de diferentes regiões do Brasil	Grimário Nobre de Oliveira; Jesus Soares; Marco Antonio Vívolo	Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa – SEME; CELAFISCS	SP – Brasil
Teste de corrida de 40 segundos em escolares de 7 a 18 anos	Tadeu Teixeira Rocha; Olga de Castro Mendes; Victor K. R. Matsudo	CELAFISCS	SP – Brasil
Influência do treinamento de resistência aeróbica na corrida de velocidade em escolares do sexo masculino na faixa etária de 10 a 15 anos	José Luis Fernandes	USP	SP – Brasil
Efeito agudo do exercício físico nos níveis séricos de creatinoquinase (E. C. 2.7.3.2.), isoenzima CK-MB e lactato desidrogenase (E.C. 1.1.1.27.) em diferentes períodos de condicionamento físico	Ana Maria Lissaldo; Bruno Strufaldi; et.al.;	USP	SP – Brasil
CAP – um programa de condicionamento físico multidisciplinar	Robert Charles Steinberg; Claudio Manoel Soares Nunes; Nelson Bittencourt	UGF	RJ – Brasil
Relação entre o valor percentual de defasagem entre as forças, extensora e flexora, de membros inferiores em sedentários	Sheila de Abreu Magalhães; Cintia Couto Rocchi	Academia de Ginástica Porte e Postura	SP – Brasil
Comparação do consumo máximo de oxigênio através de metodologias de avaliação direta e indireta em esteira rolante e pista	Keila Elizabeth Fontana	CEMEDE	DF – Brasil
Teste de cooper em escolares	João E. Terreira; Valdir Palma; Francisco J. T. Leal; et.al.;	Fac. Integradas de Guarulhos	SP – Brasil
Medida de força de membros inferiores	Helena Fernandes; Regina Beresowker; et.al.;	Fac. Integradas de Guarulhos	SP – Brasil
Avaliação da musculatura abdominal. Estamos no caminho certo?	Paulo R. B. Mello; Telmo P. Xavier; Volmar G. S. Nunes	Universidade Federal de Pelotas	RS – Brasil
Avaliação não invasiva do coração do remador: eco cardiografia e intervalos sistólicos, em repouso e esforço isométrico localizado	E. O. Fernandes; J. Talberg; M. L. Rocha; M. Oliveira	UFRJ	RJ – Brasil
Acampamento de férias na empresa (Pirelli – Santo André)	Luiz Carlos Martensen; Denize Colucci; et.al;	–	SP – Brasil
Desenvolvimento do esporte para todos em populações carentes do meio urbano	Celi Nelza Zulke Taffarel; Antonio Roberto Rocha Santos; Paulo Rubem Santiago Ferreira	UFPE	PE – Brasil
Pesquisa em ciências do esporte: uma proposta de estudo e aplicação na Universidade de Amazonas	Alberto dos Santos Puga Barbosa	Universidade do Amazonas	AM – Brasil
Medidas psicológicas nas atividades	Adilson R. R. Castro;	Fac. Integradas de	SP – Brasil

físicas	Antonio M. Barbosa; et. al.;	Guarulhos	
A (des) caracterização profissional-filosófica da educação física	Lino Castellani Filho	UFMA	MA – Brasil
Ações de êxito precoce e de êxito sucessivo	Lino de Macedo; João Batista Freire da Silva	UFPB	PB – Brasil
Administração aplicada à educação física e desportos-enfoque didático	Eliana de Melo Caram	UFU	MG – Brasil
Disciplina prática da educação física a nível de terceiro grau – uma proposta de trabalho	Ídico Luiz Pellegrinotti; Wagner Wey Moreira	UNICAMP	SP – Brasil
A participação dos educandos na avaliação da aprendizagem em educação física	Alfredo Gomes de Faria Júnior	UFF	RJ – Brasil
Fazer e compreender	João Batista Freire da Silva; Lino de Macedo	UFPB; USP	PB – Brasil
Deveres de administradores desportivos de seletivas associações desportivas brasileiras com implicações para preparação profissional	José Medalha	USP	SP – Brasil
O aspecto de relação na educação física	Heloisa Turini Bruhns	Escola do Sítio - Campinas	SP – Brasil
O efeito de três diferentes programas de treinamento do salto em profundidade sobre o resultado do salto vertical	Adilson Osés	Universidade Federal de Viçosa	MG – Brasil
Estudo descritivo de medidas antropométricas e pulmonares de escolares de 11 a 14 anos	Volmar Geraldo da Silva; Paulo Roberto Barcellos Mello	UFPel	RS – Brasil
Estudo da capacidade de trabalho físico com FC 170 em atletas da Universidade de Brasília	Vilmar Baldissera; Alcir Braga Sanches	UNB	DF – Brasil
Aptidão física de atletas maranhenses	Tania Maria Araujo da Silva	Divisão de Estudos e Pesquisas para o Desporto – Secretaria de Desporto e Lazer	MA – Brasil
Atividades aeróbicas em crianças e adolescentes	Victor K. R. Matsudo	CELAFISCS	SP – Brasil
Métodos de preparação da gestante para o parto: revisão de literatura	Silene Sumire Okuma	CELAFISCS	SP – Brasil
Estudos do V.M.C.: método de condicionamento orgânico e introdutório para a prática de corridas	Nelson Bittencourt	UGF	RJ – Brasil
Pressão arterial em atletas – projeto de estudo	Daniela Todesco; Maria de Fátima da Silva Duarte	CELAFISCS	SP – Brasil
Menarca escolares da rede de ensino de Rolândia – PR	Paulo Roberto S. Violato; Victor K. R. Matsudo	D.E.P.A. - Apucarana	PR – Brasil
Desenvolvimento de uma escala brasileira de percepção subjetiva de esforço	Sandra Mara Cavasini; Victor K. R. Matsudo	CELAFISCS	SP – Brasil
Teste de Corrida de 5 segundos: uma nova proposta de medida da potência anaeróbica alática	Antonio M. Junior; José Siqueira; et. al;	CELAFISCS; Faculdade de Educação Física de Guarulhos;	SP - Brasil
Idade de menarca em universitárias de	Sandra Caldeira; Victor	CELAFISCS	SP – Brasil

educação física da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) – estudo piloto	K. R. Matsudo		
Influência da atividade física sobre alguns parâmetros lipídicos séricos em indivíduos com o hábito de fumar	Mário Hiroyuki; Alexandre La Rocca Rossi; et.al.;	USP	SP – Brasil
Correlação entre velocidade de corrida e desempenho no salto em distância	Nelio Alfano Moura; Olga de Castro Mendes	CELAFISCS	SP – Brasil
Perfil morfo: fisiológico do aluno do 3º grau	Fátima Palha de Oliveira; Edinaldo A. de Souza; Claudia Coelho Marquês; et. al.;	UFRJ	RJ – Brasil
Diâmetros e circunferências de escolares de 7 a 11 anos	Antonio Januario de Oliveira; Nanci Maria de França	CELAFISCS	SP – Brasil
Amplitude de movimento das principais articulações de membros superiores e inferiores, medidos com flexômetro – estudo piloto	Silvia C. S. Benito; Olga de Castro Mendes	CELAFISCS	SP – Brasil
A linguagem corporal como instrumento de transformação	José Ricardo Martins Araújo; Equipe de educadores da escola Guilherme Dumont Villares	–	SP – Brasil
As atividades físicas como atividades de lazer	Vera Lúcia de Lucena Bussinger; Maria Virgilina Ramos	–	–
Método de ensino para o 1º grau	Celi Nelza Zulke Taffarel	UFPE	PE – Brasil
Método dança educação física	Edson Claro	Grupo de Assessoria Dança Educação Física	–
Medida de força de membros superiores	José Joubert de Souza Jr.; Maria Lucia Henrique ; et.al.;	Faculdades Integradas de Guarulhos	SP – Brasil
A validade da orientação nutricional para corredores de fundo na melhoria qualitativa e quantitativa dos seus resultados	Eliane Bassoul Bittencourt; Nelson Bittencourt	UGF	RJ – Brasil
Avaliação da maturação sexual e características antropométricas de atletas da seleção paulista de ginástica rítmica desportiva	Marco Antonio Vívolo; Sheila A. P. S. Silva; et.al.;	Seção Técnica de Pesquisa do C.O.T.P. - SEME	SP – Brasil
Estudo sobre a divisão em categorias de corredores de longa distância	Adilson Osés; Elisa Maria Diniz Botelho	Universidade Federal de Viçosa	MG – Brasil
Reabilitação para cardíacos – efeitos do condicionamento físico uma revisão da literatura	Maria Luiza Gazzetta; Daniela Todesco; Maria de Fátima S. Duarte	CELAFISCS	SP – Brasil
Emprego de medidas estatísticas como fator de motivação no treinamento desportivo	José Carlos de Oliveira	–	MG – Brasil
Joelho – propriocepção na volta à prática esportiva	Ademir Rodrigues	Clínica Fisioesporte	SP – Brasil

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

APÊNDICE D – Temas livres publicados na RBCE (1984b)

Temas livres publicados na RBCE (1984b)

Título	Autores	Vínculo Institucional	Nacionalidade
A Educação Física na pré-escola	Maria T. S. Bohme e Maria A. Peduti	UFV	MG – Brasil
Análise do ensino de Educação Física na escola de 1º grau	Maria Helena Dipe	Escola Superior de Educação Física de Muzambinho	MG - Brasil
Tendências na Educação Física no Brasil	Lino Castellani Filho	UFMA	MA – Brasil
Concepção de Educação Física nas escolas de 1° grau	Leopoldo Schonardie et al.	Associação de professores de Cruz Alta (RS)	RS – Brasil
Atividade física como elemento facilitador na formação profissional	Sérgio Guida	Universidade Gama Filho	RJ – Brasil
Informação, Movimento e Mudança	Edison de Jesus Manoel	USP	SP – Brasil
Rudolf Laban e a linguagem do corpo	Maristela Moura Silva	UFV	MG – Brasil
A educação pré-escolar	Maria T. S. Bohme e Maria A. Peduti	UFV	MG – Brasil
Efeitos da prática precoce estimulativa no desenvolvimento infantil	Márcio Monteiro Leite	UFV	MG - Brasil
Avaliação pedagógica na formação de professores de Educação Física	Vera Lúcia C. Ferreira	-	RJ - Brasil
Especialização prematura no esporte	Jacinto F. Targa	UFRS	RS -Brasil
Estimativa e medida do consumo máximo de oxigênio	Newton S. Vianna, et. al.	UFMG	MG – Brasil
Comparação de potência aeróbica em escolares de regiões agrícolas e industriais	Vagner Roberto Bergamo	CELAFISCS	SP - Brasil
O efeito do treinamento do salto em profundidade	Wilson Osés	UFV	MG – Brasil
Considerações sobre o teste de 12 minutos e o VO2max.	Eduardo Kokubun	USP	SP – Brasil
Controle da ventilação pulmonar durante o exercício	Luiz Oswaldo Rodrigues	UFMG	MG – Brasil
Tempo de ação de tenistas de alto nível	Cassia Lorenzini, et. al.	CELAFISCS	SP – Brasil
A eficácia da transferência da técnica de saque do tênis para o saque no voleibol	José Olympio de Almeida	UFV	MG – Brasil
Estudo do equilíbrio estático e dinâmico em escolares	Emmi Myotin	UFV	MG – Brasil
Estudo do efeito da cafeína em diferentes níveis de exercício	Ulisses de Paula-Filho	UFMG	MG – Brasil
O teste de reação das mãos no meio escolar	Ronaldo S. Giannichi	UFV	MG – Brasil
O medo e suas implicações na aprendizagem motora	Hildegard Krause	UFV	MG – Brasil
Relação entre ansiedade-traço e ansiedade-estado em atletas de handebol	Nanci França	CELAFISCS	SP – Brasil
Motivação: procedimentos de ensino	Hildegard Krause	UFV	MG – Brasil
Objetividade e reprodutibilidade dos testes de impulsão vertical	Marli Nabeiro, et. al.	CELAFISCS	SP – Brasil
Correr e arremessar em deficientes	Ana Maria Pellegrini	USP	SP – Brasil

mentais			
Integração da escola e família em crianças especiais	Heloísa Sá	UFV	MG – Brasil
Controle motor	Catia Volp	UFV	MG – Brasil
Desenvolvimento motor	Ana Maria Pellegrini, et. al.	USP	SP – Brasil
O padrão fundamental arremessar	Edison de Jesus Manoel	USP	SP – Brasil
Novos achados da escala brasileira de percepção subjetiva do esforço	Sandra Cavasini e Victor K. R. Matsudo	CELAFISCS	SP – Brasil
Força de preensão manual em tenistas	Silvia Corazza Benito	CELAFISCS	SP – Brasil
Força de membros superiores	José Roberto Godoy	Faculdade Integrada de Educação Física de Guarulhos	SP – Brasil
Comparação dos resultados da força abdominal em escolares	Flávio Almeida	Colégio Christus	CE – Brasil
Estudo longitudinal comparado de peso e altura em judocas escolares	Francisco Mauri de Carvalho	Colégio Christus	CE – Brasil
Características antropométricas de escolares	Iray dos Santos, et. al.	Escola Superior de Educação Física de Muzambinho	MG – Brasil
Maturação em escolares de Minas Gerais	Jayme Antunes, et. al.	Escola Superior de Educação Física de Muzambinho	MG – Brasil
Características de aptidão física de escolares de Muzambinho	Jorge Oliveira, et. al.	Escola Superior de Educação Física de Muzambinho	MG – Brasil
Reprodutibilidade das medidas de flexibilidade	Sueli Rodrigues da Silva	CELAFISCS	SP – Brasil

APÊNDICE E - Temas livres publicados na RBCE (1985d)

Temas livres publicados na RBCE (1985d)

Título	Autores	Vínculo Institucional	Nacionalidade
Idade como fator de influência na assimilação do plano motor formulado pelo professor	George W. Profeta; José O. de Almeida; Viktor Shigunov	UFMT; UFV; UEM;	Brasil
Efeito da fadiga sobre a estabilidade manual na execução de uma tarefa motora	Nanci França; José C. de Paula; Luiz C. Prestes;	CELAFISCS	SP - Brasil
O significado da variabilidade de resposta no processo adaptativo em aprendizagem motora	Go Tani; Flávia da Cunha Bastos; et. al;	USP	SP - Brasil
Aprendizagem e atitude dos alunos numa experiência de ensino modular em ginástica escolar	Paulo R. B. de Mello; Lucila M. C. Santarosa	UFPEL	RS – Brasil
Força de membros superiores em escolares de 8 a 9 anos	Beraldo O. Costa; Marco C. Fonseca; Ailton H. Mizukawa; et. al;	Faculdade Integrada de Guarulhos	SP – Brasil
Variação da potência aeróbica em função do treinamento em academias	Magda O. A. Vieira;	Escola de Ed. Física de Muzambinho	MG – Brasil
Capacidade cardiorrespiratória de escolares de 11 a 18 anos	Roberto Duarte; Maria F. S. Duarte;	CELAFISCS	SP – Brasil
Estratégia para determinação de perfil de aptidão física geral	Victor K. R. Matsudo; Ricardo E. Rivet; Mônica H. N. Pereira;	CELAFISCS	SP – Brasil
Estágio voluntário supervisionado em ginástica feminina	Catia M. Volp; Emmi Myotin;	UFV	MG - Brasil
Estatutos do corpo	Heloísa Turini Bruhns	Centro Pedagógico de Atividades Extraclasse	SP - Brasil
Análise da Educação Física em nível pré-escolar no município de São Paulo	Maria T. S. Bohme	UFV	MG - Brasil
Estilos de ensino dos professores de Educação Física de 1ª a 4ª série do 1° grau	Arno Krug	-	RS - Brasil
Influência do treinamento com sobrecarga na precisão de arremessos em basquetebolistas	Fábio Mazzoneto; Vânia M. Veridiano; José P. R. Canavasi	Centro Olímpico de Treinamento e Pequisa (COTP)	SP - Brasil
As academias de ginástica e o treinamento aeróbico	José A. A. Cortez	USP	SP – Brasil
Contribuição de um programa de ginástica na flexibilidade tronco-pernas e escapulo umeral de universitário da UFV	Emmi Myotin; Catia M. Volp;	UFV	MG - Brasil
Uma proposta de trabalho em musculação baseado no princípio pré-exaustão	Ney P. A. Filho; Carlos P. S. Neto; Sérgio Guida;	Universidade Gama Filho	RJ – Brasil
A dança de salão como importante meio da Educação Física	Calina C. Barbosa	-	MG – Brasil
Dança: revisão de abordagens científicas	Mônica H. N. Pereira; Victor K. R. Matsudo;	CELAFISCS	SP - Brasil
Dança de Salão, ritmo e coordenação	Catia M. Volp; Hildegard Krause	UFV	MG – Brasil
Projeto de pesquisa em Dança Moderna Educacional	Maristela M. Silva	UFV	MG – Brasil
Desenvolvimento da noção direito-	José R. M. de Melo;	Faculdade de	SP – Brasil;

esquerda em crianças de 6 a 8 anos	Sandra M. Cavasini; Gabriel H. M. Palafox;	Educação Física de Santo Amaro; Escuela Nacional de Entrenadores;	México;
Efeito de feedback extrínseco fornecido através de videotape na aprendizagem de uma habilidade motora do voleibol	Joaquim F. de Jesus;	USP	SP – Brasil;
Avaliação do desenvolvimento psicomotor em crianças de idade pré-escolar	Márcio M. Leite	UFV	MG - Brasil
A influência do jardim de infância no desempenho motor da criança;	Berenice M. Xavier	Grupo de Estudos em Educação Física	RS - Brasil
A Educação Física escolar como campo de vivência social	Valter Bracht	UEM	PR - Brasil
Alternativas pedagógicas no domínio psicomotor	Paulo R. S. Ferreira	UFPE	PE – Brasil
Relação entre a intenção pedagógica declarada e a ação pedagógica de docentes atuantes no processo de formação de professores de Educação Física	Helder G. de Resende	Universidade Gama Filho	RJ - Brasil
Influência do início da medição da altura do salto vertical na precisão do resultado final	Liliam F. R. Pereira; Mário D. D'Angelo;	UFRJ	RJ - Brasil
A validade do teste de flexão de braço na barra fixa	Paulo R. Stéfani Violato	-	SC - Brasil
Padronização, objetividade e reprodutibilidade do teste por computador de tempo de reação óculo-manual	Gabriel H. M. Palafox; Sandra M. Cavasini; Luís O. Novelo; Jesus Soares;	Dirección General de Educación Física; CELAFISCS;	México; SP - Brasil
Potência aeróbica na musculação	Rogério S. Leal	Acqua Sport	SP – Brasil
Modelos biomecânicos de dois exercícios abdominais	Antônio C. S. Guimarães	UFRS	RS - Brasil
Características da aptidão física de tenistas	Silvia C. da Silva	CELAFISCS	SP - Brasil
Estudo sobre a influência do nível socioeconômico na aptidão motora de escolares de 10 e 11 anos	Darkson S. da Cunha; Cândido S. P. Neto;	UFSM	RS - Brasil
Efeitos da atividade física sobre a composição corporal e consumo máximo de oxigênio em universitários	Edio L. Petroski	UFSC	SC – Brasil
A ginástica olímpica como atividade de extensão do departamento de Educação Física da UFV	Pedro Alves Paiva	UFV	MG – Brasil
Avaliação formativa de habilidades desportivas no contexto da formação do professor de Ed. Física	Cláudio H. Miyagima	-	PR - Brasil
Estudo da participação dos estudantes de Educação Física da Universidade de São Paulo nos planejamentos curriculares	Luiz Alberto Lorenzetto	USP	SP - Brasil
Campo de atuação do professor em Educação Física na cidade de Manaus (AM)	Otávio A. A. C. Fanali	-	AM - Brasil
Análise das variáveis que interferem na prática continuada das crianças no volibol	Renato S. Rochefort	UFPEL	RS - Brasil

Influência do fator emocional sobre a pressão arterial	Sonhilde E. V. D. Heide	UFPR	PR – Brasil
Diagnóstico do funcionamento da prática da Educação Física de 1ª a 4ª série do 1° grau em escolas da rede oficial de ensino (Maringá)	Amauri A. B. de Oliveira	UEM	PR - Brasil
Comparação entre os efeitos do treinamento específico de velocidade e aulas habituais de Educação Física	Rui S. Sales; Ulisses P. Filho; Ubirajara L. Cançado;	UFMG	MG – Brasil
Iniciação ao treinamento esportivo na natação	Ricardo E. Rivet; Sueli R. da Silva;	CELAFISCS	SP – Brasil
Análise comparativa entre os ciclos de treinamento na natação Brasil X EUA	Jaider O. Freitas; Joaquim I. C. Filho; et. al;	Grupo Independente de Pesquisa em Ciências da Atividade Física	RJ - Brasil
Contribuição de um programa de ginástica na resistência aeróbica dos universitários da UFV	Catia M. Volp; Emmi Myotin;	UFV	MG - Brasil
Uso dos halteres uma experiência-piloto como meio auxiliar no tratamento do asmático	José Maurício Capinusso	Universidade Gama Filho	RJ – Brasil
Natação e indivíduos portadores de deficiência física	Fátima R. S. Chousa; Marli Ribeiro;	CELAFISCS	SP – Brasil
Posturograma: método quantitativo para avaliação postural	Mário D. D'Angelo; Liliam F. R. Pereira;	UFRJ	RJ – Brasil
A consistência interna do teste abdominal "RASU" para universitários	Paulo R. B. de Mello;	UFPEL	RS – Brasil
Comparação da resistência da musculatura abdominal entre escolares maturados e não maturados	Mara R. O. Mello; Elaine S. Neves;	Grupo de Estudos de Educação Física de Pelotas	RS – Brasil
Evolução dos padrões fundamentais de movimento – arremessar e correr – em pessoas portadoras de deficiência mental	Verena Junghahnel; Ana M. Pellegrini; Marli Ribeiro;	USP	SP – Brasil
Evolução do padrão fundamental arremessar frente a duas tarefas	Edison J. Manoel; Ana M. Pellegrini;	Escola Superior de Educação Física de Muzambinho; USP;	MG/SP – Brasil
Diagnóstico da Educação Física curricular no ensino superior do Brasil	Pedro Alves Paiva	UFV	MG – Brasil
Perfil de ensino de professores recém-formados em Educação Física pela UFPE	Celi N. Z. Taffarel; Tereza L. de França; Vera L. L. Costa;	UFPE	PE – Brasil
Atitudes dos diretores para com a Educação Física	José M. C. Barros	UNESP	SP – Brasil
O poder da informalidade e a informalidade do poder	Kátia B. Cavalcanti	UFRJ	RJ - Brasil
A avaliação no desporto coletivo	Luiz T. P. Almeida;	UFF	RJ – Brasil
Determinação de tempo de reação óculo manual em escolares de 8 a 12 anos	Gabriel M. Palafox; Sandra M. Cavasini;	CELAFISCS	SP – Brasil
Evolução da aptidão física em voleibolistas de alto nível	Sandra Caldeira; Maria F. S. Duarte;	CELAFISCS	SP – Brasil
Plataforma de salto – um novo instrumento para medição da altura do salto vertical	Liliam F. R. Pereira; Mário D. D'Angelo;	UFRJ	RJ – Brasil
Auto-conceito físico: componentes e	Paula H. L. da Costa;	USP	SP – Brasil

influência da atividade motora			
Opinião dos alunos de 2° e 3° anos do Magistério das escolas particulares de Santa Maria (RS) sobre a importância da disciplina Educação Psicomotora na formação de professores	Amauri A. B. de Oliveira	UEM	PR - Brasil
Atividades psico-recreativas para deficientes	Márcia D. Oliveira	UEM	PR - Brasil
Índice Pelidisi: uma alternativa para determinar o peso ideal de escolares	Elaine S. Neves	Grupo de Estudos em Educação Física de Pelotas	RS - Brasil
Efeitos da hiperventilação voluntária sobre a frequência cardíaca em seres humanos	Luiz O. C. Rodrigues; Ubirajara L. Cançado; Margareth L. Cortez;	UFMG	MG - Brasil
Contribuição eletromiográfica ao estudo dos músculos reto abdominal e oblíquo externo	Antonia D. P. Bankoff; José Furlani;	UNESP; USP;	SP – Brasil
Comportamento da pressão arterial em repouso e ao esforço em praticantes de corrida no parque Ibirapuera	José E. A. Antunes; Victor K. R. Matsudo; et. al;	COTP	SP – Brasil
Patologia venosa periférica e esporte	Wagner C. Batista; Victor K. R. Matsudo; Gabriel M. Palafox	CELAFISCS	SP – Brasil
Comparações entre o uso de escalas progressivas e lineares	Adilson Osés	UFV	MG - Brasil
Contribuição de um programa de ginástica para a força abdominal de universitários da UFV	Emmi Myotin; Catia M. Volp;	UFV	MG – Brasil
Índice de abandono de programas de condicionamento físico especializado	José A. A. Cortez; José Luiz de França; et. al;	FITCOR	SP – Brasil
Avaliação por contrato: uma alternativa para o ensino de 3° grau	Telmo P. Xavier	UFPEL	RS – Brasil
Tendências atuais da Educação Física no Brasil	Alberto R. R. Filho	UFRS	RS – Brasil
O Educador e a Educação Física: da ingenuidade à revolução	Paulo R. S. Ferreira	UFPE	PE – Brasil
Por uma política de Ciências do Esporte para a Amazônia Ocidental	Alberto S. P. Barbosa	Universidade do Amazonas	AM – Brasil
Consumismo na Educação Física	Francisco M. C. Freitas; Joaquim I. C. Filho; et. al;	Grupo Independente de Pesquisa em Ciências da Atividade Física	RJ – Brasil
Educação Física e o esporte na empresa	Joaquim I. C. Filho; Eneas de Oliveira; et. al;	Grupo Independente de Pesquisa em Ciências da Atividade Física	RJ – Brasil
Programas de iniciação desportiva nas praças de esporte da microrregião de Viçosa	Pedro A. Paiva	UFV	MG – Brasil
Projeto Esporte-lazer	Teresa C. Lopes; Gilda H. Texeira;	Secretaria Municipal de Esporte de São Paulo	SP – Brasil
Atividades recreativas na 3ª idade	Heloisa M. A. Sá	UFV	MG – Brasil
Medidas e avaliação na organização e planejamento das atividades físicas e desportivas	Flávio J. W. de Almeida; Eneas Oliveira; Joaquim I. C. Filho; Francisco M. C.	Grupo Independente de Pesquisa em Ciências da Atividade Física	RJ – Brasil

	Freitas;		
Objetividade e reprodutibilidade da bateria de avaliação postural	Nadia P. Novena; Teresinha D. Isobe; Gabriel H. M. Palafox; Katia C. Lindenhayn;	Faculdade de Educação Física de Santo Amaro; Escola Nacional de Entrenadores;	SP – Brasil; México;
Protótipo de aptidão física de seleções brasileiras de voleibol	Victor K. R. Matsudo; Ricardo E. Rivet; Mônica H. N. Pereira;	CELAFISCS	SP – Brasil
Correlação entre a força pura de grupos musculares de membros superiores, inferiores, abdominais, peso e altura	José Carlos de Oliveira	Academia Corpo & Dança	MG – Brasil
Tempo de reação em praticantes de esportes	Jesus Soares; Luiz A. N. Osorno; Gabriel H. M. Palafox;	COTP; CELAFISCS;	SP – Brasil
O fumo e a capacidade aeróbica	José L. L. Antunez; Paulo R. B. de Mello;	UFPEL	RS – Brasil
Aplicação da estratégia "Z-CELAFISCS" para a determinação do perfil de aptidão física de nadadores juvenis competitivos	Ricardo E. Rivet;	CELAFISCS	SP – Brasil
Correlação entre testes de potência anaeróbica alática	Eneas Oliveira; Flávio J. W. de Almeida; Joaquim I. C. Filho; Francisco M. C. Freitas;	Grupo Independente de Pesquisa em Ciências da Atividade Física	RJ – Brasil
Protótipo de aptidão física da Seleção Brasileira de Basquetebol Feminino	Sueli R. da Silva; Victor K. R. Matsudo; Ricardo E. Rivet; Mônica H. N. Pereira;	CELAFISCS	SP – Brasil
Percentual de gordura corporal em handebolistas	Cândido S. P. Neto	UFSM	RS – Brasil
Somatotipo de tenistas de ambos os sexos	Elenice Fernandes; Silvia C. da Silva;	CELAFISCS	SP - Brasil
Relações entre idade cronológica, comprimento tronco-cefálico, comprimento de membros inferiores e maturação sexual em estudantes femininas de 10 a 19 anos	Raymond V. Hegg; Emédio Bonjardim;	USP	SP – Brasil
Comportamento da gordura abdominal num programa de exercícios predominantemente localizados	Daniela Todesco; Ricardo Rivet;	CELAFISCS	SP – Brasil
Diâmetros e circunferências em escolares de 7 a 18 anos	Antônio J. de Oliveira; Nanci M. de França; M. F. S. Duarte;	CELAFISCS	SP – Brasil
Composição corporal, menarca e fator socioeconômico em escolares	Telma S. S. Natividade; Elizabeth P. C. Caux; Luiz O. C. Rodrigues; Ubirajara L. Cançado;	UFMG	MG – Brasil
Mensuração da espessura de tecido adiposo subcutâneo com ultrassom	Fátima P. de Oliveira; Marco A. V. Kruger;	UFRJ	RJ – Brasil
Efeitos da hiperventilação voluntária sobre a pressão arterial em seres humanos	Luiz O. C. Rodrigues; Ubirajara L. Cançado; Margareth L. Cortez;	UFMG	MG – Brasil
Verificação da efetividade de método	José A. A. Cortez	USP	SP – Brasil

no condicionamento físico de sedentários e coronarianos			
Contribuição de um programa de ginástica na agilidade de universitários da UFV	Emmi Myotin; Catia M. Volp;	UFV	MG – Brasil
Contribuição de um programa de ginástica na resistência de braços de universitários da UFV	Catia M. Volp; Emmi Myotin;	UFV	MG – Brasil
Avaliação de força pura em praticantes de musculação através do teste de carga máxima	José C. Oliveira	Academia Corpo e Dança	MG – Brasil
Comportamento dos níveis séricos de triglicerídeos, colesterol e relação HDL-C/COL-T em meninos de 10 a 13 anos, submetidos a seis meses de treinamento de natação	Eduardo Kokubun; Sérgio M. Zucas; Mário H. Hirata;	USP	SP – Brasil
Considerações especiais no tratamento ginástico para o asmático	Elani S. Neves	Grupo de Estudos em Educação Física de Pelotas	RS – Brasil
Teste intervalado de potência aeróbica	Turíbio L. B. Neto; Ivan C. Piçarro; Antônio C. da Silva;	Escola Paulista de Medicina	SP – Brasil
Evolução do padrão fundamental de movimento correr em crianças de 6 a 8 anos	Genny A. Cavallaro; Ana M. Pellegrini; Osvaldo L. Ferraz; Rita C. Sacay;	USP	SP – Brasil
Fatores determinantes do envolvimento da criança em atividades físicas	Ana M. Pellegrini	USP	SP – Brasil
Atividade física dos participantes do III CBCE	Volmar G. S. Nunes; Paulo R. B. Mello; Telmo P. Xavier;	UFPEL	RS – Brasil
Intercorrências de problemas posturais em crianças de 9 a 12 anos	Teresinha D. Isobe; Gabriel H. M. Palafox; Katia C. Lindenhayn; Nadia P. Novena;	Faculdade de Educação Física de Santo Amaro; Dirección General de Educación Física;	SP – Brasil; México;

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

APÊNDICE F - Artigos originais publicados na RBCE (1979-1986)

Tabela - Artigos originais publicados na RBCE (1979-1986)

Título	Autor	n./v.	Ano
Avaliação da potência: teste de corrida de 40 segundos	Victor K. R. Matsudo	1/1	1979
Personalidade do atleta: uma revisão da literatura	Victor K. R. Matsudo; Sandra M. Cavasini; Sonia Cazelatti.	2/1	1980
Potência anaeróbica alática em indivíduos treinados e não treinados	Jorge Pinto Ribeiro et al.	3/1	1980
Método simples de avaliação psicológica na área das atividades físicas e esportivas	Victor K. R. Matsudo; Sandra M. Cavasini	3/1	1980
Influências do fator socioeconômico no desenvolvimento somático e neuro-motor do pré-escolar	R. C. F de Rose; E. H. de Rose	3/1	1980
Correlação entre medidas antropométricas e força de membros inferiores	Madalena Sessa; Victor K. R. Matsudo; Ana Maria P. A. Tarapanoff	3/1	1980
Comparação de valores de dobras cutâneas em escolares de áreas industriais e regiões litorâneas em desenvolvimento	Madalena Sessa; Victor K. R. Matsudo; Ana Maria P. A. Tarapanoff	3/1	1980
Técnica para análise da estratégia dos 1500 m nado livre	Cláudio Gil de Araújo; Anselmo J. Perez; Victor K. R. Matsudo	3/1	1980
Limiar anaeróbico: uma alternativa no diagnóstico da capacidade para realizar exercícios físicos de longa duração	Jorge Pinto Ribeiro; Eduardo Henrique de Rose	1/2	1980
A frequência cardíaca máxima em nove diferentes protocolos de teste máximo	Cláudio Gil Soares de Araújo; Mauro Antonio Pinto Machado Bastos; Nelson Luiz Siqueira Pinto; Rubens Sampaio Câmara	1/2	1980
Auto conceito e participação em atividades físicas	Sonia Cazelatti; Victor K. R. Matsudo; Sandra Mara Cavasini	1/2	1980
Bateria de testes de aptidão física geral	Victor K. R. Matsudo	1/2	1980
Comparação de valores de dobras cutâneas em escolares de diferentes níveis socioeconômicos	Dartagnan Pinto Guedes	1/2	1980
Telemetria de ECG em corridas de 1500, 3000 e 5000 metros	Maria Beatriz Rocha Ferreira; Valdir José Barbanti; Ana Maria Z. de Camargo; Maia Augusta P. D. Kiss; Mario Carvalho Pini	2/2	1981
Modificação do marca-passo cardíaco após prova de natação	Cláudio Gil Soares de Araújo; Daniel Goldberg Tabak	2/2	1981
Desenvolvimento da força de preensão manual em função da idade, sexo, peso e altura em escolares de 7 a 18 anos	Jesus Soares; Maria Cristina Miguel; Victor K. R. Matsudo	2/2	1981
Biomecânica: análise temporal das fases da marcha	Irocy Guedes Knackfuss; C. M. Carvalho	2/2	1981
Aptidão física geral de gêmeas basquetebolistas	Victor K. R. Matsudo; Carlos Roberto Duarte	2/2	1981
Objetividade e reprodutibilidade do teste sociométrico aplicado em equipes esportivas	Cleuser Maria Campos Osse; Sandra Mara Cavasini; Victor K. R. Matsudo	3/2	1981
Extensão do joelho: comparação da amplitude nas posições deitada e sentada	João Luiz E. Gomes; Luiz Biazús; Luiz Roberto S. Marczyk	3/2	1981
Efeitos do 2-etilamino-3-fenil-norcanfano no desempenho físico de atletas	Carlos Cadena Cisneros; Jorge Quiñonez; Paulo Roberto Lopes; Jorge Pinto Ribeiro; Eduardo Henrique de Rose	3/2	1981
Designs da pesquisa experimental em	Manoel José Gomes Tubino	3/2	1981

educação física			
Estratagema para comparação de performances de nadadores de diferentes especialidades	Cláudio Gil Soares de Araújo	1/3	1981
Biomecânica: determinação do tempo de reação em velocistas	Irocy Guedes Knackfuss; M. C. Cosentino; K. M. Genúncio; J. L. Pastura	1/3	1981
Características de aptidão física em universitários de educação física: um estudo longitudinal	Maria de Fátima da Silva Duarte; Victor K. R. Matsudo	1/3	1981
Escalas progressivas – Construção e utilização	Adilson Osés; Ronaldo Giannichi; Hildegard Krause; Emmi Myotin	2/3	1982
Correlações entre testes de potência anaeróbica	Keila Elizabeth Fontana; D. A. Reis	2/3	1982
Estudo antropométrico – Campeonato Sul Americano Juvenil de Atletismo – São Paulo 1978	Raymond Victor Hegg; Alberto Carlos Amadio; Renata Elza Stark, Antonio Carlos Mansoldo; Kenji Kida; Luiz Geraldo Pontes Teixeira; Sergio Amauri Barros; Flávia da Cunha Bastos	2/3	1982
Reflexões sobre os estilos de ensino revelados por alunos-mestres durante as atividades de estágio supervisionado	Alfredo Gomes de Faria Junior	3/3	1982
O estudo somatotipológico dos atletas da modalidade de atletismo de Santa Catarina	Edio Luiz Petroski; Airody Pinheiro dos Santos; Ademir Tadeu Cardoso; Marcilio Alves	3/3	1982
Estudo da correlação entre o somatotipo e variáveis de performance física em escolares	Dartagnan Pinto Guedes	3/3	1982
Desenvolvimento da capacidade aeróbica em treinamento contínuo e intervalado	Vilmar Baldissera	3/3	1982
Determinação da sensação subjetiva de esforço em esportistas em diferentes grupos de idade de ambos os sexos[1]	Cleuser Maria Campos Osse; Sandra Mara Cavasini; Victor K. R. Matsudo	1/4	1982
Aptidão física de remadores brasileiros	Édio Luiz Petroski; Maria de Fátima da Silva Duarte	2/4	1983
Influência da atividade física sobre os níveis séricos e na excreção renal da ureia e ácido úrico	Mário Hiroyuki Hirata; Alexandre La Rocca Rossi; Sérgio Miguel Zucas; Antonio Boaventura da Silva	2/4	1983
Relação entre velocidade de corrida de abordagem e desempenho no salto em distância	Nélio Alfano Moura; Olga de Castro Mendes	3/4	1983
Comparação do vo2máx através de metodologias de avaliação direta e indireta em esteira rolante e pista	Keila E. Fontana	3/4	1983
Idade da menarca em diferentes níveis de competição no basquetebol	Sílvia Corazza da Silva Benito; Olga de Castro Mendes e Victor K. R. Matsudo	3/4	1983
Índices de flexibilidade de colegiais, obtidos de exercícios específicos em espaldar sueco e a mãos livres, pelo método estático	Adalberto Rigueira Viana	2/5	1984
Estudo comparativo da gordura subcutânea em escolares de diferentes estados brasileiros	Dartagnan Pinto Guedes;	2/5	1984
Desenvolvimento da força muscular de membros superiores em escolares de 7 a 18 anos	Nanci Maria França; Jesus Soares; Victor K. R. Matsudo	2/5	1984
Respostas respiratórias e circulatórias a diferentes níveis de tensão muscular	Luiz Oswald Carneiro Rodrigues Lor; Emerson Silami Garcia; Nilo Resende Viana Lima	3/5	1984

[1] Classificação realizada pelo autor.

Perfil de jogadoras de handebol de alto nível	Isabel Montandon Soares; Luiz Oswald Carneiro Rodrigues Lor; Emerson Silami Garcia; Nilo Resende Viana Lima; Ana Maria Chagas Sette Camara; Sandra Maria Pereira	3/5	1984
Eletromiografia de exercícios abdominais: um estudo piloto	Antônio Carlos Stringhini Guimarães; Luiz Antonio Barcellos Crescente	1/6	1984
Capacidade e habilidades intelectuais solicitadas nas provas escritas das disciplinas técnicas do curso de licenciatura em Educação Física e técnico em desportos da UFPE, segundo a taxionomia de Bloom e colaboradores	Celi Neuza Zülke Taffarel	1/6	1984
Efeito de dois programas de atividade física sobre a aptidão física geral de escolares	Carlos Roberto Duarte	1/6	1984
Estudo do efeito da cafeína em diferentes níveis de exercício	Ulisses de Paula Filho; Luiz Oswaldo C. Rodrigues	2/6	1985
Atitudes dos idosos através da atividade física: uma comparação entre culturas	Heloisa Maria de Amorim Sá; Kennet Mobily	2/6	1985
Avaliação formativa de habilidades desportivas para o basquetebol no contexto da formação do professor de educação física	Cláudio Hiroyoshi Miyagima	2/6	1985
Correlações entre três testes de flexibilidade e cinco medidas antropométricas em acadêmicos de educação física	Adalberto Rigueira Viana; Ronaldo Sérgio Giannichi; Walério Araújo de Melo	3/6	1985
Tentativa de validação de equações para predição dos valores de densidade corporal com base nas espessuras de dobras cutâneas em universitários	Dartagnan Pinto Guedes; Renan Maximiliano Fernandes Sampedro	3/6	1985
Esporte e personalidade: temos que renunciar a nossa tão antiga convicção?	Dietmar Kleine	3/6	1985
Diagnóstico do funcionamento da prática da educação física de 1ª a 4ª série do 1º grau, em escolas da rede oficial de ensino, da zona urbana de Maringá – PR	Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira	3/6	1985

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor.

APÊNDICE G - Tabela – “Notáveis” mencionados na seção “CBCE em notícias” (1979-1986)

Tabela – “Notáveis” mencionados na seção “CBCE em notícias” (1979-1986)

Nome	**Número de citações**	**Origem**
Alfredo Correira Soeiro	1	Brasil
Sandra Mara Cavasini	2	Brasil
Claudio Gil Soares	10	Brasil
Victor K. R. Matsudo	10	Brasil
João Paulo S. Medina	1	Brasil
Eduardo Henrique de Rose	6	Brasil
Sandra Maria Perez	1	Brasil
Sandra Caldeira	1	Brasil
Marco Antonio Vívolo	1	Brasil
Osmar P. S. de Oliveira	6	Brasil
Mario Carvalho Pini	7	Brasil
Robert Malina	2	EUA
Donald Bailey	1	EUA
Lawrence Rarick	2	EUA
Briant Cratty	2	EUA
James Garrick	1	EUA
Miguel Angel Rivera	1	EUA
Roberto de Carvalho Pavel	4	Brasil
Alexandre Mauro Frota Merheb	1	Brasil
Manoel José Gomes Tubino	2	Brasil
Alfredo Antonio Fernandes	1	Brasil
Vera Lúcia Costa Ferreira	1	Brasil
Maurício França Morand	1	Brasil
Rafael Costa Marques	1	Brasil
Newton Camargo Cunha	2	Brasil
Nelson Luiz Siqueira Pinto	1	Brasil
Vera Lúcia Costa Ferreira	1	Brasil
José Carlos Machado	1	Brasil
Anselmo José Perez	1	Brasil
José Luiz Emerin	1	Brasil
Laércio Elias Pereira	1	Brasil
W. D. Ross	1	Brasil
J. E. L. Carter	1	EUA
J. Parisková	1	Tcheco-eslováquia
J. Borms	1	Bélgica
E. Duquet	1	Bélgica
G. Beuneu	1	Bélgica
J. Vanden-Abeele	1	Canadá
J. P. Courrier	1	Canadá
Lindsay Carter	1	EUA
Benjamin H. Massey	1	EUA
Richard Boileau	1	EUA
Erich Schneider	1	Suíça
Jesus Soares	1	Brasil
Agenor Ribeiro Neto	1	Brasil
William Perez Lemos	1	Brasil
Cesar Pereira Soares de Oliveira	1	Brasil
Dwight Santiago	1	Porto Rico
Oscar Leon	1	Cuba
Andrew Pipe	1	Canadá
Nestor Lentini	1	Argentina
David Lamb	2	EUA
James Skinner	1	EUA

General Cesar Montagna de Souza	1	Brasil
Coronel José Maria Covas Pereira	1	Brasil
Galo Narvaes Peres	1	Argentina
José Goldemberg	1	Brasil
Reginaldo R. de Pontes	1	Brasil
Charles Tinton	1	EUA
Sergio Guide	1	Brasil
Renato Bastos Pereira	1	Brasil
Mário Vasquez Raña	1	México
Elizabeth Pigatto	1	Brasil
Luiz dos Santos	1	Brasil
Paulo Sérgio Chagas Gomes	1	Brasil
Sônia Cavalcanti Corrêa	1	Brasil
Helder Guerra de Resende	1	Brasil
João Luiz Gomes	1	Brasil
Tânia Araújo Jorge	1	Brasil
Alfredo Gomes Faria Júnior	1	Brasil
Cláudio José Struchiner	1	Brasil
Antonio Montemor	1	Brasil
Denise Sardinha	1	Brasil
Regina De Rose	1	Brasil
Lilian Montemor	1	Brasil
J. Karlsson	1	Suécia
O. Bar-Or	1	Israel
P. Cerreteli	1	Itália
W. Hollmann	1	Alemanha
H. Knuttgen	1	EUA
P. Koni	1	Finlândia
J. Poortmans	1	Bélgica
J. Sutton	1	Canadá

Fonte: levantamento efetuado pelo próprio autor.

APÊNDICE H - Artigos publicados na Stadium (1979-1986)

Tabela - Artigos publicados na Stadium (1979-1986)

Título	Autor	NN.	aAno
Del salto en largo con un solo paso al salto con tijera de dos pasos y medio	Helmut Klimmer	73	1979
El bloqueo	Joseph Kozak	73	1979
El contraataque (conclusión)	Manuel Sainz Márquez	73	1979
Touch rugby	Tony Butlin	73	1979
Terminología y nuevas orientaciones sobre el tema de la resistencia	Jorge de Hegedus	73	1979
Ejercicios para desarrollar la potencia de las piernas en los atletas escolares	Günter Fritzsche	73	1979
Sugerencias para la construcción de pistas atléticas	Guillermo Caamaño	73	1979
El atleta biônico	D. Brodis y W. Parish	74	1979
Entrenamiento del rugby, métodos y técnicas (primera parte)	Malcolm Lewis	74	1979
Defensa zonal por pressing	A. Gomelsky	74	1979
Conceptos básicos de la carrera de velocidad	Jess Jarver	74	1979
Búsqueda y capacitación de talentos	M. Matto	74	1979
La motivación en el aprendizaje	Pierre Pesquie	74	1979
Análisis del voleibol desde un punto de vista físico (primera parte)	Ricardo Vargas	74	1979
Las modificaciones enzimáticas y el entrenamiento para la resistencia	G. Benzi, E. Arrigoni y E. Merlatti	74	1979
La estructura del entrenamiento en básquetbol	Emil Valensky	74	1979
Pliometria	Fred Wilt	75	1979
Entrenamiento del lanzamiento de la jabalina en Finlandia	Lauri Immonen	75	1979
La pedagogía desde el punto de vista del cuerpo	Josianne Jeannot	75	1979
Ataque contra zona (primera parte)	Lou Carneseca	75	1979
Entrenamiento para las carreras de mediofondo y fondo	Arthur Lydiard	75	1979
Entrenamiento del rugby: métodos y técnicas (conclusión)	Malcolm Lewis	75	1979
Ataque contra zona (primera parte)	Lou Carneseca	76	1979
La fatiga rápida dentro del problema de la supercompensacion	Jorge de Hegedus	76	1979
El entrenamiento del garrochista Tadeusz Slusarski	D. Gabriels y A. Krzesinskl	76	1979
Definir los objetivos de la educación física	J. Marsenach	76	1979
El niño en el agua: comportamiento pedagógico	Raymond Catteau y colaboradores.	76	1979
Aplicación de mediciones de laboratorio al entrenamiento	J. Humphreys	76	1979
Cómo aprender el “fosbury flop” en siete sesiones (primera parte)	B. Stimbre	76	1979
Desventajas de la partida escalonada	J. Young	76	1979
Destrezas posicionales: el pilar	autores varios	77	1979
Evaluación de las pistas sintéticas de atletismo	Ken Steward	77	1979
La adaptación y el entrenamiento deportivo	Jorge de Hegedus	77	1979
Como aprender el "fosbury flop" en siete sesiones (conclusión)	B. Stimbre	77	1979
La ración de espera: una práctica a divulgar	José Estruch Battle	77	1979
El problema del ritmo en la gimnasia masculina sin aparatos	Henri Lamour	77	1979
Juego continuo	Antonio Díaz Miguel	77	1979
Experiencias motoras con los más chiquitos	Ana María Stein	77	1979
Carreras con vallas: tiempos parciales de pasajes	Brent Mc Farlane	77	1979
A propósito de las criticas de orden psicológico que se hacen al deporte	Michel Bouet	77	1979
Educación mediante el movimiento: ejercicios con aros	Simone Sorin	78	1979
Críticas al entrenamiento de los velocistas	B. Tabatschnikov	78	1979
Pasar y jugar. Juego libre controlado	Antonio Díaz Miguel	78	1979
Nuevos aspectos de la periodización	Peter Tschiene	78	1979
La cantidad y calidad de ejercitación recomendada para el desarrollo y mantenimiento de la aptitud física en adultos sanos	Asociación Americana de Medicina Deportiva de	78	1979

	U.S.A.		
Destrezas posicionales: el hooker	autores varios	78	1979
Evolución del deporte. Evolución de la educación	Maurice Lagisquet	78	1979
Observaciones sobre el entrenamiento de corredores de 800 metros	Olav Karikosk	78	1979
Análisis del voleibol desde un punto de vista físico (segunda parte)	Ricardo Vargas	78	1979
Biorritmo y rendimiento en carrera	D.E. Martín, B.J. Garcha y J.L. Elliot	78	1979
¿Es conveniente bañarse durante el periodo de la digestión?	Georges Lartigue	79	1980
Resistencia aeróbica: su clasificación y desarrollo	Dietrich Harre	79	1980
Lanzamientos indexados	Joachim R. Wehuge	79	1980
A propósito de la creatividad	Claude Vareilhes	79	1980
Exigencias y orientaciones modernas para los jóvenes voleibolistas	M. Stoyanov y V. Gospodinov	79	1980
El trabajo aeróbico a nivel escolar	François Nief	79	1980
La movilidad: una propiedad motora básica	Milton Cofré	79	1980
Eutonia[2] y educación física y deportiva	René Bertrand	79	1980
Adaptación bioquímica al esfuerzo físico en el deporte	J. Afar y colaboradores	79	1980
¿Es la carrera una destreza?	Peter Radford	79	1980
Juego continuo: saltar y cambiar	Antonio Díaz Miguel	79	1980
Destrezas posicionales: el lock	autores varios	80	1980
El entrenamiento en la edad infantil	Fernando Rodríguez Facal	80	1980
Lanzamiento de la bala: modificaciones a la técnica o'brien	Merv Kemp	80	1980
Los procesos emocionales en el deporte	Elio Chávez	80	1980
Desplazamientos y detenciones	Francisco de la Torre	80	1980
clasificación de los ejercicios	Jorge de Hegedus	80	1980
Problemas actuales del entrenamiento	Daniel Mouchet	80	1980
Estimación de la coordinación dinámica general y visomotora: ejercicios con aros	Simone Sorin	80	1980
Las relaciones entre el árbitro y el entrenador de básquetbol	Artenik Arabadjan	80	1980
Iniciación y desarrollo de los jóvenes fondistas	A. Lagosha	80	1980
El contenido de la enseñanza gimnástica (primera parte)	Maurice Lagisquet	80	1980
La carrera de 110 metros con vallas	V. Breiser	81	1980
Entrenamiento de alto nivel: bases teóricas y prácticas, (primera parte)	J. P. Fain y H. Helal	81	1980
Crioterapia en las lesiones del deporte	W.C. Mac Master	81	1980
Incidencia del pique sobre el pie de impulso en la técnica "flop"	H. Krahl y K. Knebel	81	1980
Desarrollo del sentido de la distancia en los esgrimistas	J. A. Díaz Rey	81	1980
Recepción del saque	J. A. Santos	81	1980
Enfoque critico de la evaluación en la educación física y deportiva	C. Bar, A. Lofi y J. Van Hoecke	81	1980
Destrezas posicionales: el flanker	autores varios	81	1980
El contenido de la enseñanza gimnástica (conclusión)	Maurice Lagisquet	81	1980
Una posición de partida optima	Valery Borsov	81	1980
Laboratorios de danza: ¨vida o ilusión de vida?	Danielle Mazon	81	1980
Las rotaciones corporales: testes de desarrollo motor	J. Falize, B. Marechal y J. Mottard	82	1980
Entrenamiento de alto nivel en remo: bases teóricas y prácticas (conclusión)	J. P. Fain y H. Helal	82	1980
Ajuste corporal (primera parte)	Michel Dubois	82	1980
Aportes al planteamiento y control del entrenamiento en natación (primera parte)	Juan Carlos Bird	82	1980
Destrezas posicionales: el numero 8	-	82	1980

[2] Eutonia é uma prática corporal criada e desenvolvida por Gerda Alexander na Alemanha. A palavra eutonia significa tensão em equilíbrio (do grego eu: bom, harmonioso e do latim tônus: tensão). Consiste no uso da atenção às sensações promovendo a ampliação da percepção e da consciência corporal.

Participación de atletas femeninas en carreras de larga distancia	Colegio de Medicina Deportiva de los Estados Unidos	82	1980
Ejercicios para el perfeccionamiento de los pases de mano baja	Diego Callejón	82	1980
Los principios de entrenamiento	Jorge de Hegedus	82	1980
La partida en la carrera de velocidad	A. Alize y W. Balestro	83	1980
Observación y análisis del juego de alto nivel	J. Buchel y S. Bontous	83	1980
Momentos y fundamentos de la iniciación deportiva	Raúl Gómez	83	1980
Tiro al cesto: automatismo y variabilidad	Errais y A. Weiss	83	1980
Ajuste postural e impulso (conclusión)	Michel Dubois	83	1980
Movilidad algunas técnicas y procedimientos metodológicos para su desarrollo	Milton Cofré	83	1980
Aportes al planteamiento y control del entrenamiento en natación (conclusión)	Juan Carlos Bird	83	1980
Tratamiento del asmático por la actividad deportiva	Adolfo Mogilevsky	84	1980
Lanzamiento de la jabalina	Kelvin Giles	84	1980
La preparación física como medio del sistema de entrenamiento de los basquetbolistas de alto nivel	Carmelo Ortega	84	1980
Progresión metodologiíta para la enseñanza de las planchas	Diego Callejón	84	1980
El entrenamiento técnico: sus distintos procesos	Jorge de Hegedus	84	1980
Los factores de habilidad física y el aprendizaje motor	G. Sanhueza y colab.	84	1980
Destrezas posicionales: el scrum-half	autores vários	84	1980
Las rutinas en natación sincronizada	Eduardo Alonso	84	1980
¿Cómo debe ser el decatleta?	I. Dubagrayev	84	1980
El saque en voleibol	U. D. Zheleznyak	85	1981
El entrenamiento táctico	Jorge de Hegedus	85	1981
Destrezas posicionales: el fly-half (medio apertura)	autores varios	85	1981
La salud como objetivo de la "ciencia de las actividades físicas"	Alberto Langlade	85	1981
El obstaculista moderno	Eric Wiger	85	1981
Los jóvenes atletas tienen problemas	F. Suslov	85	1981
Entrenamiento físico especial para basquetbolistas altos	V. Kondrashin y V. Koryagin	85	1981
La educación física en el jardín de infantes	Marie-Odette Dejaeger	85	1981
El globo de goma (primera parte)	Simone Sorin	86	1981
Nuevos análisis de la carrera de los 200 metros llanos	H. Rakhmanov	86	1981
La organización de los sistemas de movimiento en el deporte	Felipe Nievas	86	1981
El régimen disociado escandinavo	José Estruch Battle	86	1981
Planificación del entrenamiento (primera parte)	Eddy Van Praagh	86	1981
Ejercicios para el entrenamiento del remate y combinaciones de ataque	Diego Callejón	86	1981
Destrezas posicionales: el centro	-	86	1981
Zona 1-3-1 Kentucky: ataque	Joe Hall	86	1981
El aprendizaje por discusión	Mariano Giraldes	86	1981
Medición de la resistencia muscular en la cintura escapular y miembros superiores	Osvaldo Menéndez	87	1981
Ejercicios para enseñar el pase por encima de la cabeza	L.N. Stupsky	87	1981
Análisis de las carreras con vallas altas	Brent Mc Farlane	87	1981
Destrezas posicionales: el fullback	autores vários	87	1981
La alimentación y las performances deportivas prolongadas	Freddy Pirnay	87	1981
Planificación del entrenamiento (conclusión)	Eddy Van Praagh	87	1981
Pruebas para detectar posibles talentos	Jess Jarver	87	1981
El globo de goma (conclusión)	Simone Sorin	87	1981
Invento de normalización de un test de recuperación del equilibrio	Jean Lumay	88	1981
Salto con garrocha: los factores que determinan la performance	Claude Larcher	88	1981
Destrezas posicionales: el wing tres cuartos	autores vários	88	1981
Entrenamiento y competencia de los niños	M. Acel y J. Vavra	88	1981
Planificación del entrenamiento (primera parte)	Jorge de Hegedus	88	1981

La preparación de los futbolistas jóvenes	Arpad Csanadi	88	1981
El bloqueo efectivo	Todor Simov	88	1981
Principios para el desarrollo de la potencia	Juri Werchoshanski	89	1981
Coeficientes de ritmo	I. Bezfamilnyi	89	1981
Cibernética y educación física	Rodolfo F. Arisnavarreta	89	1981
Lanzamiento de la bala: ejercicios específicos	Jimmy Pedemonte	89	1981
recuperación del entrenamiento perdido	Arpad Csanadi	89	1981
Enseñanza de la partida	A. D. Ionov	89	1981
¿Qué es la gimnasia formativa?	Mariano Giraldes	89	1981
Acerca de la maratón	W. Weba	89	1981
Planificación del entrenamiento (segunda parte)	Jorge de Hegedus	89	1981
La frecuencia competitiva	Dietrich Harre	89	1981
Ruck, si es detenido	Dave Rollit	89	1981
La destreza	A. Z. Puni	89	1981
Voleibol para principiantes	André Bevon	90	1981
La forma de correcta de ejecutar los ejercicios abdominales	T. Gillian y R. Roy	90	1981
La motivación y la relajación con el entorno en la educación psicomotriz	P. Vaver y J. Barrat	90	1981
El pique en el salto con garrocha	Gerd Weisspfenning	90	1981
Proceso de aprendizaje en el tratamiento kinesico y deportivo del asmático	Alberto Osete	90	1981
Iniciación a la carrera con obstáculos	Armando Alvarez	90	1981
Las deformaciones del deporte y la responsabilidad de los periodistas	autores varios	90	1981
Particularidades fisiológicas de la organización y la realización de los entrenamientos gimnásticos con niños de 10-12 años y de 13-16 años de edad	S. A. Alekperov y colab.	90	1981
Jabalinas más livianas para las jovencitas	Z. Sinitski	90	1981
Planificación del entrenamiento (tercera parte)	Jorge de Hegedus	90	1981
Salto en largo. La técnica natural	K. Hempel y H.Klimmer	90	1981
Planificación del entrenamiento (conclusión)	Jorge de Hegedus	91	1982
Rehabilitación de la función muscular después de lesiones del deporte	E. Eriksson	91	1982
La perdida de forma	Arpad Csanadi	91	1982
Evaluación de las características de crecimiento y aptitud física de escolares en la provincia de buenos aires	R. Gómez, A. Guevara, F. Benítez y D. Peralta	91	1982
Como desarrollar la capacidad para el salto	V. Petrov	91	1982
Código de seguridad para el lanzamiento de la jabalina	Wilf Paish	91	1982
¿Hay una nueva técnica en el salto triple?	Mihai Zissu	91	1982
Para enriquecer la motricidad	Michel Brault	91	1982
Una nueva consideración sobre el juego de backs	C. R. Mc Lean	91	1982
Gimnasia voluntaria: para un nuevo arte de vivir	Nicole Dechavanne	91	1982
La coeducación en los deportes colectivos	R. Engel	92	1982
Triple test: evaluación practica para la escuela primaria	J. Díaz Otañez	92	1982
Entrenamiento conjunto de jugadores jóvenes y adultos	Arpad Csanadi	92	1982
Una pista ascendente y descendente	N. Smirnov	92	1982
Profesor, ¿cuándo jugamos?	Mariano Giraldes	92	1982
La elección de la garrocha	H. Czingon	92	1982
Pensamiento sobre el pase	French	92	1982
Ejercicios específicos para la partida	Brent Mc Farlane	92	1982
Seleccionando futuros jugadores	V. Popovskii	92	1982
Escuelas deportivas. Política de desarrollo a nivel municipal	F. Lasunción	92	1982
El problema del alto rendimiento en la relación a la edad	Jorge de Hegedus	92	1982
Entrenando en el calor	J. Blinkie	92	1982
Penta-test. Evaluación practica para la escuela secundaria	J. Díaz Otañez	93	1982
La velocidad en las carreras de resistencia	Harry Wilson	93	1982
Aprendamos voleibol jugando	M. Giraldes y O. Celia	93	1982
El ritmo del movimiento: estructuración dinamicotemporal	Kurt Meinel	93	1982

(primera parte)			
Deporte y tercera edad	Elkin Martínez López	93	1982
Defensa combinada cambiante	Ricardo Crosta	93	1982
Competencias deportivas para niños	Antonio Alcázar	93	1982
Decálogo de las competencias deportivas infantiles	NA	93	1982
La carrera y su patología desde el punto de vista del entrenador	José M. Ballesteros	93	1982
pedagogía por el movimiento y adquisición de nociones espaciales	H. Lechevestrier	93	1982
Elementos comunes en la enseñanza de los lanzamientos atléticos	Merv Kemp	94	1982
El ritmo del movimiento (conclusión)	Kurt Meinel	94	1982
Los relojes biológicos difieren	Rainer Martens	94	1982
El desarrollo de la forma deportiva	Arístides Lanier	94	1982
Performances modelos para corredores de fondo	R. Travin Y colab.	94	1982
El desarrollo técnico en el entrenamiento básico	W. Lohman y B. Hecker	94	1982
Los ejercicios prohibidos	Mariano Giraldes	94	1982
Informaciones recientes sobre el "corazón de atleta"	F. Peronnet	95	1982
La promoción de la profesión	José A. Rodriguez	95	1982
Modelos técnicos básicos	Frank Dick	95	1982
Un ciclo para alumnos de sexto y séptimo grados	Jean Blache	95	1982
El mejor momento del atleta	Peter Tegan	95	1982
Las combinaciones del ataque	Justo Morales	95	1982
Uso y abuso de esteroides en el deporte	Colegio de Medicina Deportiva de los Estados Unidos	95	1982
Uso del bacón y administración del juego	Ricardo Crosta	95	1982
Los 100 metros con vallas	Jim Moody	95	1982
Atletismo en la escuela primaria	Alfredo Zanatta	95	1982
El desarrollo de la visión periférica	Arpad Csanadi	96	1982
Nosotros los viejos	Adolfo Mogilevsky	96	1982
El aprendizaje motor del niño en el jardín de infantes. Desarrollo de la habilidad motora	Jorge R. Gómez	96	1982
Salto en longitud: la carrera de aproximación	V. Popov	96	1982
Hacia un juego de gigantes o de vuelta al voleibol	Franta Stibitz	96	1982
El genio, ¿nace o se hace?	Joaquín Ribas	96	1982
¿Cómo formular objetivos operativos en educación física?	Pablo Vain	96	1982
En torno a la educación por el movimiento	José María Cagigal	96	1982
Algunos problemas de la iniciación juvenil en las carreras con vallas	Roberto Bedini	97	1983
Comparación de la fuerza general entre alumnos de ambos sexos y diferentes edades	J. Díaz Otañez	97	1983
Los sistemas de defensa en voleibol	Mitko Dimitrov	97	1983
¿Taxonomía de los objetivos de la educación física?	Pablo Vain	97	1983
Particularidades de los periodos de entrenamiento deportivo	Augusto Lanier	97	1983
Detección de talentos femeninos para velocidad	N. Sultanov	97	1983
El toque de bacón en fútbol: formas didácticas para el aprendizaje eficaz	Pablo M. Juventeny	97	1983
¿Hacia una deontología del entrenador deportivo?	Andrés Gisbert	97	1983
Un sistema de entrenamiento para jóvenes atletas	Roman Oiszewski	97	1983
Elección de un método en educación física: las situaciones problema	Domingo Blázquez Sánchez	97	1983
El concepto de aprendizaje motor	Kurt Meinel	97	1983
El bloqueo escalonado ("switching block")	Enrique Pisani	98	1983
Entrenamiento especifico para la fuerza rápida	Juri Werchoshanski	98	1983
Sistemas energéticos y rendimientos	Jorge de Hegedus	98	1983
¿Perjudica el levantamiento de pesas al deportista prepuber?	Gary Legwold	98	1983
Introducción a la psicología del entrenamiento de la competencia	Dielmar Samulski	98	1983
La educación física en preescolar: una didáctica aplicada	Domingo Blázquez Sánchez	98	1983
La practica táctica con pocos balones y muchos jugadores	Arpad Csanadi	98	1983

Evolución de las conductas motrices en la primera y segunda infancia (primera parte)	B. Rada de Rey y M. González	98	1983
Principios del entrenamiento para atletas de elite	Juri Werchoshanski	99	1983
El rol social del técnico deportivo	Fernando Rodríguez Facal	99	1983
La investigación en educación física. El análisis del contenido como metodología especifica	Emilio Ortega Gómez	99	1983
El uso de las vallas en la enseñanza del fútbol	Pablo M. Juventeny	99	1983
Características del buen velocista	H. Kunz y A. Kaumann	99	1983
Supercompensacion y rendimiento	Jorge de Hegedus	99	1983
La participación en los deportes y el desequilibrio psicológico	Samuel Johnson	99	1983
Test de singer para jugadores de handbal	Dielmar Samulski	99	1983
Lanzamiento rotativo de la bala	K. Kerssenbrock	99	1983
Evolución de las conductas motrices en la primera y segunda infancia (conclusión)	B. Rada de Rey y M. González	99	1983
Concepto y desarrollo de la defensa de campo	Enrique Pisani	100	1983
Hacia una ciencia del deporte	Gianfranco Carabelli	100	1983
La mejor época de aprendizaje de la infancia (de 9 a 12 años)	Kurt Meinel	100	1983
Natación: ¿Cómo debe ser la voz del profesor?	Pablo M. Juventeny	100	1983
Normas para los lanzadores de disco	Ivan Pinteric	100	1983
El fútbol de nuestros días	José D'Amico	100	1983
El entrenamiento de la resistencia aeróbica en la clase de gimnasia formativa	Mariano Giraldes	100	1983
Deontología del educador físico-deportivo	José López Pérez	100	1983
Métodos de entrenamiento para los 800 metros	Olav Karikosk	100	1983
Estudios sobre el sprint	E. Andris G. Arzumanov y M. Godik	100	1983
La capacidad de reserva del hombre y la "antropomaximologia"	V. Kuznetsov	100	1983
Hacia una política deportiva nacional	E. F. Eleusippi y Fernando Rodríguez Facal	101	1983
El entrenamiento técnico	Arpad Csanadi	101	1983
La selección de garrochistas	Y. Volkov	101	1983
Recomendaciones a la dieta alimenticia de los atletas	José Estruch Battle	101	1983
El preescolar y sus características en el agua	G. Roman y R. Rueda	101	1983
Aprendiendo a impulsar la bala	Günther Stolz	101	1983
Desarrollo de un talento potencial para la velocidad	Wolfgang Thiele	101	1983
Expresión corporal: sus corrientes... Sus cultores	J. Blouing	101	1983
Uso de elementos auxiliares en la educación física	Sección Investigaci¢n de la Escuela Detiva Brafa	101	1983
Los juegos educativos en el ciclismo	Daniel Clement	101	1983
El papel de las competencias dentro del plan de entrenamiento	Arístides Lanier	101	1983
El déficit aeróbico del gimnasta	Alberto Moro	102	1983
Entrenamiento en circuito para niños de hasta 13 años	Guy Guezille	102	1983
Una forma de voleibol adaptada para niños de 9 a 12 años	Horst Baacke	102	1983
Test para el lanzamiento de la jabalina	Didier Poppa	102	1983
El deporte de mañana	Pierre Seurin	102	1983
Análisis psicológico del fracaso en el rendimiento deportivo	Henning Allner	102	1983
Salto con garrocha: la carrera de aproximación	A. Malutin	102	1983
Acción de la sobrecarga deportiva sobre el aparato locomotor del niño y el adolescente	Ramón Balius	102	1983
Deportes de conjunto. Nuevos enfoques para su entrenamiento	Jorge de Hegedus	103	1984
La fase del proceso de aprendizaje	K. Meinel y G. Schnabel	103	1984
La formación de dirigentes deportivos	Fernando Rodríguez Facal	103	1984
Características mecánicas de la fase de pique-despliegue en el salto triple	Mihai Zissu	103	1984
Sobre el entrenamiento físico intenso en los niños y los adolescentes	André Delmas	103	1984
Atletismo de iniciación	Alfredo Zanatta	103	1984
Medicina física en la patología del atleta	J. González Iturri	103	1984

Los lanzamientos atléticos. Entrenamiento previo al periodo especial	Roberto Piga	103	1984
Aspectos rituales de las carreras de larga duración en diferentes culturas y épocas (primera parte)	K. Jung y U. Bruns	103	1984
La enseñanza de las técnicas	Hermann Rieder	103	1984
Sugerencias en torno a las concentraciones	José D'Amico	103	1984
Factores del rendimiento en salto en largo	Gerd Osemberg	104	1984
Deporte escolar y creatividad	Jean Tillit	104	1984
La feminización del deporte: ¿ética deportiva o ética social?	Jean-Paul Clement	104	1984
Consideraciones sobre la entrada en calor	José D'Amico	104	1984
Pesas vs. Maquinas	A. Weltman y B. Stanford	104	1984
La herencia y sus leyes	Anna P. Bianchi	104	1984
La utilización de implementos livianos en los lanzamientos atléticos	R. Piga y R. Recchia	104	1984
Aspectos rituales de las carreras de larga duración en diferentes culturas y épocas (segunda parte)	K. Jung y U. Bruns	104	1984
Ejercicios para el perfeccionamiento de la táctica del pase	Y. Kleschov, V. Tiurin y Y. Furaev	104	1984
Test deportivo-motores para la medición del rendimiento en fútbol	August Neumaier	104	1984
Los progresos de la informática internacional del deporte	Ernesto Rogg	104	1984
El bacón ovalado, balance de una experiencia	Equipo de CPD-CPC-ESEP del TARN	105	1984
Entrenamiento de la carrera de niños y jóvenes	Raymond Chanon	105	1984
La competición en fútbol como medio de enseñanza	Pablo M. Juventeny	105	1984
Aspectos rituales de las carreras de larga duración en diferentes culturas y épocas (conclusión)	K. Jung y U. Bruns	105	1984
Objetivos para el voleibol	J. Ch. Badin	105	1984
La formación técnico-táctica en los juegos deportivos (primera parte)	Irmgard Konzag	105	1984
Aspectos psicológicos de la forma deportiva	O. L. Mendivia y F. García Ucha	105	1984
Entrenamiento o daño por esfuerzo excesivo	John Humphreys	105	1984
Estructura del paso en las carreras de 100 metros llanos	M. Letzelter y P. Mommert	106	1984
Once preguntas a Liliane Lurcat	Revista "Education Physique et St"	106	1984
El pasador	G. Herrera, J. Morales y P. Gutiérrez Véliz	106	1984
Objetivos institucionales y direccionales de una institución de tiempo libre	J. Bird E. Attié, O. Aversa, A. García López y equipo docente	106	1984
El fútbol: juego de equilibrio entre defensa, media y ataque	Pablo M. Juventeny	106	1984
El control del movimiento	Antonio Arrigo	106	1984
Diferencias de suministro de energía en las carreras de 10.000 metros y maratón	Wolfgang Klemm	106	1984
Hacia una didáctica específica para las clases de mantenimiento físico	F. Lasunción	106	1984
La formación técnico-táctica en los juegos deportivos (conclusión)	Irmgard Konzag	107	1984
La selección de los jóvenes lanzadores	G. Ruderman y A. Komarova	107	1984
Los problemas de entrenamiento en los deportes de fuerza para niños y muchachos	Renato Carnevali	107	1984
Trabajo de flexibilidad y fuerza para adultos	Jordí Roselló	107	1984
Juego de resistencia	Michel Bruneau	107	1984
El espectáculo deportivo. Incidencia del público sobre el rendimiento	R. Thomas	107	1984
Los corredores jóvenes evitan especializarse	Otto Arena	107	1984

Principios del entrenamiento	Bob Fowler	107	1984
El atleta y sus padres. Factores genéticos y rendimiento deportivo	Vassilis Klissouras	107	1984
Los 85 años del lanzamiento del disco	Manfred Grieser	108	1984
Stretching	J. P. Moreau	108	1984
Juegos de equipo: de 6 a 12 años (primera parte)	C. Bardon	108	1984
Potencia de salto para los deportistas jóvenes	S. Mekhonoshin	108	1984
Salto en largo: aspectos especiales	G. Schmidt	108	1984
Observación del equipo adversario	T. O. López y colab.	108	1984
El psicólogo y los grupos deportivos	M. Levesque	108	1984
Factores genéticos y rendimiento deportivo (primera parte)	Vassilis Klissouras	108	1984
El arte de jugar. Entrevista a P. Villepreux	M. Gulinelli y C. Morino	109	1985
Juegos de equipo de 6 a 12 años (segunda parte)	C. Bardon	109	1985
Capacidades motoras generales y especificas	T. Battinelli	109	1985
Diagnosis de la cualidad fuerza en el lanzamiento de la bala	H. y M. Letzelter	109	1985
El desarrollo de la creatividad en la educación física infantil	Pablo Vain	109	1985
¿Qué está pasando en el salto con garrocha?	V. Jagodin	110	1985
Sobre que supuestos debe sustentarse la educación física de nuestro tiempo	Mario López	110	1985
Las estadísticas de fútbol	J. Talaga	110	1985
Las fases de la preparación	A. Gajdos	110	1985
Control bioquímica del entrenamiento de la resistencia	M. Zalessky	110	1985
Angulo de los bloques de apoyo	M. Baranov y V. Baranov	110	1985
Como reconocer las dolencias de los corredores	Karl Klein	110	1985
Consejos médicos a los representantes argentinos	Antonio Alcázar	110	1985
Evaluación de las cualidades físicas en el laboratorio	A. Ricart y H. Weber	110	1985
La creatividad motriz	J. Bertsch	110	1985
La capacidad coordinativa	R. Manno	111	1985
Entrenamiento en altura	F. Suslov	111	1985
Niveles de potasio en los músculos durante el entrenamiento en medio ambiente caluroso	L. Armstrong	111	1985
Ayuno y deshidratación de deportistas	Antonio Alcázar	111	1985
Enseñanza de la natación a través de una educación física de base adaptada al medio acuático	A. Galea	111	1985
La clasificación de los ejercicios en el plan de entrenamiento	Jorge de Hegedus	111	1985
La docena diaria (primera parte)	J. Gudger	111	1985
Capacidad aeróbica de los alumnos	F. Neiff	112	1985
La rodilla del saltador	Antonio Alcázar	112	1985
Fundamentos biomecánicos de la técnica deportiva (primera parte)	D. Donskoi	112	1985
Muestreo de un test de gimnasia formativa en escolares primarios	S. Avendaño y G. Petrocelli	112	1985
La docena diaria (conclusión)	J. Gudger	112	1985
De la practica a la ciencia	Lázlo Nádori	112	1985
Los fundamentos del sprint	Jess Jarver	112	1985
Biológica del entrenamiento y el esfuerzo de niños y de jóvenes	H. Mellerowicz	112	1985
La educación psicomotora de los ciegos (primera parte)	G. Deschamps y F. Le Moing	113	1985
Ciclocross en el medio escolar	H. Dufour y P. Loir	113	1985
A través del método global	M. Briasco	113	1985
¿Es la educación física una materia de enseñanza?	M. Colombier	113	1985
El acondicionamiento físico en básquetbol	M. Barnes	113	1985
Economía antropométrica	V. Sakajev	113	1985
Consideraciones a tener en cuenta en la actividad física de niños y adolescentes	Alfredo Zanatta	113	1985
Principios generales de la organización del entrenamiento de los lanzamientos atléticos	K. Bosen	113	1985
Los tests pedagógicos en el deporte de alto rendimiento	Arístides Lanier	113	1985
Lanzamiento de la jabalina. Aspectos técnicos	M. Thieurmel y colab.	114	1985
Metodología para el desarrollo de la velocidad-fuerza	V. Kuznetsov	114	1985

Propuesta para una modificación anunciada del reglamento	J. Montoliú	114	1985
Sistemas simplificados de energía	Brent Mc Farlane	114	1985
Proyecto de examen de ingreso a los institutos del profesorado de educación física	M. Casarín	114	1985
La educación psicomotora de los ciegos (conclusión)	G. Deschamps y F. Le Moing	114	1985
El deporte femenino en la actualidad	D. Brial y colab.	114	1985
Pelota al cesto – cestobal	Sara Closas y Juana Coll	114	1985
Reaccionar o actuar. Como enseñar la anticipación	P. Genevieve	114	1985
El estilo mariposa	C. Dubois y J.P. Robin	115	1986
La deuda de oxigeno en la actualidad	F. Peronnet	115	1986
Entrenamiento de la fuerza para niños y jóvenes	Carlos Borzi	115	1986
La educación del movimiento	A. Dallo	115	1986
observación general de un equipo de fútbol	Pablo M. Juventeny	115	1986
Contribución a la búsqueda de los talentos	Gérard Bosc	115	1986
Los problemas actuales del entrenamiento de los jóvenes deportistas (primera parte)	Peter Tschiene	116	1986
técnicas de ensayo mental	Graham Winter	116	1986
Efectos del entrenamiento en gimnastas: fisiopatología del desarrollo	M. Mercado	116	1986
El departamento de educación física	Andrés Gisbert	116	1986
Planificación del entrenamiento de mediofondo	A. Korokov y N. Volkov	116	1986
Aportes de la teoría del entrenamiento a la clase de educación física	Carlos Borzi	116	1986
El combate en la escuela	A. Texier	116	1986
Reflexiones sobre la auto evaluación	R. Chauvier	116	1986
Factores genéticos y rendimiento deportivo	Vassilis Klissouras	116	1986
Como aumentar la estatura	K. Kutsar	116	1986
Pliometria	P. Lundin	116	1986
Comportamiento físico del hombre en su trabajo	Gendrier y J. Bianchi	117	1986
Estructura y efectos del entrenamiento en circuito	M. Scholich	117	1986
Juegos reducidos	Joseph Mercier	117	1986
fútbol de cinco	Federación Francesa de Fútbol	117	1986
Métodos convencionales vs. Maquinas	Jorge de Hegedus	117	1986
Ninguna medalla vale la salud de un niño	A. Creff	117	1986
Los problemas actuales del entrenamiento de los jóvenes deportistas (conclusión)	Peter Tschiene	117	1986
El desarrollo de la fuerza en los atletas jóvenes	Jess Jarver	118	1986
Juegos en desequilibrio numérico	Joseph Mercier	118	1986
El entrenamiento ideomotor	Rolf Frester	118	1986
La duración de los partidos	R. Russomando	118	1986
La educación física y deportiva del mañana	autores varios	118	1986
El músculo y su capacidad funcional	Bob Fowler	118	1986
El profesor de educación física y el fútbol	Jorge Kistenmacher	118	1986
El profesor de educación física y el fútbol	Jorge Kistenmacher	118	1986
Importancia de la estatura en la natación de alto rendimiento	A. Pancorbo	118	1986
Principios básicos de la periodización del entrenamiento	Brent Mc Farlane	119	1986
La talla de las gimnastas	M. Staub	119	1986
Nos falta ciencia si queremos educación física	A. Oña	119	1986
El entrenamiento deportivo intenso y precoz	Jacques Personne	119	1986
El entrenamiento deportivo intenso y precoz	Jacques Personne	119	1986
Proceso de aprendizaje de un movimiento por medio de la elaboración	A. Dallo	119	1986
Evolución de la capacidad de rendimiento en la edad escolar	Atko Viru	119	1986
Evolución de la capacidad de rendimiento en la edad escolar	Atko Viru	119	1986
Evaluación y observación	Maurice Pierón	119	1986
El profesor de educación física y el técnico de fútbol	Jorge Kistenmacher	119	1986

Fundamentos del salto en largo	I. Ter Ovanesyan	119	1986
Faustball[3]	W. Jara	119	1986
La carrera curva en el salto en alto	J. Lucas	120	1986
El trabajo con cargas desde la niñez hasta la adolescencia	J. de Hegedüs y M. Almeida	120	1986
natación: una sistematización al servicio del crecimiento	V. Leyden y P. Spadaro	120	1986
Integración mixta en educación física y deporte	Annick Davisse	120	1986
El cestobal en marcha	Sara Closas y Juana Coll	120	1986
El uso de la computadora en la biomecánica	J. Dánepa	120	1986
El arquero: método de trabajo y practica de entrenamiento	A. Berger	120	1986

Fonte: Índice Temático publicado na Stadium n. 120 de 1986.

[3] Faustball (alemão), Punhobol em português. Trata-se de um esporte coletivo, semelhante ao voleibol, jogado em um campo de grama. Sua característica central são as jogadas com o punho fechado.

APÊNDICE I – Impressos, autores e país de origem indicados na "Sección Bibliográfica" – Revista Stadium (1979-1986)

Impressos, autores e país de origem indicados na "Sección Bibliográfica" – Revista Stadium (1979-1986)

Títulos	Autores	País	n./a.
Revista Siempre Juntos	Editorial Luz	Argentina	73/13
La Periodizzazione Nello Sport	F. Anzil; F. Colle; G. Zanon;	Itália	73/13
La Educación Física en la primera infancia	Jorge Gómez e Lady González	Argentina	73/13
Natación: ayudas metodológicas para la enseñanza	Peter Brockmann	Alemanha	73/13
Las cinco etapas del voleibol	Raymon Cassignol	França	73/13
Reglamento de Hándbol	Editorial Stadium	Argentina	73/13
Ejercicios con colchonetas	M. Fallkowski; E. Enríquez	Espanha	73/13
Psicología del deporte y del deportista	John Lawther	EUA	73/13
*Reglamentos de natación, saltos ornamentales y polo acuático**	Editorial Stadium	Argentina	73/13
Entrenamiento deportivo científico	John Bunn	EUA	73/13
Citius, Altius, Fortius (tomos XV; XVI)	Instituto Nacional de Educación Física y Deportes	Espanha	74/13
El tenis en trece lecciones	Fausto Gardini	Espanha	74/13
¿Quieres ser futbolista?	Antonio Berrio Soria	Espanha	74/13
Gimnasia en la infância	Miguel J. Pérez Carrillo	Espanha	74/13
Hacia una Ciência del Movimento Humano	Jean le Boulch	França	74/13
Reglas de juego de futbol de salón	Federación Metropolitana de Fútbol de Salón	Argentina	74/13
Colección Internacional de Documentos Históricos del Deporte	Escuela Superior de Cultura Física	Alemanha	74/13
Gimnasia	A. T. Brikina	URSS	74/13
Gimnasia Deportiva	M. L. Ulkran	URSS	74/13
Metodologia del Entrenamiento de los Ginastas	M. L. Ulkran	URSS	74/13
Ejercicios con Bastones	Alwin Mortzfeld	Alemanha	74/13
Los Juegos Olímpicos Montreal	Andrés Mercé Varela	Espanha	74/13
Revista Spiridon	Mario Machado (Editor)	Portugal	75/13
Cultura Intelectual y Cultura Física	José M. Cagigal	Argentina	75/13
Diesperte al Yoga	Lyn Marshall	Inglaterra	75/13
Mantengase com Yoga	Lyn Marshall	Inglaterra	75/13
La Eutonia	Gerda Alexander	Alemanha	75/13
Técnicas de pista y campo para niñas y mujeres	K. Foreman	EUA	75/13
Gimnasia Deportiva para niñas y mujeres	Ernestine Russel Carter	EUA	75/13
Preparación Atletica	Centro Studi e Ricerche de la Federazione Italina di Atletica Leggera	Itália	75/13
Ciclismo en Pista	Juan C. Pérez	Espanha	75/13
Ciclismo Agonistico	Juan C. Pérez	Espanha	75/13
Técnica del Balonmano	Domingo Bárcenas	Espanha	75/13
Halterofilia Basica	Juan J. González	Espanha	75/13
Halterofilia Juvenil	Federación Española de Halterofilia	Espanha	75/13
El deporte en la infancia	Liselott Diem	Argentina	76/13
*Basquetbol: técnica y táctica**	Dragomir Kirkov	Argentina	76/13

Manual de reeducación psicomotriz	Joël Defontaine	França	76/13
Terapia y reeducación psicomotriz (vol. I)	Joël Defontaine	França	76/13
Tenis: como llegar a campeón de tenis	Rico Ellwanger	Alemanha	76/13
Como ayudar a los preescolares pasivo y agresivos mediante el juego	Charles H. Wolfgang	Inglaterra	76/13
Juguemos a jugar	N. Minuchín; M. Valea	Argentina	76/13
Atletismo	Gerhardt Schmolinsky	Alemanha	76/13
Las 50 palabras claves de la Psicomotricidad	Jean-Claude Coste	França	76/13
Revista Ludens	Instituto Superior de Educación Física de Lisboa	Portugal	77/13
*Rugby actual**	Ray Williams	Inglaterra	77/13
*Técnicas atléticas**	Jorge de Hegedüs	Argentina	77/13
El niño aprende a nadar	L. Diem; L. Bresges; H. Hellmich	Alemanha	77/13
Pedagogia de la natación	Fernando Navarro	Espanha	77/13
Las Olimpiadas griegas[4]	Conrado Durantez	Espanha	77/13
*Reglamento de tenis**	Asociación Argentina de Tenis	Argentina	77/13
Pedagogia de la carrera	Carlos Gil Pérez	Espanha	78/13
Elementos de psicopedagogia deportiva	G. Rioux; R. Chappuis	França	78/13
Deporte desde la infância	Liselott Diem	Alemanha	78/13
Guia práctica para el aeróbico	Editores da revista *Runner's World*	EUA	78/13
Ejercicios por trios	M. Fakowsky; E. Henríquez	Espanha	78/13
Correr es salud	G. Sheehan	EUA	78/13
Terapia y reeducación psicomotriz (vol. II)	Joël Defontaine	França	78/13
Correr	Juan Mora	Espanha	78/13
Metodologia del entrenamiento deportivo	Instituto Superior de Educación Física de Lisboa	Portugal	78/13
La enseñanza de la natación	A. J. Vasconcelos Raposo	Portugal	78/13
El mejor basquetbol	Instituto Superior de Educación Física de Lisboa	Portugal	78/13
*Futbol: entrenamiento con pelotas**	H. Studener; W. Wolf	Alemanha	78/13
Revista Atleta	Jorge Vives; Fernando Stomayor	Chile	81/14
El camino del aerobics	Kenneth Cooper	EUA	81/14
Aprendizaje por el movimiento en el ciclo preescolar	Ana M. Porstein; Jorge R. Bird	Argentina	81/14
Traumatologia del deporte	A. Defilippis Novoa; E. Lafrenz	Argentina	81/14
Nadia	Ion Grumeza	México	81/14
Tono y psicomotricidad	Mira Stambak	França	81/14
Salve su corazon y su estado físico	L. Zohman; A. Katius; D. Seftness	EUA	81/14
Ejercicios con diferentes moviles	Manuel Falkowski; Ernesto Enríquez	Espanha	81/14
Estudio monografico del arquero de handbol	Manuel Falkowski; Ernesto Enríquez	Espanha	81/14
Futbol: juego, deporte y profesión	César L. Menotti	Argentina	81/14
Sociologia del deporte	G. Luschen; K. Weis	Alemanha	81/14
Motricidad y psiquismo	Bryant J. Cratty	EUA	81/14

[4] Indicado também na Stadium n. 78, 13° ano, 1979.

La expresión dinámica en la educación preescolar	A. Bachiller, et. al.	Espanha	81/14
El lenguaje del cuerpo	Julius Fast	Espanha	81/14
*Manual para dirigentes de campamentos organizados**	Manuel Vigo	Argentina	82/14
Juegos de playa	J. Boulanger	França	82/14
Atletismo 80'	Luis Vinker	Argentina	82/14
Psicologia del tenis	Harold Geist; Cecilia Martinez	EUA	82/14
Los juegos al aire libre en diez lecciones	Odette-Aimée Grandjean	França	82/14
Terapia de juego	Virginia Axline	EUA	82/14
Cohesion de equipo	G. Rioux	França	82/14
Pedagogia del baloncesto	R. Peyró; J. Sampedro	Espanha	82/14
Nadar antes de andar	Jean Fouace	França	82/14
El juego infantil	Catherine Garvey	Inglaterra	82/14
Instalaciones deportivas	Juan de Cusa	Espanha	82/14
Siempre en el rugby	J. Torres Viñas	Argentina	82/14
El cuerpo	Michel Bernard	França	82/14
*Reglamento de Voleibol**	Editorial Stadium	Argentina	84/14
El juego: técnicas lúdicas en psicoterapia grupal de adultos	E. Gili; P. O'Donnel	Espanha	84/14
El cuerpo y el inconsciente en educación y terapia	A. Lapierre	França	84/14
Medicina del futbol	A. Durey; A. Boëda	França	84/14
La ciencia del biorritmo	George S. Tommen	EUA	84/14
*Gimnasia rítmica deportiva para niñas**	Melita Heins	Alemanha	84/14
*Gimnasia rítmica deportiva con aparatos manuales**	Hildegard Wendt; Ruth Hess	Alemanha	84/14
Bases biológicas del ejercicio y del entrenamiento	Josef Nöcker	Alemanha	84/14
Revista Heracles	Universidad de Chile	Chile	85/15
Fundamentos y técnicas de evaluación en educación física	Francisco Sobral; M. L. Melo Barreiros	Portugal	85/15
Ciclismo en la base	Juan Carlos Pérez	Espanha	85/15
Manifiestos sobre educación física y deportes	Colegio Oficial de Profesores de Educación Física	Espanha	85/15
Aerobismo II	J. Fixx	Argentina	85/15
La preparación física en voleibol	R. Vargas Rodríguez	Espanha	85/15
La psicomotricidad en el jardín de infantes	A. Esparza, et. al.	Espanha	85/15
Velocidad y vallas	Real Federación Española de Atletismo	Espanha	85/15
Disco, martillo y pruebas combinadas	Real Federación Española de Atletismo	Espanha	85/15
Ortopedia y traumatología	J. R. Ramos Vértiz	Argentina	85/15
La relajación	Marianne Kohler	França	85/15
Tratado de fisiologia del ejercicio[5]	Per-Olof Astrand y Kaare Rodahl	EUA	85/15
Juegos didaticos activos	Bryant J. Cratty	EUA	85/15
Fundamentos del hockey sobre hierba	Santiago Fernández Aragüez	Espanha	86/15
Aproximaciones técnico-tacticas al hockey sobre hierba y en sala	Santiago Fernández Aragüez	Espanha	86/15
Carnet de entrenamiento (atletismo)	Real Federación Española de Atletismo	Espanha	86/15
Ademas de la dieta…	Lenore R. Zohman	EUA	86/15
Tactica ofensiva colectiva en hándbol	M. Falkowski; E. Enríquez	Espanha	86/15
Tactica ofensiva individual en handbol	M. Falkowski; E.	Espanha	86/15

[5] Edição brasileira, em português, Editora Interamericana do Brasil (1980).

	Enríquez		
El placer de correr	Thaddeus Kostrubals	EUA	86/15
Reglamento de futbol comentado 1980	Pedro Escartín	Espanha	86/15
Ley general de la cultura física y del deporte	Colegio Oficial de Profesores de Educación Física	Espanha	86/15
Alimentación del deportista	Alejandro R. Pittaluga	Argentina	86/15
Baloncesto: técnica y entrenamiento	G. King; D. Toney	EUA	86/15
El jugador infantil de baloncesto	Ralph Edmiston	EUA	86/15
Natación: habilidades acuáticas para todas las edades	P. Franco; F. Navarro	Espanha	86/15
Aprendiendo a jugar	M. Falkowski; E. Enríquez	Espanha	86/15
Acrosport	Marcelo Rensonnet	Argentina	91/16
Jabalina y bala	Real Federación Española de Atletismo	Espanha	91/16
Educación fisicodeportiva: enseñanza - aprendizaje	Augusto Pila Teleña	Espanha	91/16
La enseñanza y el entrenamiento del jugador infantil de fútbol	George Bein y col.	E.U.A.	91/16
Atletismo	Gerhard Schmolinsky	Alemanha	91/16
El vóleibol a traves del juego	P. Rodado y P. Aragón	Espanha	91/16
Nuevo ciclismo agonistico	Juan C. Pérez	Espanha	91/16
*Reglamento de basquetbol**	Confederación Argentina de Básquetbol	Argentina	91/16
Periodización y planificación del entrenamiento del futbolista moderno	J. A. Fernández Seguí	Espanha	91/16
Fútbol sala	Felipe Gayoso C.	Espanha	91/16
¡Oh Deporte! Anatomía de un gigante	José M. Cagigal	Espanha	91/16
Fútbol: conceptos de la técnica	Santiago Vázquez F.	Espanha	91/16
Sistema muscular y deporte	Hans-Friedmund Rittel	Colômbia	91/16
I Conferencia sobre documentacion e informacion deportiva em latino-america	Jürgen Maier	Colômbia	91/16
*Evaluacion y estadísticas aplicadas a la educación física y al deporte**	Jorge Litwin; Gonzalo Fernández	Argentina	91/16
*Reglamento de natación, saltos ornamentales, polo acuático y nado sincronizado**	Confedereción Argentina de Natación	Argentina	91/16
*Hockey sobre cesped**	Wolfram Schladitz y col.	Alemanha	91/16
Revista Deportecnica	Publicaciones Técnicas Deportivas	Argentina	92/16
Bases para una educación física en los centros de enseñanza	Manuel López de la Nieta Moreno	Espanha	92/16
El arbitro de fútbol: preparación física y guía práctica del entrenamiento	José Muñoz Ripoll	Espanha	92/16
Vóleibol	J. Marsenach; F. Druenne	França	92/16
Deporte: espectaculo y acción	José M. Cagigal	Espanha	92/16
Juegos escolares que desarrolan la conducta	Bryant Cratty	E.U.A.	92/16
Canotaje	Percy Glandford	Inglaterra	92/16
Manual de entrenamiento	Jorge Díaz Otáñez	Argentina	92/16
Pedagogia del judo	Toshiyasu Uzawa	Espanha	92/16
Los bebes nadadores	Patricia M. Cirigliano	Argentina	92/16
Olimpiada: programa para un decatlon	José López Zubero	Espanha	92/16
Hockey	Gerry Carr	Inglaterra	92/16
*Reglamento de atletismo**	Confederación Argentina de Atletismo	Argentina	93/16
Los mundiales que he vivido y el mundial 82	Pedro Escartín	Espanha	93/16

Fútbol	Dave Sexton	Inglaterra	93/16
Pistas y campos para atletismo: proyecto y construcción	Luis Vitores	Argentino	93/16
Gimnasia deportiva femenina	C. Piard; R. Piard	França	93/16
El esquí – 1	Comité de Enseñanza de la Federación Alemana de Esquí	Alemanha	93/16
El esquí – 2	Comité de Enseñanza de la Federación Alemana de Esquí	Alemanha	93/16
Atletismo	Denis Watts	Inglaterra	93/16
Rugby	Gerwyn Williams	Inglaterra	93/16
Rendimiento deportivo y aprendizaje sensomotor	J. Nitsch; D. Samulski	Colômbia	93/16
Primer encuentro con la danzaterapia	María Fux	Argentina	93/16
Revista de cultura deportiva	Escuela del Deporte	Itália	94/16
Revista de Educación física y deporte	Instituto Universitario de Educación Física	Colombia	94/16
Revista de Medio fondo	José L. Torres	Argentina	94/16
Evaluacion de la capacidad motora en los jovenes	G. Carbonaro	Itália	94/16
Metodologia del entrenamiento del joven	Renato Manno	Itália	94/16
El desarrollo físico del niño y del adolescente	Iván Nicoletti	Itália	94/16
Teoría y práctica de los tests deportivos-motores	Harald Braun	Colômbia	94/16
Las posibilidades pedagógicas del deporte con planteamientos de acuerdo al sistema educativo colombiano	C. Vargas Olarte; H. Braun	Colômbia	94/16
Badminton	James Poole	E.U.A.	94/16
Esqui	Maurice Tugwell	Inglaterra	94/16
Montañismo	Mike Banks	Inglaterra	94/16
Atletismo '82	Luis Vinker	Argentina	94/16
Revista de Educación física y deportes	Comisión Nacional de Educación Física del Uruguay	Uruguai	95/16
Psicopedagogía de la educación motriz en la juventud	F. Aquino; O. Zapata	México	95/16
Psicopedagogía de la educación motriz en la adolescencia	O. Zapata; F. Aquino	México	95/16
Hacia una ciencia del movimiento	Karl Koch	Alemanha	95/16
Juegos con niños	J. Hagstrom; J. Morrill	E.U.A.	95/16
Kinesiología estructural	Clem W. Thompson	E.U.A.	95/16
Vivir en su cuerpo: expresión corporal y relaciones humanas	Jacques Dropsy	França	95/16
Veladas	Equipo Piolet	Espanha	95/16
Gimnasia basica	Karl Pock	Alemanha	95/16
Iniciación a la gimnasia rítmica y artística deportiva	M. Vilicic; L. Ibarra	Chile	95/16
Pedagogía para un campamento	J. Sorando; J. Gómez Palacios	Espanha	95/16
*Sóftbol: metodologia de la enseñanza**	Alberto Vera	Argentina	95/16
El adulto frente al niño de 0 a 3 años: relación psicomotriz y formación de la personalidad – una experiencia vivida en la guardería	André; Anne Lapierre	França	96/16
*Mecanica del atletismo**	Geoffrey Dyson	EUA	96/16
El equilibrio corporal	Pierre Vayer	França	96/16
*Minicesto**	S. Closas; J. Coll	Argentina	96/16
*Canciones para todos**	M. Vigo; A. González	Argentina	96/16
*Metodologia de las destrezas sobre colchoneta y cajón**	M. Giraldes; A. Dallo	Argentina	96/16
Revista Tecnico profesional de educación física	Colectivo de Estudio y Promoción de la Educación Física	Espanha	97/17

*Teoría general de la gimnasia**	Alberto Langlade; Nelly Rey de Langlade	Argentina	97/17
Psicodanza: una terapia de contacto	Norma M. Medina	Argentina	97/17
Experiencias motoras con los mas chiquitos	Ana María Porstein	Argentina	97/17
Sociología del ocio: exploración de su problematica	Luis A. Carchak	Argentina	97/17
Adecuación física para el deporte – 1	Jorge H. Castelli; Miguel Meillón	México	97/17
Adecuación física para el deporte – 2	Jorge H. Castelli; Miguel Meillón	México	97/17
Movimiento y ritmo: juego y recreación	Ernst Idla	Espanha	97/17
Primeras jornadas nacionales de medicina en atletismo	Facultad de Medicina de la Universidad de Navarra	Espanha	97/17
Revista Doble a doble	Luis Rissi	Argentina	99/17
Revista Waterpolo	Círculo Argentino de Waterpolistas	Argentina	99/17
La adaptación en el jardin de infante	Alicia Esparza; Amalia Petroli	Argentina	99/17
Aprendizaje por el movimiento em el ciclo preescolar	Ana María Porstein; Jorge R. Bird	Argentina	99/17
El Chico, el fútbol y el aprendizaje	José D'Amico	Argentina	99/17
La enseñanza de la educación física	Muska Mosston	E.U.A.	99/17
Desarrollo perceptual y motor en los niños	Bryant J. Gratty	E.U.A	99/17
Saltos en gimnasia: técnicas y métodos de enseñanza	Nicolae Kovaci	México	99/17
Revista Nexo sport	Enrique Hornos	Uruguai	100/17
Revista Pan athlete: la revista de atletismo de las Américas	Amadeo I. D. Francis	Porto Rico	100/17
*Pelota al cesto: técnica y metodología**	Sara A. Closas	Argentina	100/17
*Metodología de las destrezas sobre colchoneta y cajón**	Mariano Giraldes; Alberto Dallo	Argentina	100/17
Aprendizaje motor y natación	P. Sarmento; C. de Carvalho; I. Florindo; V. Raposo	Portugal	100/17
Gimnasia rítmica: ejercicios com mazas	Jenny Candeias	Portugal	100/17
Una selección de estrategias para la enseñanza em educación física	Francisco Carreiro de Costa	Portugal	100/17
Gimnasia infantil: en busca del ritmo en la gimnasia	Maja Calquist; Tora Amylong	Espanha	100/17
Condición física: cómo mantenerse en forma	Bud Getchell	E.U.A.	100/17
Técnicas de baloncesto: diez conceptos ganadores	Maryalice Jeremiah	E.U.A.	100/17
Sistema cardiorrespiratorio y deporte	Hans-Friedmund	Colômbia	100/17
Barras asimetricas: técnica de ejecución y métodos de enseñanza	Nicolae Kovaci	México	101/17
Atletismo '83	Luis Vinker	Argentina	101/17
*Iniciación al voleibol: aprender jugando – practicar jugando**	Gerhard Düerrwäechter	Alemanha	101/17
La actividad motriz: en el niño de 6 a 8 años	E. Ortega; Domingo Blázquez	Espanha	101/17
La carrera de velocidad	Carlo Vittori	Itália	101/17
Revista Askesis	Augusto Pila Teleña	Espanha	102/17
*Minivóleibol**	W. Götsch; A. Papageorgiou; G. Tiegel	Alemanha	102/17
La organización del entrenamiento	P. Bellotti; Alessandro Donati	Itália	102/17
Vóleibol: técnica y entrenamiento	James Coleman	E.U.A.	102/17
El juego predeportivo en la educación física y el	Miguel A. García-	Espanha	102/17

deporte	Fogede		
Natación	Gerhard Lewin	Alemanha	102/17
Atletismo: carreras, saltos y lanzamientos	Harvey Greer	E.U.A.	102/17
Educación físico-deportiva	Augusto Pila Teleña	Espanha	102/17
*La ciencia del entrenamiento deportivo**	Jorge de Hegedüs	Argentina	108/18
*Los procesos de recuperación en el deporte**	M. V. Volkov	U.R.S.S	108/18
Carreras llanas y con vallas: teoría, técnica y entrenamiento	Fred Wilt	E.U.A.	108/18
Hándbol: de la escuela al club	P. J. Greco; E. Maluf	Argentina	108/18
El entrenador de baloncesto	G. Bosc; B. Grosgeorge	França	108/18
La actividad motriz: en el niño de 3 a 6 años	D. Blázquez y E. Ortega	Espanha	108/18
Acondicionamiento físico: el afianzamiento progresivo de la salud	R. Chevalier; S. Laferriere; I. Bergeron	França	108/18
La educación para el ocio: actividades escolares	Manuel Cuenca	Espanha	108/18
Fútbol sala	J. Rovira Sánchez	Espanha	108/18
Soy un forward	Horacio Pichot	Argentina	108/18
*Gimnasia todo el año**	B. Erbach; U. Polster	Alemanha	109/19
*Gimnasia jazz**	Mónica Beckman	Suécia	109/19
*Manifiestos internacionales sobre la educación física y el deporte**	Editorial Stadium	Argentina	109/19
Ciclismo: la velocidad	Juan C. Pérez	Espanha	109/19
Vóleibol: el reglamento comentado	Roberto García	Argentina	109/19
Revista Sporte & Medicina	Raffaelle Grandi	Itália	110/19
Fútbol: entrenamiento al estilo europeo	Greenwood Michels	EUA	110/19
Fisiología del ejercicio: respuestas y adaptaciones	David R. Lamb	EUA	110/19
Enciclopedia de ejercicios culturistas	Rafael Santonja Gómez	Espanha	110/19
Culturismo básico	Rafael Santonja Gómez	Espanha	110/19
*Gimnasia formativa para la niñez y la adolescencia**	Mariano Giraldes	Argentina	111/19
*Reglamento de atletismo**	Confederación Argentina de Atletismo	Argentina	111/19
*Reglamento de basquetbol**	Editorial Stadium	Argentina	111/19
El fútbol	Arpád Csanádi	Hungria	111/19
La preparación física del fútbol basada en el atletismo	Carlos Alvarez del Villar	Espanha	111/19
Las escuelas de fútbol	Antonio Wanceulen Ferrer	Espanha	111/19
Fútbol	Gerhard Bauer	Alemanha	111/19
Básquetbol: separatas técnicas	Asociación Nacional de Preparadores de Básquetbol	Espanha	111/19
Básquetbol: Clínica Internacional de Montecatini	Asociación Nacional de Preparadores de Básquetbol	Espanha	111/19
Básquetbol: Clínica Internacional de Bolonia	Asociación Nacional de Preparadores de Básquetbol	Espanha	111/19
Estirandose ("stretching")	Bob Anderson	E.U.A.	111/19
Stretching	Sven-A. Sölveborn	Suécia	111/19
Gimnasia basica 1	Karl Pock	Alemanha	111/19
Gimnasia basica 2	Karl Pock	Alemanha	111/19
Vóleibol: el niño y la actividad física y deportiva	J. Marsenach; F. Druenne	Espanha	111/19
Cuadernos de atletismo n. 8	Escuela de	Espanha	111/19

	Entrenadores de la Real Federación Española de Atletismo		
Cuadernos de atletismo n. 9	Escuela de Entrenadores de la Real Federación Española de Atletismo	Espanha	111/19
Cuadernos de atletismo n. 10	Escuela de Entrenadores de la Real Federación Española de Atletismo	Espanha	111/19
Cuadernos de atletismo n. 11	Escuela de Entrenadores de la Real Federación Española de Atletismo	Espanha	111/19
Cuadernos de atletismo n. 12	Escuela de Entrenadores de la Real Federación Española de Atletismo	Espanha	111/19
Cuadernos de atletismo n. 13	Escuela de Entrenadores de la Real Federación Española de Atletismo	Espanha	111/19
Estudio monografico de los jugadores de campo de hándbal	M. Falkowski; E. Enríquez	Espanha	111/19
Táctica individual ofensiva del jugadores de campo de hándbal	Domingo Bárcenas	Espanha	111/19
Táctica colectiva ofensiva en hándbal	Domingos Bárcenas	Espanha	111/19
Tiempo de reacción y deporte	Josep Roca Balasch	Espanha	112/19
Desarrollo motriz y psicología	Josep Roca Balasch	Espanha	112/19
Judo infantil: pedagogía y técnica	C. Páez; E. Vilata	Espanha	112/19
Táctica ofensiva colectiva (hándbal)	M. Falkowski; E. Enríquez	Espanha	112/19
Estudio monografico del arquero (hándbal)	M. Falkowski; E. Enríquez	Espanha	112/19
Táctica ofensiva individual (hándbal)	M. Falkowski; E. Enríquez	Espanha	112/19
Atletismo '85	Confederación Argentina de Atletismo	Argentina	112/19
Medicina del tenis	J. P. Cousteau	França	112/19
*Gimnasia deportiva masculina: técnica y metodología**	Jorge Frontera; Francisco Aquino	Argentina	113/19
Fisiología del ejercicio: respuestas y adaptaciones	David R. Lamb	E.U.A.	113/19
Vóleibol dentro del movimiento	C. Pittera; D. R. Violetta	Itália	113/19
Banco sueco	J. L. Hernández; J. I. Manchón	Espanha	113/19
Ejercicios para el embarazo	L. Cedeno; O. Cedeno; C. Monroe	Espanha	113/19
Evaluación de la educación física y los deportes	Augusto Pila Teleña	Espanha	113/19
Didáctica de la educación física y el deporte	Fernando Sánchez Bañuelos	Espanha	113/19
Tratado de atletismo	M. Vinuza; J. Coll	Espanha	113/19
Teoría basica Del entrenamiento	M. Vinuza; J. Coll	Espanha	113/19
Revista Fólios de medicina y ciencias del deporte	Antonio Alcázar	Argentina	114/19
Iniciación a la gimnasia rítmica: manos libres – cuerda - pelota	S. Mendizábal; I. Mendizábal	Espanha	115/20

Enseñanza de la esgrima de florete	Martín Kronlund	Espanha	115/20
Enseñanza del fútbol	Felipe Gayoso	Espanha	115/20
Como eliminar el dolor de espalda	Dona Z. Meilach	EUA	115/20
*Gimnasia para el condicionamiento físico**	Bohumil Kos; Zdenek Teplý	Checoslo-Váquia	115/20
*Reglamento de pelota al cesto (céstobal)**	Confederación Argentina de Pelota al Cesto	Argentina	116/20
La entidad psicomotriz	Dalila M. de Costallat	Argentina	116/20
Tenis: toques maestros	Don J. Leary	E.U.A.	116/20
Gimnasia rítmica deportiva	A. Bodo-Schmidt	França	116/20
El método feldenkrais: enseñanza corporal mediante manipulación	Yochanan Rywerant	E.U.A.	116/20
Liberese de la celulitis	Larry Melamerson	E.U.A.	116/20
Educación psicomotriz 1	Elena Gazzano	Itália	116/20
Educación psicomotriz 2	Elena Gazzano	Itália	116/20
*Fútbol: juegos para el entrenamiento**	G. Lammich	Alemanha	117/20
*La educación física en el nivel primario**	Jorge R. Gómez	Argentina	117/20
*Reglamento de fútbol**	Editoral Stadium	Argentina	117/20
*Reglamento hándbal**	Editoral Stadium	Argentina	117/20
Juegos gimnasticos para padres e hijos	Patricia Cirigliano	Argetina	117/20
Gimnasia rítmica deportiva I	A. O'Farrill Hernández; A. Santos Bouza	Cuba	117/20
Manual de gimnasia basica para la mujer	Dalia Navarro	Cuba	117/20
Enseñando rugby a los chicos	E. Cordero Biedma	Argentina	117/20
Educación física maternal: embarazo, parto y puerperio – método eugénico	Osvaldo Rodrígues Eglis	Argentina	118/20
Coma para ganar	Robert Haas	EUA	118/20
El mito del ejercicio	Henry A. Salomon	EUA	118/20
Tiempo de reacción y deporte	Josep Roca Balasch	Espanha	118/20
Baloncesto: el ataque	Giancardo Primo	Itália	118/20
Baloncesto: la defensa	Giancardo Primo	Itália	118/20
Squash	Tony Swift	Inglaterra	118/20
La preparación física en el vóleibol y el desarrollo de la fuerza en los deportes de caracter explosivo-balistico	Carmelo Bosco	Itália	118/20
Kinesiología: bases científicas del movimiento humano	K. Luttgens; K. Wells	E.U.A.	118/20
Iniciación a los deportes de equipo	Domingo Blázquez Sánchez	Espanha	118/20
Introducción a la psicología del deporte	Joan Riera	Espanha	118/20
Revista Sprint	E. Bevilaqua Contursi; José C. de Souza; Estelio H. M. Dantas	Brasil	119/20
El aprendezaje de las acciones motrices en el deporte	Robert N. Singer	E.U.A.	119/20
Minivoleibol: abecedario motor	C. Pittera; O. Vacondio	Itália	119/20
*Vóleibol: técnica, táctica, entrenamiento**	Andrei Ivoilov	U.R.S.S.	119/20
*Entrenamiento en circuito**	Manfred Scholich	Alemanha	119/20
Fisiología del esfuerzo	Joan R. Barbany Cairó	Espanha	119/20
El desarrollo psicomotor desde el nacimiento a los seis años	Jean Le Boulch	França	120/20
Comprender al atletismo: su práctica y enseñanza	J. Hubiche; M. Pradet	França	120/20
Preparación física del fútbol: ejercicios con pelotas	Jorge Kistenmacher	-	120/20
El juego en grupo	Ivanka Tchakarova	Checoslová-quia	120/20
La educación física y los disminuidos psíquicos	José M. Zambrana	Espanha	120/20

Deporte para todos...los adultos	José M. Zambrana	Espanha	120/20
Natación basica	J. Zambrana; J. Rodríguez	Espanha	120/20
Nadar mas rapido: tratado completo de natación	Ernest W. Maglischo	E.U.A.	120/20
Tenis de mesa	Johnny Leach	Inglaterra	120/20
Tenis moderno	S. Piacentini; P. Missaglia	Itália	120/20
Iniciación al aire libre	Francisco J. Gómez-Mascaraque	Espanha	120/20
Las urgencias del deporte	C. Zuinen; F. Commandré	França	120/20

Fonte: dados levantados pelo próprio autor.

APÊNDICE J - Quantidade de páginas por número e ano da revista Stadium (1979-1985)

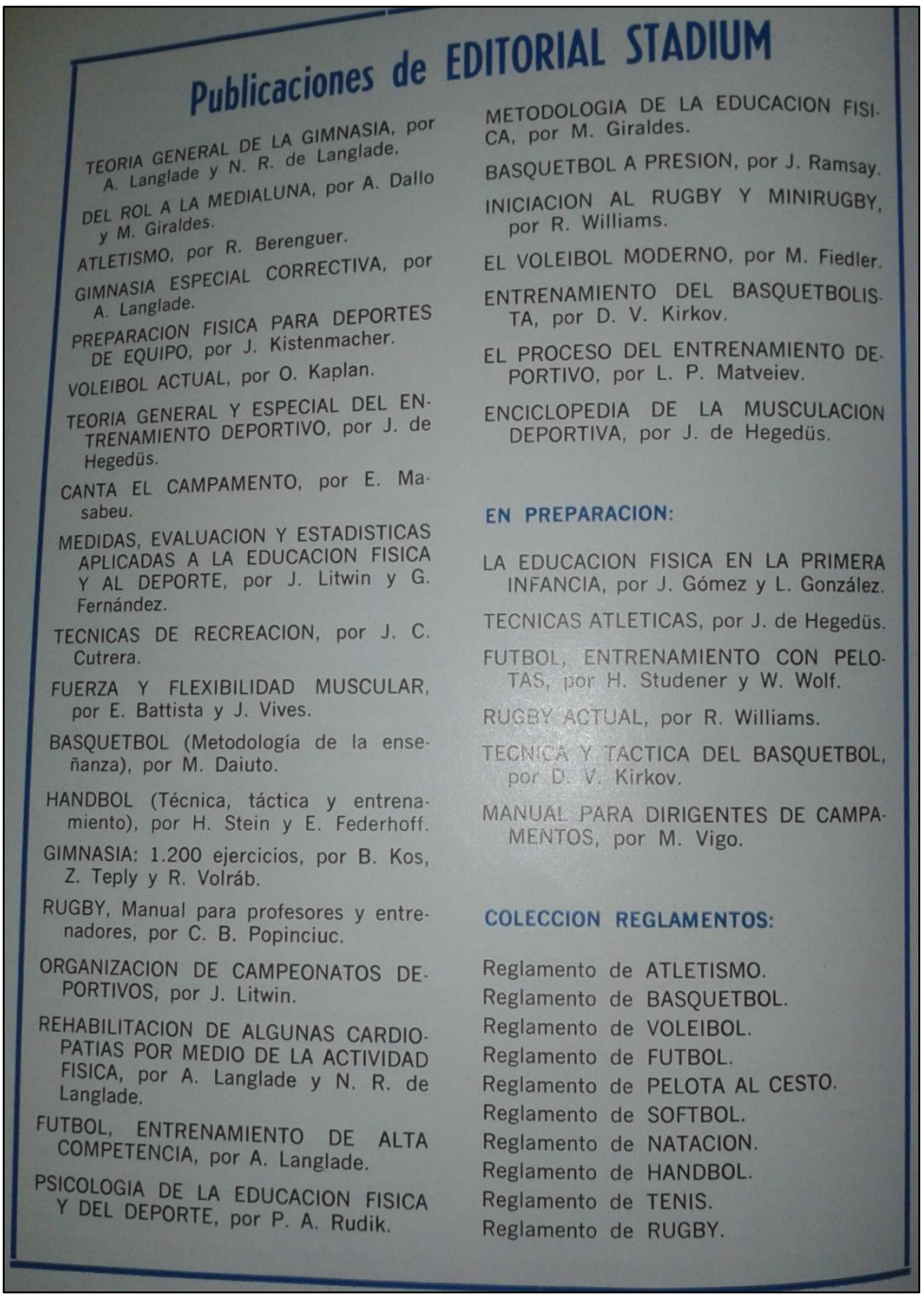
Tabela - Quantidade de páginas por número e ano da revista Stadium (1979-1985)

Número	**Páginas**	**Ano**	**Páginas**
73	48	13	288
74	48	14	288
75	48	15	288
76	48	16	288
77	48	17	288
78	48	18	288
79	48	19	288
80	48	20	288
81	48		
82	48		
83	48		
84	48		
85	48		
86	48		
87	48		
88	48		
89	48		
90	48		
91	48		
92	48		
93	48		
94	48		
95	48		
96	48		
97	48		
98	48		
99	48		
100	48		
101	48		
102	48		
103	48		
104	48		
105	48		
106	48		
107	48		
108	48		
109	48		
110	48		
111	48		
112	48		
113	48		
114	48		
115	48		
116	48		
117	48		
118	48		
119	48		
120	48		
Total	**2304**		**2304**

Fonte: levantamento feito pelo próprio autor e dados da Editora Stadium.

ANEXOS

ANEXO A – ANÚNCIO COM OBRAS À VENDA NA EDITORA STADIUM



Publicaciones de EDITORIAL STADIUM

TEORIA GENERAL DE LA GIMNASIA, por A. Langlade y N. R. de Langlade.

DEL ROL A LA MEDIALUNA, por A. Dallo y M. Giraldes.

ATLETISMO, por R. Berenguer.

GIMNASIA ESPECIAL CORRECTIVA, por A. Langlade.

PREPARACION FISICA PARA DEPORTES DE EQUIPO, por J. Kistenmacher.

VOLEIBOL ACTUAL, por O. Kaplan.

TEORIA GENERAL Y ESPECIAL DEL ENTRENAMIENTO DEPORTIVO, por J. de Hegedüs.

CANTA EL CAMPAMENTO, por E. Masabeu.

MEDIDAS, EVALUACION Y ESTADISTICAS APLICADAS A LA EDUCACION FISICA Y AL DEPORTE, por J. Litwin y G. Fernández.

TECNICAS DE RECREACION, por J. C. Cutrera.

FUERZA Y FLEXIBILIDAD MUSCULAR, por E. Battista y J. Vives.

BASQUETBOL (Metodología de la enseñanza), por M. Daiuto.

HANDBOL (Técnica, táctica y entrenamiento), por H. Stein y E. Federhoff.

GIMNASIA: 1.200 ejercicios, por B. Kos, Z. Teply y R. Volráb.

RUGBY, Manual para profesores y entrenadores, por C. B. Popinciuc.

ORGANIZACION DE CAMPEONATOS DEPORTIVOS, por J. Litwin.

REHABILITACION DE ALGUNAS CARDIOPATIAS POR MEDIO DE LA ACTIVIDAD FISICA, por A. Langlade y N. R. de Langlade.

FUTBOL, ENTRENAMIENTO DE ALTA COMPETENCIA, por A. Langlade.

PSICOLOGIA DE LA EDUCACION FISICA Y DEL DEPORTE, por P. A. Rudik.

METODOLOGIA DE LA EDUCACION FISICA, por M. Giraldes.

BASQUETBOL A PRESION, por J. Ramsay.

INICIACION AL RUGBY Y MINIRUGBY, por R. Williams.

EL VOLEIBOL MODERNO, por M. Fiedler.

ENTRENAMIENTO DEL BASQUETBOLISTA, por D. V. Kirkov.

EL PROCESO DEL ENTRENAMIENTO DEPORTIVO, por L. P. Matveiev.

ENCICLOPEDIA DE LA MUSCULACION DEPORTIVA, por J. de Hegedüs.

EN PREPARACION:

LA EDUCACION FISICA EN LA PRIMERA INFANCIA, por J. Gómez y L. González.

TECNICAS ATLETICAS, por J. de Hegedüs.

FUTBOL, ENTRENAMIENTO CON PELOTAS, por H. Studener y W. Wolf.

RUGBY ACTUAL, por R. Williams.

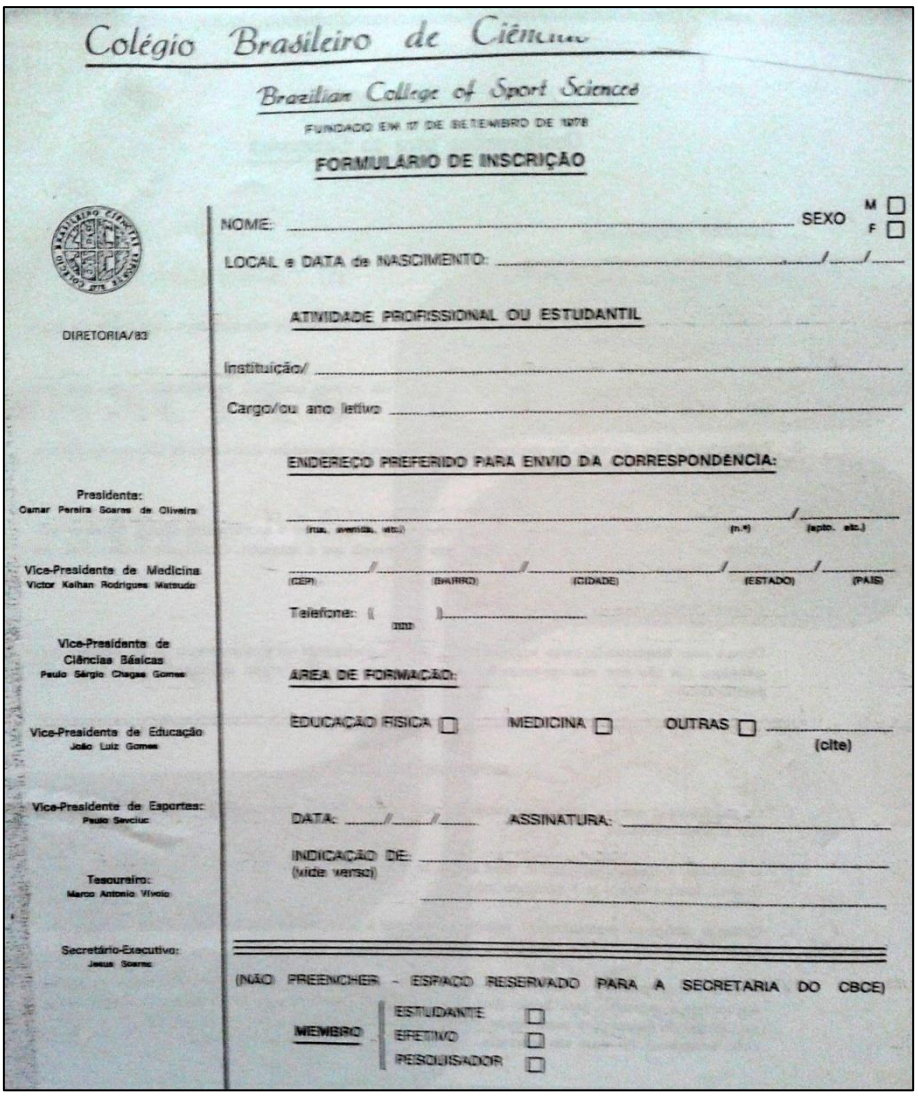
TECNICA Y TACTICA DEL BASQUETBOL, por D. V. Kirkov.

MANUAL PARA DIRIGENTES DE CAMPAMENTOS, por M. Vigo.

COLECCION REGLAMENTOS:

Reglamento de ATLETISMO.
Reglamento de BASQUETBOL.
Reglamento de VOLEIBOL.
Reglamento de FUTBOL.
Reglamento de PELOTA AL CESTO.
Reglamento de SOFTBOL.
Reglamento de NATACION.
Reglamento de HANDBOL.
Reglamento de TENIS.
Reglamento de RUGBY.

ANEXO B - FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO PARA A FILIAÇÃO NO CBCE



Colégio Brasileiro de Ciências

Brazilian College of Sport Sciences

FUNDADO EM 17 DE SETEMBRO DE 1978

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

DIRETORIA/83

Presidente:
Camar Pereira Soares de Oliveira

Vice-Presidente de Medicina
Victor Keihan Rodrigues Matsuda

Vice-Presidente de Ciências Básicas
Paulo Sérgio Chagas Gomes

Vice-Presidente de Educação
João Luiz Gomes

Vice-Presidente de Esportes:
Paulo Sevciuc

Tesoureiro:
Marco Antonio Vivolo

Secretário-Executivo:
Jesus Soares

NOME: _____ SEXO M ☐ F ☐

LOCAL e DATA de NASCIMENTO: _____/____/____

ATIVIDADE PROFISSIONAL OU ESTUDANTIL

Instituição/ _____

Cargo/ou ano letivo _____

ENDEREÇO PREFERIDO PARA ENVIO DA CORRESPONDÊNCIA:

_____/_____
(rua, avenida, etc.) (n.º) (apto. etc.)

_____/_____/_____/_____/_____
(CEP) (BAIRRO) (CIDADE) (ESTADO) (PAIS)

Telefone: ( ) _____
(DDD)

AREA DE FORMAÇÃO:

EDUCAÇÃO FISICA ☐ MEDICINA ☐ OUTRAS ☐ _____
(cite)

DATA: ____/____/____ ASSINATURA: _____

INDICAÇÃO DE: _____
(vide verso) _____

(NÃO PREENCHER - ESPAÇO RESERVADO PARA A SECRETARIA DO CBCE)

MEMBRO
ESTUDANTE ☐
EFETIVO ☐
PESQUISADOR ☐